

tieta do agreste

# JORGE AMADO



COMPANHIA DAS LETRAS

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***



jorge amado

# TIETA DO AGRESTE

PASTORA DE CABRAS  
OU A VOLTA DA FILHA PRÓDIGA,  
MELODRAMÁTICO FOLHETIM EM  
CINCO SENSACIONAIS EPISÓDIOS  
E COMOVENTE EPÍLOGO:  
EMOÇÃO E SUSPENSE!

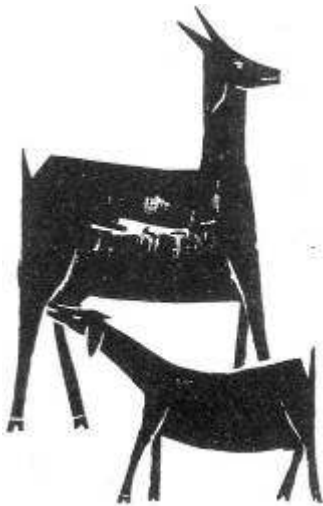
romance

Digitalizacao: Argonauta, o "criador"



*Para Zelia rodeada de netos.*

*Para Gloria e Alfredo Machado, Haydee e Paulo Tavares, Helen e Alfred Knopf, Lucia e Paulo Peltier de Queiroz, Lygia e Juarez da Gama Batista, Lygiae Zitelmann Oliva, Toninha e Camafeu de Oxossi e para Carlos Bastos*



*"Lugar bom para esperar a morte."  
(Frase de um caixeiro-viajante sobre Sant'Ana do Agreste)*

*"... esses que transformam o mar numa lata de lixo..."  
(Juiz Viglietta, sentença condenando a prisão os diretores da Montedison, na Itália)*

*"Que belo pe de buceteiro!"  
(Exclamação de Bafo de Bode ao ver Tieta)*

*Silêncio e solidão, o rio penetra mar adentro no oceano sem limites sob o leito despejado, o fim e o começo. Dunas imensas, límpidas montanhas de areia, a menina correndo igual a uma cabrita para o alto, no rosto a claridade do sol e o zunido do vento, os pés leves e descalços pondo distância entre ela e o homem forte, na pujança dos quarenta anos, a perseguiu-a. Arfando, o homem sobe, o chapéu na mão para que não voe e se perca. Os sapatos enterram-se na areia; o reflexo do sol cega-lhe os olhos; agudo fio de navalha, o vento corta-lhe a pele; o suor escorre pelo corpo inteiro; o desejo e a raiva - quando te pegar, peste, tá arrombo e mato.*

*A menina volta-se e olha, mede a distância a separá-la do mascate, o medo e o desejo: se ele me pegar vai meter em mim, estremece apavorada; mas, se eu não esperar, ele desiste, ah, isso não, não pode permitir mesmo que queira pois o tempo é chegado. O homem também parou e fala, grita palavras que não alcançam a menina, perdidas na areia, levadas pelo vento. Ela não ouve mas adivinha e responde:*

*- Bee - Assim cantam as cabras que ela pastoreia.*

*O desafio bate na face, penetra nos ouvidos do mascate, ergue-lhe as forcas, ele avança. Atenta, a menina espera.*

*La atrás o rio, na frente o oceano, os olhos adolescentes percorrem e dominam a paisagem desmedida. Naquele momento de espera, de ansia e de angústia, a menina fixou na memória a deslumbrante imensidão da cama de noiva que lhe coube. Do outro lado da barra, a beleza da praia larga e rasa do Saco, em mar de*

*aguas mansas, no Estado de Sergipe, a ampla aldeia de pescadores, com armazem, capela e escola, um vilarejo. O oposto dos comoros monumentais onde ela se encontra, a invadirem as aguas, o espaco do mar, contidos pelos vagalhoes na furia da guerra. Aqui o vento deposita diaria colheita de areia, a mais alva, a mais fina, escolhida a proposito para formar a praia singular de Mangue Seco, sem comparacao com nenhuma outra, aqui onde a Bahia nasce na convulsa conjuncao do rio Real com o oceano. Duzia, duzia e meia de casebres provisorios, mudando-se ao sabor do vento e da areia a invadi-los e soterra-los, morada dos poucos pescadores a habitar desse lado da barra. Durante o dia, as mulheres pescam no mangue de caranguejos, os homens lancam as redes ao mar. Por vezes partem em pesca milagrosa, audazes a cruzar os vagalhoes altos como as dunas nos unicos barcos capazes de enfrenta-los e prosseguir mar afora, ao encontro marcado com navios e escunas, em noites de breu, para o desembarque do contrabando.*

*O falso mascate vem na lancha a motor recolher as caixas de*

4

*bebidas, de perfumes, os fardos de seda italiana, de casimira e linho ingleses, outras especiarias, e fazer o modico pagamento - dinheiro para a farinha, o cafe, o acucar, a cachaca, o fumo de rolo. De quando em quando, traz uma vadia na lancha e enquanto caixas e fardos sao transportados dos casebres, vai despacha-las nas dunas, sobre as palhas dos coqueiros para aproveitar o tempo. Um garanhao, o mascate; os pescadores o apreciam. Em mais de uma ocasio ele nao os acompanhou nos barcos, indiferente as vagas, ate o alto-mar de navios e tubaroes. A menina deixa que o homem chegue bem perto - so entao dispara areia acima e do alto novamente canta o exigente e assustado chamado das cabras. De amor, nao conhece outra expressao, outra palavra, outro som. ainda naquele dia o ouvira da cabrita no primeiro cio quando O bode Inacio, pai do rebanho, se encaminhou para ela, balancando o cavanhaque e as trouxas.*

*Depois o mascate apareceu e a menina aceitou o convite para o passeio de lancha, vinte minutos de rio, cinco de mar agitado e o esplendor de Mangue Seco. Como resistir, dizer obrigada, mas não vou. Mentira: não a seduzira a corrida no rio, a travessia do pedaço de mar, nem sequer as dunas bem-amadas desde a infância. A menina não tenta inocentar-se. Recusara convites anteriores, o mascate a tinha de olho há tempos. Desta vez agora ela disse vamos, sabendo a que ia.*

*Quando, porém, sente a mão pesada segurar-lhe o braço o medo a invade inteira, da cabeça aos pés. Contem-se, no entanto, não busca fugir.*

*O homem a derruba sobre as folhas dos coqueiros, suspende-lhe a saia, arranca-lhe a calça, trapo sujo. De joelhos sobre ela, enterra o chapéu na areia para que não voe e se perca, abre a bragilha. A menina o deixa fazer e quer que ele o faça. Para ela soa o tempo, como para as cabritas a hora temida e desejada, a hora implacável do bode Inácio, o saco quase a arrastar por terra de tão grande. Sua hora chegou, já não lhe corria sangue entre as coxas todos os meses? - Nas dunas de Mangue Seco, Tieta, pastora de cabras, conheceu o gosto de homem, mistura de mar e suor, de areia e vento. Quando o mascate a arrombou, igual a cabrita horas atrás, ela berrou. De dor e de contentamento.*

## **PRIMEIRO EPISODIO**

### **MORTE E RESSURREICAO DE TIETA OU A FILHA PRODIGA**

CONTENDO

INTRODUCAO

E

PALPITES

DO

AUTOR,

INESQUECIVEIS DIALOGOS, FINOS

DETALHES  
PSICOLOGICOS,  
PINCELADAS  
DE  
PAISAGENS,  
SEGREDOS, ADIVINHAS, ALEM DA  
APRESENTACAO  
DE  
ALGUMAS  
FIGURAS QUE DESEMPENHARAO  
DESTACADO  
PAPEL  
NOS  
ACONTECIMENTOS PASSADOS E  
FUTUROS  
NARRADOS  
NESTE  
APAIXONANTE FOLHETIM  
EM  
CADA  
PAGINA  
A  
DUVIDA,  
O  
MISTERIO, A VIL TRAICAO, O  
SUBLIME DEVOTAMENTO, O ODIO E  
O AMOR

EXORDIO OU INTRODUCAO ONDE O AUTOR, UM  
FINORIO, TENTA EXIMIR-SE DE TODA E QUALQUER  
RESPONSABILIDADE  
E  
TERMINA  
POR  
LANCAR



## IMPRUDENTE DESAFIO A ARGUCIA DO LEITOR COM SIBILINA PERGUNTA.

Começo por avisar: não assumo qualquer responsabilidade pela exatidão dos fatos, não ponho a mão no fogo, só um louco o faria. Não apenas por serem decorridos mais de dez anos mas sobretudo porque verdade cada um possui a sua, razão também, e no caso em apreço não enxergo perspectiva de meio-termo, de acordo entre as partes.

Enredo incoerente, confuso episódio, pleno de contradições e absurdos, conseguiu atravessar a distância a mediar entre a esquecida cidadezinha fronteiriça e a capital - os duzentos e setenta quilômetros de buracos no asfalto de segunda e os quarenta e oito de lama de primeira ou de poeira de primeiríssima, po vermelho que se incrusta na pele e resiste aos sabonetes finos - indo ressoar na imprensa metropolitana. Noticiário de começo entre galhofeiro e sensacionalista, logo após patriótico e discreto pois muito bem pago, dissolvendo-se rápido em anúncios, alguns de página inteira. Certo semanário de tradições duvidosas - adjetivo mal- empregado: por que duvidosas? - meteu-se a valente em editorial de primeira página, com vermelha manchete agressiva, ameaçou enviar repórter e fotógrafo aqueles confins para esclarecer a gravíssima denúncia, o monstruoso conluio, o perigo estardalento, etc. e tal. Arrogância e indignação duraram apenas um número, a valentia o probo diretor a enfiou no rabo e esqueceu o escaldante tema. Ainda jovem mas já veterano nas lides da imprensa, arrotando em surdina ideologia radical e princípios explosivos, visando porém fins benéficos, Leonel Vieira afogou protesto e ameaças em uísque escocês, na grata companhia do doutor Mirko Stefano e de algumas apetitosas mocas, todas elas relações públicas de muita animação e pouca vestimenta. Pouca, em termos: duas entre as mais bem modeladas exibiam longas túnicas transparentes e por baixo nada ou quase nada, túnicas essas, na opinião de entendidos, mais excitantes que os curtos shorts ou os sumários biquínis. Amável tema de debate entre o doutor e o jornalista, única divergência a separá-los, no bar,

a borda da piscina. No mais, acordo total. Quanto a mim, se me permitem opinar, prefiro os longos transparentes lambidos por uma restia de luz, revelando volumes e sombras, ai! Mas que importa minha 7

opinioao?

A minha, a vossa, outra qualquer ante os potentes argumentos do doutor Stefano, argumentos em divisas, afirmam, se bem nao haja absoluta certeza sobre a moeda original, dolares ou marcos ocidentais, as duas talvez. Tao irresistivel dialetica do simpatico testa-de-ferro, levou o trafego cronista social Dorian Gray Junior a proclama-lo Mirkus, o Magnifico Doutor, em desbunde de adulacao. Simples testa-de-ferro de ignotos patroes, conforme insinuou o semanario naquele exclusivo e atrevido editorial - atrevido, exclusivo e muito bem capitalizado; sendo, alem do mais, uma garantia a esquerda pois que outro orgao da imprensa falada ou escrita ousou interpelar e ameaçar? Posicao clara e definida, prova a ser exibida, se necessario; ninguem sabe o que pode acontecer no dia de amanha, recente, ai esta, o exemplo de Portugal, quem poderia prever? Ao demais, nao hao de ser um simples cheque, por mais polpudo, garrafas de escoces e o ventre em flor das permissivas relacoes-publicas que abalarao as conviccoes ideologicas, os solidos principios do intemerato e ductil jornalista: Leonel Vieira possui fibra e carater capazes de digerir cheques, licores e beldades, conservando imutaveis principios e ideologia. Embolsa o cheque, escorna no uisque, baba cangotes e xibius, manera o jornal e ao mesmo tempo proclama - baixinho - os principios, radicalissimo. Um porreta. Quanto aos grandes patroes, esses nao se mostram em bares, nao brindam com jornalistas de cavacao e preferem as formosas nuinhas de todo, no conforto e no recato, longe de qualquer exibicao publica. Ai, quem me dera a honra, a gloria suprema de que pelo menos um deles venha a aparecer nas mal-alinhadas paginas deste relato; seria o maximo para o modesto escriba contar com tamanha personagem. Realista, os pes na terra, nao espero aconteca esse milagre; onde forcas capazes de arrastar

um lorde estrangeiro aquele cu-de-mundo, através de lama e poeira? Caso tudo de certo, aprovado o projeto, instalado o complexo industrial, quando o progresso chegar com asfalto sólido, estradas de mão única, motéis, piscinas, mocas de tunicas transparentes, polícia de segurança, aí sim, talvez tenhamos o privilégio de enxergar, com nossos olhos que a terra há de comer, um desses grandes do mundo, envolto em ouro.

De qualquer maneira, vou em frente, mesmo sabendo que alguns detalhes dificilmente merecerão crédito de parte das pessoas sensatas, pespega-los exige martelo russo e prego caibral, para usar expressão da velha Milu repetida cada vez que o bardo Barbozinha termina de narrar sobre o além e o passado ou, indomito, penetra futuro adentro, voz eloquente e empostada - empostada por uma embolia que o acometera anos atrás e por 8

pouco o desencarna. Não deu para tanto, suficiente porém para aposenta-lo do quadro de funcionários da Prefeitura da Capital, onde exerceu, com relativa capacidade e certo desleixo, funções de escrivão, e traze-lo de volta às ruas poucas e pacatas de Sant'Ana do Agreste, cujos limites culturais, com tal retorno, logo de muito se ampliaram pois Barbozinha - Gregório Eustáquio de Matos Barbosa - é autor de três livros, publicados na Bahia, dois de poesia e um de máximas filosóficas.

De tudo isso se dará notícia no decorrer da ação. Aqui venho apenas livrar a cara, declinar de qualquer responsabilidade. Relato os fatos conforme me foram narrados, por uns e por outros. Se de quando em quando meto minha colher e situo opiniões e dúvidas, e que também não sou de ferro nem me pretendo indiferente às agitações sociais, vendavais do século a convulsionar o mundo (De Matos Barbosa, in Máximas e Mínimas da Filosofia - Dmeval Chaves Editor - Bahia, 1950). Sou apenas prudente, o que nos tempos de agora não é virtude nem mérito e sim necessidade vital. De uma coisa desejaria realmente ter certeza no momento em que colocar o ponto final nas páginas deste folhetim, e para isso conto com a ajuda dos senhores, lanço-lhes um desafio: respondam-me quais os heróis da

historia, quem lutou pelo bem da terra e do povo. Em nome da terra e do povo todos falam, cada qual mais ardente e gratuito defensor. A gente vai ver descobre dinheiro pelo meio, no bolso dos sabidos, povo e terra que se danem.

Nesta embrulhada, cujos nos comeco a desatar, quem merece nome em placa de rua, avenida ou praca, artigos laudatorios, homenagens, comendas, cidadania, ser proclamado heroi? - digam-me os senhores. Aqueles que propugnam pelo progresso a todo custo - pague-se o preco sem reclamar, seja qual for - a exemplo de Ascanio Trindade? Se pagasse com a vida, teria pago menos caro. Se nao forem eles, que outros? Nao ha de ser a Barbozinha ou a dona Carmosina, a Dario, comandante sem tropa a comandar, que se confira tais honrarias, muito menos a Tieta, melhor dito, a madame. As palavras tambem valem dinheiro, heroi e vocabulo nobre, de muita consideracao. Agradecerei a quem me elucidar quando juntos chegarmos ao fim, a moral da historia. Se moral houver, do que duvido.

9

CERIMONIOSO

CAPITULO

ONDE

SE

TRAVA

CONHECIMENTO COM AS TRES IRMAS, A POBRE, A REMEDIADA E A RICA; ESTANDO A ULTIMA AUSENTE - QUEM SABE PARA TODO O SEMPRE; ONDE SE CONHECE DA CARTA MENSAL E DO CHEQUE IDEM, ANSIOSAMENTE

AGUARDADOS,

SOBRETUDO

O

CHEQUE, COMO E NATURAL, E TAMBEM DE PEQUENAS MISERIAS E MINIMA ESPERANCA, NA HORA DO MORMACO;

ONDE

EM  
RESUMO  
SE  
COLOCA

INQUIETANTE PERGUNTA: TIETA ESTA VIVA OU MORTA: SINGRA OS MARES EM CRUZEIRO DE TURISMO OU JAZ EM CEMITERIO PAULISTA.

Empertigada na cadeira, as maos cruzadas sobre o peito magro, toda em negro dos sapatos ao xale, coberta assim de luto fechado desde a morte do marido, Perpetua baixa a voz, lanca a funebre hipotese:

- E se sucedeu alguma coisa com ela? - adianta a cabeça para onde esta a irma, sussurra: - E se ela bateu a cacoleta? - mesmo sussurrada, a voz, sibilante e rispida, e desagradavel: - E se ela morreu?

Elisa estremece, solta o pano de prato, derrotada pelo mau pressagio. Ha dois dias e duas noites longas tenta arrancar da cabeça esse maldito pressentimento a persegui-la, a roubar-lhe o sono, a deixa-la com os nervos em ponta. - Ai, Senhor meu Deus!

Perpetua descruza as maos, alisa a saia de gorgorao bem passada, ratifica com um movimento de cabeça; nao fez uma pergunta e sim uma afirmacao. De comprovacao facil, alias: - Estamos a vinte e oito, praticamente no fim do mes. A carta sempre chega por volta de cinco, nunca passa de dez. Para mim, ela bateu a cacoleta.

Mesmo no desalinho da manha de ocupacoes domesticas, o rosto de Elisa e bonito: morena de tez palida, olhos melancolicos, labios carnudos. Sob o desleixo do vestido velho e amarfanhado, chinelas gastas, ergue-se o corpo esbelto, de ancas altas e seios rijos. Um lampejo de curiosidade brota nos olhos assustados. Elisa busca na face da irma outro sentimento alem da preocupacao pelo dinheiro. Nao encontra: a proclamada morte de Tieta nao aflige Perpetua, teme somente pela sorte do cheque. A cessacao da remessa mensal assusta igualmente Elisa: nao so perderiam a ajuda indispensavel como teriam de sustentar o pai e a mae, onde 10

arranjar o necessario? Um horror, Deus nao permita! Um horror, sem duvida, porem havia mais e pior. Ao calafrio de medo sucede a tristeza, um aperto no coracao. Se ela morreu, entao tudo se acabou para sempre, nao somente o cheque, tambem a tenue esperanca; sobrara apenas o vazio. Essa irma Antonieta - meia-irma, alias, pois Elisa nascera do segundo e inesperado casamento do velho Ze Esteves - de quem nao conserva lembranca, a respeito de quem sabe tao pouco, e a razao de ser de Elisa.

Nos ultimos anos, sobretudo apos o casamento, comecara a idealizar a figura da ausente, especie de genio bom, heroína de conto da carochinha, imagem fugidia, quase irreal, a se fazer concreta no auxilio mensal, nos esporadicos presentes. Reunindo frases ouvidas, narrativas de antigos enredos, comentarios do pai e da mae; a letra larga e redonda nas pequenas cartas - parcas em palavras e noticias, reduzidas as mesmas perguntas pela saude dos velhos, das irmas, dos sobrinhos, mas nao secas e frias, contendo, alem do cheque, abraços e beijos-o perfume ainda a evolir-se do envelope apos tantos dias de correio; os embrulhos de roupa usada, pouco usada, quase nova; o titulo de comendador ostentado pelo marido, a fotografia na revista, Elisa construiu pouco a pouco imaginario retrato da irma, fada alegre, bela e bondosa, habitando um mundo rico e feliz. Nessa visao pensa e nela se apoia quando sonha com outra vida, mais alem da pasmeira e do cansaco. Morta Antonieta, que restara a Elisa? As revistas de fotonovelas, nada mais. Nem isso, meu Deus! Onde os niqueis, sobrados das despesas, com que compra-las? Tristeza por tudo quanto perdera, o dinheiro mensal, os presentes, o devaneio, o sonho, mas tambem tristeza simplesmente pela morte da irma; gostara de alguem tanto quanto gosta dessa meia-irma que nao conhece? Reage, na necessidade de conservar pelo menos a esperanca: Perpetua imagina sempre o pior, boca de agouro.

- Se ela tivesse morrido, a gente ja tinha sabido, alguem havia de dar a noticia. Em casa dela tem nosso endereco, todo mes ela escreve, nao e? Haviam de avisar... - ha dois dias, na labuta da casa, na cama de insonia, repete esses argumentos para si mesma.

- Avisar? Quem? So se o marido dela e a familia dele forem malucos.
- Malucos? Nao vejo por que.

Perpetua estuda a irma em silencio, a se perguntar se deve ou nao contar, decide-se por fim, de qualquer maneira ela tera de saber:

- Porque, com a morte dela, a gente tem direito a uma parte 11

da heranca. Nos tres: o Velho, eu e voce. Elisa volta a enxugar os pratos, de onde Perpetua tirara aquela ideia de heranca? Cada bobagem!

- Quem vai herdar e o marido dela, o Comendador. Por que a gente havia de herdar? Pro Pai, pode ser que ela deixe alguma coisa, tem sido boa filha, boa ate demais. Mas, pra nos duas, por que? Quando ela saiu de casa, eu tinha menos de um ano. E tu, nao foi por tua culpa que ela foi embora?

- Ela foi embora porque quis. Nao me cabe culpa. - Nao foi tu que xeretou ao Pai? Abriu o bico, ele quebrou a pobre no pau, tocou ela rua afora, nao foi? Mae me contou como se deu e Pai confirmou, disse que tu foi a culpada. - Dizem isso agora, para adular. Depois que ela comecou a mandar dinheiro, virou santa. Por que tua mae nao tomou as dores na ocasio? Quem foi que deu a surra, quem botou ela pra fora de casa? Eu ou o Velho?

Elisa estende sobre a mesa a toalha manchada de azeite, de feijao, de cafe - Asterio tem mao podre, nao sabe se servir sem derramar caldos e molhos, o infeliz. Encolhe os ombros, nao responde a pergunta de Perpetua, o pai e a irma que decidam entre eles de quem a culpa; dela, Elisa, e que nao foi, nao completara um ano de idade quando denuncia, expulsao e fuga aconteceram. Perpetua semicerra os olhos gazeos, por que Elisa se empenha em recordar o passado? A propria Antonieta nao esquecera, ha muito, agravos e injusticas? Nao envia dinheiro, presentes? Nao ajuda nas despesas? Ademais, ha males que vem para bem, nao e mesmo? Se ela nao tivesse sido posta no olho da rua, em vez de partir para o Sul e triunfar em Sao Paulo, bem casada, cheia de dinheiro, feliz da vida, teria ficado ali, naquele buraco, vegetando na pobreza, sem direito a noivado e casamento pois a historia com o caixeiro-viajante logo se

tornara de dominio publico. Sem direito a nada, mera criada do pai e da madrasta. - Se ela nao lembra essas coisas por que tu ha de lembrar? - Nao fiz por mal, so para mostrar que ela nao tem motivo pra querer deixar heranca pra nos duas. - Nao depende dela querer ou nao querer... - Perpetua descerra os olhos, compoe a saia, retira invisivel cisco da blusa: - Quando ela morrer, metade da fortuna fica para o marido e, como ela nao tem filhos, a outra metade e dividida entre os parentes, os parentes proximos, o Velho e nos, o pai e as irmas. - Como e que tu sabe?

- Doutor Almiro me disse...

- O promotor? E tu foi falar isso com ele? - Propriamente falar, nao falei. Ele estava conversando com 12

padre Mariano, eu e outras zeladoras de junto, ouvindo. Estavam falando da heranca de seu Lito, que deixou o dinheiro todo para o padre dizer missa pela salvacao da alma dele na Igreja da Senhora Sant'Ana. Pois ja vai para mais de seis meses que ele morreu e ate agora o padre nao viu a cor do dinheiro. Esta depositado na mao do juiz, em Esplanada, porque os parentes botaram questao, com advogado e tudo. Doutor Almiro disse que, pela lei, metade e deles. Dai eu fui perguntando, como quem nao quer nada... - Tu quer dizer que quando uma pessoa morre, metade do que ela tem fica pros parentes?

- E isso mesmo... - Perpetua busca no bolso da saia um lenço para enxugar o suor fino na testa, com o lenço aparece um terço de contas negras.

- Quer dizer que se tu morrer, metade do que e teu fica pra mim e pro Pai...

- Tu nao presta atencao no que se fala. So quando o falecido nao tem filhos; e o caso dela, mas nao o meu. O que eu deixar quando morrer vai ser repartido entre Ricardo e Peto, meus filhos, meus unicos herdeiros. Ja foi assim quando o Major morreu - faz o sinal-da-cruz, eleva os olhos murmurando Deus o tenha em sua gloria -, a heranca foi dividida, metade para mim, metade para os meninos. O doutor Almiro...



- Tu perguntou isso tambem?  
- Sempre vale a pena saber.  
- Tu pensa que ela morreu e que o marido nao diz nada para ficar com tudo?  
- E nao pode ser? Por que ela nunca deu o endereco para nos? Mandou a gente escrever para a caixa-postal, onde ja se viu? Proibicao do marido, para a gente nao saber. Voce sabe o sobrenome dele? Nem eu. E Comendador pra ca, Comendador pra la, e acabou-se, nada de sobrenome. Por que? Tu nao atina nessas coisas mas eu tenho pensado muito nisso e tirei minhas conclusoes. Tambem Elisa havia atentado naquelas esquisitices. Em sua opiniao, porem, outro era o significado da falta de endereco, de sobrenome, da ausencia de maiores detalhes sobre vida e familia: Antonieta perdoara os agravos, nao guardara magoa, mas nao esquecera o passado, nao queria maior aproximacao com os parentes, gente mesquinha do interior, nao desejava mistura-los a seu mundo maravilhoso. Ajudava pai e irmas como cumpre as filhas quando em boa situacao. Obrigacao cumprida, a consciencia em paz, ponto final: reserva e distancia. Se querem saber, faz ela muito bem! Era isso e nada mais, nao passando o resto de invencao de Perpetua, a cachola sempre a pensar malfeitos e desgraças. Se Antonieta decidisse deixar alguma coisa para o pai e 13

as irmas, apos a morte, tomaria as medidas necessarias com antecedencia, estaria tudo disposto e estabelecido. - Nao acredito, nao. Se ela tivesse morrido, a gente havia de saber.

Termina de botar a mesa, fica parada, o olhar perdido: - Esta e viajando, gozando a vida. Toda vez que sai a passeio, a carta atrasa. Atrasa mas chega. Lembra quando foi a Buenos Aires e mandou aquele cartao tao bonito? Vida e a dela: viagens, passeios, festas. Tieta e muito boa de pensar na gente no meio de tanta animacao. Se fosse comigo que tivesse acontecido, nunca mais, nunca mais mesmo, eu havia de dar noticias. Volta a vista para Perpetua, agora a passar as contas do terço:

- Vou dizer uma coisa, acredite se quiser. Mesmo se fosse para

herdar o dinheiro todinho, sem ter que dividir com ninguem, nem assim eu desejo a morte dela.

- E quem deseja? - Perpetua suspende a reza, a conta negra entre os dedos: - Mas, se nao chegar mais cartas, entao e sinal que Antonieta morreu. Ai eu vou mover mundos e fundos ate descobrir o marido dela e tomar minha parte.

- Tu acaba lesa de pensar tanta maluquice. Ela esta e passeando, se divertindo. Por que agourar criatura tao direita? A carta nao passa de amanha.

- Tomara mesmo. Fui em casa do Velho, ele esta nos azeites. Sabe o que me perguntou? Se Asterio nao tinha metido a mao no dinheiro e pago alguma divida, como fez daquela vez que usou o cheque para resgatar a letra vencida. O Velho pensa que a gente vive roubando ele. - Volta a dedilhar o terco, os labios sem pintura movem-se em silencio.

Com Perpetua e assim, tacho a tacho: Elisa fizera referencia a intriga que resultara na partida de Antonieta, Perpetua, na volta da conversa, deu o troco, desentocou o malsinado assunto da duplicata, velho de cinco anos. A voz cansada, Elisa revida sem veemencia:

- Tu sabe que, se ele nao pagasse a letra, a loja ia a falencia. Tu sabe, o Pai sabe...

Nao cresce o tom de voz, monotono:

- Mas que a gente vive roubando, ah!, isso vive, nao adianta tu ficar ai sentada de terco na mao, mastigando padre-nosso com esse ar de santa.

- Nunca toquei num tostao do Velho...

- Nem ele ia deixar. E dela que a gente rouba. Para que ela manda o cheque todo mes?

- Para as despesas do Velho.

14

- E para que mais?

- Para ajudar na educacao dos sobrinhos. - Isso mesmo. Para ajudar na educacao dos filhos da gente. O meu nao chegou a completar dois anos e eu nunca mais peguei menino. Nunca mais, Deus nao

quis...

Os olhos vão da sala de jantar para o quarto de dormir, pela porta aberta vê a cama de casal ainda por arrumar. Deus não quis? Nem pra isso Asterio serve... A voz neutra, prossegue: - E tu? Será que tu mandou dizer a Tieta que Peto está no Grupo Escolar, não paga nem um vintém? Que padre Mariano arranjou com o Bispo o seminário de graça para Cardo? Eu sei o que tu mandou dizer: o preço da Escola de Dona Carlota, a mensalidade do seminário. Isso, sim, tu mandou dizer, pro resto boca trancada. Por que tu puxa de novo essa história de letra que Asterio resgatou, se cada um de nós tem seus podres? - Foi o Velho que falou, só repeti o que ele disse. - Um dia eu ainda tomo coragem, escrevo a ela contando a verdade: que não tenho mais filho nenhum, o que tinha a doença levou mas que a gente precisa tanto do dinheiro que ela manda, mas tanto a ponto de me ter faltado forças para comunicar a morte de Toninho. Era capaz dela ficar com pena e mandar até mais do que manda. Só que não tenho coragem de arriscar... Por que a gente é assim, Perpetua? Por que a gente não presta? E por isso que ela não quer aproximação, não manda endereço, ajuda de longe.

A voz se faz pesada, áspera, quase desagradável como a de Perpetua:

- E ela age muito bem porque, se eu tivesse o endereço... Os olhos fitam o vazio:

- Ah!, se eu soubesse o endereço já tinha arribado pra lá! Perpetua chega ao fim do terço, beija a pequena cruz: - Tem horas que tu nem parece mulher feita e casada, fala o que não deve. O que tu precisa é ir ajudar na igreja em vez de ficar em casa lendo revista e ouvindo rádio, gastando o tempo com essas porcarias.

Elisa deixa cair os braços, a voz novamente neutra: - Amanha, logo que a marinete chegar, passo no correio. Vem amanha, tu vai ver.

- Deus te ouça. Com a desculpa da doença, Lula Pedreiro há três meses não paga aluguel. Agora mandou a chave, foi morar com o filho, deixou a casa imunda, um chiqueiro. Para alugar, vou ter que dar pelo menos uma demão de cal. - Tu te queixa sem razão. Mora em casa própria e ainda tem mais duas para alugar, fora a pensão do falecido. A gente, se não 15

fosse pelo dinheiro que ela manda pro anjinho, nem numa sessão de cinema podia ir.

- Amanha, me avise logo se chegou ou não. Se não chegar, vou tomar minhas providências.

- Por que não fica para almoçar? O que dá pra dois, dá pra três.

- Eu? Comer carne em dia de sexta-feira? Tu bem sabe que é pecado. É por isso que vocês não vão para a frente. Não cumprem a lei de Deus.

Ergue-se da cadeira, guarda o terço no bolso da saia. Toda em negro, a blusa de mangas compridas, sem decote, fechada no pescoco, o coque alto coberto pela mantilha, o rosto severo, virtuosa e devota viúva. Benze-se ao ouvir o sino da Matriz nas badaladas do meio-dia, encaminha-se para a porta. Na rua deserta, ressoam os passos de Asterio. O mormaco sobe do chão, desce do céu. Elisa suspira, dirige-se para a cozinha.

## DE ELISA, LINDA DE MORRER, DIANTE DO ESPELHO, E DO MARIDO ASTERIO, BOM DE TACO - CAPITULO ONDE NADA ACONTECE

Quando no dia seguinte a marinete de Jairo buzinou na curva próxima a entrada da cidade, Elisa, sentada a mesa antiga, quem sabe de valor, a servir de penteadeira, terminara de passar batom nos lábios e sorriu para a imagem refletida no espelho barato pendurado na parede. Achou-se bonita. A negra, bravia cabeleira, agora cuidada, solta sobre os ombros, emoldura-lhe a face pálida, o langor dos olhos, a boca de lábios gulosos, acentuados pelo batom. Linda de morrer, como diz, ao referir-se a estrelas de rádio, teve e cinema, o admirado locutor Mozart Cooper - pronuncia-se Cu...u...per -, voz de veludo nas ondas hertzianas a embalar os corações solitários. Coração solitário, linda de morrer. Durante alguns minutos esqueceu-se de tudo quanto a afligia e ensaiou poses e trejeitos, imitados das cenas das fotonovelas: um muxoxo com os lábios, olhar apaixonado, sorriso tentador, desmaio de paixão, a boca se abrindo para o beijo, a ponta da língua a surgir entre os lábios,

vermelha e umida. Beijar a quem? Num gesto cansado, encolheu os ombros, os olhos cobriram-se de sombra. Volta a pensar na carta, busca tranquilizar-se: esta 16

chegando na mala do correio, trazida pela marinete, de hoje não passa. E se não chegar?

Na véspera, na mesa do almoço, Asterio, comilão e apressado, a boca cheia, mastigando feijão e palavras, repetira pergunta e lamúria:

- Por que tanta demora? Logo em novembro, me de pouca venda, quase nenhuma. Que diabo pode ter acontecido? Elisa trancara os lábios, se lançasse a suspeita a lhe queimar o peito o marido entraria em pânico. Esmorecido de natureza, incapaz de esforço e luta, o dia inteiro encostado ao balcão da loja a espera da minguada freguesia, animando-se apenas quando um dos parceiros do bilhar - Seixas, Osnar, Aminthas ou Fidelio - aparece para comentar apostas e jogadas; se Ascanio Trindade treinasse, Asterio teria adversário pela frente. Osnar, desocupado, faz ponto na loja, o cigarro de palha pendurado no lábio. Infalível aos sábados, quando o movimento cresce por causa da feira. Após vender a farinha, a carne-de-sol, o feijão, as frutas, o cultivo das rocas e o barro cozido em pequenos fornos rudimentares - moringas e quartinhas, cavalos e bois, jaguncos e soldados, o padre-cura e os noivos de mãos dadas, potes e panelas -, os sitiantes e roceiros enchem a loja a comprar fazendas, sapatos, calças e camisas, quinquilharias, vez por outra um rádio de pilha. Na moita, equilibrado numa velha cadeira, Osnar espreita as caboclas novas, puxando conversa quando lhe parece valer a pena. Nos sábados, o moleque Sabino ganha cinco cruzeiros para ajudar, atendendo a maioria dos rudes fregueses - cinco cruzeiros e o que rouba no troco. Se Elisa contasse a conversa com Perpetua, Asterio era capaz de ter um daqueles vexames repetidos a cada aperto maior de dinheiro, a cada problema com os fornecedores; suores frios, fraqueza nas pernas, tontura, vômitos. Recolhe-se a cama, batendo o queixo, tiritando, a loja entregue a Sabino. Só Osnar consegue levanta-lo, arrastando-o para o bilhar, no

Bar dos Acores, de seu Manuel Portugues.

No bilhar transforma-se, vira outro homem. Ri e graceja, arrota valentia, aposta sem medo, manda desafiar Ascanio, certo da vitoria. Bom no taco. No taco do bilhar, somente no bilhar taco de ouro, surpreende-se Elisa a resmungar. Censuraveis resmungos, pensamentos ruins, surgiam assim de repente, perseguiam-na os malditos, cruz credo.

A face pensativa no espelho. Linda de morrer, ali perdida, a envelhecer naquelas ruas paradas, a espera da carta e do cheque. Nao fossem o radio de pilha e as revistas, que seria de Elisa? Se revelasse a Asterio o tema debatido com Perpetua, a 17

probabilidade - para a irma, a certeza - da morte de Tieta, ele vomitaria o feijao, o arroz, a carne, os pedacos de manga, ali mesmo em cima da mesa do almoco. Tirante o bilhar, um molengas, sem animo, sem ambicao, sem conversa, sem alegria. As raras prosas, as poucas risadas provinham ainda do bar, picantes historias dos parceiros, de Seixas e Aminthas, raramente Fidelio, reservado de natureza e por calculo, quase sempre Osnar, abastado, obsceno e mulherengo. As historias de Osnar, entre as quais figura o notavel caso da polaca, sao de morrer de rir, em geral tem a ver com o descalibrado tamanho de seus orgaos sexuais. Estrovenga de jumento, afirma Asterio, distanciando as maos para indicar a medida espantosa: daqui para maior. O cansado motor da eletricidade deixa de trabalhar as nove da noite, marcando a hora de dormir, confirmada pelas badaladas do sino da Matriz. Asterio conclui a partida, encosta o taco, recolhe ou paga as apostas, toma o caminho de casa. Vez por outra, se Elisa ainda nao pegou no sono, Asterio, ao despir-se, repete a mesma frase, prologo do caso a narrar: Acontece cada uma!

Osnar ou Aminthas, Seixas ou Fidelio, fosse qualquer dos quatro o personagem, fosse outra figura da cidade, o enredo era quase sempre escabroso, envolvendo mulher e cama - cama ou mato, na beira do rio. Elisa ouve em silencio, tensa, atrevendo-se de raro em raro a pedir detalhes, tao necessarios no entanto a construcao do

imaginado mundo em que se trancara para subsistir, onde cada elemento importava; a grandeza de Antonieta, o postal de Buenos Aires, o perfume no envelope, as tramas de Seixas, os segredos de Fidelio, as patifarias de Aminthas, a anatomia de Osnar. Durante o dia, o radio ligado sem parar, Elisa passa e remenda roupa, lava pratos, cozinha, le e rele revistas, visita dona Carmosina no Correio, suporta, apos o jantar, a lengalenga da vizinha, dona Lupicinia, cujo marido se mandara ha mais de um lustro para as bandas do sul da Bahia e nao tinha previsao de regresso; vai ver nao volta nunca.

Linda de morrer, so mesmo para morrer, para que outra coisa, qual? A boca ante o espelho abre-se avida para o beijo. Que beijo? Elisa levanta-se, ai quem lhe dera possuir espelho onde pudesse se ver de corpo inteiro! Linda de morrer, no fino da moda. Afinal, pergunta-se a encolher os ombros novamente, por que gasta esse tempao em pintar-se, em ajeitar a negra cabeleira, em fazer-se tao elegante no vestido restaurado, presente de Tieta como todos que possui, cada qual de melhor fazenda e de padrao mais moderno - usados mas pouco, quase novos. Para que tanto apuro, tanto cuidado com a maquiagem, para que o decote a 18

mostrar os ombros, o nascer dos seios?

Para atravessar as ruas desertas, de raros passantes, perceber o peso do olhar do arabe Chalita, a bigodaca de sultao, a barba por fazer, eterno palito entre os dentes, dono do Cinema Tupy e da sorveteria, velho e descuidado, ou sentir sem ver a mirada matreira do moleque Sabino fixa nos meneios das ancas da inacessivel mulher do patrao, ouvir o assovio do pestilento Bafo de Bode, mendigo e bebado? Tao podre e miseravel, pode-se dar a todos os atrevimentos sem temer represalias. Esses tres infelizes e acabou-se. Alem disso, um boa-tarde, dona; um chapau levantado em muda saudacao; a bencao do vigario e a incontida inveja das mulheres: Ate parece que se vestiu para um baile, querida. Discreta e comedida, esposa honesta e virtuosa, ao passar Elisa recolhe no decote o cupido olhar do levantino: ao ve-la certamente recorda tempos de antanho e corpos de mulheres; a cobica do moleque

acentua-lhe o requebro da bunda, assim de noite Sabino sonhara com ela. Não despreza sequer o assovio fetido do esmoler. Quanto a inveja das mulheres, tem igualmente merecimento e sabor. Modesta, Elisa responde: vestido mandado por minha irmã Tieta, e dela o gosto e a elegância, hei de botar fora? Louvam então em coro a ausente Antonieta, irmã generosa, filha exemplar, a infalível ajuda mensal, os presentes regios - regios, sim senhora, cada vestido desses vale um dinheirão! Elisa recomenda a pequena Araci atenção na casa, fecha a porta da rua, dirige-se para o Correio. Atravessara a feira, passara pelo arabe, pelo moleque, pelo maluco, pelas comadres no adro da igreja. O rosto sério, como cumpre a uma senhora casada, bem casada. O coração apertado, lá dentro a certeza de que a carta não chegou.

**BREVE  
EXPLICACAO  
DO  
AUTOR  
PARA  
USO  
DAQUELES QUE CATAM PULGAS EM ELEFANTE**

Apenas inicio o relato e já recebo críticas. Amigo íntimo, colega de trabalho e de letras, cultivando-as como eu ainda em amargo anonimato, Fulvio D'Alambert (Jose Simplicio da Silva, na vida civil) tem a primazia da leitura dos meus originais que, em geral, me devolve entre elogios, agradáveis de ouvir, e uma ou outra correção ortográfica ou gramatical - 19

virgulas e pontos, tempos de verbo. Desta vez, porém, atreveu-se mais longe e eu retruco de imediato, enquanto Elisa marcha em



direcao ao Correio.

Fulvio considera um absurdo o uso da palavra marinete, por ultrapassada, para designar veiculo automotor para transporte de passageiros. Onibus, autobus, pulman seriam termos modernos, corretos, proprios para a epoca desenvolvimentista em que nos cabe o privilegio de viver. Acusa-me de subdesenvolvido e argumenta. Quando rasgamos novas rodovias comparaveis as melhores do estrangeiro; quando sao implantadas industrias a granel; quando, atendendo as clarinadas do progresso, desperta um novo Nordeste redimido das secas, das epidemias, daquela fome centenaria, e - nao esquecamos-nos do analfabetismo rapidamente erradicado; quando a imprensa, o radio, a televisao uniformizam costumes, moral, modas e linguagem, varrendo como lixo os habitos regionais, as expressoes, os folguedos, quando os monumentais arranha-ceus unificam a paisagem citadina, erguendo-se de sob os escombros da historia e de casarios de pretenso valor artistico; quando nossa musica popular se baseia por fim em melodias e temas universais, sobretudo ianques, abandonando ritmos de um desprezivel folclore nacional; quando o misticismo hindu (e adjacentes) ilumina a alma dos jovens na fumaca da maconha alagoana; quando avancados ideologos se esforcam para liquidar os principios da mesticagem e implantar o racismo entre nos, o branco, o negro e o amarelo, para que nada fiquemos a dever as nacoes realmente civilizadas e a violencia marque nossa face, lavando-a da antiga cordialidade brasileira, sinal de atraso; quando a arte, consciente de seu papel, desconhece a terra e o homem e faz-se concreta, abstrata, objeto, igualzinha sem tirar nem por a europeia, a norte-americana, a japonesa; quando criamos uma linguagem nova para a escrita dos literatos, esoterica mas extremamente revolucionaria na forma e no conteudo, tanto mais atuante quanto mais ininteligivel; quando, na base da censura e da porrada, criamos a democracia, a verdadeira, nao aquela antiga a conduzir o pais ao abismo; quando entramos milagrosamente na epoca da prosperidade ao ritmo das nacoes ricas, produtoras de petroleo, de trigo, da bomba atomica e dos satelites, do uisque e das historias em quadrinhos, apice da literatura; quando passamos a ocupar nosso posto entre as grandes

potencias e, em fabricas aqui instaladas, produzimos veiculos nacionais - Mercedes Benz, Ford, Alfa-Romeo, Volkswagen, Dodge, Chevrolet, Toyota, etc. e tal e etc. e tal. - como se atreve um autor a apelidar de marinete o bus a conduzir passageiros de Sant'Ana do Agreste para Esplanada e vice-versa? Um quadrado, 20

o autor, perdido no tempo, nas calendas gregas. Perdoe-me D'Alambert, perdoem-me tambem os emeritos criticos universitarios, com mestrado e doutorado, mas, no caso, trata-se mesmo de marinete. A ultima talvez - a fazer companhia as secas, as epidemias, a obstinada fome que, sertao afora, resistem, subversivas, a patriotica ofensiva dos artigos e dos discursos.

A ultima, sem duvida, a trafegar em estrada brasileira mas trafegando impavida. Jamais ultrapassando a velocidade de trinta quilometros por hora - media obtida no trecho dos cuidados seis quilometros que cortam a fazenda do coronel Vasconcelos, na saida de Esplanada. Nos outros quarenta e dois, arrasta-se aos trancos e barrancos pois a estrada e apenas carrocavel e nela nao se aventuram veiculos modernos, nao possuem para tanto audacia e competencia. So o longo habito permite o prodigio quotidiano - de segunda a sabado, com descanso aos domingos - praticado pela marinete de Jairo, familiar das crateras, dos lamacais, dos mata-burros apodrecidos, das rampas e curvas impossiveis. A marinete de Jairo data da Segunda Grande Guerra Mundial, foi viatura moderna, de molejo macio, bancos confortaveis e ate possuia vidros nas janelas. Naquele entao, por mais incrivel que pareca, cumpria ela o trajeto de ida-e-volta, Agreste-Esplanada-Agreste, num so dia, saindo manhazinha, regressando ao entardecer. Tanto tempo depois ainda vale a pena ve-la, peca digna de museu, tudo nela e substituicao e remendo. No motor e na carcaca coexistem pecas de marcas e procedencias as mais estranhas, inclusive um radio russo. Engenhosas adaptacoes, inovacoes mecanicas, arames, pedacos de corda. Jornais velhos sao uteis para tapar as janelas quando a poeira se faz insuportavel. Os fregueses assiduos, experientes, levam almofadas para os bancos e lanches reforcados, garrafas de

refrigerantes.

Velha e batida, imbatível, última e eterna, parte nas segundas, quartas e sextas de Agreste para Esplanada, nas terças, quintas e sábados regressa de Esplanada para casa. Bufando, tossindo, rateando, parando, parando muito, ameaçando pane definitiva, jamais definitiva, prosseguindo em atenção a capacidade de Jairo, aos pedidos, juras e adulções - Jairo trata o desmantelado veículo com ternuras de amante, a marinete e seu ganha-pão, seu único bem e a única ligação entre Sant'Ana do Agreste e o mundo. Se tudo marcha a perfeição, a viagem dura três horas, com a excelente marca de tempo de dezesseis quilômetros por hora. No inverno, com as chuvas, a travessia torna-se mais prolongada, de horário imprevisível. Exato na partida, Jairo não admite atraso; a chegada, quando Deus quiser. Já aconteceu a marinete de Jairo 21

dormir na estrada, enterrada na lama, a espera de juntas de boi. Para tais ocasiões Jairo conta com razoável repertório de anedotas familiares e com a colaboração do rádio russo. Fanhoso, rabugento, indolente, de humor instável, com apitos e descargas, o insólito aparelho concorre para matar o tempo com fragmentos de músicas e notícias. Isso de passar a noite na estrada se conta nos dedos da mão, raridade. Habitualmente, no inverno, o trajeto demora de cinco a seis horas.

Boa viagem, confortável e rápida, pelo menos na opinião expressa pelo coronel Artur da Tapitanga, octogenário plantador de mandioca e criador de cabras, chefe político, há mais de trinta anos sem por os pés fora das rocas e currais e das ruas de Agreste. Após quase sete horas de caminho - a marinete rebentou três vezes - o fazendeiro, pondo-se de pé, declarou: - Bicho mais ligeiro, essa marinete de Jairo. Um viajão! - Ligeiro, coronel?

- No meu tempo se gastava dois dias a cavalo e olhe lá ... Seca, bexiga, maleita, lepra e fome, menino morrendo que dá gosto, isso eu sei que ainda sobra sertão afora. Agora marinete, penso não existir outra além dessa de Jairo. Ele a trata de condessa, minha

negra, estrela-d'alva, dengosa, Mae West, beleza do Agreste, meu amor. Quando se dana, perde a cabeça e a xinga de puta para baixo.

**ONDE SE TRAVA CONHECIMENTO COM DONA CARMOSINA, CIDADÃ IMPORTANTE, AGENTE DOS CORREIOS, E SE TEM NOTÍCIAS DOS FILHOS DE SEU EDMUNDO PACHECO, COLETOR, COMPENSANDO A FALTA DE CARTA E CHEQUE DE TIETA SOBRE CUJO ESTADO DE SAÚDE CRESCE O PESSIMISMO**

Ainda de longe, antes de transpor a porta dos correios, Elisa lê, na atitude de dona Carmosina, a comprovação do que já sabia com certeza: a carta não chegara. Braços caídos, semicerrados os olhos miudos, o ar grave, a ativa funcionária vive, ela também, o drama do inexplicável atraso. Faz-se mais pálida a face de Elisa, os pés de chumbo, a voz inarticulada, quase um gemido: - Nada?

Cinquentona, sarara, corpulenta, cara larga, voz rouca, dona 22

Carmosina indica a correspondência do dia, escassa, espalhada no balcão:

- Nada! Hoje não veio nenhuma carta registrada. Por via das dúvidas, passei as malas duas vezes, carta por carta. O que chegou está aí, pouca coisa. Ainda não entreguei nada, você é a primeira a aparecer. Vieram jornais e revistas, isso sim, hoje e sábado. - Repara na palidez da amiga: - Quer um pouco d'água? - Não, obrigada. - As palavras saem estranguladas. - Que demora, hein? Em todos esses anos, nunca atrasou tanto...

- Mais de dez anos... - gemeu Elisa.

- Onze anos e sete meses - corrigiu dona Carmosina, escrupulosa nos detalhes: - Ainda me lembro da primeira carta, como se fosse hoje. Quando abri o saco, senti logo o cheiro, naquele tempo ela usava um perfume mais forte que o de agora, encheu a sala. Que

carta sera essa?, perguntei a mim mesma e li correndo o sobrescrito e o nome do remetente. Estava dirigida a seu pai ou a qualquer membro da familia Esteves e quem enviava era Antonieta Esteves, Caixa-Postal 6211, Sao Paulo, Capital. Vou buscar agua para lhe dar, com esse calorao e nada de carta, coitadinha...

Enquanto, de costas, dona Carmosina toma da moringa e enche o copo, Elisa curva-se sobre a correspondencia, nao por manter esperancas, mas por desencargo de consciencia. - Botei duas gotas de agua de flor. Faz bem pros nervos. Elisa bebe em pequenos goles, dona Carmosina retoma a narrativa:

- O envelope cor-de-rosa, lindo, parece que estou vendo. Pelo falecido seu Lima mandei recado para seu marido na loja, voces estavam casadinhos de novo. Ele veio com Osnar, entreguei, leu aqui mesmo. Carta mais bonita, pedindo noticias do pai, das irmas, como iam de saude e devida, se precisavam de ajuda. Ate colaborei na resposta, se lembra?

- Me lembro... o Major era vivo, foi ele quem escreveu... - Era burro como uma porta mas tinha a letra bonita... Letra dele, redacao minha. De la pra ca nunca mais falhou. Todo mes a carta com o cheque, com o rico dinheirinho... Empolgada, dona Carmosina nem sente o mormaco a entrar pelas duas portas, asfixiante. Pensativa, a olhar para Elisa: - Nunca demorou desse jeito... esquisito mesmo. Elisa percebe, na voz da amiga, inquietante sinal de alarme. Tenta acalma-la e acalmar-se:

- Uma vez, quando ela estava passeando em Buenos Aires...

23

- Chegou no dia dezessete... dezessete de fevereiro, exatamente. Hoje estamos a vinte e oito de novembro. A que voce atribui? Doenca? - Os olhos pequeninos de dona Carmosina observam Elisa que segura o copo vazio sem encontrar resposta, o choro preso na garganta.

Felizmente aparece seu Edmundo, Edmundo Ribeiro, o coletor, enfarpelado, paletó, gravata e chapéu, deseja boa-tarde: - Alguma coisa para mim, Carmosina?

- Duas cartas, uma do filho, outra do genro... - ri com os lábios descorados, divertida: - Aposto que os dois estão pedindo dinheiro... O coletor recolhe as cartas, olha através dos envelopes contra a luz, quem pode impedir que dona Carmosina saiba e comente a vida alheia, não passam por suas mãos (e vistas) telegramas e cartas? Carmosina, quase albina, mais que ladina, voz masculina, língua ferina, doce assassina - declamava Aminthas, seu primo segundo e comensal assíduo. Dona Carmosina é de bom tempero, famosa no pirão de leite e no molho pardo. E o cuscuz de milho?

- Como se eu fosse um saco sem fundo, entupido de dinheiro... - seu Edmundo suspira, sem pressa de abrir os envelopes apesar do desejo de saber dos filhos. Dirige-se a Elisa: - Feliz e Ze Esteves, seu pai, dona Elisa. Tem filha rica que manda em vez de pedir. Comigo é o contrário... Dona Carmosina relanceia a vista, considera Elisa, informa: - Este mês a carta de Tieta ainda não chegou. Esquisito, não acha, seu Edmundo? Um atraso desses...

O coletor não esconde a surpresa, um dos envelopes aberto: - Ainda não? Que é que houve, dona Elisa? - Quem sabe, seu Edmundo? Para mim, ela está viajando, esses passeios que faz todos os anos, de navio... - Cruzeiros marítimos... - esclarece dona Carmosina mas o olhar sob as sobrancelhas rucas exprime dúvida. Seu Edmundo balança a cabeça, não encontra comentário a fazer, retorna a carta do genro.

Elisa despede-se, uma fraqueza nas pernas que nem Asterio: - Obrigada, Carmosina.

- Agora, querida, só terça-feira. - Para levantar-lhe o ânimo, não deixa-a partir tão por baixo, acrescenta: - Você hoje está uma teteia. Esse vestido eu ainda não conhecia... - Foi Tieta quem mandou...

Seu Edmundo suspende a leitura da carta, escapa-lhe o desgosto da notícia:

- Suzana está esperando menino outra vez... Elisa reúne forças:

24

- Parabéns, seu Edmundo. Quando escrever a Suzi, mande um

abraco meu...

- O quarto, nao e? O senhor ainda tao moco e ja cheio de netos. Bonito, acho isso bonito. - A voz rouca de dona Carmosina, sincera ou gozadora?

- Bonito? Eu e que sei quanto me custa... falta de juizo. - Que e caro, la isso e... logo agora, tao facil de evitar, com a pilula. Na Bahia, se encontra em qualquer farmacia, a venda e livre... ate a Igreja ja aprova o uso - acentua dona Carmosina, doce assassina.

Elisa diz ate breve, atravessa a feira barulhenta, em direcao a casa de Perpetua. Nao sente o peso do olhar do arabe, nao lhe alisa a bunda a mirada de nenhum moleque nem lhe fere o ouvido o assovio do mendigo. Doenca, insinuara Carmosina, para nao falar no pior. Morta, sim. Elisa ja nao duvida, Perpetua sabe o que diz.

Ha vinte e tres anos na agencia dos Correios, dona Carmosina emite julgamentos definitivos sobre pessoas e fatos: - Moca boa e seria esta ai, seu Edmundo. Conheco Elisa de menina, sempre direita, cumpridora. Faz tudo no capricho. Trabalhadeira, a casa dela e um brinco e gosta de se vestir, de se arrumar, nao e como outras por ai, que vivem no desmazelo. So que agora, pobrezinha...

Seu Edmundo, para melhor ouvir, interrompe a leitura da carta do filho estudante:

- A que atribui tanta demora?

- Se Tieta nao morreu, deve estar muito doente. O marido dela bem podia dar noticia mas ele nunca quis conversa com os parentes daqui. Vou aconselhar Elisa ou Perpetua a telegrafar. De volta a carta, o coletor explica:

- Idiota! So serve para isso...

- O que e que Leleu fez dessa vez, seu Edmundo? - Pegou uma carga de gonorreia; desculpe, Carmosina, quero dizer blenorragia, e pede dinheiro urgente para medico e remedios...

- Com duas doses de penicilina fica bom. E tiro e queda. Tratamento barato, nem precisa de medico. Dona Carmosina le os jornais, antes de entrega-los, sabe do que vai pelo mundo, entende de cinema, politica, ciencia. Acumula o cargo nos Correios com a representacao de *A Tarde*, da Bahia, de revistas do Rio e de Sao Paulo. - Coitada de Elisa, ficou tao transtornada, nem levou as 25

revistas. Depois deixo em casa dela.

Separa a carta endereçada a Ascanio Trindade pois o vê do outro lado da rua; carta de Maximo Lira, um amigo da capital, sem interesse. Antigamente, sim, tão romântico: quando Astrud escrevia cartas de amor e Ascanio em resposta enchia laudas de juras e saudades. Um poeta, Ascanio, pena não escreva versos, seriam lindos. Retorna dona Carmosina ao silêncio de Tieta: - Quer saber minha opinião, seu Edmundo? Antonieta já não pertence a este mundo. Mortinha da Silva.

## **ONDE RICARDO, SOBRINHO E SEMINARISTA, ACENDE VELAS CONTRADITORIAS AOS PÉS DOS SANTOS; CAPÍTULO BANHADO EM LAGRIMAS, ALGUMAS DE CROCODILO**

- Então? Cade? - interroga perpetua e ela própria responde vitoriosa, aflita vitória: - Carta e cheque, babau, minha miss Bahia! derrama sobre a irmã o fel a lhe amargar a boca: - Se eu fosse Asterio, você não saía para a rua nesses trajes indecentes, de peitos de fora. Mas agora tudo vai acabar, esse desbarate de vestidos. Vai acabar tudo. Vai começar o tempo da pobreza.

Elisa deixa-se cair na cadeira, cobre o rosto com as mãos, não retruca: poderia lembrar que, na hora da divisão dos presentes, Perpetua não critica os vestidos, trata de empalmar os mais finos e ousados para vendê-los a bom preço em Aracaju, a senhoras ricas. Cala-se, porém; gostaria, isso sim, de tapar os ouvidos para não escutar; a voz avinagrada da irmã torna as palavras mais cruéis.

Antes Elisa passara na loja, naquela hora já repleta, Osnar escornava na cadeira. Trocara apenas um olhar com o marido, suficiente para Asterio largar o metro e a peça de madrastra. Osnar pusera-se de pé: bom-dia, dona Elisa. Bom-dia, patroa - Sabino brechou rápido do decote no alto as ancas embaixo, salve, salve quem inventou esses



vestidos justos, colados ao corpo, marcando ate as pregas da bunda, moda mais feitosa. Um felizardo, o patroa. - Tres metros... - reclamou a freguesa a reparar tambem na elegancia de Elisa, aquilo sim era fazenda. Asterio voltara a medir, mal sustendo metro e tesoura. 26

- Vou ate a casa de Perpetua, daqui a pouco mando Araci com a marmitta - avisara, despedindo-se: - Ate logo, seu Osnar, esteja a gosto.

Durante o percurso, nao pudera impedir as lagrimas. Cada palavra, na loja, custara-lhe esforco e contencao. Agora, arreia na cadeira, sob a voz de Perpetua a criticar-lhe o decote como se nao bastassem as maos vazias de carta e cheque. - Bateu a cacoleta, eu te disse. Tu ainda duvida? - alem da voz sibilante, o dedo em riste.

Elisa descobre a face, balanca a cabeça, vencida, as lagrimas escorrem. Lagrimas, de que adiantam? Nao resolvem nenhum problema, nao substituem o cheque, nao ressuscitam a morta, nao determinam as medidas a tomar. Perpetua, no entanto, conhece e respeita as conveniencias, exigente nas formalidades. Do bolso da saia negra retira o lenço e com ele toca o canto dos olhos - nem por invisiveis deixam de ser lagrimas de luto. Coloca um acento de dor na rispidez da voz, ao gritar pelo filho mais velho: - Cardo! Vem aqui, depressa! Ai, meu Deus! Leva o lenço novamente aos olhos, Elisa deve ver, testemunhar o sentimento a afligi-la quando a hipotese se confirma e a morte de Antonieta ja nao admite controversia. Deus a tenha em sua guarda e lhe perdoe os pecados; a assistencia ao pai e as irmas ha de contar a seu favor na hora do juizo final. Surge correndo um rapagao suado, os pes descalcos. Forte, alto, bonito, dezessete anos desabrochando em espinhas no rosto. Sobre o labio risonho, a sombra do buco. Vestido apenas com um calcao - estava chutando bola no quintal - Ta me chamando, Mae? - ao notar Elisa, acrescenta: - Bencao, tia.

Respira saude e satisfacao, nao percebe de imediato a atmosfera funebre da sala. Pela terceira vez, ante a presenca do filho, Perpetua enxuga lagrimas escassas mas, finalmente, visiveis. O adolescente

da-se conta, poe-se serio: - Aconteceu alguma coisa ao avo? De manha cedo, quando fui ajudar a missa, vi ele na feira fazendo compras... Perpetua ordena:

- Va buscar uma vela benta, acenda no oratorio. Tua tia Antonieta, coitada...

- Tia Tieta? Morreu?

Vencida, sim, convencida, nao, Elisa levanta a cabeça, rebela-se:

- Ainda nao se sabe de nada certo... de nada! Perpetua nem responde, reafirma a ordem: 27

- Faca o que estou mandando, sei o que digo: uma vela nos pes de Nosso Senhor Jesus Cristo pela alma de Antonieta. Em seguida, tome banho, vista a batina, por hoje o recreio terminou. Cade Peto?

- Foi pescar no rio ...

- Diga a ele para vir para casa. Depois do almoco vamos falar com padre Mariano. - Um suspiro, a mao sobre o peito, a conter certamente o coracao.

Atonito, Ricardo, sem palavras, preso a sala pela noticia. Volta-se para Elisa. Os ombros curvos acentuam o decote no colo moreno. Apesar das criticas constantes da mae, o moco jamais reparara na elegancia da tia. Pela primeira vez da-se conta de como ela se veste bem e se enfeita; parece uma santa, ali desamparada na cadeira, sofrida, a recusar a morte da irma, lutando contra a evidencia refletida na fisionomia e nos gestos da mae. Na voz da tia, abafada de choro, um pedido, uma suplica: - Vamos esperar ter certeza para falar nisso com o Reverendo... por que tanta pressa?

Ricardo nao entende os motivos da discordancia, e antes mesmo de condoer-se pela morta, sente pena de tia Elisa, assim desolada igual a imagem de Santa Maria Madalena, num nicho da capela do seminario.

Perpetua nao se abala:

- Nunca e cedo demais para se pedir um bom conselho. O que esta esperando ai, Cardo? Nao ouviu o que mandei fazer? - Ja vou, mae...

Deseja acrescentar uma palavra condizente com a noticia, o

pensamento agora voltado para a tia desconhecida, de morte anunciada e discutida, nome obrigatório em suas orações: não enviava ela dinheiro todos os meses? Quando ingressara no seminário, menino ainda, recebera, mandado de São Paulo, um breviário rico, lombada dourada, papel fino, letras de cor, numa caixa de veludo vermelho, coisa mais linda, presente da tia Antonieta para o futuro padre que mal viu e tocou preciosidade tamanha, logo ofertada por Perpetua ao bispo Dom José por intermédio do padre Mariano. A bola de futebol número 5 também fora ela quem mandara; as escondidas da mãe, Cardo escrevera uma cartinha a tia pedindo bola e segredo, se mãe souber arranca meu couro. Recebeu bola, calção e camisa do Palmeiras. Tinham um segredo em comum, ele e tia Tieta. Levanta a cabeça, enfrenta Perpetua:

- Tomara não seja verdade.

Sai em busca das velas. Já não está alegre e, se não espreme lágrimas, sente um ardor nos olhos, uma espinha nasce-lhe no coração, incomoda como as do rosto. Por sua conta acendera uma  
28

vela aos pés da Virgem e lhe prometera um rosário de cinco terços, rezado de joelhos sobre grãos de milho, para que a má notícia não se confirme.

Na sala, cai o silêncio sobre as duas irmãs, sobre as duas e a outra, múltiplas a face e a postura da ausente. Moca formosa e atrevida, enfrentando a ira do pai e a denúncia da irmã: tu tem e inveja porque nenhum homem repara em ti, tribufu; atrevida desde menina, pastora de cabras nos outeiros da terra safara de Ze Esteves; a saltar, adolescente, a janela noturna para encontrar-se com homens, o caixeiro-viajante não fora o primeiro, Perpetua tem certeza; audaciosa, desleixada dos preceitos de Deus, igreja só para namorar; a rir, tão cinica e bela, na boleia do caminhão, rumo da Bahia, indo embora para sempre; irmã rica, esposa de comendador, em São Paulo, a mandar mesada para pai e sobrinhos, merecedora de toda consideração, esquecido o feio passado, enterrada a louca adolescência, tia presente na oração das crianças, elogiada pelo

padre Mariano; fada generosa dos sonhos de Elisa, a feliz e atenta benfeitora, a ancora da esperanca; na cidade, exemplo de boa filha e boa irma, uma zelacao, uma lenda, inesgotavel assunto. Perpetua guarda o lenço, cumprido o ritual, pergunta: - E Asterio?

- Passei na loja... sabe que a carta nao chegou mas hoje e sabado, nao pode sair nem para o almoco. Por falar nisso, vou indo, tenho de mandar a marmitta.

- De noite passo em casa de voces, digo o que o padre aconselhou. Vamos decidir o que fazer.

Elisa, de pe, um soluço a sacode:

- Por que a gente nao espera ate o fim do mes? - Ja se esperou ate demais. Vamos logo discutir o que fazer. Eu nao vou ficar de bracos cruzados, nao lhe disse? Quero minha parte. - Ja sem lagrimas, suspiros, lamentacoes, Perpetua troca o lenço pelo terço. Mais valem as oracoes. Elisa gasta o derradeiro argumento:

- Quem sabe, a carta se perdeu no caminho... - Carta registrada, nao se perde. Nesses anos todos ja se perdeu alguma? Tolice. Diga a Asterio que me espere, nada de bilhar hoje. Com a cunhada morta...

- E o Pai?

Perpetua comeca a passar as contas do terço: - Amanha a gente avisa a ele.

- E capaz dele ter uma coisa...

29

- Quem? O Velho? Vai ficar uma fera, vai querer tomar dinheiro da gente, o mais que puder, isso sim. Se prepare, o tempo das larguezas se acabou.

Ao passar em frente ao corredor, Elisa enxerga ao fundo a chama das velas iluminando os santos no oratorio. Uma, pela salvacao da alma da morta, aos pes do Cristo crucificado; a outra, pela vida da tia, aos pes da Virgem.

Ouve a voz do rapazola rezando Salve-Rainha, mae de misericordia. Misericordia, meu Deus!

**DA  
PRECE  
PELA  
SAUDE  
DA  
VELHA  
TIA  
DESCONHECIDA, CAPITULO CASTO E DEVOTO...**

. . .vida, docura, esperanca nossa, salve! as palavras da oracao nascem sinceras e sentidas da incomoda espinha, do nebuloso pesar. Maquiniais, no entanto, solta-se livre o pensamento de Ricardo em busca da tia nas vascas da morte ou ja no caixao - dela pouco sabe, praticamente nada. Vida, docura e esperanca, a tia de Sao Paulo, que nao esteja defunta como garante a mae - a mae ve tudo em luto -, que se afirme a crenca de tia Elisa e o perigo desapareca, a Vos bradamos os degradados filhos de Eva. A Vos suspiramos e oferecemos pela saude de tia Antonieta um rosario rezado de joelhos sobre graos de milho. Promessa micha, misera oferta em paga de portentoso milagre. Da-se conta e, exagerado, a amplia para uma semana inteira de rosarios completos e macerados joelhos, gemendo e chorando neste vale de lagrimas, salvai da morte a tia Antonieta.

Que doenca a matara ou a estava matando? Nenhuma referencia ouvira, a mae e tia Elisa devem saber mas guardam segredo, na certa por se tratar de doenca ruim, cujo nome nao se pronuncia, tistica ou cancer. Quem comunicara a noticia, como chegara, em carta, em telegrama? Quando o pai de Austragesilo faleceu, houve um primeiro telegrama anunciando estado de saude grave com hemoptise. Duas horas depois o Reitor do seminario viera em pessoa com um segundo telegrama, o fatal, e palavras de consolo. Apertara

Austragesilo contra o peito, falara sobre o reino dos ceus. Do mesmo modo agora, o primeiro telegrama ja chegara 30

comunicando doenca e diagnostico pessimista. A mae, experiente da vida, percebera o engodo, a intencao de prepara-los para o pior; tia Elisa so perderia a esperanca quando o segundo afirmasse a verdade nua e crua. Neste vale de lagrimas e ja pois advogada nossa, para Vos Mae do Nosso Senhor o impossivel nao existe: podeis interromper o curso dos telegramas, revogar sentencas de morte, o Filho atende todos os Vossos pedidos. Contrito, Cardo renova a promessa sete vezes maior. Promessa e tanto. Zero sobre a doenca, e sobre tia Antonieta? Zero vezes zero, imprecisas, fugazes noticias, tia desconhecida, quase uma abstracao. Nao obstante ninguem tao concreto, presente, indispensavel na vida de cada um deles, de toda a familia. A tia de Sao Paulo, a ricaca.

Para Ricardo apenas um nome, um apelido de infancia, Tieta, vagas e entusiasticas referencias ao marido milionario e comendador, mensalmente a carta e o cheque, os presentes, a bola de futebol numero cinco, dando solidez e contorno a uma imagem, que imagem?

Olhos misericordiosos a nos volvei, neste vale de lagrimas, de pobreza e limitacoes, a imagem da santa padroeira, a protetora, a possibilitar pequenas regalias e o dinheiro que a mae deposita na Caixa Economica para a festa da primeira missa, ainda tao distante, e para os estudos de Peto se um dia Peto se dispuser a estudar. Ao pensar na tia jamais vista, nao a compara com a Virgem a quem roga por ela e, sim, com a Senhora Sant'Ana, padroeira da cidade, protetora da familia, da sagrada familia e de todas as demais. Na chama das velas enxerga a imagem da velha senhora, maos generosas, plena de ternura, doce patrona. Sera assim debil ancia ou ainda se mantem rija e disposta, igual a mae? Qual das duas a primogenita? Sobre a idade da tia, Ricardo nunca ouviu a menor referencia, a mae diminui a sua quando perguntada. A ausente deve ser bem mais velha, nao e ela a rica, a poderosa, a doadora, o verdadeiro chefe da familia, a quem o proprio avo reverencia? Boca

de praga e maldicoes, a resmungar queixas e ameacas, o avo desmancha-se em louvores ao pronunciar o nome de Tieta, Deus lhe de saude e lhe aumente a fortuna, ela merece, a boa filha. Ancia de passo cansado, cabelos brancos - ou ela ainda pinta os cabelos como outrora? Na chama das velas sao brancos os cabelos da tia Antonieta. Conhece-lhe a letra, grande, de escolar, incerta, enchendo com poucas palavras a bonita folha de papel, ora azul, ora laranja, ora verde-cana, chique a valer. A letra e o perfume, fragancia rara para narinas habituadas ao fedor das velas consumidas, a morrinha das emboloradas alfaias, das fanadas flores, ao pobre odor das 31

sacristias, das suarentas salas de aula, a fumaca do incenso. Ao remeter a bola-de-futebol, a tia rabiscara uma pagina dirigida a Cardo: "Para meu sobrinho querido, palida lembranca da tia Tieta." Feliz, colocara o papel lilas dobrado em quatro entre as folhas do livro de missa e as escondidas aspirava-lhe o perfume. Num assomo de orgulho, exibiu dedicataria e aroma a Cosme, amigo predileto, companheiro de devocoos e retiros espirituais, vizinho de carteira. Cosme, um asceta, recusou-se a cheirar; em tudo via pecado, tentacao do demonio. Perfume? Pecado mortal; para os servos de Deus basta o incenso. O padre-confessor tranquilizou Ricardo: casto perfume de velha tia, nao continha pecado, mortal nem venial.

Esses Vossos olhos misericordiosos a nos volvei - como seriam os olhos, a face de tia Antonieta? Austera como a da mae, rigida e devota? Inquieta, melancolica, igual a da tia Elisa? Ou semelhante a do avo, dura carranca de caboclo? Certa feita, ha varios anos, meninote ainda, mostraram-lhe de relance uma foto da tia numa revista do Rio - revista da qual Elisa se apoderou e ninguem mais viu. Ricardo guardou memoria exclusivamente dos cabelos loiros, encaracolados novelos de ouro - como explica-los se todos na familia eram bem morenos? Soube entao que as mulheres oxigenavam e ate pintavam os cabelos, sobre o assunto discutiram a mae e tia Elisa. Moda condenavel na opiniao de Perpetua: Deus designa a cor dos cabelos de cada um, ninguem tem direito a muda-la. Elisa retrucara, tachando a irma de atrasadona, rata de igreja. Dos olhos,

da boca, Ricardo não se lembra; recorda somente os novelos de ouro puro. Agora, a luz das velas, ele os enxerga brancos de algodão, tantos anos se passaram - era menino, agora é um rapaz. E depois deste desterro, mostrei-nos Jesus, bendito fruto de Vosso ventre, há quantos anos dura o desterro da tia? Quando Ricardo nasceu Tietá partira há muito e jamais ele ouvira da mãe, de tia Elisa, do avô e de sua segunda mulher, vo Tonha, a menor referência aquela outra parenta; jamais escutou nome ou apelido a recordá-la. Da tia de São Paulo, só veio saber depois da primeira carta e ainda hoje sabe tão pouco, além da riqueza, da bondade, da velhice. Se a Virgem a salvar, pode ser que um dia ela apareça de visita, em pele e osso, ancia amável, de tão velha quase avô. Ricardo não conheceu avô verdadeira, a materna falecida antes do casamento tardio de Perpetua com o Major, cujos pais já repousavam no Cemitério das Quintas, na Bahia, quando o aposentado militar surgiu em Agreste, por acaso, e de chofre se curou da asma, recuperou as forças, clima de sanatório. 32

Tia Antonieta preenche o vazio das avós, Senhora Sant'Ana, a matriarca, a protetora da família. Se ela sarar, se a Virgem lhe restituir a saúde, Ricardo, após cumprir a promessa, poderá lhe escrever outra carta, solicitando uma vara de pesca com molinete, fio de náilon e iscas artificiais, semelhante a do anúncio na revista Caca & Pesca, folheada no Correio com permissão de dona Carmosina. Implorando segredo a tia - se a mãe soubesse o mundo viria abaixo. Em troca dos joelhos macerados, da semana inteira de orações, não era pedir muito; vara de pesca, molinete, fios e iscas e um segredo a mais entre os dois. Coisa boa, um segredo. Ricardo tem segredos em comum com alguns santos, com a Virgem e sobretudo com Santa Rita de Cassia, de quem é devoto.

O clemente o piedoso o doce sempre Virgem Maria rogai por ela e por nós para que sejamos dignos das promessas de Cristo. Fazei com que a tia se erga do leito ou do caixão, o clemente o piedoso o doce sempre Virgem Maria.

Na vela acesa a mando da mãe pela alma da irmã, o fogo da morte



vacila e se apaga sozinho. Esbugalham-se os olhos de Ricardo no assombro do milagre. So a chama da vida persiste na outra vela, poderosa e a santa Mae de Deus, amem.

**ONDE DONA CARMOSINA LE UM ARTIGO, RESOLVE  
PROBLEMA DE PALAVRAS CRUZADAS E PROBLEMAS  
REFERENTES A SITUAÇÃO DE TIETA, DIGNOS DOS  
MAIS SAGAZES DETETIVES DOS ROMANCES POLICIAIS  
E  
ONDE  
SE  
TRAVA  
CONHECIMENTO  
COM  
O  
COMANDANTE DARIO DE QUELUZ, SURGINDO AO  
FINAL  
DO  
CAPITULO  
O  
VATE  
BARBOZINHA  
(GREGORIO EUSTAQUIO DE MATOS BARBOSA), DE  
CORACAO PARTIDO.**

- Muito bem feito! cadeia com eles! - exclama em voz alta dona carmosina, no auge do entusiasmo. Finalmente erguera-se um juiz independente e digno, capaz de ditar sentença justa, mandando os canalhas para o xadrez: - Cambada de assassinos! Entusiasmo e indignação sem espectadores, sozinha na repartição no começo da tarde. Mas o comandante Dario, ao saber, 33

vai nadar em alegria, ele, tao apaixonado quando se discute poluicao. Esses tipos deviam estar todos trancafiados na cadeia, minha boa Carmosina, sao assassinos da humanidade. O Comandante e um tanto quanto retorico, ama frases de efeito. Barroco, na qualificacao poetica de Barbozinha. Retira a pagina, vai guarda-la para o Comandante. Nao importa venha o jornal enderecado ao Cel. Artur de Figueiredo - o velho coronel Artur da Tapitanga, assinante de O Estado de Sao Paulo desde priscas eras; dona Carmosina tirara a limpo: desde 1924. Durante decenios o Estado manteve o fazendeiro a par das novidades do mundo. Atualmente, so de mes em mes o destinatario manda buscar o monte de jornais a entulhar a sala. Ja nao os le - quem le com gosto e proveito e dona Carmosina - mas renova a assinatura no prazo exato, a condicao de assinante do diario paulista e atributo de sua linhagem e dona Carmosina, a maior interessada, recorda-lhe a obrigacao a tempo, com elogios a gazeta e as cabras do Coronel

Pagina a mais pagina a menos, caderno a mais caderno a menos, para o octogenario - oitenta e seis comemorados a 18 de janeiro, como pode informar dona Carmosina - ja nao faz diferenca. Pouco se lhe da o que vai por esse mundo louco, de guerras e convulsoes, de violencia e odio, de mentiras sensacionalistas: essa historia do homem ir a lua montado num foguete e conto da carochinha para engambelar os trouxas. Esta no jornal, na primeira pagina do Estado? Nem assim acredito, Carmosina, estou velho mas nao estou broco. Apesar da cancela da Fazenda Tapitanga nao distar sequer um quilometro do comeco da rua, raramente o Coronel comparece a uma sessao da Camara Municipal de Sant'Ana do Agreste, a qual preside, conselheiro municipal, edil, vereador eleito e reeleito um sem- numero de vezes, ex-intendente e ex-prefeito. Quando vem, nao falha na visita a agente dos Correios:

- Carmosina, me conte o que voce leu no meu jornal. Mas nao me venha com mentiras... - ameaca-a com a bengala, ainda sabe rir.

Manda o capanga por os jornais na carroca, utiliza-os em serventias diversas: para fazer embrulhos, acender o fogo, limpar-se na latrina. As cabras andaram comendo edicoes inteiras e, se nao

engordaram, mal não lhes fizeram.

Cuidadosamente, dona Carmosina dobra a folha de maneira a ficar o artigo a vista, matéria importante, no alto da página, o título em tipos fortes: A ITALIA CONDENA A PRISAO OS QUE POLUEM SEU MAR. O Comandante vai se regalar. Também 34

Barbozinha se interessa pelo problema, lastimando os inevitáveis malefícios inerentes ao progresso, enquanto o comandante Dario é radical no julgamento e condenação dessa loucura rotulada de progresso envenenando a humanidade inteira, ameaçando a continuação da vida sobre a terra, minha boa Carmosina! Dramático, os braços abertos:

- Se não se puser um paradeiro nisso, em breve as crianças já nascerão com câncer! Veja o Japão...

Para fugir de causas e efeitos, para gozar dos verdadeiros prazeres da existência enquanto ainda há tempo e lugar, abandonara promissora carreira na Marinha de Guerra, pendurando a farda no armário do bangalo, reduzindo os trajes a shortes e camisetas de marujo, ao luxo vespertino do pijama quando na praia, e a calça e camisa esporte na cidade. Isso, sim, era viver. No clima bendito do Agreste, na beleza sem par de Mangue Seco. No paraíso.

- Boa lícao! - repete ainda dona Carmosina antes de entregar-se às palavras cruzadas e aos logogrifos. Grande, a sede de saber de dona Carmosina, múltiplos e ecléticos os temas a interessá-la, da política à ciência, dos problemas mais graves do nosso tempo ao disse-que-disse em torno da vida sexual dos ídolos das multidões, da ONU à OEA, da CIA ao KGB, da NASA aos OVNI, da MPB ao FEBEAPA, aí o que ela sabe de siglas!

Na corte de amigos e admiradores a frequentar a Agência dos Correios e Telegrafos, enchendo com prosa e discussão as horas mortas, tantas!, dona Carmosina encontra parceiros para cada campo do conhecimento: com Aminthas e Fidelio - fracote, Fidelio - discute música, compositores e intérpretes; com Ascanio, o turismo no mundo e na Bahia; com Elisa transa fofocas em torno de astros e estrelas de nosso cintilante céu artístico; com Barbozinha, vasto e o

campo de dialogo e polemica: da delicada ou agreste flor da poesia aos arcanos da filosofia espiritualista, sendo o vate espirita teorico e vidente e ela, incredula, negando encarnacao e reencarnacao, impia, a rir de ceu e inferno, vangloriando-se da condicao de ateia. Ateia nao, a-toa, Carmosina, mulher a-toa: glosa Aminthas, metido a humorista. Nao menor a pauta de debates com o comandante Dario: os problemas atuais do homem e do mundo, todos eles, das explosoes atomicas a explosao demografica; da poluicao, estendendo-se sobre Los Angeles e Sao Paulo, Toquio e Rio de Janeiro, a guerra colonial portuguesa; as probabilidades da terceira grande guerra e as intencoes secretas dos dirigentes das potencias e superpotencias 35

- nao esqueca a China, minha boa amiga; o Medio Oriente, o destino de Israel, o petroleo arabe, os palestinos, e a analise dos romances lidos, policiais e de ficcao cientifica, preferindo o Comandante os ultimos, a leva-lo universo afora a longinquos planetas, preferindo ela os de detetive, sobretudo os classicos, a maneira de Agatha Christie, a desafiar a argucia do leitor na descoberta do criminoso. Gaba-se dona Carmosina de acertar sempre, de apontar o assassino antes que o faca Hercule Poirot. Dos centros culturais de Agreste, a Agencia dos Correios e de longe o mais importante. Quando de sua sempre lembrada visita a cidade, convidado pelo vate Barbozmha, ex-companheiro de boemia nas ruas, bares e castelos da capital, o conhecido cronista de ATarde, Giovanni Guimaraes, infalivel a tarde na sala da agencia para uma boa prosa, a batizara de Areopago e o nome pegou. Sucede com frequencia juntarem-se ali os tres a mesma hora, dona Carmosina, o Poeta e o comandante Dario: o Areopago pega fogo, fagulhas de talento arrastam gente do bar e das lojas, apenas para ouvir. O arabe Chalita e habitue, nao perde uma unica palavra; nao entende nada mas como admira! Divertimento elevado e gratuito. Supimpa. So com Osnar nao mantem dona Carmosina tema de conversa, desde rapazola Osnar nao se interessa por outras coisas nesse mundo de Deus alem de cerveja, bilhar e mulheres. Vasto o circulo de mulheres a despertar a

cupidez de Osnar, não sendo ele exigente ou dogmático. Infelizmente, nessa numerosa assembleia de desejadas (algumas faturadas) não se encontra dona Carmosina. Admirador de seu intelecto, Osnar despreza-lhe o físico, essa não me levanta o pau. Para dizer toda a verdade, dona Carmosina não conseguiu ainda despertar a concupiscência de nenhum homem.

Sinônimo da concupiscência de sete letras - dona Carmosina morde o lapis, rebusca na memória, já sabe: lascívia. Não, lascívia tem oito letras; de sete, vamos ver, o que pode ser? Luxúria, está na cara. Os olhos miudos de dona Carmosina, cercados de cílios rucos, perdem-se na rua onde prossegue o movimento do sábado de feira, carroceiros buscando no acanhado comércio de contadas lojas as compras indispensáveis, gastando as moedas parcas. Luxúria, palavra forte.

Quando Perpetua casou, dona Carmosina teve um alento de esperança. Mas isso já é outra história, aproveitemos e façamos uma pausa, dividindo O capítulo, deixando o leitor respirar.

36

## **ENQUANTO O LEITOR RESPIRA, O AUTOR SE APROVEITA E ABUSA**

Boa ideia, sim, meritória. Capítulos longos cansam, tornam a narrativa pesada e enfadonha, conduzem ao desinteresse e ao sono. Uma pausa abre, inclusive, tempo e espaço para necessárias explicações, sobre detalhes que os personagens torcem, modificam ou simplesmente suprimem, ao sabor de interesses variados, confessáveis ou escusos, mas cujo conhecimento cabal é direito sagrado do leitor - para saber ele paga os preços atuais, incríveis! Carmosina é useira e vezeira em guardar segredos, em baralhar

pistas, em impedir a circulação completa ou parcial de determinadas notícias, causando grave dano as xeretas do adro da igreja e a população de Agreste em geral pois quem não se mete com a vida alheia, não pergunta, não conta, não comenta? Se exceção existe, não conheço. Falar da vida alheia é a diversão principal do lugar, grosseria e mau caráter de uns, arte e sutileza de outros.

Intolerável grosseria de Bafo de Bode, rebotalho da sociedade, apodrecido por dentro e por fora. Quando do grande porre semanal, aquele que começa na noite do sábado, após a feira onde esmolou ao sol o dia todo, e prossegue pelo domingo, esse detrito malcheiroso desce as ruas aos trancos e barrancos, a enlamear a honra de distintas famílias, a proclamar maledicências, injúrias e infâmias, desgraçadamente quase sempre comprovadas: - Cuidado com os chifres, Chico Sobrinho, estão crescendo demais. Tua mulher, Ritinha, vive dando na beira do rio... não vou dizer a quem, não sou dedo-duro.

Nem ele, nem eu, e daí? Arte sutil na voz antiga de dona Milu, mãe de Carmosina, uma santa, quem duvida? - Estão dizendo que Ritinha anda de namoro com seu Lindolfo, mas deve ser mentira, o povo gosta de falar. Ritinha paga por ser muito dada, às vezes demais... o gênio dela é esse, não tem culpa.

A população está cansada de saber que Ritinha e Lindolfo, tesoureiro da Prefeitura, se encontram nos esconsos do rio. O melhor é fazer como Chico Sobrinho, para palavras loucas ouvidos moucos, quem dá atenção a Bafo de Bode? Voltemos, porém, a Carmosina e ao comandante Dário pois deles se trata, entre os dois existe uma trama. Não, nada do que estão pensando! Como diz Osnar, apontando o exemplo do 37

Comandante, não há criatura perfeita. Pelas frestas das janelas semi-abertas, olhares languídos ou ardentes, conforme idade e fogo, acompanham-lhe o passo gingado de conves quando ele desfila em Agreste, vistoso, todo feito de músculos, corpo jovem, rosto maduro e vivo, cabeleira rebelde e grisalha; pode dar-se ao luxo de escolher, dá-se ao desperdício de ignorar a todas elas, sem abrir

excecao sequer para Carol, a amasia de Modesto Pires, obra- prima de Deus e da fusao de racas. Monogamo declarado, o Comandante; amoroso da esposa, dona Laura, e Carmosina e sua amiga fiel. Amiga fiel, ai o xpto da questao. Para proveito dos leitores, utilizo a pausa e tento decifrar o enigma. Vou direto ao assunto: qual a patente do nosso personagem, quantas divisas ostenta na farda esquecida no fundo do armario? Ninguem sabe, a todos basta o titulo de Comandante e foi isso exatamente o que lhe disse dona Carmosina quando ele, honrado e modesto, quis proclamar a verdade. Ela, a responsavel. Tanto fala quanto esconde, tudo depende.

Que Dario de Queluz, valoroso filho de Agreste, pertenceu a Marinha de Guerra, dando realce e lustre ao torrao natal, nada mais certo, sobram as provas; fulge uma delas no bangalo em cima da escrivaninha, ao lado dos trabalhos em coco feitos pelo Comandante - medalha de ouro, recordando ato de bravura, reluz sob o vidro da redoma. Que entrou modestamente de marinheiro, rapazola emigrado em busca de trabalho, todos sabem. Que subiu, degrau a degrau, pelo esforco e pelo estudo, durante os vinte anos de vida militar, tambem e fato de conhecimento publico. Mas subiu ate onde? Eis o busilis: quando, despida a tunica, retornou aos ares patrios e puros, alguem logo o proclamou Almirante. Ele recusou o titulo e a bajulacao:

- Nao cheguei la, quem sou eu? Ao demais, Almirante e titulo que so existe em tempo de guerra. Disseram-no, entao, Comandante e se curiosidade houve em saber ate onde chegara, nao se manifestou, ele impunha respeito e era um atleta. Comandante, titulo perfeito em qualquer caso, em qualquer posto.

Arte sutil, a vida alheia. Um dia, os dois a sos conversando na reparticao, Carmosina perguntou, como por acaso: - Comandante, me esclareca. Na Marinha de Guerra, os pracas podem chegar ao posto de Capitaode-Fragata no quadro de Oficial Auxiliar da Armada, nao e certo? Percebeu Dario a sutileza; a curiosidade a corroer o coracao da amiga. Sorriu, tinha um sorriso sem malicia de homem bom e direito, e respondeu:

- Nao subi tanto, minha boa Carmosina. Cheguei 38

apenas a...

Ela tapou-Lhe a boca com a mao:

- Baixinho, que ninguem mais ouca...

- E por que?

- Os outros pensam que sim, que chegou e ultrapassou, estao orgulhosos disso. Por que desiludi-los? Comandante, basta e sobra.

Apurou o ouvido para ouvir, ouviu e acabou-se. Comandante agora a comandar mar e vento nos comoros de Mangue Seco, desnecessarios se tornam quaisquer detalhes, dragonas e ordens de servico. Carmosina sabe, e quanto basta, a confidencia nao passou dali, nem mesmo a velha Milu ela contou. Contar a mae? Estao loucos? No dia seguinte, Agreste inteiro saberia. Eis ai em pratos limpos o que desejei esclarecer, aproveitando a interrupcao do capitulo e terminando por escrever mais um, perdoem. Qual o posto de fato alcancado pelo Comandante? Ah!, isso nao sei dizer, somente Carmosina sabe e, egoista, faz boca de siri, esconde a informacao. Se algum dos senhores por acaso a obtiver, seria favor comunicar-me.

## **CONTINUACAO DO CAPITULO INTERROMPIDO**

Quando perpetua casou, dona carmosina teve um alento de esperanca. Se Perpetua, mais velha, mais feia - sim, mais feia pois simpatia tambem marca ponto em concurso de miss - com aquela cara de prisao de ventre cronica, sem graca, ressentida, encontrara quem a quisesse, quem lhe pedisse a mao em casamento e a levasse ao altar de veu e grinalda, figura ridicula!, cabia a Carmosina, mais moca, inteligente, culta, cultissima!, risonha e cordial, ao demais cozinheira de mao cheia, o direito a sonhar, a nao cair em desespero.

Ah!, Major Cupertino Batista existiu um so, milagres nao se repetem. Reformado por motivos de saude, cinqentao asmatico e cardiaco, curto de entendimento, duro de cabeça, obtuso, um bobo-alegre,



nem por tudo isso partido desprezível. Solteiro, tinha economias, reservas monetárias e físicas: ao partir para o reino dos céus, deixara Perpetua com dois filhos e herdeira de três casas, além da pensão e do dinheiro a render juros. A 39

herança, Carmosina dava de barato mas - suspira - durante seis anos e um mês, setenta e três meses, duas mil duzentas e vinte e uma noites, contando a do ano bissexto, a bruxa, a desinfeliz - a sortuda, a felizarda! - dormira em cama de casal com homem ao lado, sob as mesmas cobertas, marido válido até a última gota, pois Perpetua tivera aborto pouco antes de o Major bater continência e a festa terminar.

Escreve luxúria letra a letra nos quadrados do jogo de palavras cruzadas, o pensamento voa de Perpetua para Elisa (a pobre, agoniada, esquecera as revistas); de Elisa para Antonieta. Antonieta, essa sim, merecera a vida conjugal e a fortuna: alegre, divertida, bondosa, um encanto de criatura. Muito chegada a casa de Carmosina, colegas na escola primária; dona Milu dedicava-lhe particular estima e a defendia quando as máscaras vinham tosar na pele da moça, melhor dito nas carnes da rapariga. Moça falada, na boca das comadres:

- Aquela já perdeu os tampões há muito... - Já foi chamada as ordens...

- Moça, aquela sujeitinha? Rapariga e o que ela é... dá para Deus e o mundo...

Dona Milu punha fim a conversa, dispersava o elenco: - Se ela está dando, dá o que é dela e eu nunca soube que se deitasse com homem por dinheiro, e o corpo que pede. Que pede a ela e a todas, não é mesmo, Roberta? As outras não dão, trancam com sete chaves mas só a caixa da periquita. O resto não faz mal, não é isso, Gesilda? Do sôco ao fiofo, tudo vasculhado. Parecia mudar de assunto:

- Que apelido mais bonito os rapazes botaram nas tuas gêmeas, Francisca. Não sabe? Pois lhe informo: Mãos de Ouro e Prata, achei lindo... - Dona Milu era uma parada! Quando Antonieta, surrada e

expulsa, partiu no caminho, Carmosina viera se despedir, a única. Va dizer adeus a sua amiga, a mãe ordenara. Visíveis, as marcas da vespera, o bordão atingira- lhe o rosto, roxas equimoses nas pernas, Tieta não se queixou. Pode ser para meu bem, disse. Acertara. Nos últimos onze anos e sete meses, raro o dia em que dona Carmosina não recorda Antonieta. Desde a chegada da primeira missiva, acompanhara, carta a carta, a correspondência trocada entre Sant'Ana do Agreste e a Caixa-Postal 6211 da Capital de São Paulo. Esta por dentro de tudo, sabe mais do que as próprias irmãs de Tieta, muito mais. Por conhecimento direto e por dedução. Vira o cheque engordar ao passar do tempo, com a 40

desvalorização do cruzeiro e as lamúrias das irmãs. Corrigira - na prática redigira - as cartas de Elisa, fraca na gramática; lera as de Perpetua, as de Perpetua e as demais.

As irmãs, após a morte do Major, haviam dividido o dever e o prazer das respostas, como dividiam o conteúdo das encomendas postais, vestidos, blusas e saias, camisolas. Perpetua, quando lhe cabia escrever, vinha com o envelope fechado, tolice! Dona Carmosina não mereceria o ordenado e o privilégio do cargo se não fosse perita em descolar envelopes, ler as páginas num piscar de olhos e por tudo em ordem novamente. Só lhe custava conter o desejo de emendar os erros de português. Além da infalível bênção do velho Ze Esteves, Deus te abençoe e te aumente, minha filha, cada carta continha queixas da vida, louvores à querida mãe e a curiosidade das irmãs e do cunhado. Antonieta respondia com bilhetes curtos - a letra grauda, o papel caro e chique com um A gótico em alto-relevo - que Elisa e dona Carmosina devoravam juntas, ali mesmo na repartição. Dona Carmosina lera também a carta de Ricardo, a de Ricardo e outras. Alias, fora a ingenua epístola do rapaz, pedindo à tia bênção, bola de futebol e discricão, que... nada, isso não interessa a ninguém - dona Carmosina afasta a lembrança, retorna as palavras cruzadas: fruta brasileira de origem asiática, cinco letras. Fácil demais.

Essa longa correspondência, agora de repente encerrada sem

explicação válida, a não ser doença grave ou morte de Tieta, revestia-se de aspectos dignos de atenção e estudo, a começar pela falta de endereço completo da destinatária de São Paulo, rua, número da porta e do apartamento, se vivesse em edifício; apenas uma caixa-postal, fria e anônima. Apesar de Agreste não passar de um ovo onde todos se conheciam, tanto Perpetua quanto Elisa apressaram-se em enviar endereços completos. Perpetua Esteves Batista, Praça Desembargador Oliva, número 19; Elisa Esteves Simas, Rua do Rosado, 28; inclusive o endereço do pai: José Esteves Filho, Beco da Matança, s.n.

E o marido? Sem idade, sem rosto, impalpável. Prenome, comenda, vagas indústrias, os cabelos brancos na foto da revista. Dona Carmosina dedicou grande parte de seu tempo à análise e ao esclarecimento da apaixonante adivinha. Reunindo dados, pistas, conjecturando.

O Major, ainda vivo, encarregara-se da resposta inicial mas não chegou ao fim sem pedir auxílio a dona Carmosina. Ela pôs ordem nas notícias, dando ênfase aos fatos, quando necessário. Carta longa, relatório abrangendo cerca de quinze anos de 41

acontecimentos.

Notícias de toda a família, detalhadas. Do pai, Ze Esteves, beirando os oitenta mas sempre rijo, e de Tonha, a segunda esposa (mais moça do que Perpetua, da idade de Tieta, mas acabada na pobreza e no desleixo, simples apêndice do Velho). Vivia o casal da caridade de filhas e genros, nada possuindo de seu, nem bens nem rendas. Ze Esteves, trapalhão a julgar-se sabido, na ansia de enganar os outros pusera fora terras, rebanho de cabras, plantações de mandioca, a casa própria, tudo. Abençoava a filha e a perdoava, pedia-lhe uma esmola. Dona Carmosina modificou a redação, a forma e o conteúdo, em lugar de Ze Esteves perdoar, pediu perdão à filha, falou da velhice e da pobreza, insinuando ajuda; um pai pode pedir perdão mas não pode pedir esmola aos filhos. Trecho tão comovente, na bela letra do Major, ia tocar o coração de Tieta, a própria dona Carmosina ficara de olhos umidos. Sempre tivera jeito

para escrever, jeito e vontade. Mas, cede coragem? Relato do casamento de Perpetua, nome e título do marido, Major Cupertino Batista, oficial reformado da Polícia Militar do Estado, seu cunhado as ordens. Deus abençoara o matrimônio, dera-lhes dois filhos, Ricardo, de cinco anos, Cupertino, dito Peto, de dois, e agora novamente fecundara o ventre de Perpetua, grávida daquele que seria o terceiro se houvesse nascido. O Major, bom de espoleta, não negava fogo, constatara dona Carmosina, mas não tocou nesse trecho, não queria histórias com Perpetua. Encarregou-se, sim, de descrever o casamento de Elisa, a noiva mais linda já vista em Agreste, com Asterio Simas, filho e herdeiro de seu Ananias, aquele da loja de fazendas da Rua da Frente (Rua Coronel Artur de Figueiredo), só que a loja nem parecia a mesma. Na longínqua e decadente cidade de Sant'Ana do Agreste o comércio reduzira-se a metade naqueles quinze anos. Também a população diminuira, composta por uma maioria de velhos, pois o clima continuava admirável, prolongando a vida dos que ali se deixavam ficar apesar da pobreza, da falta de recursos e de futuro. O povo só não morria de fome porque o rio e o mangue forneciam com fartura peixes, guaiamus, caranguejos, pitus incomparáveis, e sobravam frutas o ano inteiro: bananas, mangas, jacas, mangabas, pinhas, abacaxis, goiabas e aracas, sapotís e melancias e o coqueiral sem fim e sem dono. Além das notícias, perguntas: ela, Antonieta, que fazia? Qual o endereço completo? Mandasse contar tudo, tintim por tintim. A resposta não tardou sequer um mês. Antonieta enviou um cheque em nome do Major, pedindo-lhe o favor de descontá-lo e entregar o dinheiro a Ze Esteves, destinava-se a ajudar o pai e a 42

madrasta nas despesas. O pai podia contar com aquele auxílio mensal. O valor do cheque despertou atenção e cobiça: dinheiro grosso, bem mais do que o casal necessitava para pagar o casebre onde habitava, mesmo pagando em dia os alugueis atrasados, para a comida e para a cachaca medida mas indispensável a dieta de Ze Esteves. Perpetua insinuara divisão da ajuda mas um olhar do Velho, o bastão erguido em arma de guerra, foi suficiente para

encerrar o assunto. Para evitar a ida do Major a Alagoinhas, onde fica a mais proxima agencia do banco, seu Modesto Pires, dono do curtume, fez o favor de descontar o cheque. Esse primeiro, e todos os demais. Quanto as perguntas, nem sombra de resposta, resumindo-se Antonieta a informar que, graças a Deus, gozava saúde, casara-se e era feliz apesar de não ter filhos. Sobre o marido, nome, profissão, idade, nenhuma palavra. Endereço? Nenhum melhor, mais seguro, do que a Caixa-Postal 6211, toda correspondencia para ali dirigida chegaria as suas mãos. No transcurso de mais de um decenio, as relações epistolares entre Tieta e a familia mantiveram-se absolutamente regulares: uma carta por mes de cada lado, a de São Paulo, poucas linhas, papel e envelope de cor, perfumados. Variando a cor de ano para ano, o perfume mudara uma unica vez. Mais suave e discreto o ultimo, estrangeiro, com certeza.

A quantia do cheque crescendo, não somente por causa da inflação. Quando Elisa teve menino e dona Carmosina acentuou as dificuldades de Asterio, Tieta somou a ajuda ao pai certa quantia mensal para o leite do menino e sua futura educação. Fazendo o mesmo quando Perpetua lhe escreveu dramatica e, por uma vez na vida, sincera, chorando a morte do marido perfeito, a deixa-la viuva com dois filhos nos braços, necessitada. Boca de siri sobre as casas de aluguel, as economias no banco, mas Tieta já se dera conta da diferença de sorte das irmãs pois mandava para uma e outra importancia igual: se Perpetua tinha dois filhos, bem maiores eram as dificuldades de Elisa. Começaram a chegar os pacotes de roupa usada, os presentes de Natal e de aniversario, mas dela e do marido pouco mais souberam.

Muito pouco, quase nada, mas o suficiente para dona Carmosina juntar as peças e desatar o nó. Há uns nove anos - nove anos e nove meses, exatamente - num numero de carnaval da revista Manchete, dona Carmosina reconheceu Antonieta, apesar dos cabelos oxigenados, numa fotografia de folioes em plena animação no baile do Teatro Excelsior, na Capital paulista. Ali estava ela, bem no centro da foto, feliz, aconchegada e amorosa nos braços de senhor de certa 43

idade, a se acreditar nos cabelos brancos. Infelizmente, do cavalheiro via-se apenas as costas, pois dancavam; ela, sim, estava de frente, a boca aberta em riso, o rosto franco e brejeiro, uma gentil senhora, não mais a jovem estabanada cuja partida na boleia de um caminhão Carmosina testemunhara. Crescera em formosura, opulenta de formas. Jamais fora magricela, sua beleza tinha onde pegar-se.

Dona Carmosina convocou a família inteira, foi uma sensação. Perpetua balançou a cabeça, concordando. Antonieta, não havia dúvida; engordara e oxigenara os cabelos. Também o velho Ze Esteves reconheceu a filha:

- Tá pimpona, de cabelo pintado, na moda. Deus te acrescente, minha filha! - olhava as outras duas, em desafio. Queria ver quem se atreveria a criticar. Na sua vista, ninguém. Elisa ficou feito doida, não tinha ideia de como fosse a irmã, de agora em diante podia imaginá-la melhor, tão linda na fantasia de odalisca. A notícia da descoberta da revista, transmitida em carta de Elisa, trouxe a primeira pista pois Tieta, na resposta, revelou o prenome do marido: quem a tinha nos braços, no ritmo do samba carnavalesco, era Felipe, seu bem-amado esposo. Felipe de que, não disse.

Não muito depois, em carta datada de Curitiba, fez referência aos negócios de Felipe, industrial com interesses no Paraná. De outra feita, desculpando-se, atribuiu a demora do envio do cheque - uma semana de atraso -, a enfermidade do Comendador a cuja cabeceira a dedicada esposa dera tempo integral. Felipe, industrial e comendador.

Para Perpetua bastava; aliás bastava-lhe o cheque, sendo o resto superfluo. Elisa, ao contrário, desejava saber mais, muito mais. Durante horas inteiras comentava com Carmosina as reservas da irmã: tem vergonha de nós, medo que a gente abuse da bondade dela. Esquiva-se, no fundo com razão. Com razão, dona Carmosina e quem mais sabe. Tieta saiu corrida - aqui não é casa de puta! -, moida de pancada, por denúncia da irmã mais velha. Boa demais, isso é o que ela é, pois esquecera vexame, delação, a surra, o cajado de marmelo para vir em socorro da família. Boa demais, um

anjo, concordava dona Carmosina. Quanto ao motivo das reservas e das reticencias a agente dos Correios e Telegrafos silenciava: sobre esse assunto tracara, em segredo, teoria propria. Reuniu dados, indicios, pistas; misterio digno de Hercule Poirot. Dona Carmosina o resolveu em definitivo quando comecaram a chegar as encomendas postais com os elegantes vestidos, as saias e blusas finas, de medidas diversas. Antonieta, em breve frase, explicara a razao dos diferentes talhes: estou 44

mandando uns vestidos quase novos, meus e de minhas enteadas. Enteadas, notem bem, filhas do comendador Felipe mas nao dela, que nao tinha filhos. Claro como a luz do dia, dona Carmosina Sherlock Holmes. Quem, em Agreste, a iguala, suplanta em inteligencia?

Dissolucao do vinculo conjugal com separacao de corpos e bens, oito letras: divorcio.

Divorcio ou desquite, no Brasil nao ha divorcio, eta pais mais atrasado! e eis a explicacao certa e correta, nao ha outra. E aqui facamos nova pausa, um pouco de suspense, proprio dos folhetins. Voltaremos apos os comerciais, como dizem os locutores quando, no melhor da intriga, no momento mais empolgante, interrompem as novelas radiofonicas para anunciar sabao em po e marcas de cigarro, deixando Elisa tremula e vibrante.

## **OUTRA VEZ O CHATO, NA HORA DO DESCANSO**

Um rapido parentesis - nao me demoro - para revelar fatos condenaveis, iluminar com o facho da verdade detalhes obscuros, desmascarando mais uma vez a senhorita Carmosina Sluizer da Consolacao.

Não creiam que a persiga, que não lhe tenha estima. Ao contrário, reconheço-lhe qualidades e louvo os motivos capazes de levá-la a violar a lei dos homens e a lei de Deus, quando generosos ou nobres. Quanto a persegui-la, quem ousaria, em Agreste? Nem o coronel Artur da Tapitanga, nem Ascanio Trindade, tão cumpridor da lei. Com Ascanio ela redige cartas aos jornais da capital, petições ao Governo do Estado, reclamando ajuda para Agreste. Inúteis, cartas e petições.

há mais de quinze anos - dos vinte e três de sua nomeação para os Correios e Telegrafos - funciona o ilegal esquema estabelecido por ela e por Canuto Tavares, o outro funcionário da Agência, proprietário de oficina de consertos em Esplanada, onde ganha bons cobres, habilidoso como ele só. Permanecesse em Agreste, não progrediria, vegetando a vida inteira, limitado ao magro ordenado de telegrafista em agência de última classe; decidiu abandonar o emprego, mudar-se de vez, levando as 45

ferramentas e a ambição. Ao saber da decisão do colega, Carmosina propôs-lhe barganha capaz de beneficiar os dois: Canuto iria tranquilo cuidar da oficina em Esplanada, deixando exclusivamente por conta dela o funcionamento da Agência dos Correios e Telegrafos de Sant'Ana do Agreste, afinal não era trabalho de matar ninguém; em troca, ele lhe daria metade do ordenado. Para Canuto, disposto a demitir-se, a proposta caiu como sopa no mel. Para Carmosina, nem se fala: aumentando-lhe a renda necessária ao sustento da casa - para o qual dona Milu já não podia concorrer devido à idade: parteira quase aposentada, ainda pegava menino, mas de raro em raro - deixava-a senhora única e absoluta de cartas, telegramas, encomendas, revistas e jornais, da vida da cidade e do mundo. Funciona o arranjo há mais de quinze anos - ela saberia dizer exatamente quantos, anos e meses - e em nenhum momento passou pela cabeça de alguém denunciar o escandaloso envio mensal do livro de ponto da repartição a Esplanada para recolher a assinatura de Canuto, levado em mão própria por Jairo. Quem ousaria? Nela, o que me desgosta é a parcialidade. Queria ver como



agiria Carmosina se um dos filhos de Perpetua morresse e a mãe quisesse esconder o fato de Antonieta para conservar a ajuda pontual e íntegra. Se teria idêntico comportamento ao que teve quando Elisa entrou na Agência em desespero devido à morte de Toninho. Dona Carmosina a consolava, o inocente deixara de padecer, ruim de saúde desde o nascimento. Dona Milu, ao retirá-lo do ventre de Elisa, se assustara, parecia um feto em formação, verdadeiro milagre ter vivido tanto tempo. Não adiantaram médico e remédio, pagos com as remessas de Tieta, a ida à Esplanada para consultar doutor Joelson, especialista em crianças. O pediatra balançava a cabeça: nem adianta receitar. O pobrezinho descansou e vocês também, quantas noites sem dormir? Mas nem assim Elisa se acalma.

Além de perder Toninho - por mais enfermo e raquítico, era filho e consolo -, perdia a ajuda da irmã, o dinheiro mensal destinado ao leite, aos remédios, aos médicos, a futura educação do sobrinho, e não a cosméticos, revistas, sessões semanais de cinema, pilhas para rádio. Com Toninho partiam para toda a eternidade essas regalias compradas com as sobras da caridade de Tieta. Que fazer, me diga, Carmosina?

Os olhos miudos, apertados, fitaram Elisa - Carmosina a vir a nascer. Dona Milu, emerita aparadeira de menino, chamada às pressas no meio da noite para atender Tonha nas dores do parto, a soprar garrafa vazia a mando de Ze Esteves, levava a filha de ajudante. Carmosina e Tieta ferveram água, auxiliaram e assistiram a delirância. Perpetua, pudica, trancara-se a rezar. Cada 46

qual ajuda a sua maneira.

Meninota, no caminho da escola, Elisa vinha pedir a bênção à sua mãe-de-umbigo, dona Milu; regalava-se com queimados feitos de goiaba e coco, uma gostosura. Carmosina foi quem primeiro recordou à Elisa a existência de Tieta, cujo nome a família jamais pronunciava. Tema escandaloso, mas Carmosina arranjava maneira de lembrar a amiga. Ao contar um caso, referia-lhe o apelido e a boniteza: Tieta, tua irmã, estava comigo, bonita de dar gosto.

Tambem Elisa crescera bonita de dar gosto, casara, parira; Carmosina a vira nascer. Elegante no vestido enviado por Antonieta, desesperada, nem sequer filho doente para cuidar, que fazer? Desditosa, era o adjetivo certo. Carmosina aproxima-se, murmura:

- Nao mande contar nada...

- Hein?

- Faca como se Toninho nao tivesse morrido... - E se Perpetua fuxicar? Voce conhece ela, toda moralista: nao tolera mentiras, vive dizendo.

- Se ela ameaçar, voce ameaca tambem: quem tem mais podres a esconder? Ou voce pensa que ela fala a Tieta das casas, dos alugueis, da heranca do Major? Diz que deposita na Caixa o dinheiro que Tieta manda para as despesas dos meninos porque nao lhe faz falta? Diz, uma ova.

Comprove-se a falta de moral de Carmosina a aconselhar mentira e chantagem a amiga em beco sem saida. Falta de honradez tambem: a par do conteudo das cartas de Perpetua por abuso de poder nao lhe cabe o direito de utilizar tal conhecimento. Mas Carmosina nao liga importancia aos conceitos da moral, as regras da honradez. Nao somente aconselha, dirige a intriga: - Deixe Perpetua comigo. Eu mesma falo com ela. Perpetua ergueu os olhos para os ceus a pedir ao Senhor perdao do pecado, descerrou os labios:

- Por mim nao vai saber. Se Antonieta cortar o dinheiro que lhe da, no fim quem vai ter de aguentar com ela e o marido sou eu.

Motivo justo, correto, Perpetua e osso duro de roer, nao se deixa chantagear. Carmosina ri de leve, um riso de crianca, tao inocente:

- Por isso ou pelo resto, o importante e calar o bico. Mais um detalhe e vou-me embora. Lembram-se da carta de Ricardo, pedindo bola de futebol, recomendando segredo a tia? Ao recorda-la, Carmosina por pouco deixa escapar a revelacao: 47

tambem ela escrevera a Antonieta, rememorando os dias distantes da adolescencia, a antiga amizade, enviando lembrancas de dona Milu que nao a esquece. Alem de um pedido: podia Antonieta comprar em Sao Paulo e lhe remeter, dizendo quanto custara, um

bom, o melhor Dicionario de Rimas a venda nas livrarias? Nao mandava comprar em Aracaju ou na Bahia, para evitar mexericos. Nao tardou a receber o livro, com dedicataria: Para a querida amiga Carmo, palida lembranca da amiga Tieta. Madrugada adentro, a luz do candeeiro, na calada da noite, Carmosina escreve versos, conta silabas, rima ressonar com Osnar, pejo com desejo.

Agora que os senhores sabem, eu os deixo novamente na Agencia dos Correios e Telegrafos, ou melhor, no Areopago. Ate breve.

**FIM DO CAPITULO DUAS VEZES INTERROMPIDO. UFA!**

Tao simples a adivinha, levava longo tempo a resolve-la pela falta de dados, a demora em reunir aquele minimo de informacoes. Desquite, uma das maiores provas de atraso do pais, do subdesenvolvimento;

indignada,

dona

Carmosina

tem-se

empenhado em discussoes homericas com o padre Mariano, com a professora Carlota Alves, com o doutor Caio Vilasboas - vejam so: medico formado, com diploma de faculdade e tao retrogrado! Uma pessoa amarrada a outra a vida toda, mesmo depois de legalmente separada - corpos e bens -, sem poder casar de novo! Dona Carmosina lera uma estatistica sobre o numero de casais em estado de concubinato - palavrao horrivel! - no Brasil. Milhoes. Vivendo como casados, aceitos, recebidos na sociedade, o senhor e a senhora fulano de tal, mas sem os direitos da lei. Esposa, nao, concubina. Dona Carmosina encontra a solucao, tao simples. Com um minimo de pistas e o poder de deducacao, chega a resposta da adivinha. Antonieta vive com o ricaco como casada mas sem o ser realmente. Admitida pela familia, inclusive pelas filhas dele - referira-se mais de uma vez as enteadas e as sobrinhas do Comendador -, mas impossibilitada de legitimar a uniao por ser ele desquitado. Conhecedora dos preconceitos de Agreste, o pai a espera-la na escuridao, ao lado da janela aberta, de cajado em punho, a surra

acordando a rua inteira, Tieta se fecha em copas, envolve marido e casamento em misterio e silencio. Faz bem.

Certa occasiao, apareceu um fiscal de rendas em Agreste, acompanhado da mulher, senhora distinta, agradavel, educada por 48

demais, mae de um casal de gemeos. De comeco muito bem recebidos, ate que a senhora contou ingenuamente serem desquitados ela e o marido, vivendo juntos e felizes ha mais de dez anos. As portas se fecharam, as caras tambem. Tiveram de ir embora, em Agreste casamento tem de ser com juiz e padre, senao nao vale. Faz muito bem Antonieta em reservar-se, em manter sua vida conjugal distante dos linguarudos da cidade, a comecar de Perpetua. Dona Carmosina gostaria de ver a tromba de Perpetua, se um dia viesse a saber. Ia engolir a lingua. Para dona Carmosina, se o casal vive bem e o que importa, sendo de somenos padre e juiz, veu e grinalda. Ela propria desistiu ha muito de qualquer exigencia: marido ou seja la o que seja, solteiro, viuvo, desquitado, casado com mulher e filhos, desde que varao de olhos postos nela e disposto a ir em frente, dona Carmosina estara de acordo. Em colchao de plumas ou na beira do rio, nos matos. Se lhe fosse dado escolher, Osnar seria o felizardo. Na falta, servira outro qualquer. Infelizmente, nem Osnar nem outro qualquer.

Esquece, porem, as decepcoes de amor e os problemas relacionados com a demora da carta de Antonieta, ao enxergar, vindo da feira, o Comandante. Levanta-se, chega a porta, acena com o jornal. Quando ele se aproxima, ela vibra: - Guardei para voce ler. Vai lhe interessar. O comandante Dario toma da pagina, dona Carmosina indica o artigo.

Comeca a ler para si mas o assunto sem duvida o empolga, eleva a voz: *"... as transformacoes politicas que marcaram a Europa ultimamente fizeram passar quase que desapercibido um importante acontecimento para os defensores do meio ambiente em todo o mundo: a condenacao a prisao do presidente e quatro diretores da maior industria quimica italiana, a Sociedade*

*Montedison, acusada de poluir as águas do mar Mediterraneo... "*

Abre-se largo sorriso no rosto do Comandante: - Esse juiz e dos meus! Italiano topetudo! - prossegue na leitura: *"...o objeto do debate: a fabrica de dióxido de titânio de Scarlino, inaugurada com entusiasmo pelos pobres moradores*

*desta provincia toscana e constantemente marcada por greves e interrupções do trabalho de seus 500 empregados..."*

Durante a leitura, chega o vate Barbozinha, fica a ouvir. O Comandante faz questão de começar de novo para o amigo não perder nenhum pormenor: na Italia aparecera por fim um juiz macho!

- Ouça com atenção este pedaço: *"Um dos defensores dos acusados, o advogado Garaventa, utilizou este argumento: a*

49

*diretoria da industria sempre agiu com todas as autorizações administrativas necessarias. Qual sera, no caso de uma condenação, a opinião dos cidadãos sobre a administração publica que concedeu as permissões?"*

- Bem argumentado! - atalha Barbozinha - Os homens estavam dentro da lei, agindo de acordo com as autoridades... - Dentro da lei, coisíssima alguma! As autoridades e que são salafrias, em conúbio com os monstros avidos de dinheiro. Ouça o resto: *"O argumento, entretanto, não intimidou o juiz Piglietta, pertencente a uma nova geração de jovens magistrados que não se detem ante os poderosos."* Bravos, juiz!

- Mas se os homens estavam agindo de acordo com a lei... - Que lei? Lei foi a que o juiz aplicou, escute e não interrompa, a gente discute depois, se voce quiser: *"Ele se baseou numa lei italiana de 14 de julho de 1965..."* - o proprio

Comandante interrompeu para comentar: - Bem recente, hein! Por fim, começam a aprovar as leis que se fazem necessarias... - retorna a leitura: - *"... raramente invocada, que prevê penalidades para todos os que lançam ao mar substancias estranhas aquelas que fazem parte da composição normal das águas naturais, que*

*constituam perigo para os peixes e que provoquem a alteracao quimica ou fisica do meio aquatico."*

Prosseguiu a leitura ate o fim, dona Carmosina ouvindo com renovado entusiasmo, Barbozinha distraidamente: *"Com seu veredicto, o juiz Piglietta pretendeu advertir todos aqueles que tomam o mar por uma lata de lixo, ameaçando de morte o Mediterraneo"*.

- Juiz porreta! Desses estamos precisando no mundo todo, a começar por Sao Paulo! Seu Barbozinha, nos nao nos damos conta do privilegio que e viver nesse pedaco de paraíso, criado por Deus e felizmente esquecido pelos homens! - volta-se para dona Carmosina:

- Posso guardar, Carmosina?

- Tirei a pagina para lhe dar...

Enquanto o Comandante dobra a folha de jornal, Barbozinha interroga dona Carmosina:

- Que houve com Tieta? Ouvei dizer que desencarnou... A pergunta recorda-lhe as revistas esquecidas por Elisa, dona Carmosina vai busca-las, coloca-as ao lado da bolsa: - Tomara que nao, mas tudo indica que sim. - Quem? - quer saber o Comandante.

- Antonieta, Tieta, sabe quem e, nao?... - E claro que sim... sucedeu-lhe alguma coisa? - Pelo jeito, morreu. Nao ha informacao, ainda. - Vai ver, de cancer, na poluicao de Sao Paulo. So os 50

milhares de automoveis a vomitar gases... Despede-se, dona Laura o espera:

- Obrigado pelo artigo, Carmosina. Esse juiz lavou-me a alma.

Carmosina prepara-se para fechar a Agencia, ainda deve passar em casa de Elisa antes do jantar, a pobre esta agoniada. Barbozinha, cabeça baixa, distante, concentrado, enxerga no horizonte algo invisível para dona Carmosina. Barbozinha e vidente.

Ninguém sabe outro segredo jamais revelado, esse, nem a agente dos Correios ele o confiou - ter sido Tieta a musa inspiradora dos mais belos versos dos dois livros publicados e dos ineditos, cinco volumes ineditos, do poeta De Matos Barbosa. Antonieta Esteves, paixao devoradora, fatal. Desencarnada, num circulo astral estrela

candente. Escrevera um derradeiro poema, a morte não existe, o bem amada, o corpo e reles envoltório, e de novo te encontrarei e serás finalmente minha pois te desejo desde há cinco mil anos quando, escravo, te reconheci princesa maia e o amor custou-me a vida; quis te libertar de um monastério na Idade Média e fui atirado ao calabouço, amarrado de correntes, preso às rochas: segui tuas pegadas nos rios do Indostão e meu corpo apodrecido boiou nas águas; te reencontrei um dia, pastora de cabras, saltando sobre as pedras.

**DAS REVISTAS DE FOTONOVelas E DAS PROVAS DE AMIZADE:  
CAPITULO RECONFORTANTE,  
PREPARATORIO DA GRANDE DISCUSSAO FAMILIAR**

- Você esqueceu de trazer as revistas. - Dona Carmosina as deposita em cima da mesa, puxa uma cadeira. A brisa do entardecer e as cores do crepúsculo envolvem Sant'Ana do Agreste. Barbozinha costuma parodiar os versos do poeta português: Que é dos pintores desse meu país divino que não vem pintar? Ele, De Matos Barbosa, cumpre seu dever; mais de cinquenta poemas e sonetos dedicou a paisagem de Agreste, ao rio Real correndo para o mar, as dunas da praia de Mangue Seco, onde, em distantes férias burocráticas, declamou para Tieta ardentes versos levados pelo vento. Barbozinha deixou dona 51

Carmosina na porta da casa, não quis entrar. Coberto de dor, mastigando um poema, dirigiu-se ao Bar dos Acores. Elisa não sente o frescor do fim da tarde, não enxerga as nuances de amarelo e roxo, de vermelho e azul a queimar o firmamento, quando o sol,

levado pelas águas do rio, vai se perder no mar, na distante linha dos tubarões, e a lua nasce por detrás das dunas. Tempo de lua cheia. Elisa, desfeita, os olhos inchados de chorar, dona Carmosina se impressiona. Golpe terrível, não há dúvida, para ela e Asterio, como equilibrar o orçamento sem a ajuda da irmã? Vão terminar nas minhas costas, adivinhara Perpetua, por ocasião de desespero anterior. Perdida, nem sequer folheia as revistas, ela sempre avida de saber de amores feitos e desfeitos, casamentos e desquites, brigas, festas, a vida brilhante dos astros de cinema, rádio, teatro, televisão. Revistas, Perpetua não as pagara, nem uma só. Porcarias! Indivíduos sem temor a Deus, mulheres mostrando as vergonhas, uma indecência essas revistas. Em minha casa, não entram. Se eu fosse Asterio... Felizmente não era, assim Elisa está a par de todas as fofocas e delira com as fotonovelas. O conhecimento de Elisa reduz-se aos artistas brasileiros; uma especialista, pode-se dizer. Não possui a visão universal de dona Carmosina, cuja erudição nesses apaixonantes assuntos não se limita às fronteiras pátrias. Não há minúcia que ela desconheça sobre os Beatles, antes, durante e depois da formação e dissolução do conjunto. Erudição, conhecimento, curiosidade, pelo simples prazer intelectual de saber e dar quinaus em Aminthas, tarado pelos Beatles e por todos os conjuntos de rock, desvairado pelo som moderno. Aminthas possui eletrola e gravador, gasta em discos e cassetes o que ganha e o que não ganha. Dona Carmosina, coração romântico, em matéria de música prefere mesmo Casa de Caboclo e Luar do Sertão; isso, sim, e música com melodia e sentimento, e não essa barulheira sem pé nem cabeça dos cabeludos. Provoca a indignação de Aminthas, desmontando seus ídolos: essa tal de Yoko é horrível, e ainda tira retrato nua. Espie: a cara e a bunda são iguais. - Vou buscar o dinheiro para pagar... - neutra, a voz de Elisa, os olhos ainda úmidos.

Passou a tarde chorando, constata dona Carmosina: - Deixe para depois.

- Para essas, ainda tenho...

Os olhos buscam a amiga do peito, companheira de longas



conversas sobre galas e estrelas do radio e da TV. Elisa so assistiu televisao durante os tres dias passados na Bahia, quando Asterio 52

foi consultar o medico, tirar radiografias; felizmente nada grave, apenas o susto a faze-los despender aquele dinheirao.No modesto hotel proximo a Rodoviaria, o luxo era o aparelho de televisao na saleta de frente, franqueado aos hospedes. Elisa nao desgrudou do video, maravilha das maravilhas. Agora, nem mais as revistas. Dos olhos saltam as lagrimas, as palavras sao soluços: - Se for verdade, para o mes nao posso mais comprar. Tire meu nome da lista.

- De todas cinco? - Dona Carmosina sabe a resposta mas pergunta para ter o que dizer. Como podera Elisa viver sem as revistas de fotonovela?

- De todas...

Dona Carmosina ergue-se, magnifica, amizade se prova nessas horas: - De todas cinco, nao! Duas eu lhe garanto, pago da minha comissao. Sem nenhuma, voce nao fica. Elisa se comove com o gesto mas a realidade se impoe: - Obrigada, Carmosina, voce e boa demais. Mas, nem eu aceito, nem voce e rica para botar dinheiro fora... - Tudo nao passa de conjeturas. E capaz de Tieta estar mais viva do que nos duas... - Dona Carmosina, aliviada, substitui por alento, por esperanca, a precipitada promessa de revistas semanais.

- E o que eu digo a todo mundo, que ela esta de passeio a bordo de um navio, como ja sucedeu...

- Cruzeiros maritimos... - volta a esclarecer dona Carmosina.

- ...mas digo sem conviccao, ja me convenci que ela morreu.

- O pior e que a noticia esta correndo na rua, e so no que se fala. Barbozinha ficou desolado, o pobre. Teve um namoro com Tieta pouco antes dela ir embora. Ele pensa que eu nao sei ... - Seu Barbozinha? Acabado daquele jeito ... - Faz quase trinta anos... era um rapagao, bem mais velho que ela, e verdade, e franzino. Franzino sempre foi ... Tieta nao gostava de mocinhos jovens... - Suspira, como passa o tempo! - Voce nao deve perder a esperanca. Onde esta a prova de que ela morreu? Me mostre, se puder. Agora, vou indo. - Fica em duvida, a pergunta a cocar-lhe a boca: - Voce vai

ao cinema? Se quiser, passo para lhe buscar.

- Hoje, nao. Perpetua vai vir para discutir com Asterio e comigo, ela inventou umas historias de heranca ... mas nao e por isso que nao vou... Nao vou, porque hoje nao tenho vontade, sabe? Nem ia ver o filme direito.

53

- Entendo... heranca, que conversa e essa? Elisa toma-lhe a mao, suplice:

- Se voce deixasse o cinema para amanha e voltasse, para mim ia ser tao bom! Acho que pra nos todos, ate para Perpetua. Voce entende dessas coisas...

- Pois eu volto, fique descansada. Engulo a comida, determino umas regras em casa, daqui a pouco estou aqui de novo. Ora, se vinha! Nao ha filme que a faca perder aquele prato, que invencao era essa, de heranca? Perpetua nao e tola. Ademais, o dever de amiga mandava-a estar ao lado de Elisa nessa hora de provacao. As duas coisas: o dever e o prazer, ha tao pouca diversao em Agreste, mesmo para a agente dos Correios. Pena fosse sabado, dia de cinema. O filme vinha de Esplanada, pela marinete, sendo exibido no sabado a noite e duas vezes no domingo, a primeira as tres da tarde, em matine. A sessao de sabado reúne a melhor gente, os graudos da cidade, varios com lugares marcados pelo habito, naquelas cadeiras ninguem senta: as cadeiras de Modesto Pires e da esposa, dona Aida, e duas filas atras, a de Carol. A matine, repleta de meninos a gritar, insuportavel: a cada tiro ou soco do cauboi uma algazarra, a cada beijo do mocinho o mundo vem abaixo. Na soare de domingo, repete-se a barulheira. Derradeira exibicao do filme, na bilheteria o arabe Chalita mercadeja lugares ao sabor da aceitacao da pelicula. Nas de pouco exito, vende a qualquer preco. Nos grandes sucessos, nem de pe e mais barato. A amizade exige sacrificios: amanha, em companhia de dona Milu, dona Carmosina enfrentara a sessao noturna dos domingos, o berreiro, a fumaceira. Cabeça baixa, ar doentio, Asterio chega diretamente da loja, nos sabados so apos o banho e o jantar vai as carambolas. Hoje tera

Perpetua em lugar de Aminthas, Seixas e Fidelio, em lugar de Osnar, perde na troca.

Dona Carmosina o considera, com lastima: um trapo. - Boa noite, Asterio. Vou em casa mas volto para a conversa. - A conversa?...

- Sobre Tieta...

- Ah! Sim. Que coisa mais sem explicacao. Nao entendo ... A luz dos postes, acesa ao toque da ave-maria, apenas atinge a calçada mas a lua cheia derrama ouro e mel sobre Agreste, iluminando as ruas e o rio, a estrada e os atalhos, os ultimos feirantes no caminho das rocas.

54

### **DO SENSACIONAL ENCONTRO ENTRE PERPETUA E CARMOSINA, COM CERTA VANTAGEM PARA A PRIMEIRA NO RAUNDE INICIAL**

- Quem disse foi doutor Almiro? Ele sabe. Eu nunca havia pensado nisso... - Asterio se anima, apacam-se as dores, diminui o mal-estar, presta atencao a conversa. Estirado na espreguicadeira, nao fosse a presença da cunhada e de dona Carmosina estaria na cama, enrolado nos lencois; vem passando mal desde a hora em que Elisa lhe fez sinal na loja e ele soube: nem carta, nem cheque. Doente, a ponto de nao tocar no cuscuz, na banana frita, contentando-se com uma xicara de cafe com leite, pao e requeijao. Contracoes no estomago. Insuportaveis. Perpetua chegara pouco antes das sete. Deixara Ricardo preparando os deveres, na segunda-feira o moco retornara ao seminario para as provas escritas e orais. As aulas terminadas, estando padre Mariano de passagem em Aracaju, trouxera o afilhado para o fim de semana em casa, com a obrigacao

de fazer banca, estudar para os exames. Uma reprovacao custar-lhe-ia a gratuidade do curso, adverte mais uma vez Perpetua antes de sair. Quanto a Peto, fugira para o cinema, menino endemoninhado. Assistia cada filme tres vezes, todas de graca, ajudava o arabe Chalita na bilheteria. Em Agreste, a censura nao vigora, todas as peliculas sao livres para qualquer idade, maes amamentam crianas de colo em plena sala, onde Peto, aos treze anos incompletos, aprende mais do que Ricardo, quase com dezessete, nas aulas do seminario. No cinema, na beira do rio onde passa boa parte do dia a pescar e a observar, no Bar dos Acores, torcendo, a tarde, pelo tio Asterio. Osnar, quando ganha, oferece-lhe guarana, sorvete, coca-cola. Peto ja sabe manejar o taco. Debochado, Osnar:

- E o taco ai debaixo, Sargento Peto, ja faz carambola? Ta chegando a idade de perder o cabaco...

Nem bem Perpetua tomara assento na cadeira de palha, a melhor da casa, ressoaram na porta as palmas e o sonoro com licenca de dona Carmosina. Perpetua fechou a cara: que perdera ali de tao precioso a agente dos Correios para abandonar a sessao de cinema do sabado, compromisso sagrado? Vinha meter o bico onde nao a chamavam, ditar razoes, palpitar, exhibir inteligencia e astucia, a sabichona. Elisa precipitara-se a acolher a amiga: 55

- Voce chegou quase junto com Perpetua. Sem esperar convite, dona Carmosina puxou o assunto, tomando a frente na conversa:

- Na rua, nao se fala noutra coisa. Fui chegando em casa e Mae foi perguntando: que e que aconteceu com Antonieta? Ouvi dizer que ela morreu. Ninguem sabe de nada, lhe respondi, so que a carta com o dinheiro que ela remete todo mes, esse mes nao chegou. Mae arregalou os olhos: Nao chegou? Entao ela morreu, so morta havia de deixar de cumprir a obrigacao. Conheci muito essa menina, quando tomava uma determinacao, nao havia conselho, ameaca, castigo que lhe mudasse o pensamento. Pode escrever: parou de mandar o dinheiro e que morreu. Va la, minha filha, e apresente meus pesames. - Uma pausa, dona Carmosina acrescenta: - O zunzum na rua so faz aumentar. A intrometida viera de proposito,

preferindo a conversa ao cinema; e capaz de Elisa ter pedido para ela vir, Perpetua tocou com os dedos o crucifixo do terço, no bolso da saia negra, contendo-se. Deixa pra lá, talvez até seja de ajuda; a antipática passa o dia sem fazer nada, a ler revistas e jornais, artigos enormes, domina uma quantidade de assuntos, bota banca. Perpetua não tinha dúvidas:

- Bateu a cacoleta! Disse a Elisa desde ontem, ela é que quer se enganar e enganar os outros...

- Esconder a evidência... - ilustrou dona Carmosina. Tais demonstrações de sapiência, Perpetua não as tolera. Dominou-se devido ao grito de Asterio, lançado do fundo da espreguiçadeira: - Ai! Vocês estão dizendo que ela morreu? Que Antonieta morreu? E isso?

Elisa teve pena do marido, o pobre de Deus recebera um choque; até ali a possibilidade da morte da cunhada não lhe ocorrera. Pensara em carta extraviada, em dificuldades momentâneas de dinheiro - também os ricos têm seus apertos -, em viagem, plausível explicação de Elisa. Em doença e morte, jamais. A afirmação caiu sobre ele como uma tonelada de chumbo.

- Ai! - gemeu, apertando o estômago, no rosto uma careta de dor.

- Você é o único em Agreste que não sabe que ela morreu e sua mulher a única a duvidar... - a voz sibilante de Perpetua revolvendo a chaga.

Dona Carmosina voltou ao debate:

- A bem dizer, provas não existem. Suposições, sim. Dura adversária, Perpetua atirou-lhe na cara a munição de 56

dona Milu:

- Que outra prova você quer, além da falta de cartas? Não ouviu o que sua mãe disse? Era assim mesmo: quando Antonieta decidia fazer uma coisa fazia até o fim, quem bem sabe sou eu. - Não há dúvida... - concordou, em termos, dona Carmosina: Suposições apoiadas em fatos concretos, porém suposições...

- Estamos desgraçados! - gemeu Asterio, dando-se conta da enormidade do acontecimento: - Como a gente vai viver, se ela

morreu?

Contendo o choro, Elisa trouxe um comprimido e um copo com água: - Tome, Asterio, o remédio para o estômago... - Que vai ser da gente? - o comprimido caiu da mão de Asterio, Elisa e dona Carmosina a procurarem pelo chão de tijolos, encontraram. Elisa o pôe na boca do marido, dá-lhe a água. - Nem para remédio vai sobrar - conclui Asterio num engulho.

Dona Carmosina balançou a cabeça, concordando: não será fácil. Não tanto para Perpetua, possui casas de aluguel e dinheiro guardado, mas Elias e Asterio vivem da loja mal sortida, das vendas aos sábados, lucro mingüado. Dona Carmosina tentou deixar de lado esses detalhes, insignificantes diante do fato maior da morte de Tieta, amiga de infância e adolescência, cujas confidências ouvira há tantos anos. Insignificantes? Não com o preço atual do ruge e do batom, do rimel e do esmalte, das revistas, cinco por semana - e Elisa esquecera de pagar as de hoje. Falara em pegar o dinheiro, não pegara. Se a morte se confirmar, dona Carmosina não poderá cobrar, carregará com o prejuízo. Amizade prova-se nessas horas.

Mas eis que Perpetua ergue o busto, o coque parece crescer no alto da cabeça, a voz fanhosa ganha força: - Ela morreu e nós somos seus herdeiros... A tal história da herança, dona Carmosina liga todas as antenas. Asterio, nas vascas da agonia, não entende: - O que é que você disse? Herdeiros? Como? Tempo suficiente para dona Carmosina consultar seus conhecimentos jurídicos e entrar de advogada: - Hum! É capaz que você tenha razão. Casada mas sem filhos... Os parentes herdam... Já li sobre isso, deixe-me ver ... Superiora, Perpetua põe em pratos limpos: - Outro dia conversei com doutor Almiro, quando ele esteve aqui por causa da herança de seu Lito. Metade para o marido, metade para os parentes próximos. Pai, mãe, irmãos. Nem que o morto não queira.

57

Foi nessa altura da conversa que se aplacaram as dores de Asterio, diminuiu o mal-estar do estômago, rogou confirmação: - Quem disse foi doutor Almiro? Ele sabe ...

**DO  
SEGUNDO  
RAUNDE,  
COMPLETAMENTE  
FAVORAVEL A DONA CARMOSINA, A CAMPEA DOS  
CORREIOS E TELEGRAFOS**

Nem Dona Carmosina, tomada de surpresa, tenta negar que Perpetua lavrara um tento. Confirma a tese juridica, mas exhibe aquele sorriso inocente, suspeitissimo, de quem possui naipe marcado, carta decisiva:

- E isso mesmo. Voces estao ai, estao ricos. Metade para seu Ze Esteves, a outra metade para voces duas. So falta encontrar o marido, nao e?

- Exatamente. - Perpetua domina a conversa e mesmo a agente dos Correios ouve com atencao: - A gente nunca soube o nome inteiro do marido dela. Felipe, como se nao tivesse pai. Rico, isso se sabe, comendador tambem. Mas Felipe de que? Que tipo de industria? Comendador do Papa ou do Governo? Sempre achei isso esquisito mas encontrei logo a explicacao, faz tempo. Ao contrario do que pensara dona Carmosina, a Perpetua nao bastara o cheque, o dinheiro mensal. Tambem ela pusera a cabeça a pensar, a deduzir. Igual a dona Carmosina, em cujos labios, no entanto, permanece o sorriso inocente, de crianca. - E que explicacao encontrou?

Todos ansiosos por saber, Perpetua esconde a vaidade na voz sibilante, desagradavel, apesar da subita fortuna: - O marido proibiu que ela nos falasse dele para nao ter, um dia, de prestar contas... exatamente para isso. - Sera? - Dona Carmosina demonstra o ceticismo. - Ela tinha era vergonha da gente, medo de que a gente, se soubesse mais sobre o marido dela, comecasse a explorar. - Para Elisa, as sujeiras, as mas intencoes sao dela, de Asterio, de Perpetua, do pai. Tieta e os seus sao ricos e bons, inatacaveis. -

Talvez. - Dona Carmosina parece pesar e medir, comparar os argumentos.

- Seja como for, minha parte ele vai me entregar, nem que eu 58

tenha de virar mundos e fundos. - Cada vez maior na cadeira, Perpetua nao se da ao trabalho de contestar Elisa: - Vou descobrir o endereço, quando ele menos esperar estouro na casa dele. O que e meu e de meus filhos ninguem tira.

- Tu falou hoje com padre Mariano, o que foi que ele disse? - Disse para nao nos apressarmos, que ainda nao ha provas da morte de Antonieta, que a gente esperasse. Espere quem quiser, nao eu! Segunda feira me toco para Esplanada, vou conversar com o doutor Rubim...

- Com o Juiz de Direito? - Dona Carmosina balanca a cabeça, parece de acordo. Os olhos pequenos, semicerrados, consideram Asterio e Elisa, pousam na imponencia de Perpetua refestelada na cadeira de palha, parece um sapo-cururu. Perdoa-me, Elisa, roubar a tua heranca, tu e Asterio merecem melhor sorte, mas nao posso suportar a arrogancia dessa caga-sebo. - E, essa historia de sobrenome do marido de Tieta, eu tambem sempre achei muito atrapalhada. So que cheguei a outra conclusao, diferente das de voces duas. Perpetua nao teme competicao:

- Pois venha la.

- Voce, Perpetua, nao levou em conta certos dados, eu diria pistas. Ela mandou falar nas enteadas, nao? - Sim, metade e para a familia dele.

- Nao e de heranca que falo, essa heranca nao existe... - Como?

- Nao diga isso ... - pede Asterio, recaindo em dores. - Tenho pena, Asterio, de lhe desiludir, mas se voces pensarem um minuto, se puserem as celulas cinzentas em acao, compreenderao que Tieta vivia, ou vive, com este senhor Comendador como esposa mas sem casamento legal, certamente ele e desquitado. Um casal como milhares de outros no Brasil. E a unica explicacao que existe e, nesse caso, somente a familia dele tem direito a heranca.



-Ai! - padece Asterio, vendo a fortuna dissolver-se, a riqueza ir agua abaixo, breve ilusao, novamente pobre como Jo.

**ONDE A CAMPEA DA SACRISTIA REAGE E GANHA O  
RAUNDE,  
SENDO  
A  
ADVERSARIA  
SALVA  
POR  
INESPERADA INTERRUPTAO NA LUTA.**

59

Perpetua e a unica que nao se altera, a nao ser que se chame de sorriso a leve contracao dos labios: - Como teoria, e engenhosa. Fora disso, nao vale nada. - Voce tem melhor?..

- A minha e melhor e tenho provas.

- Provas, como?

- Casada, casadinha da silva, no religioso e no civil. Posso garantir e vou provar.

- E o que eu quero ver. - Leve vacilacao na voz de dona Carmosina.

Elisa, em lagrimas. Asterio, rico e pobre, pobre e rico, sem saber se a dor persiste ou nao. Do fundo do bolso, Perpetua extrai um envelope e do envelope um recorte de jornal: - Voce, que le tanto jornal as custas dos outros, Carmosina, nao leu esse. - Vangloria-se da ajuda divina: - Quem e devoto de Sant'Ana, quem ocupa seu tempo com as coisas da Igreja, conta com a protecao de Deus.

- Fale de uma vez! - ate Asterio se irrita, ele, em geral tao timido diante da cunhada. - Desembuche! Recorte na mao, Perpetua nao tem pressa. - Ainda nao fazem dois meses, fui a Aracaju beijar a

mao de Dom Jose, saber dos estudos de Ricardo. Aproveitei e fiz uma visita a dona Nicia, a esposa do doutor Simoes, do Banco ... - Foi vender vestidos mandados por Tieta ... - Os que ficaram para mim. Melhor vender do que me exhibir com eles. Nas capitais, va la que se use, mas aqui ... Dona Nicia me mostrou um jornal de Sao Paulo, Folha da Manha, a pagina social com as noticias da gente importante, onde falavam numa amiga dela que foi visitar parentes. Me apontou uma noticia, dizendo: Penso que e sobre sua irma. Depois cortou o pedaco e me deu.

Coloca os oculos lentamente, aproxima o recorte da luz. Asterio se levanta da cadeira, Elisa muda de lugar para ficar perto, ninguem quer perder uma palavra.

Nesse momento exato, ouvem-se vozes na porta da rua: - Tenha calma, homem!

- Nem calma nem meia calma, cambada de ladroes! O velho Ze Esteves penetra na sala, acompanhado de Tonha. Plantado sobre as pernas, o rosto fechado em ira, ergue o bordao e brada:

- Quero meu dinheiro, seus ladroes! Onde meteram, que fizeram dele? O dinheiro que Tieta me manda e voces roubam! 60

Que invencao e essa de dizer que ela morreu e por isso o dinheiro nao chegou? Cambada de ladroes! Quero meu dinheiro, agora!

## **ONDE PERPETUA ASSUME A CHEFIA DA FAMILIA, APOS DERROTAR DONA CARMOSINA POR NOCAUTE**

- A bencao, Pai - fala Perpetua, tranquila na cadeira: - peco a vosmice que se sente e a mae Tonha tambem. Para ouvir noticias de Antonieta e do marido dela.

- Ela esta viva ou nao? Que invencao e essa de dizer que ela morreu? E so o que ouco falar. Foram la em casa para mais de dez

pessoas.

- O mais certo e que tenha morrido. Se morreu, como parece...

- ...nos estaremos ricos, seu Ze. Podres de ricos... - interrompe Asterio, ja sem dor, curado. Dona Carmosina recupera-se:

- Seu Ze, Perpetua vai ler uma noticia, no jornal de Sao Paulo, que fala de Tieta.

Tonha ocupa uma cadeira, o Velho permanece de pe: - Pois que leia. Novamente o recorte proximo a luz, Perpetua pigarreja limpando a voz, informa antes de comecar a leitura: - Tomei nota da data do jornal, 11 de setembro, nao tem ainda tres meses...

- Dois meses e dezesseis dias... - ninguem liga para a conta de dona Carmosina.

- O Comendador Felipe de Almeida Couto - le pausadamente Perpetua - e sua esposa, Antonieta, convidam os inumeros amigos e admiradores do casal para a missa em acao-de- graças, comemorativa dos seus quinze anos de casamento, que sera celebrada na Igreja da Se pelo mesmo reverendo, padre Eugenio Melo, que celebrou o matrimonio. A noite, Antonieta e Felipe abrirao as portas de sua mansao para receber com a fidalguia de sempre. De Brasilia vira especialmente para participar dos festejos o Ministro Lima Filho que, sendo na epoca juiz da capital, presidiu o ato civil. A champanhota se prolongara noite adentro, com dancas e ceia a meia-noite. 61

O recorte passa de mao em mao, cada um o le, o alivio e geral.

Perpetua fita dona Carmosina, num desafio: - Que me diz, agora?

Quem responde e Elisa, a voz vibrante:

- Quer dizer que tu sabia o nome do marido dela e nao disse nada a gente? - Elisa pensa na missa, na mansao, na festa, na champanhota.

- Sabia, ha mais de dois meses. Contar a voce pra que? Para que, me diga?

Asterio se exalta e propoe:

- Vou com voce a Esplanada, falar com o juiz... - Falar com o juiz? Por que? - pergunta Ze Esteves. - Por causa da heranca. Metade e

da gente. Perpetua explica:

- E, sim, Pai. Metade e da familia dele, metade e nossa, da familia de Antonieta.

- Eu vou tambem, quero saber disso direito. - Nao precisa ir ninguem. Eu vou sozinha, e melhor. Converso com o juiz em nome de todos, sem confusao. Depois a gente decide o que fazer. Expulsa a vencida dona Carmosina: - Nos, da familia, sem estranhos.

Ereta na cadeira, o busto erguido, o coque no alto da cabeca, Perpetua e o chefe da familia, assumiu o lugar. **DA MORTE E DO**

**ENTERRO DE TIETA COM SERMAO E**

**INESPERADAS REVELACOES DO PADRE MARIANO -**

**AO TURIBULO O SOBRINHO RICARDO , COROINHA.**

Naquele fim de semana em Sant'ana do Agreste, Tieta morreu e foi enterrada em meio a consternacao geral. Nao se faltara a verdade dizendo-se que toda gente da cidadezinha participou do prematuro velorio. A noticia atravessou os portoes da Fazenda Tapitanga, tirou o coronel Artur de seu sossego dominical, trazendo-o aflito as ruas de Agreste. O rebanho de Ze Esteves so prosperara enquanto Tieta, menina, dele se ocupou. Cabras gordas e parideiras.

Lgrimas e oracoes, tristeza e ameacas, compaixao e elogios, projetos e comentarios, gente a apresentar pesames. Alguns, rancorosos, mal escondendo a satisfacao de ver chegada ao fim a imerecida boa vida de Ze Esteves, de cujo passado de enrolao maldoso e salafrio guardavam memoria e cicatrizes. - Na dependencia de Perpetua, ele vai roer boca de sino ... - E o que tu pensa... agora e que o filho da puta vai se encher 62

de grana, nao ha justica na terra...

- Troque em miudos.

- A familia vai herdar um dinheirao, metade e dele. Velhas comadres, xeretas de idade indefinivel, esquecidas pela morte que so de raro em raro da-se a pena de passar por aqueles cafundos, desenterraram do profundo esquecimento onde jaziam sepultados os

desplantes e pecados da moca Tieta, de tamos comidos.

- Ainda me lembro da surra. Naquele tempo o Velho morava na praça, perto da gente. Foi quase de manha. Quebrou o pau com vontade.

- Também, aqui pra nos, ela fez por merecer. Desavergonhada, escandalosa. Ate homem casado. - Veja a cara de seu Barbozinha, e um desgosto so. - Dizem que nao se casou pensando nela. - Sera? E bem capaz. E essa historia de heranca, que e que voces sabem?

- Psiu! La vem Perpetua.

Caras de enterro, olhos lamurientos seguindo Perpetua no caminho do adro. O busto empinado, um pente negro de espanhola enfiado no alto do coque - nao o usava desde a morte do Major, presente dele -, o mesmo vestido dos funerais do marido, contudo parece mais moca do que aquela jovem de vinte e poucos anos, ja velha de mantilha negra, ja solteirona e carola apesar da pouca idade, a beata mais beata, a xereta mais xereta, indo xeretar da irma ao pai: todas as noites pula a janela, vai encontrar o caixeiro- viajante na beira do rio. Todo mundo fala, ela nos cobre de vergonha.

Andam para Perpetua, cercam-na, num coro de louvores a falecida, filha e irma admiravel, a ajudar a familia e agora a enriquece-la. Quantas missas vai mandar dizer pela alma dela? Pelos pecados antigos, em parte certamente perdoados por Deus, resgatados em vida de decencia e caridade. Mesmo as mais obstinadas a recordar malfeitos reconhecem os atributos de coracao, bondade e gentileza, o riso alegre, o prazer em ajudar, sem falar na graca e na formosura, rosto angelical, corpo, ai, de requebro e dengue.

Dona Milu resume tudo numa frase:

- Nunca fez nada por mal e o bem que fez nao tem medida. A boa filha, aquela que, sem guardar rancor, fora o amparo dos pais e das irmas, sendo a mae apenas madrasta e a irma mais moca apenas meia-irma, o que torna ainda mais meritorio o procedimento, mais valiosa cada moeda. Tudo isso vindo de Sao 63

Paulo, da grande metropole, onde Antonieta triunfara, com marido rico e ilustre, industrial, comendador, paulista de quatrocentos anos,

dinheiro a farta, a la godaca. Elevando o nome de Sant'Ana do Agreste.

Um filho da terra chegara a possuir padaria em Cascadura e, recordando a cidade natal e a santa padroeira, batizou-a de Panificacao Sant'Ana do Agreste; enviou aos parentes fotografias da inauguracao. Fotografias, varias; dinheiro que e bom, nem um tostao - segundo parece, a esposa, unha-de-fome, nao permitia. Na capital do Estado alguns se destacaram, a frente de todos o poeta De Matos Barbosa, cujo nome completo, Gregorio Eustaquio de Matos Barbosa, se reduziu a Barbozinha na estima de seus concidadaos, em geral orgulhosos dos versos e da filosofia do ex-funcionario da Prefeitura Municipal de Salvador, do boemio recordado nas mesas dos cafes que, alias, ja nao existem. De cronica ainda mais extensa, o comandante Dario de Queluz, cujo amor ao clima de Agreste e a paisagem de Mangue Seco o fizera abandonar a Marinha de Guerra para vir instalar-se de vez e para sempre na terra onde nascera, trazendo com ele a esposa, dona Laura, robusta gaucha logo adaptada aos costumes locais. Vive o casal mais na Toca da Sogra, casinhola plantada entre coqueiros ao lado das dunas de Mangue Seco, do que no pequeno bangalo da cidade onde se acumulam mascaras, barcos, santos, animais, pecas esculpidas a canivete nas cascas de coco seco ou em pedacos de coqueiros. Como se nao lhe bastasse a patente, a condicao invejavel de militar, a saga das viagens - ate no Japao esteve -, acumula sucessos de artesao, a admiracao geral, um artista de mao cheia. Ele e Barbozinha, os dois primeiros. Falando de cultura, talvez deveresemos acrescentar o nome de dona Carmosina Sluizer da Consolacao, o que ela sabe e demais; nunca saiu, porem, de Agreste, a nao ser em rapidas idas a Esplanada. Falta-lhe o verniz das cidades grandes, da vida metropolitana. Nao deve ser esquecido, entre os ilustres a triunfar la fora, o Dr. Jose Augusto de Faria, farmaceutico em Aracaju. E terminou-se a lista, pois Ascanio Trindade nao chegou a se formar, deixou a faculdade de Direito no segundo ano.

Ninguem, nenhum deles, poeta, militar, farmaceutico, dono de padaria no Rio de Janeiro, voou tao alto, obteve exito igual,

elevando aos paramos da gloria o nome da obscura e decadente cidadezinha de Sant'Ana do Agreste, como Antonieta Esteves a brilhar na alta sociedade paulista, unica entre todos a ostentar fortuna, gastando dinheiro a rodo, o nome nos jornais do Sul.

Aminthas, Osnar, Seixas e Fidelio, os tacos em repouso: 64

- Como e mesmo o nome do marido? Matarazzo? - Nada disso, um nome tradicional, quatrocentao, Perpetua sabe.

- Prado, talvez.

- Nao, parece que sao dois nomes, desses importantes. - Asterio vai lavar a egua... dinheirama retada. Paulista sem preconceitos, casou com moca furada. Os costumes mudam de lugar para lugar; em Agreste e circunvizinhancas ainda hoje moca para casar deve ser virgem - e ainda assim raras casam pois os homens emigram em busca de trabalho, restando para as mulheres a igreja, a cozinha, as colchas de retalho, o croche, os dias longos, as perturbadas noites. No Rio e em Sao Paulo, porem, casamento ja nao exige virgindade, obsoleto prejuizo. Alias, a moda se faz nacional, estende-se pais afora, a pilula esconde o rombo. Nao chegou, porem, as margens do rio Real; houvesse Tieta permanecido em Agreste, nunca arranjaria marido. Mas, em Sao Paulo, quem liga para os tres vintens das mocas? La o que conta e a categoria, a classe, a beleza, a inteligencia. Nenhuma boa qualidade foi negada a Tieta, durante o fim de semana, quando a cidade se comoveu com o anuncio de seu falecimento. Enterraram-na virtuosa, exemplar. Ao cair da tarde do domingo, na hora da bencao, ninguem mais sustentava a fragil tese de Elisa - Tieta esta viajando, gozando a vida, em New York ou em Paris, em Saint-Tropez ou em Bariloche. Nem ela propria, desfeita, amparada pelo marido e por dona Carmosina. Ao abençoar o povo, padre Mariano, sem querer assumir responsabilidade por noticia nao inteiramente confirmada, referiu-se no entanto, com visivel sentimento, a triste versao a circular nas ruas. Louvou o coracao puro daquela que, tendo merecido os bens do mundo, nao esqueceu a familia distante, a terra onde nascera.

Emocionado, revelou aos fieis ter sido doacao de Antonieta, e nao de

anonimo paroquiano como fora dito na occasiao, a grande, a magnifica imagem em gesso da Senhora Sant'Ana, entronizada com festa e jubilo havia tres anos, em substituicao a anterior, velhissima, semidestruida pelo tempo, de carcomida madeira, sem valor nem arte.

Como se ve, tambem o padre Mariano possuia um segredo em comum com Tieta, conhecido apenas de dona Carmosina, e obvio. Tambem ele, alem da agente dos Correios e do sobrinho Ricardo, a ela se dirigira, as escondidas, em peditorio. Sorri dona Carmosina, ao lado de Elisa. Por seu gosto estaria no fundo do adro com os rapazes, comentando. Amizade obriga, porem. O sobrinho chora, em frente ao altar, todo paramentado, a saia 65



branca, a bata vermelha, a sacudir o turibulo, odor de incenso, bastante para os servos de Deus, nunca mais o perfume no envelope.

- Beleza de coroinha! - murmura Cinira, gulosa, a beira do barricao, uma coceira nas partes.

- Divino! - Dona Edna estala a lingua no outro lado da igreja, de joelhos ao lado de Terto, muito seu marido embora nao pareca.

Ricardo, envolto em fumaca, ouve o louvor do padre a velha tia. Pensa nos cabelos brancos, nas rugas, nas maos tremulas, mais avo do que tia. Modesta, a generosa doadora exigira nao fosse revelado seu nome. Somente agora, quando funebres noticias se ouviam, padre Mariano, passando por cima da promessa feita, poe os pontos nos *i*, para que todos os devotos da Senhora Sant'Ana rezem com ele pela saude de tao piedosa filha de Agreste, rogando a Deus nao passe a tragica nova de rebate falso, encontrando-se a boa dona Antonieta em gozo de perfeita saude. Alguns rezaram. Pela alma da defunta; em perfeita saude ninguem a acreditou.

66

## **POST-SCRIPTUM SOBRE A VELHA IMAGEM**

Em nenhum momento falou Padre Mariano sobre o destino da velha imagem. Ainda bem, pois o novo cardeal anda com a mania de investigar o sucedido com as antigas e valiosas esculturas de santos, roubadas das igrejas ou vendidas a antiquarios e colecionadores.

Quem pode, de boa fe, culpar o Padre? A imagem, pedaco de pau corroido pelo tempo, em pessimo estado, inutil, ele nao a jogara no lixo por ter sido consagrada seculos atras. Mas quando o famoso artista apareceu, atraido pela beleza da praia de Mangue Seco, e enxergando a destronada imagem da padroeira relegada a um canto

da sacristia, ofereceu por ela o dinheiro necessario a compra do turibulo, padre Mariano nao vacilou. O novo incensorio, precioso nas maos de Ricardo a cercar de olorosa fumaca a imagem da Senhora Sant'Ana - a nova, refulgente, em gesso, pintada de cores lindas, uma obra de arte - foi adquirido com o dinheiro pago pela apodrecida madeira carunchosa. O artista afirmara tratar-se de problema de devocao: no reino dos ceus era a Senhora Sant'Ana a sua preferida e quanto lhe dissesse respeito, mesmo sem valor material - caso da velha imagem tocava-lhe a alma, por isso a levava deixando razoavel quantia em doacao a igreja. So quem o conhece sabe ate onde vai a labia do pintor Carybe. Muitas dele eu poderia contar, se me restasse tempo, cada qual pior.

Hoje, restaurada, a velha imagem e parte da famosa colecao de outro celebrado artista, Mirabeau Sampaio. Como la foi ter, nao me atrevo sequer a pensar. As barganhas entre esses cavalheiros sao mais sujas e imorais do que a de dona Carmosina com Canuto Tavares, por mim desmascarada antes.

## **DA RESSURREICAO E DO LUTO**

Tieta ressuscitou na terca-feira, as cinco e vinte da tarde, e somente entao a familia falou em luto. Na preocupacao com os problemas resultantes da falha do cheque e das possibilidades de heranca, nao houvera tempo. Nem necessidade. Morreu, acabou- 67

se. De que lhe serviria roupa preta dos parentes? Missa, sim, pelo descanso da alma. De setimo dia, com certeza. De mes, caso a dinheirama se confirmasse.

Na terca-feira, a marinete atrasou: dois pneus furados, o motor pifando a cada cinco quilometros, nada alem do costumeiro. Assim, so de tardezinha dona Carmosina abriu a mala do Correio. Na mesma viagem, Perpetua regressou de Esplanada para onde fora na

vespera, em companhia de Ricardo que ali tomou o onibus para Aracaju. O juiz a recebeu apos o jantar e ao final da conversa felicitou-a pelo empenho em defesa dos interesses dos filhos, do pai e da irma. - Para mim nao quero nada, Meritissimo, mas pelo direito de meus filhos, de minha irma e de meu velho pai brigo ate morrer. Pobre, sozinha e desprendida. O juiz se impressionou e dona Guta, empolgada, serviu a corajosa viuva bolo de aipim e licor de pitanga. De volta, Perpetua trouxe volumosa bagagem de conhecimentos e conselhos. Em Sao Paulo, informara o juiz, ela encontraria facilmente advogado disposto a se ocupar da causa, financiando-lhe as despesas, a base de participacao nos lucros obtidos, se a questao, como parecia, oferecesse reais possibilidades de vitoria. Cobram porcentagem elevada, naturalmente. Quantos por cento? Nao saberia dizer com exatidao: talvez quarenta, cinquenta por cento. Tanto? Um desproposito, doutor! Minha cara senhora, para correr o risco, botar dinheiro no fogo, pedem caro, e justo. Os jornais do Sul publicam anuncios de escritorios de advocacia que trabalham nessas bases. Existem, inclusive, especialistas em causas perdidas, mas a porcentagem em tais casos sobe a setenta, oitenta por cento. Doutor Rubim releu a noticia no recorte da *Folha da Manha*. Os Almeida Couto, gente grauda, minha senhora, da nata, muito dinheiro e muitos brasoos. Se os dados da questao estiverem corretos, tal como a senhora afirma, trata-se de causa ganha. O mais provavel e que nem causa venha a haver, logo se chegue a acordo, gente desse porte nao ama ver-se imiscuida em trincas na Justica. A senhora e sua familia precisam apenas de um bom advogado. Deus lhe pagara, Meritissimo, o tempo perdido com uma pobre viuva, sua criada as ordens. De volta, acertara com o Velho e com Asterio a divisao das despesas da viagem: deixara Peto com Elisa, levando Ricardo, cujas ferias comecarao dai a uma semana. Em Esplanada averiguara os precos das passagens de onibus para Sao Paulo, embarcaria em Feira de Sant'Ana. Nem o preco, as despesas, a distancia, nem os perigos da cidade grande, nada a amedronta. Nao chegara a ir a Salvador com o Major como haviam programado; Perpetua sente um aperto no coracao ao 68

recordar o projeto. Mas não viajou sozinha a Aracaju, para falar com o bispo, agradecer a matrícula de Ricardo? Fora e depois voltara várias vezes, onde o perigo? São Paulo é maior, capital mais desenvolvida, mas não pode ser muito maior nem muito mais assustadora, Aracaju é um colosso.

Encontrava-se Perpetua ainda no banho, tentando limpar-se da poeira, quando dona Carmosina abriu a sacola das cartas registradas. Havia apenas uma, a de Antonieta. Num brado de aleluia, dona Carmosina, abandonando resto da remessa, saiu, porta afora, desabalada para a casa de Elisa, a carta na mão, bandeira desfraldada ao vento:

- Chegou, Elisa, chegou!

- Deus seja louvado!

Abriram o envelope, lá estavam o cheque e novidades sensacionais: houvera morte, sim, não existe fumaça sem fogo. Mas quem morrerá fora o Comendador e não era nenhum Almeida Couto de quatrocentos anos e braços. Nem por isso menos rico industrial paulista,

Comendador

Felipe

Cantarelli,

meu

inesquecível esposo, quase um pai, cujo passamento me deixa viúva inconsolável. Para consolar-se, rever a família e, quem sabe, adquirir casa na cidade, terreno na praia, de preferência nas imediações de Mangue Seco - no futuro, viria curtir a velhice e esperar a morte na docura do clima de Agreste - Antonieta anuncia próxima chegada. Avisarei com tempo e levo comigo Leonora, minha enteada, filha do primeiro matrimônio de Felipe. - Ela vai vir, Carmosina! Ela vai vir, que coisa boa! - também Elisa ressuscita.

Convocados às pressas, acorreram todos: o pai e Tonha, Asterio vindo do bar acompanhado pela turma solidária, Perpetua trazendo Peto pela orelha.

Como se fosse o chefe da família, dona Carmosina, de pé, solene, declamou a carta, Asterio apoderou-se do cheque para desconta-lo.

Enquanto ouvia, Perpetua engoliu informacoes e conselhos do juiz, a viagem a Sao Paulo, a heranca; com Antonieta viva, viuva milionaria, mudara a situacao, cabia adaptar-se. Perpetua ergueu-se das cinzas e fitando a familia reunida, comandou: - Fosse quem fosse, o falecido era nosso parente, genro, cunhado e tio. Devemos mandar dizer missa por sua alma e botar luto. Quando nossa querida irma chegar, deve nos encontrar vestidos de negro, sofrendo com ela. Eu sei o que ela esta passando, conheco a dor da viuvez.

69

Dona Carmosina nao conhece mas pode imaginar. Virar a perna na cama de casal, a noite, e nao encontrar o apoio do corpo do marido, do homem antes a compartilhar do leito, solidao medonha, ai! Maior so a solidao da solteirona, dor sem tamanho, nem sequer a recordacao da gostosura.

70

## **SEGUNDO EPISODIO**

### **DAS PAULISTAS FELIZES EM SANT'ANA DO AGRESTE OU A VIUVA ALEGRE**

**COM LUTO FECHADO, MISSA DE  
DEFUNTO,  
OS  
MENINOS  
DO  
CATECISMO,  
MINISSAIAS  
E  
CAFETAS  
TRANSPARENTES,  
BANHOS DE RIO, AREIAS E DUNAS**

**DE  
MANGUE  
SECO,  
INTRIGAS  
DIVERSAS,  
SONHOS  
PEQUENO-  
BURGUESES**

**E  
AMBICOES  
MATERNAS,  
COXAS,  
SEIOS**

**E  
UMBIGOS, PASSEIOS E JANTARES,  
RECEITAS  
CULINARIAS,**

**O  
DISCUTIDO PROBLEMA DA LUZ  
ELETRICA,  
ORACOES**

**E  
TENTACOES, O TEMOR DE DEUS, AS  
ARTES DO DEMONIO, UM CASTO  
IDILIO, OUTRO NEM TANTO; ONDE  
SE TRAVA CONHECIMENTO COM O  
BEATO  
POSSIDONIO,  
PROFETA  
ANTIGO. DIALOGOS ROMANTICOS**

**E  
CENAS  
FORTES  
(PARA  
COMPENSAR)**

**PRIMEIRO FRAGMENTO DA NARRATIVA, NA QUAL -  
DURANTE A LONGA VIAGEM DE ONIBUS-LEITO DA  
CAPITAL DE SAO PAULO A DA BAHIA - TIETA  
RECORDA E CONTA A BELA LEONORA CANTARELLI  
EPISODIOS DE SUA VIDA. AQUI VAI A AMOSTRA:  
OUTROS  
LANCES,  
MAIS  
SUBSTANCIAIS,  
VIRAO  
DEPOIS**

- Penso que as cabras nao sentiam o sol, nao esse calorzinho daqui, o calorao de la, o sol em brasa nas pedras. Nem elas, nem eu.

Nas pedras, as cabras imoveis sob o sol; pedras, estatuas, elas tambem. De subito saltam, disparam a correr, uma, logo outra, todas. Vao descobrir tufos de capim nos mais altos oiteiros. - Eu ia atras, pastoreando. As cabras me conheciam, eu botava nome, apelido em cada uma. Chamava, elas atendiam. Cuidava delas, quando uma se feria nos espinhos, eu tratava, punha mastruz nas feridas.

- Que idade voce tinha, Maezinha?

- Acho que dez anos, quando comecei. Dez ou onze, tinha terminado o grupo escolar.

Preferira o sol cozinhando pedras, a terra arida, os cactos, as serpentes, os lagartos, o coaxar dos sapos na agua do riacho, os calvos cabecos dos morros, as touceiras de capim, as cabras - enquanto a primogenita cuidava da casa. - Perpetua nasceu velha, nem sei como conseguiu casar. Mocinha, se meteu na sacristia da igreja com as carolas, a mais beata de todas. Para ela eu era o diabo em pessoa... - ri: - Tinha razao, eu nao era gente. Desde pequena, vi o bode Inacio montando cabras.

Inteiro, sereno e majestoso, o bode Inacio, pai do rebanho, aparece, passo medido, cavanhaque longo, inhaca forte. De bagos assim de grandes, quase a tocar a terra, senhor da chibarrada, patriarca dos

caprinos.

Lento e inexorável, vem vindo para o lado da cabrita irrequieta no primeiro cio, os quartos agitados a aproximação de Inácio, as patas traseiras escoiceando o ar, na idade de ser coberta e emprenhar. Caminha Inácio no rastro do aftim da fêmea, o saco balancando. Emite o berro, vibrante e límpido, anúncio, ameaça, declaração de amor.

- Primeiro eu via, não ligava, era nova demais. Mas depois, quando comecei a ter as regras, o berro de Inácio entrava por mim 72

adentro. Passei a espiar, me estendia no chão para ver melhor. A cabrita dispara, Inácio não se dá ao trabalho de correr, para e espera; a menina aprende. Duas ou três escapadas mais e ele monta a indocil quando assim decide, dono, pai do rebanho. Deitada no chão, a moleca aprecia, não perde detalhe. De brucos contra a terra safara, sente um calor subindo pelas pernas até os gorgomilos, vontade, moleza. Inácio era um bodastro, um bodastro e tanto, a chiba se debateu quando ele a fez cabra e a emprenhou. Um berro final de dor e acolhimento. Ecoando no ventre da menina. Conjugados cabra e bode na altura sobre as pedras, petrificados, rocha única, penhasco, capricornio. - Assim eu aprendi. Vi mais que isso, nos meus começos. Mais.

Não só assiste ao bode Inácio montar as cabras. Acontece-lhe ver, escondida nos oiteiros, moleques se pondo nelas. Osnar e seu bando de perdidos. Homens feitos também. O próprio pai, imaginando-a ausente.

- Em casa, um deus-nos-acuda, austero, moralista por demais, mandando todo mundo para a cama nem bem a gente se levantava da mesa do jantar. Em namoro, era proibido se falar. Namorado de filha minha se chama palmatoria e taca de tanger burro; bordão de marmelo e o nome completo, roncava Ze Esteves. Punha-se nas cabras quando julgava o pasto vazio. Existiam cabras viciadas.

- Eu era uma cabrita, igual a elas. A primeira vez não teve diferença.

- Com que idade, Maezinha, a primeira vez? - Sei lá. Treze, quatorze



anos, botei sangue cedo. - Depois?

- Fui cabra viciada, não havia homem que me desse abasto.

## **ONDE O AUTOR REDIGE CONCISA NOTICIA SOBRE O PROSPERO E LONGINQUO PASSADO DO MUNICIPIO DE SANT'ANA DO AGRESTE E SUA DECADENCIA ATUAL**

Enquanto o povo comenta a excitante nova do próximo retorno da filha prodiga, as beatas na igreja, os ociosos no bar, os comentários fervendo, a Agencia dos Correios engalanada em festa, aproveito para constatar desde logo a benéfica influencia 73

de Tieta. Ainda na rodagem para a Bahia e já influenciando no burgo natal, retirando-o do marasmo no qual mergulhara havia tantos anos.

A notícia não atinge e comove somente a população urbana; espalha-se por todo o município, despertando curiosidade e interesse das mansas margens do rio as encapeladas vagas do mar atlântico, segundo revela Barbozinha em estado de poesia. Elabora um poema em versos livres e atico sabor, onde Venus surge das ondas, nua, coberta de espumas e conchas, rediviva. Atualíssimo e um tanto erotico.

Ninguém ficou indiferente, em toda a população de alguns milhares de pessoas - nem mesmo dona Carmosina pode fornecer o número exato de habitantes de Agreste; no censo de 1960 somavam nove mil, setecentos e quarenta e dois cidadãos prestáveis e imprestáveis, pois vários passavam dos noventa e muitos dos oitenta anos; no último lustro após o recenseamento, a população diminuiu, não em consequência de mortes ainda mais raras que os nascimentos e sim da sistemática partida dos jovens em busca de oportunidades noutras terras. O visitante, chegado a essas ruas mortas nos dias de hoje, exausto com a travessia na marinete de Jairo, entupido de poeira, hospede da pensão de dona Amorzinho, não acreditara que, antes da construção da estrada de ferro ligando Bahia a Sergipe,

Agreste foi terra de muito progresso e muito movimento comercial, entreposto da maior importancia para todo o sertao dos dois Estados. Naquela epoca, a prosperidade presidia os destinos do atual cafundo de Judas. A situacao privilegiada do municipio, as margens do rio, estendendo-se ate o mar, fizera de Sant'Ana do Agreste o centro de abastecimento de toda uma enorme regio. Navios e escunas vinham ate a altura da barra de Mangue Seco, paravam ao largo, as alvarengas recolhiam a carga. De Agreste, no lombo dos burros, as mercadorias partiam no rumo do sertao. Hoje, existe apenas a pensao de dona Amorzinho, no comeco do seculo existiam para mais de dez, repletas sempre de comerciantes e caixeiros-viajantes, as lojas e armazens nao davam abasto a freguesia. Casa de mulher-dama, nem se conta, uma animacao, um correr de dinheiro. As melhores residencias da cidade datam dessa epoca, tambem o calcamento de pedras da Praca da Matriz e das ruas do centro. Os ricos mandavam vir pianos e gramofones, encomendavam retratos coloridos a firmas do Sul, para pendurar nas paredes das salas. Construiram o sobrado da Intendencia, ergueram a nova Matriz de Sant'Ana, deixando a velha capela para a devocao de Sao Joao Batista, cuja festa em junho, precedida pela de Santo Antonio e seguida pela de 74

Sao Pedro, trazia a Agreste forasteiros ate de Sergipe, alem dos numerosos estudantes em ferias, libertos por quinze dias dos internatos na capital. Agreste em junho era uma alegria so, dancas e foguetorio todas as noites, apos as trezenas e novenas. Das primeiras cidades a instalar eletricidade, das ultimas a conservar a vacilante luz amarela e fraca do cansado motor, ainda nao substituido pela ofuscante luz da usina de Paulo Afonso. Quem adquiriu o motor e iluminou o entao florescente burgo foi o intendente coronel Francisco Trindade, avo de Ascanio. Deve-se ao neto, em dias recentes, obstinada luta para trazer ate ali os fios de alta-voltagem da Hidreletrica do Sao Francisco que, como a estrada de ferro e a rodovia, haviam passado longe dos limites do municipio. Nos ultimos decenios, o progresso so fizera desfechar golpes contra

Agreste. O primeiro, o mais terrível: a construção da estrada de ferro, trilhos a ligar a capital baiana a Sergipe, chegando às ribanceiras do rio São Francisco, em Propriá; deixando nossa cidadezinha à margem, orfa de trem-de-ferro e de estação onde as mocas namorarem. Tentou manter-se Agreste no convívio dos navios e escunas mas o transporte de mercadorias fez-se mais fácil e muito mais barato nos vagões da ferrovia. Dispersaram-se as tropas de burros, as alvarengas apodreceram junto aos mangues, de raros navios e escunas desembarca apenas contrabando e mesmo assim sem outro lucro para Agreste além da paga recebida pelos pescadores de Mangue Seco, pois não é do município que os gêneros tomam destino. As lanchas nem escalam em Agreste, indo diretas para o porto do Crasto, em Sergipe. Só Eliezer, morador na cidade, ali ancora, de volta da entrega, vem dormir em casa. Não se pode considerar comércio digno de tal nome a garrafa de uísque escoces, de gim inglês, de conhaque espanhol que Eliezer surrupia e vende a Aminthas ou a Seixas, a Fidelio; nem o vidro de perfume com destino certo: Carol, a retraída moça de Modesto Pires. Essa moça, aliás, precisa aparecer mais nas páginas deste folhetim para proveito e goáudio de todos nós.

As esperanças do retorno à prosperidade concentraram-se durante longo tempo na rodagem, anunciada com ruidoso espalhafato, a vir do Sul cruzando o país inteiro pela costa. Enquanto isso, Agreste diminuiu à olhos vistos, os caixeiros-viajantes desertaram das ruas: restando poucas lojas e armazéns, os pedidos não pagavam as custas da viagem. Fecharam-se as pensões, já ninguém vinha de longe para as festas de junho, apesar da água continuar a fazer milagres, do clima manter-se digno de sanatório, da insólita beleza ribeirinha e da audácia da praia de 75

Mangue Seco, incomparável.

A rodovia, como se sabe, passou a quarenta e oito quilômetros de poeira e lama. Novo e definitivo golpe do progresso, Agreste entregou-se de vez, reduzida à mandioca e às cabras. Nem trem-de-ferro, nem caminhões, nem sombra de estação, ferroviária ou

rodoviaria, onde as mocas namorarem. No ancoradouro, meia duzia de canoas, o barco de Pirica, a lancha de Eliezer e os caranguejos, gordos, gordissimos. Em materia de comida, nada se compara a um escaldado de caranguejo com pirao de farinha de mandioca, verde-escuro, pirao de lama como se chama aqui. Nunca comeram? Uma lastima, nao sabem o que e bom. Manjar a exigir tempo e paciencia para catar a carne dos caranguejos, pata por pata, faz-se raro ate mesmo em Agreste onde sobram o tempo e o gosto. Mas vale a pena, eu asseguro. E de se lamber os dedos; come-se com a mao, ensopando-se o pirao na gordura verde do molho, na lama incomparavel do caranguejo. O povo ja perdeu as derradeiras esperancas, os mocos partem na marinete de Jairo, mocos e mocas, porque nos ultimos anos tambem as mulheres comecaram a buscar vida melhor em terras mais ricas. Vao ser copeira ou cozinheira, costureira ou bordadeira, grande numero acaba na zona, em Salvador, em Aracaju, em Feira de Santana. Muito apreciadas, por sinal.

#### DE ASCANIO TRINDADE, INTEMERATO PATRIOTA E LUTADOR, COM AS DURAS PENAS QUE EM SINA LHE COUBERAM

So Ascanio Trindade nao perde o folego de lutador nem a esperanca de um milagre a salvar Agreste - ama a terra onde nasceu e a qual a doenca do pai o fizera regressar, abandonando o curso de Direito. Ja nao tem obrigacao a cumprir em Agreste, pois seu Leovigildo finalmente morrera apos infindaveis cinco anos, preso a cama, sem movimentos, apenas um olho aberto a fitar o vazio. Ascanio fora enfermeiro e ama-seca, pai e mae, dando banho naquele corpo inerte, limpando-o, pondo-lhe o de- comer na boca, duras tarefas. Rafa, a escura mae-de-leite, mal podia ajudar, por mais quisesse, velha e reumatica, sem forcas. Ascanio tomava nos bracos o corpo do pai, levando-o para deita- 76

lo ao sol sob a goiabeira, no quintal, fazendo-lhe muda companhia horas e horas. Sempre tranquilo, sem uma queixa, nem dos estudos

interrompidos, nem da longa provacao. O olhar do pai, um unico olho, a acompanha-lo agradecido, basta ao filho. Esse ja ganhou o reino dos ceus, diziam as beatas.

Apos o enterro de seu Leovigildo, havia dois anos, Ascanio, se quisesse, poderia ter-se demitido do cargo de Secretario da Prefeitura, onde o pusera o padrinho, coronel Artur da Tapitanga, quando o viu sozinho com o pai paralitico e sem tostaõ. Demitir-se, para que? Para voltar a cidade da Bahia, recomencar a faculdade? Maior do que a falta de recursos, era a falta de vontade. Na capital, Astrud, casada, ria a inesquecivel, cristalina gargalhada - aqui, em meu desterro, carregando a cruz de meu Calvario, ouco teu riso de cristal e reencontro forcas; nos dias mais penosos a recordacao de teus olhos verdes me sustenta o animo. Dona Carmosina derramara lagrimas lendo as violadas cartas, quanto amor!

Noutra coisa nao pensou Ascanio no primeiro ano, senao no dia do retorno. Mas quando, abrupta, Astrud lhe comunicou o proximo casamento, sem sequer ter desfeito o noivado, ele jurou nao por mais os pes na cidade onde habitava a traicao. Sobretudo depois que Maximo Lima, seu colega de faculdade, advogado a prosperar na Justica do Trabalho, lhe informara haver a inocente, a imaculada Astrud, casado de bucho inchado, nao fosse solto o vestido de noiva e se enxergaria o volume da barriga de quase quatro meses. Ja de menino e ainda escrevendo cartas de amor para Ascanio, prossequindo no casto idilio, candida menina, puta sem rival! Isso lhe doia mais que tudo: acreditara na pureza, no firme sentimento, deixara-se iludir como uma crianca tola, ingenuo paspalhao.

Ademais, habituara-se a vida de Agreste, no que ela tinha de melhor: a agua, o ar, a paisagem, a convivencia dos amigos. So nao aceitara a passividade do atraso, da pobreza, o marasmo. A cabeça repleta de planos, nao se deixa abater. Terra tao misera e largada, Agreste nao interessa nem mesmo aos politicos, raca alias em extincao. Entregue a Prefeitura ao doutor Mauritonio Dantas, cirurgiao-dentista de forcas reduzidas pelos desgostos e pela esclerose, trancado em casa a bem da moralidade publica, quem realmente manda e desmanda e Ascanio. Ha um consenso geral: quando o doutor bater as botas, colocaraõ Ascanio no cargo vago,

se possível prefeito para a vida inteira.

A verdade é que, praticamente sem receita além da quota federal do imposto de renda, e da escassa ajuda estadual, Ascanio 77

mantem a cidade limpa, calçou, com pedras do rio, ruas e becos, inaugurou duas escolas municipais, uma na Rocinha, outra em Coqueiro, e busca obter, a custo de ofícios, petições às autoridades, cartas aos jornais e às estações de rádio, que se estendam a Agreste os fios da Hidrelétrica. Até agora, infelizmente, não teve sucesso. Postes e fios alteiam-se nos municípios vizinhos. Agreste é um dos poucos deixados de lado no plano recente de expansão dos serviços da Hidrelétrica. Ascanio não desanima, porém. Prossegue em sua luta. Acredita que um dia, fatalmente, a fama do clima, a qualidade da água, a beleza da paisagem trarão as arterias e as praias de Agreste turistas ávidos de paz e natureza.

Ao ouvi-lo falar há quem sorria do ardente entusiasmo, Agreste não tem jeito: mas há quem se empolgue e por um momento sonhe com ele, veja realidade nessa fantasia; como sempre, as opiniões se dividem. Somam-se unânimes, sem divergência, ao julgar o próprio Ascanio. Não há, em todo o município, cidadão mais estimado, mais bem visto. As moças casadoiras não tiram os olhos dele. Ascanio completou vinte e oito anos, que espera para escolher noiva? Quando prefeito não poderá continuar fregues da casa de Zuleika.

Por mais de uma vez, dona Carmosina lhe colocou o problema, na Agência dos Correios. Tanta moça bonita e prendada em Agreste e todas desejosas. Ele sorri apenas, sorriso triste. Dona Carmosina não insiste: leu a correspondência toda, linha por linha, repete de memória trechos da derradeira missiva, resposta à comunicação do próximo casamento - quem te escreve, Dalila, e um morto, frígido coração que, da sepultura onde o enterraste apunhalado, vem te desejar felicidade; que o remorso não turve tua vida e que Deus me conceda a graça de esquecer-te, arrancar do peito tua imagem... Um poeta, Ascanio Trindade, se escrevesse versos, nada ficaria a dever a Barbozinha. Pelo visto não esqueceu, não pensa em noiva.

Sorri apenas um sorriso triste. Outra? Jamais. Nem que um dia

desembarque da marinete de Jairo a mais formosa das donzelas, a mais pura e sedutora. Coracao morto para o amor, minha querida dona Carmosina.

78

DA VOLTA DA FILHA PRODIGA A AGRESTE, ONDE, NO PONTO DA MARINETE, A AGUARDAM A FAMILIA EM LUTO PELA MORTE DO COMENDADOR, OS MENINOS DO CATECISMO, PADRE MARIANO, ASCANIO TRINDADE, COMANDANTE DARIO, POETA DE MATOS BARBOSA, O ARABE

CHALITA,  
DIVERSAS  
OUTRAS  
FIGURAS

GRADAS, SEM ESQUECER A MALTA DO BILHAR, MUITO MENOS DONA CARMOSINA, NA MAO UM BUQUE DE FLORES COLHIDAS NO JARDIM DE CASA POR DONA MILU, O CLERO, A BURGUESIA E O POVO, ESTE REPRESENTADO PELO MOLEQUE SABINO E POR BAFO-DE-BODE

Agrupados em quatro ou cinco locais, nas vizinhanças do cinema, ponto de parada da marinete de Jairo, esperam ouvir a buzina rouquenha na curva da entrada da cidade. Na igreja, sob a batuta do padre Mariano, os meninos do catecismo, nas roupas domingueiras, além de Perpetua e do filho seminarista, de batina e livro de missa, risonho mocetão em férias. No adro, movimentam-se as beatas, bando de urubus a grasnar; prontas para o magno acontecimento, o desembarque da viuva rica: querem vê-la em luto e em pranto nos braços da família, e de quebra, a enteada, a forasteira. Dia gordo.

No Bar dos Acores, a exceção do proprietário em mangas de camisa, todos engravatados: Osnar, Seixas, Fidelio, Aminthas, guarda de honra do cunhado Asterio, sufocado no terno negro, empréstimo de

Seixas, magricela. Perpetua concordara com que, durante a semana, Asterio reduzisse o nojo a bracadeira preta, ao fumo no chapéu e na lapela. Mas, para a cerimônia das boas-vindas, exige luto fechado, traje, gravata e compunção. - Faz questão porque não tem de comprar, vive de luto. Mas onde vou arranjar dinheiro para fazer terno? - Tive de comprar para Peto.

- Um par de calças curtas, ora.

- Por que não toma emprestado? Seixas aliviou o luto. Boa lembrança, não fosse a diferença de peso entre os dois. A duras penas, com o auxílio de Elisa, conseguiu enfiar as calças. O paletó não abotoa e abriu sob os dois sovacos mas o descosido só aparece quando Asterio levanta os braços. Peto foge da igreja e da mãe, vem para o bar. Cara lavada, cabelos penteados, coisas raras; camisa branca de mangas compridas, gravata borboleta, antiguidade do falecido Major. O pior são os sapatos. Os pés, livres nas ribanceiras e na correnteza 79

do rio, não se adaptam. Osnar goza a figura e as caretas do menino:

- Sargento Peto, você está uma teteia. Se eu fosse chegado a comer menino, hoje era seu dia. Sua sorte é que não sou apreciador.

- Não chateie.

Apesar dos sapatos, Peto não esconde a satisfação: durante a permanência da tia dormira em casa de Asterio, no quatinho dos fundos, longe das vistas e dos horários estritos da mãe, poderá acompanhar Osnar e Aminthas, Seixas e Fidelio pelas ruas, à noite, nas escusas cacadas a provocar comentários e risos: - Passa fora, moleque, isso é conversa de homem... Só Osnar abre-lhe perspectivas!

- Um dia desses, Sargento, eu lhe levo pra cacá. Tá chegando a idade. Vá preparando a espoleta.

Perpetua decidira que no quarto de Peto ficaria a enteada de Antonieta. Como o resto da casa, foi lavado com creolina, esfregado, varrido até a última partícula de pó, folhas de pitanga no chão, para perfumar. Há uma semana a pequena Araci, emprestada por Elisa pelo tempo que durar a estadia das paulistas, se entrega a uma



faxina em regra.

Residencia confortavel, na esquina da Praca da Matriz com o Beco das Tres Marias, Peto nao necessitaria mudar-se, caso Perpetua tivesse aceito a opiniao de Asterio: as duas hospedes no quarto de Ricardo, os dois meninos no de Peto. Mas Perpetua, num desparrame de cortesia - fora atacada da mania de grandeza ou tinha algum plano armado na cabeca? Dona Carmosina ainda nao chegara a uma conclusao -, decidira colocar Antonieta na alcova fresca e ampla, deixando-lhe, por mais inacreditavel possa parecer, o uso da cama de casal com colchao de la de barriguda, onde rebolara com o Major durante o tempo feliz e curto do matrimonio. Contado nao se acreditaria: o quarto dela e do Major? Impossivel! Como as coisas mudam, Deus do Ceu! Dona Carmosina arregala ao maximo os olhos miudos, num espanto. Cama de casal, colchao de barriguda, penteadeira, armario enorme, moveis pesados, de jacaranda. O Major comprara a casa mobiliada nas vespas do casamento, uma pechincha. O unico herdeiro de dona Eufrosina, falecida aos noventa e quatro janeiros, um sobrinho, vivia em Porto Alegre, nunca pusera os pes em Agreste, mandou vender casa e moveis por qualquer oferta, desde que a vista. Tampouco havia outro candidato, nem a vista nem a prazo.

Da sala de visitas, enorme, oito janelas dando para a rua, sai o corredor ate a sala de jantar. De cada lado, dois quartos, um dos 80

quais, em frente a alcova, desde priscas eras transformado em gabinete de leitura pelo finado doutor Fulgencio Neto, esposo de dona Eufrosina, medico de fama nos idos do progresso. A secretaria, com dezoito gavetas, sendo uma delas cofre com segredo; a estante com livros de medicina em frances e obras de Alexandre Dumas e Victor Hugo. O Major nao buliu no gabinete, gostava de nele permanecer apos o almoco, sentado em frente a escrivaninha, lendo jornais da Bahia, atrasados de uma semana, ou tirando uma pestana na rede. Ali Ricardo faz banca, mesmo em ferias, uma hora por dia. A seguir, face a face, os quartos de Ricardo e Peto, ambos requisitados por Perpetua. No de Ricardo, onde fica o oratorio,

dormira ela propria; no de Peto, a tal de Leonora. Ricardo ocupara o gabinete onde ja estao seus livros de estudo.

Acomoda a moleca Araci no deposito de frutas, no quintal, sobre improvisada enxerga. Perpetua comandou a arrumacao e a limpeza da casa. Comandou tudo quanto se referiu a chegada e estadia de Tieta.

Cheia, a Agencia dos Correios e Telegrafos: o comandante Dario e dona Laura, Barbozinha de barba feita, homenagem a antiga namorada, Ascanio Trindade, representando a Prefeitura - doutor Mauritonio cada vez pior, vendo mulheres nuas - e Elisa num negro, vaporoso e esvoacante vestido de gaze, dos enviados por Antonieta nos pacotes de roupa usada. Exibira antes audacioso decote: agora composto, fechado no pescoco, exigencia de Perpetua, fiscal de trajas e modos para o desembarque. - Pelo menos tape os peitos. Isso e vestido mais para baile do que para luto, mas sendo o unico preto que voce tem, va la, desde que o arrume. Ela vai chegar de luto fechado, a gente tem de estar de acordo. Imagine que o Velho queria que se fizesse uma festa, convidasse meio mundo. Ela chega chorando a morte do marido e em vez de luto encontra festa, ja pensou? Para que as flores nao murchem, dona Carmosina colocou o buque dentro de um copo com agua. Sob a influencia da dialetica de Perpetua, discutira com a mae, talvez flores nao caissem bem por ocasio da chegada da viuva aflita, em nojo recente. Dona Milu nao quis conversa: entregue as flores a ela e diga que fui eu quem mandou. Se a gente manda flores ate para defunto, por que viuva nao ha de ter direito? Ora essa... - Meu Deus, nao chega nunca! - Elisa, por mais que se esforce para manter-se compungida, nao consegue conter a agitacao, misto de alegria e medo.

Alegria sem medida de conhecer a irma, a fada, a rica, a elegante, a gra-fina, a paulista, a protetora. Receio por causa da 81

louca mentira, da omissao da morte de Toninho com o fim de embolsar a ajuda mensal. Dona Carmosina fizera o possivel para acalma-la.

- Quando ela perguntar por Toninho, o que e que eu vou dizer?

- Diga a verdade. Diga que eu lhe aconselhei a não contar e deixe o resto por minha conta.

- Será que ela me perdoa?

- Conheço Tieta, não vai fazer caso. Pode deixar comigo. Persiste outra nuvem a turvar sua alegria: a vinda da enteada, quase filha, dona de um lugar no coração de Tieta que Elisa deseja todo inteiro para si.

Na entrada do cinema, o árabe Chalita palita os dentes, perdido em recordações: Tieta era mais bonita ainda do que a irmã, a mulher de Asterio. Bonita e atirada, um fogo a lhe comer as carnes. Na porta lateral, a sorveteria: um pequeno balcão, uma gaveta e a catimplora que o moleque Sabino maneja, enchendo-a diariamente de sorvete de fruta para ganhar uns niqueis, pagos pelo árabe. Também Sabino se botou de calça e camisa limpas, sapatos e meias. Por seu gosto, teria posto fumo no braco, considerava-se da família; pau mandado de Asterio, caixeiro, moco de recados, tirador de cocos. Só não usou braceira negra com medo de dona Perpetua, uma peste. Sentado no passeio, Bafo de Bode curte a cachaca em silêncio. Curioso de ver a estampa dessa falada filha de Ze Esteves, que ele não conhece: quando chegou a Agreste, havia vinte e cinco anos, em busca de remédio e de aguardente, ela já partira, coube-lhe recolher esmaecidos ecos da surra nos últimos comentários, gastos e vasqueiros. No ponto exato onde a marinete para, junto ao poste diante do cinema, na calçada, Ze Esteves e a esposa Tonha. Para o casamento de Elisa o Velho mandara tingir de preto, em Esplanada, antigo e desbotado traje azul. Não o veste desde então. O paletó parece um saco, as calças frouxas. Ze Esteves já não é o gigante de outrora, um pé de jacaranda, uma fortaleza, mas ainda se mantém firme, ali, de pé, há quase duas horas, mascando fumo, apoiado no bastão. Tonha, se pudesse, pediria uma cadeira ao árabe; onde a coragem de expor ao Velho seu cansaco? Usa luto aliviado, apenas saia preta e faixa de crepe na blusa branca. Também remoto é o parentesco, como fez notar Perpetua, marcando diferenças e distâncias.

Com duas horas e dez minutos de atraso, soa na curva a buzina da marinete de Jairo, correria geral. Perpetua e padre Mariano ordenam

as tropas. A marinete despona no comeco da rua. Ouve-se um primeiro soluco, antes da hora. 82

## **MINUCIOSA**

### **DESCRICA**

#### **DO**

### **CONFUSO**

## **DESEMBARQUE DE TIETA, A FILHA PRODIGA OU**

## **ANTONIETA ESTEVES CANTARELLI , A VIUVA**

### **ALEGRE**

Na primeira fila, a familia, tristeza expressa nos olhares, nas lagrimas, nos trajés. Um passo a frente dos demais, o velho Ze Esteves, mascando fumo. Em seguida aos enlutados parentes, o reverendo, os meninos do catecismo, as pessoas gradas, dona Carmosina, buque em punho, o colorido alegre das flores destoando do crepe e do choro - essa criatura para aparecer passa por cima dos sentimentos mais sagrados, indigna-se Perpetua, por baixo do veu preso ao coque, a lhe cobrir o rosto. Depois, as beatas e o resto da populacao.

A marinete se aproxima, Jairo ao volante, poucos passageiros. Para Jairo dia magro, para Agreste dia gordo, dia de matar o carneiro pascoal, de foguetorio e festa em honra da filha prodiga, nao fosse ela viuva em nojo e dor. Cabem somente luto e lagrimas, cantoria de igreja.

As conversas cessam, Peto se alteia na ponta dos pés, assim a tia desembarque ele caira fora, arrancara os sapatos. A marinete estanca num rumor cansado de juntas e molas. Peto conta os passageiros que descem: seu Cunha, um, o casal de roceiros, dois, tres, dona Carmelita, quatro, a criada, cinco, esse eu nunca vi, seis, nem esse, sete, seu Agostinho da padaria, oito, a mulher dele, nove, a filha, dez, a tia Antonieta e a moca vao ser os ultimos. Mesmo Jairo salta antes, carregado de maletas e bolsas das esperadas viajantes. Com Jairo fazem onze, agora doze, e ela, por fim.

Sera ela? Peto fica em duvida. Nao pode ser, a tia deve estar de luto,

veu funebre tapando o rosto, igual a mae, nao pode ser de maneira alguma essa artista de cinema, Gina Lollobrigida. Na porta, sobre o degrau, majestosa, Antonieta Esteves - Antonieta Esteves Cantarelli, faca o favor, exige Perpetua. Deslumbrante. Alta, fornida de carnes, a longa cabeleira loira sobrando do turbante vermelho. Vermelho, sim, vermelho igual a blusa esporte, de malha, simples e elegante, marcando a firmeza dos seios volumosos dos quais se ve apreciavel amostra atraves da gola de botoes abertos. A calca Lee azul colada as coxas e a bunda, valorizando volumes e reentrancias, - que volumes!, que reentrancias! Os pes calcados com finos mocassins havana. O 83

unico detalhe escuro em todo o traje da viuva sao os olhos esfumacados, lentes e armaçao quadradas, o podre do chique, assinados por Christian Dior. O espanto dura uma fracao minima de tempo, um tempo imenso, uma eternidade. Peto, vitorioso, exclama: - A tia nao esta de luto, Mae. Posso tirar os sapatos e a gravata? Antonieta, paralisada sobre o degrau, na porta do onibus: diante dela a familia de luto pela morte de Felipe, o inolvidavel esposo, e ela em tencinicolor, em azul e vermelho, blusa aberta, esportivas calcas Lee, ai, meu Deus, como nao pensara em luto? Estudara cada pormenor e os discutira com Leonora, meticulosamente. Esquecera o mais importante. Mas ja Ze Esteves cospe o pedaco de fumo e estende os bracos para a filha prodiga: - Minha filha! Pensei que nao ia mais te ver mas Deus quis me dar essa consolacao antes da morte.

De cima do degrau da marinete, Antonieta reconhece o pai. O pai e o bordao. E o mesmo, o mesmissimo cajado que cantou em suas costas naquela noite de fim do mundo. Um frouxo de riso sobe dentro dela, nao consegue conte-lo, estremece, incontovel som a romper-lhe a boca, apenas tem tempo de encobrir o rosto com as maos, antes de saltar. Acorrem todos a consolar a viuva em pranto, filha prodiga afogando os soluços nos bracos do pai, comovente instante. Nem Perpetua se deu conta. Elisa chora e ri, de repente desafogada, a irma sendo como imaginara, sem tirar nem por. Unica

a estranhar o curioso som inicial, dona Carmosina aproxima-se com as flores tao de acordo com o traje de viagem de Tieta.

Enquanto Tieta vai de abraço em abraço, disputada pelas irmãs, pelo cunhado, pelos sobrinhos - tire os sapatos, meu lindo, fique a vontade -, presa aos beijos sem conta, as lágrimas de Elisa, na porta da marinete de Jairo aparece a mais formosa, a mais doce e sedutora donzela, esbelta juventude, uma sílfide como logo reconheceu e proclamou o vate De Matos Barbosa. Parada, a contemplar a emocionante cena, emocionada ela também. Encantadora no slaque delave, bone da mesma fazenda rodeado de cabelos loiros, acinzentados pela poeira, Peto reconhece a própria mocinha dos filmes de caubói. Um murmúrio de admiração percorre a rua, Tieta, desprendendo-se dos beijos de Elisa, apresenta:

- Leonora Cantarelli, minha enteada, minha filha, não tem diferença.

84

Dona Carmosina volta-se para Ascanio Trindade e o surpreende embevecido. E agora, amigo? Leonora amplia o meigo sorriso, abarcando a todos, detendo-se em Ascanio a fixá-la, atoleimado.

- Feche a boca, Ascanio, e vá ajudar a moça a descer - ordena dona Carmosina.

Adianta-se Ascanio, oferece a mão a paulista: seja bem-vinda às terras de Agreste, pobres, sadias e belas, perdoe o atraso e o desconforto. Ricardo põe o joelho em terra para pedir a bênção a tia mas ela o ergue e o toma nos braços, beija-lhe as faces: meu padrecó mais garboso!

Após compreensível indecisão, o padre Mariano resolve, não vai perder, por uma questão de protocolo, o difícil trabalho de adaptação da letra de uma ladainha e de quinze dias de ensaios. Faz um sinal, os meninos do catecismo cantam:

*Vestida de negro*

*Ela apareceu*

*Trazendo nos olhos*

*As cores do luto.*

*Ave! Ave!*  
*Ave Antonieta!*

A mão ainda na mão de Ascanio, encantada, Leonora deixa escapar o riso cristalino, muito mais cristalino, oh!, muito mais!, do que o da finada Astrud. Finada e sepultada, ali, naquela hora, em frente ao cinema, sob os pneus carecas da marinete de Jairo. Antonieta, de abraço em abraço:

- Carmo, meu anjo, que alegria! Como vai dona Milu? Foi ela quem colheu as flores? Carina... Veja, virei italiana em São Paulo, vou dizer querida e digo carina... - a Tieta de sempre, jovial, marota, não mudou, mesmo dizendo carina para dizer querida.

- Barbozinha! E você? Quase não lhe reconheço! - As agruras da vida, Tieta, o sofrimento... - Sempre escrevendo versos? Lembra dos que fez para mim? Lindos.

- Somente e sempre para você. Esta mais moça e ainda mais bonita.

- E você continua mentiroso, Barbozinha. Adulador. Ei-la em Sant'Ana do Agreste, em meio a família em luto, a ouvir os meninos do catecismo: obrigada, padre, de todo o coração. Do mar, chega a brisa da tarde, vem saudá-la. Com a 85

ajuda de Sabino, Jairo desembarca as malas, a bagagem viaja no teto da marinete, coberta com lona grossa como se alguma cobertura adiantasse contra a poeira do caminho. - Vamos, minha filha - convida Ze Esteves oferecendo o braço, apoiando-se no bastão.

- Para minha casa - tenta comandar Perpetua em meio aos destroços da violada compunção.

Cabe-lhe a culpa, a mais ninguém. Como pudera imaginar Tieta vestindo luto por marido? Fizera da irmã a sua igual, como se dinheiro, alta sociedade, casamento com paulista rico e comendador do Papa pudessem consertar quem nasceu torta, rebelde a códigos, leis e respeito humano, sem regua nem compasso.

Antonieta Esteves Cantarelli toma do braço do pai, circula o olhar, sorri para as beatas, para o árabe Chalita, para o Comandante e

dona Laura, para Jairo, para o moleque Sabino, para Bafo de Bode a fita-la da calcada, a medir e conferir. De tao misero e podre, cabe-lhe o direito a insolencia. A voz molhada de cachaca vibra na rua, em aprovacao entusiastica: - Viva o belo pe de buceteiro!  
- Viva! Viva! Vivoo! - apoiam os meninos do catecismo.

## DE PORTAS E JANEIAS E DO CORACAO DE JESUS NA SALA DE VISITAS OU OS PRIMEIROS MOMENTOS NO SEIO DA FAMILIA

Na esquina da Praca com o Beco das Tres Marias, a comitiva se detem.

- Chegamos - anuncia Perpetua. - Vamos entrar. - Tua casa? Esta? A que era do Doutor e de dona Eufrosina? - surpreende-se Antonieta. Nas cartas, Perpetua referia-se a nossa casinha, adquirida pelo Major antes do casamento, na praca Desembargador Oliva. - Mas, aqui e a Praca da Matriz. - O nome correto e Praca Desembargador Oliva - esclarece dona Carmosina.

A casa do Doutor, a casa de Lucas. Antonieta veio preparada para enfrentar as recordacoes mas os equivocos comecaram logo ao desembarque, ao perceber o Velho empunhando o bastao. 86

Nunca imaginara hospedar-se ali, na casa onde Lucas permanecera apos a morte do Doutor, estudando as possibilidades de clinica. Valeria a pena estabelecer-se?

Perpetua atribui a surpresa da irma exclusivamente a dimensao da casa, sentimentos opostos a possuem. Satisfacao a deleita-la, nao e uma morta de fome, miseravel mendiga. Medo da reacao de Tieta que pode considerar abuso o pedido de ajuda mensal para a criacao dos filhos. Impoe-se uma explicacao: - Foi uma dadiva de Deus, caida do ceu. O Major pagou uma bagatela pela casa e tudo que tinha dentro. Os amigos se despedem com promessas de visita proxima: - Vamos aparecer uma hora dessas - avisa o Comandante. - Venham hoje de noite para se conversar. - Hoje, nao, e dia da familia.

- Dia de matar saudades... - acrescenta dona Laura, sorridente.



- Amanha, entao.

- Amanha, sem falta.

Pelo gosto de Ascanio, voltaria nessa mesma noite, nao basta a familia o resto da tarde? Alem do mais, Leonora e parente afim, encontra-se em Agreste pela primeira vez, nao tem saudades a matar, vai ficar a margem da conversa familiar. Pena ele nao ter a cara dura de dona Carmosina:

- Pois eu venho e hoje mesmo, com Mae. Quando sai ela me disse: Hoje de noite vou em casa de Perpetua, visitar Tieta. - Trouxe uma lembrancinha para ela, uma tolice. Por que nao vem jantar com a gente? Posso convidar, Perpetua? - A casa e sua. Gracias a Deus, tem comida com fartura. Antes mesmo de tomar banho - preciso de um banho imediatamente, tenho poeira ate na alma, alias precisamos, as duas, - Antonieta esclarece:

- Enquanto nos estivermos aqui, a despesa da casa corre por minha conta.

Perpetua esboca um gesto de protesto, nao chega a completa-lo, a ricaca corta qualquer tentativa de discussao: - Se nao for assim, pegamos nossas malas e vamos para a pensao de Amorzinho.

- Nesse caso, nao discuto... - apressa-se Perpetua a concordar, liberta do peso maior. Resta o menor: as despesas feitas para acolhe-las convenientemente, divididas entre ela, Asterio e o Velho.

Nem esse prejuizo terao, Antonieta completa: - Comecando pelo que ja gastaram para nos esperar. 87

- Ah! Essa nao! - intromete-se Elisa: - Uma besteira, coisa a-toa. Fizemos uma vaquinha, coube um pouco a cada um. - Tu fala como se fosse rica - Perpetua desmascara a irma, nao ha coisa pior do que pobre metido a besta: - Se esquece que Asterio teve de tomar dinheiro emprestado a Osnar para completar a parte de voces?

- Cala a boca, mulher! Elisa empalidece. Perpetua a humilha de proposito em frente a irma e a forasteira. Por que expor diante da enteada a pobreza do casal?

- Perpetua tem razao, Elisa, minha filha. Se eu nao pudesse, esta certo. Mas por que hao de fazer sacrificios sem necessidade? Mais

tarde Perpetua ou Asterio me diz quanto gastaram e pronto. Enquanto fala, Antonieta aproxima-se, abraça Elisa, beija-a afetuosamente - ha entre elas um ar de familia, uma parecido no rosto e no jeito, so que a mais moça nao herdou a obstinacao, a teimosia do velho Ze Esteves a marcar Perpetua e Antonieta, aquela dureza de pedra, a audacia das cabras. Mas nao herdou tampouco a resignacao da mae.

- Nao tenha vergonha da pobreza, minha filha. Hoje possuo alguma coisa mas enquanto fui pobre - eu comi o pao que o diabo amassou -, nunca me fiz de rica. Se fizesse, quem ia me ajudar? Nem bem conheci Felipe, fui logo pedindo dinheiro emprestado a ele.

Acarinhada, tratada de filha, Elisa recupera as cores e o prejuizo:

- Pediu dinheiro emprestado ao noivo?

- Que noivo nem meio noivo, so depois e que veio o noivado. Quando fui apresentada a ele, estava tesa. Um dia, com mais tempo, eu conto. Agora, quero e tomar banho. Queremos, nao e, Nora?

- Nora?

- E o apelido dela. Essa, eu criei. Veio para minha companhia menininha, o que sabe, eu ensinei. Onde fica nosso quarto?

- O seu aqui, Tieta, e a alcova. O de Leonora ali, aquele - aponta Perpetua. - Cardo, Peto, levem as malas. Ajude tambem, Asterio.

Por que Tieta nao protestou, nao pediu para ficar junto com a filha de criacao como exigiam as boas maneiras? A janela da alcova abre sobre o Beco das Tres Marias, a porta face a face com a do gabinete.

- Dorme alguem no gabinete?

- Ricardo.

- Eu, tia. Qualquer coisa que precise de noite, e so chamar. Moreno, alto e forte, a suar saude e inocencia na batina. Se 88

fosse em Sao Paulo usaria cabelos nos ombros, nao tomaria banho, puxaria fumo, perdido maconheiro como os filhos de tantos amigos seus: Antonieta esta cansada de ouvir historias tristes. Sorri para o sobrinho.

- Se o bicho-papao quiser me pegar, grito por voce. - Esta tocada pelas atencoes e gentilezas: - Tomaram tanto incomodo por nossa causa.

- Demais. - A voz musical de Leonora, em tom menor, nao se eleva nunca: - A gente pode ficar as duas no mesmo quarto. - Agora ja esta tudo determinado, e tarde - diz Tieta, por que diz? A sombra de Lucas, na alcova.

Asterio, Ricardo e Peto sem sapatos, conduzem malas e pacotes.

- Cuidado com essa caixa, Peto. E fragil. Alias, o melhor e eu entregar logo.

Antonieta toma o embrulho majestoso, coloca-o sobre a mesa da sala de jantar, em torno a ansiosa curiosidade dos parentes: - Uma lembranca para tua casa, Perpetua. Experiente, Asterio desfaz os nos do cordao encerado, enrola-o, dobra o papel grosso, otimos, mesmo sujos serao uteis na loja. Cresce a ansiedade ante o vistoso papel para presente, fita cor-de-rosa, larga, o laco formando uma flor. - A fita voce desata, Perpetua - Asterio cede-lhe o lugar. Contendo o alvoroço, Perpetua toma da ponta da fita, le a etiqueta: Loja do Senhor Jesus -Objetos Religiosos a vista e a prazo. Pague sua devocao em doze meses. Sera, por acaso, aquilo com que ha tanto tempo sonha, acalentado projeto de compra, encomenda a ser feita na Bania? Teria havido inspiracao divina a comandar a escolha, iluminando o pensamento de Tieta? Deus, por vezes, usa empedernidos pecadores como instrumento para recompensar os justos.

Puxa a fita, surge a caixa branca. Retira a tampa, entrega-a a Asterio de que materia e feita assim tao leve? Isopor, explica Antonieta ao cunhado.

Uma exclamacao geral, de admiracao e aplauso. Do peito em chamas de Perpetua escapa um oh! de gozo profundo ao enxergar, na caixa de isopor, o objeto de seus sonhos, apenas bem maior em tamanho e em boniteza, em virtude certamente. Quanto maior, mais bonita e cara a imagem, mais santa e milagrosa. Deus inspirara Antonieta: na caixa, alto-relevo em gesso, o Sagrado Coracao de Jesus. Nos cabelos, na face, nas maos, nas vestes, no manto, todas

as cores do arco-iris. Exposto o rubro, amantissimo coracao, a chaga aberta. A gota de sangue semelha descomunal 89

rubi. Peca digna do altar-mor da Matriz de Aracaju. Ajudada por Asterio e Ricardo, com extremo cuidado Perpetua retira a pesada efigie - nem quadro nem escultura, tendo algo dos dois e sendo coisa nova, jamais vista em Agreste, alto-relevo para ser pendurado em parede. Nas costas, forte armacao de arame; a parte, uma especie de base de madeira onde pousa-lo. Ate os pregos vieram, grandes, especiais, de aco cromado, coisa de ver-se. Tieta respira:

- Felizmente chegou inteiro. Para voce botar em sua sala de visitas, Perpetua.

-Ai, que coisa mais divina! Ate tenho palpitacoes. Nao sei como agradecer, mana!

Perpetua beija a irma na face, de leve e de longe. Assim beija os filhos e a mao de Dom Jose, a do padre Mariano. Ao Major, como teria beijado? Se lhe fosse perguntado, Perpetua responderia que os casais unidos em santo matrimonio, abencoados por Deus, tem direito ao convivio carnal. Direito e obrigacao. Mas certamente nao diria que da lembranca daqueles beijos ela vive. Peto alisa o isopor:

- Da a caixa pra mim, Mae?

- Esta maluco? Largue essa caixa ai. Deixe tambem o papel e o cordao, Asterio. Posso precisar.

- Vou buscar o martelo, Mae? - Ricardo se oferece, segurando a peanha.

- Nao tem nenhum que se compare nem aqui nem em Esplanada. O de dona Aida e de seu Modesto, ao lado desse, desaparece - vangloria-se Perpetua.

- Irma como essa e que nao ha igual no mundo. - Mesmo ao adular, Ze Esteves e bravio e virulento. Para Perpetua nao e hora de discutir qualidades e defeitos de Tieta, nem sequer a maneira impropria como conduz a viuvez. O ouro paulista, a comenda papalina, a imagem do Coracao de Jesus fazem-na perfeita.

- Tem razao, Pai. Irma generosa como Tieta nao ha. Custa-lhe pronunciar as palavras mas o futuro dos filhos exige sacrificios, o

Major os deixou aos seus cuidados. Ao voltar, Ricardo não encontra a tia; preparam-se, ela e a moça, para o banho. Os demais encontram-se na sala de visitas. Asterio segura a peneira, Perpetua já escolheu o lugar para a divina imagem: entre os retratos coloridos, ela de noiva, o Major de farda - trabalho de uma firma do Paraná, encomenda feita logo após o casamento. Ricardo encosta a escada na parede, empunha o martelo. Não chegou ainda a uma conclusão sobre a santa com a 90

qual a tia se parece. Antes de vê-la, ele a imaginara Senhora Sant'Ana, a padroeira, a avó. Da Senhora Sant'Ana não tem nada. Talvez Santa Rosa de Lima, Santa Rita de Cassia? Elisa estende os pregos ao sobrinho. Aqui, Mãe, está bom? De cima da escada, Ricardo enxerga a tia saindo da alcova, levando a toalha de banho e a saboneteira, o banheiro fica no quintal. Morena, onde a longa cabeleira loira do desembarque? Cabelos negros, crespos anéis como os dos anjos na igreja do seminário. Pele trigueira, perna e coxa aparecendo sob o negligê agitado pela brisa, Ricardo desvia os olhos. Perpetua fita a parede, talvez um pouco acima, aí está bem. Não vê a irmã aproximando-se, a lá vontade no robe rendado sobre os seios, vaporoso, preso apenas por um cinto, esvoacando na brisa da tarde a morrer nas barrancas do rio. Não vê ou não quer ver? Tietê olha e aprova, vai ficar bacana. Elisa, babada com o santo e com o penhoar. - Que amor, esse robe!

Perpetua prefere não reparar: - Vou falar com padre Mariano para vir entronizar no domingo, depois da missa. Nem Santa Rita de Cassia, nem Santa Rosa de Lima, com que outra então no flos-santório? A caminho do banho, as ancas baloucando, que santa será ela, a tia de São Paulo?

## **CAPITULO DOS PRESENTES ONDE SE ABRANDAM CORACOES**

A cerimonia da entrega dos presentes realiza-se apos o jantar, festa de exclamacoes e risos: recolhidos os pratos pela pequena Araci, retirada a toalha, Antonieta roga a Ricardo e Asterio busquem na alcova a mala azul, a grandona, unica ainda fechada. Colocam-na sobre a mesa, Asterio encarrega-se de abri-la. Risinhos nervosos, a familia na expectativa, Peto indocil, alongando o pescoco para espiar dentro da valise. Tambem Leonora trouxe do quarto uma bolsa de viagem e, tendo descerrado o zipper, a mantem no colo, caixa de surpresas. Cabem a Ze Esteves as regalias de prioritario: num estojo de luxo, relógio e pulseira de ouro - banho de ouro 18. - Repare a marca, Pai. Vosmice sempre desejou ter um relógio Omega, me lembro da inveja que tinha do patacao do 91

coronel Artur da Tapitanga. Por falar nele, ainda e vivo? - Vivo e lucido. Nao tarda a aparecer. Pergunta sempre por voce. - Quem informa e dona Carmosina, pimpona ao lado de dona Milu.

- Ja nao tenho vaidade, minha filha. Nem vaidade nem relógio desde que o meu se quebrou e Roque nao deu jeito. Agora vou poder ver as horas de novo. Estou voltando a ser gente, depois que tu chegou. Leonora mete a mao na bolsa:

- E aqui tem um radinho de pilha, um transistor, para o senhor e dona Tonha ouvirem musica, seu Jose. - Tomando trabalho com a gente, moca! Um radio? Quem vai ficar contente e Tonha, nao e mesmo, mulher? Vive me azucrinando os ouvidos para comprar um... Tonha concorda, contente demais, tanto desejara! Certa vez realmente atrevera-se a insinuar a compra de um dos mais baratos, insinuacao primeira e unica, levava esporro medonho: tu quer que eu desperdice o dinheiro que minha filha me manda? E se a gente adoecer? E quando a gente esticar a canela? Tu pensa que alguem vai pagar medico e receita, padre e cemiterio? Nao me peca para botar dinheiro fora. Ficou maluca?

A propria Nora coloca pilhas no pequeno aparelho, irrompe o som de

um samba, prefixo de estacao de Feira de Santana. - Maior do que o nosso. . . - sussurra Elisa a Asterio. Quem sabe o Pai aceita trocar, ficar com o deles, recebendo volta em dinheiro. Tieta pagou a quota das despesas e, separando o de Osnar, a sobra a gente pode...

Nao sera necessario trocar pois Antonieta tira da mala imponente aparelho, sofisticado, quantidade de botoes, varias faixas de onda, antena embutida, entrega a irma: para voce e Asterio, e japones, nao ha melhor.

- Valha-me, minha Nossa Senhora! Tieta, voce e demais! - Elisa em nova chuva de beijos, agradecendo o radio e o perdao: dona Carmosina lhe confirmou ja ter esclarecido o assunto da morte de Toninho, nao se preocupe onde e quando, nao pense mais nisso. - Veio com pilhas? Quero ouvir o som agora mesmo. - Devem estar colocadas. Funciona tambem na eletricidade. Essa carteira, Asterio, e para voce guardar o ganho das apostas no bilhar. E aqui tem mais umas bobagens para voce, Elisa. Sortimento completo de cosmeticos. Cremes e pinturas, todos os produtos para maquiagem, quanta coisa, meu Deus, vou desmaiar! Ruge mais diferente, desse nunca vi. Experimente o batom cintilante, recomenda Leonora. No aparelho de radio, sucedem-se estacoes da Bahia, do Rio, de Recife falando para o 92

mundo, de Sao Paulo e, trocando de onda, veja! ao seu alcance os cinco continentes - que lingua mais arrenegada e essa? Parece russo, mas e a Radio de Belgrado, Belgrado e capital de que pais? Da Iugoslavia, leciona dona Carmosina.

Foi assim, de musica, risos e beijos, foi de festa aquele comeco de noite. Como ela pode adivinhar o gosto, o desejo de cada um? Como sabe das facanhas de Asterio no bilhar? Dos sonhos de Cardo com a vara de pesca, o molinete, o fio de nylon, as iscas artificiais? Como adivinhou? Sorri dona Carmosina ao ouvir a pergunta repetida, sem resposta: inspiracao divina. Para Peto traga qualquer coisa desde que nao sejam livros de estudo, ele quer somente vadiar, nadar e mergulhar no rio, bater bola na rua com os moleques, assistir as partidas de bilhar, vai completar treze anos e cursa ainda o Grupo

Escolar. Peto ganhou um equipamento de mergulhador: mascara, arpaço, pes de pato. Aos dois jovens, Leonora ofereceu chaveiros com a efigie do Rei Pele. A Asterio, uma gravata. Mantilha cor de chumbo, de Nora para Perpetua. Para Elisa um anel moderno, de fibra de vidro, a pedra enorme, cor de ambar, a sensacao da noite. O ultimo lancamento da rua Augusta na capital paulista, Antonieta e Leonora tem iguais, so diferem na cor. Nora vai busca-los. O meu esta na caixa de joias, em cima da penteadeira, avisa Tieta. Caixa de joias, soa bem aos ouvidos dos parentes. Leonora exhibe os dois aneis, verde-esmeralda o seu, branco-esfumacado o de Tieta. Criacoes de um artista famosissimo, Aldemir Martins, seus quadros valem milhoes. Muito amigo do Comendador, Tieta o conhece, conhece muita gente importante de Sao Paulo, na industria, na politica, no comercio, nas artes e nas letras. Menotti del Picchia frequenta sua casa. Dona Carmosina, leitora de As Mascaras e de Juca Mulato, quer saber do poeta, se e tao romantico em pessoa quanto sua poesia. Ja esta velhote mas vive cercado de mocas bonitas, ainda nao perdeu o apetite, conta Tieta.

Ninguem pense ter sido Tonha esquecida, por madrasta. Alem do radio, ganha saia e blusa, trazidas por Tieta; um colar azul e lilas, lembranca de Leonora. Nem sabe agradecer, limpa os olhos, faz tanto tempo do ultimo presente, uma fivela para prender os cabelos, comprada pelo Velho na feira. Ainda usa, em sua mao as coisas duras.

Para dona Carmosina, colar, pulseira e anel de fantasia, galanteza de conjunto. Gosta mesmo? Tieta quer saber. Adoro. Adorou tambem a caneta esferografica com cargas de diversas cores: obrigada, Nora, considere-me sua amiga para sempre. Para dona Milu fazer paciencia, uma caixa com dois baralhos, de plastico, lavaveis e um xale italiano para a cabeça. Ate a pequena 93

Araci, da porta da cozinha a espiar, ganhou um broche, bijuteria em forma de coracao para o vestido dos domingos. Uma vez na vida outra na morte, vai a matine.

Um ostensorio para a igreja, venha ver, Perpetua. Acha que o padre



vai gostar? Se vai gostar, que pergunta! Custodia mais bela, deve ter custado os tubos. Não foi barato mas não foi também todo esse dinheiro. Para remir os meus pecados... - Tieta ri, joga a cabeça para trás, Ricardo não pode imaginá-la pecadora. Que santa reúne a alegria e a devoção?

Pronto, acabaram-se os presentes. Ainda não, falta o porta-retrato de prata onde Perpetua colocar a fotografia do Major envergando a farda de gala da Polícia Militar. A viúva perde a fala, faz um gesto, Ricardo entende, vai buscar o retrato guardado a sete chaves na escrivaninha. Agora, emoldurado em prata sobre a mesa, o perene sorriso (o bestial sorriso do Major no dizer de Aminthas, metido a humorista), a fisionomia franca, só falta o vozeirão. Perpetua fita longamente o falecido: o esposo fizera-lhe todas as vontades e dois filhos. Tieta conseguira comovê-la, uma lágrima brota dos olhos gazeos, a primeira lágrima genuína chorada por ela após o pranto pela morte do Major. Perpetua amolece, eleva a voz sibilante:

- Ele era bom demais. Eu não pensava mais em casar, muito menos num marido como ele. Minha natureza e ... - procura a palavra: ...rispida. Padre Mariano diz que eu não sei o que seja misericórdia. Antes de casar com Cupertino, só pratiquei o mal pensando fazer o bem. Quero que você, Antonieta, me... Dona Carmosina arregala os olhos miudos. Perpetua vai pedir perdão à irmã, fato inaudito. Mas Tieta corta a frase: - Isso tudo já passou, Perpetua. Eu também não mereci o homem bom que tive e fez de mim o que sou hoje. Não demonstro mas sinto demais a falta dele. Pena que o Major tenha morrido sem dar tempo da gente se conhecer. Mas ficaram os filhos. - Estende os braços: - Venham cá, meus amores, beijar essa coroa que é a tia de vocês.

De batina, tão engraçado e sem jeito, o mais velho. O mais novo, matreiro, esperto, um azougue. O beijo de Ricardo apenas roça-lhe as faces, o do pequeno é calido, já tem malícia.

## **DO CAMISOLÃO, DA CAMISOLINHA, DO JARRO COM ÁGUA E DA ORAÇÃO**

Pagara a promessa ainda no seminário, na semana dos exames, após receber carta de Perpetua com as novidades: a tia gozando saúde e os projetos de viagem. Morte houvera mas do Comendador, antes assim. Durante sete noites, Ricardo macerara os joelhos sobre grãos de milho, obtidos na despensa, e adquirira o hábito de rezar uma salve-rainha pela saúde da tia ancia, de tão velhinha avó.

A vida é um alforje de surpresas, afuma Dom José nos sermões dominicais, sobra-lhe razão. Ricardo ficou abobado quando vislumbrou a tia Antonieta na porta da marinete, de ancia e avó não tinha nada. Nem parecia viúva, não pusera luto. Cabeleira loira, saindo do turbante, rolando nos ombros, o corpo apertado na blusa vermelha, na calça jeans, a despertar exclamações. Não apenas o brado, o viva de Bafo de Bode, indecência! Ricardo ouvira igualmente o comentário de Osnar, em voz baixa, destinado a Aminthas:

- Que pedaço de mulher ela virou! Que ubre! Cabrona! - Elevava a voz: - Uma fruta madura, Capitão Asterio, parabéns pela cunhada. Osnar distribuía patentes militares entre os amigos. Seu Manuel era Almirante. Dona Carmosina, Coronela da Artilharia Pesada.

Engracado: não ficara nem desiludido nem frustrado com a brusca mudança da imagem concebida - surpreende-se Ricardo a pensar enquanto retira a batina, veste o camisolão, ajoelha-se para recitar as orações e bendizer ao Senhor que fizera a tia adivinhar o presente desejado. Escondera a vara de pesca para impedir fosse Peto o primeiro a usá-la, o irmão não tem o menor respeito pela propriedade alheia, um anarquista. Reza a Salve-Rainha pela saúde da tia, merecedora.

Estende-se na rede. Da alcova, a luz acesa ilumina o corredor em frente ao gabinete, tia Antonieta fora ao banheiro. Em lugar de uma velhinha, de uma avó, uma verdadeira tia, alegre, flamante - e ele a imaginara mais idosa do que a mãe. Um absurdo. Ricardo a ouvira dizer a idade a Barbozinha: quarenta e quatro, meu poeta. Aqui não posso esconder, todos sabem. Fazem vinte e seis anos que fui embora, acabara de completar dezoito. Em São Paulo confesso trinta e cinco, pareço mais?

A mãe, ele sabe, diminui a idade. Devota e exigente, não admite

mentiras e, no entanto, na hora de revelar a idade... A verdadeira esta na certidao de casamento, trancada ali na escrivaninha junto com as escrituras das casas, a patente do pai, a 95

caderneta militar, os louvores nas ordens de servico. A tia nao precisa negar porque e bonita. Bonita nao e bem o termo, Ricardo procura a palavra certa: bonitona. Nela tudo e grande e vistoso. Com que santa se parece? Com nenhuma das conhecidas, nem Santa Rita de Cassia, nem Santa Rosa de Lima. Tia Elisa, quando melancolica, recorda Santa Maria Madalena. A mae sempre de luto e Santa Helena com traje negro de viuva e veu de cinzas. Mas a forca a desprender-se da tia, qual delas a possui? Apenas chegou e imediatamente passou a comandar. Por ser rica e generosa, sim, certamente, mas nao so por isso. Ha algo mais, indefinivel, a impressionar Ricardo, a impor-se, nao sabe explicar o que seja. Ele a enxerga cercada por um halo luminoso, como certos santos. Santa? Pela bondade, pela grandeza da alma, mas ela exhibe outros atributos, carnis. Humanos, nao carnis, palavra maldita, os pecados carnis, pagos com as chamas do inferno durante a eternidade.

Passos no corredor, e a tia de volta do banheiro. A precede-la, chega o perfume, o mesmo dos envelopes, desprendendo-se a cada passo, anunciando-lhe a presenca proxima. Ainda bem que o padre confessor lhe disse nao haver pecado em perfume de velha tia. Velha? Madura.

Fruta madura fora a expressao usada por Osnar para classifica-la. Na hora confusa do desembarque, Cardo achara todo o palavreado do boa-vida uma falta de respeito. Mas agora, ao ouvir os passos da tia, ao sentir-lhe o perfume, a comparacao com uma fruta madura, rica de sumo, na plenitude da forca, parece-lhe correta, nao ve desrespeito, desproposito, pecado. Desrespeito compara-la com as cabras, isso sim. Osnar nao tem salvacao. Antonieta conduz o jarro esmaltado cheio de agua. Nas sombras do corredor pisa a ponta do robe longo, tropeca, vacila, vai cair. Ricardo acorre a tempo de suste-la e tomar do jarro, levando-o para a alcova.

- Obrigada, meu bem. - Com um sorriso gaiato, mede o sobrinho, enorme no camisolao de dormir: - Voce ainda dorme de camisolao?  
- No comeco do ano, vou passar para a divisao dos maiores e dormir de pijama... - explica orgulhoso. - Mas Mae so vai comprar quando eu for pro seminario.

Por baixo do penhoar semi-aberto, a curta camisola cor-de-rosa mais revela do que esconde as gracas da tia, Ricardo desvia os olhos, pousa o jarro na argola do lavatorio. - Traga o lavatorio para aqui e bote um pouco de agua na bacia - pede Antonieta, sentada ante o espelho da penteadeira, cremes diversos em sua frente, vidros com liquidos coloridos, algodao, um exagero de frascos e potes. Tia Elisa nao tem nem a 96

metade, a mae nao se pinta desde a morte do pai. Derrama a agua, toma o rumo da porta. A tia observa-lhe os movimentos:

- Vai embora sem me pedir a bencao?

-A bencao, tia. Deus lhe de boa noite. - Dobra o joelho: - Obrigado pela vara de pesca.

- Assim, nao. Aqui perto e com um beijo. Cardo beija-lhe a mao, ela toma-lhe do rosto e o beija em cada face. O perfume sobe dos seios. Mesmo sem querer, Ricardo os vislumbra, ou os adivinha sobrando da camisola. Ubre, dissera Osnar.

Deita-se na rede, a luz permanece acesa no quarto da tia a desfazer a maquiagem, entra uma restia no gabinete pela fresta da porta. Ricardo, de sono facil - apenas cai na cama e os olhos se fecham -, hoje nao consegue adormecer. Estranha a rede, quem sabe? Confusao igual a do desembarque quando viu a tia na porta da marinete, o oposto da imagem concebida na hora do anuncio da morte. O melhor e rezar. Desce da rede, ajoelha-se, cruza as maos, Padre Nosso que estais no ceu. O pensamento em Deus, louvado seja.

ONDE PERPETUA, CUNHADA ATENTA, CUIDA DA ALMA DO COMENDADOR ENQUANTO TIETA E LEONORA, EM ELEGANTES

## MODELOS TRANSPARENTES, EMPOLGAM O BURGO E ASCANIO TRINDADE EXPLICA O PROBLEMA DA LUZ ELETRICA

Pela manha, durante o cafe gordo - inhame, aipim, fruta- pao, banana cozida, cuscuz de puba mandado por dona Milu; como manter a linha e nao engordar? - Perpetua comunica os horarios da missa pela alma do Comendador e da entronizacao, a missa no sabado, as oito horas, a entronizacao no domingo, as onze. Antonieta se alarma: se nao contiver a irma mais velha, passara a temporada de ferias na igreja, adeus projetos de praia, de passeios. - Missa? Ja mandamos rezar, em Sao Paulo, na igreja da Se. De setimo dia, de mes. Varias.

97

- Isso nao tem importancia, quanto mais melhor para a alma dele. Como e que a gente ia ficar se nao mandasse celebrar nem uma missa? Eu, Elisa, o Velho? O que o povo havia de dizer? Um comendador do Papa, um nobre da Igreja, ainda hoje padre Mariano repetiu: temos de cuidar da alma dele. Fez uma carrada de elogios a voce. Por causa do ostiario. - Voce ja esteve com o padre, hoje? A que horas? - Nao perco a missa das seis. Nem eu nem Ricardo, quando esta aqui. E ele quem ajuda.

Ricardo aproveita e pergunta se pode tirar a batina, botar o calcao, ir ate o rio, experimentar o molinete. Antonieta adianta-se: - Pode, sim, meu filho. Va brincar. E so volte na hora do almoco.

- Obrigado, tia. - Sai rapido antes que a mae proteste. - Uma graca, esse teu filho estudante de padre, ainda nao me acostumei. De dia de batina, de noite de camisolao. Tamanho homem, Perpetua! Vou comprar um par de pijamas para ele. - Vai comecar a usar quando voltar para o seminario. Fiz uma promessa a Senhora Sant'Ana: se, um dia, Deus me desse um filho, ele seria padre. Ricardo foi o primeiro, pusemos o nome do avo, do pai do Major. Gosta de estudar, tem temor a Deus, estou contente com ele.

Tieta volta ao assunto da missa:

- Que droga! Eu tinha pensado passar o fim de semana em Mangue

Seco, mostrar a praia a Leonora, ver se escolho um terreno para comprar. Ia combinar hoje com o Comandante, ele nos convidou quando chegamos.

- Eu tambem vou, tia. - De calcao, segurando os pes de pato e a mascara de mergulhador, Peto espera o irmao. - Este sabado nao vai dar jeito. Voce nao pode faltar na missa. Nem na entronizacao, foi voce quem me deu o Sagrado Coracao. Ja pensou? Sao coisas santas, mais importantes do que praia e banho de mar - forca Perpetua.

Antonieta controla-se, engole o mau humor. Tambem, que ideia a sua, vir carregada de trofeus religiosos, ela que nunca fora de missa e sacristia! Culpa de Carmosina: Perpetua tem uma Santa Ceia na sala de jantar, se voce trouxer um Coracao de Jesus para a sala de visitas, a beata vai ficar maluca de contente. Nao esqueca uma lembranca para a Matriz, padre Mariano so faltou lhe canonizar no sermao em que fez seu epitafio. Foi atras dos conselhos de Carmo, o resultado e esse: um porre de igreja. Chegou sonhando com a praia de Mangue Seco, merda! Engole tambem o palavrao.

De shorte, a mostra as longas pernas, as modeladas coxas, a 98

blusa amarrada sob os seios, o umbigo de fora (ai, esses costumes de Sao Paulo, os meninos vao perder a virgindade dos olhos! Perpetua toca com os dedos as contas do terco no bolso da saia), Leonora sorri, acalma Tieta:

- Vamos a praia noutro dia, Maezinha. Dona Perpetua tem razao, a missa e mais importante. - Sorri para Perpetua: - Maezinha veio falando em Mangue Seco a viagem toda. Mas a missa e sagrada.

Muito bem, assim fala uma boa filha, mesmo sendo paulista, pouco atenta ao rigor do luto, aos prolongados ritos da morte, obrigatorios e rigidos em Agreste. Se Leonora se vestisse com decencia, Perpetua so encontraria elogios a lhe fazer. Que necessidade tem de exhibir o umbigo, que beleza existe num umbigo, pelo amor de Deus? Quem sabe, Peto poderia responder pois o olho apreciador vai e volta, das coxas para o umbigo, para a barriga de bilha, torneada.

- Tem razao, Nora. Continuo cabecuda como uma cabra velha.

Quando quero uma coisa não vejo nada em minha frente. Iremos a Mangue Seco no fim da outra semana. Conduzidas por Ricardo - vista a batina, acompanhe sua tia - foram a tarde conhecer a casa de Elisa. Barraco de pobre, mana, caro só o aluguel.

Caro? Se fosse em São Paulo... Lá, para começar, só os multimilionários moram em casas, os demais vivem atulhados em apartamentos ou apodrecem em cortiços, sardinhas em lata. Em compensação, cada apartamento mais maravilhoso, não é? O de vocês, conte... Fica para depois, com tempo, agora precisamos ir. Não antes de comer uma fruta, um doce, tomar um calice de licor senão me ofendo. Doce de araçá, raramente se faz, delicioso! Licor de jenipapo. O que eu vou engordar, meu Deus! Gulosa, de volta aos sabores da infância, Tieta repete a dose. Na rua, encontram Ascanio Trindade. Por acaso ou de propósito, deixou ele a Prefeitura as moscas? Querem ir aonde? Tem um passeio bonito: ali adiante o rio se alarga e forma pequena bacia, reduto das lavadeiras, lugar lindo, chama-se Bacia de Catarina, nome certamente posto por um literato, antepassado de Barbozinha. Ou por ele mesmo noutra encarnação. Hoje não, tem de visitar a Agência dos Correios, prometeram a Carmosina. Vão ao Areopago? Ao que? Areopago, é o apelido que Giovanni Guimarães, um jornalista da capital, botou na Agência dos Correios quando esteve em Agreste: ali se reúnem os sábios. Gozado! Leonora aberta em riso, cristal a romper-se nas ruas de Agreste.

Breve parada na porta do cinema para dizer boa tarde ao árabe Chalita - ainda se lembra de mim? Quem pode te esquecer, 99

Tieta? Sorvete de mangaba, Leonora não conhece, vai ver o que é bom. Hoje é de graça, oferta da casa: o árabe se cobra lavando a vista em Tieta e na moca. Regala-se com a visão de mil e uma noites sob o transparente tecido dos modelos, iluminados por um raio de sol. Combinação, anágua? Isso não se usa mais, peças de museu. Sutiã? Para que, se os seios são firmes, não precisam de armação de entretela a sustentá-los? Calça? Minúsculo tapa-sexo e basta. Viva a civilização e voltem sempre, suplica o árabe

progressista.

Nas janelas, solteironas e mocinhas debrucam-se para enxergar melhor, observando cada passo, cada gesto, comentando os trajés. Voce tinha coragem de usar? Eu? Acho que nao. Pois eu teria, se mamae deixasse. Tieta trouxe para Elisa uma minissaia mas ela ainda nao se atreveu a estrear. Alvoroco no bar, a matilha nas portas, brechando. Ate seu Manuel larga o balcao, tambem e filho de Deus. Leonora acha graca em tudo, soltos, o riso e os cabelos; Ascanio recolhe pela rua pedacos de cristal, recorda um verso ouvido nao sabe onde: loira como um trigal maduro. Fica sabendo do adiamento da visita a Mangue Seco e e convidado para a missa pela alma do Comendador. Tieta deixa-o a vontade: - Se nao quiser, nao va. Essa historia de missa de finado, so por obrigacao. Alias, Felipe tinha verdadeiro horror a tudo que cheirasse a morte, defunto, cemiterio, missa de setimo dia. Pelo meu gosto ia a Mangue Seco. Mas Perpetua faz questao, paciencia. Ascanio nao aprova nem desaprova, nessas divergencias de opinioes entre as irmas nao da palpate, mas quanto a ir a missa, isso com certeza:

- No proximo sabado? Comparecerei, sem falta. Ja estarei de volta.
- Vai viajar? -surpreende-se Leonora.
- Para onde? - interessa-se Tieta.
- Vou a Paulo Afonso tratar do problema da luz eletrica. Estao colocando luz da Hidreletrica nos municipios de toda essa zona do Estado, so deixaram de fora tres cidades, uma delas e Agreste, uma discriminacao sem justificativa, no meu entender. Estou vendo se consigo que voltem atras e nosso municipio entre na relacao dos beneficiados. Mandei officios para meio mundo, sem resultado. Alguns nem tiveram resposta. Decidi falar pessoalmente com o diretor da usina. Numa conversa cara a cara, quem sabe eu o convenco e boto abaixo essa injustica. - Vai demorar? - a pergunta de Leonora e um pedido: nao demore, volte logo, estou a espera. Assim dizem os olhos. - Nao, so dois dias. Pego a marinete amanha, amanha mesmo me toco de Esplanada para Paulo Afonso. Fico la o dia de depois 100



de amanhã, quinta-feira estou de volta. Talvez com uma boa notícia para Agreste.

- Gosto de gente decidida como você - apoia Tieta: - Va, brigue e convença o homem, traga essa luz que Agreste bem precisa.

- Vai conseguir! - exalta-se Leonora: - Vou ficar torcendo. - Se eu já estava disposto a brigar, agora nem se fala. Sente-se Ascanio armado cavaleiro andante, partindo para o campo de luta sob a inspiração de sua Dulcineia. Ao voltar vitorioso, tendo convencido os frios e distantes diretores e técnicos da importância histórica e das possibilidades turísticas de Agreste, difícil tarefa, ardua batalha, colocara aos pés de Leonora o troféu conquistado: a refulgente luz da Hidrelétrica em substituição a bruxuleante iluminação atual devida ao motor instalado por seu avô Francisco Trindade, quando intendente, no tempo do onca. Leoncio, ex-soldado da Polícia Militar, ex-jagunco, atualmente paisano e capenga - um tiro casual na zona, há vários anos - funcionário municipal, pau pra toda obra, de faxineiro a moco-de-recados, de guardaio a jardineiro, surge na esquina, arrastando a perna: reclamam a presença de Ascanio na Prefeitura. - Me desculpem, preciso ir, sei de que se trata. Até logo. - Até quinta, não é? Fico esperando - diz Leonora, os doces olhos.

- Quinta, sim. Mas, se me permitem, passo hoje a noite em casa de dona Perpetua para me despedir. - Não precisa pedir licença, venha sempre que quiser - convida Tieta.

- Venha mesmo. Sem falta - reforça a moca. Na esquina da Praça, Ascanio volta-se, Leonora levanta a mão, acena, ele responde. Tieta se diverte: - Já conquistou a Prefeitura, hein, cabrita? Rapaz simpático. - Um amor... - resume Nora, a voz de enleio.

## DA POLUIÇÃO E DOS OBJETOS NÃO IDENTIFICADOS, CAPÍTULO MUITO INCREMENTADO OU A VISITA AO AREOPAGO

101

Na porta da agência dos Correios e Telegrafos, Dona Carmosina

estende as mãos em boas-vindas: - Entrem, meninas, estava esperando.

Comandante Dario levanta-se para cumprimentar as paulistas, logo volta a leitura da notícia na primeira página de *A Tarde*, comenta indignado:

- Não é possível que o governo vá permitir esse absurdo. Os diretores de uma fábrica igual a essa, igualzinha, para produzir dióxido de titânio, foram condenados a prisão, na Itália. O juiz, um macho, meteu todos no xadrez.

- Fábrica de que? Me explique, Comandante. - Estou lendo na gazeta que acaba de ser constituída no Rio de Janeiro uma empresa para montar uma fábrica de dióxido de titânio no Brasil. Uma monstruosidade.

- Por que? Troque em miudos.

- É a indústria mais poluidora que se conhece. Basta lhe dizer que só existem seis fábricas desse tipo em todo o mundo. Nenhuma na América, nem do Norte, nem do Sul. Nenhum país quer essa desgraça em seus limites.

- E assim?

Dona Carmosina intervém:

- Traga o recorte do Estado para Tieta ler. O *Estado de São Paulo*, jornal de sua terra - ri da pilheria - , publicou um artigo contando que um juiz da Itália condenou os diretores de uma fábrica dessas a cadeia por crime de poluição. - Por crime de poluição? E o que se precisa fazer em São Paulo: meter um bocado de gente no xadrez antes que a cidade acabe.

- O pior - acrescenta o Comandante - é que o jornal já adianta que as autoridades não vão permitir a instalação da fábrica no Sul do país. Querem situá-la no Nordeste. E sempre assim: o que é bom, fica no Sul. Para o Nordeste sobra o refúgio. - E que em São Paulo, Comandante, a poluição já está de uma forma que ninguém suporta mais.

- Onde iremos parar? Felizmente, nosso pequeno paraíso privado, Agreste, está longe de tudo isso... Leonora aproveita para o elogio:

- Mãezinha sempre me falava que aqui era bonito a beca mas não pensei que fosse tanto. É uma coisa! - Você ainda não viu nada... -

dona Carmosina se inflama. Agreste, em materia de paisagem, nao perde nem para a Suica. Me fale depois de ir a Mangue Seco.

- Quando vao a Mangue Seco? Ficarao conosco, na Toca da 102

Sogra, eu e Laura fazemos questao - oferece o Comandante. - Muito obrigada. Aceito, ate comprar terreno, levantar minha palhoca. Vai ser logo, logo - responde Tieta. - Tinhamos pensado ir nesse sabado, passar o domingo. Mas Perpetua encomendou uma missa para Felipe e vai entronizar o Sagrado Coracao de Jesus na sala.

- Tieta trouxe um Sagrado Coracao para Perpetua que e um colosso. Pode ser que na Bahia tenha outro igual mas eu duvido - conta dona Carmosina.

- Verei hoje a noite, penso ir com Laura fazer nossa visita de boas-vindas. Quanto a Mangue Seco, a casinha esta as ordens quando quiserem. La, todo dia e dia de domingo. O grupo aumenta com a chegada de Aminthas e Seixas. Os olhos gulosos varam a transparencia dos longos cafetas das duas elegantes. Seixas so falta babar. Aminthas pergunta ao Comandante:

- Mestre Dario, que historia e essa que esta correndo por ai? Me disseram que apareceu um disco-voador em Mangue Seco, todo mundo viu.

- Eu soube, os pescadores me contaram. Alguns garantem ter visto um objeto estranho e ruidoso sobrevoando a praia e o coqueiral. Pensei que fosse um aviao mas eles juram que nao, ja viram passar muitos avioes, nao iam se enganar. - Devem ser os amigos de Barbozinha vindos do outro mundo para visitar nosso poeta. Ele diz que se comunica com todo o espaco, pela telepatia.

- Voce brinca com Barbozinha mas ele e sincero em tudo que diz. Acredita piamente nessas coisas - atalha dona Carmosina. - Um homem tao inteligente - lastima Seixas. - Para mim - diverte-se Aminthas - o que os pescadores viram foi o reflexo de alguma lancha de contrabando... essa historia de disco e pura tapeacao.

- Nao - contesta Dario. - Os pescadores nao sao tolos e por que haviam de querer me enganar? Estou farto de saber do contrabando e, quando acontece, e a noite. Alguma coisa eles viram e ouviram. O

que, não sei, mas bem que podia ser um disco- voador. Ou você não acredita na existência deles? Eu acredito. Não nos espíritos de Barbozinha mas em seres de outros planetas. Por que só na Terra há de se encontrar vida e civilização. A pequena Araci chega correndo:  
- Dona Antonieta, senhora Perpetua mandou chamar vocês e a dona Moca. Seu Modesto está lá com dona Aida, para visitar. - Que pena, a prosa estava gostosa. Vamos, Leonora. Apareçam à noite. Até logo, Comandante. Carmo, não falte. 103

Descem o degrau do passeio, lá se vão rua afora. O sol poente ilumina as duas mulheres, lambe-lhe os corpos e os revela dourados e desnudos, como se a luz do crepúsculo houvesse dissolvido o vaporoso tecido dos cafetas, fascinante moda importada das terras de sonho e fantasia onde nasceu Chalita.

104

### **DE VISITAS E CONVERSAS, ONDE LEONORA EXPRESSA INESPERADO DESEJO**

A sala de visitas cheia, à noite. a pedido de Tieta, Peto encomendara no bar volumoso carregamento de cerveja, guarana, coca-cola. A tia Antonieta e o novo ídolo de Peto, desbancou os mocinhos do cinema, os heróis das histórias de quadrinhos. Sabino quebra uma pedra de gelo no quintal, enviada por Modesto Pires, do curtume. Na beira do rio, o moleque Sabino foi o único que conseguiu pescar com a vara nova, utilizando o molinete. Trouxe os peixes para Tieta e lhe pediu a bênção. Cardo e Peto vieram carregados de pitus.

A prosa se estende sem compromisso ao sabor dos assuntos mais diversos, a partir da sensação causada pelas modas de São Paulo, as perucas, a transparência dos tecidos, as calças justas, as sandálias. Perpetua e contra cafetas transparentes, calças coladas modelando bundas, comprimindo ancas, shorts exibindo coxas, blusas amarradas sob os peitos, umbigos de fora, condena a devassidão

que vai pelo mundo: - Podem me chamar de atrasada. Moca solteira, moderninha, va la que use... - extrema concessao a Leonora. - Mas mulher casada, nao acho decente. Viuva, muito menos, Antonieta que me desculpe. Se eu fosse Asterio, nao ia deixar Elisa usar a tal minissaia que voce deu a ela. - Voce encruou no passado, mana. - Antonieta desata em riso.

- Agreste inteiro vive no passado - Ascanio Trindade culpa a pasmaceira, responsavel pela lingua das beatas. - Ate mesmo um homem viajado como o Comandante e contra o progresso. Quando eu falo em turismo para reerguer a economia do municipio, ele fecha a cara.

- Contra o progresso, virgula, amigo Ascanio. Nao confunda as coisas. Sou a favor de tudo que seja util a Agreste mas sou contra tudo que venha roubar nossa tranquilidade, essa paz que nao tem preco que pague. Nao tenho nada contra a minissaia desde que a pessoa a usa-la tenha condicoes para isso. Numa mulher de certa idade ja nao cai bem.

- Por exemplo? - desafia dona Carmosina. - Cito o exemplo de duas lindas senhoras aqui presentes: Laura e Antonieta. No meu entender, ja passaram da idade. 105

Dona Laura nunca pensou em minissaias mas ameaca o marido, bem-humorada:

- Nao sabia que voce era tao entendido em minissaia, Dario! Ate parece que ja viu muitas... Pois eu vou tomar a de Elisa emprestada e saio desfilando por ai, voce vai ver. - Para mim nao e uma questao de idade e, sim, de fisico. Minissaia nao vai com meu corpo, com minhas abundancias - lastima-se Tieta.

Barbozinha, a fumar literario cachimbo, quase sempre apagado, consola:

- Tens o tipo classico, Tieta. A beleza suprema, Venus, era assim. Nao suporto esses esqueletos que andam exibindo os ossos. Nao me refiro a voce, Leonora. Voce e uma silfide. - Obrigada, seu Barbozinha.

- Infelizmente meu poeta ninguem pensa mais como voce. Es meu

unico eleitor. - Tieta volta-se para Ascanio - Turismo, em Agreste? Acha possivel?

- E por que nao? A agua e medicinal, os exames ja foram feitos, Modesto Pires mandou as amostras para o genro que e engenheiro da Petrobras. Os resultados foram formidaveis, tenho copia na Prefeitura se quiser ver. Modesto Pires esta estudando a possibilidade de engarrafamento. O clima e o que se ve, cura qualquer doenca. Em materia de praia, onde mais bonitas? - Isso e verdade, praia igual a de Mangue Seco nao vi em lugar nenhum. Copacabana, as praias de Santos, nem chegam perto. Mas dai... Enfim, nao digo nada, nao quero por agua fria em suas esperancas. E preciso, porem, muito dinheiro, muito mesmo... - Ja disse a Ascanio: deixe Mangue Seco em paz enquanto a gente viver... - resume o Comandante.

- Vou comprar um terreno la, fazer uma casinha de veraneio. Um dos motivos de minha viagem foi esse: adquirir terreno em Mangue Seco e uma casa aqui na cidade, quero terminar meus dias em Agreste. Enquanto nao vier de vez, Pai e Tonha ficam morando na casa, tomam conta. Vim por isso e para tirar esta pobre da fumaceira de Sao Paulo - aponta Leonora. - Anemica como e, naquela podridao.

- E verdade, Tieta, o que os jornais dizem? Que a poluicao em Sao Paulo esta ficando intoleravel?

- Uma coisa medonha. Tem lugares, nas zonas mais afetadas, onde as criancas estao morrendo e os adultos ficando cegos. A gente passa dias e dias sem enxergar a cor do ceu. - Com tudo isso, era la que eu queria viver - desafia Elisa. Timida, Leonora contradiz, a voz mansa: 106

- Pois eu adoraria viver aqui. Se pudesse, nao saia daqui nunca mais. Aqui eu respiro, vivo, sonho. La nao, la se trabalha noite e dia, dia e noite. Trabalha e morre. Ascanio tem vontade de pedir bis: repita essas palavras, sao favos de mel. Ah!, se ao menos ela fosse pobre... Tao embevecido a contempla-la, nem toma conhecimento do debate acalorado e filosofico, empolgante, travado entre dona

Carmosina, Barbozinha e o Comandante Dario sobre o objeto não identificado, visto pelos pescadores quando sobrevoava as dunas de Mangue Seco e o coqueiral sem fim.

Barbozinha se exalta, em explicações esotéricas, enquanto o Comandante exhibe vasta cultura de ficção científica e dona Carmosina fala em ilusão coletiva, fenômeno corriqueiro. O corte da luz, às nove horas, o badalar do sino da Matriz mandando o povo ordeiro para a cama, interrompe a discussão, todos se põem de pé, em despedida. Mas Tieta rompe a tradição: - Nada disso, não são horas de ninguém dormir. Vamos conversar. - Perpetua, mande acender as placas. Onde já se viu dormir a essa hora? Ainda bem que o nosso jovem prefeito vai trazer a luz de Paulo Afonso. Para acabar com esses horários de galinheiro. Vamos tomar mais uma cervejinha, um refrigerante. A prosa está tão boa...

Rejubila-se Ascanio, prefeito ainda não, apenas provável candidato. Volta a sentar-se. Mas o Comandante e dona Laura preferem deixar a continuação da conversa para o dia seguinte e levam dona Carmosina, vão acompanhá-la até em casa. Do bar, chegam Asterio, Aminthas, Osnar.

- Cuidado, prima, para o lobisomem não lhe pegar - recomenda Aminthas a dona Carmosina.

- Se assunte, malcriado.

Elisa e Peto acompanham o grupo dos sonolentos, de má vontade. Elisa se arvora ar de vítima, melancólica; Peto pensa em fugir mais tarde em busca de Osnar. Prometeu levá-lo a casa, não cumpre o prometido.

Tieta convida os dois compadres:

- Entrem, não fiquem aí na porta. Venham tomar um gole de cerveja.

Osnar e Aminthas são notívagos, aceitam. Ricardo acabou de acender e colocar os lampiões de querosene na sala. Perpetua ordena-lhe:

- Cardo, vá dormir. Já passou da hora.

- Boa noite para todos, com a graça de Deus. A bênção, Mãe. Perpetua dá-lhe a mão a beijar, o rapaz dobra o joelho em ligeira

genuflexao.

107

- A bencao, tia.

- Venha aqui para eu te abençoar. Nada de beija-mao. Meu beijo, quero no rosto, Dois, um de cada lado. Agarra com as maos a cabeça do sobrinho enfarpelado na batina, beija-o nas duas faces, beijos estalados, deixam a marca do batom.

- Meu padreco!

Tambem Perpetua se despede:

- Boa noite. Fiquem a vontade. A casa e sua, Tieta. Tao gentil, nem parece a mesma, irreconhecivel. - Tieta esta domando a fera ... - confia Osnar a Aminthas enquanto as irmas trocam abraco e beijo. - Voce ja tinha visto dona Perpetua beijar alguem?

- Perpetua nao beija, oscula - retifica Aminthas.

## **INTERREGNO ONDE O AUTOR, ESSE PILANTRA, EXPLICA SUA POSICAO OPORTUNISTA**

Enquanto Ascanio Trindade se apaixona, enquanto Elisa e Leonora sonham uma com Sao Paulo outra com a paz de Agreste, aproveitamento para referir-me a noticia publicada nas colunas de *A Tarde*, lida pelo indignado comandante Dario. Pobre Nordeste!, exclamou o bravo marujo ante a possibilidade da poluidora industria estabelecer-se em nossas plagas onde ja temos seca e latifundio, o habito da miseria, o gosto da fome e as famosas trevas do analfabetismo antes tao citadas, hoje esquecidas: nao se falando nelas talvez desaparecam na luz dos tempos novos. Jogar sobre tudo isso dióxido de titânio parece-lhe um exagero antipatriotico. Opiniao dele, da qual, como se vera, ha quem discorde, muitos e importantes personagens, alguns tao poderosos que me apresso a



esclarecer minha posicao: sou neutro. Contaram-me o caso quando aqui cheguei, eu o passo adiante, sem opinar. Assim, por exemplo, a empresa referida na noticia e no comentario do jornal pode ser a mesma que deu lugar a tanta discussao, dividindo o povo em dois campos, mas pode nao ser ela, e sim outra, pois nunca ficou completamente esclarecida a origem da sociedade nem a dos diretores, dos patroes verdadeiros. Como sabemos, o doutor Mirko Stefano nao passa de um testa-de- 108

ferro a comandar relacoes-publicas e privadas, assinando cheques, abrindo garrafas de uisque em rodas alegres, na gentil companhia de permissivas e agradaveis dondocas, acendendo esperancas e ambicoes, amaciando, passando vaselina para permitir mais facil penetracao de ideias e interesses.

Saiu uma noticia no jornal, em sua divulgacao nao tenho a menor responsabilidade, nao transcrevo sequer o titulo registrado pela sociedade em causa, nem o dela nem o de nenhuma outra. Se a fabricacao de dióxido de titânio faz economizar divisas aos cofres da nacao e cria mercado de trabalho para uns quinhentos chefes de familia - quinhentos vezes cinco sao duas mil e quinhentas pessoas vivendo da empresa -, como acusar de falta de patriotismo quem em tal industria coloca seu dinheiro e aqueles a apoiar suas pretensoes? Para provar-lhes o patriotismo e o desinteresse, argumentos nao faltam, de todos os tipos e para todos os generos, inclusive aquele a convencer o nosso ardente Leonel Vieira, plumitivo cuja integridade ideologica exigiu que o cheque viesse acompanhado de razoes solidas. A fabrica ajudara a formacao do proletariado, classe que, amanha, bandeiras reivindicativas em punho, exigira a posse do poder. Um teorico do talento de Leonel Vieira nao pode desprezar tal argumento. Como se ve, de todos os tipos e para todos os generos. Sem dióxido de titânio nao ha progresso.

Nao faltam igualmente razoes aos que se opoem, pois na fumaca, nos gases expelidos, no dióxido de enxofre pairam a destruicao e a morte. A presenca de SO<sub>2</sub> na atmosfera fabril e altamente danosa a saude dos operarios e dos habitantes que estao dentro do raio de

diluicao do gas , assim leu o Comandante no comentario do jornal. Morte para a flora e para a fauna, morte para as aguas e para as terras. Pequeno ou grande, e o preco a pagar. Nao que eu fique indeciso: fico neutro, coisa muito diferente. Nao me meto na briga, quem sou eu? Desconhecido literato nas restauradas ruas antigas da Bahia, hoje atracoes turisticas, enfermo a buscar saude no clima do sertao, nao me cabem conclusoes. Nesse interregno, nessa pausa na narrativa da chegada a Agreste de Tieta e de Leonora Cantarelli, enquanto Ascanio discute em Paulo Afonso, antes da missa pela alma do Comendador, nesse interregno, repito, quero apenas colocar aqui uma afirmacao que, em geral, se inscreve no inicio dos livros de ficcao: toda semelhanca e mera coincidencia. Sem esquecer outro lugar- comum: a vida imita a arte. Falta-me arte, certamente, mas nao estou disposto a responder a processo por crime de calunia ou a ser agredido por um pau-mandado de Mirko Stefano, melifluo e untuoso, quase sempre. Colerico e violento, se preciso. 109

**NOVO FRAGMENTO DA NARRATIVA, NA QUAL -  
DURANTE A LONGA VIAGEM DE ONIBUS-LEITO DA  
CAPITAL DE SAO PAULO A DA BAHIA - TIETA  
RECORDA E CONTA EPISODIOS DE SUA VIDA A BELA  
LEONORA CANTARELLI**

- Fui gulosa, gulosa de homens, quanto mais melhor. Pai tinha muitas cabras, bode inteiro so um, Inacio. Eu era cabra com varios bodes, montada por esse ou por aquele, no chao de pedras, em cima do mato, na beira do rio, na areia da praia. Para mim, prazer de homem, so isso e nada mais: deitar no chao e ser coberta. Na mesa do Velho, sempre a mesma coisa, feijao, farinha, carne-seca. Quem primeiro me ensinou os pratos finos, os que aumentam a gula em vez de sacia-la, foi Lucas, na cama do finado doutor Fulgencio. Jovem medico em busca de trabalho, doutor Lucas de Lima bateu-se para Agreste ao saber do falecimento do doutor Fulgencio Neto. A viuva o hospedou na alcova pois nunca mais ali dormira, desde a

morte do marido. Mostrou-lhe o gabinete, as notas do meticoloso clinico sobre cada cliente. Antigamente, antes de Judas descalçar as botas em Agreste, contaram-se ate cinco medicos exercendo na cidade, ganhando bom dinheiro, construindo casas e peculio. Foram morrendo com o lugar, sem substitutos. Ficara doutor Fulgencio, sozinho, no lombo do cavalo, no banco da canoa, tantas vezes de noite. A simples presença do anciaio com a maleta preta bastava para aliviar dores e curar enfermos. Remedios simples e poderosos: oleo de ricino, Maravilha Curativa, Saude da Mulher, Emulsao de Scott, Bromil, cha de sabugueiro. Aplicados com economia: o melhor remedio eram as aguas e o ar de Agreste, a brisa do rio, o vento do mar. Dona Eufrosina mandara buscar as malas do doutor na pensao de dona Amorzinho. Nao iria deixar um colega do marido pagando hospedagem. Cozinhou para ele galinha de parida, prato preferido do doutor Fulgencio, escalfado de pitu com ovos, carne-de-sol com pirao de leite. Na falta de doentes, os petiscos, os doces, as frutas. Nem Tieta o segurou ali, naquele mundo saudavel e agonizante. Talvez ficasse se a natureza, o rio, o mar, a praia selvagem significassem alguma coisa para ele. Outra, sua paisagem: notivago, boemio nos castelos e cabares da capital. Medico em Agreste nao pode ser solteiro, deve ter esposa, constituir familia, nao tem direito a frequentar casa de mulher- dama, a entregar-se a farra.

110

- Lucas tinha medo da lingua das xeretas, todas de olho nele, dia e noite. Querer me agarrar, ele queria. Mas nao na beira do rio, nem arriscar uma fugida a Mangue Seco. Quando eu soube que dormia na alcova, na cama do doutor Fulgencio, ri e disse: deixe a janela aberta. Saltar janela sem ser vista, sem fazer barulho, era comigo. Quando Lucas se deu conta, Tieta estava na cama, estendida no colchao de la de barriguda, afundando. Mole, nao tinha a solidez do chao. Ela se abriu para ser montada. - Pra ser coberta, outra coisa nao sabia. Quando ele veio com os dedos me tocar, com a boca me beijar o corpo inteiro, a lamina da lingua e o halito quente, quis impedir, sem entender. Com ele aprendi, na cama do doutor e dona

Eufrosina, os molhos e os temperos, e soube que homem não é apenas bode. Com ele virei mulher. Mas penso que até hoje há em mim uma cabra solta que ninguém domina.

Nem mesmo Tieta o reteve. Quando no meio da noite ela chegou, deu com a janela fechada. Lucas beijara a face maternal de dona Eufrosina, vou-me embora enquanto é tempo. Apesar de Tieta, engordara quilos e começava a gostar daquela pasmaceira, fugiu antes que fosse tarde.

- Já não fui a mesma, diferente a minha gula. Não demorou, veio o caso do caixeiro-viajante; quando ele apareceu rondando a casa, Perpetua pensou que fosse por ela, a infeliz. Logo se deu conta, seguiu meus passos. O Velho me quebrou no pau e eu fui embora, só queria reencontrar Lucas em qualquer parte da Bahia. Não vi ele nunca mais, em troca fiz a vida no interior, vida de rapariga, em Jequié, em Milagres, em Feira, por aí fora. Eu te digo que escola de verdade e casa de mulher a-toa no sertão. Ai, sim, se aprende o ofício. Quebrei a cabeça nesse mundo até que me toquei pro Sul, cansada de sofrer. Queria a boa vida, comer do bom e do melhor, beber champanha, provar as iguarias do homem. Não feijão e carne-seca.

- Quem me dera o feijão e a carne-seca, um filho, um casal. Era tudo o que eu queria - disse a bela Leonora Cantarelli. - Cada qual carrega seu castigo, nem as cabras são iguais em seu desejo, quanto mais as criaturas. Conheço cabra e gente, posso te dizer.

111

## DA INSONIA NO LEITO DE DONA EUFROSINA, POVOADA DE EMOCOES; SENTIMENTOS E MEMORIAS

Na primeira noite, vencida pelo cansaco da viagem de marinete, rude prova, das emoções da chegada, após retirar a maquiagem, Tieta arriara na cama e dormira de um sono só, reparador. Há quantos anos não se recolhia às nove da noite? Ainda mocinha, já

atravessava a madrugada nos escondidos de Agreste.

Na segunda noite, porem, quando por volta das onze as ultimas visitas despedem-se, Tieta prossegue acesa, sem sono. Na porta, ela e Leonora renovam os votos de exito a Ascanio na missao civica a conduzi-lo a Paulo Afonso. - Va e venca... - deseja Tieta.

- E volte... - acrescenta Leonora.

Aminthas declara-se pessimista sobre os resultados: luz da Hidreletrica? Bobagem, nem pensar. Terra esquecida dos politicos, municipio de eleitorado ralo, sem prestigio, sem um chefe capaz de falar grosso, de influir na diretoria, de manobrar junto ao Presidente da Empresa e das autoridades federais, Agreste esta destinado a continuar com a escassa luz do motor enquanto o motor ainda funciona. Depois, voltaremos aos fifos e placas, preve, em alarmante pressagio. Ascanio merece todos os louvores, sujeito retado, nao se da por vencido. Mas nao tem prestigio politico, forca junto aos grandes, essa a verdade. Nao e mesmo, Ascanio? De fato, concorda o Secretario da Prefeitura. Nem por isso deixara de tentar.

- Me perdoem, senhoras e senhores, mas eu sou contra essa luz de Paulo Afonso, forte, brilhante, iluminando as ruas a noite inteira - proclama Osnar. - Um desastre para os pobres cacadores noturnos, vai afugentar a caca...

- Que caca? - quis saber Leonora.

- Descaracao de Osnar, minha filha. Com caca ele quer dizer mulher, esses debochados ficam procurando mulher nas ruas...

- A caca ja e vasqueira, imagine com essa iluminacao toda ... Em risos se separam, Barbozinha declamando farrapos de poemas de amor, de sua autoria, compostos todos, segundo diz, para uma unica musa, adivinhem quem? Tieta eleva os olhos para os ceus, poe a mao sobre o coracao, suspira, gaiata. Perdem-se as visitas na escuridao.

112

Despede-se tambem Leonora:

- Estou morta de sono. Boa noite, Maezinha, estou adorando.

- Ainda bem. Tinha medo que voce se chateasse. No quarto, Tieta

abre a janela sobre o beco, espia a noite, o céu de estrelas. Nos tempos de mocidade, sabia o nome de todas elas e gostava de fitá-las na hora do amor, quando o leito era o capim da beira do rio. Durante quantas noites pulara aquela janela para encontrar Lucas?

Apaga o lampião, deita-se, cade o sono? Ali está ela, outra vez em Agreste em busca da moleca Tieta, pastora de cabras. Andara longo caminho, pisara pedras e cardos, rompera os pés e o coração, antes de começar a subir, a ganhar, juntar e aplicar dinheiro sob a orientação de Felipe, a ter propriedades e a ser senhora de seu nariz. Durante todos esses vinte e seis anos, imaginara a volta a Agreste, sonhara com esse dia. Recorda o embarco do desembarque, aflora-lhe aos lábios um sorriso: a família de luto fechado, ela ostentando blusa e turbante vermelhos, Leonora em delave azul, esposa e filha sem coração, desnaturadas. Ao chegar em casa, dissera em brusca explicação: para mim luto se carrega e no peito, coisa íntima; a dor da ausência não se exhibe, nem a saudade; assim eu penso mas cada um deve pensar como quiser e agir de acordo. Fim de papo, Perpetua. Ze Esteves apoiara em virulenta língua de sotaque: muito bem dito, minha filha, luto não passa de hipocrisia; eu só botei essa roupa preta para não ser tachado de cabra ruim, mas se nem conheci o teu finado por que havia de por luto? Só porque era rico? Fosse ou não da boca para fora, a própria Perpetua concordara: cada qual pensa a sua maneira e age de acordo. A dela era o respeito aos costumes antigos; vestida de negro porque com a morte do Major - Deus o tenha em sua guarda! - perdera o gosto pela vida. Mas não criticava Antonieta, respeitando seu ponto de vista; não sendo nenhuma ignorante sabe que em São Paulo ninguém liga para esses hábitos do passado. Pobre Perpetua! O que já engoliu de sapos de ontem para hoje! Faz visível esforço para mostrar-se atenciosa, tolerar a invasão de sua casa, a violação de tantos preconceitos. Antonieta não pode imaginá-la casada; pena não te-la visto com o marido. Como se comportava? Precisa perguntar a Carmosina. Beijavam-se em público? Certamente, não. Percebera Aminthas segredando a Osnar que Perpetua não beija, oscula. Ao Major, oscularia ou, perdida a tramontana, aplicava-lhe uns chupões? Na cama, como seria? Não

passavam, sem duvida, nos embates noturnos, do classico papai-e-mamae. Ou passariam? Nesse particular, o 113

impossivel acontece, Tieta pode dar testemunho. Devia ser algo monumental, Perpetua embolada com o marido naquela cama, sobre o colchao de la de barriguda.

Tieta ri baixinho, imaginando Perpetua de pernas abertas por baixo do Major, visao insolita. Esquecendo-se de que, se nao fosse a rapida passagem de Lucas por Agreste, tampouco ela provaria ali outro gosto de homem alem do trivial. Acontecera tambem naquela cama de casal, de dona Eufrosina e do doutor Fulgencio, louca coincidencia. Durara pouco, algumas noites tao somente, todas elas por inteiro de delirio. Pela janela aberta penetrava o ceu de mil estrelas. No seu xibiu nascia a estrela da manha. Quando pela primeira vez pulou a janela, invadiu o quarto, subiu na cama e suspendeu a saia, era uma cabra em cio, faminta de homens, ignorante de tudo o mais. Lucas entendeu e riu. Vou te ensinar a amar, prometeu e ensinou do a ao ze, passando pelo ipicilone.

- Nao sabe como e, o ipicilone? E o melhor de tudo, vou-lhe mostrar. No correr da vida tao vivida, Tieta nao voltara a encontrar quem conhecesse a pratica sensacional do ipicilone; a muitos ensinara, trunfo irresistivel. Nas ruas da Bahia, procurara Lucas, inutilmente. Indagou de muitos: conhece doutor Lucas? Lucas de que? Nao tivera curiosidade de perguntar, sabia-o apenas medico e bom de cama. Ninguem pode lhe informar. Educara-se em curso intensivo naquele leito de dona Eufrosina, onde depois Perpetua e o Major dormiram e fizeram filhos. Burro como um toco de pau, escrevera Carmosina na carta sobre os presentes, a proposito do falecido cunhado. Se o Major fosse vivo, voce podia trazer para ele uma cangalha, ia-lhe bem. Curto de inteligencia mas bem dotado de fisico, um tipao: moreno carregado na cor, passo militar, e que apetite! Capaz de tracar Perpetua, carne de pescoco! Tanta moca dando sopa em Agreste, qualquer delas feliz se arranjasse casamento, fosse com ele ou com quem fosse, desde que vestisse calcas, e o obtuso escolhe, prefere, leva ao altar a beata Perpetua, aquele estrepe, donzela

encruada, cara de prisao de ventre. Mais estranho ainda, foram felizes e o luto que ela enverga, fechado e exposto, nada tem de hipocrita, reflete sentimento verdadeiro, dor profunda. Deus tivera pena dos meninos, contara Carmosina na carta relatorio, de tanta utilidade: sairam ao pai na pareenca e no carater, alegres, cordiais, simpaticos, da mae herdaram somente a inteligencia. Perpetua pode ter todos os defeitos, mas nao e tapada, sabe raciocinar e agir, poco de ambicao. Tieta pensa nos meninos, gosta dos dois. Quando decidira a viagem, pensava que iria se apegar ao pequeno de Elisa, adorava 114

criancas. Mas esse morrera, Carmosina explicara na carta o motivo do silencio da irma - a culpa e sobretudo minha, melhor dito da pobreza; sem a ajuda mensal, Elisa se encontraria privada de quase tudo, mentiu sob conselho meu. Tieta perdoara mas nao esquecera. Sobraram os dois de Perpetua: no leito perseguindo o sono, a tia com os sobrinhos.

O pequeno, um malandro, malicioso, sabidissimo. Nao tira os olhos dela e de Leonora, medindo as coxas desnudas, bispando nos decotes as curvas dos seios. Ainda nao atingiu a idade mas para isso haveria limites rigidos, realmente? Em troca, Ricardo e exemplo de recato e pudicicia, vive desviando a vista, com medo de pecar, violentado coroinha. Coroinha, nao, seminarista, destinado ao servico de Deus. Tamanho corpanzil e de camisolao! Tieta recorda e morde os labios.

Um frangote, nao chegou ao ponto exato. Se fosse mulher, estaria de pito aceso, homem tarda mais, sobretudo se lhe enfiam uma batina, capam-lhe os bagos com o temor de Deus, ameacam-no com as chamas do inferno. O pequeno vai desarnar cedo, e um corisco; o destino de Ricardo e permanecer donzelo, que maldade! Fosse mais taludo, a tia lhe ensinaria o que e bom. Esta, porem, ainda muito verde. Tieta jamais gostou de homem jovem, preferindo-os sempre mais velhos do que ela. Bode bom de cabra e aquele que tem idade e experiencia.



**DA TRISTE VOLTA DO CAVALEIRO ANDANTE,  
ESCORRACADO, E DOS TELEGRAMAS ENVIADOS POR  
TIETA MOTIVANDO COMENTARIOS, HIPOTESIS E  
APOSTAS PRECEDIDOS, VOLTA E TELEGRAMA, DO  
DIALOGO ENTRE OSNAR E DOUTOR CAIO VILASBOAS  
QUE POR FRASCARIO E INUTIL NAO DEVIA FIGURAR  
EM OBRA LITERARIA PRETENSAMENTE SERIA**

Tieta e Leonora aguardam a chegada da marinete na agencia dos Correios. Esperar a marinete, assistir ao desembarque dos passageiros, e das mais excitantes diversoes de Agreste. Quando o atraso e grande, a espera toma-se por vezes enfadonha mas, em 115

compensacao, nao se paga nada. Ha sempre um grupo de vadios rondando a porta do cinema onde Jairo estaciona o glorioso veiculo. Outros ficam de tocaia no bar, os ilustres batem papo com dona Carmosina.

Elisa veio encontra-las na Agencia, muito excitada, querendo saber se dona Carmosina estava a par do acontecido entre Osnar e doutor Caio Vilasboas; na vespera Asterio a acordara para lhe contar o escabroso dialogo. Esse Osnar nao passa de um patife, nao respeita ninguem: afinal doutor Caio e medico, possui terras e rebanhos, e compadre da Senhora de Sant'Ana, madrinha de sua filha Ana, cidadao de idade, devoto e respeitavel. Dona Carmosina esta a par, e claro. Aminthas, testemunha do encontro, amanhecera em casa de dona Milu; relatara palavra por palavra, a conversacao na madrugada. Pois bem, de tudo o que Osnar dissera, nada se compara, na opiniao de dona Carmosina, ao deboche final, pois esse doutor Caio e santo-de-pau-oco, minha filha, por fora Senhor Sao Bento, por dentro pao bolorento. Osnar e um porreta, de quando em

quando lava a alma da gente. Tieta interrompe a discussao, curiosa de saber de que conversa se trata, capaz de causar tanto riso, de provocar indignacao e entusiasmo.

Dona Carmosina nao se faz de rogada, capricha nos detalhes. Sucedera ha dois dias, naquela noite em que Osnar e Aminthas ficaram ate tarde em casa de Perpetua, saindo depois a mariscar nas ruas. Altas horas, quando voltavam da beira do rio, Osnar acompanhado de uma quenga de baixa extracao, encontraram-se com o doutor Caio Vilasboas, um catao, vindo de atender a velha dona Raimunda, asmatica incuravel. Fosse algum pobre de Deus agonizando, o doutor nao abandonaria o calor da cama, mas a velha dona Raimunda tinha dinheiro grosso, destinado em testamento a pagar a conta do medico quando o Senhor a chamasse ao seu seio. Ao ver Osnar despedindo-se da esfarrapada criatura, medonhosa, doutor Caio, psicologo amator, abelhudo de nascenca, nao se conteve:

- Satisfaca-me, caro Osnar, a curiosidade, respondendo a uma pergunta que me permito fazer-lhe.  
- Mande brasa, meu doutor, sou seu criado as ordens. - Voce e um rapaz endinheirado, ja meio entrado em anos mas sendo solteiro ainda passa por rapaz, de boa familia, com habitos de asseio, tendo com que pagar cortesia de melhor nivel, por que nao frequenta a casa dirigida pela rapariga que atende por Zuleika Cinderela, onde, segundo me consta - la estive no 116

exercicio sagrado da medicina e nao como cliente - praticam esse infame comercio mulheres limpas, de belo porte e figura amena, por que prefere essas imundas, essas bruxas? - Primeiro permita, meu doutor, que eu lhe informe ser um dos fregueses prediletos das meninas da casa de Zuleika e da propria patroa, boa de rabo. Parte sensivel de minha renda se esvai naquele antro. E certo, porem, que nao desprezo um bucho quando saio de cacada, vez por outra. Alguns, devo confessar, bastante deteriorados.

- E por que? Deixe que eu lhe diga tratar-se de apaixonante problema de psicologia, digno de memoria dirigida a Sociedade de

Medicina Psiquiatrica.

- Vou lhe dizer por que, meu doutor, e escreva a razao se quiser, nao me oponho. Se chamo um bucho aos peitos quando calha, o motivo e nao viciar o pau, o Padre-Mestre. - Padre-Mestre?

- Foi o apelido que ele ganhou, dado por uma beata ainda passavel com quem andei praticando umas sacanagens, meu doutor. Imagine se eu servisse ao Padre-Mestre somente piteus finos, material de primeira, formosuras, perfumarias, e ele se acostumassem a comer apenas do bom e do melhor. De repente, um dia, por uma circunstancia qualquer, dessas que acontecem quando a gente menos espera, me vejo obrigado a pegar um estrepe em mas condicoes e o Padre-Mestre, viciado, se recusa, fica pururuca, brocha. Nao lhe dou vicio, vou comendo as bonitas e as feias e tem cada feia que vale mais do que um exercito de bonitas porque uma coisa, meu doutor, e mulher para se ver e admirar a imagem e outra e o gosto da boceta.

Doutor Caio emudece, o queixo caido, Osnar conclui: - De suas visitas profissionais a pensao de Zuleika, meu doutor, ouvi falar, Silvia Sabia me contou muito em segredo que chuparino igual a vosmice nao ha por essas bandas. Meus sinceros parabens.

Enquanto riem as quatro - esse Osnar e de morte! -, buzina na curva a marinete, naquela quinta-feira por milagre quase no horario, desprezivel atraso de vinte minutos, Jairo recebendo felicitaes dos passageiros. Tieta, Leonora e Elisa preparam-se para ir ao encontro de Ascanio, mas ele salta a frente de todos e se afasta no caminho de casa, em marcha batida. - Vai tomar banho. Depois de viajar na marinete de Jairo, ninguem pode fazer nada antes de gastar agua e sabao. Muito menos ver a criatura dos seus sonhos... - esclarece dona Carmosina: - Daqui a pouco bate por aqui. Demoram-se na Agencia dos Correios, a espera. Aminthas 117

vem juntar-se ao grupo, comentam o dialogo ja agora historico. Aminthas acrescenta o detalhe final: doutor Caio livido na madrugada, querendo falar sem poder, os olhos fuzilando. Osnar e ele, Aminthas, sairam de mansinho, nao fosse o medico ter um

ataque de apoplexia.

O tempo passa, Barbozinha surge, traz uma rosa na mão, uma rosacha. Ao ver Tieta estende-lhe a flor: - Colhi para você no jardim de dona Milu, ia levá-la a casa de Perpetua, mas os meus guias dirigiram-me os passos para aqui. Pena não ter mais três para homenagear todas as presentes. - E Ascanio? Vai aparecer ou não? - interroga Elisa, cansada de esperar.

Leonora, a criatura dos sonhos de Ascanio, na opinião de dona Carmosina, aguarda em silêncio, os olhos postos na rua. Nem sinal de Secretário da Prefeitura, de cavaleiro andante, limpo ou empoeirado. O jeito é mandar chamar. O moleque Sabino, requisitado, abandona a sorveteria, vai correndo com o recado para Ascanio: esperam-no impacientes na Agência dos Correios, venha rápido. Para matar o tempo, vão tomar sorvete de caixa, servido pelo próprio árabe. Amanhã será de pitanga, difícil saber qual o mais gostoso. Voltem para comparar e decidir. Finalmente desponta na esquina o cavaleiro andante, o passo lento, a face descomposta, Cavaleiro da Triste Figura. Mesmo antes dele subir o degrau da porta da Agência dos Correios todos se dão conta da derrota do campeão de Agreste na batalha travada em Paulo Afonso. Os destroços do guerreiro, o fracasso da missão, o rosto em luto, sepulcral.

- Negativo, não foi? - pergunta Aminthas. - Eu avisei. Não havia nenhuma possibilidade. Ainda bem que o motor vai aguentando: quando pifar, voltaremos ao fife. - Não se importe - disse Leonora. - Você fez o que pode. Cumpriu o seu dever.

- Foi horrível, humilhante. O diretor da Companhia, o que fica permanente em Paulo Afonso, nem queria me receber. Tive que pedir e suplicar, por fim me atendeu. Nem comecei a expor, me cortou a palavra. Não podia perder tempo, esse assunto de Agreste estava encerrado, não havendo nenhuma possibilidade de instalação de luz da usina no município. A Prefeitura não recebeu o memorando, negando o pedido? Então? Não adiantava falar com os técnicos, Agreste tem de esperar sua vez e não vai ser tão cedo, daqui a alguns anos, quando levamos força e luz aos últimos recantos dos Estados servidos pela Hidrelétrica. Agora, impossível, meu caro. Não adianta argumentos, deixe-me trabalhar, meu tempo

e precioso.

Ascanio suspende o relato, abana as mãos. Onde o entusiasmo, o animo de luta? Evaporaram-se, rolaram na 118

cachoeira, esmagados pelo diretor da Companhia. - No fim, ainda me gozou: tem uma única maneira, disse. Obtenha uma ordem do presidente da Companhia do Vale do São Francisco, do presidente, não de um diretor igual a mim, mandando instalar luz em Agreste e no dia seguinte lá estaremos. Passe bem. Riu e me voltou as costas. Um silêncio pesado caiu sobre a Agência dos Correios. A primeira a abrir a boca, dona Carmosina: - Filho da mãe! E por isso que eu sou contra essa gente. Leonora aproxima-se de Ascanio:

- Não se aflija tanto, tudo no mundo tem jeito. - Os doces olhos plenos de ternura.

Tieta levanta-se da cadeira onde ouvira em silêncio: - Quem é o presidente, Ascanio, e o que é mesmo essa tal Companhia. Me ilumine o pensamento.

Ascanio, ainda sem graça, deprimido, explica o que é a Companhia do Vale do São Francisco, a importância da Hidrelétrica de Paulo Afonso, termina citando o nome do deputado que exerce a Presidência da grande empresa estatal, aquele que manda e decide, o único a poder modificar planos estabelecidos. Mas, como atingi-lo? Impossível. Quem tem razão é Aminthas: mais do que importância econômica, falta a Agreste o prestígio de um grande chefe, alguém cujo pedido seja uma ordem.

Tieta repete o nome do deputado:

- Já ouvi falar mas não conheço pessoalmente. Mas, em São Paulo, não tem político importante com quem eu não me de - esclarece. - Todos amigos de Felipe, todos frequentam minha casa. Carmo, Ascanio, me ajudem a redigir um telegrama. Ou melhor, dois.

Pronuncia nomes ilustres, mandachuvas em São Paulo e no país. Dona Carmosina escreve. Tieta pede-lhes que intervenham em favor de Agreste junto ao presidente da Companhia do Vale do São Francisco, seguem-se as razões detalhadas por Ascanio mas a principal é o interesse de Antonieta, o favor que lhe fará e ela ficará

devendo.

- Telegrama enorme - observa dona Carmosina. - Vai custar uma nota.

- A Prefeitura paga - adianta-se Ascanio. - Quem paga sou eu, meu filho, que estou enviando. Carmo, assine Tieta do Agreste. Os amigos mais intimos me tratam assim, era como Felipe gostava de me chamar.

Ainda nao haviam retornado da casa de Perpetua e ja a noticia dos telegramas abalava a cidade- dona Antonieta Esteves Cantarelli telegrafara a um senador paulista e ao proprio doutor 119

Ademar, amigos do peito do falecido Comendador, pedindo a instalacao em Agreste da luz de Paulo Afonso. Os comentarios civicos cobrem os ecos do fescenino dialogo sobre os habitos sexuais de Osnar, se as mensagens telegraficas nao resultarem em iluminacao feerica,ja terao servido a moral publica. Sucedem-se as hipoteses: possui a viuva realmente tanto prestigio, conhece, trata, e intima de senadores e governadores ou apenas esta fazendo farol? Qual o resultado: luz ou trevas? Ate apostas sao feitas. Fidelio bota dinheiro no sucesso, Aminthas continua pessimista, por que esses lordes de Sao Paulo hao de se mover por Agreste, o cu do mundo? Dobro a aposta, Fidelio.

Por que? Tieta poderia responder que se moverao exatamente por serem lordes e por ela ser Tieta do Agreste.

## DO PASSEIO NA FEIRA COM O ANUNCIO DO PROXIMO FIM DO MUNDO, CAPITULO DE PROFECIAS

A feira semanal no primeiro sabado apos a chegada das paulistas, transformou-se num festival, em regozijo publico, por pouco termina em fuzue.

Apos a missa pela alma do Comendador, Tieta e Leonora passam em casa para trocar de roupa: ninguem aguenta fazer feira com vestidos negros, pesados, elas nem sabem por que milagre os puseram na mala. A comitiva inclui Elisa, Barbozinha, Ascanio Trindade, Osnar. O

velho Ze Esteves, paleta no braco, bastao e esposa, faz-lhes companhia ate a Praca do Mercado (Praca Coronel Francisco Trindade), de onde a feira se estende pelas ruas vizinhas. Ali se despede, a tarde ira buscar Tieta para correrem duas casas a venda, entre as muitas oferecidas, as unicas convenientes.

Perpetua agradece o convite, nao aceita. Vai a feira cedo, acompanhada por Peto a carregar as cestas. Dia de feira, dia dos mendigos: Perpetua passa o resto das manhas de sabado em casa, distribuindo esmolas, mercadejando com Deus um lugar no Paraiso em troca da caridade hebdomadaria. Em cada uma das casas das ruas principais, durante a semana, as familias guardam as sobras de pao, as bolachas envelhecidas, restos de comida da vespera, frutas amassadas, algumas moedas, para a multidao de 120

esmoleres a invadir a cidade, vindos quem sabe de onde. Seu Agostinho da padaria fornece por preco de ocaiao sacos cheios de paes dormidos, duros como pedras, de bolachoes moles, de bolos mofados, filantropia a preco modico. Quem da aos pobres empresta a Deus. Com juros altos, bom emprego de capital. Alguns pedintes sao fixos em Agreste, passam diariamente pela manha ou ao cair da tarde, possuem freguesia certa. O cego Cristovao senta-se na escadaria da igreja na hora da missa chova ou faca sol e ali se demora de mao estendida, a recitar sua litania. O beato Possidonio, somente aos sabados e na feira. Vem de Rocinha, sob o queixo a barba rala de profeta caboclo, sem dentes e boca de praga; traz um caixote de querosene, vazio, e uma cuia de queijo. Prega nas proximidades do local onde ficam os vendedores de passaros, trepado no caixote, a cuia ao lado para as esmolas - so aceita dinheiro. Estende-se em nebulosa lengalenga sobre os pecados dos homens; anuncia desgracas aos montes, profeta de um Deus terrivel, vingativo, cruel. Cita os evangelhos, condena protestantes e macons, proclama a santidade do padre Cicero Romao. Basta enxergar uma mulher mais pintada, ergue-se a insulta-la, destinando-a as chamas eternas. A voz esganicada, Perpetua queixa-se dos mendigos a Antonieta, fala deles como de inimigos:

cada vez mais ousados e exigentes, o exercicio da caridade transforma-se em sacrificio: - Nao aceitam nem mangas nem cajus, dizem que ninguem compra, que tem demais, manga nao e esmola que se de, ja viu? Mesmo banana, torcem a cara. Nao tem um trocado? Querem dinheiro. Outro dia um me chamou de canguinha. Na feira, montes de frutas se sucedem, muitas delas Leonora nao conhece; bate palmas, encantada. Que goiabinhas pequenas! Nao sao goiabas, sao aracas, araca-mirim, araca-cagao. Com elas se faz o doce que comemos em casa de Elisa. As goiabas estao aqui: vermelhas e brancas.

Comparadas as goiabas dos japoneses de Sao Paulo, sao pequenas, mas sinta o gosto, meca a diferenca. Melhor ainda se estiver bichada. Cajus, nao ha fruta igual para a saude. A nao ser jenipapo, que cura ate doenca do peito. Voce precisa comer jenipapada para ficar forte. E o gosto? Para mim, nao ha nada mais gostoso. Vamos comprar agora mesmo; o jenipapo quanto mais encarquilhado melhor. Tieta escolhe, conhecedora. Mangabas, cajas, cajaranas, umbus, pitangas. Os mendigos tem razao ao recusar esmolas de manga, sobram pela feira, as cores de aquarela, as variedades numerosas: rosa, espada, carlota, coracao-de-boi, 121

coracao-magoado, itiuba, tantas. As jacas, duras e moles, descomunais, das talhadas expostas sobe um odor de mel. Que fruta e essa que parece pinha? Condessa. E essa maior? Jaca-de-pobre, o sorvete e sublime. Leonora quer ver de perto, quer toca-la. Curva-se, exhibe a calcola diminuta sob a minissaia. Jubilo geral Quando a viu de minissaia, Ascanio pensou desaconselhar o traje na visita a feira mas temeu passar por tabareu, por retrogrado, calou-se. Agora e ir em frente, buscando nao ver e nao escutar. Dificil, pois a animacao aumenta.

Nunca a feira de Agreste conheceu pagodeira igual. Barbozinha, entretido a explicar a Tieta problemas de desencarnacao e reencarnacao, da vida no astral, assuntos em que e professor emerito, nao se da conta do sucesso, mas Ascanio Trindade aflige-se com tamanho atraso, indeciso sobre a maneira de agir. Aflito



apenas? Ou sofre tambem ao ver expostas ao publico aquelas formosuras que deseja exclusivas, reservadas a quem conduza ao altar a inocente Leonora Cantarelli? Inocente de todo mal, nao imaginara o escandalo que provocaria indo a feira vestida de minissaia, moda banal no Sul do pais e no estrangeiro. Nas paginas coloridas das revistas, Ascanio admirou minissaias bem mais ousadas, a de Leonora ate que lhe encobre a bunda se ela se mantem a prumo.

- E melhor que ela se curve menos - sussurra Osnar a Ascanio. Nem Osnar, um cinico, se anima a aconselhar a candida vitima da ignorancia local, quanto mais Ascanio. Prossegue o passeio pela feira arrancando exclamacoes de Leonora e do bando de moleques a seguir a comitiva. De quando em vez um assovio, uma interjeicao, uma frase em lingua de sotaque: - Espia, Manu, o andor da procissao esta passando... Sacos de alva, olorosa farinha de mandioca, torrada em casas-de-farinha da regio; a puba, a tapioca, os beijus. Prove, Leonora. Com cafe sao otimos, vamos comprar. Esses molhados levam leite de coco, nao ha quem resista, vou engordar como uma porca. Mas que e isso, meu Deus, essa meninada a segui-los? Antonieta contempla o ajuntamento. Nao so meninos, homens feitos tambem, bando de ordinarios. E a minissaia de Leonora, figurino inedito em Agreste. Antonieta olha para Ascanio, para Osnar, eles fingem nao se dar conta da corja em zombaria.

Barbozinha esta reencarnado pela sexta vez, em longinqua galaxia. As maos nas cadeiras, a maneira das feirantes, Tieta fita o 122

animado rebanho. O olhar da ricaca de Sao Paulo - ou o olhar da pastora de cabras? - entre severo e picaro, dissolve o cortejo, restam apenas alguns moleques, admiradores mais renitentes. Ascanio respira, Osnar aprova. Para dizer a verdade, o que mais incomoda a Ascanio e a presenca de Osnar, o olhar de verruma, a expressao de beatitude.

Duas cadeiras de barbeiro ao ar livre, ocupadas ambas, e o trovador Claudionor das Virgens a declamar os versos do folheto de cordel:

*Tres vezes ja casei  
Com branca, preta, mulata  
No padre, no juiz, na mata  
Pela quarta casarei  
por ordem do delegado  
Pra deixar de ser ousado.*

Cala-se a voz do trovador das Virgens a passagem da comitiva. A minissaia o inspira, improvisa:

*Quem me dera casar com Aurora  
Que passa de cu de fora.*

- E isso que voce come em casa no cafe da manha - Tieta aponta as raizes de aipim, de inhame, as batatas-doces. A verde fruta-pao. Elisa, inquieta, a constatar novo crescimento do grupo de basbaques, convida:

- Vamos indo para casa? Estou morrendo de calor. Verdade, alias. Nao trocara de roupa, esta com o vestido negro posto para a missa, fechado no pescoco, o contrario de Leonora. O que mais aflige Elisa? Os moleques, os assovios, o deboche do trovador, a falta de respeito, o achincalhe ou o sucesso da paulista?

- Ascanio prometeu me levar para ver os passarinhos... - doce pipilar de Leonora.

A procissao engrossa, enquanto rumam para a feira de passarinhos - os passaros sofre, os passaros pintores, os passaros negros, os cardeais, os azuloes, os canarios-da-terra, papagaios e periquitos e uma araponga a malhar o ferro com seu grito de bigorna. Leonora irradia felicidade, o acompanhamento toma aspecto de comicio, com risos, dichotes, pregoes. - Acho melhor a gente ir andando - insiste Elisa. - So um minuto mais. Olhe esse, que amor! 123

- E um passaro sofre, imita todos os passarinhos. Ouca. - Ascanio assovia, a ave responde.

Da turba em gozacao, outros assovios, acanalhados. Fi-ti-o- fo, vaia

tambem o passarinho. Rindo, a pitar o cigarro de palha, solerte, Osnar avanca em direcao aos pandegos, agarra um molecote pela orelha, os demais recuam em correria, explodem em apupos, a troca se estende pela feira.

Ali perto, em cima do caixao de querosene, a cuia ao lado, o profeta Possidonio proclama o iminente fim do mundo, anunciado pela aparicao de objetos luminosos em Mangue Seco, igneas naves de gas conduzindo arcanjos enviados por Deus para escolher e marcar os locais onde se erguerao as fogueiras de enxofre sobrenatural, fabricado nas caldeiras do inferno para consumir o mundo entregue a devassidao, a orgia, a luxuria. De costas para a cara do ascetico beato, curva-se Leonora, oferecendo o dedo a um papagaio manso e falador - diz bom-dia, pede a bencao, fecha um olho, comico. O beato Possidonio, por mais erudito em materia de iniquidade humana, de depravacao, de impudicicias, jamais vira, com seus olhos queimados pelo sol do sertao, tal desregramento, tamanha imoralidade. O excitante traseiro de Leonora, praticamente nu, obra-prima de Satanas, aplaudido pela sucia de condenados, coloca-se diante das misticas ventas do profeta, provocacao monstruosa! - Arreda! Sai de minha frente, volta para as profundas do inferno, mulher imunda, pecadora, rameira! Indignado, Ascanio marcha para o beato Possidonio: - Cala a boca, maluco!

Mas Tieta o detem, segura-lhe o braco, diverte-se as pampas. - Deixa o velho, Ascanio. E a minissaia de Leonora. - Hein? A minissaia... - Leonora nao sabe se rir ou chorar. - Nao me diga, nunca pensei... - dirige-se a Ascanio. - Nunca me passou pela cabeça. Desculpe.

- Quem tem de pedir desculpas sou eu, pelo atraso do povo. Um dia vai mudar. - No fundo, nem ele proprio tem certeza. Mudanca tao incerta quanto o fim do mundo do sermao de Possidonio.

Deixam para outro passeio boa parte da feira: as carnes-de-sol, os guaiamus, os potes e moringas, as figuras de barro, o caldo de cana extraido em primitivas prensas de madeira, tao sujo e tao delicioso. O beato continua a vociferar enquanto eles partem. Tieta a rir do acontecido, e logo a pedir a Osnar que lhe conte a celebre historia da polaca, sobre a qual Carmosina lhe falara. Alguns moleques ainda

os acompanham pela rua.

124

A noticia os precedeu, chegou ao bar e ao adro da igreja, um alvoroço para vê-los passar. Leonora anda o mais depressa possível, nunca pensara desencadear o fim do mundo. - Esta próximo, sim, tive aviso e confirmação, posso assegurar esclarece Barbozinha a par dos segredos dos deuses e da loucura dos homens. - Vai ser uma explosão atômica colossal. Todas as bombas atômicas existentes, as americanas, as russas, as francesas, as inglesas, as chinesas - os chineses estão fabricando na surdina, tenho informações recentes - vão explodir ao mesmo tempo, as três horas da tarde de um dia primeiro de janeiro. Não digo o ano para não alarmar ninguém.

BREVE  
ESCLARECIMENTO  
DO  
AUTOR  
SOBRE  
PROFECIAS E ENXOFRE

Houve quem quisesse descobrir na arenga do beato Possidônio sobre o próximo e inevitável fim do mundo referências proféticas à indústria de dióxido de titânio. Quando, por exemplo, o iluminado aludiu ao enxofre procedente dos infernos para destruir a terra e a humanidade não citou :claramente os objetos não identificados, vistos em Mangue Seco? Naves de gás? Conotações existem, não há dúvida. Em tempos de tanto misticismo, o melhor é não negar nem discutir. Os profetas multiplicam-se, exibem-se no rádio e na televisão. Ao contrário do beato Possidônio, não se contentam com escassa esmola. O beato Possidônio é profeta antigo, produto semifeudal, perdido no sertão, ainda não percebeu as maravilhas da sociedade de consumo. Não se dá conta de que nas minissaias lavamos a vista condenada à cegueira pela poluição. Quanto ao

enxofre, e produzido nos Estados Unidos, nacao privilegiada, nao se faz necessario importa-lo dos infernos.

## **DE PEDINTES E ABUSOS, DE AMBICOES - CAPITULO DE MESQUINHOS INTERESSES**

125

Alegre alvoroco, na feira e em todo o burgo, nascido da presenca em Agreste de Tieta e da enteada, formosa e virginal. Tao meiga, lembra a Ricardo a noiva predileta do Senhor, Santa Terezinha do Menino Jesus, apesar da minissaia, do transparente cafeta e dos shortes ousados. Mesmo acompanhando as indecentes modas atuais, percebe-se na suave Leonora o odor da castidade, o encanto da inocencia.

Apos o passeio na feira, Elisa ameacara vestir a minissaia trazida por Tieta, em solidariedade e em desagravo a Leonora - ou em competicao?

Asterio se opo, contou com o apoio de Perpetua: - Podem me chamar de atrasada; sou contra, pelo menos aqui. Em Sao Paulo, pode ser. Aqui o povo nao aceita, acha imoral. Eu tambem, para ser franca. - A voz esganicada, estridente, soprando as labaredas do inferno. - Por mim, dona Perpetua, fique descansada. Nunca mais uso. Nao quero ser responsavel pelo fim do mundo - promete a mansa Leonora num fugaz sorriso.

- Nao estou lhe censurando, sobrinha, voce nao teve culpa. Nao deseja ofender a querida parenta, sobrinha por adocao. Sobrinha, sim, pois enteada da irma, filha do cunhado industrial e comendador do Papa, herdeira rica. Pena os meninos serem tao novos; quem esta rondando a bolada e Ascanio, nao parecia tao esperto.

- Sei que voce nao fez por mal, sua boba. Em Sao Paulo, nos Estados Unidos, nessas terras onde so tem protestante, nao digo nada. Mas aqui ainda se cumpre a lei de Deus. Conversa aparentemente sem consequencia mas, por detras da alegria a

rodear Tieta existem esperanças, planos, alguns audazes. Reunido em torno a filha prodiga, o clã dos Esteves se desdobra em bajulação as paulistas, escondendo sob o manto da paz familiar uma efervescência de inconfessáveis ambições, de furtivas diligências. Entreolham-se, com suspeita, uns aos outros. No correr da semana, sucederam-se as visitas, uma romaria. Os importantes do lugar, comerciantes, colegas de Asterio, a professora Carlota, seu Edmundo Ribeiro, coletor, Chico Sobrinho com a esposa Rita, por coincidência acompanhados por Lindolfo Araujo, tesoureiro da Prefeitura e gala um dia ainda se enche de coragem e ira tentar a vitória num programa de calouros na televisão, em Salvador. Vieram o doutor Caio Vilasboas, circunspeto, falando difícil, metade médico, metade fazendeiro, 126

se fosse viver de clínica em Agreste terminaria pedindo esmola aos sábados, e o coronel Artur da Tapitanga que demorou a tarde inteira conversando. Conhecia Tieta de quando ela, meninota, pastoreava as cabras do pai, em terras vizinhas as suas, alias hoje suas, compradas a Ze Esteves. Fez elogios a beleza de Leonora: parece com uma estatueta de biscoito que antigamente tinha na casa-grande, quebrou-se. Fosse ele ainda jovem, na sustança dos setenta, e lhe proporia casamento, mas aos oitenta e seis não quer correr o risco. Por mais honesta que a moça seja, há perigo de chifre. Ria numa catarreira grossa, puxando a fumaca do charuto. Único a faltar, o prefeito da cidade, Mauritônio Dantas, ausência explicada por Ascanio Trindade por ocasião do desembarque: o digno mandatário vive confinado em casa, de miolo mole desde a deserção da esposa, Dona Amelia de apelido Mel, ativíssima militante da revolução sexual.

Os pobres, inumeráveis, vem a qualquer hora, não passam da sala de jantar; a de visitas, Perpetua reserva aos graúdos. Cada pobre, uma história triste, uma súplica, um pedido. A fama da riqueza e da generosidade de Tieta alastra-se como erva ruim, veleja nas águas do rio, viaja nos lombos dos burros, alcança as fronteiras de Sergipe. Perpetua franze a testa, não tolera abusos nem esbanjamento.

- Não posso ver ninguém necessitado, passando fome - declara Tieta. - Sei o que é precisão, doí em minha carne. Perpetua, apesar da chaleirice, não se contem: - Não digo que não ajude um ou outro infeliz. Margarida, que o marido largou na cama, de barriga aberta, vá lá, não pode trabalhar. Calo minha boca. Mas David, um batoteiro, cabra ruim que nunca pegou no pesado, não merece esmola. Só sabe beber cachaca e roncar na beira do rio. É até pecado ajudar a preguiça, a vagabundagem. O melhor benefício que se pode prestar a essa gente é rezar por eles, pedir a Deus que lhes indique o bom caminho. Quem mais pratica a caridade sou eu: rezo por eles todas as noites. Ainda ontem você deu dinheiro a Didinha. Uma perda, com aquele renque de filhos, cada um de um pai e ainda por cima ladrona. Dona Aida teve pena, tomou de empregada, pegou roubando na despensa...

- Feijão para dar aos filhos, Perpetua, tenha piedade. Havia de deixar os pobrezinhos morrerem de fome? - Não os tivesse. Na hora de deitar com o primeiro que aparece, não pensa no futuro, só na descaracão, Deus me perdoe - a voz sibilina em nojo e reprovacão.

- Nessa hora, Perpetua, ninguém pensa em nada, não é? Não dá mesmo... - ri Antonieta. - Você foi casada, sabe disso, não 127

sabe? - espia a irmã, um sorriso de galhofa. - O dinheiro é seu, você faz com ele o que quiser, não tenho nada com isso. Mas que me dá pena esse desperdício, me dá, não nego.

- Lá isso é, minha filha. Uns aproveitadores. Sabem de seu bom coração, abusam. Por mim, metia todos eles na cadeia, e o que merecem. Ze Esteves, por uma vez, de acordo com Perpetua.

Todas as manhãs o Velho passa para botar a bênção a filha prodiga: Deus te abençoe e te aumente, minha filha. Resmungando um Deus te dê a bênção para Perpetua, outro para Elisa, se a mais moça está presente. Relanceia o olhar pela sala onde conversam - numa rede na varanda, Leonora escuta os trinos do passarinho oferecido por Ascanio. Ze Esteves pousa o olhar em Perpetua, em Elisa, prossegue:

- Só querem lhe explorar. Todos. Sem exceção. Tome tento. Se você

continuar de mao aberta, roubam tudo. - Refere-se aos pedintes? Os olhos em Perpetua, em Elisa, masca o naco de fumo de corda. - Nao esta vendo dona Zulmira, toda devota, vive na igreja papando hostia. Na hora de dizer quanto quer pela casa, como e para voce pede um absurdo. Quem falou certo foi Modesto Pires: um roubo. Essa gente que vive metida na igreja... Perpetua faz que nao ouve, contida pela presenca de Tieta. O Velho esta pondo as manguinhas de fora, pela vontade dele a filha rica nao ajudaria sequer as irmas, os sobrinhos. Velho ruim como a necessidade. Vive agora na perspectiva da mudanca para casa confortavel em rua decente, a ser adquirida por Tieta para os dias da velhice. Enquanto ela nao vier, Ze Esteves e Tonha desfrutarao sozinhos, isso ja esta assentado. Nao sera tao breve que Antonieta, guapa, transbordante de vida, deixara o fausto de Sao Paulo para enterrar-se em Agreste. E muito mulher para casar de novo e ai entao nao vira nunca. Nesse caso Ze Esteves ficara de dono, refestelado, de papo para o ar, com criada para cuidar da casa, mesada larga, tendo de um tudo, na vida que encomendou a Deus. Fazendo economia, pode ate pensar em adquirir um pedacinho de terra e um par de cabras e recomencar a criacao. No mundo, nao ha coisa melhor e mais bonita do que um rebanho de cabras nos oiteiros.

## **DE TERRENOS E CASAS A VENDA OU TIETA NO**

128

## **MUNDO DOS NEGOCIOS IMOBILIARIOS**

Foi o dono do curtume quem chamou a atencao de Tieta para a casa de dona Zulmira.

De braco com a esposa, dona Aida, Modesto Pires visitara a badalada conterranea logo no dia seguinte ao desembarque,



apressado em conhecer melhor a emitente dos cheques mensais que ele descontava. Guardava vaga lembrança da molecota a pastorear cabras, namoradeira, expulsa de casa pelo pai, regressando agora viuva e rica. Admirou-lhe as carnes e a imponencia, o requinte da peruca acaju, a saia aberta de um lado, refinamentos devidos a posicao social e ao trato de Sao Paulo. Comparou-a com Carol, dois pancadoes de mulher, diferentes uma da outra, mas ambas fartas, densas, desejaveis, mulheres para a cama.

Acompanhada de Leonora e de Ricardo - de batina - Tieta, dias depois, paga a visita. Modesto e dona Aida a recebem e tratam nas palmas das maos: licor de jenipapo, bolo de milho, doce de banana em rodinhas, confeitos e bolachas de goma. Dona Aida, esconda essas tentacoes, estou engordando a olhos vistos, vou virar uma baleia. Que nada, a senhora esta otima. Leonora regala-se com o doce de banana em rodinhas, Tieta promete: - Depois lhe digo como chamam esse doce aqui... Risos na sala. Modesto Pires comporta-se como homem do mundo, liberal:

- Se quiser dizer, nao se acanhe, dona Antonieta. Aida e o padrezinho tapam os ouvidos.

- Maluquice minha, sou uma estouvada. Me desculpe, dona Aida. O que quero pedir ao senhor, seu Modesto, e um conselho. Homem rico, importante plantador de mandioca em Rocinha, criador de cabras e ovelhas, proprietario do curtume, de terras a perder de vista, na beira do rio, nas imediacoes de Mangue Seco, de varias casas de aluguel, entre as quais aquela onde Elisa reside, ninguem melhor do que Modesto Pires para aconselhar sobre casas e terrenos.

- Quanto a terreno em Mangue Seco, se desejar, eu mesmo posso lhe servir. Boa parte daquela area de coqueiral me pertence. Temos la uma casa de veraneio, para receber os netos, so que nao vem.

Dona Aida nao esconde a magoa: apenas a filha mais velha, casada na Bahia com um engenheiro da Petrobras, aparece nas 129

ferias e traz os dois meninos. O filho, medico no interior de Sao Paulo, socio de uma casa de saude, casado com paulista, promete

muito, nunca se decide. Tampouco a filha mais nova; vive em Curitiba, o marido é paranaense, empresário, construtor de imóveis. Para ver filhos e netos Dona Aida tem de viajar, tomar o avião em Salvador, morre de medo. Antonieta simpatiza com a queixosa:

- A vida no Sul é muito absorvente, ninguém tem tempo para nada. E por isso que quero comprar casa aqui e terreno na praia.

Ali mesmo acertaram os detalhes sobre o lote em Mangue Seco, vizinho ao do comandante Dario, adquirido também a Modesto Pires. Depende dela ver e gostar, naturalmente. - Vai adorar, o lugar é lindo e está a salvo da chuva de areia. De lá para as dunas, um pulo, uma caminhadinha a pé, boa para manter a forma.

- É bonito, sim - confirma Dona Aida. - Tomara que a senhora venha sempre, assim aumenta nossa colônia de veraneio. Daqui a uns dias estaremos lá. Logo que Marta e Pedro cheguem. - Refere-se à filha e ao genro engenheiro. - Nos iremos com o Comandante, neste fim de semana. Estou contando as horas. Faz para mais de vinte e seis anos que não vejo a praia de Mangue Seco.

Modesto Pires informa:

- Quanto à casa na cidade, sei que dona Zulmira quer vender a dela, até já mandou me oferecer. Não me interessei, comprar casa de aluguel em Agreste e comprar consumíveis. Os alugueis são baixos, as casas sempre precisando de conserto, o pagamento atrasa. Tenho algumas, vivo me amofinando com elas. Mas essa casa de dona Zulmira vale a pena. Construção boa, terreno plantado. Ela quer se desfazer para dar o dinheiro à Igreja. Tem medo que o sobrinho, se ela morrer, faça como os parentes do finado Lito que botaram causa na Justiça, contestando o testamento pelo qual ele deixou tudo que tinha para o padre dizer missa. Não sei a conselho de quem, dona Zulmira resolveu vender a casa e dar logo o dinheiro à Senhora Sant'Ana. A velhinha só ocupa um pedaço da residência: um quarto, a cozinha e o banheiro, o resto trancado, se estragando. - Onde ela vai morar?

- Tem uma casinha pequena, desalugada. Vai morar lá. - E quanto ela está pedindo, o senhor sabe? - Já lhe digo. - Modesto Pires vai em busca da pasta, retira um papel. - Está aqui a quantia, escrita

pela mão dela. - Barato, não é?

130

- Para a senhora talvez; para Agreste, razoável. Não digo que seja caro mas casa aqui não tem valor. Passe na rua e veja quantas ao abandono, em ruínas. Como diz minha filha Teresa, a que mora em Curitiba, Agreste é um cemitério.

- Um cemitério? Se Agreste, com esse clima, essa fartura de frutas e peixes, essa água santa, e um cemitério, o que se há de dizer de São Paulo?

- São Paulo, dona Antonieta, é uma grandeza, com aquele parque industrial, aquele movimento, aqueles edifícios, uma potência. Que ideia a sua, comparar Agreste com São Paulo. - Não estou comparando, seu Modesto. Para quem quer ganhar dinheiro, São Paulo é a cidade ideal. Mas para viver, para descansar, gozar de um pouco de sossego, quando a gente cansou de trabalhar e de ganhar dinheiro...

- E tem quem se canse de ganhar dinheiro? Me diga, dona Antonieta? Não sei de ninguém.

- Tem, sim, seu Modesto. - Tieta pensa em Madame Georgette passando o negócio adiante, embarcando para a França, no auge dos lucros.

- Pois eu não acredito, me perdoe. - Muda de assunto. - Soube que a senhora mandou telegramas para São Paulo pedindo que a Hidrelétrica nos forneça luz.

- Telegrafei para dois amigos de meu finado marido que me consideraram. Pode ser que de resultado.

- Deus permita. Estão falando por aí que um dos dois foi o doutor Ademar, será verdade?

- E, sim, dou-me muito com ele, lhe arranjei uns votos na última eleição. Felipe não votava nele, coisas de paulista metido a nobre. Mas se davam bem e comigo ele sempre foi muito atencioso.

- Para mim - sentenciou o dono do curtume - é um grande homem. Rouba mas faz. Se todos fizessem como ele, seríamos rivais dos Estados Unidos. Não pensa assim, dona Antonieta? - Nessas trincas

de politica, sou ignorante, seu Modesto. Lhe digo apenas que grande coisa e ter amigos. Felizmente, eu tenho.

- Se a senhora conseguir a luz da Hidreletrica, o povo vai lhe entronizar no altar-mor da Matriz, junto com a Senhora Sant'Ana. Ideia tao estapafurdia, Antonieta riu as gargalhadas.

131

### **ONDE TIETA RECUSA A PROPOSTA DE DONA ZULMIRA E EM TROCA VE UMA PROPOSTA SUA VETADA PELO PAI, PELO CUNHADO E POR ELISA**

Alguem, cujo nome nao importa, aconselhara Dona Zulmira a vender a casa e colocar o dinheiro vivo no altar necessitado da Senhora Sant'Ana, livre de contestacao, garantindo-lhe o lugar no ceu, a direita de Deus, entre os mais justos. Quem sabe, a mesma voz divina a aconselhou a pedir a ricaca de Sao Paulo o dobro do preco proposto a Modesto Pires. A bolsa de imoveis funcionando pela primeira vez em Agreste.

Se Antonieta nao soubesse do preco anterior, talvez nem discutisse pois, mesmo pelo dobro, a vivenda ampla e fresca, em centro de terreno, com arvores e jardim, nao lhe parece cara. Tinha, porem, horror de ser explorada, sabia o valor do dinheiro. Generosa, mas nao esbanjadora. Perpetua se engana ao julga-la. Conhecera dias podres, conserva vivo o travo da miseria. Custou- lhe esforco, habilidade, tato e malicia o que conseguiu juntar a duras penas, nao pensa desperdicar seu pe de meia. Com a morte de Felipe, secou-se a fonte. Recusa a proposta de Dona Zulmira, oferece a quantia pedida a Modesto Pires. Nao teve ainda resposta. Em lua-de-mel com a familia da-se conta, no entanto, do encoberto interesse de cada um, da avidez maior ou menor a move-los, apenas os sobrinhos escapam, ainda limpos, fora do circulo mesquinho onde os

demais se movimentam. Mais do que os pedintes, os parentes a apoquentam.

Preocupada com o fato de Asterio pagar aluguel, levantara a hipótese de, ao comprar a casa de dona Zulmira ou outra semelhante, igual em conforto, residirem juntos os dois casais: o Pai e Tonha, Asterio e Elisa. Consultou a uns e a outros, em separado.

- Não minha filha, não me obrigue a isso! - o velho bate com o cajado no chão, lança uma cusparada negra, de fumo mascado. - Elisa só pensa em modas e figurinos, o rádio naquelas alturas o dia todo. Asterio, aqui pra nós, não vale um peido. Tenho que estar controlando para ele não meter a mão no dinheiro que você me manda. Se você faz questão e como não tenho outro jeito, vou morar com eles. Mas se você tem piedade de seu Pai, me poupe esse desgosto. Pode ser meu fim.

Tieta termina rindo, que outra coisa pode fazer? O Velho, forte, sadio, mandado, a fazer-se fraco e humilde para não viver 132

com a filha e o genro.

- E se fosse com Perpetua, Pai? Você aceita? - Deus me livre e guarde, minha filha! Antes a morte. Me crave logo um punhal no peito mas não me peça isso. - Você não toma jeito.

- Com você, eu posso morar, minha filha. Você é direita, saiu a mim. Nossos gênios combinam.

Não menos categorica a reação de Asterio e Elisa: - Enquanto puder pagar o aluguel, prefiro que a gente more só, Elisa e eu. Não por Mãe Tonha, mas seu Ze Esteves é osso duro de roer. Tem cisma comigo. - Desculpa-se Asterio, cheio de dedos.

- Pai só tem modos com você, com a gente e aos pontapes. Já pensou, ele e a gente morando na mesma casa? Quer saber de uma coisa, mana? Eu não tenho vontade de ter casa própria em Agreste. Até prefiro não ter.

Tieta não perguntou por que. Sorriu para a irmã, essa pobre Elisa.

- Se é assim, não se fala mais nisso.

**MAIS UM FRAGMENTO DA NARRATIVA, NA QUAL -  
DURANTE A LONGA VIAGEM DE ONIBUS-LEITO DA  
CAPITAL DE SAO PAULO A DA BAHIA - TIETA  
RECORDA E CONTA EPISODIOS DE SUA VIDA A  
LEONORA CANTARELLI**

Quando me dei conta da intencao de Jarbas: queria que eu fizesse a vida, ficando para ele o ganho, para sustentar sua malandrice, senti uma raiva subir pelo meu peito, uma sufocacao. O mais dificil foi arrancar o amor cravado em mim, no meu corpo inteiro. Tinha me apaixonado, estava entregue. Pela primeira vez nao era so gozo de cama, era uma coisa diferente, tao boa. Jarbas La Cumparsita subsistia com razoavel largueza as custas do fisico de gigolo latino-americano em filme de Hollywood. Esbelto, corpo de toureiro, negros cabelos lisos a forca de brilhantina, o bigodinho, as unhas tratadas, a piteira longa e os olhos, ah!, olhos fatais. Aqui e ali, laboriosas, as trabalhadoras reunidas em cooperativa para sustentar os gastos do 133

gala.

Ameacas quando preciso, uns bofetes, se indispensaveis, La Cumparsita vinha e recolhia a ferida. Mas para chegar a bom resultado fazia-se necessario que a obrigacao fosse precedida de namoro e conquista, levando a recruta ao delirio: faca de mim o que voce quiser, meu amor. Jarbas possuia uma pequena voz agradavel, cantava tangos e, por vezes, dizia-se argentino. Quando falou de amor a Tieta, declarando-se enrabichado, disposto a viver com ela para todo o sempre, contando vantagens de dinheiro e importancia social, nao foi a perspectiva de largar a vida, ter mando e filho que a jogou nos bracos dele. - Xodo tao grande, eu nao pensava em nada disso, ele nao precisava prometer me tirar da zona. Se me levasse para viver com ele, em casa nossa, eu de rainha, muito que bem. Mas se quisesse apenas vir tarde da noite, apos a ocupacao, deitar comigo, falar de coisa a-toa, tomar de minha mao, dizer palavras doces, cantar em meu ouvido me abrindo por dentro e por fora, isso me bastava demais. Cega de amor.

Quando elas estavam presas sem remedio a melosa labia e a inegavel competencia nos embates de alcova, entao Jarbas decretava a lei, ditava os itens do regulamento das fincas do casal: para ele, no minimo, setenta por cento da receita diaria, dai

para cima. Cafifa de tal status implica em despesas. Empenho no trabalho, nada de vagabundagem, cadela. - Eu estava desarvorada, no auge da paixao, no maior amor, e ate comecara a acalentar a ideia de morar com ele, largar o oficio, ser mulher direita, ja pensou? Tudo conversa mole para engambelar. Depois, igual aos tangos que ele cantava, *la comparsa de miserias sin fin*, so entao compreendi por que. Me

deu uma raiva, dele e de mim. Ele nem tinha acabado de falar, eu juntei calca e paletto, camisa e gravata, atirei tudo no corredor: fora daqui, escroto!

Revolta e furia, Jarbas nao esperava. Vez ou outra, um gesto de recusa, boca e peito em choradeira. Resistencia curta. Logo a labia, a intimidacao, a violencia, em ultimo caso: consolo e argumento decisivos. Tentou a escala inteira com Tieta, perdeu o tempo.

- Primeiro veio manso, depois gritou comigo, levantou a mao. Para mim, imagine! Eu, acostumada a labutar com cabras e bodes, Tieta do Agreste, curtida no mar de Mangue Seco. Me dei conta que o cabelo dele nao cheirava, fedia a brilhantina. Saiu ventando. Mas, depois que ele saiu...

- Sim, Maezinha...

- Chorei como uma cabrita desmamada. Nao por ele, mas 134

pela decepcao, pelo sonho desvanecido. Nao ha nada tao ruim como sonhar, minha filha.

- Sonho tanto...

- Quem sonha, paga caro. Bom e querer. Comecei tudo de novo, devo esse favor a Jarbas La Cumparsita. Disse pra mim mesma: puta posso ser mas de alto bordo. A partir dai cheguei ao que sou.

- Nunca mais se apaixonou, Maezinha?

- Paixao daquela, de perder a cabeca, nunca. Gostar, gostei de alguns. De Felipe, demais.

Mesmo depois de Felipe ter falecido, Tieta nao retirara o pijama e os chinelos do quarto de dormir, como se ele fosse voltar a qualquer momento. Em hora incerta, como sempre, para o sorriso e o beijo.

- Com Felipe foi diferente, durou quase vinte anos. Quando me



conheceu, eu ainda era jovem, estabanada. - Era doido por voce, Maezinha.

- Ele encontrava em mim alegria, o descanso, o outro lado da vida. Tambem nao sei definir meu sentimento. Amor, amizade, gratidao, mistura das tres coisas? Por isso vim nessa viagem, porque ele morreu e fiquei de novo sozinha como no comeco. Para pegar as duas pontas do novelo e dar um no, ligar principio e fim. - Fim, Maezinha? Tao nova, tao bonita, com tantos pretendentes?

- Nao falo disso, ainda nao apaguei o fogo, sera que ele se apaga um dia? Penso que so com a morte. Quero apenas mergulhar no que fui, saber como seria se eu tivesse ficado em Agreste em vez de vir para Sao Paulo. Quero tomar banho na Baia de Catarina, no rio, enterrar os pes na areia das dunas de Mangue Seco. So isso. E encher teu peito de ar puro, curar tua anemia. - Maezinha, voce e tao boa!

- Boa? Sou boa e ruim, quando tenho raiva ninguem pode comigo, viro cao.

- Ja testemunhei, Maezinha. Mas a raiva passa, a bondade fica.

- Aprendi com o sofrimento. Uns trancam o coracao, outros abrem, o meu se escancarou. Porque encontrei Felipe. Se nao tivesse conhecido ele, talvez so a ruindade crescesse em mim, engordando na amargura. Para falar a verdade, nao sei. Dizem que sou mandona.

- Penso que voce ja nasceu como e, Maezinha. Nasceu para ser pastora, cuidar do seu rebanho.

Diverte-se Tieta com os sobrinhos. Peto, um espoleta, reinador, matreiro, a rondar em torno delas, da tia de São Paulo e da formosa enteada, quando não está no bar se instruindo no que não deve. No que não deve?

- Esse menino é minha cruz. Ponho de castigo, arreio-lhe a taca com vontade, nem assim. Em vez de estudar, vive no bar aprendendo porcarias... tenho um desgosto! - lastima-se Perpetua, constatando a ausência do filho menor.

- Porcarias? - Antonieta adora arreliar a irmã, escandaliza-la. - Pois fique sabendo que já estão ensinando essas coisas nas escolas, li nos jornais que vai ser obrigatório, desde o primário. - Nas escolas, o que?

- Aulas de educação sexual para meninos e meninas. - Cruz credo! - benze-se, puxa do terço, o mundo está perdido.

Peto desemboca na varanda, contente da vida, o ar sonso, o olho velhaco regalando-se nos seios entrevistados, nas pernas e coxas a mostra; vai ter uma indigestão, sorri Tieta. Vem recordar o banho no rio, programado para aquela manhã. Perpetua ordena a Ricardo que se prepare e acompanhe a tia. Irao a Bacia de Catarina.

No caminho, carregado com os instrumentos de pesca, Peto conversa com Leonora:

- Mãe disse que você é minha prima. É mesmo? - Sou sim, Peto. Esta contente com essa prima feiosa? No bar, Peto escuta Osnar provocando Seixas sempre ocupado a levar as primas ao cinema, ao banho de rio, a passear com elas, são várias: minha prima Maria das Dores para cá, minha prima Lurdinha para lá, minha priminha Lalita chegou da roca. Osnar cantarola a paródia de certa melodia italiana, "Come prima..." quem tem prima, come prima. No bar, aplicado, Peto se educa.

- Contento, pacas. Feiosa? Po! - o olho atrevido atravessando a saída de banho. - Só é bonita. Seu Ascanio está 136

gamado.

- Quem?

- Morda aqui - estende o dedo mínimo. - Diga que não sabe. Po!

Mistura as expressões da terra com a gíria ouvida no rádio, fregues de programas de música jovem. Tieta e Ricardo ficaram para trás.

- A tia é legal. Gosto dela pacas.

A Bacia de Catarina é uma pequena enseada na curva do rio, onde as margens se afastam, na maior distância. A correnteza serpeia entre pedras, seixos e rochedos, águas claras, limpo abrigo. Dali se avista o ancoradouro, os barcos, as canoas, a lancha de Eliezer. Escondidos entre as rochas, a margem, recantos discretos, pousos de namoro e frete, o capim amassado pelos corpos.

Antigamente havia horário para homens e mulheres banharem-se separados na Bacia de Catarina, duas vezes por dia, pela manhã e à tarde. Com o aparecimento dos maios e a evolução dos costumes - mesmo em Agreste os costumes evoluem - desapareceram os horários e a separação. De manhã cedo e certo encontrar seu Edmundo Ribeiro, Amintas e Fidelio. Seixas, na farrá com Osnar até o alvorecer, aparece mais tarde comboiando primas. Lavadeiras batem roupa sobre as pedras. Lavadeira foi Catarina, conta a lenda:

*La vai Catarina*

*Com sua bacia*

*O patrao atrás*

*De fala macia.*

*água fria*

*Quente a bacia*

*De Catarina.*

Por volta das seis surge Carol, passa em silêncio, sem dar trela a ninguém, todos espiam. A água é fria, e quente a bacia, na de Carol mergulha somente Modesto Pires, um desproposito! Ambas vestidas, despidas em sumários biquínis, Antonieta e Leonora deitam-se sobre as pedras. Estendidas de brucos, desabotoam os sutiãs para melhor bronzear as costas, sobram volumes proibidos, dignos de ver-se. Ricardo mergulha, nada para longe. Peto atira o anzol bem perto, aproveita, os olhos vão e vem. O melhor banho é à noite, sob o luar. Quando a lua crescer, virão com Ascanio, já combinaram.

Tieta admira Ricardo, nadando em grandes bracadás, mergulhando, atravessando o rio, um jovem atleta, o corpo 137

moreno, musculoso. Alguem se aproxima, vem deitar-se perto, sobre as pedras: dona Edna, desejando bom-dia. Acompanhada por Terto, seu marido embora nao pareca. Ricardo vem vindo em direcao a enseada, Tieta acompanha o olhar de dona Edna a envolver o rapaz, a cabra deve gostar de meninos, ei-la mordendo o labio inferior. Nao ve que ainda nao esta no ponto, verde demais? Deslambida, descarada. Ricardo se aproxima, sai da agua, senta-se nas pedras ao lado do irmao, sorri para a tia e para Leonora. Atrevida, dona Edna:

- Bom-dia, Ricardo.

- Bom-dia, dona Edna, nao tinha visto a senhora. - Voce nada bem.

- Eu? Peto nada muito melhor.

Tambem dona Edna baixou as alcas do maio e Ricardo desvia a vista enquanto Peto confere e julga. Nao ha comparacao possivel, as tetas da tia e as da prima vencem facil e dao lambujem. Tieta acompanha a cena, apoia-se no cotovelo, deitada de lado. Casada e puta, dona Edna, e o marido, que mansidao de corno! Zangada, Antonieta? Ficou puritana ou protege a integridade da familia e da Igreja? O sobrinho nao chegou ao ponto, nem de-vez esta.

Peto, menino perdido, ousado, sem nocao de respeito, toca o braco de Ricardo, segreda:

- Os cabelos da tia estao saindo do biquini. - Cabelos?

- Os de baixo, espie. Os pentelhos.

Ricardo nao espia; severo, fita o irmao, olhar de censura e advertencia, atira-se no rio novamente. Peto nem liga: Cardo vive por fora, um careta.

Enquanto passa creme nas costas da esposa - marido deve ter alguma serventia - Terto dirige-se a Tieta: - E verdade, dona Antonieta, que a senhora ... - Telegrafei, sim. E o senhor, apostou? Achando que vai vir a luz ou nao?

- Eu nao apostei, onde vou buscar dinheiro para apostas? Edna acha...

Antonieta nao se interessa pela opiniao de dona Edna. Vagabunda! Prende o sutia, durante a operacao os seios aparecem duros, opulentos, nao esses molambos que dona Edna faz questao de exhibir. Poe-se de pe, de um salto mergulha nas aguas da Bacia de

Catarina, em bracadadas largas nada para o meio do rio onde esta Ricardo. Peto abandona vara e anzol, convida Leonora: - Vamos? Dona Edna mede o garoto, ainda nao lhe acende o pito. 138

## **DA MASSAGEM COM ORACAO**

Ricardo foge, mergulha nas folhas do livro, na hora da banca, apos o passeio, o bate-bola, a pesca, o banho antes do almoco, diariamente. De volta do banheiro, pingando agua, a tia senta-se diante do espelho, afrouxa o penhoar, toma dos tubos de creme, dos potes, dos frascos. O perfume flutua, estende-se, invade as narinas do rapaz.

Do sobrinho mais velho, atencioso e recatado. Sempre as ordens da tia e da prima - nao esqueca que Leonora e sua prima, recorda-lhe Perpetua - mas nao a segui-las, brechando contornos e profundezas, o olho vicioso, como o menor. Ao contrario, a afastar a vista, a desvia-la para o outro lado quando um seio aflora ou uma sombra se ilumina sob robes e shortes. Mergulha nos livros, foge nos teoremas de algebra, abstratos. Necessita manter-se atento, nao se deixar distrair pois, apenas se distrai, os olhos rumam para o quarto onde a tia, porta aberta e nenhum cuidado, se embeleza.

Cometera pecado mortal, com certeza absoluta, se espiar a tia. Mas quando acontece ver sem querer, por acaso? Por mais que faca, impossivel nao enxergar tao expostos atributos. Pior que ver, e pensar. Nao olhara quando Peto chamou sua atencao para os pelos da tia, atirou-se no rio. Mas, mesmo dentro da agua, nadando, sem espiar, ele os imaginara. De olhos fechados ou abertos, queira ou nao, pensa, imagina. A gente imagina sem querer, mesmo nao querendo, e a maneira de Deus provar a fe, o zelo dos eleitos. E preciso controlar-se; vencer os maus pensamentos.

E os sonhos? Os sonhos, a gente nao controla. Cosme, um asceta, o pusera em guarda contra os sonhos, neles o demonio tenta os

homens, nem os anacoretas escaparam. Dormindo, a gente pode pecar e se condenar. Cosme aconselha espalhar graos de milho ou de feijao sobre o lencol, deitar em cima, castigando a carne. Na rede, impossivel.

Da rede, no escuro, ouve e percebe a tia na toailete noturna, retirando a maquiagem. Fechar a porta nao resolve, ao contrario. De porta aberta fica reduzido a pequenos ruidos de potes e frascos, a limitadas amostras, vislumbres de carnacao surgindo do robe. Mas para a imaginacao nao ha limites, quando fecha a porta o robe 139

se abre inteiro e e tao curta a camisola! So as oracoes desviam vista e pensamento.

De qualquer maneira, de noite ou de dia, e arduo o combate com o demonio, so a ajuda de Deus permite a vitoria. Na banca, antes do almoco, tenta absorver-se no estudo da matematica ou da historia, enquanto, no quarto em frente, a tia se pinta e se perfuma. Os teoremas de algebra, os navegadores portugueses. Impossivel concentrar-se, o perfume acalentou seu sono no seminario, aqui o entontece.

- Cardo!

- Diga, tia.

- Esta ocupado?

- Estou estudando, e hora da banca. Mas, se quiser alguma coisa...

- Quero, sim. Venha ca.

Ricardo deixa o livro, entra no quarto. - Passe creme nos meus ombros, faca uma massagem. Abra a mao. - Espreme a bisnaga, poe-lhe no concavo a mao o creme oloroso. - Va, espalhe primeiro, depois amasse com as maos e os dedos.

Baixa o penhoar, exhibe as espaduas nuas; com a mao fecha-o sobre os seios, fica composta, ainda bem. Curva-se para facilitar a tarefa do sobrinho.

Ricardo espalha o creme e comeca, desajeitado, a esfregar- lhe os ombros.

- Nas costas, filho.

Esse nao tem malicia, se fosse o pequeno estaria tentando ver a

curva do busto sob as rendas. O rapaz sente o cheiro doce do creme, a maciez da pele. Não pode entupir o nariz nem retirar as mãos. Sente, sem querer sentir. O Demônio o possui pelos dedos, pelas ventas. Que fazer, Senhor? Orar, pois a oração é a arma que Deus entregou aos homens para vencer as tentações, derrotar o inimigo. Padre-Nosso que estais no céu... - Força, meu bem.

Curva-se ainda mais Antonieta, a mão já não prende o robe. Ricardo desvia a mirada pois o seio, solto, surge inteiro, moreno, volumoso. Onde parou, na oração? Não nos deixeis cair em tentação...

- Chega, meu filho, muito obrigada.

Ao agradecer, volta-se com um sorriso, surpreende o sobrinho a mover os lábios.

- Que é que você está fazendo? Rezando? Espoca em riso, Ricardo encabula, vermelho, escabreado. - Tem medo de mim? Não sou diabo, não.

140

- Oh!, tia.

- Nem fazer massagem no cangote da tia é pecado. - Não pensei nada disso. Tenho o costume de rezar enquanto faço algum trabalho manual. - Mente, ainda por cima. - Então me dê um beijo e vá estudar.

Beijo do pequeno não seria esse distante roçar de lábios na face. Peto é um perigo. Aos doze anos nem Tieta possuía igual atrevimento, tanta urgência.

## **DOS ALEGRES DIAS QUASE INTEIRAMENTE LIVRES DE PREOCUPAÇÕES**

O programa de festejos continua e se intensifica. Dias alegres, despreocupados, felizes; dias de passeio, de prosa e rede, no trino dos passarinhos a infinita paz. Na rede pendurada na varanda,

ouvindo o gorjeio do passaro sofre, Leonora Cantarelli pergunta-se como a vida pode ser tao maravilhosa.

Ascanio passa por um momento, para desejar bom-dia, a caminho da Prefeitura. Na cidade, conta ele, fervem as discussoes sobre o problema da eletricidade: Tieta obtera, atraves de suas relacoes paulistas, mandoes da politica, a instalacao dos postes da Hidreletrica? Uns dizem que sim, outros que nao, os ultimos em maioria. Ninguem duvida da riqueza, da importancia social da viuva do Comendador Cantarelli, mas dai a mover graudos da estirpe de governador e senadores vai distancia. De qualquer maneira, bom assunto para as conversas, os debates, para matar o tempo longo, as lentas horas arrastadas. Ditosas ao ver de Leonora.

Apos cumprimentar as senhoras e comentar a polemica da luz eletrica, Ascanio dirige-se ao trabalho. O rosto esfogueado, a loira cabeleira, o riso de cristal, finissimo bacara aos ouvidos do rapaz, Leonora acena adeus da porta de casa. Adeus? Ate logo, ate daqui a pouco, pois ele passara de novo, meio sem jeito, com receio de parecer importuno. Mas, se demora a chegar, Leonora reclama, a fala doce queixume:

- Demorou, por que?- Medo de ser chato. - Se repetir isso, me zango.

Sempre com numerosa e alegre comitiva, subiram e desceram o rio na canoa a motor do Comandante, lerda e segura, na lancha de Eliezer, no bote veloz de Pirica. No sabado finalmente irao a 141

Mangue Seco, Tieta e Leonora serao hospedes de dona Laura e do comandante Dario. O Secretario da Prefeitura, restabelecido, pelo menos em aparencia, da decepcao da viagem a Paulo Afonso, anuncia a bela Leonora Cantarelli:

- Ja tomei as necessarias providencias burocraticas para encomendar um luar deslumbrante para voce. Sabe que noite de lua cheia em Mangue Seco e a coisa mais bela do mundo? - Tem que ser um luar daqueles senao nao aceito. - Deixe comigo, sou chapa de Sao Jorge. Um luar para namorados, gostaria ela de dizer mas se contem, tudo e tao novo e inesperado, um sonho antigo fazendo-se de subito



realidade. Tarde demais. Também Ascanio gostaria de dizer: encomendei um luar de namorados, onde a coragem? Pobre, reles funcionario municipal, como elevar os olhos para herdeira milionaria? Nem em sonhos. Ainda assim, pensa Leonora, pensa Ascanio, são dias plenos, venturosos, benditos. O melhor é não pensar.

No meio da semana, jantaram em casa de dona Milu. Dona Carmosina anunciara espantoso cardápio, um despotismo de pratos todos eles da mais alta qualidade, para regalar o mais fino paladar sulista. Da maioria desses quitutes, Leonora nunca ouvira falar. Na sala repleta de bibelos, recordações de um tempo de abundância - abundância dos Sluizer consumida pelo finado Juvenal Conceição, amigo do bom e do melhor, restaram apenas os bibelos e o tenaz amor a vida da mãe e da filha -, Leonora se informa com Ascanio:

- Teiu!? Que bicho é esse? Uma ave?

- Um lagarto.

- E se come?

- Delícia. Mais gostoso do que capão. Daqui a pouco você vai ver.

Dona Milu chega da cozinha, onde comanda: - A carne-de-sol está quase pronta, o pirão de leite também. A frigideira de maturi já está dourando no forno. Leonora recorda-se de outra conversa e cobra: - Por falar em comida, Mãezinha, como se chama aquele doce de banana da casa de dona Aida, você ficou de me dizer... Risos gaiatos, Ascanio encabulado, Perpetua fecha a cara, quem explica e dona Milu, a idade lhe concede privilégios: - Doce de puta, minha filha. Dizem que tem desse doce em tudo que é casa de rapariga. Não é, Osnar? - A senhora pergunta logo a mim, Marechala? Eu que não sou chegado a doces e não frequento essas casas... pergunte ao Tenente Seixas que é fregues... - além de debochado, cinico. 142

Jantar de muitos convidados: afóra as homenageadas, Perpetua, Elisa e Asterio, Barbozinha, Ascanio, a malta do bilhar. O Comandante e dona Laura estão em Mangue Seco. Sucedem-se os pratos, a frigideira de maturi levanta exclamações entusiásticas, Barbozinha proclama-a digna de um poema, pelo menos de um brinde, corre a cerveja, a conversa entremeada de pilherias, de risos

e de algumas piadas de mau gosto. Devidas a Osnar e a Aminthas, a proposito da lirica melancolia em que se consomem Leonora e Ascanio: ela sonhadora, ele ansioso. Retiraram-se para a varanda, querem estar a sos. Dona Carmosina, enternecida, adora alcovitar um namoro, torcendo pelo sucesso, pelo casamento - festa rara em Agreste. Tao bom se tudo desse certo, ele se recuperando do golpe vibrado por Astrud, a traicoeira vibora, recuperando-se ela do fracasso do noivado com o ignobil caca-dotes. Ceu azul, sem nuvens. - Nao fiquem ai a fofocar, seus cretinos. Nao acham um quadro lindo? Ela e tao mimosa! - dona Carmosina aponta o casal isolado, mastigando teiu e maturi entre suspiros. - Ascanio tirou o premio grande na loteria do amor.

- Loteria do amor, vulgarmente conhecida como golpe do bau - goza Osnar. - Em troca, perdemos nosso futuro prefeito. - Nao vejo por que.

- Coronela, pelo amor de Deus... Onde esta o tutu? Em Sao Paulo.

- Leonora ja disse que gosta daqui.

- Diz isso agora, na influencia do rabicho. Depois, passa - Aminthas e cetico como compete a um humorista. - Namoro sem futuro, Carmosina. Nao vai adiante.

- Sem falar que a Generala nao vai deixar a enteada ficar aqui, mesmo que ela peca. Se Ascanio quiser, tem de ir para Sao Paulo - retorna Osnar. -E quem vai ser prefeito, me diga? So se for voce, Coronela. Tem meu voto.

A Generala se empanturra, ouvindo, sem prestar atencao, o converse de Barbozinha que se declara cozinheiro de mao cheia; nao existe alias profissao que ele nao conheca a fundo, tendo-as exercido todas a perfeicao. Tieta aprova com a cabeça ou com monossilabos, enquanto constata alarmada como esta engordando, daqui a dias nao cabera nos vestidos. Quisera ter a natureza de Leonora que nao engorda. Passou tanta necessidade, ficou magra para o resto da vida. Procura a enteada com os olhos. La esta ela, na varanda, derretida ao lado de Ascanio. Cabrita sofrida e direita, ninguem merece tanto ser feliz. Tera Ascanio tamanha competencia? Tieta nao cre. Mesmo se ele quisesse, em Agreste seria impossivel.

Dona Milu e dona Carmosina vem juntar-se a Tieta e ao poeta:

- Nunca vi ninguém tão apaixonado como esta Ascanio. - Dona Carmosina não tem outro assunto. - Você acredita que Leonora corresponda?

- Não sei... ela sofreu muito, já lhe contei, Carmo. Teve um noivo que só queria avançar no dinheiro dela, dona Milu. Foi uma decepção muito grande, até hoje está marcada. Barbozinha confia na força do amor:

- Ninguém morre de amor, de amor se vive. - Sem-vergonha! Depois vem dizer que já morreu de amor por mim não sei quantas vezes. Também desencarna e reencarna com a maior facilidade.

- Vivo morrendo por você, Tieta. Se você lesse meus versos, saberia.

- Seu Barbozinha ainda é melhor na mentira do que na rima. Mentiroso igual não tem por essa redondeza - afirma dona Milu e muda de assunto. - E a casa, Tieta? Já achou outra, a seu gosto?

Todos a par da surpreendente alta ocorrida no preço dos imóveis com a chegada das paulistas ricas. - Uma descaracão! Como se eu fosse mesmo paulista, não tivesse nascido e me criado aqui, uma exploração. Mas, se dona Zulmira reduzir o preço, acabo comprando, e uma casa como eu quero. As outras que corri nenhuma me agradou. Saem tarde do jantar. Ascanio as acompanha até a porta de casa, Perpetua morta de sono, habitualmente dorme as nove da noite, as seis da manhã firme na igreja para a missa. Leonora, nas nuvens, sorriso abobado olhar de quebranto, cabrita tola. Tieta sacode os ombros: no fundo não tem muita importância, não se morre de amor, de amor se vive; Barbozinha tem razão, alguém disse que os poetas têm sempre razão. Tendo passado o que passou, o namoro de Ascanio não poderá fazê-la mais infeliz. Algumas lágrimas no ônibus de volta, depois o esquecimento. Antes de despedir-se, Ascanio assume um ar solene, convida dona Antonieta para ser madrinha da inauguração festiva do calcamento, do jardim e dos bancos da Praça Modesto Pires, antes denominada Praça do Curtume - o curtume de peles fica próximo -, na ribanceira do rio. Obra da Prefeitura, contará com a ajuda do importante cidadão: Modesto Pires oferecera os três bancos de ferro.

Agradecida e bajuladora, a Camara Municipal decidira mudar o nome da Praca. A cerimonia sera antes do Natal, com exibicao de ternos de reis e do bumba-meu-boi de Valdemar Coto. 144

- Quem deve ser madrinha e dona Aida, mulher de seu Modesto. Ela ou bem... - ri descontraida, ligeiramente tonta, abusou dos licores - Carol, ou as duas juntas para nao haver injusticas...

Perturba-se Ascanio, dona Antonieta infunde-lhe certo temor, nunca se sabe quando fala a serio e quando brinca: - E que tem duas placas para serem descerradas. Uma, com o nome novo da praca, quem vai puxar a fita e dona Aida. Mas a placa das obras, no obelisco, a mais importante, eu queria que fosse a senhora. Tive a ideia e meu padrinho, o coronel Artur, que e o Presidente da Camara, achou otima. Mandou que convidasse a senhora em nome dele.

Licores docissimos, tantos brindes a sua saude, Tieta flutua. Noite encantada, calida, alegre. Quem e ela para paraninfar inauguracao de praca publica? Aceita, comovida. - Se nao fosse por outra coisa, bastavam os telegramas que a senhora mandou para Sao Paulo sobre a luz eletrica. Mesmo que nao de resultado, o gesto e valioso, a intencao merece ... - Nenhum gesto vale nada quando nao da certo, meu filho. Intencao? De que serve intencao, por melhor que seja? Na vida, somente os resultados contam, nao se engane. Muito obrigada e boa noite.

Deixa os dois na porta, ri sozinha, a toa.

## **DA EMOCIONANTE VISAO E DO PESADELO COM CABULOSO ANJO**

Antes de recolher-se, Tieta passa no banheiro. Esta risonha e aerea,

um pouco bebida, quase em estado de graça. Para a noite ser completa... bem, deixa isso para lá.

Vagarosa, no corredor, na mão a placa acesa. Comera como um bicho, há quantos anos não provava frigideira de maturi? Os quitutes, cada qual mais saboroso, de estalar a língua e revirar os olhos. Quantos repetira, todos engordantes? Quantos calices dos licores de frutas - de pitanga, maravilha; De groselha, divino; de rosas, perfumado; o indispensável licor de jenipapo, tantos -, todos embriagadores. Para completar a noite, só falta... Cala a boca, viuva alegre, mais que alegre, libertina. 145

Em frente ao gabinete, no reflexo da luz da placa, Tieta enxerga a rede onde Ricardo dorme. Espia na porta, distingue na sombra o sobrinho a ressonar. Que é aquilo? Da um passo, entra. Suspende a luz, espia e vê. Descomposto, o camisolão subindo pelo peito e por baixo nada. Ela o julgava verde, nem de vez ainda. Enganara-se, quem tem razão e dona Edna, arguta. Já no ponto, e como! Desmesurado, benza Deus. Para estar assim armado, com quem sonha o seminarista? Com os santos não há de ser. Aquele tesouro ali, à mão, e ela proibida, que injustiça mais medonha. Não sabe bem por que proibida, mas deve existir uma razão a fazê-la afastar a vista, voltar as costas, andar para a alcova, a placa acesa, acesa ela também. Que desperdício!

Empanturrada, dorme sono agitado. Primeiro sonha com Leonora e Ascanio, fogem os dois pelas ruas de Agreste, perseguidos pela população, à frente dos linchadores estão o profeta Possidônio e Ze Esteves, brandindo o cajado. O pesadelo prossegue com Lucas a lhe ensinar posições e requintes enquanto Ricardo, de batina e asas de anjo, sobrevoa o leito. Suspende a batina, exhibe a estrovenga. Lucas sumiu. Anjo decaído, o sobrinho propõe massagear-lhe o cangote com o magno instrumento. Mas quando Tieta vai agarrá-lo, os braços não se elevam, estão presos. O anjo não é mais Ricardo, é o bode Inácio. Ela não passa de uma cabra em cio, saltando sobre as pedras.

**CAPITULO CULINARIO ONDE O AUTOR OFERECE  
COMO BRINDE AOS LEITORES, NA INTENCaO DE  
SEGURA-LOS, SECRETA RECEITA DE FRIGIDEIRA DE  
MATURI, DE AUTORIA DESCONHECIDA.**

Como sabem ou nao sabem, maturi e o nome dado a castanha do caju quando ainda verde. Nos, baianos, mulatos gordos e sensuais, cultivados no azeite amarelo de dende, no branco leite de coco e na ardida pimenta, utilizamos maturi num prato raro e de especial sabor. Alias em mais de um, pois com a castanha verde do caju pode-se preparar moqueca ou frigideira. Aqui nos ocuparemos apenas da frigideira, petisco oferecido por dona Milu a paulista Leonora Cantarelli para lhe ensinar os sabores da Bahia. Quem temperou e deu o ponto foi Nice, no fogao de lenha 146

onde moureja ha cinquenta anos. Mas a receita a seguir transcrita deve-se a dona Indaya Alves, ilustre cordon-bleu da capital baiana, professora de arte culinaria, com muita teoria e longa pratica. Dela a obtive e em brinde aos leitores a ofereco. Lambendo os beicos, apos fartarem-se no manjar sublime, talvez mais facilmente cheguem as paginas finais, ainda distantes, deste ja extenso folhetim. Estamos na epoca da propaganda, da arte suprema da publicidade, vivemos sob suas regras e uma delas, das mais provadas, manda distribuir brindes a freguesia, irresistivel chamariz.

Fulvio D'Alambert, confrade e amigo, por pouco tem um enfarte:

- Receita de comida? Assim, nao mais? Ao menos para tapear a coloque num dialogo vivo e pitoresco entre a moca e a cozinheira, durante o qual esta ultima ensina a receita, de quando em quando interrompida pela paulista com perguntas e exclamacoes. Afinal, que pretende voce nos impingir? Romance ou livro de cozinha?

- Sei la!

A literatura tem canones precisos, se a queremos exercer devemos respeitá-los, ensina-me o erudito D'Alambert. Duvido - se teve já não tem. Outro dia, jovem e genial diretor de teatro, o gostoso, o ai-jesus da crítica, explicou-me ser o texto o elemento de menor valia numa peça, quanto menos o ouça o espectador melhor para a compreensão e a qualidade do espetáculo. Diante disso, atrevo-me e, em seguida, passo a transcrever a receita da mestra do coco e do dende.

*Ingredientes:*

*duas xícaras de maturis;  
quatro espetos de camarão seco;  
quatro colheres de sopa de óleo (de soja, de amendoim ou de algodão);  
três colheres de sopa de azeite doce, digo, de azeite de oliva, português, italiano ou espanhol;  
três tomates;  
um pimentão;  
um coco grande;  
uma cebola também grande;  
uma colher de extrato de tomate;  
seis ovos;  
coentro e sal - o necessário.*

147

*Afervente os maturis e os tempere com alho, sal e extrato de tomate. Ponha o camarão seco de molho por algum tempo, depois o cate e o passe na máquina de moer juntamente com o coentro, o tomate e o pimentão.*

*Leve ao fogo uma cacarola com óleo e as cebolas cortadas para refogar. A seguir, junte os maturis e o camarão seco passado na máquina com os temperos. Deixe apurar. Coloque então na cacarola a massa de meio coco ralado de costas - de costas, o*

*detalhe e importante se quiser que a massa do coco ralado saia como um fino creme - e o leite da outra metade, extraído do bagaco com o auxilio de meia xicara de agua. Deixe cozinhar um pouco e acrescente o azeite doce e tres ovos batidos, primeiro as claras, depois as gemas. Junte um pouco de farinha de trigo aos ovos. Prove para ver se o paladar esta a gosto.*

*Por fim, tudo suficientemente cozido, coloque em assadeira untada com oleo para nela assar a frigideira de maturi, que sera coberta com tres ovos batidos, clara e gema juntos, e uma borrifada de farinha. Ponha a dourar em forno quente. So retire o quitute da assadeira quando ela estiver bem fria.*

Ai esta, em grifo, a cobicada receita. Dificil mesmo e obter os maturis, nao se encontram a venda. Se o leitor pedir por gentileza a Camafeu de Oxossi ou a Luiz Domingos, filho da finada Maria de Sao Pedro, ambos estabelecidos no Mercado Modelo da Bahia, talvez um deles obtenha e forneça uma ou duas maos da castanha verde e tenra com sabor de virgem. Ainda mais dificil sera conseguir o ponto justo, o paladar divino. Por mais correta a receita, por mais estritamente observadas as leis da culinaria, tudo depende do talento e do oficio da cozinheira, do mestre-cuca, do cordon-bleu - igual a literatura. O melhor, o mais garantido, e encomendar o prato a Indaya, recebe-lo feito, regalar-se. Prometi aos leitores um brinde, ofereco dois, ambos de graca: a receita e o conselho.

## **ONDE A MANSA LEONORA CANTARELLI PROCLAMA UMA DECISAO**

No sabado pela madrugada, Tieta, Leonora e Peto embarcam na canoa do comandante Dario que os veio buscar deixando dona Laura na Toca da Sogra ainda adormecida: quando acordar, vai 148

cuidar dos preparativos para recepcionar as visitantes. No almoco,



havera moqueca, o peixe fresquinho, pescado na hora. Os demais irao no domingo, sabado e dia de muita ocupacao em Agreste. Ricardo preso a missa, Asterio preso a loja, Elisa a cozinha, Ascanio a Prefeitura onde atende ao povareu do interior do municipio ate o fim da tarde. Dona Carmosina a esperar a marinete para distribuir jornais e revistas, entregar e receber cartas, ler e redigir algumas, a pedido de roceiros iletrados. Para a gente dos povoados e do campo, sabado e o dia das compras, das queixas, das reclamacoes e dos pedidos a municipalidade, da correspondencia com os parentes emigrados para o Sul. Com dona Carmosina ira dona Milu levando comida para juntar a de dona Laura e fazerem um piquenique na sombra dos coqueiros. Tambem o vaie Barbozinha se estiver melhor do reumatismo a castiga-lo pela mania de ficar acordado ate altas horas da noite, sondando o horizonte a espera de discos voadores, de naves espaciais de onde descam seres das mais remotas galaxias, vindos de visita ao grao-mestre de todas as sociedades secretas, Gregorio Eustaquio de Matos Barbosa, filosofo e vidente conhecido na imensidao do sistema celeste. Ultimamente recebeu irradiacoes poderosas, anuncios de acontecimentos extraordinarios em futuro proximo. De quando em vez, num disco luminoso ou na pouco recomendavel companhia de Osnar, de Seixas, de Fidelio e Aminthas, desembarca o poeta na casa mal-afamada de Zuleika Cinderela, no Beco da Amargura, onde range a musica de velhos discos e se pode dançar com raparigas. Nos tempos boemios e literarios da capital, em companhia de Giovanni Guimaraes, James Amado e Wilson Lins, no castelo de Vava ou no 63 da Ladeira da Montanha, o vate Barbozinha era apreciado pe-de-valsas. Hoje, envelhecido, meio entrevado, mesmo assim faz figura na cadencia dos passos de um foxtrote, no rodopio de uma valsas. Num tango ainda arranca palmas.

Tieta e Leonora assistem ao sol nascendo sobre o rio, a moca de Sao Paulo vai calada, um tenue sorriso: o Comandante a observa e percebe a emocao a domina-la. Quando ele chegou de volta e fez esse mesmo caminho descendo o rio, nao conteve as lagrimas. Tieta tampouco fala, a face fechada, quase dolorosa. Apenas Peto espana a agua com as maos quando nao ajuda o Comandante nas

manobras.

Na Toca da Sogra, onde dona Laura recebe os visitantes com água-de-coco e pequenos peixes fritos no azeite-de-dende - tem batida de pitanga e de maracuja para quem quiser -, o Comandante desdobrou sobre a mesa uma planta rudimentar dos 149

terrenos de propriedade de Modesto Pires, tracada por ele proprio: - Aqui esta a Toca, nosso terreno. Eu lhe aconselho, Tieta, a comprar esse aqui, vizinho ao nosso, nessa area do coqueiral. E a parte mais bonita e a mais defendida da areia. Podemos ir ate la, se quiser.

- Agora mesmo, para isso vim.

Nao veio para isso, veio para rever as dunas e nelas se reencontrar. Mas demora de proposito, retem a vontade de correr para os comoros, de subir ao alto e olhar a imensidao. Com o Comandante e Leonora, vai constatar as vantagens do terreno, quando regressar a Agreste efetuara a compra. - Pode acertar aqui mesmo. Modesto e dona Aida estao na praia. Alias ele mandou convida-las para tomar aperitivo em casa dele, antes do almoco. Fica mais adiante, perto da povoacao de pescadores.

- Tudo aqui e belo. Nunca vi nada igual - diz Leonora de retorno a Toca da Sogra, dona Laura exigindo que ela prove a batida de pitanga. Obrigada, dona Laura, mais tarde aceito. Agora, se me dao licenca, vou andar na praia. - Mansa e discreta, tao querida.

- Olha que o almoco nao demora e, antes, devemos ir a casa de seu Modesto. A moqueca ja esta sendo preparada, Grippa e especialista. - Na pequena cozinha, a gorda mulata clara sorri a escamar os peixes.

- Volto ja, vou so dar uma espiada.

- Vou com voce. - A voz rouca de Tieta. Peto sai correndo na frente, comeca a escalar as dunas, logo chega ao alto, monta numa palma seca de coqueiro, desce veloz a cavalga-la. Convida a tia e Leonora. A ventania uiva, a areia voa em rodopio.

Tieta sente no rosto o sopro da maresia, o inconfundivel olor. A areia fina, trazida do outro lado da barra na forca do vento, penetra-lhe os cabelos. O sol queima-lhe a pele. Ali fora mulher pela primeira vez.

Em Agreste, perguntara ao arabe Chalita pelo mascate. Pois nao

sabe? Morreu de um tiro quando a policia quis prende-lo na Vila de Santa Luzia, ha uns dez anos mais ou menos. Valente, nao se entregou, nunca encontraram a mercadoria, as provas. Chalita cofia a bigodeira.

- Gostava de levar umas quengas para Mangue Seco. Molecas tambem - Repousa em Tieta o olhar de sultao decadente. Entre eles, ali, na porta do cinema, por um instante redivivo, o 150

contrabandista.

Os comoros crescendo diante das duas mulheres, Peto a descer estendido na palma de coqueiro. Qual dessas dunas galgou Tieta na distante tarde do mascate? Leonora a interroga com os olhos, ela balanca a cabeça:

- Quem pode saber? Sinto uma coisa por dentro, Leonora. Por estar aqui de novo, com esse vento na cara e esse mar na minha frente. Quase tudo no mundo ja apodreceu, mas ficou Mangue Seco, voce entende? Quando chegar la em cima, voce vai ver.

Estao proximas do cume, Peto as alcanca, Leonora forca o passo, os pes se enterram na areia.

- Ai! Que coisa! Isso nao existe - exclama a moca paulista ao divisar inteira a paisagem ilimitada. Busca Tieta com os olhos ofuscados pelo sol e a enxerga erguida no ponto mais alto, no extremo das dunas sobre o oceano, envolta pelo vento, invadida de areia, pastora de cabras diante de sua cama de noiva.

Leonora chega junto dela, a voz estrangulada: - Maezinha, nao quero ir embora daqui, nunca mais. Nao vou voltar para Sao Paulo. Peto as convida a cavalgar as palhas de coqueiro e escorregar, venham ver como e bom. O vento leva as loucas palavras de Leonora, Tieta nao responde. - Nunca mais! - repete a moca.

Melhor seria se afogar ali, nas vagas desmedidas, no mar enfurecido.

## **ONDE TIETA COMPRA UM TERRENO EM MANGUE SECO E LEONORA, BEM EDUCADA, DEVANEIA**

Haviam voltado aos comoros na noite enluarada, ela e Tieta. Leonora parecia flutuar na paisagem encantada - de repente liberta do passado, recém-nascida na magia da lua cheia derramada sobre as dunas e o oceano, no embalo do marulho das ondas. Gostaria de demorar no cimo, deitada sobre a areia, invadida de paz. Mas, quando o Comandante veio recordar o encontro marcado com dona Aida e Modesto Pires, Leonora nao quis ser desatenta, 151

regressou com Tieta a Toca da Sogra.

Por sua vontade, teria permanecido no alto dos comoros, sob o luar encomendado por Ascanio, deslumbrante como ele prometera, a sentir o mar noturno arrebatando contra as montanhas de areia. Mesmo sozinha: pensaria nele, cioso dos deveres de administrador, tao correto. Sujeito decente, diziam de Ascanio. Decencia, virtude rara, constata Leonora. Teve de atravessar o Brasil, chegar ao sertao, para vislumbra-la. Da-se conta de que comete uma injustica: Tieta e decente; a seu modo, sem duvida. Decencia nao significa candura, castidade. Mulher direita, diziam dela no Refugio.

Se estivesse nas dunas poderia escorregar, estendida sobre uma palma de coqueiro, igual a Peto, moleque travesso. Nao fora travessa, nao fora moleca nem menina. Nao tivera infancia, tampouco adolescencia; nao provara o gosto do primeiro beijo recebido ou dado em impeto de ternura. Nao tivera namorados, nao ouvira palavras sussurradas, calidas. Aos treze anos ja lhe apalpavam inexistentes seios.

Tenta reconhecer os sons da harmonica - ha festa na povoacao. Passaram por la, viram os pescadores reunidos diante de uma choupana em torno do tocador. Nao era outro senao Claudionor das Virgens, com a harmonica, as emboladas, as trovas, os improvisos, de lugarejo em lugarejo, de batizado em batizado, de casamento em casamento, onde houver festa. Ao ve- los, saudara:

*"Salve o senhor Comandante  
E sua ilustre companhia."*

Na Toca da Sogra, Antonieta, apressada como sempre que deseja alguma coisa, acerta os ultimos detalhes da compra do terreno. Leonora persegue o som da harmonica, distante da conversa.

- Pague como bem entender, em quantas prestacoes quiser. Nem por ser dono vou mentir: terreno em Mangue Seco nao se compra nem se vende. De muitas dessas terras, ninguem sabe o dono. Faz para mais de quatro anos que vendi um lote. Para um gringo que apareceu por aqui; se lembra, Comandante? - Lembro muito bem, era um alemao, pintor. Anunciou que ia se desfazer da casa na Baviera para vir morar em Mangue Seco. - Pagou tres prestacoes adiantadas dizendo que precisava de tres meses para botar a vida em ordem na terra dele e voltar de vez. Nunca mais voltou nem acabou de pagar. - Eu quero pagar a vista, seu Modesto. Dinheiro batido, 152

moeda corrente... - anuncia Tieta a rir. - Ve-se que a senhora nao e mulher de negocios, dona Antonieta: com a inflacao, comprar a prazo sempre e melhor. - Nao gosto de dever, e por isso, mas nao pense que sou tola. Como pago a vista, quero abatimento.

Foi a vez de Modesto Pires rir:

- Abatimento? Va la. Cinco por cento, que lhe parece? Nao por ser a vista mas pelo prazer da vizinhanca. Espreguicadeiras, tamboretas, um banco rustico na porta de casa, debaixo dos coqueiros. Ali conversam enquanto a lua se desmancha. Peto adormecera deitado numa esteira. Leonora escuta vagamente o dialogo, tambem ela, se pudesse, compraria terreno em Mangue Seco. Nao para a velhice mas para ficar desde agora.

Ansiara a vida inteira por sentimentos e verdades de cuja existencia tinha noticia por ouvir dizer, atraves de filmes de cinema, das novelas de televisao.

Nada de mais, sentimentos normais, verdades corriqueiras. A avo, referindo-se a vida na aldeia toscana antes da viagem, falava de

coisas simples: família, sossego, paz, amor. Amor, como seria? Nas ruelas podres, no cortico seboso, ninguém soubera responder. Quanto mais por baixo, batida, derrotada, lacerada, rota por dentro, mais se refugiava Leonora no modesto sonho irrealizável: afeto, ternura, bem-querer de um homem. Vida limpa, como existia fora dos limites onde nascera, crescera e se fizera mulher, mais além do círculo de dor e desespero. Subindo e descendo a Avenida nas frias madrugadas, carregando seu fardo, o castigo por ter nascido filha de pais tão pobres em terra tão rica, as chagas abertas, ainda assim sonhava. Se não sonhasse, só lhe restaria a morte.

Inesperadamente, quando o horizonte se fizera aperto na garganta, estertor final, conheceu a bondade e nela descansou, aprendeu novos valores, sentiu-se uma pessoa. Os sonhos loucos de amor eterno adormeceram pois, não sendo torpe a nova condição, apenas triste, menos carente estava. Não de todo satisfeita: sempre no desejo, na intenção de sair daquele involucre para a existência desejada: casa e companheiro - não previa casamento -, um par de filhos. Outros reclamam dinheiro e fama. Leonora nascera como a avó, para ser dona-de-casa, mãe de família, não almeja mais do que isso.

Ali em Agreste, mundo pacato e diferente, onde a vida parece ter adormecido e assim é vivida por inteiro, Leonora sente-se tomada de exaltação e medo. Em Agreste o sonho persiste além da imaginação, concretiza-se em recatado enleio, alimenta-se de 153

olhares e sorrisos, gentilezas, meias palavras, cresce no canto do passaro sofre, presente do príncipe encantado que ela não deseja príncipe, nobre ou rico, apenas encantado, decente. Mesmo sabendo-o inatingível, Leonora anseia ao menos chegar a margem, tocar com a ponta dos dedos o simples, maravilhoso mundo. Para agir corretamente, deve abrir-se com Maezinha, ouvi-la, seguir-lhe os conselhos. Receia, porém, que Tieta, temerosa das consequências, resolva apressar a volta a São Paulo. Leonora pretende apenas alguns dias de ternura, mesmo irremediavelmente contados, poucos - a certeza da morte não impede o homem de

aproveitar a vida. Reivindica o direito a ouvir e a pronunciar palavras tremulas, a esboçar gestos de carinho, o direito ao primeiro beijo, como será?

Para guardar essas recordações, ter com que encher de saudade a solidão. Nunca sentiu saudade. De nada, de ninguém. Tudo foi ruim e sujo em seu percurso. Muita falta faz não ter um instante ao menos, um rosto, uma carícia, uma palavra a relembrar, não ter saudades. A solidão torna-se vazia e perigosa. Implora uns dias apenas, por misericórdia, suficientes para encher o coração de momentos ternos, dos quais se recordar. Então, diga: vamos embora daqui, Mãezinha, antes que seja tarde. Prossegue Claudionor animando o arrasta-pe, pode atravessar noites e noites, firme na harmônica. Um ruído de motor se mistura à música, vem dos lados do rio, quem será? Leonora terá saudade desse minuto breve, do pressentimento e da ansiedade. Acompanha o barulho que cresce e se modifica: a embarcação enfrenta o mar na entrada da barra. Volta a reinar sozinha a harmônica festiva. Logo, os passos na areia, Leonora põe-se de pé. Ascanio aparece, desembarca do luar. Num ímpeto, a moça se adianta.

Na meia sombra as mãos se tocam, sorriem os lábios, brilham os olhos.

- Vim no barco de Pirica. Veio só me trazer, já está de volta. - Novamente o barulho do motor, o casco de encontro às vagas.

- Não aguentou esperar até amanhã, hein, mestre Ascanio? Fez muito bem: quem é aguardado não pode se atrasar - saudá o Comandante.

O rapaz busca uma desculpa:

- Prefiro viajar de noite do que acordar de madrugada. Não sabe como agir: deve sentar-se a conversar ou partir com Leonora?

Dona Aida vem em seu socorro:

- Por que não leva Leonora para apreciar o luar de cima dos 154

comoros? É tão... - ia dizer romântico, conteve-se - ... tão lindo...

Sugestão aceita, a moça amarra um lenço na cabeça: - Com licença...

O movimento acorda Peto: vou com vocês. Mas o Comandante, cúmplice, proíbe.

- E hora de menino estar dormindo.

Os vultos perdem-se entre os coqueiros. Dona Laura suspira: - Nada se compara com a juventude. So tenho pena de nao ter namorado com Dario aqui em Mangue Seco. Quando vim, ja tinhamos dez anos de casados.

- Foi nossa segunda lua-de-mel ... - lembra o Comandante. - Moca educada, essa... se ve logo que e de boa familia - elogia dona Aida. Pensativa, acompanhando com os olhos as duas sombras, Tieta retorna a conversa:

- Leonora? Um amor de criatura. Esta saindo da fossa, de uma decepcao tao grande que lhe abalou a saude. Um patife, de quem foi noiva, so queria o dinheiro dela. Felizmente, me dei conta a tempo. Mas a pobre sofreu demais, uma crise terrivel, nao dormia, nao comia, acabou anemica. Por isso trouxe ela comigo para curar-se nos ares de Agreste.

- Ajiu certo, aqui ela vai se refazer em dois tempos. Nao ha como leite de cabra para levantar as forcas de um vivente - aprova Modesto Pires.

- O mais curioso e que ele tambem teve uma desilusao medonha. Nao ouviu falar, dona Antonieta? - pergunta dona Aida. Antonieta conhece a historia tintim por tintim mas nao quer furtar a dona Aida o prazer do relato, das minucias e dos comentarios:

- Nao, senhora.

- Nao? - admira-se dona Aida no cumulo da satisfacao: - Pois eu lhe conto.

## **DO PRIMEIRO BEIJO EM FRENTE A COSTA DA AFRICA, CAPITULO DE UM ROMANTISMO ATROZ COMO NAO SE USA MAIS**



Sentam-se no alto da duna, diante deles o oceano. - Obrigada - diz Leonora.

- De que?

- Do luar. Não foi você quem encomendou? - Ah! - descontraí-se um pouco. - Gostou? Não lhe disse que São Jorge é meu chapa?

- Obrigada também por ter vindo.

Um calor no peito de Ascanio, a emudece-lo. Os ruídos da festa na povoação vêm morrer no embate das vagas contra os comoros. Qualquer assunto serve para vencer a mudez: - Festa de aniversário de Jonas, o chefe da colônia de pescadores. E maneta, o tubarão comeu-lhe o braço esquerdo. - Tem tubarões aqui?

- No mar aberto, demais. As vezes chegam até a praia. São ousados e vorazes. Qualquer descuido, é a morte. Não é hora de lembrar a morte, talvez por isso retornam a contenção, ao retraimento, a timidez. Os dois em silêncio, reduzidos a furtivos olhares, ainda assim tão bom! A lua fincada no céu, feita de encomenda, exclusiva para eles. Luar de namorados, próprio para se falar de amor. Isso é o que Ascanio pretende dizer. Ensaia a frase, morre-lhe nos lábios, finalmente explica:

- Do outro lado fica a África.

- A África?

Ele aponta com o dedo, indica na distância: - Do outro lado do mar.

- Ah!, sim. A África, eu sei. - Não quer deixar o diálogo morrer. Teve muito trabalho hoje?

Não é de geografia nem de problemas de administração que desejam se ocupar. Mas onde o ânimo para as palavras ardentes, a declaração de amor ainda usada pelos namorados em Agreste? A mesma coisa de todos os sábados: pedidos para consertar caminhos, limpar as fontes, fazer pequenas benfeitorias, um mata-burros, um pontilhão.

Leonora não pode imaginar a falta de recursos em Agreste. Já foi município rico, noutros tempos. Quando o avô de Ascanio era prefeito.

- Ouvi dizer que voce vai ser o novo prefeito. - Penso que sim. Sabe por que? Porque ninguem quer o posto. Mas eu aceito. Vou lhe dizer uma coisa, se quiser me chame de visionario. Tenho confianca, penso que tudo vai mudar e Agreste voltara ao que foi. Nao suporto ver minha terra nessa pasmaceira.

156

- E bom ter confianca, sonhar. Voce e louco por sua terra. - Sou, sim. Quero que ela saia do marasmo em que afundou. Hei de conseguir. - Toma alento, esta embalado, disposto. - A vida e engracada. Nao faz um mes, eu nao tinha mais fe em nada, nem esperanca. Escrevia cartas aos jornais - reclamava ao governo, mas nao acreditava em resultados. Agora tudo me parece facil. Depois que...

- Depois que?

- Que voces chegaram. Tudo mudou, ficou alegre. Ate eu. - Por causa de Maezinha, onde ela chega, espanta a tristeza. E a pessoa melhor do mundo.

- Devido a ela tambem. Mas para mim...

Leonora aguarda, lateja-lhe o coracao, descompassado. O vento traz farrapos de risos, sons de harmonica, o nome de Arminda gritado no forro.

A voz de Ascanio rompe-se num lamento:

- Eu era um morto-vivo, nao achava graca em nada. Vou lhe contar, se permitir. Ela se chama Astrud. Para que contar? Quem nao sabe em Agreste? Dona Carmosina, romantica como Leonora, recitara as cartas para ela e Tieta, suspirara os detalhes tristes. Revoltara-se Leonora com o procedimento da fingida. Tieta apenas rira, nao era de sentimentalismos, de amor se vive, nao se morre, nao e mesmo, Barbozinha? Ascanio nao esperou o consentimento. Leonora escuta e mais uma vez se emociona.

Os estudos na Bahia, o noivado, a doenca do pai, a carta anunciando a ruptura e o proximo casamento. Por que continuara a jurar amor quando ja nos bracos de outro? Dando-lhe o que jamais consentira a Ascanio nem ele sequer solicitara pois a supunha

inocente, angelica, santa. Um bobo alegre. Dissera a dona Carmosina, confidente, boa amiga a sofrer com ele: - Nem que um dia desembarque da marinete de Jairo a mulher mais bela, a mais doce e pura... Afirmara pois nao supunha possivel tal milagre. Aconteceu, no entanto. A mais bela, a mais doce, a mais pura das mulheres. Desembarcada da marinete de Jairo.

Ergue-se Leonora. De frente para o mar, os olhos na distancia onde o luar se dissolve na noite. Levanta-se tambem Ascanio, ia completar: a mais bela, doce e pura das mulheres, ademais rica, por que? Pobre Secretario da Prefeitura de Sant'Ana do Agreste, soldo mesquinho, ai! Por que tao rica?

Nao chegou a falar de pobreza e riqueza. Tremula, os olhos umidos, Leonora se aproxima, toca-lhe a face com a mao, oferece-lhe os labios. Desce a correr, na boca o gosto do primeiro beijo. Foge por entre a lua e as estrelas, feliz e desgracada. 157

Ascanio nao tenta segui-la, esta fincado ali, quando sair vai conquistar o mundo. Ah!, um dia chegara diante dela e lhe dira: nao tenho para o luxo mas ganho para o sustento, vim te buscar. A lua desaparece na lonjura, no caminho do mar para as costas da Africa.

## **DE COMO PERPETUA NEGOCIA A AJUDA DE DEUS PARA O TRIUNFO DE SEUS PLANOS DIABOLICOS**

Anima-se a praia de Mangue Seco, no domingo, com a chegada de uma quantidade de amigos sob o comando de dona Carmosina, espantosa e inconsciente no maio lilas. Ate Perpetua se animara a acompanhar o grupo, o vestido negro, o luto fechado. Dona Milu desparrama alegria: nao vinha a Mangue Seco ha mais de seis meses. Nao por falta de convite, observou o comandante Dario. E

verdade: convites não faltam e sobra o tempo, com a idade o que falta é disposição. Riem da mentira: não existe pessoa tão disposta; os anos passam, Mãe cada vez mais serelepe, confirma dona Carmosina.

Na lancha, Barbozinha tirara o paletó e a gravata, expusera-se ao vento apesar do reumatismo. Certa noite subira os comoros com Tieta, declamando versos escritos para ela, reunidos depois no livro *Poemas de Agreste* (De Matos Barboza, *Poemas De Agreste, Ilustrações de Calasans Neto, Edições Macunaima, Bahia, 1953*), formando a primeira parte do volume, intitulada *Estrofes do Mar Bravio*, o mar bravio, a arrebentação de Mangue Seco e o corpo aceso da livre pastora na chama do desejo. Duas gloriosas noites de amor e poesia, breves, transitórias. Os deveres de funcionário municipal obrigaram-no a retornar a capital. Ela prometera esperá-lo, sempre prometia. Alguns meses passados, carta de Agreste dava-lhe notícia da partida de Tieta. Somente agora, vinte e sete anos depois, alquebrado e reumático, voltara a vê-la, mais formosa ainda, opulenta, livre pastora, mar bravio. Viuva, ele solteiro. Não casara, teria sido por causa de Tieta? Espera recitar-lhe nas dunas, ao luar, o grande poema que em seu louvor vem de escrever. Nele a proclama estrela d'alva, sendo ele obscurecido astro de bruxuleante luz. Se unissem os seus destinos, no entanto, renasceria o poeta, sol irrompendo do mar de Mangue Seco. Escolhera o estilo condoreiro, bom para declamação. 158

Vieram Aminthas e Osnar, Fidelio e Seixas, comboiando Asterio. O som moderno invade Mangue Seco, substituindo a harmônica de Claudionor das Virgens enquanto o trovador curte, em sono agitado, o pileque da vespera.

Onde está Ricardo? No primeiro momento, cercada, abraçada, beijada, Antonieta não se deu conta da ausência do sobrinho. Mas, diminuída a confusão pergunta: - E Cardo, onde ele?

- Não pode vir. - Explica Perpetua, contrafeita: - Padre Mariano foi realizar casamentos e batizados em Rocinha, vai duas vezes por ano, em junho e em dezembro, levou Ricardo que mandou lhe pedir a

benção, ele lhe adora. Mas, sendo seminarista, teve de ir com o padre.

Tieta não responde nem comenta mas Perpetua percebe-lhe a decepção no franzir dos lábios e se alegra: a irmã rica sente falta do sobrinho, está se apegando aos meninos. Ainda bem. - Todos ao mar! - o Comandante ordena e é obedecido. Calções, maiôs, biquínis desfilam diante da reduzida população de Mangue Seco. Ao contrário dos habitantes de Agreste, os pescadores não se escandalizam com a incontinente exibição de coxas e barrigas, bundas e umbigos. Ali, os meninos de quatorze e quinze anos cortam as ondas nus, os corpos de bronze.

Única a não cumprir a ordem do Comandante - até dona Milu suspende a saia e vai banhar os pés no mar -, Perpetua busca na praia, embaixo dos coqueiros, sombra defendida do sol e do vento. Tira do bolso da saia o terço, começa a passar as contas. No tempo do Major todos os anos vinha à praia, no verão. Vestindo decente traje de banho, enfrentava os perigos do mar; o Major tomava-a nos braços a pretexto de lhe ensinar a nadar, mãos indiscretas, arteiras. Deleites passados, não voltarão. Cabe-lhe agora pensar nos filhos, no futuro dos meninos. Viúva, e mãe e pai, cumpre-lhe lutar. Os dedos nas contas do terço, os lábios na oração, o pensamento nos planos concebidos, em via de execução.

Devota exemplar, incapaz de faltar a uma obrigação religiosa, missa, benção, confissão, a santa comunhão, as procissões, zeladora-chefe da Matriz, tesoureira da congregação, Perpetua espera contar com a compreensão e a ajuda do Senhor para atingir os calculados fins. Seu plano exige eficaz proteção de Deus e inocente colaboração dos meninos. A de Peto não lhe tem faltado. De onde está, Perpetua enxerga o filho nadando em torno da tia. Assim, com perseverança e gentileza, se conquista o coração, o amor de parenta rica.

Tentara discutir com Ricardo, traze-lo, mas o rapaz a 159

derrotara, apoiado nas necessidades do reverendo; Vava Muricoca, o sacristão, amanhecera doente, não podia montar. Perpetua ficou sem argumentos, olhando o filho de batina no lombo do burro.

Ainda mais do que ela, Ricardo merecia a protecao divina, tao piedoso e temente a Deus.

Queria os filhos, os dois, ao lado da tia o maior tempo possivel. Arquetetara complicado plano com o fim de obter que a irma fizesse dos meninos seus herdeiros unicos, adotando-os, se a medida legal se revelasse necessaria. Precisa saber com certeza, projeta ida a Esplanada para se aconselhar com doutor Rubim. O tempo e curto, torna-se urgente a ajuda de Deus para tocar o coracao de Antonieta, para encaminha-la a decisao correta. Fazendo obrigatoria a involuntaria colaboracao de Ricardo e Peto. Depende de Deus e deles transformar a estima da parenta em ternura maternal. Agradem a tia, nao deixem ela sozinha, recomenda. Ajuda-me, Senhor!, implora. O tempo e curto. Antonieta nao determinara a duracao da temporada em Agreste mas evidentemente sua demora nao passara de mes e meio, dois meses; deve voltar para reassumir o controle de seus negocios e ja uns dez dias sao decorridos. Pouco a pouco, com astucia e paciencia, Perpetua conseguira tirar da irma varias informacoes sobre o estado de suas financas. Ficou a par dos quatro apartamentos e do andar terreo no centro da cidade, alugados cada um dos cinco por uma fortuna mensal - casa de aluguel barato somente em Agreste. Ainda nao obteve informacao precisa sobre a especie de negocio diretamente dirigido por Antonieta. Nao se trata de industria, as industrias sao geridas pelos filhos do Comendador, sendo Antonieta socia mas nao administradora. Deve tratar-se de comercio, loja de modas pois tinha funcionarias. Perpetua surpreendera conversa entre Tieta e Leonora em que faziam referencia ao trabalho das meninas. Igual aos imoveis, essa casa comercial e propriedade exclusiva da irma, presente do Comendador.

Perpetua vai perguntando, colhendo uma informacao aqui, outra acoila. Antonieta e Leonora nao sao de muito contar. Talvez de proposito para nao despertar a cobica dos parentes. Uma coisa e certa: a magnitude da fortuna. Os negocios sao grandes, multiplos e rendosos, dinheiro e cama de gato.

Outro dia, de uma das malas, a que esta sempre trancada a chave, Antonieta retirou pasta ou maleta - uma 007 na exata designacao de

Peto, de enciclopédica cultura cinematográfica - e a abriu, mantendo-a no colo, voltada para si. Ainda assim Perpetua conseguiu, levantando-se como quem não quer nada, vê-la repleta 160

de dinheiro, notas altas, um desparrame, pacotes e mais pacotes. - Ai! Santo Deus! - exclamara.

Tieta explicou ter trazido dinheiro vivo não só para as despesas como para pagar terreno em Mangue Seco, dar sinal pela casa, garantir a compra.

- Aqui não existe banco e eu não gosto de ficar devendo. - Mas tem uma fortuna aí. Você é maluca, deixar esse dinheiro dentro de uma mala, no armário. - Só quem sabe é Leonora e agora você. E só não falar nisso.

- Eu, falar? Deus me livre. - Bate com a mão na boca. - Não vou mais e poder dormir sossegada.

Antonieta ri:

- Quando eu comprar o terreno e a casa, vai diminuir muito. Fortuna de paulista, fartura de dinheiro, não essa riquezazinha de Agreste, de Modesto Pires, do coronel Artur da Tapitanga, de cabras e mandiocas. O importante é evitar que um dia - todos nós, um dia, temos de morrer, não é mesmo? - parte do dinheiro e dos bens de Antonieta vá parar em mãos dos enteados, dos filhos do falecido Comendador, dessa silenciosa Leonora que não cheira nem fede, uma pamonha. Tieta é doida por ela, vive a cuidá-la, a lhe dar de comer, obrigando-a a tomar leite de cabra todas as manhãs. A dita cuja deve ser igualmente muito rica, se bem Perpetua, na história detalhada feita no quarto dela, quando examinou coisa por coisa, não tenha bispado mala de dinheiro. Nada está sob chaves, tudo aberto. Na bolsa, alguns milhares de cruzeiros, para Agreste bastante mas nem de longe comparável com o despropósito da 007 de Antonieta. Perpetua se arrepiava ao recordar.

A irmã gosta dos sobrinhos, trata-os com afeto, alegra-se quando os vê. Faz-se necessário, no entanto, muito mais, e preciso que ela os trate como se fossem filhos, pois filhos devem ser. Os dois se

possível, pelo menos um. Reconhecidos legalmente. Herdeiros. Caso Antonieta deseje levar um deles para São Paulo, Perpetua não se oporá, ótimo se escolher Peto. Menino perdido, solto em Agreste a matar aulas, tomando pau todos os anos, vagabundo no bar e no cinema, breve em lugares piores. Mas se for Ricardo o escolhido para ir viver em São Paulo, tornar-se braco direito da tia, Perpetua estará de acordo. Peto tomara o lugar do primogenito no seminário, queira ou não queira, pois um dos dois pertence a Deus, assim ela prometera, encruada donzela, perdidas as esperanças terrenas, as últimas. Se Deus lhe desse 161

esposo e filhos, um seria padre, a serviço da Santa Madre Igreja. Deus cumpriu, realizou o milagre, ela cumprira também. Na praia, os olhos semicerrados devido ao sol e ao vento, a luz violenta, propõe outra barganha ao Senhor. Se Antonieta adotar pelo menos um dos meninos, Perpetua se compromete a deixar para a Igreja, em testamento, uma das três casas herdadas do Major, a menorzinha, aquela onde morou Lula Pedreiro, agora alugada a Laerte Curte Couro, empregado de Modesto Pires. Pequena mas bem situada, próxima ao curtume, na praça onde fica a capela de São João Batista. Pelo jeito, o Senhor recusa a proposta; intima de Deus, Perpetua adivinha as reações celestes. Arrependida, retira a oferta, o Senhor tem razão de ficar aborrecido: uma casinha de pequena renda em troca da fortuna de Antonieta, proposta ridícula. Ainda tenta argumentar: a praça está sendo calcada e ajardinada, terá bancos de ferro, o aluguel vai ser aumentado. Não adianta: se continuar, o Senhor pode até se ofender. Pede bens consideráveis, oferece ninharia. Mais do que de dinheiro e propriedades, Deus precisa de devoção e fé. Pois bem: se Antonieta tomar Ricardo ou Peto, como filho e herdeiro, qualquer deles, Perpetua irá com os dois a capital - a Cidade da Bahia, sim, Senhor Deus! - e lá, a pé se dirigirá à Basílica, na Colina Sagrada, onde mandará rezar missa, deixando no Museu dos Milagres fotografia dos filhos com dedicatória para o todo-poderoso Nosso Senhor do Bomfim. Se a irmã adotar os dois, a missa será cantada. O senhor deve levar em



conta, na proposta, o fato dos meninos já possuírem direitos assegurados; apenas não são os únicos herdeiros.

O ideal seria que Antonieta, tendo adotado os dois, mandasse Ricardo completar o curso em seminário de São Paulo, desses que formam logo conegos e bispos. No calor do sol, no correr do vento, no remoer de planos e promessas, Perpetua cerra completamente os olhos, adormece e sonha. Ve-se acompanhando a procissão da Senhora Sant'Ana, numa cidade imensa, maior do que Aracaju, deve ser São Paulo, na frente do andor um bispo em vermelho e roxo, um Cardeal, e seu filho Cupertino Batista Junior, Dom Peto. Um aviso do céu, compromisso selado, promessa aceita, milagre a vista.

## DOS CIUMES E DAS ESPERANCAS DE ELISA COM CURIOSO DETALHE SOBRE QUESTAO DE TRATAMENTO. 162

Elisa não sabe nadar. foram-lhe proibidos rio e mar na meninice e na adolescência. Ze Esteves, empobrecido, tornara-se intransigente e virulento - basta uma puta na família, advertia, o bastão em punho. No exemplo do sucedido com Tieta, Elisa cresceu de redes curtas, a qualquer pretexto o pau cantava-lhe nas pernas e nas costas. Bacia de Catarina, praia de Mangue Seco, nem pensar.

Se namorou foi de longe, namoro de caboclo, o olho comprido, vendo o velho expulsar os gáburis em ronda pela rua. Somente quando aparecer um bom partido, disposto a noivado e casamento: senão boto no convento, ameaçava. Ameaçava, onde o convento? Asterio, filho único, herdara a loja onde desde menino trabalhava no balcão, rapaz direito. Pareceu um bom partido, Ze Esteves concordou. Aos dezesseis anos, beleza de noiva, Elisa se casou, pensando que se libertava. Mudou de servidão. Fica no raso, não se atreve a ir mais longe, enquanto Tieta e Leonora arriscam-se em meio às ondas e a animação da comitiva inteira no rastro das paulistas. Elisa ali sozinha, abandonada. Nem sequer o marido lhe faz companhia, prefere os amigos do bilhar. Também, pelo que vale e serve...

Elisa tem ciúmes. Não que a irmã ou a moça paulista possam se interessar por Asterio, imagine-se! Leonora está de namoro com Ascanio, os dois sempre juntos, não se largam. Antonieta, viúva recente, não veio a Agreste tomar marido de ninguém. Tomaria, se quisesse, com facilidade. Apesar dos quarenta e quatro anos confessados - proclamados! -, quando passa na rua, alegre e descontraída, os homens correm a saudá-la, assanhados. A pele lisa e macia, tratada, tratadíssima, o corpo esplendoroso. Já fez plástica, com certeza, comentara Elisa com dona Carmosina, ambas a par dos hábitos das artistas e das gra-finas, dos milagres realizados por doutor Pitanguy em nacionais e estrangeiras. Certamente Tieta recondicionou sua beleza na clínica celebre, limpando-a de rugas e pelancas: basta ver-lhe os seios jovens, magníficos, opulentos porém firmes, mais firmes que os dela, Elisa.

Outros são os ciúmes de Elisa. Da riqueza que elas ostentam, dos hábitos da cidade grande, da falta de preconceitos, de limitações, ciúmes por não viver no mesmo mundo, taboão do sertão, condenada ao desconsolo.

Ciúmes também de Leonora, do amor que Tieta lhe dedica, a chama-lhe pelo apelido: Nora, a diz-lhe filha, com desvelos maternos. Deseja os mesmos cuidados, amor idêntico, sentir-se 163

mimada como filha, adotada. Em certos momentos, Antonieta é extremosa com ela, alisa-lhe a cabeleira negra, beija-lhe a face, elogia-lhe a beleza: tu és bonita demais. Trata-a de filha e de Lisa, ternamente, tudo parece se encaminhar como ela deseja. Mas noutros momentos, a irmã a fita, pensativa, como se duvidasse do calor de seu afeto. Elisa não consegue entender o motivo da desconfiança, do desagrado de Tieta. Intrigas de Leonora, quem sabe? Com receio da concorrência, medo de perder o lugar privilegiado junto aquela a quem chama de Maezinha. Um dia, estando a sós com Tieta, também Elisa a tratara de Maezinha. A irmã dirigiu-lhe um olhar estranho, disse rispida: - Prefiro que me chame de Tieta.

Voz e olhar deixaram Elisa tremula:

- Desculpe. So quis lhe agradar, agradecer o que tem feito por mim. Adocaram-se olhar e voz de Antonieta, afagou os cabelos negros da irma mas nao voltou atras em relacao ao tratamento: - Nao estou zangada. Apenas prefiro que voce me chame de Tieta. Em Agreste todos me chamam assim, eu gosto. Maezinha e nome de Sao Paulo, coisa de Nora e das outras meninas. - As filhas do finado?

- As filhas, as sobrinhas, a familia e grande. A essa familia, sim, queria Elisa pertencer, prole de Comendador, de rico industrial, gente grauda, linhagem fina. Quer elevar-se da mediocridade de Agreste, salvar-se do cansaco, da inutilidade, da avidez quotidiana. Quer as luzes, o brilho, a agitacao, as possibilidades, a aventura de Sao Paulo. Em Agreste, sem horizonte, sem futuro, vegeta, morre a cada dia. Vestindo um maio emprestado por Leonora - o seu esta velho e fora de moda - que lhe molda o corpo esplendido, os cabelos noturnos caindo no cangote, sai da agua, vem sentar-se na praia. Enxerga Perpetua adormecida. Elisa sabe que a irma mais velha tem um plano tracado, essa e a opiniao de dona Carmosina, a quem nada escapa. Perpetua ambiciona vender - vender muito bem vendidos - os dois meninos a Tieta, manda-los para Sao Paulo, onde serao adotados como filhos e herdeiros. Plano diabolico, dona Carmosina o desvenda inteiro, de deducao em deducao.

Elisa nao deseja tanto, nao quer ser adotada de papel passado e sim de coracao, nao se candidata a herdeira unica. Contenta-se com muito menos: basta que a irma se compadeca da mesquinha sorte dela e do bestalhao do Asterio e os leve para Sao Paulo, dando a ele emprego nas fabricas da familia e tendo ela, Elisa, a seu lado, irma preferida, quase filha, amada tanto ou mais que 164

Leonora. Ja disse nao desejar casa propria em Agreste. Se a irma pretende lhe dar alguma coisa, que seja em Sao Paulo onde a vida e digna de viver-se, repleta de novidades e de tentacoes. La tera quem lhe admire a beleza, nao apenas um arabe velho, um moleque sujo, um fetido mendigo. Sera alguem, tendo onde e a quem mostrar-se. Em Sao Paulo tudo pode acontecer.

## **SHERLOCK A POSTOS**

Interrompo a narrativa para deixar claro que todos os dados necessarios a solucao do enigma a envolver Tieta (e com ela Leonora) estao colocados na mesa das deducoes, diante do leitor. Nao e preciso ser Sherlock Holmes ou Hercule Poirot para tudo descobrir. Por que entao dona Carmosina foi no embrulho? Os olhos cegos pela amizade, acreditou no conto. Alias, nao houve em nenhum momento, de minha parte, a intencao de enganar o publico, de esconder-lhe fatos, de baratina-lo. Tampouco havia por que sair contando o fim logo no comeco, desvendando o passado antes de fazer-se necessario. Nos folhetins sempre se considerou essencial um pouco de suspense para aticar a emocao dos leitores.

Estao a disposicao da capacidade de cada um, nas paginas ja lidas, pistas e indicios, mais do que suficientes. A maioria com certeza deu-se conta da verdade desde o inicio e, se nada disse, fez bem para nao alertar os lerdos de entendimento. Nao pensem sobretudo que eu escondi, torci ou inventei detalhes na intencao de nao manchar a imagem de Tieta. Se ela, em respeito a familia e aos preconceitos de Sant'Ana do Agreste, teceu uma teia de enganos, nao me cabem responsabilidade e culpa. Nao a julgo, por isso, nem melhor nem pior, nem creio que a atuacao posterior por ela desenvolvida tenha menos merito por causa de sua condicao. Merito ou demerito, dependendo, e claro, da posicao de cada um diante das propostas do Magnifico Doutor. Que Mais? Ja veremos, no decorrer da narrativa.

Encontro-me em Agreste trazido pelo clima de sanatorio mas nao sou daqui, sou de Niteroi, como se diz. Nao faco minhas as desvairadas paixoes a abalar o burgo, a acoitar os habitantes. Nao me envolvo, apenas relato.

## ONDE E SUSPENSO O VEU QUE ENCOBRE O PASSADO DA BELA LEONORA CANTARELLI E FICA-SE SABENDO DE TUDO OU QUASE TUDO

Lar, vida de família, calor humano, afeto verdadeiro, Leonora veio a conhecer somente quando, aos dezanove anos, chegou ao randevu Refugio dos Lordes e obteve aprovação de Madame Antoinette. Antes aprendera em curso intensivo a fome, a maldade, o desconsolo.

Na infância, caixa de pancadas. A qualquer pretexto, os pais batiam-lhe na cara, um e outro, a magra Vicenza e o troncado Vitorio Cantarelli, quando não se batiam entre si - nem sempre Vitorio levava a melhor. Cinco filhos, quatro homens e ela, a cacula. Os homens foram caindo fora do cortico, um a um, para as fabricas ou a ma vida. Giuseppe morreu mocinho, sob as rodas de um caminhao, ao voltar para casa, bebado. Puseram o corpo em cima da mesa, os pes sobrando, dependurados. Unico a ter compaixao da irma, Giuseppe afagava-lhe o rosto imundo, dava-lhe vez por outra um caramelo.

Ela completara treze anos e queria ir-se dali para evitar a fabrica, destino proximo. Todos a achavam bonita e o diziam. Não para felicita-la, não em elogio, em bom pressagio e, sim, em lastima, em ameaca:

- Non sa quello che l'aspetta di essere cosi bella. - Bonita e pobre, vai acabar mal

Tinham razao. Rapazolas e homens perseguiam-na. Antes de ser pubere, tentaram viola-la no campo de futebol invadido pelo capim. De que adianta chorar se mais dia menos dia ha de acontecer? Inexperiente, contou em casa, apanhou de Vicenza e de Vitorio para deixar de ser debochada, para não viver na rua se oferecendo.

Frequentou a escola, aprendeu a ler e a fazer contas devido a merenda, devorada - a comida em casa, insuficiente. Seu Rafael, dono da Pizzaria Etna, a barriga de nove meses, dava-lhe um pedaco de pizza dormida, de carne sentida, e lhe apertava os peitos enquanto ela engolia, sofrega. A combinacao durou meses e meses,

nunca trocaram uma unica palavra, estabeleceram e cumpriram em silencio os termos do acordo. Um dia, vendo-a 166

espiar os pratos expostos na vitrine, seu Rafael se adiantara, na mao um naco de pernil, mostrando-o como se atraisse um cao. Leonora entrara, ele avancou as duas maos, uma a exhibir a carne sedutora, a outra dirigida ao busto nascente, protuberancias sem forma definida. A menina quis pegar o pedaco de pernil e sair, seu Rafael nao deixou, sacudiu a cabecorra proibindo: enquanto ela mastiga, ele apalpa, amassa, belisca os seios nascentes, corre-lhe a mao na bunda quando a gulosa volta as costas para ir embora. Assim Leonora pagou desde cedo comida e formosura sem conseguir, no entanto, saciar a fome.

Os seios cresceram, a beleza tambem, visivel mesmo na farda pobre de escolar - Leonora dava um jeito no corpo, tentacao. Aos quinze anos, a curra. Era fatal, disseram os vizinhos: assim bonita, desamparada e metida a moca. Quatro no automovel, um bem mais velho, de barbas, os outros tres muito jovens, a exhibir revolveres. O mais brutal nao aparentava sequer a idade dela, picou-lhe perna e braco com um canivete. O barbado permaneceu ao volante, os tres adolescentes desceram, empurraram-na para o fusca, os passantes viram, deram-se conta, ninguem tomou sua defesa. Quem e louco de se envolver com marginais armados, maconheiros? Levaram-na, serviram-se dela, espancaram-na, rasgaram-lhe o vestido, o unico alem da farda. Esteve na policia, ouviu gracolas, um tira propos encontro, os jornais noticiaram a ocorrencia em duas linhas, fato corrente, sem maior impacto. Tivessem-na matado, a materia ganharia certo interesse. Estupro, curra - bobagens. Se alguma vez pensara em casamento, abandonou a ideia. Queria apenas ir embora, fosse para onde fosse, com quem a quisesse levar. Vidrou-se em Pipo, o primeiro a quem se deu por bem querer. Achava-o o maximo com os cabelos longos caindo no pescoco, despenteados; aos dezenove anos ja citado nas paginas de esporte dos jornais, pinta de craque.

Elevado dos juvenis para o time de cima na ausencia do titular da

ponta-esquerda, abafou. Finalmente, o ponteiro ofensivo de que tanto necessita nosso futebol. Foi o começo do sucesso de Pipo, o fim do romance de Leonora.

- Não enche, civeta. Não se enxerga?

Veza por outra, se quisesse, numa folga dos treinos e das boates, quando de visita ao bairro, a família no cortiço em tudo igual aquele onde vivia Leonora. Veza por outra, ela não quis; romântica, exigia carinho, docura, amor, desejos absurdos naquele confuso labirinto.

Ainda chorava quando reencontrou Natacha, antiga vizinha, também de visita aos pais. Leonora lhe narrou a paixão e o abandono, da curra ela já sabia. Um punhal no peito, cravado pelo 167

festejado Pipo, agora de automóvel, cercado de admiradores. Segundo a crônica esportiva, o sucesso está subindo a cabeça do rapaz, se continuar assim não irá longe. Natacha, bem posta e perfumada, lhe falou da profissão de puta. Não contou vantagens, disse que dava para viver, se a fulana evitasse cafetões e gigolos - para Natacha melhor do que oito horas na fábrica ou doméstica em casa rica. Para Leonora soava a hora decisiva - a fábrica ou a zona. Dois anos andou aqui e ali, de mão em mão, em hotéis baratos, no quarto sem janela, dividido do vizinho por um tabique, foi presa, medida corretiva, viveu desvairada paixão por Cid Raposeira.

Quando o conheceu, Cid atravessava uma fase calma, os médicos deram-no como curado sem dúvida para se verem livres dele. Magro, calado, duro, quase sempre. De repente, terno e frágil. Para quem nada tivera, era bastante, Leonora se prendeu. Cid Raposeira odiava o mundo e a humanidade, mas excetuava a companheira, um dia vou casar contigo e teremos filhos. Conversa de casamento e filhos, sinal de crise à vista - amiudavam-se os ataques, cada vez mais curtos os intervalos de lucidez. Do carinho passava ao ódio, direto: sai de minha frente, demônio. Dias de xingos e tabefes, ameaças de morte, tentativas de suicídio, terminando no manicômio ou na delegacia. Passada a crise, lá vinha ele humilde, esquelético, esfomeado, pedinchento, inútil Leonora, um aperto no coração, varada de pena, o acolhia. Não houvesse Raposeira partido com uma

boliviana que transava drogas, talvez Leonora ainda permanecesse com ele, sem coragem de abandoná-lo.

Novamente Natacha mudou-lhe o curso da vida. Cruzaram-se na rua por acaso, num começo de tarde. Leonora perseguindo miches, Natacha prospera, elegante, superiora. - Agora, faço a vida em randevu. No melhor de São Paulo, o mais caro, o Refúgio dos Lordes, já ouviu falar? Mediu Leonora cuja beleza não apenas resistira mas crescera, absurda beleza virginal, translúcida, os enormes olhos de água, os cabelos dourados, a face pura, toda ela recato e inocência. - Quem sabe Madame Antoinette lhe aceita. Você faz o tipo moca de família. Se quiser, lhe apresento. Madame Antoinette pos as mãos nas cadeiras, estudou a recém-chegada:

- O que deseja?

Natacha antecipou-se:

- Leonora...

- Perguntei a ela, não a você, cabrita. - Desejo trabalhar aqui se a senhora me aceitar. 168

- Por que?

- Para melhorar de sorte.

- E casada? Já foi?

- Não. Mas já vivi uns meses amigada.

- Por que deixou?

- Ele me deixou.

- Por que foi ser rapariga?

- Para não ir para a fábrica. Antes tivesse ido. - Tem algum homem? Algum rabicho? Cafetao, gigolo? - Tive esse que falei. Era doente.

- Doente? De que?

- Esquizofrênico. Quando estava são, era um cara legal. - Filhos?

- Não, senhora. Não peguei nunca. Nisso tive sorte. - Sorte? Não gosta de crianças?

- Gosto demais. Por isso digo que tive sorte. Não tenho com que criar menino. Para passar fome, não quero. - Já teve doenças? Não minta.

- A senhora quer dizer doença comprada, venerea? - Isso mesmo.



- Me cuido muito, sempre tive medo. Sou asseada. - Esta bem. Vou fazer uma experiencia com voce. Pode comecar hoje mesmo. Alguns meses depois, Lourdes Veludo, morenaco digno da melhor consideracao, uma das tres mulheres de residencia fixa no Refugio, deixou a casa para incorporar-se a um show de mulatas, espetaculo de sucesso com possibilidades de excursao a Europa. Madame Antoinette, que apreciava a discricao e a gentileza de Leonora, convidou-a a ocupar a vaga. Acontecera dois anos atras.

169

ULTIMO FRAGMENTO DA NARRATIVA, NA QUAL - DURANTE A LONGA VIAGEM DE ONIBUS-LEITO, DA CAPITAL DE SAO PAULO A DA BAHIA - TIETA RECORDA E CONTA A BELA LEONORA CANTARELLI EPISODIOS DE SUA VIDA

- Quando conheci Felipe, ele nao era ainda comendador e eu ainda era Tieta do Agreste, meu nome no sertao, na cidade da Bahia, no Rio de Janeiro e em meus comecos em Sao Paulo. Felipe tinha voltado da Europa.

Felipe Camargo do Amaral, aos cinquenta anos, considerava-se realizado como homem de negocios, empresario vitorioso em todos os setores onde atuava. Realizado tambem como paulista, cidadao e homem. Na Revolucao de 32, nao aceitou o cargo burocratico no gabinete do governador, providenciado pela familia tradicional, marchou para a frente de combate, praca voluntario e, ali chegando, foi imediatamente promovido a primeiro-tenente, ajudante-de-ordens, um Camargo do Amaral nao pode ser soldado raso. Terminou major, no Estado-Maior Revolucionario, redigindo manifestos e proclamacoes. Nascera rico fazendeiro de cafe, ja com fartas colheitas e com quatrocentos anos de cidadania ou mais, se for considerado o sangue indigena, algumas gotas, o suficiente para dar-lhe condicao nativa, autentico bandeirante. Por conta propria tornou-se industrial, um genio para ganhar dinheiro, presidente de

empresa, consorcios, bancos, entupido de acoes e dividendos. Rapida passagem pela politica. Deputado, em 1933, ao regressar do comodo exilio em Lisboa, nao disputou a reeleicao. Faltava-lhe paciencia para os inocuos debates, para as sessoes chatas e, quanto a astucia, preferia emprega-la melhor do que em trincas eleitorais. Assim o fez, crescendo em riqueza e em sabedoria.

- Felipe sabia viver e me ensinou. Eu era uma cabrita andeja, com ele virei madame. Aprendi com Felipe o valor do dinheiro mas aprendi tambem que a gente deve ser dono e nao escravo do dinheiro.

Sabedoria para ele era viver bem. Nao se deixar aprisionar pelos negocios. Musica, quadros, livros, boa mesa, boa adega, viagens, mulheres. Conheceu os cinco continentes, Europa e Estados Unidos de cabo a rabo, pagou montes de mulheres - mulher a gente paga de qualquer forma, o melhor e pagar com dinheiro, fica sempre mais barato e nao da aporrinhacao. Bom chefe de familia, vivendo em paz com a esposa, escolhida no seio da exportacao do cafe, em cla de muita linhagem e maior pecunia, 170

doido pelos filhos: um com ele, lugar-tenente na direcao das empresas, o outro irremediavelmente ancorado no laboratorio de pesquisas cientificas da universidade norte-americana onde estudara e permanecera, casado com gringa. Felipe nao tinha queixas da vida.

- Foi ele quem teve a ideia do Refugio, muito antes de me conhecer. O primeiro nome era frances.

A ideia propriamente nao fora dele. Com um pequeno, selecionado grupo de senhores do mesmo padrao economico e de identicos altos ideais, financiara benemerito projeto de diligente e encantadora amiga, Madame Georgette. Um dos filhos de Felipe estudara nos Estados Unidos, o outro em Oxford, na Inglaterra. Ele, porem, preferia la douce France, familiar de Paris, guloso de vinhos, queijos e femeas. Quanto mais conheco outras cidades, mais gosto de Paris, dizia. Madame Georgette transportara para a capital paulista algumas especiarias francesas, condimentadas, picantes, as quais

somara o melhor produto nacional. Perita na escolha das gentis parceiras.

O projeto referia-se ao estabelecimento de reservadissimo randevu a ser frequentado apenas pelos reis do latifundio e da industria - terras e fabricas, financeiras e bancos - pelos maiorais da politica, ministros, senadores; grandes das letras e das artes, excepcionalmente, para dar lustre a casa. Experiente e capaz, Madame Georgette superou-se. Assim nasceu o Nid d'Amour onde os fatigados, nervosos senhores, repousavam em bracos jovens, em colos perfumados, de doces e eruditas jeunes-filles.

- Quando Felipe chegava de viagem, vinha farto de brancas, tinha um pendor pela cor morena, assim tostada igual a minha - minha bisavo foi negra escrava. Cabrita montes, queimada de nascenca, fui-lhe servida com champanha. Madame Georgette conhecia o gosto de Monseigneur Le Prince Felipe - somente de principe o tratava -, guardara para ele piteu digno de tao fino paladar: Tieta do Agreste, morena de cabelos anelados, curtida no sol do sertao, educada nos bordeis dos povoados pobres, a flor da casa.

- Por que se engracou de mim, nao sei. O certo e que nao me deixou mais.

- Que homem nao se engracaria, Maezinha? Alem de bonita, devia ser saliente, uma brasa, imagino. - Eu era bonita, sim, e esporreteada. Falava pelos cotovelos, ria a toa e quando topava parceiro de respeito, nao tinha rival na cama, te garanto. Nao sei se gostou de mim por isso ou porque acalentei seu sono.

171

O que prendeu Felipe e o fez constante? O converse de moca a contar coisas do burgo e do sertao, da vida pacata, das cabras saltando sobre as pedras, do banho no rio? A competencia? Ou o calor a desprender-se dela, a vida intensa e o gosto de viver? No quarto, com Tieta, sentiu-se jovem. Nao mais o gasto senhor, refugiado no randevu para repousar de afazeres e problemas com prostituta de alta classe, a ser usada uma vez, quase nunca repetida. Madame Georgette mantinha vasto e renovado estoque,

inumeráveis telefones no caderno azul, todas selecionadas no capricho. Ficava assombrada quando Le Prince Felipe pediu de novo a cabrita sertaneja e, depois de umas quantas vezes, a reservou - não faria mais a vida, fica por minha conta, a minha disposição.

Quando em São Paulo, Felipe mantinha-se assíduo ao corpo de agreste sabor, ao dengue, as carícias quase sempre castas, ao cafune, aos ingenuos acalantos. Quando em viagem, tomava as medidas necessárias para que nada lhe faltasse, tivesse dinheiro bastante para não esquece-lo e para respeitá-lo. - Não botava chifres nele. Maezinha?

- Chifres? Quem podia botar chifres nele era a esposa, dona Olivia, mas não me consta que pusesse. Eu, era sua protegida. Nunca me proibiu nada, a não ser que eu fizesse a vida. Dei a quem quis, por querer, assim como dava em Agreste, antes de ser mulher-dama, para satisfazer o fogo me queimando o rabo, nunca por dinheiro. Fui discreta nos meus casos, sempre o respeitei e jamais falamos disso.

- E ele, não tinha outras?

- Nunca quis saber, nunca perguntei pelas mulheres que ele comia mundo afora. Me contaram de uma que ele trouxe da Suécia.

Alta escultura de trigo e neve, belíssima, disseram a Tieta as intrigantes. Ela cerrara os dentes, não abria a boca. Apenas recomeçou a frequentá-la e se viu nos dengues, rindo, adormecendo no cafune, Felipe despediu a escandinava. Despediu, não: a beleza foi cedida, em troca de charutos cubanos, a um amigo importador, maniaco de material estrangeiro. Mesmo de segunda mão, em bom estado - observou Felipe de bom humor, concluindo que, em matéria de rapariga, tinha tendências a monogamia.

- Penso que ele ficou comigo a vida inteira porque nunca liguei para a fortuna dele, para mim não fazia diferença que fosse rico ou não, o que me prendia eram as atenções. Nunca pedi nada a Felipe, a não ser, por duas vezes, dinheiro emprestado. A primeira, no dia que nos conhecemos, se não tivesse a quantia 172

exata perderia a ocasião de comprar um casaco de napa, argentino, um espetáculo, novo em folha. Tudo mais que ele me deu foi de livre

e espontanea vontade.

Os apartamentos, um a um, em predios cuja construcao incorporara. Um dia chegou com a planta de um edificio, abriu na cama.

- Estou construindo esse predio, doze andares, na Alameda Santos.

- Puxa! Que colosso!

- Reservei um apartamento para voce. Sao todos iguais: sala e dois quartos. Tem quatro em cada piso. - Tu ficou doido? Para eu pagar com que? - Quem falou em pagar? E um presente, esta completando tres anos que nos conhecemos.

Com tanta coisa em que pensar, Felipe recordava datas, aniversarios. Apegara-se a Tieta, mais ainda se apegara ela a esse homem que lhe dava tanto e tao pouco lhe pedia. Aos pes do leito, os chinelos sob os travesseiros, o pijama de Felipe. Os edificios cresceram em andares, os apartamentos em tamanho. No ultimo predio, imenso, uma cidade, ganhou loja no andar terreo, ponto carissimo. Se ela lhe deu carinho, ele pagou em dinheiro - ou em bens, a mesma coisa: o melhor e pagar em dinheiro, fica mais barato e nao da aporrinhacao.

- Um dia, Madame Georgette me chamou para conversar. Queria passar o negocio adiante, ia voltar para a Franca, me ofereceu a preferencia.

Madame Georgette depositava na Franca economias e lucros, comprara casa na banlieue de Paris, sempre pensara no regresso e na aposentadoria. Quando falou com Tieta, ja adquirira a passagem de navio para dai a dois meses. Pela segunda vez, ela pediu a Felipe dinheiro emprestado.

- Voce nao me pagou ainda o que tomou no dia em que lhe conheci, pos-se ele a rir. - Deixe comigo, acerto com Georgette, o Nid e seu.

- Faz mais de treze anos que assumi. Reformei tudo, modernizei, separei um apartamento para mim e Felipe, aquele luxo. Mudei o nome e aumentei os precos. - Por que mudou o nome, Maezinha?

- Nid d'Amour cheirava muito a casa de puta. Refugio dos Lordes e mais decente. Sao todos uns lordes, os meus fregueses. Em troca, tive de mudar meu nome. Conselho de Felipe. - Um randevu de alto bordo e precos de esfolar tem de ser dirigido por francesa, ma belle. Madame Antoinette, vai muito bem com seu tipo. Assim ele dissera.

- Nome frances com minha cor, meu bem? Nao pode ser. 173

- Francesa da Martinica, como Josefina, a de Napoleao. Os fregueses fizeram-se amigos, o prestígio do randevu cresceu, frequentar o Refugio dos Lordes tornou-se privilegio mais disputado do que ser socio do Joquei Clube, da Sociedade Hipica, dos clubes mais fechados de Sao Paulo. No apartamento reservado, com o maximo conforto, aos pes do leito, os chinelos de Felipe, sob o travesseiro, o pijama. Envelhecera, enuiuvara, o Papa agraciara-o com o titulo de comendador, viajava pouco, apenas superintendia as multiplas empresas, cada vez mais presente a cama e ao riso calido de Tieta. - Para Felipe nao mudei de nome, fui Tieta do Agreste ate o fim.

Para os demais, Madame Antoinette, francesa nascida nas Antilhas do casamento de um General de La Republique com uma mestica. Educada em Paris, desperdicando charme, mestra no oficio de escolher mulheres, especiarias para o gosto caro dos fregueses, os mais ricos de Sao Paulo, Dieu Merci. Para as duas ou tres raparigas que, como Leonora, habitam permanentemente no Refugio dos Lordes, e Maezinha, exigente e generosa, temida e amada.

## **DO RECADO URGENTE**

No melhor da festa, chega o recado urgente. Devorado o almoco, repetida a sobremesa, dona Laura, Elisa e Leonora servem o cafezinho. Rega-bofe grandioso, com variado fundo musical: o modernissimo som do toca-fitas competindo com a harmonica de Claudionor das Virgens. O trovador possui extraordinario faro para detectar odores culinarios, perfume de batida, aroma de cachaca. Sem esperar convite, aparece de sanfona em punho, o sorriso aberto, caradura simpatico e bem-vindo: com vossa permissao!

Enquanto Elisa, Aminthas, Fidelio, Seixas e Peto curtem o rock-and-roll, os demais aplaudem Claudionor e Eliezer. O repertorio do trovador da preferencia a musica sertaneja enquanto o dono da

lança, habitualmente casmurro, de pouca conversa, animado pelos tragos, solta a voz agradável e, atendendo as sugestões saudosistas de Tieta e de dona Carmosina, canta 174

esquecidas melodias. Tieta, sentada numa esteira, enorme chapéu de palha a defender-lhe o rosto, pede:

- Toque aquela que Chico Alves cantava, Claudionor. - Qual?

- Uma que começa: "Adeus, adeus, adeus, cinco letras que choram..."

Eliezer abre o peito, Claudionor acompanha na sanfona. Tieta deixa-se levar pela música, está distante, não participa das conversas. Leonora inquieta-se. Conhece Maezinha: quando está assim, calada, e porque algum problema a preocupa, uma chateação qualquer. O que será? Não se anima a perguntar, não vale a pena, melhor e deixa-la em paz até o riso voltar. Quando estou de calundu, me larguem de mão, não se metam, recomendava ela no Refúgio. Em silêncio, senta-se a seu lado. Tieta percebe a presença de Leonora, volta-se, acaricia-lhe a face. A moça toma-lhe da mão e a beija, com ternura. Cabrita sem juízo, reflete Tieta, corre o risco de se apaixonar, de perder a cabeça. Somente ela, de cabeça oca? Mais ninguém? Que espécie de obrigação inapelável exigira a presença de Ricardo ao lado do padre na devoção de Rocinha? Obrigação, coisa nenhuma! O sobrinho estava fugindo dela, isso sim; fora com o padre para não vir a Mangue Seco, não manchar os olhos castos - castos?, carolas! - na nudez da tia, soberba no reduzido biquíni, bestalhão! Nos últimos dias sentira a ausência do rapaz, no banho do rio, nos passeios. Até a hora da banca ele mudara, sem dúvida para não lhe fazer nova massagem. E Tieta, burra velha, a sonhar com o sobrinho, a vê-lo noite e dia com asas de anjo e aquele pé-de-mesa. Jamais se interessara por jovens, muito menos por meninotes de dezessete anos, preferindo homens feitos, sempre mais idosos do que ela.

Fizera-se necessário voltar a Agreste para desejar um rapazola, sentir frio na espinha ao pensar nele, ficar mal-humorada, desagradável, vazia devido a sua ausência. Triste, irritada, em pleno

calundu. Com essa não contava. Ainda por cima sobrinho e seminarista. Vendo-a tão longe, perdida em pensamentos, Leonora levanta-se, vai ao encontro de Ascanio. Tieta toca-lhe novamente a face, num afago. - Sabe "Foi tudo um sonho", Eliezer? - Sei mais ou menos, dona Antonieta. Mete os peitos, Claudionor!

Tieta veleja na música, conduz Ricardo pela mão. Osnar, encharcado de cerveja, acomodou-se na sombra, mamando um charuto. Barbozinha ressona debaixo de um coqueiro, esquecido dos projetos de declamação no alto dos comoros. O cansaco começa a se fazer sentir, no crescer da tarde, após a maratona de 175

dende e pimenta, coco e gengibre, batidas, cachaca, cerveja. A manhã fora fatigante: banho de mar no embate das ondas bravias, escalada das dunas sob o sol de verão. Ainda assim, Ascanio e Leonora projetam uma fuga para a praia. Quando o calor diminua, antes da volta marcada para o por-do-sol. Inesperado, o barulho de um motor na distância. Comandante Dario, a quem todos os ruídos do mar e do rio são familiares, decreta:

- E o barco de Pirica.

Pirica vem em busca de Ascanio, trazendo recado do coronel Artur da Tapitanga e notícia sensacional: os engenheiros da Hidreletrica de Paulo Afonso encontram-se em Agreste e querem falar com alguém responsável pela Prefeitura. Foram a casa do prefeito, deu a maior confusão. Doutor Mauritonio não diz coisa com coisa, vive num mundo de fantasmas, agrediu o engenheiro-chefe, confundindo-o com o agrônomo Aristeu Regis, responsável pela deserção de Amelia Doce Mel. Insultados e expulsos, foram parar na fazenda do coronel Artur de Figueiredo, presidente da Câmara Municipal. O octogenário enviara Pirica a Mangue Seco com ordens de trazer Ascanio.

Ha uma animação geral, querem saber mais, reclamam detalhes, mas Pirica, além do já contado, acrescenta apenas uma informação: o Coronel estava muito contente quando o encarregara do recado:

- Diga a Ascanio que os homens da luz estão aqui, que ele venha imediatamente, não perca um minuto. Fidelio exclama:

- Vão instalar a luz, ganhei a aposta. Viva dona Antonieta! O



primeiro viva, seguido de outros ali mesmo, sob os coqueiros. Prologo as comemoracoes da cidade, Agreste vai vibrar com a noticia. Ascanio, empertigado, encaminha-se para Tieta: - Permita, dona Antonieta, que eu lhe antecipe a gratidao do povo de Agreste. Tieta estende a mao a Ascanio para que ele a ajude a levantar-se: - Ainda nao, Ascanio. Nao arrote antes de comer. Atenda ao chamado do Coronel, tire o assunto a limpo, por hora nao se sabe de nada certo. Eu aprendi a nao soltar foguete antes do tempo para nao queimar a mao. Se for verdade, quem mais merece parabens e voce que lutou tanto. Eu pouco fiz, so fiz pedir. - As intencoes, os gestos nao valem nada quando nao trazem resultados, foi a senhora mesma quem me disse - retruca Ascanio. - Voce brigou, se bateu, nao ficou na intencao. Va saber o que ha e, se for verdade, comemoraremos juntos. 176

- Nos e o povo todo, dona Antonieta. Vai ser a maior festa de Agreste.

O entusiasmo domina a alegre comitiva. Tieta, queira ou nao, e abracada, beijada, felicitada. Barbozinha ameaca discursar, fara um poema a luz de Paulo Afonso, luz nascida dos olhos de Tieta; Osnar propoe que a carreguem em triunfo - solte minha perna, seu aproveitador! Aminthas promete a Fidelio pagar a aposta assim a noticia se confirme. Afetuoso abraço do Comandante; solenes felicitações de Modesto Pires, impressionadissimo com o prestígio da conterranea; nunca acreditara que os pedidos feitos por ela dessem resultado positivo; nem vão tomar conhecimento dos telegramas, jogam no lixo, garantira a dona Aida e a alguns amigos. Perpetua empina o peito: as relacoes da irma na cupula da politica e do governo sao um orgulho para a familia, sua posicao social eleva todos os parentes. Se nao estivesse tao amuada, ao ouvir a palavra cupula, Tieta abriria num frouxo de riso; ainda assim sorri nos bracos de Perpetua. Elisa, emocionada, nao contem o choro, cobre a irma de beijos. Dona Carmosina e dona Milu jamais duvidaram, contavam as horas na espera da resposta. Agora, diante da presenca dos engenheiros em Agreste, que dirao os incredulos? Terao de dar

a mão a palmatoria. Tieta gostaria de participar da alegria geral mas aquele por cujo beijo anseia não está presente, não veio, não quis vir, preferindo seguir atrás do padre no lombo de um burro, o idiota! Que espécie de dor-de-cotovelo mais absurda! Seu rival é Deus. Pois Deus que se cuide, no particular Tieta do Agreste não costuma perder. Por proposta de dona Carmosina, unanimemente aprovada, decidem voltar em seguida, acompanhando Ascanio, ninguém se sente capaz de demorar-se o resto da tarde em Mangue Seco, esperando o por-do-sol, com tamanha novidade em Agreste. Todos desejam ver os engenheiros.

Todos, menos Tieta. Anuncia sua decisão de aceitar o convite de dona Laura e do Comandante, de ficar na praia até quarta-feira quando, em companhia de Modesto Pires, voltara a Agreste para a escritura do terreno.

Enquanto os demais se arrumam, leva Perpetua a Toca da Sogra, entrega-lhe um molho de chaves:

- Quero que você me faça um favor. Abra a mala azul, repare na chave, pegue aquela maleta onde guardo dinheiro, a que você viu, abra com essa chave pequena, e retire... - calcula a quantia em voz alta, o necessário para dar um sinal a Modesto Pires, assegurando a compra do terreno, e para as despesas iniciais da construção.

- Você vai fazer casa? Em seguida?

177

- Imediatamente. Vou demarcar o terreno e começar uma casinha, pequena, o Comandante se ofereceu para tomar conta da obra, em Saco tem tudo que se precisa, em material e mão-de-obra, e só ter dinheiro para pagar. O Comandante disse que a construção pode andar depressa. Quero ver minha casinha de pé, pelo menos as paredes, antes de regressar a São Paulo. Quando eu não estiver, você e os meninos ficam usando. Elisa também. - Fita a irmã, adoca a voz. - Tenho vontade de fazer alguma coisa por meus sobrinhos, Perpetua, já que não tenho filhos. - Ah!, Mana, que alegria você me dá dizendo isso. - Brilham os olhos gazeos, tremula a voz esganicada. O acordo com o Senhor, apenas estabelecido e já em

pleno andamento. - Em Agreste, a gente conversa sobre isso. - Por quem mando o dinheiro e as chaves? - Pelo Comandante, ele vai com a canoa, levando gente. O Comandante não precisou ir, couberam todos na lancha de Eliezer e no barco de Pirica onde se acomodaram, além de Ascanio, Leonora e Peto.

Tieta se aflige:

- E eu que preciso desse dinheiro amanhã bem cedo. Mande por qualquer um que venha para cá.

- Deixe comigo, eu dou jeito - garante Perpetua. Tieta confia, já alegre, sorrindo. O calundu passou, constata Leonora ao despedir-se. No momento do embarque, na praia, a caravana improvisa ruidosa manifestação, sob a batuta de dona Carmosina:

- Então, como é que é?

O coro responde:

- E!

- Para Antonieta nada?

- Tudo!

Dona Carmosina junta-se aos demais:

- Hip, hip! Hip, hip! Hurra! Antonieta! Antonieta! Modesto Pires repete:

- O povo de Agreste, se essa história da luz for verdade, como parece, vai lhe entronizar no altar-mor da Matriz, junto da Senhora Sant'Ana, Dona Antonieta. Eu já lhe disse e repito. Tieta desata em riso: mundo mais divertido.

## **DA RECEPÇÃO MAL-HUMORADA**

178

Na prefeitura, de bastante mau humor, o engenheiro-chefe informa ao ansioso Secretário da mudança havida no plano de extensão dos fios e postes da Hidrelétrica: Agreste fora incluído inesperadamente na relação de municípios a serem beneficiados com luz e força da

usina. Não apenas isso, já de si incrível absurdo, tinha mais. As ordens, vindas do alto, da própria presidência da Companhia, urgentes, eram de conceder a Agreste prioridade absoluta, iniciando-se imediatamente as obras necessárias para que fossem concluídas em tempo mínimo. Inconcebível decisão a trazê-los ali, a esses quintos do inferno, num domingo, dia de descanso, cobertos de poeira, putos da vida. Perdendo tempo, ainda por cima, pois há horas buscam um funcionário responsável com quem conversar. Antes de informar sobre prazos e datas, existe uma coisa, uma única, que o engenheiro-chefe e seus subordinados desejam saber: como se explica que um município tão pobre e atrasado, cujo prefeito é maluco, precisando de camisa-de-força e internamento, o Presidente da Câmara de Vereadores um macrobio, houvesse conseguido modificar planos aprovados, definitivos, ordens de serviço em andamento, passando a frente de comunas ricas, prosperas, protegidas por políticos de renome, ocupando altos postos? Quem pedira por Agreste? Pedira, não, impusera! Por favor, o nome desse líder de tamanha força, dessa personalidade assim eminente, desse prepotente manda-chuva, do potentado capaz de tal proeza? Tem de ser realmente alguém de muito poder, com certeza geral.

Osnar, distribuidor de patentes, dizia-a Generala. Mas Ascanio silencia, para não aumentar o mau humor dos engenheiros. Sorriu modesto, vamos ao que interessa, as datas e aos prazos.

## **DO MEDO E DA VONTADE DISSOLVIDOS EM LUAR**

Generala? sozinha, deitada no alto das dunas, moleca de agreste, pastora de cabras. O marulho ingente das ondas, o odor de maresia, música e perfume dos começos do mundo. No céu, a lua e as estrelas, eternas.

Nos comoros, ouvindo as vagas, nos oiteiros de terra pobre, 179

no contato com o rebanho indocil, fizera-se forte e decidida, aprendera a desejar com intensidade e a lutar para conseguir. Mar bravio, terra arida, faces de um mesmo mundo agreste, duro, pobre e terrivelmente belo. Sentia-se plantada nas pedras onde as cabras saltavam e nas areias movidas pelo vento. Tinha da terra e do mar, da agua doce e da salgada, correnteza de rio, ressaca de oceano. Aprendeu a nao ter medo, a nao fugir, a olhar de frente, a assumir a iniciativa. Tantas estrelas, incontaveis; quantos amores, o desejo preso na garganta, na ponta dos dedos, no fundo do estomago? Amores de fugidio instante, amor da vida inteira, o de Felipe. Ninguem conta as estrelas, para que contar as ansias, a boca seca, a necessidade urgente? O numero nao importa e sim o beijo, a morte e a vida juntas, uma coisa so. Em Mangue Seco, sobre a areia, em Agreste, nos esconsos do rio, cabra montes. Em cama de casal, somente Lucas, quando ela deixou a aridez dos oiteiros e descobriu os atalhos do prazer. Ei-la de novo ali, nos comoros, como da primeira vez. Tensa, pronta, a espera. Longe, no rio, a luz; pode ser apenas o reflexo de uma estrela. Qualquer ruido se perde no rebentar dos vagalhoes contra as montanhas de areia. Mas a lua cheia ilumina as dunas, suave claridade, macia. O vulto indeciso, no sope dos comoros, por qual se decidir? Tieta levanta-se, olha, adivinha, reconhece. Modula o chamado da cabra, doce convocacao de amor, berro ligeiro, sussurrado. Indicando rumo e desembarque. Frente a frente, a tia e o sobrinho. Cardo veste o calcao e a camisa do Palmeiras que Tieta lhe enviou. Sorri sem jeito: - A bencao, tia. Mae mandou que eu viesse lhe trazer uma encomenda, deixei na mao do Comandante, la embaixo. - Foi so?

- Disse para eu ficar com a senhora, lhe ajudando. - Mas tu nao queria vir.

Atrapalha-se o rapazinho, tenta esbocar um gesto, baixa os olhos. A evasiva, entre gaguejada e orgulhosa: - Esta uma festa por la, por causa da luz. O povo todo na rua, dando vivas pra tia. Diz que a tia...

- Tu tem medo de ficar, nao e?

A resposta se espelha na confusao do rosto aberto ao luar, franco,

sem malicia. Tieta prossegue:

- Me conte. E comigo que tu sonha aquelas coisas? Não minta.

O adolescente baixa os olhos:

- Todas as noites. Me perdoe, tia, não é por meu querer. - E tu tem medo, foge de mim?

- Não adianta de nada. Nem me esconder nem rezar. Até na reza, penso e vejo.

180

- Tu me acha bonita?

- Demais. Bonita e boa. Eu é que não presto, sou ruim de natureza ou bem é castigo de Deus.

- Castigo? Por que?

- Não sei, tia.

- Se tu não quer ficar, pode ir embora. Em seguida, neste instante.

Aponta para baixo, deita-se de novo sobre a areia, o corpo exposto: a saia aberta, a blusa desatada. A voz de Ricardo chega de longe, do fundo do tempo:

- Estou com medo de ofender a Deus e de lhe ofender, tia, mas tenho vontade de ficar.

- Aqui, junto de mim?

- Se a tia deixar. - Os olhos incendeiam. Na lonjura, época o clareio dos foguetes subindo ao céu, estrela; acendidas pelo povo de Agreste em honra e louvor da filha ilustre, da viuva rica e poderosa, da paulista com voz e mando no governo.

Tieta sorri, estende a mão:

- Tenha medo, não. Nem de mim nem de Deus. Venha, se deite.

Os corpos flutuam no luar, na música das vagas. Lua, estrelas, mar, os mesmos do passado, iguais. Que importam idade, parentesco, batina de seminarista? Uma mulher, um homem, eternos. Aqui, nas dunas, chiba em cio, um dia distante ela começou. Tieta toca seu princípio. Hoje, cabra de ubre farto, cansada do bode Inácio, defloradora de cabritos.

181

**INTERMEZZO A MANEIRA DE  
DANTE ALIGHIERI, AUTOR  
DE OUTRO FAMOSO FOLHETIM  
(EM VERSOS) OU  
O DIALOGO NAS TREVAS**

*Ja ia distante a lua no caminho da Africa, pejada de ais de amor, quando por fim houve pausa e respiracao. Desamarradas as coxas, separaram-se a vida e a morte, cada uma para seu lado, deixando de ser uma unica coisa o ato de morrer e o de ressuscitar. Antes compunham um corpo unico, um so foguete explodindo no alto dos ceus, desfazendo-se em luz sobre as vagas do mar. Antes, a noite de luar foi ao mesmo tempo dia de sol, - sol e lua, dia e noite acontecendo juntos sem distancias nem intervalos.*

*Quando por fim houve pausa e respiracao, desapareceram o sol e a lua, as trevas cobriram o mundo, a noite despiu-se de calor e brilho, fez-se fria inimiga, ouviu-se na ressaca do oceano contra as dunas, na insana ventania transportando areia, a ata de acusacao e a sentenca. Mais alem da vida, mais alem da morte, ele pode medir a extensao do crime. Para o castigo nao havia medida humana, nao se mede a eternidade. Num esforco que lhe rompeu a garganta e o peito, Ricardo encontrou o exercicio da palavra:*

*- Ai, tia! O que foi que a gente fez? Que e que eu fiz?*

*Um dia, em voto solene, jurara castidade, consagrara-se a Deus. Prometera renegar os prazeres da carne, casto filho de Maria e de Jesus. Traira o voto.*

*- Me desgracei e desgracei a senhora, tia. Me perdoe. . .*

*Escuta sons de riso, em surdina, nascente de agua em meio a tempestade. Trovao de areia e vendaval toca-lhe a face culpada, dedos de unhas longas rocam-lhe os labios. Contendo o soluco, um homem nao chora e a partir dali, do sucedido, que era ele*

*senao um homem igual aos outros, cravada no coracao a marca do pecado? Igual aos outros? Pior, pois os demais nao tinham assumido compromisso e o sangue de Cristo derramado na Cruz os resgatara a todos, ate o fim dos seculos. Mas ele fizera voto, prometera, jurara, assumira compromisso. Traira a confianca de Deus. No negrume enxerga as chagas se abrindo em pus no corpo perverso, a lepra. Dedos pressionando a pele dos labios impedem o grito e o espanto.*

*- Tia, so quando houver gente, tolo. Nao tendo, sou Tieta, tua Tieta. - Esta rindo a infeliz, inconsciente, condenada por ele as penas do inferno. Rindo, alegre; nao se da conta do horror que cometeram.*

*O demonio o possuira, o mais perigoso, o mais sagaz e sutil, o pior de todos, o demonio da carne. Nao se contentando em leva-*  
183

*lo a perdicao, utilizara-o como instrumento para tentar e corromper a tia, para perverter viuva honrada,, fiel a memoria do marido, e transforma-la em femea enlouquecida, animal em cio, a gemer e a ganir, a berrar como as cabras nos oiteiros de agreste. Oh, tia, que desgraça! A mao percorre os labios, as unhas arranham a pele, ameaçando pausa e distancia.*

*Possuida pelo cao, ela tambem. Excomungada por culpa dele, exclusiva, que tanto lhe devia: gratidao, respeito e puro amor de sobrinho e protegido. Nao lhe mandara presentes de Sao Paulo, nao trouxera vara de pesca e molinete, nao lhe dera dinheiro, camisa nova, pijamas que a mae guardara para o seminario, nao ofertara imagem e ostensorio a Igreja, piedosa criatura. Alegre, informal, arrebatada, sim, mas generosa ovelha do rebanho de Deus, como a classificara padre Mariano Alma pura, inocente coracao, digna da estima do Senhor, da recompensa divina, proclamara o padre no sermao, durante a missa. Merecedora de todo respeito e de muita gratidao, para pagar o terno afeto, a bondade, as generosas dadas. A mae recomendava cuidasse da tia, ficasse as suas ordens, fosse seu*



*amigo.*

*Por acaso obedecera? Buscara aproxima-la ainda mais de Deus e da Igreja, como era sua obrigacao de sobrinho e seminarista - Falara-lhe dos santos e dos milagres, contara os prodigios da virgem e do Senhor, descrevera as maravilhas do reino dos ceus- Nada disso cumprira. Ao contrario, pusera-se as ordens de Satanas na conquistada alma da tia, solene instrumento do maldito. Antesservo deDeus, anjo consagrado, depois escravo do cao, obediente comparsa, cumplice ativo, anjo decaido.*

*- Me perdoe, tia...*

*A mao se alonga, cobre a boca inteira, a palma comprimida sobre os labios, trincando os dentes.*

*- Nao diga tia, diga Tieta.*

*Depois da morte proxima do leproso - primeira demonstracao da ira divina -, o castigo eterno, as chamas do inferno, para todo o sempre, sem apelo, sem repouso, sem intervalo, sem direito a contricao, sendo demasiado tarde para o arrependimento. Arrependimento. A mao rodeia a boca, as unhas raspam de leve.*

*No inferno, para toda a eternidade, a carne pecadora e podre queimando e jamais acabando de queimar - salva ou condenada, a alma e imortal. Ouve o riso suave, nascido da ignorancia, riso de quem nao sabe da violencia da colera de Deus. Por detras do manso balido satisfeito, ele escuta a gargalhada do diabo, sinistra, vitoriosa, insultante: duas almas*

184

*ganhas de uma vez, numa so parada, duas a mais para a pratica do pecado e para as chamas do inferno, boa colheita.*

*Tantos dias, tantas noites de batalha. Porque ele lutara e resistira; com pequenas forcas e armas minimas, nao possuia a estatura dos santos verdadeiramente dignos de servir a Deus, fortaleza da lei, dos mandamentos. Ainda assim resistira, lutara, erguera trincheiras: na banca, curvado sobre os livros; nas aguas do rio, mergulhando quando Peto, instruido pelo cao, dirigia-lhe*

*a vista na Bacia de Catarina; nas orações, antes de deitar-se na rede; em rogo e promessa, na missa se a virgem o salvasse, comprometia-se a dormir estendido sobre grãos de milho durante todo o ano letivo. Trincheiras conquistadas, destruídas uma a uma pelo Coisa Ruim. Nos problemas de álgebra, nas páginas impressas, saltavam inteiros os seios entrevistados pela metade no decote do penhoar os fios de pelo apontados pelo irmão na fresta do biquíni alongavam-se rio adentro, atando pulsos e tornozelos, trazendo-o de retorno as pedras onde ela descansava, descontraída, as pernas abertas, inocente de tanta cobiça e ousadia. Até mesmo durante o sagrado sacrifício da missa, a fumaca do turíbulo ao evolar-se tracava a sua tia e o baloilar da bunda, redonda, solta, morena, percebida sob a curta camisola. Labutara nas noites inquietas, a adivinhar devassidões quando se esforçava por enxergar no sonho castas imagens, vidas santas, alegrias puras. Antes de perder-se por completo ali, em Mangue Seco, esteve a beira do pecado todas as noites, ora adormecido, ora acordado, e se jamais o completou foi por não saber como fazê-lo. Mal terminava as orações e cerrava os olhos, ainda com o nome de Deus nos lábios e o pensamento na salvação da alma, e já o Amaldiçoado enchia a rede de seios e coxas, de bundas e pelos, a tia inteira e nua.*

*Nem os rogos, nem as preces, nem as promessas, nem a fuga. Transtornado, abriu o livro santo na página da fuga para o Egito, conselho de Deus. Montou no burro que tocou no rastro do padre Mariano para Rocinha em vez de tomar a lancha para Mangue Seco onde poderia vê-la quase desnuda na praia, acompanhá-la mar adentro, salvando-a de morte certa quando a arrebentação da barra a estivesse afogando. Heroico, lutaria contra as vagas, tomando-a finalmente nos braços, trazendo para a praia o corpo inerte apertado de encontro ao peito. Montado no burro, fugira da tentação. De que adiantara? Durante todo o percurso para Rocinha ele a teve nos braços, apertada contra o peito no trote do animal. Ao apertar-se contra a sela, comprimia entre as coxas as ancas da tia.*

*poder e as tramas do Cao. Para tenta-lo na beira do rio, Belzebu utilizara Peto; para envia-lo a Mangue Seco, por mais terrivel que possa parecer, servira-se da mae, devota e rigida. Ele deveria ter se oposto, discutido, alegando a hora tardia, fingindo-se doente. Nao o fez. A mae nao precisou repetir a ordem: saiu correndo em busca de Pirica para contratar o barco. Compreendeu que o Tinhoso escolhera Mangue Seco para local do crime e nao obstante para ali partira de livre vontade. Durante a travessia, dava pressa a Pirica apesar de saber que, se la desembarcasse, estaria perdido. assim aconteceu: em Mangue Seco o Cao o derrotara e possuira.*

*Os dedos rumam para o queixo, deixando na boca um gosto de polpa fresca. As palavras, arrancadas do estomago, cortam o pulmao, estrangulador.*

*- Estou condenado e levo a tia comigo para o fogo do inferno. Sou ruim demais, me perdi e arrastei a tia.*

*A mao se espalma, toda ela de fogo, vindo do queixo para o pescoco. Na hora do pecado, ate as labaredas sao deleite, ninguem sente a dor das queimaduras. Mas outro e o fogo do inferno, tia, outro e eterno.*

*- Me leve, sim, cabrito. Novinho como os que eu carregava ao colo.*

*Viuva honesta, ele a fizera renegar o recato e a virtude da cativa condicao, manchar a memoria do marido, enlouquecer a ponto de dizer coisas assim, sem pe nem cabeça, murmurar frases sem nexo, aberta em riso de contentamento, nao se dando conta do mal praticado, indiferente ao castigo.*

*Ele fora o unico culpado mas a condenacao atingia os dois, sobre a cabeça da tia caira igualmente a colera de Deus. Sobre as duas almas que nao souberam resistir aos corpos vis, a carne podre. Ele, o unico culpado. A tia lhe dissera que fosse embora, se quisesse, apontara para baixo dos comoros, ele nao quis,*

*preferiu ficar. Consciente de que, se ficasse, iria desrespeita-la, ofender a Deus, prevaricar, entregando-se de vez a Satanás, servindo-lhe de agente na degradação da alma da viúva, responsável por sua perda.*

*- Quem me deu morrer.*

*- Nos meus braços.*

*A mão desce dos ombros para o peito. Ai, tia, não. Não vê que o Demônio está solto, sobrevoa dunas e mar, morcego imenso a tapar a lua, a impor a noite negra e fria? O tentador está ali, presente, como sempre esteve, desde o momento em que a tia surgiu na porta da marquete de Jairo. Fora ele, o demônio, quem falara pela boca de Osna comparando-a a uma fruta madura,*  
186

*sumarenta. Naquela hora começara o combate, ela mesmo perdido. Perdido a cada momento mais, nos passos noturnos soando no corredor, nas rendas esvoacantes do negligê, no biquini minúsculo, na minúscula camisola, nas mãos untadas de creme, nas palavras truncadas do pai-nosso, nos sonhos prenhes de desejo quando a tinha nua junto a si, na rede, e não sabia o que fazer. Agora sabe e por isso pagará durante a eternidade.*

*Pagará os dois, o culpado e a vítima, ele e a tia. Quem sabe, Deus é justo, terá piedade da tia e lhe reduzirá a pena a um tempo de purgatório. Por mais longo seja, ainda que se estenda por milhões de anos, e tempo e não eternidade, tem limite e fim. Um dia a sentença termina, liberta-se o condenado, mas as penas do inferno, essas não acabam jamais. Nunca jamais, repete a cada segundo o relógio do inferno. Assim contara Cosme ao falar do castigo eterno.*

*- Deus é bom e sábio, terá piedade, sabe que a tia não teve culpa.*

*Cresce o riso alegre e inconsciente, a mão desce pelo peito agoniado.*

*- Não diga tia, diga Tieta.*

*A mão no peito sufocado de vergonha, de remorso, roto de*

*medo; como fitar a face de Deus na hora do juizo final. A mao acalma o pesadelo, transforma os sentimentos, desata o no, rompe a treva, mas nao apaga as fogueiras da ira celeste pois toda ela, palma, punho e dedos, e brasa ardida, calor divino. Divino; Assim Satanas engana e condena os homens. Esse calor divino se transformara em dor insuportavel nas profundas dos infernos, consumindo lenta e eternamente os pecadores.*

*- So eu tenho culpa, Deus ha de !he perdoar, tia.*

*- Tia, nao. Tieta, sua Tieta.*

*Como nao percebera a voz de Deus na voz da tia apontando-lhe a descida, o caminho certo, o sendeiro a conduzi-lo a salvacao, ao sacerdocio, ao paraíso?*

*Paraíso? Qual deles? A mao conduz ao paraíso: ainda ha pouco ele enxergara a docura do ceu em cada detalhe do corpo exposto ao luar. A mao brinca com os cabelos nascendo no peito jovem e masculino. O Major orgulhava-se do tronco cabeludo, peito e costas, prova de macheza. Um macho, o pai. O filho, castrado pelo voto feito, pela promessa da mae, impedido. Mas o Demonio o levava a levantar-se contra a lei, despertara-lhe a carne morta, pervertendo-o. Fizera do mancebo casto, que desconhecia desejos e maus pensamentos, macho impuro sem controle sobre o corpo e a alma, um bode.*

*Nao apenas: utilizara-o para conquistar a tia, perde-la, condena-la.*

187

*- O purgatorio dura uns tempos e acaba, tia. A culpa e minha, somente minha; Deus e justo, nao mandara a tia para o inferno.*

*- Cabrito tolo, sou cabra velha. Me chame de cabra, diga minha cabra.*

*Jamais, mesmo se quisesse; nem sequer na hora do pecado, quando a cabeça nao pensa e a boca geme e grita. Cabra dissera Osnar, voz do Demonio, quando a vira deslumbrante na porta da marinete de Jairo, acrescentando indecente comentario sobre a*

*fartura do ubre, o Imundo. E ele? Onde mergulhara a cabeça, pousara os labios, onde, desvairado, mordera?*

*- Me perdoe, tia. Jure que me perdoa.*

*- Diga Tieta.*

*Na barriga de musculos navegam os dedos em descoberta. O dedo minimo enfia-se no umbigo, faz cocegas, a brasa cresce em labareda, consumindo o pecado, cobrindo o crime, acendendo o luar.*

*- Quero lhe dizer, tia. ..*

*- Tieta.*

*- Quero lhe dizer que mesmo tendo de pagar durante a eternidade no fogo do inferno, ainda assim...*

*- Diga, meu cabrito...*

*- ... ainda assim, nao me arrependo. E se o castigo pudesse ser pior, mesmo assim...*

*- Diga...*

*- ... mesmo assim eu queria...*

*Onde a mao passa, ela queima da ponta dos pes a ponta dos cabelos, percorre o corpo, a testa lateja, abre-se a boca, cresce o Cao.*

*- Queria o que, cabrito? Me diga...*

*- Estar aqui com a tia.*

*- Tieta.*

*A mao procura, encontra, apalpa, empunha. Desmedido demonio.*

*- Tieta, nao me arrependo, ai nao, Tieta!*

*- Diga cabra, meu cabrito.*

*Onde estao as trevas e o inferno, o temor de Deus? Sob o luar, o paraíso se abre para o Cao, estreita porta de mel e rosa negra. Vale o inferno e muito mais. Vem, meu cabrito! Ai, cabra, minha cabra, sou bode inteiro, em fogo me consumo.*

**O PROGRESSO CHEGA AOS  
CAFUNDOS DE JUDAS OU  
A JOANA D'ARC DO SERTAO**

**COM MARCIANOS E VENUSIANAS,  
SUPER-HEROIS,  
AERONAVES  
ESPACIAIS E FEMEAS SUBLIMES  
ONDE SE TRATA DA PRODUCAO DE  
DIOXIDO DE TITANIO E DA SORTE  
DE AGUAS E PEIXES, COLOCANDO-  
SE OS TERMOS DO DEBATE A  
DIVIDIR AGRESTE E A TERMINAR  
COM  
O MARASMO E A  
PAZ,  
ASSISTINDO-SE AO NASCIMENTO  
DA COBICA, DA SEDE DE PODER, DA  
AMBICAO  
DE  
MANDO  
E  
AO  
FLORESCER  
DO  
AMOR;  
ACRESCENTANDO-SE  
AINDA  
REISADO,  
BUMBA-MEU-BOI  
E  
OUTROS DETALHES FOLCLORICOS  
DE QUE SE ENCONTRAVA CARENTE  
ESTE PATETICO FOLHETIM**

**DA  
PRIMEIRA  
APARICAO  
DOS  
SUPER-HEROIS  
INTERROMPENDO  
PECAMINOSA  
E  
AGRADAVEL  
PRATICA NA HORA CALIDA DO MORMACO**

A primeira aparicao de seres de outros planetas, dos super- herois, no territorio de Agreste, deu-se num comeco de tarde, na hora do mormaco quando ninguem perturba a paz dos habitantes. No comercio aberto por forza do habito, para cumprir o horario - das oito as doze, das quatorze as dezoito - so no armazem de Plinio Xavier ha certo movimento, alias suspeito. Duas ou tres vezes por semana, na mesma hora vazia de fregueses, o comerciante de secos e molhados, cidadao respeitavel, casado e pai, escondido por detras dos fardos de carne-seca, ocupa-se em meter as maos sob a saia da solteirona Cinira, tocando-lhe as partes com a ponta dos dedos. Voltada para as prateleiras, ela faz como se nao visse nem sentisse mas abre as pernas para facilitar. Plinio Xavier tambem age em silencio, o suor pinga-lhe do rosto. De repente Cinira suspira fundo, estremece, leva a mao onde sabe estar fora das calcas a ansiada arma, aperta-a forte e sai esgardeada e furtiva.

Naquele dia, quase ao chegar ao suspiro e ao estremecao, um abominavel, sinistro ruido ecoou na rua, interrompendo bruscamente a deleitosa pratica. Ao ver-se em fuga na calçada, Cinira nao pode conter o terror e sufocar o grito: a maquina desconhecida e monstruosa vinha sobre ela, rugindo, imensas rodas afundando o chao. Lancava ao ar negra fumaca pestilenta atraves dos canos e orificios e de subito emitiu lancinantes sons, jamais ali ouvidos. Fechando o ultimo botao da braguilha, Plinio Xavier chegou a porta a



tempo de observar o estrambotico veiculo passando em frente ao armazem, conduzindo no bojo os indescritiveis seres, ao parecer macho e femea, se bem nao se diferenciasssem muito um do outro nos atributos e nos trajes espaciais, identicos.

Dias antes, haviam circulado rumores, trazidos de Mangue Seco, onde os pescadores afirmavam ter visto objeto nao identificado, faiscante contra o sol, vindo do mar e nele desaparecendo apos haver sobrevoado a praia e o coqueiral. Nem por isso o burgo estava preparado e a comocao foi imensa.

190

DA NAVE NA PRACA DA MATRIZ, QUANDO SE ESTABELECEM OS PRIMEIROS CONTATOS ENTRE OS SUPER\*HEROIS E OS HUMANOS COM REFERENCIAS A HOTEIS E ASFALTO, ENQUANTO MISS VENUS FRETA CADA UM DOS HOMENS, INCLUSIVE SEU MANUEL PORTUGUES

Deserta e silenciosa a Praca da Matriz quando a nave, num espaventoso clamor de gases soltos, ali se deteve e o ser provavelmente macho - em razao dos cabelos longos, sobrando do capacete, e das olheiras violetas, houve quem lhe discutisse o sexo - saltou por cima da porta da extravagante maquina, circulou o olhar em torno, nao enxergou ninguem. Nas maos, exhibia grossas luvas de exotico material. Envergava flamante vestimenta, especie de macacao azul com ziperes e bolsos nas pernas e bracos, ilhoses e tachas de metal, a fulgurar. Observacao mais detalhada, demonstrava tratar-se de calca e blusao, os bolsos repletos de objetos estranhos, armas mortais, imprevisiveis. Vestido de maneira absolutamente igual, sem outra diferenca alem do volume do busto, o ser femea suspendeu o capacete e revelou-se otima. Retirando as luvas, com os longos dedos afofou a cabeleira ruiva - nao mais longa que a do companheiro - com uma faixa platinada ao centro a denunciar-lhe a origem venusiana ou carioca, de qualquer forma

apaixonante.

Do escondido do bar, Osnar observava, estupefato; presentes apenas ele e seu Manuel Portugues.

- Oh! Luso Almirante! Venha ver e me diga se e verdade ou delirio alcoolico o que estou vendo. Ontem bebi demais em casa de Zuleika. Seu Manuel abandonou os copos nos quais passava agua - tambem nao precisa abusar da imundicie, Vasco da Gama, dizia- Ihe Aminthas apontando as marcas de sujeira em pratos, copos e talheres -, veio ate a porta. Abriu a boca, cocou o queixo: - Quem sao esses valdevinos?

- De tanto Ascanio falar em turistas, eles apareceram... - arriscou Osnar. - A nao ser que sejam os tripulantes do disco voador de Mangue Seco.

Constatada a ausencia de terraqueos, o ser provavelmente macho retornou a nave, a venusiana enfiou as luvas; os abominaveis sinistros ruidos recomecaram, a negra fumaca soltou-se pelos canos e orificios, o veiculo decolou num salto e 191

se perdeu num beco. Durante certo tempo ouviu-se na cidade a barulheira, acordando em susto os que tiravam uma pestana como Edmundo Ribeiro, o coletor, e o arabe Chalita; trazendo a porta das casas os surpresos, assombrados habitantes. Houve comerciante a fechar portas de loja e de armazem, quem sabe Lampiao voltara dos infernos, motorizado. Lampiao nunca chegou a Agreste mas certa feita estivera perto, a tres leguas de marcha, ainda hoje o fato e recordado.

Quando os super-herois, percorridas ruas e becos, retornaram a praca da Matriz e outra vez aterrissaram, ja Ascanio Trindade que os vira da janela do sobrado da prefeitura, descia a escada a correr, vindo-lhes ao encontro. Osnar falara em turistas gozando o amigo, mas Ascanio, se o tivesse ouvido, aprovaria: turistas, por que nao? Os primeiros a atender ao convite redigido por ele (com a preciosa ajuda de dona Carmosina) e enviado ao jornal *A Tarde*, da Capital, sugerindo aos turistas esticar de Salvador ate a mais saudavel cidade do Estado, Sant'Ana do Agreste, para conhecer a mais bela

praia do mundo, a praia das dunas de Mangue Seco. A gazeta publicara a carta na coluna dos leitores, lastimando, em pequena nota da redacao, o pessimo estado da rodovia a impedir na pratica a aceitacao do convite. Ninguem de bom senso se disporia a jogar a sorte de seu automovel nas crateras da estrada cada vez mais esburacada somente para conhecer Agreste, recanto realmente paradisiaco - quem escapasse ileso da buraqueira da via principal teria de enfrentar ainda os indescritiveis cinquenta quilometros de barro, a partir de Esplanada.

Ascanio arvora vitorioso sorriso no rosto em geral serio: mesmo assim, com a estrada de crateras e de sobra os quarenta e oito quilometros - quarenta e oito e nao cinquenta - fatais, surgiam corajosos dispostos a atender ao chamado. Empoeirados, suarentos, os estranhos seres acenaram gestos cordiais e sequiosos. A femea deu pressa, com a enorme pata de couro.

- Boa tarde... Sejam bem-vindos a Agreste! - saudou Ascanio alegremente.

- Bonjour, frere! - respondeu o espacial, tirando a luva para tomar de um lenço lilas e limpar a testa. - Que calorzinho, hein!

- Daqui a pouco refresca. As tardes, a partir das quatro, são fresquíssimas, de noite chega a fazer frio. Clima seco, ideal. - Ascanio Trindade inicia sua pregação.

- Vou acreditar em tudo que você me disser, paixão, se me arranjar alguma coisa para beber... - a voz do ser femea desmaia 192

em promessas.

- O que quiserem, com prazer. Vamos até o bar. Da mesa, Osnar constata:

- Estão vindo para cá, Almirante. Me segure pois sou capaz de perder o juízo e agarrar essa visão aqui mesmo. Sempre tive vontade de comer uma marciana na falta de uma polaca, pois igual a uma polaca não existe em nenhum planeta. - A celebre historia da polaca de Osnar.

O grupo aproxima-se, boas-tardes de lado a lado, tomam mesa. Manuel atende, solícito, enquanto Osnar não desgruda os olhos do

ser femea que, a falta de agua-de-coco - nao pode faltar coco mole no bar, anota Ascanio -, aceita guarana. - Para mim uisque on the rocks... - pede o ser provavelmente macho. - Scotch, naturalmente... Quero dizer, escoces. - So tenho nacional mas e do legitimo - orgulha-se seu Manuel.

- Nao, por favor, nao! Traga-me entao uma mineral sem gas. Bem gelada.

- A agua daqui e melhor do que qualquer mineral, ja foi examinada na Bahia e aprovada com os maiores elogios - esclarece Ascanio.

- Desde que seja gelada...

Seu Manuel serve o guarana com canudinho, um requinte, e o copo com agua e gelo. O marciano aprova: realmente muito boa agua, de-me um pouco mais, por favor, e diga quanto lhe devo.

A um sinal de Ascanio, seu Manuel curva-se: - Nao e nada... Foi um prazer...

- Muito obrigado... Aceito por essa vez mas de futuro... E o unico bar da terra?

- Bem, no Beco da Amargura tem uma especie de boteco, do negro Caloca. Mas em qualquer armazem se pode beber um trago de cachaca.

- Precisa melhorar o sortimento, my friend... Boas marcas de uisque, bons vinhos... E hotel, frere - frere era Ascanio, caira-lhe na simpatia -, tem algum bom? Com banho privativo? - Hotel propriamente nao. Mas tem uma pensao muito boa, a de dona Amorzinho, comida de primeira, quartos limpos. Nao tem banho privativo. Mas o torneirao do banheiro vale uma ducha.

- Vai ser preciso construir logo um bom hotel... - Falou o ser macho como se construir ali, em Agreste, um hotel de primeira, fosse a coisa mais simples do mundo. Exatamente a partir dessa afirmacao - dessa decisao do super-heroi- Ascanio Trindade 193

comecou a divagar.

- O pior e a estrada - constatou o ser femea, miando. - Esse ultimo pedaco, entao. .. Nunca levei tanto tranco nem engoli tanta poeira...

- afofa os cabelos poeirentos, ruivos com aquela mecha platinada. -

Chego em Salvador, vou direta ao salão de Severiano lavar os cabelos e pentear...

- E só alargar e asfaltar, darling. Quantos quilômetros, frere?

- Daqui a Bahia, a capital?

- Não, só o último trecho, o carrocavel. - Quarenta e oito quilômetros...

- Amorzinho, não minta! - rogou Miss Venus a Ascanio. - Tem mais de cem... Estou descadeirada. - Levou a mão a bunda espacial.

- Ai! - gemeu Osnar, mas se alguém ouviu não demonstrou.

- Deve ser isso mesmo, darling, uns cinquenta quilômetros. Num instante se asfalta.

Hotel, estrada asfaltada, o sonho prossegue, o coração de Ascanio se dilata.

- Me diga uma coisa, frere: uma lancha para descer o rio até a praia de... Como é mesmo o nome?...

- Mangue Seco...

- C'est ça... É fácil alugar uma?

- Bem... Tem a lancha de Eliezer. Não é de aluguel mas eu falo com ele, peço para levá-los. É um bom sujeito. - Pode dizer que eu pago bem...

Ascanio sai em trote rápido em busca de Eliezer. Tera de convencê-lo: em matéria de bom sujeito, Eliezer é exemplo discutível, mas Ascanio tem prestígio. Nada dirá sobre hotéis e asfalto, o outro pode considerar tais planos grave ameaça a seus legítimos interesses. Ascanio já compreendeu que não se trata de simples visitantes ocasionais e sim de empresário estudando a possibilidade de inverter dinheiro grosso para fazer de Agreste o almejado centro turístico, projeto tantas vezes discutido na Agência dos Correios e Telegrafos. Falta infraestrutura, dizia dona Carmosina. Falta alguém com dinheiro para estabelecê-la, o Município não tem condições, completava Ascanio. Pelo jeito, dinheiro ia sobrar.

Calados, sem tema de conversa, Osnar e seu Manuel sorriem bestamente para os estranhos. Não tarda, Aminthas se junta a eles, interromperá um concerto dos Rolling Stones. A rainha do planeta Venus freta com o olhar os três humanos, um a um, e a cada um sorri em particular, a revelar que teria prazer enorme em dormir 194

com ele - so com voce, amorzinho, e mais ninguem no mundo. Osnar esta em vias de perder o folego, Ascanio volta a tempo. Eliezer passou direto para o pequeno ancoradouro onde a lancha espera.

- Thanks! Andiamo, bela, nao temos muito tempo. Arrivederci ...

Quantas linguas falam no espaco? Osnar se engasga em portugues. O marciano estende a mao, Aminthas ainda esta em duvida se ele desmunheca ou nao.

- E melhor deixar o veiculo na praca, ir a pe, o caminho e ruim. Eu os acompanho...

Todos acompanham, mesmo seu Manuel, o bar vazio. - Quanta gentileza... - agradece Miss Venus num gemido. No caminho, Ascanio busca comprovacao:

- Diga uma coisa... O senhor pretende estabelecer-se aqui? - Quem sabe? Vai depender dos estudos... E possivel. - Com um hotel? Pode-se explorar a agua mineral, nao ha melhor.

- Hotel? Tambem. Vai ser indispensavel. Agua? Talvez. Mas serao apenas inversoes secundarias, diversificacao de capital. Agua, depois pode-se pensar nisso.

Chegam ao ancoradouro. Projetos ambiciosos, reflete Ascanio, grande empreendimento turistico, esta na cara. Os seres magnificos embarcam na lancha, Eliezer ao leme. - Mais uma vez, merci, frere. Ciao! - acena adeus. - Ascanio Trindade, secretario da prefeitura, as ordens. - Secretario da prefeitura? E o prefeito, quem e? - Doutor Mauritonio Dantas. Esta enfermo, eu respondo pelo expediente. Qualquer coisa, pode conversar comigo. - OK. Iremos conversar, com certeza. Brevemente e muito. A lancha parte, a da ruiva crina, da mecha platinada, lanca um beijo, com o olhar se entrega; Eliezer nem assim desamarra a cara. Ascanio Trindade sorri, parece um sonho: finalmente eles haviam desembarcado.

## **DOS COMENTARIOS E DA PRIMEIRA DISCUSSAO, AINDA AMAVEL**

Cresce a concentracao na praca, pequena multidao 195

acotovelando-se em torno ao veiculo.

- Veja os pneus. Que brutalidade!
- Que beleza!
- Voce ouviu a buzina? Tocou o comeco de *Cidade Maravilhosa*.
- Cada coisa!

No bar, e grande o movimento. Os comerciantes abandonaram lojas e armazens. Plinio Xavier orgulha-se de ter sido o primeiro a ver a maquina e a perceber os pilotos. - Estava bem do meu, fazendo contas de uns fiados... O riso de Osnar, ri de que? Os olhares se desviam: na porta da igreja, Cinira conversa com as beatas. Ainda nao assentou praca no batalhao mas nao vai tardar.

- ... quando ouvi aquele barulho horrivel, larguei tudo ... Asterio e Elisa somam-se ao grupo. Na hora do perigo, ele fora correndo para casa, preocupado com a esposa: Elisa, na lua- de-mel da chegada da irma, anda nervosa, aflita, num pe e noutro. Juntos vieram para a praca, espiar a maquina, ela tao nos trinques a ponto de quase botar no chinelo a Rainha do Espaco de mancha platinada nas ruivas melenas. A mancha platinada alucina Osnar que confia a Seixas e a Fidelio:

- Eu juro a voces que se eu pegasse aquela marciana, comecava a lambar da ponta do dedo grande do pe. Levava bem tres horas ate chegar no umbigo... Dava-lhe uma surra de lingua... - Porcalhao!

Seu Edmundo Ribeiro nao e exatamente um puritano mas certos habitos sexuais lhe parecem indignos de homem macho e honrado. Pegar mulher na cama, monta-la, muito que bem. Mas por a lingua... Beijos, so na boca, e em boca limpa. - Edmundinho, meu filho, nao venha me dizer que voce nunca fez um minete na vida... Nunca chupou um favo... - Me respeite, sou homem serio e asseado. Na Agencia dos Correios e Telegrafos, ferve a discussao. Ascanio Trindade apresenta minucioso relatorio a dona Carmosina, na

presença do comandante Dario de Queluz que preve, a voz de lastima:

- Voce, meu querido Ascanio, com essa mania de turismo em Agreste, ainda vai pagar caro, voce e todos nos. Um dia, um maluco qualquer le essas bobagens que voce e Carmosina mandam para os jornais, leva a serio, bota de pe um negocio para explorar a praia de Mangue Seco, a agua e o clima de Agreste e nos vamos terminar mal. Em dois tempos, isso vira um inferno. - Um inferno, por que, Comandante? Nunca ouvi dizer que 196

uma estacao de aguas fosse um inferno. Ao contrario, e um lugar de descanso, de repouso - intervem dona Carmosina. - Voce bem sabe que ninguem defende mais do que eu a natureza, a atmosfera, a beleza de Agreste. Mas que mal existe numa estacao de aguas? - Uma estacao de aguas na cidade, va la. O pior e a praia que Ascanio quer entupir de gente, de toda especie de porcarias... Salta Ascanio:

- Que porcarias? Casas de veraneio para turistas, hotel, restaurantes. A praia de Acapulco, a de Saint-Tropez, a de Arembepe, sao por acaso porcarias, infernos? O futuro de Agreste, Comandante, esta no turismo.

- Sao infernos, sim, sao porcarias. Ainda outro dia *A Tarde* publicou uma reportagem sobre Arembepe: virou a capital dos hippies, a capital sul-americana da maconha. Voce ja pensou Mangue Seco repleto de cabeludos e maconheiros? Deixe nosso paraíso em paz, Ascanio, pelo menos enquanto a gente viver. - Quer dizer que o senhor prefere, Comandante, que Agreste continue a ser um bom lugar para se esperar a morte? - Prefiro, sim, meu filho. A morte aqui tarda e retarda, nao desejo mais do que isso. O ar puro, sem contaminacao. A praia limpa.

Ascanio olha para dona Carmosina, aliada, ela toma a Palavra:

- Quem falou em contaminar? Hippies nao digo, se bem a filosofia deles seja tambem a minha, paz e amor, a coisa mais bonita que se inventou nesse seculo! O diabo e a droga. Mas turistas com dinheiro, nao vejo o mal, Comandante. Boas casas de veraneio, comercio animado, bons filmes, e entao? Ninguem pode ser contra.



- Arranha-ceus, hotéis, a corrida imobiliária, o fim do coqueiral, das árvores, do sossego, da paz! Deus me livre e guarde! Felizmente isso não passa de delírio de vocês... Peto chega correndo, a lancha está de volta. Antes de ir, Ascanio convida, contente:

- Pois eu creio, Comandante, que muito em breve teremos o turismo implantado em Agreste. O maluco já apareceu. Venha comigo, vamos conversar com ele.

- Vamos lá... - concorda o Comandante.

Mas quando chegam à praça, já o casal de super-heróis, cercado de curiosos, está de partida, na máquina refulgente. Ascanio ainda tenta dialogar mas eles levam pressa, vão chegar a Salvador tarde da noite.

- Em breve voltarei e aí então conversaremos. Quero tomar nota de seu nome. - Extrai uma caderneta de misterioso bolso na 197

perna da calça, a caneta pendurada no pescoco parece um microfone de romance de espionagem. A máquina de retrato, pequeníssima e potentíssima, funciona nas mãos finas, de dedos longos, libertas de luvas, de Miss Venus. - Meu nome? Ascanio Trindade. Este aqui é o comandante Dário de Queluz.

- Comandante?

- Sim, da Marinha de Guerra.

- Reformado - esclarece o Comandante.

- Ah!- depois de uma pausa, credencia-se: - doutor Mirko Stefano. A bientôt. So long.

- Adeus, paixão! - chora Miss Venus, os olhos em orgasmo.

Parte a máquina, levantando poeira, o ruído estourando os ouvidos mais sensíveis. Doutor? Parece um astronauta, um capitão de nave espacial, um moderno empresário desses que transformam a terra e a vida. Sobre o veículo, a informação exata foi dada por Peto - ainda não conseguiu terminar o primário, não tem pressa, já sabe tudo sobre carros e pistas. Trata-se de um Bug, com rodas de magnésio, tala larga, kits 1600, dupla carburação, a buzina incrementada. Todo incrementado, alias, motor envenenado, o entusiasmo de Peto não tem limites. Corre para casa, vai contar as novidades à tia Antonieta

e a Leonora.

Sobre os seres superiores, souberam pela boca de Eliezer, de mau humor.

- O tipo estava interessado era nas areas da beira do rio, no coqueiral, nas terras devolutas. Me perguntou de quem eram, eu disse que ninguem nunca soube que tivessem dono. Fizeram fotografias as pampas. Em Mangue Seco, tiraram a roupa e tomaram banho nus...

- Nus?

- Os dois... Como se eu nao estivesse ali. A tipa e ousada, enfrentou a arrebentacao.

- Ve voce, Ascanio? Nudismo, para comeco de conversa. Gracias a Deus eu nao estava la, nao iria permitir. - Igual a Edmundo Ribeiro, o comandante Dario tambem nao e puritano mas nudismo em Mangue Seco, ah!, isso jamais! Nao, enquanto ele viver!

Ascanio vai responder mas Eliezer nao lhe da tempo: - O tipo perguntou quanto me devia, eu disse que nao era nada, como voce mandou. Quem vai pagar meu trabalho e a gasolina, Ascanio? Tu ou a prefeitura?

Osnar, a ouvir em silencio, comenta escandalizado: - Tu ve um mulherao daquele nua em pelo e ainda quer 198

dinheiro, Eliezer? Pois eu pagava para espiar... Tu e um degenerado!  
DA LUZ E DAS VIRTUDES DE TIETA, COM CITACOES EM LATIM

Plantadores de mandioca, criadores de cabras, os pescadores e os contrabandistas, na cidade de Agreste e nos povoados vizinhos, das margens do rio as encapeladas vagas da barra, ninguem deixou de tomar conhecimento do espantoso evento e o beato Possidonio, em Rocinha, anunciou o apocalipse e o fim do mundo, assuntos de sua particular predilecao. Apoiava-se nas escrituras, no Velho Testamento.

Eis que de repente, conforme constataram os habitues no Areopago, comecavam a suceder coisas em Agreste, arrancando o burgo da pasmaceira habitual, provocando agitados comentarios, suscitando

discussões.

Os fios elétricos, suspensos sobre postes colossais, caminhavam pelo sertão no rumo do município e, em obediência às ordens superiores, o faziam com rapidez anormal em obras públicas. De quando em quando um jipe com engenheiros e técnicos desembocava nas ruas tranquilas, o bar de seu Manuel ganhava animação. O engenheiro-chefe garantia que dentro de mes e meio, dois meses no máximo, os fios chegariam à cidade, trabalho concluído, podendo-se marcar a data para a festa de inauguração. Em se tratando de município de tanto prestígio federal, talvez comparecessem figuras da alta direção da Companhia do Vale de São Francisco, quem sabe até o diretor-presidente vindo especialmente de Brasília. Já não duvidava de nada o engenheiro-chefe depois que lhe informaram ter sido uma viúva em férias na terra natal quem obtivera, por intermédio de amigos do finado, em vida milionário e influente, as ordens preferenciais mandando reformar o projeto para que nele coubesse, com prioridade absoluta, o município de Sant'Ana do Agreste. Difícil de acreditar mas sendo a afirmação unânime, o engenheiro terminara demonstrando interesse em conhecer e saudar a ilustre dama capaz de modificar projetos aprovados, removendo postes, determinando rotas para luz e força. Pessoa dada e simples, conforme lhe informou Aminthas. Nem por ser riquíssima viúva de comendador do Papa e frequentar a alta sociedade do Sul, possuindo as melhores relações - das quais a prova mais concreta era o falado engenheiro estar ali no

199

bar do lusitano, bebericando cerveja -, nem por tudo isso carrega o rei na barriga. Com dois telegramas resolvera o assunto, dera uma fubecada no diretor cheio de si que tratara o representante da cidade, Ascanio Trindade, secretário da prefeitura, como se ele fosse um João-Ninguém e Agreste não passasse de terra esquecida por Deus. Sem levar em consideração as credenciais de Ascanio, o fato do moco encontrar-se em Paulo Afonso em defesa de interesses legítimos de sua terra, o diretor deixara-o mofar à espera antes de despachá-lo com redonda negativa, recusando-se a ouvir seus

argumentos. Agreste, para ele, não passava de arido pasto de cabras e assim o disse. Indignou-se dona Antonieta ao saber do acontecido, telegrafou. Foi tiro e queda.

Aminthas enfeitara a história ao conta-la ao engenheiro- chefe, rindo-lhe nas fucas:

- Dona Antonieta Esteves Cantarelli, e o nome dela. Naturalmente o amigo já ouviu falar no Comendador Cantarelli, grande industrial paulista. Empacotou recentemente. O engenheiro, vencido, escondeu o desconhecimento: o nome lhe soava, disse, com o mesmo acento dos Matarazzo, dos Crespi, dos Filizzola. Ergueu o copo de cerveja, em respeitoso brinde a senhora Cantarelli. Não só Aminthas o acompanhou, todos os presentes associaram-se a homenagem. O povo, agradecido, ainda no espanto da dádiva inesperada, ao referir-se a nova iluminação não a designava Luz de Paulo Afonso, Luz da Hidrelétrica ou Luz da Companhia do Vale do São Francisco, como seria justo e correto e em toda parte se dizia. Para a gente de Agreste era a Luz de Tieta.

Quando, na quarta-feira seguinte aos festivos acontecimentos do domingo, Tieta viera de Mangue Seco para assinar no cartório a escritura dos terrenos, fora surpreendida com uma faixa colocada na praça da Matriz, entre dois carunchosos postes da iluminação antiga, nas proximidades da casa de Perpetua: O povo de Agreste saudava agradecido dona Antonieta Esteves Cantarelli. Apenas um senão: a palavra Esteves havia sido acrescentada, por exigência de Perpetua e Ze Esteves, depois da faixa concluída. Colocaram-na entre os dois outros nomes mas acima deles, defeito pequeno, não empanava o efeito impressionante das letras vermelhas sobre o fundo branco do madraço.

Ideia de Ascanio, contara com o apoio geral, na boca do povo Tieta era a heroína da cidade. Não a tinham colocado ainda no altar-mor da Matriz, ao lado da Senhora Sant'Ana, como previra Modesto Pires, mas pouco faltava. Ao passar na rua, no princípio 200

da tarde, em companhia de Leonora e de Perpetua, em caminho do cartório onde marcara encontro com o dono do trapiche, das casas

saiam pessoas para cumprimenta-la, para lhe agradecer houve quem lhe beijasse a mão. Ao sabe-la em Agreste, o coronel Artur da Tapitanga abandonou a casa-grande da fazenda, andando o quilometro a separa-lo da rua, veio abraçar a benemerita cidadã:

-Minha filha, Deus escreve certo por linhas tortas. Quando Ze Esteves lhe tocou daqui, era porque Deus queria fazer voce voltar como rainha. Punha-lhe uns olhos de bode velho e lubrico, ja sem forcas nos ovos mas ainda com apetite no coracao. - Quando vai me visitar, ver minhas cabras? Tambem Bafo de Bode a homenageou a sua maneira, ao ve- 1a na porta do cinema:

- Viva dona Tieta que manda um bocado e e um pedaco de mau caminho!

Tieta, ao passar, colocou-lhe na mão negra de sujo o necessario para uma semana de cachaca farta e ao adiantar-se, na intencao de alegrar-lhe os olhos, soltou as cadeiras em requebro de proa de barco em meio a vendaval.

Concluida a escritura, lavrado o termo da compra do terreno, completado o pagamento em moeda viva, Tieta, antes de voltar para casa, passou na Agencia dos Correios para abraçar dona Carmosina e despachar uma carta. Ja agora acompanhada tambem por Ascanio e pelo bardo De Matos Barbosa, atacado de saudade e reumatismo: tua presença, Tieta, e sol e medicina, basta-me fitar teu rosto para me sentir curado.

Dona Carmosina anunciou:

- De noite, vou lhe ver para a gente conversar. Tenho muitas novidades... - os olhos indicavam Leonora e Ascanio, assunto predileto.

- Não estarei. Volto hoje mesmo, daqui a pouco, para Mangue Seco. Passei para lhe ver e saber noticias de dona Milu. - Volta hoje? Por que toda essa pressa? - Estou levantando minha choupana, ja comecei. Tu me conhece: quando quero uma coisa, quero logo, tenho pressa. Desejo ver as paredes de pe antes de ir embora. - Voce nao pode ir embora tao cedo. Nem fale nisso. - Por que nao?

- Antes da inauguracao da luz? O povo nao vai deixar. Tieta riu:

- Ate me sinto candidata a deputado... Voce me representa na festa.

- Refletiu durante uns segundos, o olhar perdido. - Mas, quem sabe, talvez eu fique, prolongue as 201

ferias, nao tanto pela festa mas para ver minha casinha de pe, em Mangue Seco.

- Fica, sim, com certeza. Ficam as duas... - Fitando a face melancolica de Leonora, dona Carmosina nao resistiu: - Sei de alguem que talvez fique para sempre. - Os olhos miudos faiscavam malicia.

Em casa, a sos com Perpetua, Tieta dera-lhe noticias de Ricardo: menino bom, sobrinho querido, estava sendo de inestimavel ajuda. Sob a orientacao do Comandante, tomava iniciativas e providencias, atravessara duas vezes para o arraial do Saco onde contratara o pessoal necessario, pedreiros e carpinas, mestre-de-obra, gente habituada a trabalhar com troncos de coqueiros sobre a areia movedica. Adiantara todos os detalhes, a construcao iniciara-se na vespera. Ela o prenderia em Mangue Seco ainda uns dias, nomeara-o seu lugar-tenente. - O tempo que voce quiser, mana, ele esta de ferias. Por falar em ferias, Ricardo mandara pedir os livros de estudo, nem na praia se descuidava dos deveres escolares. Dormia na sala da Toca da Sogra, numa rede. Menino de ouro, Tieta queria ajuda-lo e para tanto decidira abrir uma caderneta de poupanca em nome dele, num banco de Sao Paulo. Na carta que deixara na Agencia dos Correios, dava ordens a sua gerente para abrir a caderneta em nome do sobrinho com consideravel deposito inicial Perpetua estremeceu ao ouvir a quantia - aos quais todos os meses ela acrescentaria determinada importancia, ainda nao decidira quanto. Assim, quando Ricardo se ordenasse padre, somando capital, juros e correcao monetaria, teria um bom peculio. Perpetua elevou os olhos gratos para o ceu, o Senhor começava a cumprir sua parte no trato feito. Depois de agradecer a Deus, fitou Tieta e a ela se dirigiu: - Nao sei nem o que lhe dizer, mana. Deus ha de lhe pagar. - Tomou, num gesto inopinado, da mao da irma, levou-a ao peito, apertando-a contra o coracao. Usava corpete de tecido grosso, duro como um peitoril. Com o lenco negro enxugou os olhos

lacrimosos.

Antes de regressar no fim da tarde a Mangue Seco, fugindo as manifestacoes de seus conterraneos, cercada pela familia, Tieta ainda recebeu a visita do padre Mariano. O reverendo agradeceu-lhe, em nome dos fieis, a graca da iluminacao nova que ia modificar a fisionomia da cidade, mudar-lhe os habitos, imenso servico prestado a comunidade. Beneficiando a todos, dona Antonieta criara, no entanto, serio problema para a paroquia, pois a instalacao eletrica da Matriz encontrava-se em peticao de miseria, incapaz de suportar o impacto da energia de Paulo 202

Afonso. Um engenheiro da Hidreletrica a quem ele consultara dissera-lhe ser absolutamente necessario mudar toda a instalacao para impedir curto-circuito, evitar grave perigo de incendio. Onde buscar o dinheiro necessario? A quem recorrer senao a ela? Muito ja lhe devia a Matriz, a começar pela imagem nova da Padroeira, o ostensorio trazido de Sao Paulo, o padre era quem mais sabia mas sabia tambem da generosidade de dona Antonieta, alma de escol, ademais, viuva de comendador do Papa, ou seja, pessoa graduada na hierarquia da Igreja. Com um sorriso ambiguo, Tieta ouviu em silencio, na presenca do pai, da madrasta, das irmas e de Leonora. Perpetua repetiu as palavras do paroco pensando na caderneta de poupanca: - Alma de escol, o senhor disse tudo, padre Mariano. O reverendo nao conseguia ler resposta positiva no sorriso equivoco a entreabrir os labios carnudos; apenas podia constatar que Tieta remocara nesses dias em Mangue Seco, o ar satisfeito, bonita como nunca, o sol pusera tons de ouro no cobre da pele. - Nao se aflija, Padre, pode mudar os fios. Tranquilizado, ia o cura agradecer quando ela prosseguiu, a voz se abrindo em riso, em tom de brincadeira: - Faco isso em pagamento a Senhora Sant'Ana por lhe ter roubado o sacristao por alguns dias, meu sobrinho Ricardo que esta em Mangue Seco me ajudando.

Estremeceu Perpetua dentro do vestido negro, do luto fechado, da compostura devida ao sacerdote, nao conseguindo esconder a satisfacao de subito refletida do rosto carrancudo, num olhar de

vitoria. Ligando o sobrinho aos donativos feitos a igreja, designando-o intermediario nas suas relacoes com Deus e os santos, Tieta dava largo passo no caminho a conduzir a adocao e a heranca. Deus acabara de passar a categoria de devedor, ao receber, pela mao de Ricardo, a doacao das novas instalacoes eletricas da Matriz.

Igualmente radiante, padre Mariano ergueu a voz, escolhendo os termos do louvor:

- Deus nao esquece quem ajuda a Santa Madre Igreja, multiplica cada, obolo em perenes benesses. As bencaos da Virgem, dona Antonieta, protegerao a si e aos seus familiares - elevou a mao, abençoando os Esteves e as Cantarelli, sorriu beatificamente. - De parte da Senhora Sant'Ana, posso adiantar que ela lhe cede de bom grado o escudeiro. Estando Ricardo em companhia tao sacrossanta, so podera aprender a praticar o bem. Ao despedir-se, o reverendo referiu-se a aparencia de Tieta: louca, garbosa. Os dias na praia, disse, tinham sido para ela um verdadeiro tonico, ressumbrava saude e jubilo, aprazimento, a 203

beleza do rosto refletindo a pureza da alma, tota pulchra, benedicta Domini. Que Deus assim o preserve.

Ze Esteves foi o unico a demonstrar insatisfacao, remoendo criticas ao peditorio e ao atendimento! - Esse urubu de batina e um sabido: com a lingua doce e o latinorio vai arrecadando um dinheirao para a igreja, os tolos caem como patinhos. Me perdoe, minha filha, mas voce precisa prestar mais atencao a seu dinheiro. Nao se esqueca que vai comprar casa, nao pode estar desperdicando.

Somente uma semana depois Tieta regressou a Agreste, atendendo exatamente a um chamado de Ze Esteves, transmitindo apelo urgente de dona Zulmira disposta a rebaixar o preco da casa, a entrar em acordo. Deixara Ricardo a frente das obras, as paredes subindo, sozinho na Toca da Sogra pois havia tres dias o Comandante voltara com dona Laura para o bangalo na cidade. Tres dias, ou melhor, tres noites durante as quais a tia e o sobrinho trocaram o romantico areal das dunas pelo conforto do colchao de crina da cama de casal no quarto do marujo. Prosseguindo na



educacao do sobrinho, a lhe ensinar o bem - o bem e o bom -, o colchao chegara na hora exata, quando atingiam um estagio superior no estudo da materia em que Tieta era mestra competente, emerita catedratica, doctor honoris causa, como diria em latim o padre Mariano. Ensinava-lhe em aulas praticas e intensivas quanto sabia, ou seja, tudo, o alfabeto inteiro, incluindo o indescrivivel ipicilone.

Tieta voltou a Agreste na manha do dia do primeiro desembarque dos seres de espanto projetados do espaco, mas nao os viu e deles so veio a ter noticias no fim da tarde por Ascanio exaltado, no auge do entusiasmo:

- Capitalistas do Sul, estudando as possibilidades de empregar capital aqui, no municipio, em empresa de turismo, coisa de grande vulto, querem asfaltar a estrada e construir hoteis. Que lhe parece, dona Antonieta? Que diz a isso, Leonora? Empresa de turismo? Em Agreste, aproveitando a agua, o clima, a praia de Mangue Seco? Quem sabe, tudo e possivel, por que nao? Fizera bem em comprar o terreno na praia, devia aceitar a proposta de dona Zulmira, abandonando a posicao intransigente, os precos da terra e dos imoveis podem sofrer subita valorizacao, em Sao Paulo Tieta assistiu a coisas de espantar. Com seu faro unico, Felipe adquirira a preco de banana terrenos e mais terrenos em areas pelas quais ninguem oferecia nada. Poucos anos depois, ganhava fortunas na revenda. Tieta pediu a Perpetua papel e caneta, escreveu um bilhete a dona Zulmira fechando o negocio, mandou Peto levar.

Decidiu demorar-se em Agreste o tempo necessario para 204

concluir o trato, lavrar escritura, tomar posse da casa. Mesmo sentindo o apelo ardente do corpo a reclamar urgencia no retomo, sabendo que o moco sofreria o fogo do inferno na noite insone, ainda assim resolveu cuidar antes do negocio. Aprendera a nao perder a cabeca, a nao permitir que xodo por mais forte e exaltante lhe cause prejuizo.

Ascanio prosseguia a tracar as vias do radioso futuro de Agreste. A mudanca comecara com a chegada das duas paulistas a cidade,

tudo se fazendo agora mais facil, devido a decisao da Companhia do Vale do Sao Francisco de incluir Agreste entre os municipios com a energia de Paulo Afonso, a Luz de Tieta.

## **CAPITULO ONDE TIETA BUSCA DEFINIR O AMOR E NAO CONSEGUE**

Tieta deixa os namorados na porta da rua, sozinhos, livres para a despedida. Da sombra do corredor, porem, espicha o olho para ver o que se passa, onde as maos vao parar, a forza dos beijos, os labios vorazes, as linguas se enrolando, aqueles primeiros passos no caminho do resto. Decepcao completa e inquietante. Viu apenas um rocar dos labios de Ascanio na face de Leonora, receoso e apressado, aquilo nao era beijo coisissima nenhuma, perdera o tempo a espionar o mais completo e acabado par de idiotas. Da porta, onde demora ate perde-lo de vista, Leonora acena longo adeus, certamente respondido por Ascanio. Mau sinal, nao agrada a Tieta o rumo do idilio. Leonora nao correra perigo maior se terminarem, ela e Ascanio, na Bacia de Catarina, em noite sem lua, por entre a penedia, no bem-bom. Depois, e lavar o xibiu bem lavado, acabou-se. Quando chegar a hora do retorno a Sao Paulo, derramara algumas lagrimas de tristeza e saudade no onibus de volta - c'est finie la comedie, como dizia Madame Georgette e Madame Antoinette repete quando enfrenta xodos e rabichos das meninas.

O perigo reside exatamente nos leves beijos medrosos, nesse namoro tonto, de caboclo, que ja nao se usa mais. Em Agreste, quando se namora assim, no respeito, contendo os impulsos, e porque se tem em mira noivado e casamento. 205

Casamento, vida em Agreste: ilusoes absurdas, sonhos delirantes. Em tais casos, nao basta lavar a xoxota bem lavada. A separacao

custa duro sofrimento, nao se reduz a umas poucas lagrimas no onibus de volta.

Naquele dia, quando Tieta chegara de Mangue Seco, estuante de vida, vibrando de animacao ao falar do terreno e da casa na praia, mais magra, o corpo no ponto exato, Leonora caira-lhe nos bracos, murmurando-lhe ao ouvido, ansiosa: - Preciso muito conversar com voce, Maezinha. Durante o dia nao tiveram occasiao, porem, de ficarem a sos. Perpetua sempre presente, a adular a irma, ja nao lhe regateava louvores. Antigo poco de iniquidades, Antonieta passara a ser poco de Jaco, misericordia dos sedentos, turris eburnea. Para gaba- la gastava ate as poucas expressoes latinas que decorara em tantos anos de sacristia, antes reservadas a exaltacao do Senhor e dos santos, sendo turris eburnea exclusiva da Virgem Maria. Agora tudo era pouco para as virtudes de Tieta. Na hora do almoco, a mesa completa: Ze Esteves e Tonha, Elisa e Asterio, Peto a pedir a bencao a tia, a regalar os olhos saudosos da carnacao morena e farta. Fazendo-lhe companhia na praia, quem estava bem situado para brechar ate fartar-se, para bispar os minimos detalhes, a tia a la vonte no biquini infimo, despreocupada, era Ricardo; mas o idiota do irmao desviava a vista para nao enxergar, tirado a ermitao, a mistico. Devia estar de venda nos olhos em Mangue Seco, o bobalhao; Deus da nozes a quem nao tem dentes, queixara-se Osnar. Falou, po! A tarde, foram a casa de dona Zulmira para confirmar o acerto e de la ao cartorio, deixar os dados para a escritura e marcar o dia de assina-la - quanto antes melhor, pedira Tieta, com pressa de voltar a Mangue Seco. As paredes da choupana - assim designava a pequena casa da praia - comecavam a subir, ela curtia cada tijolo, cada pa de massa, em companhia do sobrinho contagiado por seu entusiasmo. De noite, a sala de visitas se enchera: dona Carmosina, dona Milu, Barbozinha, a tropa do bilhar escoltando Asterio; Ascanio tinha aparecido no fim da tarde, ficara para jantar, nao desgrudava de Leonora. Tambem dona Carmosina anunciara necessidade imperiosa e urgente de longa conversa reservada com Tieta. Marcaram para o dia seguinte. Amanha sem falta! - recordara a agente dos Correios, ao despedir-se. - Mil coisas a comentar. Com os olhos apontava o par de namorados no sofa,

distanciados um do outro pelo menos um palmo, a paulista com um sorriso babado de admiracao, ouvindo o discurso de Ascanio sobre o radioso futuro de Agreste.

206

Ascanio, o ultimo a sair, quando ja Perpetua se recolhera: as seis em ponto, ajoelhada na primeira fila, a devota ouve missa na Matriz, nao pode dormir tarde. Tieta abandona-os na porta, a vontade para a despedida apaixonada. Que fracasso! Leonora vem sentar-se na cama da alcova, enquanto Tieta desfaz a maquiagem. Abre o coracao: apaixonada, que fazer? Paixao roxa, nao banal aventura, simples chamego, ela nao era disso, Maezinha a conhecia, nesses tres anos de Refugio jamais tivera um caso. Amor, pela primeira vez.

- Me diga como agir, Maezinha. Contar a verdade, nao posso.

- Nao pode mesmo, nem pense nisso. So se ficasse doida e me tivesse odio.

- Nunca pensei, como poderia contar? Mas estou desarvorada, sem saber o que fazer. Me ajude nesse transe, Maezinha. So tenho voce no mundo.

Tieta abandona os cremes de limpeza e o espelho, toma das maos da moca, acaricia-lhe a crina loira, nem as irmas queria tanto quanto aquela desditosa recolhida no trotoar, a pequena Nora, marcada pela ma sorte e todavia capaz de sonho e esperanca. - Eu sei que tu nunca vai contar, conheco minhas cabritas, ai de mim se nao as conhecesse. O que tu deve fazer? Aproveitar as ferias, divertir-se. Namore o rapaz, ele e simpatico e bonito, um pedaco de homem. Um pouco ingenuo para meu gosto mas direito. Durma com ele se tiver vontade. Tu deve estar morta de vontade, nao e?

Leonora abana a cabeça afirmativamente e logo esconde o rosto nas maos, Tieta vem sentar-se a seu lado na cama, prossegue:

- Durma com ele, passeie, namore, goze a vida mas nao se prenda. Tome cuidado para evitar escandalo. So nao entendo por que tu ainda nao dormiu com ele.

- Ele pensa que sou virgem, Maezinha. Nunca vi ninguem tao credulo e respeitador. Nao tenho coragem nem palavras para contar

que não sou donzela. Tenho medo que ele se desiluda, não queira mais me ver.

- E capaz. Agreste não é São Paulo, e o cu do mundo, parou no século passado. Aqui, ou bem se é moça cabacuda ou rapariga de porta aberta. Não viu o que se passou comigo? Pai me mandou embora, me mandou ser puta longe daqui. Faz muito tempo mas continua sendo a mesma coisa hoje. Quem sabe, com jeito...

- Que jeito, Maezinha? Ele pensa que sou donzela e que sou rica, filha e herdeira do Comendador Felipe. Fica inibido até para 207

me pegar na mão porque ele é um pobre de jo e eu sou milionária. Sabe que ele ainda nem se declarou? Insinua umas coisas, suspira, parece que vai falar, engole em seco, fica calado, segura em minha mão, não sai disso. Em Mangue Seco fui eu quem beijou ele. Fora daí, roca os lábios no meu rosto quando se despede e nada mais.

- Eu vi, estava espiando, e de não se acreditar. Coitado do rapaz, deve estar desperdiçando o ordenado na casa de Zuleika para se desferrar, ou gastando a mão se lhe faltar dinheiro. - Sorri para Leonora: - Siga meu conselho: deixe o barco correr, de tempo ao tempo, vá se divertindo. Pelo menos assim você não se chateia.

- Me chatear? Maezinha, vou lhe dizer: esses dias aqui foram os únicos felizes de minha vida. Estou amando. Pela primeira vez, Maezinha. Com Pipo e Cid foi outra coisa, nem de longe se parece. Já lhe contei, se lembra?

Diante da adolescente massacrada no sordido cortiço, Pipo, com o nome repetido nos rádios de pilha, a fotografia nos jornais, aparecia como a personificação dos invencíveis heróis das histórias de quadrinhos, dos filmes de aventuras, das séries de televisão. Ser sua garota causava inveja a todas as demais chivetas da rua. Quando ele a chutou, sofrera principalmente na vaidade. Vez por outra podemos dar uma metida, se quiser, dissera Pipo, cheio de si. Isso jamais. Não aceitara a humilhação, pretendendo-se a única, a inspiradora dos gols marcados pelo craque nos matches de futebol. Chorara a semana inteira com a gozação da vizinhança mas dele mesmo não sentira falta. Quando, no inferninho asqueroso onde cacava o miche

que lhe garantisse a comida do dia seguinte, encontrou Cid Raposeira na solidão, na droga, no abandono, amarfanhado rosto de Cristo, tão necessitado de companhia e ajuda, vibrava o coração de Leonora, sensível e solidário. Iniciou-se o trajeto do interminável desespero, alternando-se os raros dias de carinho e humildade, com os de loucura e violência desatadas. Menos que companheira e amante, sentira-se enfermeira, samaritana, irmã a cuidar de alguém ainda mais desgracado do que ela. Casal de párias perdido na metrópole fechada em pedra e em fumaça, sem condições de alegria e felicidade. Um e outro, o glorioso Pipo e o contraditório Cid, nada tinham a ver com o renitente sonho de lar e paz, de carinho, de amor.

- E amor, sabe, Maezinha? Uma coisa diferente. Tudo que eu queria era poder ficar aqui, com ele, nunca mais ir embora. Comove-se Tieta, pobre Leonora, escorracada cabrita. Afaga- lhe os cabelos, belisca-lhe a face:

208

- Não é que eu seja contra, minha filha, e que não vejo jeito.

No jantar em casa de dona Milu, observando Leonora e Ascanio em idílio, Tieta já se preocupava. Fosse simples aventura, beijos, apertos, umas quedas na beira do rio, nos esconsos das rochas, nas areias calidas de Mangue Seco, bons lugares para descarregar a natureza, não teria maior importância, bastando manter discricão para evitar a língua do povo de Agreste, longa e afiada. Se caísse na boca do povo, paciência. Nora partiria em breve para nunca mais voltar, pouco lhe interessava a imagem que dela guardasse aqueles tabacudos. Mas a moca pretende vida em comum, lar estabelecido, filhos. Ouvindo certa vez Tieta relatar os problemas da protegida, a insatisfação, o desejo de largar o ofício, trocando as larguezas do Refúgio dos Lordes por mediocres limites de casa e marido - de amor, como ela repetia exaltada -, Felipe, experiente e blase, a classificara de pequeno-burguesa delirante, sem solução.

- Do meio dessa pequena burguesia desesperada e que surgem os marginais, os drogados, os que matam sem razão e os que se

matam, os suicidas. Não provocam minha simpatia. Tieta ouvira a explicação, balancara a cabeça, tolice discutir com Felipe, homem de saber e entendimento, merecedor de crédito - não por acaso subira tão alto. Nem por isso deixava de simpatizar com o sonho de Leonora, romântico e piegas. Não chegava a entender inteiramente a ansia a consumir a rapariga, esse arrebatamento, a inconformidade com a situação - alias privilegiada - em que vivia. Tais problemas jamais se haviam colocado para Tieta, pelo menos de idêntica maneira. Mas, ao contrário de Felipe, sentia ternura e simpatia pela insatisfação da moça, dava-lhe atenção e afeto. Entre as colaboradoras da casa - cabritas escolhidas a dedo para alegrar o ocioso de bodes ricos, poderosos, exigentes, muitos deles cheios de manias e taras -, Leonora era a sua predileta. Talvez porque sobrasse a Tieta carinho a dar, devotamento disponível, tinha para com a infeliz rapariga desvelos de mãe para filha. Ao ver de Felipe, pequeno-burguesa desesperada, sem solução, na opinião de Tieta, tola, sonhadora, sentimental. Como jamais conseguira ser sentimental e tola, apesar de sonhadora, por isso mesmo estimava a atitude da moça agarrada a ilusão de um dia poder mudar a vida, construiu-a conforme seus modestos desejos. Quando, ainda há pouco, da sombra do corredor, espionava a frustrada despedida, Tieta deixara escapar um suspiro: Deus do Céu, por que tanta tolice, tanta ansia inútil? A vida pode ser simples e fácil, agradável, excitante, quando se sabe leva-la com

audácia e prudência: um marchante, um protetor para companhia permanente, para fornecer dinheiro a farta, para garantir sólido pecúlio na velhice, e xodos para a cama, quantos o corpo reclamar, a boa vida, alegria e riso que tristezas não pagam dívidas. Na Bacia de Catarina ou nos comoros de Mangue Seco, no escuro das grutas ou diante da imensidão do mar, poderia Nora saciar a sede de amor nos braços de Ascanio. Assim Tieta estava fazendo nos braços de Ricardo, no areal, na cama do Comandante. A seu modo, também ela andava apaixonada, e como! Apenas, ao contrário do que sucedia com Leonora, a paixão pelo sobrinho não a perturbava,

dando-lhe apenas alegria. Paixao roxa, tambem: estava devorando o seminarista, esfomeada, sequiosa - nao era amor, por acaso?

Mas, depois, quando passasse a furia do desejo, bastaria lavar o xibiu bem lavado para esquecer, ate que novamente crescesse em labareda dentro dela a brasa acesa, inapagavel, da paixao. Paixao, amor, que diferenca existe? Com Felipe fora diferente. Durara tantos e tantos anos, felizes sempre, ele superior e generoso, ela dedicada e sabida, ternos amigos, calidos amantes, senhor e serva. Serva ou rainha? Seria isso o amor tao falado. Provavelmente. Nao impedira, nao obstante, as paixoes, nem sabe quantas. Mundo complicado, dificil de entender, uma confusao. Acarinha Leonora, a cabeça da moca repousando em seu colo, a cabeleira desnasta rolando sobre o lencol. Tieta necessita tomar providencia rapida para colocar nos trilhos certos a vida de Leonora, para que as ferias terminem alegremente como comecaram, para que esse namoro bobelo se transforme em arrebatada paixao, saia do atoleiro onde se afundou para erguer-se em chamas na beira do rio, nos comoros de Mangue Seco. Para que o amor, como deseja Barbozinha, seja motivo de vida e nao de morte.

A mao materna nos cabelos e a voz de acalanto nos ouvidos acalmam a agitacao de Leonora.

- Pode dormir tranquila, cabrita, que eu vou cuidar de tua vida.

## **DA FAMILIA REUNIDA NO CARTORIO PARA A SOLENIDADE DA ESCRITURA**

210

Para assistir a solene cerimonia da escritura definitiva de compra e venda da casa antes de propriedade de dona Zulmira, que passara a pertencer, apos tais formalidades e o respectivo pagamento, a dona



Antonieta Esteves Cantarelli, a familia Esteves encontra-se reunida no cartorio do doutor Franklin Lins, a excecao do moco Ricardo, seminarista em ferias em Mangue Seco, ocupado com encargos da tia paulista e rica (e louca). Apoiado no bordao, a mascar fumo de corda, de tao contente, o velho Ze Esteves nao cabe no larguissimo terno de festa, feito sob medida nos distantes tempos de abastanca, cortado em boa casimira azul de contrabando, mandado tingir de negro para o casamento de Elisa, retirado do bau para a chegada de Tieta. Pela segunda vez o veste em poucos dias, volta a ser alguem. Muito em breve estara habitando casa de qualidade, em arteria central, retirado pela filha prodiga do casebre de canto de rua, de moradia e endereco desmoralizantes.

Se dependesse dele, mudaria hoje mesmo, apenas dona Zulmira acabasse de retirar seus terens. Antonieta, porem, decidira fazer alguns reparos na casa, consertar banheiro e latrina, pintar as paredes, retelhar, luxos de paulista; ele resmungara mas nao discutira: quem paga, manda.

Sob o comando da filha, sua vida se refaz. No cartorio, ouvindo doutor Franklin ler os termos da escritura, controlando as horas no relógio de ouro, marca Omega, sinal de sua restaurada importancia, Ze Esteves escuta berro de cabras que se aproximam aos saltos sobre os cabecos dos morros, enxerga terra e rebanho. Junto a ele, humilde sombra do marido, Tonha, silenciosa e conformada. Casebre acanhado e pobre, vivenda ampla e rica, rua de frente ou beco lamacento, tudo lhe serve e basta, desde que esteja em companhia do amo e senhor. Ha muito aprendeu a obedecer e conformar-se.

Perpetua, rigida no luto inapelavel, traja vestido caro, reservado para a festa da Senhora Sant'Ana; na cabeça a mantilha trazida por Leonora. Atenta, disposta a impedir que na escritura seja introduzida clausula capaz de prejudicar os interesses de seus filhos, sobretudo os de Ricardo, herdeiro presuntivo. Com o Velho, todo cuidado e pouco: passa o tempo bajulando Tieta, insinuando miserias contra as duas outras filhas, pedinchando. Ainda na vespera, a arrastara para um canto da casa, fora murmurar segredos, intrigas certamente, na tentativa de joga-la contra as irmas. Perpetua nao perde uma palavra sequer das clausulas e adendos.

Pela mão, mantém seguro o filho Peto. Esgrouvinhado, maldizendo os sapatos - usa alpargata aberta quando não pode 211

andar descalço - o menino não entende por que motivo a mãe o obriga a estar ali, parado, envergando meias, camisa limpa, a ouvir o doutor Franklin ler, com a voz mais descansada do mundo, um rol de páginas de nunca acabar. Se a tia e a prima Nora ao menos estivessem a vontade, nos robes colantes, mal fechados, a vista ajudaria a passar o tempo. Mas uma e outra puseram-se nos trinques, tão compostas nunca as vira. Um saco! Elisa e Asterio escutam, reverentes; ela, o olhar de adoração posto em Tieta; ele, de cabeça baixa, fitando o chão. Nem mesmo Leonora, semi-escondida no fundo da sala, pode competir com o porte majestoso de Elisa: a massa de cabelos negros, o busto erguido, as ancas altaneiras, elegante como se fosse desfilando numa passarela, o ar entre modesto e altivo, um deslumbre. Casa em Agreste, tenha quem quiser, ela não. Da generosidade da irmã rica, aguarda merce muito diferente: convite para acompanhá-la a São Paulo, para ir de muda, para ir com ela e o marido, pois sozinha Tieta não a levará. Emprego para Asterio numa das empresas da família Cantarelli; para Elisa, um lugar no coração e no apartamento da irmã, se possível o ocupado até agora pela enteada Nora.

Tudo quanto Elisa deseja é dar as costas a Agreste, limpar no caminho a poeira dos sapatos, nunca mais voltar. Há de conseguir: Tieta veio para ajudar a todos eles, transbordante de bondade e compreensão. Ademais, Elisa recorrera aos bons ofícios de dona Carmosina, amiga provada, a protegê-la desde menina, e íntima de Tieta. Pedirá-lhe para interceder junto à irmã, possibilitando a realização do projeto de mudança. Em São Paulo a vida a aguarda, a verdadeira, repleta de acontecimentos e sensações, não essa apatia de Agreste, esse cansaço do sem-jeito. O doutor Franklin emposta a voz nos termos jurídicos, Elisa ouve o excitante rumor das ruas atulhadas de automóveis luxuosos, num fremito escuta a fala cariciosa dos homens elevando-se à sua passagem quando a tarde comparece à Rua Augusta, indo de compras com Tieta. Asterio ouve

pensativo, um tanto contrafeito. O sogro vai ter onde habitar com decencia e conforto, na casa da filha; sera como se possuísse casa propria. Filha magnanima, Tieta. Outra qualquer guardaria ressentimento do pai que a pusera no olho da rua, da irma que a delatara. Ela, nao. Regressara com as maos pejudadas de dadivas para cada pessoa da familia. Durante dias e dias, Asterio se perguntara por que, na distribuicao dos beneficios, naquele esbanjamento, a cunhada ainda nao se fixara na irma mais moça e no cunhado, reduzidos aos presentes da chegada. Sendo eles os mais precisados, no entanto, pois Ze Esteves, se nada tinha de seu, recebia farta mesada e praticamente nao gastava dinheiro, 212

barraco e comida custando-lhe ninharia, enquanto ele e Elisa viviam em eterno aperto, a loja e a ajuda dando na exata. Perpetua nao precisa de auxilio, tem de um tudo, mansao onde residir, casas de aluguel, pensao do marido, dinheiro na Caixa Economica, em Aracaju, e a protecao de Deus. A protecao de Deus, sim, ria quem quisesse - nao lhe tem faltado. Ao que Elisa soube e lhe contou, a rica abriu em banco de Sao Paulo caderneta de poupanca para os dois sobrinhos. Ele e Elisa nem filhos possuem, sobrinho a merecer a protecao da tia milionaria, Toninho morrera e, nao fosse dona Carmosina gostar tanto de Elisa, nao se sabe como teria terminado aquele assunto: a mentira vil, a noticia surrupiada, chantagem suja. Ha algum tempo, no comeco das prolongadas negociacoes para aquisicao da casa de dona Zulmira, a cunhada propusera que, realizada a compra, ali fossem morar juntos, os dois casais, o Velho e mae Tonha, ele e Elisa: na residencia vasta e confortavel cabiam os quatro e sobrava espaco. A ideia nao o seduzira, agradando ainda menos a Elisa; Tieta ouvira as razoes da recusa e com elas concordara. Diante disso, Asterio ficara a espera de uma palavra da caridosa parenta referente a aquisicao de casa propria para a mana mais moça, a quem dava mostras de tanta estima. Espera va, jamais a cunhada voltara a conversar com eles sobre moradia. Somente na vespera Asterio descobrira o motivo desse silencio. Ao voltar do bilhar, a noite, comentando a escritura a ser assinada no dia

seguinte, a compra da casa de dona Zulmira finalmente decidida, Asterio previra, esperançoso: quem sabe, agora vai chegar a nossa vez. Em resposta, ouvira a espantosa revelação, tomara conhecimento dos alarmantes planos de Elisa. A esposa lhe explicara dever-se a reserva de Antonieta ao desinteresse demonstrado por ela, Elisa, a respeito de casa própria em Agreste. Do meio dos lençois, a voz fustigara, decidida, insensível, quase agressiva:

- Eu disse a Tieta que não queria ter casa própria aqui, em Agreste. Se ela quiser fazer alguma coisa por nós dois, que nos leve para São Paulo, arranje para você um bom emprego numa das fábricas, nós cedamos um quarto em seu apartamento, e um apartamento enorme, duplex. Duplex quer dizer que tem dois andares, um sobrado.

Asterio respondera com um gemido: a dor no estômago, ressurgindo, repentina e violenta. As palavras de Elisa soaram-lhe como um canto-chão de funeral. Rasgaram-lhe as entranhas. Emprego em São Paulo, no escritório de uma indústria? Monstruosa perspectiva! Sair da vida tranquila de Agreste para enfrentar a correria da cidade imensa, sentar-se diante de uma 213

escrivaninha a fazer contas ou a anotar relatórios, das oito da manhã às seis da tarde, sem liberdade de ir e vir na hora que bem entendesse, sem amigos, sem o bar de seu Manuel, sem a mesa do bilhar, desgraça maior não podia ameaçá-lo. Em Agreste, a vida do casal decorria na pobreza, e verdade, a loja mal dava para o essencial, quando dava, mas com a ajuda de Antonieta iam atravessando sem problemas, havia o suficiente para a casa, a comida e ainda sobrava para o cinema e para as revistas de Elisa. Ademais, a exceção de meia dúzia de privilegiados, todos na cidade eram remediados ou pobres e a vida transcorria sem percalços, na maciote. Tinha o moleque para ajudá-lo na loja, Elisa tinha a moleca para ajudá-la em casa. Apenas o estômago o aperreava todas as vezes que o movimento comercial decrescia e um título a pagar começava a contar juros mas o médico, na Bahia, lhe garantira não ser câncer e sim nervosismo, não havia por que preocupar-se. Fora disso, vivia satisfeito, na boa companhia dos camaradas, das

partilhas no bilhar Brunswick, com as apostas, as disputas, as vitórias, taco de ouro, a prosa agradável, poucos afazeres e a mulher bonita, a mais bonita de Agreste, a espera na cama, a disposição para as noites em que se punha nela, sempre na mesma clássica posição, quase respeitosamente, como devem praticar tais atos esposos que se prezam.

Quando solteiro, fora freguês assíduo da pensão de Zuleika Cinderela, amarrando rabichos, sempre por mulher de traseiro atrevido, de ancas bem torneadas, vistosas. Na cama, não recusava variações; constando inclusive ser por demais chegado a comer bunda de mulher: rapariga que dormisse com ele, se já não sabia, logo ia ficar sabendo dessa sua preferência. Quando ele aparecia na sala da pensão, onde dancavam, corria a voz entre as pequenas: segurem o cu, Asterio está na casa. Ao que consta, não se reduziu a subilatórios de mulheres-da-vida, descadeirando igualmente várias solteironas, tendo merecido em priscas eras o apelido de Consolo do Fiofo das Vitalinas.

Casado, jamais lhe passara pela cachola possuir Elisa senão como conveniente, no buraco próprio e com decência, ele por cima, ela por baixo, papai e mães, como classificam as putas na pensão, posição de fazer filho, ou seja, própria para esposo e esposa. Tampouco lhe aflorara o pensamento montá-la por detrás, indo-lhe as traseiras magníficas, ancas de egua, sem igual em toda a redondeza. Não que lhe faltasse vontade: fosse ela rapariga ou moleca, roceira ou solteirona, e ele não perderia piteu assim apetitoso, aquela suntuosa bunda, motivo fundamental da paixão a dominá-lo, levando-o a noivado e casamento. Mas esposa não é 214

para descaracão, a mulher da gente deve ser respeitada, posta entre as santas, num altar. Quando muito, uma vez na vida outra na morte, na hora do gozo, elevando-o ao infinito, dando-lhe nova qualidade, Asterio corre a mão nas ancas da mulher, em furtivo agrado.

Leitora das revistas de fofocas nas quais são cantados os feitos dos galãs de rádio, televisão, cinema, Elisa ressentia-se do aparente

desinteresse sexual do esposo, de fornicacao escalonada, burocratica - burocrata do sexo, assim a fogosa atriz classificara o ilustre comediante do qual vinha de se desquitar, em sensacionais declaracoes prestadas a revista Amiga -, da maneira unica, repetida, sem as variacoes tao badaladas. O proprio Asterio, de quando em vez, relatando a ultima de Osnar ou de Aminthas, de Seixas ou de Fidelio, se refere a outras curiosas formas e maneiras, sobre as quais tudo sabe dona Carmosina - ah!,infelizmente apenas na teoria, minha Elisa, quem me dera a pratica! Quem lhe dera tambem a Elisa, talvez por isso injusta com o marido. Desinteresse da parte dele nao existe e sim a conviccao de que amor de esposo e esposa tem de exercer-se pudico, isento de arroubos, de maus pensamentos e de extravagancias, respeitoso. Represado, Asterio contenta-se em ser proprietario daquele rabo, de espia-lo quase as escondidas, enquanto Elisa muda a roupa, de sentir-lhe a proximidade na cama. Digno, contido esposo. Bastavam-lhe Agreste, a vida pacata da cidade, os prazeres, minimos, a boa companhia, nao queria mais. Sao Paulo? Emprego em escritorio, bom ordenado, horario rigido? Quarto em casa da cunhada? Deus o livre e guarde. Noite de discussao aspera e desagradavel, Elisa perdera a cabeça e o acusara de indiferente e molengas, de egoista a pensar unicamente nos proprios interesses, sem ligar aos dela. Para ele, um pamonha, o marasmo de Agreste podia ser o ideal de vida, mas ela, moca e viciosa, tinha ambicoes maiores: a cidade grande, plena de possibilidades, vida digna de viver-se. Onde, alias, Asterio, se quisesse, poderia progredir, tornar-se alguem, ganhar dinheiro, afirmar-se. Mas ele nao a compreendia, nao fazia caso dela, tratando-a como se ela fosse um pedaco de pau, um animal sem serventia, um trapo. Segurando a barriga para conter as dores, Asterio fugira para a sala. Elisa terminou vindo busca-lo, ao ouvir-lhe os gemidos pungentes. Encontrou-o esvaído, palido, cor de cera, numa daquelas violentas crises de estomago. Dera-lhe remedio, pedira desculpas pelas mas palavras, da exaltacao passou as lagrimas. Nao recuara no entanto da disposicao de usar de todos os recursos junto a irma para que ela os levasse a viver em Sao Paulo. Verde, a boca de fel, ele nada respondera mas entre os 215

engulhos decidira tomar medidas urgentes para impedir a concretizacao do projeto, sem que Elisa viesse a saber e a responsabiliza-lo pelo fracasso dos monstruosos planos. Enquanto ouve doutor Franklin, medita e resolve. Discreta, junto a uma estante onde se acumulam papeis, encontra-se a formosa Leonora Cantarelli, enteada da promitente compradora. Um sorriso suave no rosto delicado, talvez, entre todos os presentes, seja ela quem mais deseja possuir casa em Agreste, mesmo modesta, em rua sem calcamento, mas com um pequeno jardim plantado de cravinas e resedas, um coqueiro carregado no quintal, varanda onde estender a rede no calor da tarde. Ninho para ela e seu marido, marido com ou sem papel passado, nao impunha exigencias desde que fosse Ascanio Trindade. Maezinha prometera se ocupar do caso, dar jeito em sua vida, Madame Antonieta nao e mulher de falar em vao. Leonora sente-se confortada, espera; escuta a leitura com paciencia, virtude obtida em duro aprendizado.

Do outro lado da barricada, ouvindo a interminavel lengalenga da escritura, dona Zulmira, velhissima, ar de ave de rapina, olhos fora da moda escanchados no nariz adunco, o terco enrolado no punho magerrimo, no pescoco um medalhao com o retrato do finado marido quando jovem e noivo. Sorri contente, a casa, convertida em dinheiro, servira a salvacao de sua alma e a gloria da Senhora Sant'Ana, nao ira parar nas maos excomungadas de Joao Felicio, amaldicoado sobrinho. O coisa ruim nao podera fazer com suas ultimas vontades o que estavam fazendo com o testamento de seu Lito os maus parentes, discutindo-lhe a validade na justica, tentando roubar a Santa Madre Igreja. Acolitando-a, padre Mariano: o dinheiro resultante da venda da casa destina-se a missas no altar-mor da Matriz diante da imagem da padroeira e em beneficio da alma da doadora, mas somente apos sua morte. Antes, depositado em maos de Modesto Pires, rendera juros mensais que ajudarao as despesas de dona Zulinira, servira para medico e remedios, conforme consta de documento anexo a escritura que o doutor Franklin esta terminando de ler. Emboscado no passeio em frente, o sobrinho Joao Felicio espia. Pequeno comerciante de secos e

molhados, o rosto semelhante ao da tia, nariz curvo, queixo duro, gavião pronto a atacar a presa. A presa acaba de lhe escapar, levada céu afora pela santa, idolo e superstição dos católicos romanos. Na casa confortável que esperara ocupar em breve - a Velha não pode durar muito - com a mulher e o filho pequeno, irá viver Ze Esteves, com a presunção, a arrogância e a mulher, pobre infeliz. Também de quem a culpa se ele, João Felício, se casara contra a

vontade da tia com moça protestante, filha do pastor da Igreja Batista de Esplanada? Católica a maneira antiga, desconhecendo as teses ecumênicas, para dona Zulmira protestante e sinônimo de herético, inimigo, raça perdida e condenada, com pés de bode. Os crentes são filhos do demônio aos quais os bons católicos devem negar pão e água, já que infelizmente se acabou a Santa Inquisição. Terminada a leitura, doutor Franklin convida as partes interessadas, para o ato da assinatura. Como testemunhas, apoem suas firmas Asterio e o Padre e depois apertam-se as mãos, em mútua felicitação. Dos fundos bolsos da saia negra de gorgorão de seda, Perpetua, depositária provisória, saca rolos e rolos de dinheiro, entregando-os ao doutor Franklin, todos os olhos acompanhando a operação. O tabelião conta nota por nota, antes de passá-las as mãos de dona Zulmira.

Sorridente, Tieta remói uma apreensão: terreno e casa, comprados e pagos, escriturados em nome de Antonieta Esteves Cantarelli, pertencem sem sombra de dúvida e discussão a Antonieta Esteves, simplesmente? O advogado consultado em São Paulo, antes da viagem, garantira que sim, desde que existissem testemunhas de compra e pagamento, tratando-se então de simples engano de nome, facilmente corrigível. Quem o dissera não fora um indivíduo qualquer, de porta de xadrez, e sim o Procurador-Geral do Estado, freguês constante do Refúgio, consultor jurídico de Madame Antoinette.



## **DO FIM DA TARDE NO AREOPAGO**

Tieta, depois de se despedir dos parentes e de ter contratado os serviços do mestre-de-obras Liberato, recomendado como excelente por Modesto Pires, consegue chegar sozinha a porta da Agencia dos Correios para a conversa reservada, conforme prometera na vespera a dona Carmosina. Finalmente as duas amigas irao passar em revista os ultimos acontecimentos; as duas interessadas em ouvir e contar, ruminando ideias e planos, escondendo, uma e outra, segundas intencoes. Ao ver Tieta subindo o degrau da porta, dona Carmosina larga o jornal e exclama:

217

- Enfim, sos! - ri, estendendo os braços para acolher a visita ilustre, figura importante. - Salve a minha líder! Por demais ilustre e importante. Não demoram sem companhia nem por cinco minutos. Ainda ajeitam cadeiras, trocam palavras de afeto, Tieta perguntando como vai passando mãe Milu - costuma dizer que dona Milu e sua segunda mãe -, quando surgem os primeiros conhecidos e na porta do Areopago juntam-se os curiosos. Todos querem ver e saudar a conterrânea donataria da capitania de São Paulo, mandachuva no país. Ficam parados, sorrindo para ela. Pedintes que não a encontraram em casa, de faro aguçado pela necessidade, descobrem-na na Agência, cada qual recita história mais triste. Triste e verdadeira. Com dois deles, Tieta marca encontro para a manhã seguinte, em casa. Dona Carmosina abana a cabeça, assim não dá. Ao mesmo tempo, deixam-na alegre a gentileza e a paciência de Tieta a ouvir e ajudar os pobres, a dialogar com os ociosos que apenas desejam falar com ela, felicita-la pela luz. Rindo, Antonieta desabafa: - Essa história da luz já está me enchendo ... - Não fale assim, minha negra. O povo manifesta sua gratidão, e uma gente boa, ainda não está corrompida pela civilização.

Do passeio, a voz do comandante Dário vem liquidar as últimas esperanças de dona Carmosina. Ainda não será desta vez que conversarão a batons rompus - de quando em quando Tieta emprega uma expressão francesa; no Sul, conquistou, certamente sob influxo do marido, nível de cultura desabitual nos cafundos destes sertões, fez-se realmente uma senhora, não apenas pela elegância e riqueza, também pelo intelecto; dona Carmosina sente-se orgulhosa da amiga e assim devem sentir-se todos os cidadãos de Agreste.

Tomando de uma cadeira e nela escanchando as pernas, o Comandante demonstra sua decisão de ali se demorar batendo papo. Deseja saber quando Tieta pretende voltar a Mangue Seco. Ele e dona Laura regressarão no dia seguinte, logo depois do almoço, não quer aproveitar a canoa? Aproveitara, sim. Concluída a compra da casa, assinada a escritura, efetuado o pagamento, nada

de especial a prende a Agreste. O Velho se encarregara de dirigir a limpeza e a pintura da vivenda, alguns consertos indispensaveis, antes de tudo a construcao de banheiro e latrina decentes. Os que existem estao inserviveis. Ha muito dona Zulmira toma banho em bacia, faz coco em penico. O Comandante escuta a relacao das obras, dos tais pequenos consertos, preve: - Um mes de trabalho, dai para mais... Liberato e descansado.

218

- Nao com Pai de fiscal, em cima dele... - garante Antonieta. - O Velho esta doido para mudar-se, seu Liberato vai andar de redea curta.

- Fez empreitada ou vai pagar pelos dias de trabalho? - Comandante, pelo amor de Deus, nao se esqueca que nasci aqui. Empreitada, e claro.

- Nesse caso, um mes. E Liberato, o que tem de descansado tem de competente. Nesse particular, pode ficar tranquila. - Veja como sao as coisas, Comandante. Considero que fiz uma boa compra, adquirindo a casa de dona Zulmira... - Cara para os precos daqui...

- Ainda assim. Custou um bocado de dinheiro, e uma casa otima, vai entrar em obras, mas eu so penso na cabana de Mangue Seco. Minha cabeça esta la. Essa sim, me apaixonou. Nao quero viajar sem que ela esteja de pe.

- O povo de Mangue Seco ainda e mais descansado do que o daqui. Praia, sabe como e. Com aquele ventinho, nao da mesmo para se trabalhar muito...

- Por isso quero voltar logo, para dar um empurrao. Cardo nao e o Velho, nao e de dar bronca em ninguem... O pobre deve estar pensando que a tia o abandonou e foi embora para Sao Paulo. Menino de ouro, esse meu sobrinho, Comandante. Os olhos brilham quando ela fala do sobrinho. Dona Carmosina e o marujo concordam com o elogio. Deus fora extremamente generoso com Perpetua: nao apenas a retirara do barricao, milagre consideravel, dera-lhe bom marido e bons filhos. Exercendo a arte sutil de falar da vida alheia, dona Carmosina e o Comandante regalaram-se durante alguns

minutos considerando a bondade de Deus na premiacao das virtudes eclesiasticas de Perpetua. Eclesiasticas? O adjetivo para as virtudes de Perpetua devia-se a Barbozinha e dona Carmosina o encontra poetico e perfeito. Assim, em prosa e riso, corre o tempo. Nao adianta Tieta dizer que viera por uma noite e ja se encontra ha tres dias - e ainda, imagine!, nao tivera tempo para conversar uns assuntos urgentes com Carmo. Para faze-lo se encontra ali, na Agencia, mas amanha retomara sem falta a Mangue Seco. O Comandante nem parece ouvir a insinuacao, explicando que Ricardo, estando onde esta, em ferias no proprio paraíso terrestre, so tem razoes para sentir-se feliz. Enquanto ouve o Comandante, empolgado, a perorar sobre seu tema predileto, a beleza da praia de Mangue Seco, Tieta pensa no pequeno Ricardo abandonado no colchao de crina, na imensidao selvagem das dunas sobre o mar. No paraíso, Comandante, mas curtindo as 219

penas do inferno! Deve estar plantado no comoro mais alto, buscando descobrir nas lonjuras do rio sinal de lancha, ouvir ruido de motor. Ela tampouco deseja outra coisa senao descer a correnteza, atravessar a arrebentacao da barra, desembarcar em Mangue Seco, correr para os bracos de seu menino, sentir-lhe os pelos arrepiados nas pernas e bracos musculosos, no peito adolescente, o calor, a vibracao do corpo, a timidez ainda nao de todo vencida, o impeto, o mastro do saveiro erguido, as velas desatadas. As ultimas noites, rolando sozinha no leito da alcova, tinham sido insones e agoniadas. Para acalmar-se, findara por deitar-se na rede, no antigo gabinete do doutor Fulgencio, onde Ricardo dormira. Buscando a lembranca do sobrinho, encontrou sinais evidentes da batalha travada com o Demonio na rede onde ele a desejara contra a propria vontade, onde a tivera nua, em sonho voluptuoso, e nao conseguira possui-la por nao saber como agir, pesadelo horrendo. Ali o donzelo seminarista comecara a perder a castidade. Tieta espojou-se na rede, tocou a mancha branca, gemeu, cabra em cio.

Outro a aparecer para a prosa regalada, impedindo a conversa

intima e essencial: Ascanio. Chega acompanhado por Aminthas e Seixas. O Comandante nao perde a ocasiao de criticar as iniciativas do patriotico secretario da prefeitura, ameacadores projetos turisticos, felizmente mirabolantes. - Mirabolantes, uma conversa - protesta Ascanio. - A qualquer momento, o homem volta...

- Com a boazuda, espero... - corta Aminthas. - ...para defmir os planos, tenho certeza. Comandante Dario eleva as maos aos ceus: - Para terminar com o sossego da gente. Vou cavar trincheiras em Mangue Seco, armar barricadas. Quando esses nudistas aparecerem la, recebo a bala, como Floriano ameacou receber os ingleses.

- Nudistas? - interessou-se Tieta.

- Exatamente, nao soube?

- Soube do casal que esteve aqui e foi a Mangue Seco... - ...e la chegando, tiraram a roupa e bumba! Na agua, nuzinhos como Adao e Eva. Correndo praia afora... Irreprimivel frouxo de riso sacode Tieta, nao se contem. Pensa em Ricardo ja tao violentado, ainda por cima as voltas com nudistas. Era capaz de confundi-los com diabos, vindos dos infernos, para sacrilegas bacanais em Mangue Seco, missas negras, para consumir a definitiva condenacao de sua alma. Reduzindo a zero os efeitos da longa pregacao da tia, empenhada em acalmar seus temores, restaurando-lhe o animo e a confianca.

220

- Sera que Ricardo viu essa gente nua? - pergunta, quando consegue controlar o riso.

Ao imaginar o seminarista em companhia do incrementado casal, todos riem, inclusive Ascanio. Comandante Dario conclui, vitorioso.

- E o que eu digo: Perpetua e os padres, o bispo Dom Jose, voce, Tieta, todo mundo cuidando da inocencia do menino e os amigos de Ascanio liquidam todo esse esforco numa tarde. De que adianta voce zelar pela castidade de seu sobrinho? A Ascanio importa a devassidao, entrega Mangue Seco aos proxenetas, nosso destino e o lenocinio...

Ascanio nao se comove com o tragico panorama tracado pelo Comandante.

- Quando os terrenos valorizarem, a Toca da Sogra valer uma fortuna, o Comandante vai me agradecer e a senhora tambem, dona Tieta. Fez negocio na hora certa, os precos dos terrenos vao subir.

- Nao ha preco que pague minha paz! - conclui, insensivel, o Comandante. Volta-se para Tieta. - Entao, amanha logo depois do almoco, ai por volta de uma da tarde, de acordo? Vamos aproveitar esses ultimos dias, antes que Ascanio transforme Mangue Seco em Sodoma e Gomorra.

- Vai amanha, dona Antonieta? - pergunta o acusado secretario da prefeitura. - Nao esqueca que no outro sabado e a inauguracao da praca e a senhora e a madrinha da festa. - Nao esqueco, nao. Pode contar, nao faltarei. Volto a tempo.

Se nao voltar, irao busca-la a forca, anuncia Aminthas. Ele e Seixas ali presente, com Asterio, Osnar e o grumete Peto estao armando uma expedicao punitiva para rapta-la na praia, traze-la de volta. Mangue Seco e aquela maravilha, ninguem pode negar a evidencia, praia otima para passeios, piqueniques, uiquiendes, o banho de mar, a barra, as dunas, a vista, mas dai a demorar-se la semanas inteiras quem vem a Agreste com tempo medido, isso seus concidadaos nao podem tolerar. Dona Carmosina concorda e aplaude a ideia: uma expedicao, quem sabe, no proximo domingo? Que diz a isso, Seixas?

- Bom, muito bom. Vou e levo minhas primas - aprova Seixas, opinando pela primeira vez na discussao. A conversa reservada fica para a noite. Dona Carmosina suspira: mas, sem falta, heim! Se houver outro adiamento ela vai espocar, esta inflada de assuntos, graves e excitantes. Nao lhe passa pela cabeça, porem, que a maior interessada na conversa e Tieta, apenas nao demonstra.

221

## **DA CONVERSA NO CAMINHO DO RIO**

Tieta passeia os olhos pelo céu, convertera-se em minguante a lua cheia que iluminara o areal de Mangue Seco mas faiscam estrelas aos milhares, inumeráveis, ela não se cansa de contemplá-las, de admirar esse firmamento como já não existe nas cidades do Sul. Na cidade de São Paulo, onde vive e labuta, encoberto pela fumaça da poluição, e negrume o firmamento. - Estou fartando a vista no céu de Agreste, Carmo. Lá, não tem nada disso. Lá o céu acabou.

Para conversarem a sós, o único jeito foi fugir da casa repleta enquanto Barbozinha, invencível, atravessava o pantanal de Mato Grosso a frente de um regimento da Coluna Prestes, após haver sido um dos Dezoito do Forte, o único a escapar miraculosamente: um a mais, um a menos não aumenta o número, continuarão dezoito, essa a grandeza das lendas. Aminthas advertiu o bardo heroico:

- Cuidado com a língua, meu poeta. Que você seja o décimo-nono ou o vigésimo-terceiro dos Dezoito, não vejo mal além dos arranjos na verdade histórica. Mas, ao se meter na Coluna Prestes, passa a correr perigo de cadeia. Por muito menos, andaram encanando gente em Esplanada.

Quando dona Carmosina chegou para a conversa reservada, encontrou a sala de visitas cheia de amigos, a varanda ocupada por Leonora e Ascanio, sobrando apenas o recurso da fuga. Aproveitando a deixa de dona Carmosina: aqui a gente não vai poder conversar, tenho muita coisa a lhe falar mas não na vista desse povareu, como se há de fazer?, Tieta propôs a retirada. Haviam escapado pelos fundos da casa, sem que ninguém se desse conta. Agora, andam no caminho do rio:

- Só que lá, Carmo, se ganha dinheiro. Quem quiser trabalhar, tiver disposição, pode fazer seu pe de meia. Aqui, a pobreza e demais, eu já tinha me esquecido do tamanho. Tieta toma o braço de dona Carmosina, as duas amigas marcham em direção ao ancoradouro, ouve-se na sombra o rumorejar ainda distante da correnteza do rio. A brisa da noite as envolve, chegada do mar, das bandas de Mangue Seco onde 222

Ricardo espera, certamente postado no alto das dunas, buscando

enxergar sinal de luz na distancia, crucificado em medo e desejo, em pecado e saudade, dilacerado.

- Aqui a pobreza e por demais, a começar por minha gente. Vivem tao apertados...

- Perpetua ate que nao... - retifica dona Carmosina. - Todo mes coloca dinheiro na Caixa, em Aracaju, nao e nenhuma tola.

- Nao pense que nao sei, Carmo, nao nasci ontem, conheco as cabras de meu rebanho e a que mais conheco e Perpetua. Sei que Ricardo estuda de graca, o Padre arranjou com Dom Jose, sei que Peto esta no Grupo Escolar, nao paga nada, sei mais do que ela e voce podem imaginar. Mas, nem por isso, nego minha ajuda. Afinal, o que ela tem e tao pouco, so e alguma coisa em comparacao com a pobreza dos outros, mas para o futuro dos meninos nao e nada. Os meninos sao uns amores, Ricardo e estudioso, compenetrado, serio, vestido de batina fica tao engravado, parece um anjo torto. - Fita a velha amiga. - Mandei abrir uma caderneta de poupanca em Sao Paulo em nome dele, como alias voce sabe...

- Eu sei? Que historia e essa? Nao sei de nada, voce nao me falou, como havia de saber? - dona Carmosina reage nervosa, quase insultada com a indireta.

Tieta enche o caminho com uma risada alegre, divertida, aperta o braco da companheira, afetosamente: - Sabe porque leu a carta que eu escrevi a gerente do meu negocio mandando ela ir ao banco, abrir a caderneta, fazer o deposito. Nao me diga que nao leu, Carmo, porque eu nao acredito. Se eu fosse voce, tambem lia. A principio confusa, sem resposta, dona Carmosina termina contagiada pelo riso da amiga, reclama: - Tambem nunca vi cartas mais discretas, mais reservadas que as suas. Nao contam nada, nem as que voce escrevia para a familia nem as que escreve para Sao Paulo. Nunca vi tanta avareza de palavras: faca isso, faca aquilo, como vao as coisas, a clientela, firme? E as meninas, como se comportam? Ate agora nao descobri que especie de negocio voce tem, alem das fabricas. Dessas todos sabem.

- Nao ha segredo, Carmo, apenas sou ruim de escrita, quanto menos escrevo menos erro. Alem disso, nao gosto que meus assuntos andem na boca do povo, ninguem precisa saber dos ganhos da



gente; eu acredito em mau-olhado. Mas a voce, nao tenho por que esconder. O que eu possuo em Sao Paulo e uma 223

butique de luxo, com precos muito caros, para gente da alta sociedade, a clientela e de primeira ordem, rende um bom dinheiro. As meninas sao as vendedoras, bonitas, elegantes, ganham bem. Por isso mesmo, por causa da freguesia tao chique, nao quero gente de Agreste aparecendo por la. Imagine so, Carmo, a loja cheia, aquela nata de Sao Paulo, tudo podre de rico, e me aparece o pessoal daqui... Por isso nunca mandei endereco. Nas fabricas nao me importo que falem, que inventem o que quiserem, sabe por que? Porque nas fabricas nada tenho, nem participacao. Quando Felipe morreu, eu fiquei com os apartamentos, os imoveis e a butique que, alias, ja era minha, estava em meu nome. - No caminho mal iluminado, busca enxergar na fisionomia da amiga se a explicacao fora convincente ou nao.

Dona Carmosina bebera-lhe as palavras, uma a uma. Assidua leitora de romances policiais, admiradora de Agatha Christie, sentia-se a propria Miss Marple perdida em Sant'Ana do Agreste. De deducacao em deducacao, espremendo as celulas cinzentas, partindo de pistas minimas, tinha chegado a verdade: nada do que Tieta agora lhe contara constituira surpresa para a presidenta do Areopago:

- Exatamente o que eu imaginava, butique de alto luxo, precos de arrancar o couro e a fidalguia toda de Sao Paulo deixando o dinheirinho la. Voce faz muito bem em guardar reserva sobre seus negocios e sua vida. Creio que, se Elisa soubesse de seu endereco em Sao Paulo, teria arranjado maneira de se tocar para la. Nao sonha outra coisa, a pobrezinha. Tieta riu:

- Voce ja pensou a parentada toda de Agreste, a comecar pelo velho Ze Esteves, de cajado, cuspiendo fumo, em minha porta em Sao Paulo, invadindo a butique? Ate que ia ser engracado, so que estragava meu negocio para sempre.

Nao fez referencia a Elisa, como se nao houvesse escutado o nome da irma, mas dona Carmosina insiste, volta a carga: - Voce pensa levar Elisa para Sao Paulo, ela e Asterio? E tudo o que ela deseja na

vida, e me parece que... Tema do desagrado de Tieta. Interrompeu a amiga antes que tomasse a peito a defesa da causa de Elisa: - Levar, para que? Aqui, eles vivem direitinho com a renda da loja e a ajuda que eu dou. Sem que eu lhe perguntasse nada, outro dia ela me disse que não quer ter casa própria em Agreste. Vive falando em São Paulo, insinuando um convite, não tem outro assunto. Posso até aumentar a ajuda que dou a eles, mas leva-los para São Paulo, isso não.

- Posso perguntar por que? Gosto de Elisa e queria vê-la 224

feliz.

- Eu também desejo que ela seja feliz, também gosto dela, e minha irmã e sei que ela gosta de mim, não é hipócrita como Perpetua. Mas eu gosto dela e gosto também de Asterio, Carmo. Aqui Asterio vive contente, para ele São Paulo ia ser um degrado. Adoro ver pessoas felizes, e tão raro no mundo. Sei o que é ser infeliz, roei beira de penico quando fui embora. Tive sorte, encontrei um homem bom, o meu marido. Família sortuda, Carmo: Perpetua, com aquela cara, arranhou marido, milagre considerável, não foi o que o Comandante disse ontem? Milagre maior aconteceu comigo: eu era uma reles empregadinha no escritório de Felipe, acabei de aliança no dedo, - Exibe a aliança de ouro, diferente, trabalhada peça digna de antiquário. - Também Elisa deu sorte, casou, Asterio é um bom rapaz, gosto dele. Em São Paulo, Asterio ia ser mais infeliz do que Elisa e aqui. - Será?

- Tenho certeza. Aqui, ele tem amigos, de quem iria ser amigo em São Paulo? Não é homem para aquela correria, aquele Deus nos acuda. E ela, ia ser feliz em São Paulo, tua amiga Elisa? Tu conhece ela melhor do que eu, tu viu ela nascer, nos duas vimos, se lembra? Tu acha que Elisa, em São Paulo, vai aguentar o marido ganhando ordenadinho pequeno, que grande coisa ele não sabe fazer, vida modesta, com a estampa de rainha que ela tem? Me diga, Carmo. Com aquela beleza? Sabe onde ela ia terminar? Num randevu, fazendo a vida. Será essa, a felicidade que ela procura?

Dona Carmosina estremece, as palavras de Tieta ressoam- lhe no

crânio, marteladas na cabeça. Desiste de lutar pela protegida. Prometera fazê-lo quando Elisa, quase chorando, lhe suplicara: fale com Tieta, Carmosina, diga que eu quero ir com ela, peça um emprego na fábrica para Asterio, um cantinho no duplex para nós.

- Você tem razão, não dá pra. Ia terminar mal. Como não pensei nisso, meu Deus? Você é ainda melhor irmã do que parece. - Conheço minhas cabras. Foi bom você ter me falado nisso, eu estava mesmo querendo lhe pedir para tirar essas ideias da cabeça de Elisa, ela lhe ouve muito. Aqui, ela e Asterio podem contar comigo. Fora daqui, nada.

- Vou falar com ela, não vai ser fácil. Mas você tem toda razão, não se pode arriscar. Já pensou? Ai, meu Deus! - A vida é uma confusão, não dá para se entender. Elisa só pensa em ir para São Paulo, Leonora, agora, deu para falar que quer viver em Agreste, não quer sair daqui, nunca mais. Um sorriso aparece, clareando o rosto anuviado de dona 225

Carmosina, aquele era um tema exaltante. Aproximou-se do rio, cresce o rumor da correnteza sobre as pedras, rodam estrelas do céu, desfazem-se nas sombras.

- É verdade, ela me disse que já decidiu não ir mais embora. Conversamos muito, Nora e eu, nesses dias que você passou em Mangue Seco. Ela está gamada, morta de paixão. Coisa mais linda, Tieta. Dois desiludidos, dois... - busca na memória a palavra moderna, lida há poucos dias no artigo da revista - ... carentes que se encontram, dão-se as mãos e se completam. Está disposta a ficar aqui.

- E você pensa que ela vai se acostumar nesses confins? Por ora, está feliz porque no namoro com Ascanio esquece o que sofreu e ela sofreu como cabrito desmamado. Mas, depois? Eu nasci aqui e aqui quero terminar meus dias mas só voltarei de vez quando estiver velha, coroca. Antes, só a passeio. Para quem chega de cidade grande, acostumar em Agreste não é fácil. Mesmo quem nunca arredou os pés daqui se queixa da pasmaqueira, veja Elisa. Se eu imaginasse o que ia acontecer, não teria trazido Nora. É uma toloná,

sentimental, acaba perdendo a cabeça, afeicoando-se a Ascanio, vai dar problema.

- Eu sei. - Dona Carmosina suspira, dramática que nem autor de folhetim em cena culminante, de novela de rádio em fim de capítulo.

- Ela é milionária, ele é pobre! Mas... - Não é por isso, Carmo, todos os dias a gente assiste a casamento de rico com pobre. Você pensa que eu ia me preocupar se o problema fosse esse? Já estaria cuidando do enxoval. - Qual é, então?

Tieta detém-se na beira do caminho para dar maior ênfase à confidência, persiste o clima de melodrama, o suspense. Dona Carmosina espera, tensa, incapaz de esconder a impaciência: - O que?

- Você sabe que ela foi noiva de um vigarista que só queria o dinheiro dela. Botou máscara de engenheiro, fachada não lhe faltava mas era tudo. Ela, cega de paixão, querendo financiar uns projetos do tipo, só não largou o dinheiro porque eu manjei a coisa e manerei. Foi quando a polícia apareceu atrás dele e se ficou sabendo da ficha completa do patife. A pobre caiu de cama, quase morreu. A mim não me surpreenderam as revelações da polícia, não me engano com as pessoas, bato os olhos num fulano e já sei o que vale, a qualidade do caráter e o tamanho do cacete... Dona Carmosina, descontraindo-se, explode numa gargalhada: - Mulher mais maluca, nem depois de morta vai tomar jeito. 226

Inventa cada uma: a qualidade do caráter, o tamanho do cacete... Essa é boa! - perdida em riso, refaz-se aos poucos, volta ao amor de Nora e Ascanio. - Disso tudo eu já sabia, você mesma tinha me contado. E é por isso que eu digo: dois feridos que convalescem, dois carentes - Dona Carmosina aproveita para repetir a palavra recém-aprendida - que se completam. Se o problema da diferença de fortuna não atrapalha, então...

- Acontece que ela foi noiva desse tipo uns bons seis meses, Carmo. Noivado em São Paulo não é como em Agreste. Lá, namorados e noivos têm muita liberdade, saem sozinhos para festas, para boates, fazem passeios que duram dias e dias... noites e noites... As mocas

andam com a pilula na bolsa, junto do batom. - Estou entendendo...

- Pois e. Esse negocio de moca casar virgem, ja era, como dizem os cabeludos. So vigora em Agreste. O fato dele ser pobre nao tem nenhuma importancia, Nora nao liga a mais minima para isso. Nem ela, nem eu. Mas voce acha que nosso amigo Ascanio... - uma pausa. - E por isso que estou preocupada, Carmo. - Agora, quem fica ainda mais preocupada, sou eu. Preocupadissima. Por que a vida e tao complicada, Tieta? - Sei la! E podia ser tudo tao facil, nao e? Porca miseria!, como dizem meus patricios, os italianos de Sao Paulo. Voltam a andar, dona Carmosina digerindo a incomoda revelacao, ai, meu Deus, o que fazer? Tieta completa, antes que alcancem as margens do rio:

- Agora que comprei a casa, mandei arrumar e pintar, instalo os velhos, deixo dinheiro com Ricardo para acabar de construir o barraco em Mangue Seco, pego Leonora e vou embora. - Voce nao pode ir embora antes da inauguracao da luz, ja lhe disse. De oito nenhum.

- Tinha pensado em ficar mas nao posso. Nao e tanto por mim, se bem nao deva me retardar demais, deixei em Sao Paulo tudo que e meu na mao dos outros...

- Na mao de gente de confianca ...

- Mesmo assim. Quem engorda o porco e o olho do dono. Eu ficaria para a festa, se nao fosse por Nora. Preciso tirar ela daqui enquanto e tempo. Ela nao aguenta outro baque, pode ate morrer... - Nao se precipite. Espere uns dias, quando voce voltar de Mangue Seco eu lhe direi alguma coisa.

- Sobre?

- Ascanio e Leonora...

227

- A vida pode ser tao facil, a gente mesmo e quem complica tudo. Atingem a beira do rio, as canoas descansam no ancoradouro. Um pouco alem, na Bacia de Catarina, os pes de choro debrucam-se sobre os penedos, aumentam a escuridao. A brisa traz um leve gemido, vem daquelas bandas.

As amigas avançam uns passos com pes de la. Vultos nos esconsos; sussurros, ais, sob os choroos. A vida pode ser tao facil, repete Tieta. Sorriem as duas comadres, a bonita e a feia, a que conhece o gosto e a carente (para usar a palavra da moda, tao de agrado de dona Carmosina). Tieta anuncia: - Ja escolhi o nome para minha cabana em Mangue Seco. - E qual e?

- Curral do Bode Inacio. Era o garanhao do rebanho do Velho, um bode que mais parecia um jegue de tao grande. O saco arrastava no chao. Com ele aprendi a querer e a conseguir. Multiplicam-se os ais de amor na ribanceira. Apressadas, as duas amigas retomam o caminho da casa cheia em cuja sala de visitas o vate Barbozinha, em encarnacao anterior, a frente do povo de Paris, assalta e conquista a Bastilha, liberta milhares de patriotas aprisionados. Magnifico episodio, com espadas e arcabuzes, fidalgos, tribunos, a carmanhola e sem perigo de cadeia.

**ONDE O LEITOR REENCONTRA O SEMINARISTA  
RICARDO, ANJO DECAIDO, SOBRE O QUAL HA  
BASTANTE TEMPO SAO FEITAS APENAS VAGAS  
REFERENCIAS - QUASE SEMPRE ELOGIOS NA BOCA  
LASCIVA DA TIA - E DE COMO ELE SE ATIRA AO MAR**

Do alto dos comoros, Ricardo observa o rio na impaciencia de assinalar a lancha de Eliezer ou o barco de Pirica, talvez a canoa a motor do Comandante, e vislumbrar o vulto de Tieta. Como prosseguir ali sem ela, tendo o pecado por unica companhia? Assim os viu desembarcar de uma canoa que eles proprios manobravam. Nao estavam todos os que haviam acampado nas proximidades do arraial do Saco, apenas dois casais 228

e uma crianca pequena, de dois anos quando muito. Curioso, Ricardo acompanha cada movimento. O rapaz escuro, de cabelo

esgrouvinhado, levanta a improvisada ancora, pedra disforme, amarrada a uma corda, atira-a ao mar, prendendo a canoa. Toma a crianca ao colo. O outro, magro e alto, segura um violao. Das duas mocas, uma exhibe longos cabelos doirados escorridos sobre as costas, provavelmente a mae da menina pois desce junto com o rapaz que leva a crianca; a outra, com flores nos cabelos, e miuda e agil, atravessa correndo entre as casas dos pescadores, perseguida pelo moco do violao. O som do riso sobe os comoros e chega ate Ricardo. Estao descalcos os cinco e andam para a parte mais bela da praia, a que fica exatamente embaixo da duna mais elevada, de onde Ricardo espia. A mais bela e a mais perigosa, a arrebetacao violenta impedindo o banho de mar. Somente quem nasceu e se criou em Mangue Seco atreve-se a nadar naquele trecho de mar erguido em furia contra as montanhas de areia.

Nas ferias anuais em Mangue Seco, quando o Major era vivo, Ricardo acompanhara algumas vezes os filhos de pescadores, aventurando-se entre os vagalhoes, mas o pai, tendo-o pegado em flagrante, proibira tal loucura, sob ameaca de castigo severo. Mais de um banhista ali deixara a vida por ignorancia ou por desejo de exhibir-se, derrubado e arrastado pela violencia das ondas, massacrado de encontro aos comoros. Bravio mar de tubaroes, sombras cor de chumbo em meio a agua revolta. Inesperados e soberbos, alcam-se em meio as vagas, rondam a praia, esfomeados, multiplicando o perigo. Pouco antes, Ricardo enxergara os vultos de um bando ameacador, saltando na tormenta. Foram-se mar afora, ja nao se distinguem as manchas de chumbo e morte.

Do alto, Ricardo ve os dois casais e a menina correndo pela praia, brincando. Sentam-se depois na areia e logo ressoa o som do violao, trazido pelo vento. Trechos rotos de melodia, parece musica religiosa, lembra cantochoa ouvido no convento dos franciscanos em Sao Cristovao. Na vespera, tendo ido ao arraial do Saco tratar de compra e transporte de material para a construcao, Ricardo soubera do acampamento dos hippies. Um grupo de mais de vinte mocas, rapazes e crianas, novidade recente e provocante.

Os dois filhos do dono da ceramica onde adquirira os tijolos - o pedreiro errara no calculo, levando a tia a comprar quantidade bem

menor que a necessaria -, rapazolas mais ou menos de sua idade, convidaram-no a ir espiar, ele aceitou. No Seminario e em Agreste escutara muita coisa sobre os 229

hippies, opinioes as mais contraditorias, a maioria de virulenta critica. Ascetico e feroz, Cosme, comentando noticias dos jornais , condenara os habitos indecentes, perniciosos, desses inimigos da moral, entregues a libertinagem e a droga, refugando a lei e os principios sacrossantos, monstros da pior especie. Dias depois, por acaso, quando no patio buscava entender a imitacao de Cristo, preparando-se para a meditacao espiritual da manha seguinte, Ricardo surpreendera singular conversa, as vozes em discussao se elevando na roda proxima, formada por alguns padres, entre os quais o proprio Reitor, o reverendo economo, o padre Alfonso - o reverendo Alfonso de Narbona y Rodomon e Frei Timoteo, frade franciscano, vindo de Sao Cristovao, para dar a aula semanal de Teologia Moral no Seminario Maior, cuja sapiencia e santidade corriam mundo. Parecendo um canico de tao magro, os cabelos revoltos, a barba rala, os olhos de agua pura e a voz mansa, defendera os hippies dos ataques de Dom Alfonso de Narbona y Rodomon, a vociferar em dura mescla de espanhol e portugues. Nobre castelhano, guarda-costas de Deus e da pureza da fe, leao-de-chacara dos bons costumes, vigario da Catedral de Aracaju e professor de Teodiceia no Seminario Menor, Dom Alfonso era conhecido entre os fieis pela alcunha de Labareda Eterna devido a virulencia dos sermoes repletos de ameacas aos pecadores.

Indiferente a veemencia da condenacao total aos hippies, enunciada em rude portunhol pelo fidalgo de Castela, Dom Timoteo os considerou nao apenas filhos de Deus, como nos todos, mas os promoveu a filhos bem-amados pois renegam a hipocrisia, refugam a mentira, levantam-se, pacificos, contra a falsidade, contra o cinismo anti-humano da sociedade atual, enfrentam a impiedade e a corrupcao do mundo, suas armas sao flores e cancoes, sua bandeira a de Cristo: paz e amor. Condenavel a maneira como agem? Que desejava Dom Alfonso? Que eles tomem das armas, das bombas,



das metralhadoras? Vao pelo mundo dando o bom exemplo da alegria de viver. Perseguidos como sempre o foram todos os reformadores, os rebeldes, os contestatarios da ordem vigente e podre. Os padres ouviram sem vontade ou sem coragem de contestar o renome de Frei Timoteo, sabio e santo, fazia-o carismatico, os reverendos curvavam-se a sua passagem e o bispo Dom Jose o tratava de meu pai. Opinioes contraditorias, polemica desatada, mas nos ouvidos de Ricardo ficara ressoando a voz serena do franciscano a repetir as palavras paz e amor, divisa de Cristo, saudacao dos hippies. Demorou-se com os dois companheiros espiando de longe o acampamento, onde rapazes e mocas pareciam indiferentes ao 230

tempo, sentados em grupo a conversar. Alguns trabalhavam metal e couro, um magricela tocava violao, outro descansava a cabeça no colo de uma juvenzinha, todos vestidos com aquelas roupas mal cuidadas, com rasgoes e remendos, colares nos pescocos, multicores, simbolos misticos. Alguns descalcos, sobretudo entre as mulheres. Ricardo viu de longe e pouco; quando um dos rapazes propos chegarem ate la, recusou, necessitando voltar a Mangue Seco onde os operarios esperavam material para as paredes da casa de veraneio da ingrata. Agora, do alto dos comoros, ele observa os dois casais e a menina. Reconhece o magricela que dedilha o violao, vira-o na vespera. Deitavam-se na areia os quatro, a crianca recolhe conchas, vem traze-las para a mae.

Os olhos de Ricardo voltam-se para a lonjura do rio nas primeiras, sombras do crepusculo. Que faz a tia, por que nao volta? Por que o deixa ali, sozinho, sem a presenca, a voz, os confusos argumentos ainda assim consoladores, a mao, os labios, o seio acolhedor, o ventre em febre onde todos os problemas se resolvem, as duvidas se desfazem, a aflicao e o tormento transformam-se em alegria e exaltacao? Estaria ausente apenas uma noite, uma, tao-somente, garantira. Duas ja ele atravessara, insone e desolado.

Talvez porque a musica houvesse cessado, Ricardo retorna o olhar vazio de esperanca e fita a praia. Os casais despiram-se, o jovem do

violao e a rapariga risonha trocam um longo beijo, estreito abraço. O rapaz escuro e a moça loira, com a menina, adiantam-se para o mar, quem sabe na intenção de banhar-se. Os cabelos da mulher rodam pelas espaldas, tocam-lhe as ancas. Ricardo põe-se de pé, grita, avisando do perigo. Para enfrentar as vagas que retornam enfurecidas da luta contra as dunas e se preparam para novo embate, e necessário ter nascido e crescido em Mangue Seco, na selvagem violência do oceano e do vento desatados. O perigo é mortal, sem falar na sombra fatídica dos tubarões.

O grito perde-se na ventania, não alcança a praia, pai, mãe e filha adentram-se no mar, Ricardo dispara como abaixo, nem repara no outro casal a fazer amor, joga-se na água exatamente quando o vagalhão descomunal encobre os banhistas, derruba o rapaz e a moça, arranca a menina da mão da mãe e a arrasta para longe. Uns minutos mais e o pequenino corpo será lançado pelo mar contra a montanha de areia transformada em pedra. Ricardo mergulha, desaparece sob as ondas, quando surge mais adiante traz a criança presa contra o peito. Utiliza apenas o braço livre para nadar. Recordando conhecimentos adquiridos na 231

infância, submerge outra vez para aproveitar a força da vaga no retorno. Durante um instante infinito, da praia enxergam-lhe apenas o braço erguido, sustentando a menina fora da água. E se não conseguir retornar, se perder a força e arriar o braço? Só respiram quando ele se alça em meio à espuma, liberto das vagas. A mãe atraca-se com a filha, buscando sentir-lhe a respiração, treme da cabeça aos pés. O pai tenta dizer alguma coisa, não consegue, a voz estrangulada. O outro casal já não faz amor, estão os quatro de pé, unidos na angústia e no alívio; nus, de corpo e alma.

Ricardo apenas os enxerga. Ouve por fim o choro da criança, sorri e sai correndo enquanto a noite tomba de vez, sem prévio anúncio, noite de quarto minguante, dunas fantasmagóricas. Nas trevas da noite acorrem os demônios.

## **DO VERDADEIRO INFERNO**

Nas trevas da noite acorrem os demonios. durante o dia, atendendo e ajudando os operarios, trabalhando como se fosse um deles, serrando troncos de coqueiros, revolvendo a massa de barro, areia e cimento, transportando tijolos na canoa do velho Jonas, na qual atravessa a arrebetacao da barra para ir ao arraial do Saco, Ricardo esquece a chaga exposta no peito, o pecado e a condenacao. Chega a conceber esperanca de perdao como se nada de grave houvesse sucedido.

Na canoa, durante a breve travessia, ao fitar a face placida de Jonas, ouvindo-lhe a voz monocordia, de imutavel diapasao, acontece-lhe por vezes sentir repentino interesse pela vida. Pitando o cachimbo de barro, dominando a embarcacao, mantendo-lhe o rumo, Jonas desenrola o novelo das historias por ali acontecidas, casos de tubaroes, aventuras de pesca e contrabando, atrapalhados, equivocos amores de Claudionor das Virgens. Sempre que o trovador aparece por aquelas bandas, pode-se apostar sem medo de perder: vai acabar em arrelia e confusao, mulherengo como ele nao ha outro. Jonas puxa fumaca do cachimbo, compara:

- Femieiro que nem padre cura...

Que nem um padre cura? E por que? Jonas ri, um riso descansado, ao recordar a condicao de Ricardo, aprendiz de padre, fornece explicacao e conselho, envelheceu no mar, perdeu o braco esquerdo pescando cacoos, recolhendo contrabando, nada da vida lhe e estranho e indiferente:

- Tu vai ser padre, pois fique logo sabendo que padre sem catanga de mulher nao presta. Como ha de entender o povo se nao sabe fazer menino? Andou um desses no arraial, de nome Abdias, nao se deu com ninguem, as mulheres tinham medo dele, a igreja ficou vazia. Ja no tempo do padre Felisberto, que viveu no Saco uns cinco anos, por causa do reumatismo, um padre direito com comadre e sete filhos, a devocao era grande, ate nos, de Mangue Seco, vinha pra missa, para ouvir ele falar, cada sermao mais desenvolvido,

contando como o ceu e bonito, com musica e festa todos os dias. Nao era como o outro que, por desconhecer mulher, vivia no inferno, so sabia da maldade. Padre que nao cheira a xibiu, cheira a cu, nao presta.

Sem se importar com o escandalo a refletir-se no rosto de Ricardo, Jonas manobra a canoa e conclui sua filosofia: - Nenhum homem pode viver sem mulher, e contra a lei de Deus. Para que Deus fez Adao e Eva senao para isso? Me 233

responda, se puder.

O moco nao responde mas da mesma maneira que a labuta na construcao da casa, a tosca visao de Jonas lhe da animo e esperanca de desatar o no do desespero. Desata-lo ou corta-lo com o fio agudo do desejo quando ela, a tia, alegre e aloucada, rompe as comportas do medo e da contencao em que ele se afoga. Na presenca de Tieta, esquece a chaga aberta no peito, o pecado, o voto rompido, a condenacao, mesmo sendo noite e estando os demonios soltos. A presenca, o riso, a voz morna, o amplexo, a boca, as maos, as coxas, o ventre aceso valem lepra, estigma e inferno.

Na ausencia da tia, porem, permanece leproso, marcado com o ferrete dos malditos, em danacao, sem instancia de saude, pois ela nao estando, os demonios se apossam dele e o revestem inteiro de pecado, exibindo-o indigno e perdido. Na rede, Ricardo a procura, por que ela demora tanto? Abandonara o colchao de crina da cama do Comandante e de dona Laura, como deitar-se ali sem a ingrata? Em Agreste, quando ainda lutava para conservar a castidade, nas noites de tentacao, na rede pendurada no gabinete do doutor Fulgencio, na insonia ou no sonho, ele a enxergava e sentia nua, a perturba-lo ate que aflito se esvaisse na tentativa de possui-la sem saber como. Durante todas aquelas noites, a tivera a seu lado, nao adiantando prece e promessa, nem o decidido proposito de repelir a visao satanica a torna-lo possesso. Agora, no entanto, quando conhece a rota e o porto, nem em sonho ela aparece e se ele tenta imagina-la na rede estendida, nua, ve apenas Satanias e o fogareu.

Que faz a desalmada em Agreste que não vem em seu socorro, liberta-lo? Quase o ofende sabe-la na cidade, longe dele. Lá, todos os homens vivem de olhos postos nela; se atravessa a rua, as miradas e os comentários seguem-lhe o rastro das ancas em balouco. Cercada por um halo de desejo reprimido, ciranda de fogo da qual todos participam: de Osnar, com boca suja e a língua solta, a Barbozinha, cujos versos descrevem-na nua e impudica na espuma das ondas; do árabe Chalita, que a conheceu mocinha, a Seixas, que a prefere as primas; de Aminthas, metido a engraçado, a Bafo de Bode, em destempero e afronta. Ricardo, acompanhando a tia, vestido de batina, ouvira, ao passar, a frase infame do mendigo: ai, quem me dera morrer na sombra desse copado buçeteiro! Em lugar de zangar-se, Tieta sorria enquanto o seminarista virava o rosto para esconder a confusão. Aprisionada nesse círculo de desejo, distante de seus braços, quem sabe se, leviana, não sorria para algum outro? Qual? Ricardo não personaliza, todos lhe parecendo indignos dela, não merecendo 234

sequer fita-la, quanto mais recolher sorriso, olhar, gesto de interesse e atendimento.

Quem mais indigno, todavia, do que ele próprio, Ricardo, por menino, sobrinho e seminarista, com votos jurados e ignorância completa? Não obstante, ela atentara em sua presença, sentira-se perturbada com a ansia a devora-lo, correspondera-lhe ao desejo. E verdade que, nesse estranho caso, Satanás encontrava-se envolvido, diretamente interessado na conquista de duas almas puras: a dele e a da tia. Os outros, eram todos uns perdidos, do bebado imundo a Peto, com treze anos incompletos e desregrados. Com qual deles? De repente, na noite aflita, de demônios soltos, Ricardo esquece o pecado, o medo do castigo, o temor de Deus, o sentimento de culpa, preso a um pensamento apenas, único e terrível, que se apossa dele e o mortifica, aperta-lhe o coração, sufoca-lhe o peito: imaginar que ela, Tieta, sua Tieta, sua mulher, sua amante, possa estar gemendo em outros braços, beijando outra boca, resvalando a mão por outro peito, enrolando as coxas noutras coxas. Com outro a

enxerga, a suspirar e rir; sera Ascanio, tio Asterio, o Comandante, quem? Ricardo nao suporta pensar nisso, fecha os olhos para nao ver. Nao existe lepra, estigma, fogo do inferno que se compare a esse sentimento a afoga-lo em raiva, destrocando-lhe as entranhas, pondo gosto de fel na saliva entre seus dentes, uma dor aguda a lhe atravessar os ovos. Em cama ou rede, em chao de terra ou de areia, com outro a desfalecer, a nascer e a morrer, ah, nao! Se tal desgraça acontecesse, aos crimes contra a castidade ele acrescentaria crime de morte, de assassinato e suicidio. Somente Deus que da a vida, pode dar a morte, Ricardo sabe. Mas se levantaria contra Deus, preferindo ve-la defunta do que em desmaio noutros bracos e, sem ela, nao deseja a vida e sim a morte.

A lua se desfaz em minguante na noite de destrococos, Ricardo desce aos infernos, se consome no cume, como pode sofrer tanto? Salta da rede, corre para o mar, o camisolao o atrapalha, ele o arranca e joga longe, atira-se na agua, nada ate cansar, ate o completo esgotamento. Adormece na praia, nu em pelo.

## **DA MEDITACAO ESPIRITUAL**

235

Ainda adormecido, percebeu um rumor de risos alegres, som de violao e a melodia de um acalanto tao bonito e apaziguante que nele se embalou, encontrando por fim Tieta num extenso e tranquilo territorio de campo e praia, morros e dunas; nua, com um bordao de flores retirado do altar de Sao Jose, ela conduz irrequietas cabras, leva-as a pastar nas ondas. Os pes alados nao tocam a areia, tampouco os de Ricardo. Dao-se as maos e se encaminham, limpos de corpo e alma, inocentes, para a mao de Deus aberta para recebelos. Deus contem o mundo em seu regaco: o campo, a praia, o mar, as cabras e os amantes. Soam entao as trombetas do juizo final,

terna cantiga de ninar, e o profeta Jonas, velho pescador de contrabandos, eleva-se das aguas, cavalgando um tubarao, e proclama a verdade incontestada do Senhor: nenhum homem, seja rico ou pobre, velho ou moco, forte ou fraco, pode viver sem mulher, nem mulher sem homem, e contra a lei de Deus. Ruem as muralhas do mar, quando Jonas, estendendo o cotoco do braco, ensina que o amor nao e pecado, nem mesmo de tia com sobrinho, de viuva com seminarista. Uma menina vem e orna de flores os cabelos de Tieta e os de Ricardo e diz paz e amor, numa voz de passarinho. Musica e canto prosseguem alem do sonho e, ao toque dos dedos da crianca, Ricardo descerra os olhos. Recordase do desvario da noite de ciuime, da desesperada prova de natacao, da queda, exausto e nu, sobre a areia onde dormira e ainda se encontra. A menina lhe entrega a ultima flor, acucena do campo; ele esta cercado por uma roda de mocas e rapazes, algumas crianas, todos igualmente nus e sorridentes, a cantar para ninar seu sono. Acalanto a aquietar-lhe o coracao, uma cancao estranha, portadora de paz e alegria, musica celeste. O violao que o magricela tange sobre o peito e harpa de anjo. Ricardo senta-se devagar, sorri.

Nao se importa de estar completamente nu, nem repara, admirado ou curioso, com malicia ou cobica, na nudez em torno, olha simplesmente e ve as mocas belas, algumas quase meninas de tao jovens, os rapazes barbudos ou imberbes. Cabelos compridos, por vezes rolando sobre os ombros, nao eram assim os cabelos de Jesus? Noutros, as crespas cabeleiras desabrocham em grandes flores desfiadas ou em emaranhados ninhos de passaros. A roda prossegue em canto e danca, ciranda cirandinha vamos todos cirandar. Ricardo poe-se de pe.

Encontra-se completamente livre do medo, da servidao, do pecado. Na barra da manha, a danca e o canto, o sorriso, a tranquila face das mocas e dos rapazes restituem-lhe a alegria e a paz perdidas.

236

Libertos do tempo, sem pressa e sem horario, cantam e dancam para ele na atmosfera azul onde nasce o dia. Uma das mocas, a mae

da menina resgatada das ondas, na vespera, deixa a roda, se aproxima e o beija na face e sobre os labios e Ricardo conheceu entao a fraternidade, soube-lhe o significado e o gosto. Depois, correram todos para o mar e as crianas, tomando-o pelas maos, o conduziram.

Tudo era misterio, sonho, fantasia. Sobre as aguas serenas a manha desponta, enquanto mocas e rapazes cortam as ondas mansas e as crianas recolhem conchas azuis, vermelhas, brancas, cor-de-rosa. Alguns casais amam-se na madrugada mas Ricardo nao procura ver nem saber, estendido entre eles na praia, em silencio, cercado de conchas que as crianas lhe oferecem. Depois, tomando das roupas velhas, desbotadas, rotas, poucas e precarias, reunindo ameninada, rapazes e mocas se dirigem para as canoas. Nao perguntaram o nome de Ricardo, nao lhe disseram nada, nada lhe pediram e sim lhe deram alguma coisa grande, antes desconhecida para ele, uma pureza nova, nao aquela do seminario dependente do medo e do castigo; agora o pecado ja nao existe. Nem o demonio, nem a maldade, nem o desespero, varridos da face da terra. Para sempre. Da fimbria da praia, do comeco do mar, gritam em despedida: paz e amor e vao-se embora. Paz e amor, irmao. Ricardo ficou parado, quieto e redimido.

## **DA INESPERADA CONFISSAO**

Ao se dirigir a praia para tomar a canoa onde Jonas o espera para leva-lo de volta a Mangue Seco, nas maos os embrulhos com o serrote novo e os quilos de pregos, Ricardo enxerga, sentado numa espreguicadeira, a sombra de um pe de tamarindo de tronco secular, silhueta muito sua conhecida. Apesar da calca de brim e da camisa esporte, reconhece Frei Timoteo e se recorda que os franciscanos de Sao Cristovao possuem uma casa de veraneio no arraial do Saco. Aproxima-se e lhe pede a bencao. O frade busca reconhece-lo, onde



viu aquele rosto adolescente? Ricardo explica: no seminário, meu pai. Não é seu aluno, ainda está terminando o 237

seminário menor, o curso secundário, somente depois vai realmente começar; contudo, já chegou a fronteira da decisão. E chegou não em tranquila caminhada mas em desesperada luta com o demônio.

- Meu pai, quando posso vir me confessar? - Quando quiser, meu filho, quando sentir necessidade. - Pode ser agora mesmo, meu pai?

- Se deseja, meu filho.

Ricardo fica parado, esperando, certamente Frei Timoteo vai vestir a sotaina e leva-lo ao confessionário na capela do arraial. Mas o frade aponta a outra espreguicadeira: - Descanse os embrulhos, sente aqui junto de mim, primeiro vamos conversar, depois eu lhe confesso. A tarde está bonita, vamos aproveitá-la, Deus a fez assim gloriosa para que os homens fiquem felizes. A felicidade dos homens é a maior preocupação de Deus. Você está aqui de férias?

- Estou, sim, meu pai. Quer dizer, aqui não, em Mangue Seco.

- Mangue Seco é o lugar mais belo do mundo. Não é verdade que Deus tenha descansado no sétimo dia, como rezam as escrituras. - O frade riu, como se achasse graça no absurdo que vinha de pronunciar. - No sétimo dia o Padre Eterno estava inspirado, resolveu escrever um poema, fez Mangue Seco. Alias, até hoje ele continua fazendo Mangue Seco, com a ajuda do vento, não é mesmo? Você está com sua família? - Só com minha tia mas há três dias estou sozinho, ela foi até Agreste, eu sou de lá. Minha tia mora em São Paulo, veio passear, tinha ido embora há muito tempo. Eu nunca tinha visto ela, antes.

Como o frade não comentasse, prossegue: - A tia está fazendo uma casa em Mangue Seco, comprou terreno, e rica. Eu estou tomando conta da obra. Vim buscar material. O pedreiro, o carpinteiro, os serventes são daqui. - O povo de Mangue Seco não exerce esses ofícios. Quem nasce ali só sabe lidar com o mar e não é pouco. Raca forte, meu filho.

- Meu pai, um dia no seminário ouvi o senhor falando dos hippies para os reverendos padres, dizendo bem deles, dizendo que não são

ruins.

- Não me lembro desse dia especialmente mas só digo bem dos hippies, são passaros do jardim de Deus, todos eles, os místicos e os ateus.

- Os místicos e os ateus, como pode ser isso, meu pai? Não cabe em meu entendimento.

238

- Não é o rótulo que dá qualidade a bebida, meu filho. Para Deus o que conta é o homem e não o rótulo. Você está com vontade de deixar o seminário e seguir com os hippies? - Não, meu pai. Não sei se tenho vontade ou não de ir com eles, nunca pensei nisso. Mas, se tivesse, acho que não ia porque minha mãe era capaz de morrer. Para ela, os hippies são demônios, encontrou alguns em Aracaju, ficou horrorizada. Tem medo que meu irmão, se deparar com eles, vá atrás. Meu irmão menor, Peto. Ainda não fez treze anos e não gosta de estudar. - Por isso você quis saber dos hippies, por causa de seu irmão?

- Não, meu pai. É que, ontem, eu estava de coração pesado, na certeza de ter ofendido a Deus e posto fim a minha vocação, estava cheio de raiva e de ciúme, como um amaldiçoado; só consegui dormir na praia, depois de nadar muito. Quando acordei, os hippies me cercavam e cantavam para mim. Eles sossegaram meu coração, me deram a paz que eu procurava. - Paz e amor, são palavras de Deus as que eles usam. Passaros do jardim celeste, eu não lhe disse? Você sente vocação para o sacerdócio ou foi mandado para o seminário? Ricardo medita, se interroga, antes de responder: - Mãe tinha feito uma promessa, acho que pela saúde de meu pai. Mas quando ela me contou, eu mesmo quis ir, desde pequeno Mãe me ensinou a temer a Deus.

- A temer ou a amar?

- E se pode amar a Deus sem ter medo dele? Não sei separar as duas coisas, meu pai.

- Pois deve separá-las. Nada do que faça por medo e virtude. Nada do que faça por amor e pecado. Deus não preza o medo nem os

medrosos. Voce deseja mesmo ser padre? - Desejo, sim, meu pai, mas nao posso mais. - E por que nao pode, se deseja?

- Nao mereco. Pequei, violei a lei de Deus, desfiz o trato, rompi o voto.

- Deus nao e homem de negocios, meu filho, nao faz tratos de toma e da e quando um filho seu viola a lei, tem o remedio a mao, a confissao. Voce pecou contra a castidade, nao foi? - Foi, meu pai.

- Com mulher?

- Sim, meu pai. Com...

- Nao lhe perguntei com quem, isso nao muda a qualidade da culpa.

- Pensei, meu pai.

- Diga-me apenas uma coisa: apesar do medo do castigo, 239

voce detestou o pecado ou acha que valeu a pena, mesmo tendo de pagar no inferno?

- Apesar do medo, nao me arrependi, meu pai. Nao vou mentir.

Sorriu o frade com ternura e disse:

- Agora se ajoelhe para receber a penitencia e a absolvicao. - Mas, meu pai, como vou receber a absolvicao se nao me confessei ainda?

- O que voce vem de fazer, senao se confessar? Reze tres padre-nossos e cinco ave-marias e, se pecar de novo, nao fuja de Deus com medo como se ele fosse um carrasco. Se confesse, a um padre ou a Deus diretamente.

Ajoelhou-se Ricardo, recebeu bencao e absolvicao mas ainda quer saber se deve ou nao continuar no seminario, alcancar o seminario maior preparando-se para a santa missao de levar a palavra de Deus aos homens.

- Meu pai, depois do que eu fiz ainda posso aspirar ao sacerdocio? Ainda sou digno?

- Por que nao? Ha quem diga que os padres devem casar, ha quem diga que nao, essa e uma discussao dificil que nao cabe aqui. Eu nao sei lhe dizer qual o melhor padre: se aquele que castiga o corpo, deixando-o amargar-se no desejo, aquele que se oprime para assim servir a Deus, macerando a propria carne, violentando-se, ou o que sofre por ter pecado, aquele que nao resiste ao apelo, se entrega e

se levanta para cair de novo. Um se martiriza, inimigo do proprio corpo, e forte, se santifica talvez. O outro peca, e fraco, mas ao pecar se humaniza, abranda o coracao, nao vive em luta com o proprio corpo. Qual deles pode melhor servir a Deus e aos homens? Nao posso lhe dizer, sabe por que? Ricardo fita o velho sacerdote, fragil carcaca, olhos de agua, luminosos, a mao ossuda que o abençoara e absolvera do pecado: - Por que, meu pai?

A voz de Frei Timoteo e calida e paterna: - Quando eu me ordenei ja era um velho. Velho e viuvo. Fui casado, sou pai de quatro filhos, tenho o corpo em paz. Procure servir a Deus, servindo aos homens, nao sinta medo nem de Deus nem da vida; agindo assim sera um bom pastor. - E o Demonio, meu pai?

- O Demonio existe e se revela no odio e na opressao. Antes de ter medo do pecado, meu filho, tenha medo da virtude, quando ela for triste e quiser limitar o homem. A virtude e o oposto da tristeza, o pecado e o oposto da alegria. Deus fez o homem livre, o 240

Demonio o quer vencido pelo medo. O Demonio e a guerra, Deus e a paz e o amor. Va em paz, meu filho, volte todas as vezes que quiser e, sobretudo, nao tenha medo.

Ricardo beija a mao de Frei Timoteo, recolhe os embrulhos: - Obrigado, meu pai, vou em paz. Agora, eu sei. Da canoa se volta, para novamente ver na tarde luminosa o frade tao fragil e tao forte. Ainda em vida e ja em odor de santidade.

**ONDE O AUTOR, ESSE CALHORDA, METE-SE COM ASSUNTOS QUE NAO SAO DE SUA CONTA E DOS QUAIS NADA ENTENDE**

Ainda em vida e ja em odor de santidade - retomo o pensamento do seminarista Ricardo, ao voltar a presenca dos leitores para alguns

rapidos e indispensaveis comentarios com os quais busco fornecer base ideologica e consequencia aos fatos e as reacoes dos personagens. Assim evito que me acusem de nao estar engajado, de nao ser participante, de fugir a comprometimento. Nao podem os senhores me culpar por metido, importuno e macador: a quantas paginas ja andamos no terceiro episodio desse arrastado relato, sem que eu haja interrompido a narrativa? Afinal, cabe-me o direito de faze-lo, sou o autor e nao posso permitir que os personagens se deem ao luxo de conduzir sozinhos os acontecimentos, ao sabor de emocoes e ponto de vista nem sempre os mais convenientes a mensagem desejada. Desta vez, quem me faz tomar da maquina de escrever e Frei Timoteo, frade franciscano, ao que tudo indica um desses muitos sacerdotes progressistas que estao tentando reformar a igreja, partindo de teorias ditas ecumenicas. Reclamam, exigem um cristianismo militante, situado ao lado dos explorados contra os exploradores, da justica contra a iniquidade, da liberdade contra a tirania. Querem limpar a igreja de antiga incriminacao: a de servir aos interesses das classes dominantes, dos aristocratas e dos burgueses, sendo opio do povo, quando nao e Santa Inquisicao em caca as bruxas.

Contra tais avancados sacerdotes que estao rompendo 241

preconceitos e reformulando teses, quem sabe reconduzindo a fe crista as suas origens, levanta-se grita violenta e agressiva, formulam-se libelos provocadores, acusacoes perigosas, sao tachados de subversivos e, por vezes, vitimas de processo e de cadeia - padres na cadeia por subversivos, onde ja se viu tal coisa depois de Nero e de Caligula?

Na discussao de dogmas nao me envolvo, por nao ser causa minha, se bem em principio a polemica travada contenha interesse geral. Em materia de religiao mantenho-me neutro por nao possuir nenhuma, a todas respeitando. Reportando-me, porem, a conceitos expressos pelo frade e a casos narrados pelo canoeiro Jonas, quero dar meu testemunho sobre o problema em causa: as relacoes entre castidade e santidade, tao discutidas, e o faco com o espirito livre de

prejuizo de qualquer ordem, apenas no interesse gratuito de concorrer para completo esclarecimento do assunto. Durante seculos e seculos, a castidade constituiu elemento indispensavel, ou quase, a producao de um santo ou de uma santa. Quanto mais flagelada a carne, maior a possibilidade de beatificacao. Assim consta, ao que parece, do direito canonico. Nao aprovo o profeta Jonas, duvidoso profeta de contrabando surgindo sobre o dorso de vorazes tubaroes em lugar de sair do ventre da biblica baleia, quando afirma, em frase chula, eivada de palavroes, que padre se nao cheira a vagina, cheira a anus, tentando sem duvida estabelecer discutivel conotacao entre o celibato clerical e a pederastia. Ora, isso nem sempre acontece, a conotacao e impropria e forcada. Sobre razao, nao obstante, ao rude marujo ao garantir a Ricardo que o pecado contra a castidade nao impede o sacerdote de atingir a bem-aventuranca e o milagre. Nao me proponho analisar teses morais, preceitos religiosos, quem sou eu? Apenas desejo constatar a evidencia acima enunciada, citando exemplos e apresentando provas. Posso comecar pelo proprio Frei Timoteo, em odor de santidade ainda em vida, pois foi casado e e pai de filhos, provou do fruto e isso nao impede que entendidos e leigos o considerem um eleito de Deus, e como tal o proclamem e venerem. Casamento e filhos aconteceram antes da ordenacao? E certo, nao discuto. Nao serve o exemplo, portanto? Eu o retiro, nao preciso dele, existem muitos, passo a outro.

Passo ao padre Inocencio, falecido ha pouco mais de um decenio, na avancada idade de noventa e seis janeiros, ainda lucido, capaz de distinguir uns dos outros seus tataranetos. Vigario por mais de cinquenta anos na cidade de Laranjeiras, enterrou, com devocao e lagrimas, tres concubinas, que lhe deram um total de dezenove filhos. Cinco, Deus levou na primeira infancia, padre 242

Inocencio criou e educou quatorze, oito varoes, todos direitos, e seis mocas, todas bem casadas - exceto Mariquinha, muito dada a homens a ponto de Rubiao perder a paciencia e requerer o desquite. Essa saiu a mim, disse o bom padre na ocasio, inocentando-a, tomando a si as culpas da filha: para quem ja tinha tanto pecado,

uns quantos a mais nao aumentariam a pena. Na casa espacosa cresceram netos e bisnetos, todos portando o honrado sobrenome do reverendo, Maltez, todos por Deus abencoados. Ja avo de varios netos ainda fazia filhos, e quando lhe trouxeram o primeiro tataraneto, para que ele lhe deitasse a bencao e o batizasse, deu gracias ao Senhor e louvou seu santo nome, nao o fazendo em vao. Certa feita um missionario, desses que vao de cidade em cidade pelo interior do Norte e do Nordeste, assustando o povo, e que nao era outro senao o nosso conhecido Dom Alfonso de Narbona y Rodomon cuja pronuncia da lingua portuguesa ja era prenuncio de condenacao, ao ve-lo, patriarca no recesso do lar, em companhia da terceira e derradeira amasia, a mais linda das tres, jovem de vinte e poucos anos - curima digna de um rei, no verso do violeiro Claudionor das Virgens, que rimou sua face de roma com a luz da manha - ao ve-lo rodeado de filhos e netos, apontou- lhe um dedo acusador e apostrofou:

- Nao tem vergonha, padre, de levar vida assim licenciosa, e, nao contente de pecar, exhibir publicamente as provas do pecado, escandalizando os fieis?

- Deus disse: cresci e multiplicai-vos - respondeu padre Inocencio Maltez, a voz pacata e o sorriso ameno. - Eu cumpro a lei de Deus. Nao vi, em parte nenhuma, noticia de que Deus houvesse dito que padre nao pode ter mulher nem fazer filho. Muito depois e que inventaram essa lorota, obra de algum capado como Vossa Reverendissima.

Quanto ao escandalo dos fieis, para mortificacao do missionario, ele proprio constatou nao existir. Ao contrario, o que havia era certo gaudio, dir-se-ia mesmo certo orgulho do vigor do santo varao, aos oitenta anos se gabando de ainda cumprir as obrigacoes inerentes ao seu estado de mancebia. Nao sendo padre Inocencio homem de mentiras, os fieis viram na potente facanha por ele revelada aspecto milagroso, evidente sinal da graca divina. Alias, ao que parece, os primeiros milagres o padre Inocencio os realizou ainda em vida, antes de Deus o chamar ao paraíso onde o esperavam as tres mulheres e nove filhos, os cinco mortos cedo, quatro adultos e alguns netos e bisnetos, um pequeno cla. Nao foram, no entanto,

grandiosas essas primeiras provas de santidade: pequenas curas, feitas a 243

base de simples applicacao de agua benta, de molestias de pouca gravidade. Fez chover por duas vezes quando a seca ameacou o povo de Sergipe.

Apenas faleceu, porem, e ja no mesmo dia do funeral, acompanhado por toda a populacao da cidade e das vizinhancas, comecou a safra dos prodigios, cada qual mais impressionante. Logo depois que o corpo do padre baixou a terra, ali mesmo junto ao jazigo perpetuo onde repousa ao lado dos restos mortais das tres saudosas, uma paralitica invocou seu nome, largou as muletas e saiu andando com passo firme. A noticia se espalhou. Depois desse espetacular comeco, nunca mais se deteve o padre-mestre e ate hoje as curas se sucedem, cada vez mais numerosas e extraordinarias.

Laranjeiras, cidade da maior beleza, esperara durante anos, inutilmente, igual a Agreste, os turistas que nao vieram admirar-lhe o casario deslumbrante antes da completa destruicao, obra do tempo e do descaso. Em troca, com os milagres do padre Inocencio, ha uma romaria permanente de enfermos e aflitos a acender velas na igreja e no cemiterio, junto a campa onde atende o bonissimo e viril pastor de almas. Para mulher esteril, basta rezar um terco e fazer o pedido, e tiro e queda; se forcar a reza, nascem gemeos.

Na data aniversaria de sua morte, a romaria cresce em santa missao e os peditorios somam milhares, a cidade ganha movimento, comercio e alegria. Para acolher os peregrinos, alem dos descendentes do reverendo, encontram-se gratos miraculados, a frente dos quais a hoje beata Marcolina, a que largou as muletas no dia do enterro do padre Inocencio, a primeira agraciada. Cito um exemplo, poderia citar varios, deixo de faze-lo por nao querer tomar mais tempo aos senhores. Antes de despedir-me, lastimo apenas que nao exista em Agreste padre assim perfeito como o reverendo Inocencio Maltez, o santo de Laranjeiras, para promover o turismo religioso na cidade. Padre Mariano nao da asa a falatorios, por incorruptivel ou discreto, nao sei. Nao pretendo me imiscuir em sua



vida, não o acompanho quando vai a capital, resolver assuntos da diocese, certamente; para dar vazão a natureza, segundo a má língua de Osnar e de outros debochados. Pelo menos escândalos não provoca, capazes de desencadear a ira de missionários em busca de pecados; em Agreste jamais deu o que falar. As beatas, a começar por Perpetua, estão de olho em cima dele, permanentemente, não afrouxam a vigilância. Fugindo a tal vigilância, me despeço. Preparo-me para ir a Laranjeiras, muito em breve. A idade está chegando, sabem como é. Dizem que, com um obolo para os pobres de padre Inocência, se 244

obtem surpreendentes resultados, tanto mais rígidos e duradouros quanto maior o obolo. Assim seja.

245

**DA SEGUNDA APARICAO DOS SUPER-HEROIS, DESTA VEZ VINDOS DO MAR, CAPITULO RECHEADO DE PERSPECTIVAS E PROJETOS, ENVOLVENDO DIVERSOS CIDADÃOS: DO MAGNIFICO DOUTOR A OSNAR, DE PETO A ASCANIO TRINDADE**

Quando os seres luminosos anunciados na profecia do beato Possidônio surgiram novamente em Agreste, vindos do Oceano Atlântico em potente lancha a motor, moderníssima, aumentados em número e em sexo pois aconteceram machos, fêmeas e andróginos, já se haviam extinguido os ecos do escândalo provocado pela minissaia de Leonora. A formosa paulista, com a compostura demonstrada no correr do tempo, silenciara os comentários e caíra nas boas graças das devotas. Elisa desistira de desobedecer ao marido, guardando o seu polémico saio para usá-lo em São Paulo,

em breve, se Deus quisesse. Não se atrevera a afrontar o deboche e a condenação de Agreste. Com a segunda aparição dos seres extraterrenos, porém, a minissaia tornou-se objeto familiar aos olhos de toda a população da cidade. Desabalado, Peto chega da beira do rio, a notícia empolga o bar: esta desembarcando um batalhão de gringas. Mal acaba de falar e a praça se enche de marcianos. Ascanio Trindade despenca-se da prefeitura. Todas as fêmeas vestem minissaias de tecido xadrez - escoces graudo, reconhece dona Carmosina -, blusa amarela, de malha, altas botas de pelica negra. Nem que fosse de propósito, com o objetivo de redimir Leonora por completo, a cidade é invadida por aquele desparrame de coxas e ancas expostas a brisa e aos olhares avidos da multidão que ocorre de todos os lados.

Idênticas no uniforme, devem ser parte de um exército ou de uma seita religiosa. Verdadeiramente lastimável a ausência do beato Possidônio, perde farta matéria para indignação e pragas, seria um pagode. Voltara para Rocinha onde medita e cura. Veterana, pois vinha pela segunda vez, pernalta e flexível, comandante do batalhão ou sacerdotisa, assistente do guru, a ruiva acena com a mão e retira os olhos, oferecendo a admiração geral os olhos de rimel. Minissaia de boneca a revelar tudo, constata Osnar:

- Não mede um palmo dos meus...

E avança para saudar a viandante do espaço, para reatar antigo conhecimento:

246

- Por aqui, de novo? Uma honra para o condado de Sant'Ana do Agreste.

- Va, lindo, me ofereça um guarana, uma coca-cola, va. Morro de sede. Eu e todo o staffe aqui presente. Os demais membros do staff aproximam-se alacres, efervescentes. Nos machos poucos reparam, os olhos não bastam para as fêmeas. Alguns seres deixam em dúvida atroz os tabacudos cidadãos, confundidos, sem saber o que pensar: aquele ali será macho ou fêmea, mulher ou homem? E

aquela figura estranha, sera hermafrodita?

Abre-se a janela da casa do prefeito, aparece o rosto aflito, a barba de tres dias do dentista Mauritonio. O sucesso da minissaia de Leonora na feira provocara assovio, gargalhada, troca e trova; tantas minissaias reunidas na praca provocam pasmo e silencio. Entupida a calçada em frente ao bar, esvaziam-se as lojas e os armazens.

- No bar ja tem agua-de-coco - anuncia Ascanio Trindade convidando o Ente Excelso e seus companheiros. Seu Manuel curva-se para recebe-la.

- Que eficiencia! - Miss Espaco eleva a voz, consulta os demais. - Quem gosta de agua-de-coco?

- So com uisque, filha - responde Afrodite, a longa cabeleira batendo no rego da bunda, calca bem colada, blusao hindu, uma cascata de colares.

- Por que ela nao esta de minissaia? - pergunta Osnar, sentindo-se lesado por nao poder admirar coxas e ancas tao prometedoras.

- Porque nao e ela, lindo. E ele... Quer dizer... mais ou menos... E Rufo, nosso decorador. Tem um sucesso!... - Negativo. O lindo aqui nao aprecia, que se ha de fazer? Demoram pouco, estao de passagem, vindos de Mangue Seco onde outros ficaram, engenheiros e tecnicos, conforme revela a nova Barbarela. Os que estao curtindo as paisagens sao publicitarios, assistentes, secretarias, relacoes-publicas, contatos: competentissima equipe. Desalteram-se no bar antes de voltar a lancha e seguir rio acima no rumo de Sergipe. - O queima-rodinha e Rufo, e vos, Princesa, quem sois e donde vindes? Por acaso polaca?

- Elisabeth Valadares, Bety para os amigos, Bebe para os intimos. Carioca da gema, garota de Ipanema. Morou na rima? Sorri com inumeros dentes, alvissimos, bem tratados, boca de anuncio de pasta dentifricia:

- Trago um recado para voce, amor. - Amor e Ascanio Trindade para desaponto de Osnar. - Do Magnifico Doutor. 247

- De quem? - Ascanio, num pe e noutro. - Repita, por favor. - Do doutor Mirko Stefano, darling, nao sabe? Tratam ele de Magnifico

Doutor e e mesmo. Voce vai se dar conta sozinho, amor. E aquele pao doce que veio comigo da outra vez, se lembra? Sou secretaria dele, secretaria executiva, sabe? Mandou dizer a voce que nao pode vir hoje, teve de ir a Sao Paulo para uma entrevista importante, mas dentro de poucos dias aparecera para conversar com voce e acertar tudo.

- Tudo?

- Tudo, sim, honey. Tudinho.

- Mas tudo o que?

- Ah!, isso nao sei, quem sabe e o Magnifico, e assunto dele e seu, nao me meto. Discricao e o meu lema. Agora, adeusinho, sonhe comigo, petit amour. Adeus para voce tambem, lindo. - Lindo e Osnar, ele se regala: se pego essa tipa no escuro, vai sair faisca, Bebe vai saber o valor do pau de um sertanejo. - Vamos, patota! - comanda a mitica secretaria. - Nao tem mais nada para se ver aqui? - pergunta o nervoso Rufo, abanando a cabeleira de Mona Lisa. - Nada.

- Que saco!

Decorador enfadado mas atento, o esteta Rufo passa em frente a Osnar sem o notar sequer. Mede, porem, o garoto Peto e o aprova mordendo o labio, languido. Osnar acompanha-lhe olhar e gesto: xibungo sem-vergonha, bicha louca, nao respeita nem mesmo uma crianca. Crianca? O corneta cresceu, espichou, certamente de tanto bater bronha, esta chegando a hora de Osnar cumprir a promessa feita e leva-lo a pensao de Zuleika. - Com quantos anos voce esta, Sargento Peto? - Vou fazer treze no dia oito do mes que vem. - Oito de janeiro! Muito que bem.

Treze anos, a idade exata, Osnar vai combinar a festa com Zuleika e Aminthas, com Seixas e Fidelio. Na surdina, escondido de Asterio, senao ele conta a dona Elisa e dona Perpetua acaba por tomar conhecimento, o mundo vira abaixo. Osnar sorri consigo mesmo, vai ser uma pandega, um rebucete. Ao cair da noite, chegando de Mangue Seco na canoa a motor, comandante Dario disse ter sido vista uma escuna ancorada na barra, dela haviam baixado ao mar duas lanchas, uma das quais a que subira o rio, escalando em Agreste; a outra desembarcara individuos e instrumentos na praia.

Andaram fazendo perguntas aos pescadores, internaram-se, depois, no coqueiral. Ao Comandante todo esse movimento parece suspeito.  
248

Ascanio Trindade, agora inteiramente certo de que se trata do estabelecimento de uma empresa turistica na regio, promete ao Comandante noticias concretas nos proximos dias. O mandachuva enviou a secretaria executiva com recado, vira em breve para conversar, na certa para anunciar os projetos e obter apoio da prefeitura. Apoio que nao faltara, Comandante. Com o turismo reerguendo Agreste, Ascanio, timoneiro a comandar o progresso do municipio, podera ter esperancas de transformar o sonho em realidade. Depois de tantos anos, pela primeira vez Ascanio Trindade sente-se mordido pela ambicao, pelo desejo de ser alguem. Alguem com possibilidades de lutar por Leonora Cantarelli, bela e rica. Antes completamente inacessivel, uma quimera. Agora conquista a ser realizada, meta a ser cumprida por um batalhador com os pes na terra, ideal de quem provou, em transe dificil, em duro desafio, coragem e competencia capazes de superar os obstaculos e ir em frente, aspiracao de um jovem temerario e lucido a vencer as provacoes. A mais dificil, a que o virara pelo avesso, a essa Ascanio ja vencera, falta-lhe tao- somente melhorar de vida, ser alguem, para poder aspirar a mao de Leonora, pedi-la em casamento. Ela rica, ele pobre. Nao importa mais. Porque, se ele nao tem fortuna a oferecer-lhe, em compensacao ela ja nao possui o bem mais precioso que a noiva deve trazer para ofertar ao noivo na noite do matrimonio, o sangue da virgindade. Na face de Ascanio espelha-se a vitoria mas nao a paz, constata o comandante Dario.

DO SUICIDIO DO PREFEITO MAURITONIO DANTAS E DOS  
CONSELHOS DO CORONEL ARTUR DA TAPITANGA

Impossível negar-se ligação imediata entre a presença em agreste dos pioneiros comandados por Elisabeth Valadares, a última verdadeira Garota de Ipanema, e o suicídio do cirurgião-dentista Mauritônio Dantas, prefeito de Agreste, a horas tardias daquela mesma noite encontrado morto, a língua de fora, nu e feio. Usara o pijama para enforçar-se no banheiro. Quando os desbravadores atingiram o bar e desfalcaram os estoques de coca-cola, guarana e cerveja do honrado português, o dramático prefeito foi visto na janela de sua casa, brechando as 249

exibidas coxas marcianas e cariocas, rosnando nomes, bastante agitado. Mirinha, irmã e enfermeira, não conseguiu levá-lo para o quarto onde, durante dia e noite, entregava-se, ansioso e eficiente, ao exercício da masturbação. Naquela tarde, comprovando haver chegado finalmente a safra de mulheres solicitada, de há muito, ao bom Deus, exercitara-se a janela, a vista daquele mar de coxas, prova da magnanimidade divina.

Na opinião geral, doutor Mauritônio Dantas começara a ficar tanta quando a esposa, Amelia, na intimidade Mel, juntou os trapos e foi encontrar-se com Aristeu Regis em Esplanada, dali tomando o casal rumo ignorado. Aristeu Regis visitara Agreste na qualidade de enviado da Secretaria da Agricultura para estudar problemas ligados ao cultivo da mandioca. Amelia não aguentava mais viver ali, nem mesmo ostentando o título de Primeira Dama do Município, título e merda sendo a mesma coisa, segundo ela. Aristeu ofereceu-lhe o braço e o desconforto, ela não vacilou. Algumas senhoras, amigas de Mel, confidentes de seus desgostos, afirmam ter o delírio do prefeito começado muito antes pois sujeitava a esposa a desregramentos e abusos insuportáveis, sendo esse o motivo real da fuga. Fosse assim ou assado, o processo de esclerose acentuou-se visivelmente após a partida da infiel. No dizer de Aminthas, nosso prezado Governador Civil administrara os chifres com perfeita honorabilidade e discricão enquanto Amelia derramou o mel de sua graça ali no município. Quando preferiu fazê-lo longe das vistas e das atenções do conjuge, o Digníssimo Chefe da municipalidade não resistira a tanta

ingratidao: jamais se opusera as folgancas da esposa, por que ela o abandonara?

A demonstracao inicial da demencia deu-se poucos dias apos a desercao de Mel: o prefeito decidiu, no sabado, atender os solicitantes, vindos das rocas e povoados com reclamacoes e pedidos, em estado de completa nudez e, para tal fim, despiu-se, retirando inclusive os sapatos. Manteve-se de meias, no entanto, para nao pisar descalco o frio assoalho da sala. Qualquer cochilo de Mirinha e o dentista vinha para a rua ou a praca, de cuecas ou sem, a masturbar-se em publico para jubilo dos moleques. Durou meses essa penosa situacao comentada aos cochichos. Quando, da janela, doutor Mauritonio Dantas constatou o movimento de retirada das celestes minissaias, nao se conformou. Atendendo a continua e fervorosa solicitacao, Deus as enviara para consolo de seu sofrido servo, como ousavam partir? Interrompendo a solitaria e deleitosa pratica, saiu porta afora, aos gritos, tentando apoderar-se de pelo menos meia duzia, necessitando delas para esquentar-lhe o leito gelido com a ausencia de Mel, suavizar as perfurantes molas do gasto colchao 250

em que rolava insone. Molas e chifres, segundo o implacavel Aminthas.

Seminu e atrasado, decadente campeao, chegou ao bar quando o onirico batalhao ja se desvanecia no caminho do rio. Seu Manuel Portugues, Asterio e Seixas sujeitaram o prefeito, o mais delicadamente possivel, e o restituiram a irma em pranto. No cemiterio, Ascanio Trindade, herdeiro certo do posto, fez o elogio postumo do saudoso chefe e amigo. Se bem nascido na capital, Mauritonio Dantas, nos dezoito anos de residencia em Agreste, tornara-se estimado de todos e prestara reais servicos a coletividade, profissional competente e administrador dedicado. Alem dos beneficios devidos a diligente atuacao de Amelia, que tantos eleitores conquistara para o marido antes de desertar da politica, como murmurou Aminthas a dona Carmosina, em funebre aparte. Padre Mariano aspergiu o caixao com agua benta,

terminando de vez com a principal diversão dos moleques de Agreste.

De conformidade com a lei, o Presidente da Câmara Municipal, coronel Artur de Figueiredo, assumiu o posto. Mas o senhor de Tapitanga, marchando com passo firme para os noventa anos, assumiu apenas para constar. Ninguém mais indicado do que Ascanio Trindade para dirigir os destinos, gloriosos e decadentes, de Sant'Ana do Agreste.

- Ascanio, meu filho, confio em voce. No proximo pleito, a gente lhe elege de uma vez, acabou-se. Enquanto isso, va conduzindo o barco que eu ja estou mais para la do que para ca, so sirvo para cuidar de minhas cabras e assuntar a lavoura de minhas rocas.

Com a bengala aponta para fora da janela: - Agreste foi terra de muito cabedal e muito fausto. Teve ate mulher-dama francesa fazendo a vida nessas bandas. Mais de uma. Tudo se consumiu na fumaca do trem, ate o contrabando e as gringas. So ficou a medicina das aguas, o clima salubre, sem falar na boniteza.

Encarou Ascanio com afeto:

- Voce e meu afilhado e podia ter sido meu filho se, em vez de se meter com uma lambisgoia na Bahia, tivesse casado com Celia.

Referia-se a filha mais moça, nascida quando o coronel ja comemorara sessenta e cinco anos e seis netos. Dos dois casamentos tivera quinze filhos, na rua nao sabe quantos. - Nao quis e por isso tenho de sustentar um vagabundo que passa o dia tocando bumbo, esse tal marido de Celia ... 251

- Bumbo, nao, coronel. Bateria. Xisto Bom de Som e considerado um dos melhores bateristas de Salvador... - Isso e la profissao de homem...

Por um momento pensou na filha, tinha-lhe apego e a quisera na fazenda. Terminara sozinho com as cabras, esparramados pelo mundo os onze filhos vivos.

- Voce vai ser o prefeito de Agreste, seu avo foi intendente, eu fui intendente e prefeito. So lhe recomendo uma coisa: mantenha a cidade limpa. Essa terra sempre primou pela limpeza e pelo clima,



desde os tempos de antanho, de dinheiro sobrando e muita animacao. Conserve Agreste assim, ja que nao se pode trazer de volta a animacao.

Engano do coronel da Tapitanga: a animacao ia voltar inesperadamente, ameaçando saude, limpeza e clima.

## **DO HIMEN NA GARUPA DO CAVALO**

Por uma porta saia das profundas dos infernos o seminarista Ricardo, por outra nelas penetrava, atravessando as chamas eternas, desvairado, Ascanio Trindade, secretario da prefeitura do municipio de Sant'Ana do Agreste, amoroso votado a decepcao. Liberto de condenacao e pena, ressuscitado no canto dos hippies, na aura da santidade do frade, na forca dos remos de Jonas, o seminarista cedeu sua vaga nos infernos ao amargurado sofredor, reincidente vitima dos descabacadores profissionais. Para quem fora mais dificil a conversa? Para ele, sobre cuja cabeça ruiu o mundo pela segunda vez, ou para dona Carmosina, aplicada e atenta estudiosa das reacoes dos seres humanos, mas nao fria, insensivel analista. Sofrera com a dor do amigo, dilacerando-se ao dilacera-lo, prendendo as lagrimas nos olhos umidos ao revelar a verdade sobre as consequencias fisicas do infeliz noivado de Leonora. Desejara ser sutil e delicada, escolher as palavras, explodiu brusca e aflita:

- Seja homem!

Foi tudo quanto disse num arroubo infeliz. Explicacao dificil, mesmo para dona Carmosina, de verbo facil e eloquente. Quando Ascanio a viu cheia de dedos, vacilante, gaguejando, sem rumo para a confidencia, pedira numa voz de condenado a morte: 252

- Diga de uma vez, seja o que for.

Pensava saber do que se tratava desde a tarde, quando dona

Carmosina lhe avisara, em segredo, no Areopago: - Tenho um assunto a falar com voce. Passe la em casa hoje a noite. Aqui, nao pode ser.

Certamente, ante as visitas diarias, as conversas na varanda da casa de dona Perpetua, a presenca imposta a qualquer pretexto, as flores, o passaro sofre, o casal de noivos montado num burro, evidente insinuacao em barro cozido, a noiva em branco, o noivo em azul, dona Antonieta ou a propria requestada tinha mandado dona Carmosina chamar sua atencao para a desagradavel inutilidade de tamanha insistencia. Nao se dava conta do abismo a separa-lo da moca paulista? Um pobretao de Agreste, reduzido a infimo salario de servidor municipal de prefeitura sem rendas, nao tem direito a aspirar a mao de herdeira milionaria, cobicada por potentados e lordes do Sul. Nao podia ser outro o tema da conversa.

Restava-lhe saber de quem a iniciativa. De dona Antonieta? De Leonora? Identica na terrivel consequencia, a punhalada causaria maior ou menor sofrimento, dependendo no entanto de quem a vibrasse. Ascanio esperava partisse o recado de dona Antonieta, madrastra preocupada com o futuro da enteada, adotada e amada como filha nascida de seu proprio ventre. Nao nega razoes ao amor materno: ele as compreende e agira como homem de bem, afastando-se; antes de tudo, a felicidade de Leonora. Talvez ela tambem sofresse com a drastica medida e esse sofrimento da bem-amada ajuda-lo-ia a suportar a provacao, a cumprir o sacrificio. Podia acontecer tambem - e por que nao? - que Leonora se revoltasse contra a madrastra dinheirista e resolvesse lutar ao lado dele pela continuacao do idilio. Caber-lhe- ia entao mostrar dignidade e desprendimento, renunciando, imolando-se, ja que nada pode oferecer a quem tanto tem a dar. Exaltantes pensamentos a consola-lo durante a desassossegada tarde de espera.

Apesar do corajoso apelo para desembuchar tudo de uma vez, fosse o que fosse, dona Carmosina continuou buscando forcas, reunindo coragem, um no na garganta. Nao suportando mais tanta demora, Ascanio resolveu colocar as cartas na mesa, a voz lugubre: - Dona Antonieta mandou pedir que eu deixe Nora em paz, nao foi?

Antes fosse tarefa assim tao facil: junto com o recado, dona

Carmosina daria opiniao, conselho para que continuasse a luta, nao abandonasse o campo e batalha. Vendo-a ainda calada, Ascanio adiantou a pior hipotese:

253

- Entao, foi Leonora mesmo quem mandou dizer... - voz de condenado a morte apos a denegacao do pedido de graca. Dona Carmosina tenta falar, emite apenas um som gutural. Ascanio entra em panico:

- Pelo amor de Deus, fale alguma coisa, Carmosina. Ela e doente? Pulmao? Ja pensei nisso, nao tem importancia. Tuberculose, hoje, nao mete medo a ninguem... Dona Carmosina faz das fraquezas forca: - Nora foi noiva, voce sabe.

- De um canalha, sei. Queria avancar no dinheiro dela mas dona Antonieta o desmascarou, voce me contou. Mas eu nao quero dinheiro de ninguem, so lastimo que ela seja rica. Tem muita gente que casa com separacao de bens.

- Tambem tem homens que casam com viuva... - Com viuva? A que vem isso? Nao entendo. Tendo comecado, dona Carmosina foi em frente: - Namoro em Sao Paulo, Ascanio, nao e como aqui, noivado, muito menos - recordava as palavras de Tieta e as repetia. - La os noivos vao a festas sozinhos, a boates, voltam pela madrugada, ate viajam juntos. No Sul, moca para casar nao precisa ser virgem. O preconceito da virgindade, porque e simples preconceito... E como se ela fosse viuva...

- Leonora? O tal do noivo? Nao e mais... Leu a resposta nos olhos minimos de dona Carmosina. Cobriu o rosto com as maos, de subito esvaziado e inerme. Um desejo unico o assaltou: matar o canalha que conspurcara a pureza de Nora e, que ao faze-lo, destruira o mais belo dos sonhos. Dona Milu vinha da cozinha com uma bandeja, cafezinho acabado de coar, bolos de milho e puba. Ascanio levantou-se e partiu, sem uma palavra.

Sabe-la deflorada foi dura prova. Atravessou os quintos do inferno e nao pode conter as lagrimas por mais se acreditasse macho, infenso ao choro.

Quando recebera a carta de Astrud, rompendo o noivado e comunicando o proximo casamento, e logo depois a soube grávida do outro, sofrera como um cão danado mas nem assim chorara. Na noite indormida porém, após a notícia pungente, o ardor dos olhos fixos dissolveu-se em pranto. Noite de pesadelo, de lágrimas e meditação, de luta consigo mesmo. Antes de ouvir a sentença de morte da boca de dona Carmosina, Ascanio deixara Leonora na porta, a acenar adeus da casa de Perpetua, íntegra, pura, perfeita. Imagem para sempre perdida, jamais a revera assim completa. Agora, manchada, penetrada, rota, desonrada, nem por inocente vítima menos deflorada. Noite em que o amor foi medido, pesado, confrontado, sujeito a todas as provas de uma vez, noite da batalha

254

inicial contra o preconceito. Preconceito, simples preconceito, dissera dona Carmosina e tinha razão. Muitas vezes, na faculdade, Ascanio participara de discussões sobre o candente tema: virgindade e casamento. Teoricamente, tudo simples e fácil: mero preconceito feudal.

Citando o exemplo dos Estados Unidos e dos países mais adiantados da Europa: França, Inglaterra, Suécia, Dinamarca, Noruega, sem falar nos países socialistas onde, segundo os reacionários, campeava o amor livre, os estudantes progressistas, entre os quais Ascanio, defendiam o direito da mulher a vida sexual antes do matrimônio. Por que apenas o homem tem esse direito? Preconceito patriarcal, machismo, opressão do homem sobre a mulher, atraso social, os argumentos sucediam-se esmagadores mas, ainda assim, a maioria se mantinha apegada a exigência secular: a mulher deve chegar virgem ao leito conjugal, deixar sobre o alvo lençol as gotas de sangue, dote do marido. Não adiantavam sequer as perguntas irônicas dos mais exaltados e causticos, querendo saber a diferença entre a copula e as desenfreadas sacanagens de todo tipo empreendidas por namorados e noivos, a bolinação levada aos últimos extremos, dedo e língua, pau nas coxas, na bunda e etcetera e tal. Que adianta respeitar o hímen e conspurcar o resto?

Argumentos todos eles irrespondiveis mas nem por isso convincentes para a maior parte dos universitarios. Exaltadas e inconsequentes, as discussoes terminavam descambiando para o relato de anedotas frascarias sem que chegassem a acordo.

Ao rememorar na noite interminavel de amargura e indagacao os debates com os colegas, Ascanio lembrou-se da surpreendente declaracao de Maximo Lima, tanto mais inesperada por ser o colega lider incontestado da esquerda estudantil, celebrada pelo radicalismo de suas posicoes ideologicas, expostas em inflamados discursos contra a economia e a moral burguesas. Amigos fraternos desde os tempos de ginasio, Ascanio via em Maximo a expressao mais alta e sincera do revolucionario, liberto de abusos e convencionalismos, lucido e consciente. Ele proprio, Ascanio, se bem solidario com as reivindicacoes do movimento estudantil, nao se comprometera com nenhuma organizacao ou grupo politico, nem sequer apoiava todas as posicoes de Maximo, contentando-se em admira-lo e defende-lo quando a direita atacava, acusando-o de inimigo de Deus, da Patria e da Familia. Haviam saído juntos de acalorado debate sobre divorcio, virgindade, direitos da mulher, Maximo ainda exibia nos olhos um resto da exaltacao com que defendera a igualdade dos sexos em todos os dominios humanos.

255

Rindo, em tom de pilheria, para divertir-se, Ascanio lhe perguntara:  
- Me diga a verdade, mano velho. Se um dia voce viesse a saber que Aparecida - Aparecida era a noiva de Maximo, colega de faculdade e de ideario politico - nao era virgem, tivera um caso antes, assim mesmo voce casava com ela? - Se casaria com ela, sabendo que nao era virgem? E claro que sim. Respondera sem vacilar. Em seguida, porem, deixando cair os bracos e a exaltacao, honradamente confessou. - Para falar a verdade, nao sei. Nunca pensei no assunto em termos pessoais. Uma coisa e certa, Ascanio: o preconceito vive dentro da gente. Voce pensa uma coisa, defende seu pensamento, ele e correto, voce sabe disso, mas na hora de aplica-lo... Casaria mas, antes, teria de esmagar o preconceito...

- E conseguiria?

- Não sei, não posso te dizer. Só poderia tirar a limpo se a coisa acontecesse e eu tivesse de resolver, de enfrentar o problema.

Acontecera com ele, Ascanio, tantos anos depois, quando não tem Maximo a seu lado para o debate, a conversa, o conselho. Formados, Aparecida e Maximo já não são os radicais de ontem, se bem não houvessem renegado os dias da juventude; ele se acomodara na Justiça do Trabalho, advogado de sindicatos e de operários, ela pendurara o diploma para dedicar-se ao marido e aos filhos. Sozinho, Ascanio deve enfrentar e resolver o problema. Na noite sem descanso, em nenhum momento culpou Leonora, a seu ver incauta vítima do canalha. Não a julgando culpada ou indigna, sofria tão somente pelo fato de saber-la deflorada, incompleta. Dilacerado pela dúvida: prosseguir desejando-a como esposa, sonhando noivado e casamento ou desaparecer para sempre de sua frente? Tera forças para fitá-la, sabendo que ela foi possuída por outro, desonrada? Nesse dilema debateu-se noite afora, o coração oprimido, as lágrimas impondo-se sobre o orgulho masculino, vacilando entre a força do preconceito e a força do amor. Uma única solução não lhe ocorreu em momento algum, exatamente a desejada por Tieta: transformar o idílio casto em agradável aventura casual, trocar o sonho do casamento pela possibilidade de dormir com Leonora enquanto ela permanecesse em Agreste, aproveitando-se do conhecimento de seu estado, encerrando o caso na porta da marinete, num rápido ou prolongado beijo de despedida. Quando a madrugada nasceu sobre o rio, o amor vencera a primeira batalha: Ascanio não conseguira arrancar Leonora do coração, nem a ela nem ao propósito de tê-la como esposa, 256

senhora de seu lar. Não obstante, a ferida estava aberta, sangrando, e ele temeu encontrá-la imediatamente. Talvez não conseguisse esconder o sofrimento; sobretudo, não desejava que ela o soubesse a par da verdade. Não era homem de dissimular seus sentimentos, não sabia usar máscara, tudo que ia por dentro dele se refletia no rosto. Não estando certo de poder controlar face e coração,

guardando ainda nos olhos lagrimas por chorar, decidiu ir fiscalizar algumas obras da prefeitura em Rocinha, pontilhoes e mata-burros. Acordou o moleque Sabino que dormia na sala do cinema, numa cama de vento, deixou com ele um recado para Leonora: chamado urgente obrigava-o a afastar-se da cidade por um ou dois dias; partindo ao romper do sol, nao pudera despedir-se. Apenas voltasse, iria ve-la.

Iria ve-la ou nao, tudo dependendo da reflexao e da decisao dela decorrente. Selou o cavalo - dadiva do coronel Artur da Tapitanga a prefeitura - e tocou-se para os matos, levando na garupa o himen roto de Leonora. Ia com ele, no passo lento do cansado animal, levantando detalhes, duvidas, indagacoes. Uma unica vez ou muitas vezes? Muitas nao teriam sido pois o embusteiro fora desmascarado e expulso; talvez algumas poucas, mais de uma, porem. Que importa quantas vezes? O terrivel e ter ela se dado a outro, nao se haver conservado integra e pura. Fizera-o todavia antes de conhecer Ascanio, nada a assemelhava a traidora Astrud, a escrever-lhe cartas de amor enquanto se rebolava com outro e dele engravidava. Leonora apenas se entregara em momento de desvario, quando a paixao falou mais alto que a decencia.

Teria apenas se deixado possuir, enganada pela labia do miseravel ou, no prosseguimento dos embates, conhecera a violencia e a docura do prazer, desmanchando-se em gozo? No dorso do cavalo, no meio das plantacoes de mandioca ou do verde milharal, ouvindo queixas e pedidos dos roceiros, as indagacoes o perseguiram e revolveram, o himen de Leonora atado a garupa do cavalo, mil vezes deflorado na viagem lenta, no combate longo.

Do dilacerado himen o amor cresceu vitorioso. Ascanio, aos poucos, sem a ajuda de hippies, de padres progressistas e de profeticos canoeiros, acalmou o coracao, reteve as lagrimas e enterrou o preconceito. Passou a imagina-la viuva, uma jovem, formosa e infeliz viuva. Imbativel dona Carmosina, cabe-lhe sempre a derradeira palavra. A uma viuva nao se reclama virgindade, apenas decoro e amor. Decidiu prosseguir no sonho - de tao dificil consecucão - de um dia pedir a mao de Leonora em casamento. Sabe-la enganada e

violada fez com que a sentisse ainda mais proxima e querida, mais amada. 257

De regresso a Agreste, foi em seguida visita-la em casa de Perpetua. Leonora achou-o abatido, sem duvida cansado da viagem, tantas leguas a cavalo, sob o sol ardente, cuidando dos interesses do municipio. Passou-lhe a mao na face, brandamente, em inocente agrado. Violada, sim, porem perfeita de candura e de pureza, casta mais que qualquer virgem. Depois, com o recado do magnata do turismo e o suicidio do prefeito, a certeza da eleicao proxima para o cargo, as novas perspectivas abertas para o municipio e para ele proprio, Ascanio sentiu-se com esperancas validas. O fato de Leonora nao ser mais virgem facilitava, inclusive, a boa solucao. No mercado do matrimonio, o valor da jovem... Meu Deus, como pensar em termos de mercado quando se trata de amor, tao forte amor a ponto de matar e enterrar o mais antigo e arraigado preconceito? Vitorioso, sim, mas nao em paz, tinha razao o Comandante. Ainda nao, pois a pelicula do novo himen na chaga aberta no peito de Ascanio renasce pouco a pouco, lentamente.

## **ONDE O AUTOR PROCURA E NAO ENCONTRA TERMO JUSTO PARA DESIGNAR O REFUGIO DOS LORDES**

Nao, nao deverei usar nenhuma das palavras classicas: prostibulo, lupanar, bordel, serralho, alcoice, conventilho, pensao de mulheres, casa de putas, nem mesmo randevu, para classificar o Refugio dos Lordes, na capital do glorioso Estado de Sao Paulo, abrigo luxuoso, discreto, fechadissimo. Maison de repos, talvez, nao fosse o termo servir tambem para designar sanatorio destinado a malucos endinheirados e enrustidos. Enrustidos, os selecionados fregueses do Refugio, mas dificilmente



fracos  
da  
cabeca,  
quase  
sempre  
cerebros

privilegiados, de elevadissimo QI, sagazes financistas quando nao prudentes e esclarecidos pais-da-patria. Funcionasse na Bahia, seria castelo, a designacao soa bem, recorda nobreza e fausto. Em Sao Paulo, o Refugio dos Lordes participa da medicina e da bolsa de valores, nao se reduzindo a satisfazer as necessidades sexuais dos ricos e dos poderosos - dos mais ricos e dos mais poderosos - pois atende e trata com terapeutica propria melindrosos complexos, atende a graciosas taras, indo da massagem sueca ou niponica ao diva de irresistiveis psicanalistas com escola 258

completa, faculdades nacionais e por vezes estrangeiras, ditas BBC: boca, boceta e cu. Serve tambem, quando necessario, como local de encontro o mais conveniente pela discricao, para o trato e a conclusao de assuntos reservados, referentes a economia, as finanças e a politica. Ali discutem-se superiores interesses, fundam-se bancos, erguem-se industrias, escolhem-se candidatos a governador.

Ao abandonar a simplicidade de Agreste, onde a casa de Zuleika Cinderela e apenas puteiro e nada mais, para envolver-me com os grandes do Sul, com a intelectualidade dos tecnocratas, empresarios, homens de Estado, altas patentes, os dirigentes dos destinos patrios, sinto-me acanhado, faltam-me conhecimento e inspiracao a altura do nobre tema. Como designar o pequeno imperio dirigido em frances com competencia, dedicacao e toute la delicatessa por Madame Antoinette?

Perdoem-me se nao encontro a palavra justa, sinto-me embaracado, temo cometer imperdoavel erro, rude narrador habituado a chao arido e a vidas modestas, de dinheiro parco e duro trabalho. Alias, para que classificar esse aprazivel local de relax, onde os grandes do

mundo distendem os nervos e recuperam as forcas? Nesse bendito recanto, segundo consta, figuroes ja de todo impotentes se reerguem pururucas e obtem satisfacao nas maos sabias e belas das meninas, quando nao nos labios de carmim. Ah!, quanto custa ser pobre e inedito. Digo inedito pois sei que as portas do Refugio dos Lordes excepcionalmente se abrem para aqueles escribas de fama e gloria, uns poucos privilegiados. Um dia la chegarei, quem sabe, se a sorte ajudar. Poderei entao encontrar a designacao exata. Por ora, nao.

DA PRIMEIRA CONVERSA ONDE SE DECIDE DO DESTINO DAS AGUAS, DAS TERRAS, DOS PEIXES E DOS HOMENS - COM A GENTIL ASSISTENCIA PROFISSIONAL DAS COMPETENTES MENINAS DE MADAME ANTOINETTE

O Jovem Parlamentar faz um gesto, as meninas levantam-se nuas e obedientes, abandonando os primeiros excitantes toques, sorriem e se afastam. Esperarao na sala ao lado, sabem guardar as conveniencias, uma loira e a outra ruiva. O Jovem Parlamentar, ainda nao tao rico ou poderoso quanto desejaria, confidenciara ao 259

Magnifico Doutor a possibilidade de trocarem as parceiras apos a primeira etapa. Antes de sair, a loira observou a reserva de uisque na garrafa, seria suficiente? Tambem os dois cavalheiros estao nus, como convem, mas o Magnifico Doutor guarda a negra pasta 007 a seu lado.

Quarentao bem cuidado, o Jovem Parlamentar nao possui no entanto a classe do Magnifico Doutor, que e um gala de novela, se quisesse poderia ganhar a vida exibindo-se no video. Certa tendencia a engordar, um comeco de barriga que a sauna nao consegue controlar, nos olhos a cobica e a manha, o Jovem Parlamentar possui reputacao duvidosa, discutida nos bastidores da Camara Federal. Nos bastidores, jamais em publico, quem se atreveria a acusa-lo? Passa por bem visto nos altos escaloes e

sobretudo nos reservados círculos que realmente dispõem do poder. Seu nome começa a repontar no noticiário como candidato a elevados cargos; o mandato parlamentar, ultimamente bastante desacreditado, já não basta para conter-lhe o prestígio em ascensão. Obteve promessa firme de ser incluído na próxima turma a cursar a Escola Superior de Guerra. O Magnífico Doutor, habituado ao trato com os grandes, em nenhum momento pronunciou-lhe o nome por desnecessário e imprudente. Tampouco durante a conversa citaram quantia ou falaram em pagamento. Apenas, em certo instante, abriu-se um sorriso amplo no rosto calculador do Jovem Parlamentar: nem sempre aparece nos tempos atuais transação assim rendosa. Em termos de legítimo patriotismo, o Jovem Parlamentar desenvolve cauteloso trabalho de contatos e acordos, com reconhecida habilidade. Propina seria palavra escandalosa e indigna para designar a expressiva gratidão daqueles que lhe utilizam os méritos e as relações. Se respeitável bolada lhe advém, trata-se de merecida pecúnia - finalmente a palavra certa! - pois um passo em falso, um erro de pessoa, pode custar mandato e carreira: os da linha-dura são infensos à corrupção e vivem de olho atento, desconfiadíssimos. Tarefa delicada, exige alta recompensa. É reconfortante vê-los ali, no fim da tarde, estendidos nus e confortáveis em amplos divãs em uma das salas a prova de som reservadas por Madame Antoinette para ruidosas surubas, mandando as meninas embora, adiando o deleite, sacrificando o tempo de lazer ao trato de superiores interesses, conscientes ambos de seus graves deveres.

- Aqui, estamos a coberto de curiosidade e indiscrição. - Freguês recente e vaidoso, o Jovem Parlamentar louva as virtudes do Refúgio.

Essas salas destinadas antes de tudo à confraternização 260

sexual, em moda desde os banhos romanos, servem igualmente para importantes conversas de negócios entre magnatas desejosos de sossego e reserva. Como bem diz o Jovem Parlamentar, no Refúgio dos Lordes estão a coberto da curiosidade e da indiscrição. O Magnífico Doutor abre a pasta, retira um estojo de couro, oferece

charutos. Conhece hábitos e preferências dos parceiros, estudou, entre divertido e enojado, a biografia do Jovem Parlamentar.

- Cubanos... - esclarece a sorrir pois, sendo Cuba matéria proibida em qualquer setor da vida nacional, a oferta ganha importância.

O Jovem Parlamentar não se contenta com um, empalma três: - Antes, só fumava cubanos. Agora andam difíceis, culpa da canalha comunista. - Aspira o odor do charuto - Sublime! Precisamos libertar Cuba das garras de Fidel Castro, varrer do continente essa ameaça vil e constante de subversão. - Um pouco retórico, fala como se estivesse na tribuna da Câmara. - Mais dia, menos dia, os americanos acabarão com ele. - O Magnífico Doutor estende o isqueiro de ouro, acende o charuto do interlocutor. - Mas, quando quiser charutos cubanos, não faça cerimônia, tenho sempre um bom estoque. O Jovem Parlamentar não pode esconder o laivo de inveja nos olhos gulosos: esses tipos sabem gozar a vida, nada lhes falta, dão-se a todos os luxos. E esse é apenas um testa-de-ferro, imagine-se os outros, os patões. Decide fazer o trato mais difícil, aproveitar a oportunidade:

- Obrigado. Mas, vamos ao que importa, não devemos deixar as garotas esperando por muito tempo. Devo-lhe dizer que as coisas não se apresentam fáceis, há obstáculos sérios, diria mesmo: quase intransponíveis. O nosso amigo declara que não deseja envolver-se no caso.

- Mas, há poucos dias as notícias eram outras. - Os jornais ainda não haviam falado no assunto. Leu o que andaram escrevendo?

- Ora, os jornais ... Sempre sensacionalistas. - Dizem que só existem cinco empresas dessas em todo o mundo, que nenhum país autoriza. Poluição, palavra suja, amedrontadora. Tremenda.

- Apenas cinco? Exagero dos jornais - rebate vitorioso. - Posso lhe citar pelo menos seis.

- A diferença não é grande. Temo que... Os argumentos têm de ser de peso, sem o que não conseguiremos mover nosso amigo e, se ele não se mover, não vejo como obter autorização para o registro.

O Magnifico Doutor nao e pastor de cabras mas tambem ele conhece seu rebanho, para tanto e pago e bem pago. Para mercadejar, sabendo, quando indispensavel, aumentar a parada e sabendo tambem ate onde ir:

- Compreendo. Todavia nao falta peso aos argumentos que ja oferecemos a sua compreensao e a de nosso ilustre amigo. - Insuficientes. Argumentos ridiculos, disse-me ele. Ridiculos, foi a palavra que ele usou. Mesmo porque, como e do seu conhecimento, nao lhe cabe a decisao final, ele proprio deve argumentar, e para isso precisa de argumentos que convencam. - Serve-se de nova dose de uisque. - Apenas cinco, cinco ou seis, no mundo inteiro... Esta nos jornais. Apodrece a agua, mata os peixes, envenena o ar. Leu o artigo do *Estado de Sao Paulo*? Na Italia, da cana. - Lanca ao ar a fumaca azul do charuto cubano, subversivo porem inigualavel.

O Magnifico Doutor baixa a voz apesar de estarem a sos na sala reservada do Refugio dos Lordes onde nao ha perigo de ouvidos indiscretos, tampouco de microfones secretos como acontece nos romances de aventuras sobre petroleo arabe e contrabando de armas com espioes multinacionais e espias fabulosamente *sexys*.

- Os meus amigos estao dispostos a reforcar os argumentos. - a voz amaneirada torna-se quase ininteligivel: - Quanto? O Jovem Parlamentar pensa, faz imaginarias contas nos dedos, calca no preco, pede alto. O Magnifico Doutor balanca a cabeça negativamente.

- Metade.

- Metade? E muito pouco.

- Nem um centavo a mais. - A voz ainda mais afetada: - Tenho quem faca por menos.

- Va la... De acordo. Afinal os jornais mentem tanto e o *Estadao* com essa mania que o Julinho Mesquita tem de democracia se coloca contra tudo que nos interessa. Vai acabar se dando mal...

Da pasta, o Magnifico Doutor extrai um talao de cheque. - Ao portador - recomenda o Jovem Parlamentar, revelando inexperiencia. O Magnifico Doutor esconde um sorriso de debique.

O Jovem Parlamentar recebe, levanta-se, vai ao armario, guarda o cheque no bolso do paletó. Servem-se de mais uma dose, erguem os copos, num brinde mudo. Marcam novo encontro, em data proxima, ali mesmo, impossivel local mais discreto, agradavel e apropriado para assuntos de relevante importancia 262

para o desenvolvimento nacional. O Jovem Parlamentar bate palmas, a porta se abre, as meninas retornam. Afinal, a vida não se resume a cuidar dos interesses da patria. O Magnifico Doutor não aceita a gentil oferta de troca de parceiras. Apressado, reduz-se a coito rapido, deve pegar o aviao, tem encontro marcado no Rio. Demora-se o Jovem Parlamentar, satisfeito da vida. Peixes, aguas, caranguejos, ostras, algas marinhas... Tudo isso no Nordeste, vagamente. Existira mesmo o Nordeste ou se trata de invencao subversiva de literatos e cineastas? A rapariga a seu lado e loira como uma escandinava. No Nordeste, uma sub-raca escura. O Jovem Parlamentar sente-se redimido, em paz com a consciencia. Na saida, a gerente vem despedi-lo: satisfeito, Deputado? O Deputado, cliente novo, ainda não um habitue, agradece e solicita noticias de Madame Antoinette. A gerente explica: - Madame esta em Paris, visitando a familia. O senhor sabe que Madame Antoinette e filha de um General da Franca? La mere est de la Martinique. Tres chic! - Comeca a treinar seu frances para um dia suceder a patroa atual na propriedade da casa. Quando Tieta se cansar e resolver se mudar de vez para o sertao de Agreste.

## **A PROPOSITO DE MICROFONES E ESPIOES**

Uma rapida palavra, apenas, um pedido de desculpas. vem de se ler, nas paginas precedentes: "...não ha perigo de ouvidos indiscretos, tampouco de microfones secretos como acontece nos romances de

aventuras sobre petroleo arabe e contrabando de armas, com espioes multinacionais e espias fabulosamente sexys". E verdade, nada disso existe no Refugio dos Lordes, local do encontro secreto do Magnifico Doutor com o Jovem Parlamentar. Lamentavel deficiencia, a enfraquecer a trama, diminuindo a intensidade do enredo, limitando grandemente a emocao e o interesse. Mas, que fazer? Tenho de me reduzir ao contexto de modesto folhetim cuja acao transcorre em pais subdesenvolvido. Nao me cabe culpa se o leitor nao encontra na travessia dessas paginas ferozes xeques, romanticos beduinos, frios espioes de diversas nacionalidades e ideologias, alguns pertencendo ao mesmo tempo a servicos secretos opostos e inimigos, ingleses 263

loiros e impassiveis, potentes americanos que derrubam seis femeas de uma so vez e cobrem todas elas, restando-lhe ainda a esposa a criar filhos no lar texano, russos barbudos mastigando crianas regadas a vodca. Nada disso, uma pena! Devo me contentar com sorridentes testas-de-ferro e alguns corruptos nacionais.

Quanto a arabes, personagens no momento em alta voga nas paginas dos best-sellers, alem de Chalita, envelhecido leao do deserto, nao me resta nenhum outro ja que o mascate morreu de tiro, dignamente, como compete a um bom contrabandista. Mais nao posso fazer, peço desculpas.

### **DO REGRESSO A AGRESTE, CAPITULO NOTICIOSO POR EXCELENCIA NO QUAL TIETA CITA O EXEMPLO DO VELHO ZE ESTEVES**

Ao regressar a agreste para a festa da inauguracao das benfeitorias na praca do Curtume, acompanhada pelo sobrinho Ricardo, Tieta quis saber de Leonora noticias de seus amores. A moca sorriu, embaracada, tomou das maos da protetora: - Nao sei o que se passou, Maezinha. Ascanio esteve fora durante dois dias, vendo uns trabalhos da prefeitura, voltou diferente. Sempre entusiasmado com a historia de turismo, sempre terno, porem menos reservado. Me disse que, com a morte do prefeito, vai ser eleito para o cargo, a

situacao dele vai mudar. Esta exaltado, nem parece o mesmo. Ate me beija, sabe? Outro dia, dona Perpetua deu um flagra na gente ... Estou tao contente, Maezinha!

- Ainda bem. Pelo jeito, voce nao demora a estrear a margem do rio. Vai gostar da novidade. Aproveite enquanto e tempo, mais dia menos dia a gente arruma as malas e capa o gato. - Ai, Maezinha, nesse dia vou morrer.

- Ninguem morre de amor, como e mesmo que Barbozinha diz? De amor a gente vive.

Boa, devotada Carmo! Com todo seu diploma de sabida, deixara-se enrolar pela trama de Tieta e, para impedi-la de apressar a data da partida, revelara a Ascanio a situacao de Leonora, deflorada pelo calhorda do noivo. Acontecera exatamente o que Antonieta desejava. Ascanio, a par do acontecido, mudara imediatamente de conduta, tornando-se audacioso e beijoqueiro. Nao tardara a perder o resto do acanhamento e a chamar a namorada aos peitos, arquivando os planos de casamento e lar, interessado tao-somente em cama. Na 264

cama tudo se resolve.

Tudo. Basta citar o exemplo do sobrinho Ricardo, quase louco de remorso e medo, apavorado, querendo desistir do seminario, sentindo-se leproso e condenado as penas eternas apos ter dormido com a tia no areal de Mangue Seco. Agora, nao quer outra ocupacao, se pudesse passaria o dia no fuque-fuque, adolescente deslumbrado, forca estuante, potencia sem limite, desejo infinito, ilimitada, dulcissima estrovenga. Um temporal, um terremoto, uma festa! A qualquer momento, nas dunas, no banho de mar, onde quer que seja e possa, ele a derruba e monta. Tieta esta quebrada, moida, mordida, sugada, satisfeita, trefega menina em ferias, saltitante cabrita. Cabrita? Cabra velha que antes jamais recebera bode novo, de trouxa apenas desatada, insaciavel garanhao. Fogoso e exigente, meigo e exultante, Ricardo tambem mudara. Perdera o medo, enterrara o remorso mantendo, ao mesmo tempo, a vocacao sacerdotal. Descobrira a bondade de Deus.



No sabado, no fim da tarde, quando os operarios regressaram ao arraial do Saco, Ricardo os acompanhou na canoa de Jonas. De volta, irradiava serenidade no rosto juvenil e, encontrando Tieta na praia, oferecida no maio a mostra-la mais que a vesti-la, desviando os olhos, informara:

- Hoje vou dormir em Agreste, Jonas me leva na canoa. - Hoje, por que? Daqui a mais uns dias, a gente vai para ficar. O principal esta feito, do resto o Comandante se ocupa, basta a gente vir uma vez ou outra, passar um dia e uma noite. Hoje, por que? Ja se fartou de mim?

- Nao diga isso nem por brincadeira. E que hoje me confessei, amanha vou comungar, e se dormir aqui... Volto amanha mesmo. Me de licenca, me deixe ir. Pedido, suplica, queixume, a voz tremula do menino dividido entre ela e Deus, cabrito no pasto de Tieta, levita do santuario. Bastaria uma palavra, um gesto, um olhar para rete-lo a seu lado, para impedir igreja e sacramento. Um menino, um levita, eleito e pecador, casto e lascivo, forte e fragil. Um menino de Deus. Dela, o Deus Menino.

- Va e rogue a Deus por mim. Vou me roer de saudade, na tua ausencia. Te quero aqui amanha.

Falta e ausencia iria sentir, a roe-la por dentro, quando embarcasse na marinete para Sao Paulo; com certeza nao bastariam algumas lagrimas nem lavar a xoxota bem lavada. Ai, meu menino, levita de Deus! Ensinara-lhe o amor, o gosto de mulher, as delicias, os sabores requintados, fizera-o homem. Quando ela for embora, Ricardo buscara noutros bracos, noutro 265

colo, noutro regaco as sensacoes, a exaltacao e a alegria aprendidas em Mangue Seco. Tieta sente uma raiva subita, decide em definitivo demorar em Agreste ate pelo menos a inauguracao da luz. Para gozar durante mais umas semanas esse desperdicio de prazer, esse mar revolto, essa ventania desvairada. Depois, ela o deixara para Deus, livre do medo e dos perigos da castidade que conduz a tristeza e ao mal, quem bem sabe e Tieta, vitima da conspiracao das beatas, bruxas fedendo a donzelice encruada. Frustradas e amargas,

as solteironas odeiam o proximo. Assim era Perpetua antes de casar-se, antes do Major. No domingo pela manha, a exposicao punitiva descera da lancha de Eliezer, enchendo de risos a praia de Mangue Seco. Juntaram-se todos diante das erguidas paredes da biboca de Tieta, as ripas para o telhado comecavam a ser colocadas, num tronco de coqueiro o habilidoso comandante Dario gravara o nome escolhido: Curral do Bode Inacio. Fizeram coro ao merecido elogio do ausente seminarista, pronunciado pelo Comandante: Tieta devia a Ricardo a rapidez do andamento da obra. Mais tarde, andando para os comoros, Antonieta ouvira o relato de dona Carmosina.

- Falei com Ascanio sobre o que voce me contou a respeito de Leonora... Essa historia de noivado no Sul, as viagens, a pilula, voce sabe...

Tieta afetara surpresa e inquietacao:

- Voce disse a ele que Leonora nao e virgem? Meu Deus, Carmo! mas logo concordara. - Pensando bem, acho que assim e melhor, que ele saiba a verdade. Eu te agradeço, Carmo. Deve ter sido desagradavel.

- Se foi... Mas estou contente: pensei que ele ia romper com Leonora, desistir, nao querer mais ver a cara dela, mas Ascanio superou o preconceito, Tieta. Um cara direito. Nao quer que ela saiba que eu contei, e um cavalheiro.

Tieta aprovava com a cabeça, rindo por dentro. O que o cavalheiro deseja, ela sabe demais: sem cabaco a conte-lo, Ascanio vai tratar de dormir com Nora, passar-lhe a vara, exatamente como Tieta previra. Se antes, apaixonado, sonhara noivado e casamento, desistiu ao saber da verdade, nenhum homem de Agreste casa com moca deflorada. Mas nem por isso e tolo a ponto de larga-la de mao quando nada o impede de leva-la aos esconsos do rio, sob os choroos em noite sem lua. Com o que estariam resolvidos os problemas de Leonora. Depois, lavar o xibiu, derramar algumas lagrimas na partida. Por que diabo Ricardo demora tanto a voltar, ela se perguntara olhando o rio do alto das dunas sem descobrir sinal da canoa de Jonas. Na igreja, na 266

missa das oito, talvez o coroinha houvesse se dado conta dos olhares lubricos, da boca aberta, avida a exhibir a ponta da lingua, de dona Edna, putissima e vulgar. Audaciosa. - Esta aborrecida, Tieta? Se fiz mal em contar, me diga. - Fez muito bem, Carmo. Estava pensando no cachorro do noivo. E com Elisa, voce falou tambem?

Nao, com Elisa dona Carmosina nao conversara, tentando tirar-lhe da cabeça a louca ideia de partir com Tieta para Sao Paulo, levando Asterio na bagagem. Depois do dificil dialogo com Ascanio, ainda nao tomara folego, nao reunira coragem suficiente para vibrar novo golpe. A decepcao de Elisa ia ser terrivel, ela nao tinha a fibra de Ascanio, provado pela doenca do pai e pela traicao de Astrud. Tieta devia pacientar um pouco, dona Carmosina falaria quando se apresentasse a ocasio, quando a propria Elisa puxasse o assunto. Deixasse a pobre conservar por mais uns dias suas ilusoes paulistas. Quem primeiro tocou nesse assunto, porem, foi Asterio, e o fez com Tieta quando ela voltou a Agreste. Ficou de tocaia no bar, sonsando, ate Perpetua dirigir-se para a igreja em companhia do filho seminarista, na hora da bencao. Aproveitou a folga: - Queria falar com voce, cunhada. Um assunto de meu interesse, meu e de Elisa. Mas, antes, me prometa guardar reserva dessa nossa conversa.

- Toque em frente, cunhado, sou boa de segredo, nem imagina quantos guardo no meu peito, por isso e que tenho esse ubre grande. - Ri alegremente, anda satisfeita. - E a proposito de uma ideia de Elisa. Ela, se ainda nao lhe falou, vai lhe falar para pedir que voce leve a gente para Sao Paulo. Que me arranje um emprego e ceda um comodo para nos em seu apartamento.

- Falar, ela ainda nao falou mas ja insinuou. Voce quer ir? - Deus me livre! - Arrepia carreira, nao va Tieta se ofender: - Quer dizer: eu teria muito prazer em morar em sua companhia, voce e mais que uma irma, tem sido nossa providencia. Mas, eu nao quero viver em Sao Paulo, nao vou me dar bem. Elisa tem vontade de ir embora daqui para que a gente melhore de vida mas eu sei que nao vai dar certo. E pior ser pobre la do que aqui. - Voce tem razao, cunhado, e isso mesmo. Mas pode ficar descansado, nao vou levar voces comigo. Voce ia se dar mal e lugar de mulher e ao lado do marido.

Se Elisa me falar, tiro essa ideia da cabeça dela.

- Não sei como lhe agradecer, cunhada.

- Não agradeça. Elisa é minha irmã, tenho obrigação de cuidar dela, de ajudar vocês no que puder. Mas aqui, lá não. 267

Em toda sua vida, poucas vezes Tieta viu pessoa tão contente quanto Asterio ao fim da conversa. Fitou o cunhado com afeto: - Ouca, Asterio, você precisa não deixar Elisa fazer tudo que deseja. Se ela lhe falar em São Paulo, diga que você não quer ir, que daqui vocês não saem. Ponha redea curta em sua mulher. - Se eu disser isso, só vou e botar ela contra mim. Vai bater o pé, chorar, falar nisso o dia inteiro, até me obrigar. Como é que posso convencer ela? - Pergunte ao velho Ze Esteves e ele lhe explica. Pergunte como é que ele ensinou a mãe de Elisa a obedecer. Quem sabe, ele lhe empresta o bordão. A receita é boa, cunhado. Bem aplicada, basta uma vez. Nunca mais mãe Tonha levantou a voz para o Velho. Quanto a essa história de São Paulo, deixe comigo. De noite, Tieta teve Ricardo na rede conforme planejara. Ali, onde em sonhos o rapazola a desejara e não soubera possuí-la, ela o cavalgou e por ele foi montada, cruzando a noite no rumo da aurora. Contendo a respiração, sufocando os ais de amor enquanto juntos praticavam o ipicilone. Ah!, o ipicilone!

**DE COMO, PREMIDO PELAS CIRCUNSTANCIAS, O  
IMPOLUTO ASCANIO TRINDADE, APOS SECRETA  
ENTREVISTA COM O MAGNIFICO DOUTOR, INICIA A  
PRATICA DA MENTIRA E, NA AURORA DOS NOVOS  
TEMPOS, ENTREGA-SE A SOBERBA, INCORRENDO DE  
UMA SO VEZ EM DOIS PECADOS CAPITAIS**

Ao término da conferência com o Doutor Mirko Stefano, Ascanio Trindade sente-se outro homem. Uma hora de conversa bastara ao

carismatico relacoes-publicas para conquistar a confianca e a admiracao do probo funcionario municipal. Probo e sonhador. O Magnifico exhibira plantas e desenhos devidos a competentes e imaginosos arquitetos, engenheiros e urbanistas; citara numeros e formulas esotericas; empregara termos magicos: organograma, know-how, insumos, mercado de trabalho, marketing, status - a prefeitura de Sant'Ana do Agreste tera status de municipio industrial. Ascanio deslumbrou-se. Na

porta do

velho

sobrado

colonial, sede da

municipalidade, despedindo o visitante, Ascanio Trindade 268

assume nova condicao, a de empresario. O termo e falso, correto sera dizer-se estadista. Administrador de comuna destinada a glorioso futuro de riqueza e progresso - futuro ou presente? Por ora, apenas secretario da prefeitura com plenos poderes. Em breve, prefeito: os plenos poderes confirmados pelo voto do povo, unanime segundo tudo indica.

Em determinado ponto da conversa pareceu-lhe perceber, nas discretas e sibilinas palavras do enviado da Diretoria, insinuacao suspeita, referencia a pagamento de servicos prestados. Nao entendera bem mas, por via das duvidas, foi logo esclarecendo que seu apoio ao grandioso projeto se devia exclusivamente aos superiores interesses do municipio e da patria. Verdade cristalina: nenhum baixo sentimento, nenhuma pretensao pouco louvavel na sua maneira de agir. Apenas o amor a terra natal, a seu desenvolvimento, fizera-o vibrar de entusiasmo durante a exposicao do doutor Mirko Stefano, tecnico, poliglota e convincente. Valia a pena ouvi-lo.

Conhecedor da natureza humana, habil negociador, o Magnifico recuou. Sabia recuar, ha tempo e occasiao para cada coisa. Por favor, caro Senhor Prefeito, please, nao me entenda mal. Referia-se a formas de pagamento da empresa ao municipio, diretas e indiretas,

considerando serviços remuneráveis a colaboração da prefeitura ao sucesso do projeto, ao conceder a necessária autorização para que num de seus distritos, o de Mangue Seco, se instalasse o complexo industrial, duas grandes fábricas interligadas.

Alem dos benefícios diretos, arrecadação de consideráveis impostos, crescimento da renda bruta per capita, empregos para naturais do lugar, a empresa tomara a seu cargo providenciar melhoramentos necessários e urgentes: asfaltamento da estrada, por exemplo. A empresa pressionara o Governo do Estado, o Ministério competente, se necessário, não falta prestígio aos Diretores, digo-lhe em confiança, Senhor Prefeito. Construção de hotel, estabelecimento de linha de ônibus, serviço de Lanchas no rio. Sem falar na área de Mangue Seco, onde se ergueriam as fábricas dando nascimento a moderna cidade operária, dezenas de residências destinadas aos trabalhadores, técnicos e funcionários. Para todo esse mundo de progresso a empresa concorrera, graciosamente. Antes de visar lucros, os dignos Diretores desejam contribuir para a construção de um Brasil poderoso, a altura de sua gloriosa missão no mundo. E viva!

Preso aos lábios do doutor Stefano, Ascanio enxergou Agreste reerguido da decadência, colocado na vanguarda dos 269

municípios do interior baiano. Nos céus, a visão da fumaça das chaminés, pagando com juros o atraso devido a ausência da fumaça do trem-de-ferro, trazia ao mesmo tempo a riqueza para Agreste e um laivo de soberba a instalar-se no coração de Ascanio: a frente do progresso, a comandá-lo, o jovem prefeito, incansável batalhador.

Ao final da conversa com o enviado da Diretoria Provisória, quando, em nome da prefeitura, autorizou a Sociedade a examinar as possibilidades de estabelecer suas indústrias em terras do município, Ascanio sentiu reviver aquela antiga ambição do estudante de Direito, do noivo de Astrud, planos de triunfo. Interesse pessoal somando-se a elevado sentimento cívico. Pessoal, não mesquinho ou desonesto.

Vislumbrou a possibilidade de construir, a base do novo progresso de

Agreste, carreira de administrador e político, a leva-lo e a eleva-lo ate Leonora. Carreira vitoriosa, dando-lhe as credenciais exigidas a quem deseje candidatar-se a marido de herdeira paulista, gra-fina e milionaria. Ate entao, julgara-a inatingivel, vivendo no pavor do anuncio de data de partida, do fim do acanhado idilio de silencias e expectativas, de meias palavras e gestos imprecisos. Agora, tinha um horizonte, campo de luta, ja nao se sentia misero funcionario de um burgo nas vascas da agonia pois, como afirmara poeticamente o Magnifico Doutor, raiava sobre Agreste a aurora de grandes eventos, a manha do progresso. Pena nao poder contar o milagre a Leonora, nem a ela nem a pessoa alguma. O doutor Mirko Stefano exigira a maxima discricao, segredo absoluto ate nova ordem. Somente apos a conclusao dos estudos preliminares, apenas iniciados, poderia a empresa dar publicidade a noticia auspiciosa. Uma palavra dita antes do momento exato pode botar tudo a perder. Se bem, a primeira vista, a regioao de Sant'Ana do Agreste, nas proximidades de Mangue Seco, parecesse o local ideal para a instalacao das fabricas, os relatorios conclusivos dependiam ainda de um levantamento completo de possibilidades e vantagens, de analises diversas, indo da profundidade do mar na barra do rio Real ao apoio da administracao. Novos tecnicos desembarcariam logo apos o Natal Para o complicado trabalho que iriam realizar o doutor Stefano solicitou reserva e boa vontade ao Senhor Prefeito, alem da necessaria autorizacao. Eram propriedade da prefeitura as terras a margem do rio? A quem pertenciam? A discricao impunha-se inclusive para evitar uma alta exagerada nos precos dos terrenos, tornando antieconomica a utilizacao da area. Por ora, 270

silencio; depois, os foguetes.

Colaboracao, toda a que se fizer necessaria. Silencio, mais dificil. O povo da terra e perguntador, o que nao sabe, inventa. Se Ascanio nada disser sobre a entrevista, o fuxico vai crescer, sera pior. Nao pode fazer referencia a um projeto de turismo? As cogitacoes sao nesse sentido; ele proprio, Ascanio, assim imaginara.

A ideia pareceu extremamente divertida ao Magnifico Doutor, nao

conteve o riso. Os olhos postos nas ruas pacatas de Agreste, atraves das janelas do primeiro andar da prefeitura, concordou, jovial:

- Turismo... Boa bola. Bem achado, Senhor Prefeito. C'est drole.

Ascanio nao perguntou o motivo do riso, do ar zombeteiro do ilustre visitante, do mote em frances. Ajudou-o a enrolar plantas e projetos, a coloca-los num tubo longo, de metal, a reunir os papeis, a fechar a elegante pasta negra, de executivo. Na porta da saida, doutor Mirko Stefano confiou pasta e tubo ao peso-pesado postado de sentinela; notava-se-lhe o volume do revolver no cinto. Um segundo campeao, de identico peso, medida e carantonha, chegou correndo do bar, onde degustava uma bramota em companhia do chofer, o paletto aberto, a arma exposta. O doutor viera desta vez acompanhado apenas de chofer e do par de alagoanos. Para desolacao de Osnar e Fidelio, presentes ao desembarque, nem uma so marciana ou garota de Ipanema descera da Rural, apenas o Grande Chefe Espacial, o motorista e os dois pistoleiros. Nao deixara de ser, no entretanto, materia para assombro e comentario pois ha anos nao se via em exibicao nas ruas de Agreste outras armas alem dos facoes dos roceiros na feira do sabado, e das maldicoes e pragas do profeta Possidonio, sendo os primeiros simples instrumentos de trabalho e servindo as ultimas apenas contra o demonio e a impiedade. Alem de armados, de pouca conversa. O que veio desalterar-se no bar nao despregou os olhos da porta da prefeitura onde deixara o colega. Osnar nao se atrevera a pedir noticias de Bety, Bebe para os intimos. Reagiu, indignado, a sugestao de Fidelio, gozador:

- Por que voce nao bate um papo com ele? Conte a historia da polaca, conquiste-lhe as gracas, descubra o que veio fazer. Mostre que e o tal.

- Va a merda.

A mal-encarada dupla embarcou na Rural, no banco traseiro, guardando os documentos. O Magnifico Doutor apertou a mao de Ascanio, abriu-se num sorriso de velho amigo: 271

- Ate breve, caro prefeito. Merry Christmas! Alias, se me permite mandarei uns brindes para o Natal das crianas pobres. Partiu a



Rural, o pequeno grupo de basbaques ainda demorou-se a olhar para Ascanio, ele também ali parado, meditando em tudo que lhe fora dito e a Agreste prometido. Brindes de Natal para as crianças pobres, um festivo começo. Osnar se aproximou:

- Então, Capitão, a que veio o Astronauta? Avesso a embustes, considerado por todos um cidadão íntegro, de rígidos princípios, Ascanio viu-se de repente obrigado a mentir, a abandonar sua maneira de ser. Seja tudo pelo bem de Agreste! Embaracado e sem jeito, respondeu: - Que pode ser, senão turismo? - Adianta detalhe que não lhe parece matéria secreta: - Está interessado em comprar terras em Mangue Seco. O coqueiral...

- Terras do coqueiral? Puta merda, Capitão Ascanio. Vai dar uma confusão dos diabos. Até hoje não se tirou a limpo quais são os donos...

Atrapalhado, Ascanio avista Leonora na porta da casa de Perpetua, os olhos na prefeitura. Ficara de ir buscá-la, a ela e a Tieta, para o banho na Bacia de Catarina, está na hora. Despede-se às pressas.

Osnar estranha as maneiras do secretário da prefeitura: Ascanio está escondendo leite. Empresa de turismo, muito dinheiro, novidades às pencas. E se esses caras comprarem o coqueiral e a praia de Mangue Seco? Se fundarem um clube exclusivo, reservado para os sócios? Não, não podem fazê-lo, e impossível, as praias são propriedade do povo, inalienáveis, não é? Talvez comprem terrenos, construam hotéis, lojas, armazéns modernos... Quem sabe, Bebe vira passar uns tempos no coqueiral para estudar na prática o interesse turístico das dunas e dirigir a publicidade: aproveitem nossa oferta e venham praticar o coito carnal nas alvas areias de Mangue Seco, pagando depois em módicas prestações mensais. Mesmo não sendo polaca, Bety parece-lhe capaz de audazes cometimentos.

## **DA INAUGURACAO DA PRACA COM DISCURSOS E DANÇAS, CAPITULO EUFORICO**

272

Excetuando-se parte da meninada ainda na matine, no Cine- Teatro Tupy, praticamente todo o resto da populacao da cidade reuniu-se, as cinco da tarde do ultimo domingo antes do Natal, na antiga praca do Curtume, de agora em diante praca Modesto Pires. O jardim, o passeio que o circunda, o obelisco ao centro, o calcamento de pedras, benfeitorias devidas a acao de Ascanio Trindade na prefeitura, merecem o elogio geral. - Esse Ascanio e um retado.

- Imagine quando ele for prefeito de verdade. - Agreste vai virar um jardim.

Um estrado de madeira, armado para a cerimonia e para a exibicao dos ternos de reis e do bumba-meu-boi; no obelisco, a placa de concreto, coberta com a bandeira brasileira. Na esquina, na parede da casa de Laerte Curte Couro, de propriedade de Perpetua, placa de metal igualmente coberta. Pena a Lira Dois de Julho ter-se dissolvido havia cerca de trinta anos, com a morte do obstinado Maestro Jocafi que a dirigiu e regeu durante mais de meio seculo. Ascanio sonha com a reorganizacao da Lira cuja fama repercutira em todo o sertao da Bahia e de Sergipe. Dificil e encontrar quem empunhe a batuta, no municipio nao ha quem possa faze-lo.

Madrinha da inauguracao, cercada pela familia e pelos amigos mais proximos, majestosa e sorridente, verdadeira rainha ou melhor, plagiando o vate Barbozinha, Madona transportada da Renascenca para os oiteiros de Agreste, dona Antonieta Esteves Cantarelli, pelo braco do coronel Artur da Tapitanga, seguida por Ascanio Trindade, Modesto Pires, dona Aida, a filha Marta e o genro, engenheiro da Petrobras, avanca em direcao ao singelo monumento. Silencio e atencao, pescocos esticados. Dona Antonieta estende a mao, puxa a fita verde e amarela descerrando a placa de concreto onde se le a data festiva e o nome do benemerito coronel Artur de Figueiredo,

prefeito em exercicio. Cerimonia simples, saudada por palmas, emocionante, no entanto, pois Perpetua saca de negro lenço do bolso da saia negra e enxuga uma lagrima - lagrima negra, de luto, segundo sussurra ao ouvido de dona Carmosina o irreverente Aminthas, em dia de humor igualmente negro.

Os meninos do Grupo Escolar atacam o hino. Vivas ao coronel que acena com a mao, agradecendo. Todo satisfeito, de braco com Tieta: a cabrita montes virou cabra de qualidade, uberes fartos e expostos. Ah!, seus tempos!

Ze Esteves, no cumulo da satisfacao com a proximidade da mudanca para a nova residencia, suspende o bordao e a voz: - E viva minha filha, a senhora dona Antonieta Esteves 273

Cantarelli!

Entusiasmo geral, nova lagrima de Perpetua, Elisa aberta em sorriso de vedete, desperdicando beleza, Leonora, a mais animada, comandando as palmas. Por que nao dao vivas a Ascanio Trindade? Aplausos para dona Aida: a ela coube descobrir a placa na parede da esquina com o nome do logradouro reformado: praca Modesto Pires (cidadao eminente).

- Viva Modesto Pires! - grita Laerte Curte Couro, da porta da casa, ao lado da mulher e dos filhos, puxando o sacco do patrao.

Dona Preciosa e dona Auta Rosa, diretora e secretaria do Grupo Escolar, tentam conter a indisciplinada e incompleta turma, recrutada a forca. Devido as ferias fora dificil reunir mesmo aquele punhado de alunos, mais dificil ainda mante-los em ordem. Vamos, o hino, seus rebeldes! A professora Auta Rosa, loira, nervosa e bonita, conta com admiradores fanaticos entre os discipulos. Dona Preciosa impoe-se a muque, a berruga no nariz, a voz de cabo de esquadra:

- Um, dois, tres, agora!

Cresce o hino sobre a praca e o casario na voz das criancas e dos populares. Se ninguem der um viva a Ascanio, eu perco a vergonha e dou! - ameaca Leonora em pensamento, revoltada com tanta ingratitude.

Chega a vez de padre Mariano, acolitado por Ricardo em vermelho e

branco, galante e piedoso. Bendito seja Deus!, suspira dona Edna, ao lado de Terto, seu marido (nao parece mas e). Os olhos de Cinira pregados no coroinha, nas partes aquela comichao. Tambem Tieta contemplou o sobrinho e sorriu. Nao teme as rivais, seu unico rival e Deus e entraram em acordo, para Deus a alma, o corpo, para a piedosa tia.

Padre Mariano benze o jardim, o obelisco, a praca, todos os presentes. Reserva bencaos especiais para o nosso inclito chefe, o coronel Artur de Figueiredo, para o benemerito municipe Modesto Pires, para a generosa, exemplar ovelha de nossa parquia, dona Antonieta Esteves Cantarelli, e para sua gentil enteada. Que nao lhes falte jamais a graca do Senhor, amem. Ricardo, na mao a caldeirinha de agua benta, estende o aspersorio ao reverendo. Gotas sagradas sobre as cabeças mais proximas, adianta-se Perpetua para merecelas.

O engenheiro da Petrobras, doutor Pedro Palmeira, usa da palavra para agradecer, em nome do sogro. Refere-se a paz e a beleza de Agreste: que jamais sejam conturbadas pelos horrores de um mundo de violencia, poluicao e guerras. A barba negra, os 274

cabelos longos, na moda, tambem ele provoca olhares, apetites e frustracoes. Ao lado, de sentinela, a esposa, filha do lugar, conhecedora.

Por fim, discursa Ascanio Trindade, em representacao do coronel Artur da Tapitanga, cuja voz nao mais alcanca as alturas indispensaveis aos tropos oratorios. Inflamado, buscando inspiracao nos olhos de Leonora, preve dias de gloria, grandiosos e iminentes, para Sant'Ana do Agreste. Os prezados concidadaos podem se alegrar, esta proximo o fim do marasmo e da pobreza, das dificuldades, da pasmaceira. E possivel que se localize em Agreste a sede de um novo polo industrial a ser implantado no Estado da Bahia, a competir com o Centro Industrial de Aratu, nas proximidades da capital. Volverao os tempos de fartura e movimento, novamente teremos motivos de orgulho, nosso rincao bem-amado resplandecera, luminosa estrela no mapa do Brasil. -

Que diabo o Capitao Ascanio esta arquitetando? - pergunta Osnar. - Ele esta escondendo leite.

- Escondendo? Bem, Ascanio ainda nao quer divulgar os planos da empresa de turismo, parece que sao formidaveis - retruca dona Carmosina.

- Ele se referiu a polo industrial.

- Forca de expressao. Voce nao vai negar que o turismo hoje e uma industria da maior importancia. - Dona Carmosina explica: - O que acontece e que Ascanio esta apaixonado. - Baratinado... - concorda Aminthas.

Com um brado vibrante: Salve Sant'Ana do Agreste!, Ascanio encerra a fogosa e confusa oracao. Do fundo da praca Modesto Pires, chega a voz de cachaca de Bafo de Bode no tardio viva:

- Viva Ascanio Trindade e viva sua namorada! Quando e o casorio, Ascanio?

Leonora enrubesce em meio aos risos de Elisa e dona Carmosina. Livres dos discursos, mocas e rapazes aos pares, de maos entrelacadas, circulam no passeio, inaugurando-o de fato. Leonora fita Ascanio, estende-lhe a mao, mais um par de amorosos a contornar a praca. Dona Carmosina suspira, comovida. Da casa de Laerte Curte Couro saem improvisadas garconetes, funcionarias do Curtume, com bandejas de pasteis, empadinhas e calices de licor. Servem aos convidados de honra, oferta de Modesto Pires. O coronel Artur da Tapitanga senta-se num dos bancos verdes, de ferro, confia a Antonieta, enquanto lhe alisa a mao e examina os aneis - serao verdadeiros ou falsos os brilhantes? Se verdadeiros, valem uma fortuna: - Meu afilhado Ascanio vai acabar maluco com essa historia 275

de turismo. Imagine que apareceu la em casa, na fazenda, para dizer que vao montar fabricas aqui, construir uma cidade em Mangue Seco. Anda de juizo mole, acho que e devido a sua enteada.

- Muda de assunto: - Voce ainda nao foi me visitar na fazenda, ver minhas cabras; o rebanho da gosto a gente olhar. Va e leve a moca. Tenho um bode inteiro que e um portento, paguei um dinheirao por

ele; se chama Ferro-em-Brasa. A noite, os ternos de reis e o bumba-meu-boi exibem-se no estrado. Os ternos, em numero de tres, dois da cidade, o terceiro vindo de Rocinha, o mais bonito, o Soldo Oriente. Uma duzia de pastoras, enfeitadas de papel de seda, conduzindo lanternas vermelhas e azuis, as vozes soltas, os pes na danca: *Somos pastoras*

*Das estrelas do ceu*

*Chegamos do Oriente*

*Para saudar o Deus menino*

*Neste dia diferente*

Tieta acompanha o canto do reisado, tomada de emocao. Menina de pes descalcos, fugindo de casa para acompanhar os ternos nas ruas de Agreste. Tanto sonhara empunhar uma lanterna, pastorear estrelas! Somente cabras e cabritas lhe couberam, vida afora. Valera a pena voltar para ver e ouvir.

*Somos as pastoras*

*Da Lua e do Sol*

*Somos as pastoras*

*Do arrebol.*

Para assistir o bumba-meu-boi de Valdemar Coto, com o boi e a caapora, o vaqueiro em seu cavalo, dancando no tablado, espalhando a meninada pela praca. Uma unica perna, um unico braco, esvoacante, branco lencol, agilissimo, alegre fantasma, a caapora vem pedir a bencao a dona Antonieta, e o moleque Sabino. Depois, o bumba-meu-boi e os ternos de reis descem a rua principal, param de porta em porta, saudando os moradores, pedindo permissao para entrar. Dancam e cantam na sala em louvor dos donos da casa. Calices de licor, copos de cerveja, goles de cachaca sao servidos ao vaqueiro, ao boi, a caapora, as pastoras do arrebol. Improvisada orquestra, paga pela prefeitura, composta da harmonica de Claudionor das Virgens, do cavaquinho de Natalino Preciosidade, da viola de Lirio Santiago, toma lugar no estrado, ocupando cadeiras emprestadas por Laerte, ataca musicas de 276

danca, variadas, para todos os gostos, logo surgem os pares. - Olhem quem esta dancando! - Asterio aponta Osnar que comprime nos bracos de macaco uma cabocla esfogueada, novinha, a saia no joelho, as pernas grossas. - Sujeito mais sem-vergonha - rosna dona Carmosina, furiosa por nao ser ela a felizarda comprimida contra o peito do debochado, ai!

O assustado se anima, varios pares rodopiam no estrado. O cavaquinho chora num convite. Leonora olha para Ascanio, ele sorri, ela murmura, a voz rompendo cristais: - Vamos...

Sobem ao tablado, a harmonica ataca a marchinha carnavalesca, Leonora desliza, os olhos semicerrados. Ascanio conduz o corpo leve da moca preso ao seu, os cabelos soltos tocam-lhe o rosto, sente-lhe o halito calido, noite gloriosa. A danca conquista a praca, generaliza-se. O engenheiro da Petrobras, doutor Pedro e dona Marta, a esposa, incorporam-se aos dançarinos. Dona Edna aceita o convite de Seixas com o consentimento de Terto - e ele que se fizesse de besta e nao consentisse! Dona Edna exige do marido compreensao e cortesia. Seixas a enlaca, ela adianta a coxa, mais audaciosa a cada rodopio. Quem acha, encaixa, diz Osnar e Seixas executa. Cerimonioso e grave, o vate Barbozinha estende a ponta dos dedos a Tieta, solicitando o prazer da contradanca. Diante do que, Elisa consegue decidir Asterio e dona Carmosina exige de Aminthas o sacrificio:

- Me tire para dançar, seu mal-educado. - Vamos, Elizabeth Taylor, mas tenha piedade de meus pes. - Cretino!

Os ternos de reis voltam a praca, dissolvem-se no estrado, Fidelio danca com a porta-bandeira do Sol do Oriente em busca do arrebol. O vaqueiro em seu cavalo zaino, o boi, a caapora, correm atras do bando de meninos chefiado por Peto. Ricardo ficou em casa, fazendo companhia a mae. Depois do rosario, na rede, esperara a volta da tia.

Esgotadas as possibilidades de cachaca, Bafo de Bode retira-se da praca cada vez mais animada, a danca pegando fogo! - Eta-ferro! Hoje vai ter movimento na beira do rio ... - equilibra-se para aconselhar: - Mete os peitos, Ascanio, seja homem!

Desaparece no beco mas ainda se lhe escuta a voz podre e moralista:

- Toma cuidado, Terto, para nao arrancar os fios da luz com os chifres...

277

Para o que diz Bafo de Bode, ninguem liga, advertencia e sugestoes perdem-se na musica da harmonica, do cavaquinho e da viola, no jubilo da festa, na paz da noite de Agreste.

### **DAS CHAMAS MORAIS AS CHAMAS VERDADEIRAS, CAPITULO EMOCIONANTE NO QUAL TIETA EXIBE UM RESPLENDOR DO FOGO**

Liberto das penas do inferno, nas chamas do ciume se consome o seminarista Ricardo, na noite da festa. As nove horas em ponto, a luz do motor se apagou dando por findas as dancas no tablado armado na praca do Curtume (perdoem: praca Modesto Pires) mas dona Carmosina inventou um passeio ate o rio, especie de piquenique noturno. No bar de seu Manuel abasteceram-se de cerveja e guarana, de bolinhos de bacalhau, especialidade do lusitano.

Da rede onde se recolhera a espera, o seminarista ouve o grupo na calcada, reconhece vozes, a de Leonora, a de Aminthas, a de Barbozinha em galanteio, esse velho ridiculo nao se assunta!, o riso de Tieta. Pensou que iam se despedir na porta mas os passos prosseguem pela praca e se perdem, ninguem entra em casa. Ricardo salta da rede, penetra na alcova, abre a janela sobre o beco, avista o grupo alacre no escuro da esquina, a caminho do rio. Sente-se enganado, traído, miseravel.

Outra coisa nao deseja Tieta senao voltar para casa, cansada do dia festivo, iniciado com a missa das oito e longo sermao do padre



Mariano. Quando enxerga a magnanima ovelha na igreja, entre os fieis, o grato reverendo supera-se, estende a predica, servindo latim e citacoes da Biblia. Tieta anseia reencontrar a ternura e a violencia de seu menino, apenas entrevisto a tarde na hora da cerimonia, deslumbrante nas vestes de coroinha, a oferecer ao padre o aspersorio. Indiferente as exibicoes folcloricas, tendo de rezar o rosario quotidiano, egoista, Perpetua retivera o filho em casa para lhe fazer companhia. Rodopiando nos bracos de Barbozinha, de Osnar, de Fidelio - todos disputando a honra de dançar com ela - o pensamento de Tieta estava em Ricardo, ajoelhado diante do oratorio a debulhar o terço com Perpetua. 278

Insensata imagem, sonhara-se enlacada pelo sobrinho vestido de batina; deslizavam no tablado, romantico e apaixonado par. Assim como estavam Leonora e Ascanio: a moça de olhos semicerrados, descansando a cabeça no ombro do rapaz. Tieta aprovara a ideia de dona Carmosina e acompanhara o grupo na esperanca de rapidamente desviar a quadrilha para outros rumos, deixando a sos Leonora e Ascanio, livres para os beijos e as juras de amor. Na Bacia de Catarina, sob o negrume dos choroés, o namoro poderia desenvolver-se como devido, ao gosto de Maezinha: ardente xodo e nada mais.

Sentam-se sobre as pedras, Osnar empunha um abridor de garrafas, dona Carmosina desfaz o embrulho de bolinhos de bacalhau, comem e conversam. De maos dadas, Ascanio e Leonora permanecem alheios ao mundo em redor, sorriem abobados. Tieta se impacienta, levanta-se: - Estou caindo de sono. Proponho...

Nao chegou a propor deixarem ali o casal de namorados, tomando o rumo de suas casas os dispostos a dormir, mergulhando na escuridao dos becos os cacadores noturnos, porque Barbozinha, a seu lado, aponta para a cidade e pergunta: - Que e aquela luz ali? Parece fogo.

Nao parece, e um fogareu. Elevam-se labaredas, um clarao se abre no negrume.

- Incendio! - anuncia Aminthas.

- Onde sera?

Tambem Ascanio se poe de pe, tem o mapa da cidade na cabeca:

- E no Buraco Fundo.

- Ai, meu Deus! - geme dona Carmosina.

No Buraco Fundo moram os mais pobres entre os pobres, os que nada possuem, os mendigos, bebados sem ocupacao, velhos que se arrastam para esmolar um pedaco de pao nas ruas do centro. - Vamos la. - Ascanio ajuda Leonora a levantar-se. Tieta ja partira, sem esperar convite. Quando mocinha, estando certa noite nos esconsos da Bacia de Catarina com um caixeiro-viajante, ouvira gritos e percebera a claridade das labaredas. Quando chegaram, porem, ao lugar do incendio, as chamas terminavam de devorar a casa de dona Paulina, vitimando tres dos cinco filhos da viuva, os menores. Incendio em Agreste e raridade mas quando acontece deixa sempre um saldo de mortes, por falta de qualquer recurso para extinguir o fogo. Dissolve-se o piquenique, o grupo sai no encalco de Tieta mas ela se distancia, o passo rapido em seguida se transformara em correria. Surgem pessoas nas esquinas, atraidas pelo clarao nos 279

ceus.

Tieta e dos primeiros a chegar ao Buraco Fundo, as chamas envolvem uma das casas, por sorte isolada das demais. Alguns populares, moradores do local, cercam uma rapariga gorda que grita e arranca os cabelos:

- Ela vai morrer, ai minha avozinha!

Bafo de Bode, a voz pastosa, as pernas tropegas, explica que Marina Grossa Tripa, lavadeira de profissao e, se encontra fregues, meretriz de baixo preco, acordada pelo fogo em sua casa, fugira porta afora, esquecendo no quarto dos fundos a velha Miquelina, sua avo. Com a violencia do fogo na madeira velha, nas palhas de coqueiro do teto, a ancia, praticamente incapaz de andar, a essas horas deve ter virado torresmo.

Uma vintena de vizinhos e curiosos assiste ao espetaculo da neta aos gritos suplicando que, por caridade, pelo amor de Deus, lhe

salvem a avo, sua unica parenta. Ninguem se oferece: se a propria Grossa Tripa, a quem cabe obrigacao de neta, nao e tao louca a ponto de enfrentar o fogo, de penetrar naquele inferno, nao serao estranhos que irao faze-lo. Consolam-na recordando a longa existencia da avo Miquelina, de cuja idade se perdera memoria. Vivera tempo suficiente para o bom e o ruim, vamos deixa-la descansar. Nao paga a pena correr perigo mortal para tentar prolongar-lhe a vida por uns meses, umas semanas, uns dias. Sem esperar o fim da explicacao de Bafo de Bode, indiferente aos argumentos dos vizinhos, Tieta se atira em direcao ao fogareu, nao atende a gritos e conselhos. Quando Osnar e Aminthas despontam no imundo canto de rua, ela acaba de desaparecer nas chamas. De toda parte, apressados, afluem homens, mulheres, meninos, pois o sino da igreja esta badalando, funebres sons de desgraca e morte. Aumenta o burburinho quando Leonora aparece amparada por Ascanio, seguidos por dona Carmosina que poe a alma pela boca.

- Dona Antonieta esta la dentro ...

Ao saber que Tieta invadira o incendio, Leonora solta-se da mao do namorado, tentando segui-la, mas Aminthas a sustem a tempo. Ascanio, palido, vem e a toma nos bracos. Rui o telhado, cresce imensa labareda, espalham-se milhares de faiscas crepitantes. Ricardo, descalco e de batina, atravessa o povo a tempo de ver Tieta surgir das chamas, trazendo nos bracos o corpo minimo da velha Miquelina, viva, incolume e furiosa, a praguejar contra a neta desalmada que a abandonara na hora do perigo, te arrenego, maldita! O fogo respeitara o catre onde jazia, esperou que a viessem recolher para, de uma lambida, reduzi-lo a 280

cinzas. Sobem chamas pelo vestido de Tieta e os anelados cabelos exibem uma aureola de fogo, um halo, um resplendor. Tais foram o espanto e a comocao que os assistentes emudeceram, ficaram parados. Somente Bafo de Bode teve raciocinio e acao. Surgiu com uma lata cheia de agua e a despejou sobre Tieta.

## **DA TROVA POPULAR E DA POESIA ERUDITA**

Ao ve-la estendida sobre o lencol, as feias queimaduras, pernas e bracos em carne viva, os cabelos chamuscados, Ricardo engoliu o soluco mas nao pode impedir a lagrima. No sal da lagrima havia sabor de orgulho. Quando, obedecendo as ordens do doutor Caio Vilasboas, todos se retiraram para que Tieta pudesse repousar, o sobrinho ficou de sentinela. Ela lhe disse: - Venha e me de um beijo. Se o assunto da luz da Hidreletrica, cujos fios e postes se aproximavam velozmente da cidade, fizera de Antonieta Esteves Cantarelli cidada benemerita, figura impar entre os filhos de Agreste, o salvamento da velha Miquelina, abandonada no fogo pela neta e la deixada a espera da morte pelos curiosos aglomerados diante do incendio, elevara-a a categoria de santa. Entronizada no altar-mor da Matriz, ao lado da Senhora Sant'Ana como previra Modesto Pires, um dos primeiros a visita-la no dia seguinte.

Os poetas acertam sempre, deles e o dom divinatorio. Gregorio Eustaquio de Matos Barbosa, o vate De Matos Barbosa, versejador elogiado nas colunas dos jomais da Bahia, reconhecido nos cafes de literatos da capital, apaixonado antigo de Tieta, compos uma ode em seu louvor, exaltando-lhe a beleza e a coragem, beleza deslumbrante, indomita coragem; em versos de rigor classico e rimas ricas a comparou aquela guerreira e santa que um dia tomou das armas, salvou a Franca e enfrentou as chamas da fogueira com um sorriso nos labios. Joana d'Arc do sertao, assim escreveu, impavida vencedora das trevas e do fogo, desafiando a morte, resgatando a vida.

Por coincidencia, tambem o trovador Claudionor das Virgens, ao inspirar-se no incendio para compor versos de cordel, canonizara-a em rimas pobres:

*Da neta escutou o rogo  
Trouxe a velhinho nos braços.  
Vinha vestida de fogo:  
Pelos dons do coração  
Pela beleza dos traços  
Santa Tieta do sertão*

Durante o dia inteiro, na porta, uma romaria de viventes querendo notícias, mandando recados, abraços, amizade. A cabeceira da cama, ao lado de Leonora, o poeta Barbozinha, o ex-boa pinta, murcho e reumático mas fiel à paixão da mocidade, declamando a ode consagradora. Aos pés de leito, junto a Elisa, o sobrinho Ricardo, robusto e terno, ansiando beijar cada queimadura, pedir perdão dos maus pensamentos, tê-la nos braços. Peto trouxera-lhe uma flor colhida nos matos. Na cama de casal do doutor Fulgencio e de dona Eufrosina, na lembrança imperecível de Lucas, ouvindo o rumor do povo na praça a lhe pronunciar o nome, entre o gasto poeta e o ardente seminarista, Tieta, santa pelos dons do coração e pela beleza dos traços, impávida Joana d'Arc do sertão, navega em mar de amor.

282

## **QUARTO EPISÓDIO**

### **DAS FESTAS DE NATAL E ANO-NOVO OU A MATRIARCA DOS ESTEVES**

**COM PAPAÍ NOEL DESCENDO DOS  
CEUS EM HELICÓPTERO, POEMAS  
DE LOUVAÇÃO E MALDICAÇÃO, TE  
DEUM E FOGUETÓRIO, UM GRITO  
DE ALERTA ABALANDO A CIDADE,**

**INSTRUTIVA  
POLEMICA  
NA  
IMPrensa SOBRE OS PERIGOS E  
VANTAGENS,  
OS  
BENEFICIOS  
E  
MALEFICIOS DA INDUSTRIA DE  
DIOXIDO DE TITANIO, QUANDO NO  
MUNICIPIO INAUGURAM JORNAIS  
MURAI S E BOLSA DE IMOVEIS E SE  
FICA SABENDO DA IMPORTANCIA  
DO SOBRENOME ANTUNES - DOS  
RITOS DA MORTE E DAS AFLICOES  
DA VIDA**

**DE COMO PELA PRIMEIRA VEZ PAPA I NOEL DESCEU  
EM AGRESTE**

Sentado a mesa de despachos do prefeito, Ascanio Trindade estuda o programa de festejos da inauguracao da luz da Hidreletrica, a ser apresentado a Camara Municipal para a devida aprovacao, em sessao proxima. Cabos e fios devem chegar a Agreste dentro de um mes, mais ou menos, segundo o calculo dos engenheiros. Ascanio pretende celebracao a altura do evento os postes de Paulo Afonso representam o primeiro, historico passo do municipio no caminho de volta a prosperidade. Quem sabe, alem dos engenheiros comparecera algum diretor da Companhia do Vale do Sao Francisco, um bam-bam-bam da politica, do governo federal? Primeiro passo tambem na afirmacao publica do jovem administrador, futuro prefeito, subindo o degrau inicial de uma carreira fulgurante. Festa similar aquelas antigas, quando se deslocavam para Agreste caravanas de ricacos e de politicos, vinham autoridades da Capital,

discursos, banquetes, bailes, foguetórios, o povo dançando na rua. Onde buscar dinheiro para tamanha despesa? Vazios, como sempre, os cofres da Prefeitura, Ascanio deve sair mais uma vez rua afora, de lista em punho, a solicitar contribuições. Fazendeiro, criador de cabras, plantador de mandioca e milho, Presidente da Câmara Municipal, indiscutido dono da terra há mais de cinquenta anos, o coronel Artur de Figueiredo encabeça todas as listas, seguido por Modesto Pires, cidadão rico e praça pública. Únicos donativos dignos de consideração, os demais revelam apenas a pobreza do comércio, a decadência da comuna. Ascanio, porém, deseja e há de marcar com inesquecíveis comemorações a noite em que a luz ofuscante da Hidrelétrica de Paulo Afonso substituir a mortica eletricidade do fatigado motor inaugurado por seu avô quando Intendente. Talvez possa, finalmente, em meio à alegria e ao entusiasmo declarar-se à bela Leonora Cantarelli, pedindo-lhe a mão em casamento, noivo oficial. Desde o regresso de Rocinha, quando, no lombo do cavalo, amargou a notícia comunicada por dona Carmosina e digeriu o himen da paulista, Ascanio vive em permanente exaltação. Calcado o preconceito, reduzido a dormente espinho, a mau pensamento afastado de imediato todas as vezes em que nele reincide, a paixão crescerá em incontrolável ternura pela inocente vítima do monstruoso sedutor. Crescerá também a intimidade dos namorados, em repetidos e prolongados beijos, na chegada e na despedida. Acendendo o desejo, dando ao amor dimensão nova e 284

maior.

Para a declaração, Ascanio espera contar com a boa vontade da madrastra, de coração abrandado pelas homenagens que lhe serão prestadas na festa. Um dos itens do projeto elaborado por Ascanio manda batizar com o nome da filha prodiga a via de entrada da cidade pela qual chega e parte a marquete de Jairo e por onde ingressarão igualmente os fios do progresso, a Luz de Tietá, na consagração do povo. Denominado Caminho da Lama, desde tempos imemoriais, será a rua dona Antonieta Esteves Cantarelli (cidadã benemerita). A placa já encomendada na Bahia, antes mesmo dos

vereadores tomarem conhecimento do plano: existira alguém tão ingrato a ponto de opor-se? Desta vez, Ascanio não esqueceu o Esteves, exigido por dona Perpetua e pelo Velho, insolente e cheio de si. Mas o dinheiro para o banquete, o baile, a música, as bandeirolas nas ruas, as faixas, os fogos? Para as pedras do calcamento? Quem poderia ajudar o financiamento da festa, concorrendo com os gastos, se por ali aparecesse, seria o doutor Mirko Stefano, empresário interessado em erguer uma grande indústria nas imediações de Mangue Seco, representante legítimo do progresso. Após a conferência onde expos planos e exibiu plantas, o ilustre parceiro ficara de voltar em breves dias. A esperança de Ascanio reside naquela empolgante figura: para o doutor Mirko nada parece ser difícil, lembra um gênio das histórias de mil e uma noites, saído da lâmpada de Aladim. Ah!, se ele se manifestasse de repente...

E eis que de repente ele se manifesta, gênio risonho e todopoderoso, baixando dos céus em companhia de Papai Noel. A imponente nave sobrevoa a Prefeitura, a Matriz, o jardim: visão alucinante, espantoso barulho, até então desconhecidos aos olhos e ouvidos tacanhos do povo de Agreste.

Sol forte e brisa amena, vinda do mar Atlântico, um dia aprazível, típico do verão sertanejo. A cidade parece adormecida quando, pelo meio da manhã, o rugido surge e cresce, insolito, e Peto atravessa a rua, os olhos postos no alto, reconhecendo e proclamando o helicóptero, máquina nunca enxergada antes em Agreste mas numerosas vezes admirada por Peto nas revistas que dona Carmosina lhe permite folhear na agência dos Correios. Comerciantes aparecem nas portas das lojas. No bar deserto, seu Manuel suspende a desagradável tarefa da lavagem de copos, espia e exclama: que os pariu! Ascanio, interrompido pelo barulho assustador, abandona papel, lapis e devaneio, chega à janela e assiste ao pouso do aparelho no centro da praça, entre a Prefeitura e a Matriz. Padre Mariano, acolitado por beatas que se benzem apavoradas, mostra-se no alto da escada que conduz ao adro. 285



Do helicoptero, cujos motores continuam a trabalhar, as helices rodando lentamente para a admiracao dos primeiros curiosos abobados, desembarcam

o

Magnifico

Doutor,

esportivamente vestido de calca jeans e colorida camisa da praia do Havai, com mulheres sensuais e flores exoticas, e o proprio Papai Noel, o mais belo entre quantos existiram pois quem porta as barbas brancas e enverga a roupa vermelha nao e outrem senao a figura eficiente, executiva e excitante da nossa conhecida e tao apreciada Elisabeth Valadares, Bety para os colegas, Bebe para os intimos. Uma secretaria realmente competente e pau para toda obra e em vesperas de Natal se transforma, se necessario, em Papai Noel, sob a direcao do inventivo genio da lampada de titanio, o Magnifico Doutor.

Ascanio, ao enxergar helicoptero, Papai Noel e o doutor Mirko indicando ao embasbacado Leoncio a carga no interior do aparelho, nao contem um grito de entusiasmo, um sonoro viva! O Magnifico Doutor suspende a vista, acena com as maos para o Secretario da Prefeitura.

- Fiz questao de trazer pessoalmente os brindes de Natal para as crianas pobres - explica o mago, apertando calorosamente as maos de Ascanio que desceu a escada de quatro em quatro para receber e saudar os visitantes.

Deixando a cargo de Papai Noel o transbordo de coloridas sacolas do bojo do aparelho para a Prefeitura, gratificante tarefa que o capenga Leoncio executa com surpreendente rapidez, o Magnifico Doutor acompanha o jovem funcionario para dois dedos de conversa. Apenas para lhe dizer que os resultados dos estudos realizados ate o momento pelos tecnicos e peritos em Mangue Seco sao extremamente satisfatorios e positivos. Apesar de regioes mais ricas, mais bem servidas de vias de comunicacao e de conforto, mais bem aparelhadas materialmente, como Valenca, no reconcavo, Ilheus e

Itabuna, no sul do Estado, e ate mesmo Areembepe, junto a Capital, se encontrarem empenhadas na disputa, oferecendo facilidades de toda ordem para a instalacao em seus limites da magna industria, as preferencias dos empresarios tendem a inclinar-se para Agreste. O Magnifico Doutor influi nesse sentido, cativo da beleza e do clima, da gentileza da populacao.

Impressionado, quase comovido, Ascanio bebe-lhe as palavras de bom pressagio e pergunta-lhe se ainda e necessario manter o assunto em reserva. Apos a descida do helicoptero com a carga de brindes, vai ser dificil, praticamente impossivel, esconder a verdade. Em dia de frances, o Magnifico concorda: 286

- Alors, mon cher ami... Pode adiantar que existe a perspectiva da instalacao no municipio, nas vizinhancas da praia de Mangue Seco, das duas fabricas integradas da Brastanio - Industria Brasileira de Titanio S.A. Mais do que perspectivas, possibilidades concretas.

Explica que todavia a decisao final se encontra na dependencia de conclusoes e acertos:

- Estamos em fase de estudos, com mais de um local a vista, como ja lhe disse. As chances de Agreste, porem, sao muito grandes. Personnellement, je suis pour... Mas a solucao nao depende somente de votre serviteur.

Eleva os bracos num gesto oratorio que lhe enfatiza as palavras grandiloquentes:

- A presenca da Brastanio em Agreste transformara o municipio em poderoso centro industrial, fervilhante de vida, magnifique!

Ascanio reforca a candidatura de Agreste com a noticia de que dai a alguns dias, um mes no maximo, a eletricidade e a forca de Paulo Afonso serao inauguradas, postas a servico da Brastanio. A Prefeitura tinha intencoes de organizar uma festa de arromba, para comemorar os novos tempos, mas a pobreza franciscana em que ainda...

O Magnifico Doutor nao o deixou terminar, quis detalhes da festa e concretamente o montante da nota de despesas. Naquela mesma manha, Ascanio fizera e refizera calculos, traduziu-os timidamente

em contos de reis.

Para ele alta soma, ninharia desprezível para doutor Mirko Stefano, cujas verbas de relações-públicas para contatos e providências iniciais, em moeda forte, eram praticamente inesgotáveis. Com um gesto liquidou a preocupação principal de Ascanio: o calcamento da rua, despesa maior e indispensável. - Deixe comigo, mando calçar a rua. A Brastanio se sentira honrada em colaborar para o maior brilho dos festejos. Passadas as festas de Natal, estarei aqui de novo. Para uma conversa definitiva, para acertarmos nossos relógios e dar o sinal de partida. Assim espero.

Ascanio não sabe se ele fala da instalação da fábrica ou dos preparativos da festa da luz de Tieta:

- De qual partida?

- Da partida para o progresso e a riqueza de Agreste! - A voz calida, afirmativa, inspira confiança. - Quanto a inauguração da luz, a Brastanio se responsabiliza pelo calcamento e concorrerá para as demais despesas, participando da alegria do povo do município e eu farei o possível para estar presente. Servir e o 287

supremo objetivo da Brastanio; servir a pátria. Brasil urber alles - tratando-se de dinheiro, o Magnífico abandona o diplomático idioma francês por línguas mais concretas: o alemão e o inglês. - Auf Wiedersehen. Merry Christmas, my dear. Cresceu a aglomeração na Praça Desembargador Oliva. Nomeando-se embaixador dos meninos da cidade, Peto aproximou-se do aparelho, puxou conversa com o piloto, sorriu para Bety Papai Noel, veio ajudá-la no desembarque das sacolas. Ao apertá-las, curioso, sente bonecas, automóveis de lata, percebe brinquedos miúdos para crianças pequenas, desinteressa-se - em breve cumprirá treze anos, será um rapaz e Osnar o levará a primeira cacada.

Da porta da Prefeitura, ao lado de Ascanio, o Magnífico Doutor contempla as velhas casas da Praça, a gente pobre reunida no assombro do helicóptero, pronuncia:

- Amanhã, com a Brastanio, aqui se erguerão arranha-céus! Baba-se Ascanio, santas palavras, que os anjos digam amem, e quanto

deseja. Não resiste, transforma o aperto de mão em cordial e grato abraço:

- Muito obrigado, doutor. Fico a espera. - Imediatamente após as festas de fim de ano. Antes de reentrar no helicóptero, Papai Noel acolhe de encontro ao peito o indocil representante das crianças pobres, nem tão criança nem tão pobre, beija-o na face. Labios macios e quentes, perfumado halito, gostosura!

Peto retribui-lhe os beijos, achega-se mais, sente o volume do busto, os seios soltos sob a túnica vermelha de cetim. O bojo do aparelho está repleto de sacolas idênticas às que ficaram na sala do andar térreo da Prefeitura, onde se reúne o Conselho Municipal quando raramente o coronel Artur da Tapitanga o convoca, sempre a pedido de Ascanio, um formalista. Reuniões inúteis, nas quais os edis aprovam por aclamação o que o coronel decidiu, exatamente como o faz o Parlamento Nacional em relação aos projetos do Executivo.

As hélices ganham velocidade, eleva-se a nave, rumo em direção ao mar. O Magnífico Doutor prossegue a viagem natalina, levando para Valença, Ilheus e Itabuna, em nome de Brastanio, Papai Noel, sacolas e promessas de futuro grandioso. Não irá, no entanto, a Arembepe. Para cada local e ocasião, uma estratégia.

288

## DO CONTEUDO DAS SACOLAS, CAPÍTULO NO QUAL A BRASTANIO COLOCA JESUS A SEU SERVIÇO

Meia centena de sacolas de papel, com as cores e a insígnia - Ordem e Progresso - da bandeira brasileira, contadas e acumuladas na sala de reuniões do Conselho Municipal; separadas em dois grupos de vinte e cinco.

No primeiro, destinado às meninas, predomina a cor amarela e cada sacola contém uma pequena boneca de plástico, um fogozinho de lata, duas bolas de ar, um saco de balas, uma língua-de-sogra, um reco-reco de madeira. Nas outras, a cor dominante é o verde; a boneca e o fogão foram substituídos por um automóvelzinho (de

plastico) e uma cornetinha (de lata). Em todas as cinquenta, identica estampa com a efigie de Jesus de um lado, e do outro uma inscricao onde se le em caracteres dourados: *Deixai vir a mim as criancinhas. Oferta da Brastanio - Industria*

*Brasileira de Titanio S.A., uma empresa a servico do Brasil*

Peto, perdidas as ultimas ilusoes, abandona a Prefeitura: - Que zorra! Um lixo...

Em compensacao, Leoncio freme de entusiasmo: - Viva Deus! Sete mimos em cada saco, que fartura! Vou querer para meus tres netos, as duas meninas e o menino. Nao me falte, por favor, doutor Ascanio.

Ascanio concede as tres sacolas ao ex-soldado e ex- cangaceiro, fiel auxiliar da Prefeitura, salario-minimo nem sempre pago em dia. Naquela hora alegre e luminosa nao pode negar-se a nenhum pedido, estando ele proprio cumulado, tendo recebido de uma vez e inesperadamente tantas merces. O Natal das crianças pobres. A solucao do problema a afligi-lo, o financiamento da festa de inauguracao da luz da Hidreletrica: a benemerita Brastanio paga tudo, calcamento e bandeirolas, foguetes e musica e o doutor Mirko Stefano honrara a cidade com sua presenca. Mais ainda, porem, excitam-no as noticias sobre as perspectivas da instalacao em Agreste da monumental industria: o doutor praticamente garantiu o feliz resultado dos estudos. Nem Itabuna, nem Ilheus, nem Valenca, nem Arembepe... Ascanio fica em duvida: teria o doutor Mirko citado Arembepe entre os locais possiveis? Guarda a impressao de haver escutado o nome da praia famosa, atracao turistica internacional, apesar de nao chegar aos pes de Mangue Seco. Mas nao tem certeza pois, ao repetir o nome das cidades concorrentes, o magnata os reduzira as duas do sul do Estado e a terceira, do 289

reconcavo. Enfim, nao importa, pois as preferencias dos responsaveis pela Empresa fixam-se em Agreste. Para fechar sua visita com chave de ouro o doutor Mirko liberara Ascanio da obrigacao de sigilo: pode comunicar a boa nova ao povo. Ele o fara durante a distribuicao dos brindes de Natal.

Mentir não é o forte de Ascanio Trindade, não sabe fazê-lo, comete indiscrições, escapam-lhe detalhes, revela pistas. Assim aconteceu no discurso pronunciado na Praça do Curtume (retificando em tempo: Praça Modesto Pires) quando levemente anunciara para breve grandes novidades, dando a entender a existência de projeto muito mais considerável do que simples empreendimento turístico, fazendo referência, imagine-se!, a polo industrial.

A maioria não maliciou mas alguns ficaram de orelha em pé. Osnar o interpelara no caminho do rio:

- Que conversa é essa, Capitão Ascanio, de polo industrial? Nessa história tem gato escondido...

De braco com Leonora, fugira a pergunta com uma pilheria: - Com o rabo de fora... Adivinhe, se puder. Ao coronel Artur de Figueiredo, por motivos óbvios - mandachuva, prefeito em exercício, além de padrinho e protetor - expusera em detalhes a conversa anterior com o grande empresário, planos e plantas. Fora a fazenda Tapitanga a propósito. Mas o coronel anda meio broco, já não se interessa por nada tirante terras e cabras. Considerara o projeto pura maluquice, se não fosse pior, tenebroso plano de vigarista: - Grande empresário, meu filho? Esse tipo não passa de um gatuno. Só que ele não sabe que é mais fácil tirar leite do saco de um bode do que arranjar verba em Agreste. Tomou o bonde errado. Ladrão e doido.

Discutir com o padrinho? Inútil, não o convenceria. Mas agora ali estavam os brindes, cinquenta sacolas contendo brinquedos para as crianças pobres, o coronel terá de render-se à evidência. Grande empresário, sim. Nem maluco nem vigarista, representante de imensas capitais, falando em nome da Brastanio, indústria para a produção de dióxido de titânio, básica para o desenvolvimento nacional. Situada em Agreste, cujo prefeito é o dinâmico e competente Ascanio Trindade. Se ainda não é, será, assim que haja eleição, cuja data o Tribunal Eleitoral do Estado deve marcar em breve.

Faz-se absolutamente necessário assinalar com solenidade significativa a entrega dos brindes, a dádiva da Empresa. Ascanio decide constituir uma comissão de senhoras e senhoritas gradas 290

para a comovente cerimonia da distribuicao, na vespera de Natal, dai a dois dias. Vai ser um sucesso, um Natal inesquecivel, gracias a Brastanio. Sorri sozinho, imaginando Leonora, fada a repartir brinquedos e alegria entre a meninada.

Convocara Barbozinha para agradecer em nome das criancas aos generosos industriais da Brastanio. Nessas ocasioes ninguem o iguala, sabe como atingir o coracao dos ouvintes, arrancando lagrimas e aplausos. Tambem ele, Ascanio, dira umas palavras: para anunciar aos povos o comeco de uma nova era para Sant'Ana do Agreste - a era da Brastanio e - por que nao? - de Ascanio Trindade. Sim, Leonora, de Ascanio Trindade, nao mais um pobretao, reles funcionario municipal pouco acima de Leoncio, igual a Lindolfo. Um administrador, um politico, um estadista. Merecedor de tua mao de esposa. Calca o espinho aos pes: a virgindade nao passa de tolo preconceito. Uma jovem viuva, paulista, bela e rica.

Deixa as sacolas sob a guarda de Leoncio, duplamente feroz, jagunco e praca de pre. Dirige-se a casa de dona Perpetua, para comunicar a chegada dos brindes a Leonora e a dona Antonieta, esta ultima ainda recolhida ao leito onde as queimaduras cicatrizam sob a terna vigilancia do sobrinho seminarista, um menino de ouro.

DE COMO O VATE DE MATOS BARBOSA COMPOE E DECLAMA UM POEMA QUE NAO E OUVIDO EM RAZAO DO EXAGERADO SUCESSO DA FESTA ONDE FORAM DISTRIBUIDOS

OS

BRINDES

DA

BRASTANIO

AS

CRIANCAS POBRES, CAPITULO POR ISSO MESMO AGITADO E CONFUSO, COM DONA EDNA EM PLENA ACAO

A verdade deve ser dita e proclamada: a distribuicao dos brinquedos superou todas as previsoes; mais do que animado rebulico de mocas e senhoras, de criancas felizes, foi um deus-nos-acuda, um pandemonio, desbordando de todos os limites da ordem e da boa educacao.

Em Agreste, terra falta de recursos e de distracoes, qualquer cerimonia, de missa a enterro, congrega o povo avido 291

de entretenimento. A noticia da chegada dos brindes na maquina-voadora, conduzidos por Papai Noel em pessoa, correu mundo. Assim, na manha da vespera de Natal, a carantonha e a fama de valentia de Leoncio nao conseguem conter a massa infanto-juvenil, comandada por adultos, na maioria do sexo feminino, reunida em frente a Prefeitura, cuja porta de entrada ele mantem fechada a chave. Nem mesmo Ascanio Trindade, conhecedor, por officio e devotamento, dos problemas e realidades do municipio, jamais imaginara existissem tantas criancas em Agreste. Ao que se ve, todas pauperrimas, pois ate os filhos de Agostinho Pao Dormido, dono da padaria, apatacado cidadao, candidataram-se aos regalos da Brastanio: um menino e uma menina, gordos, bem alimentados, nos trinques. Encontram-se entre os primeiros da fila mandada organizar por Ascanio, ali deixados pela mae, dona Dulcineia Broa Azeda. Fila interminavel a desfazer-se e refazer-se, nao para de chegar gente. A molecada corre, grita, levanta poeira, rola no chao, uma bagunca generalizada.

- Que esporro medonho! - comprova Aminthas, espiando da porta do bar, o taco na mao. - Nao vai ajudar, Osnar? Ascanio pediu...

- Desatino so cometo por causa de mulher. Va voce, se quiser. - Osnar passa giz no taco, admirando-se da inesperada presenca de Peto que chega e se acomoda numa cadeira, disposto a acompanhar a partida de bilhar. - Por aqui, Sargento Peto? Pensei que voce fosse o numero um da fila...

- Para ganhar aqueles bagulhos? Eu, hein? Fico na minha, po! tendo feito tao longo discurso, estendeu os gambitos, chamou seu Manuel, ordenou uma Coca-Cola na conta de Osnar. Na sala da Prefeitura,



desfalcada da insubstituível dona Carmosina, presa ao leito com um resfriado fortíssimo, febre, dor de cabeça, tosse e catarro, a numerosa e galharda comissão de honra coloca-se sob o comando de dona Milu e entrega-se afobada a tarefa de dividir o conteúdo das sacolas para atender ao maior número possível de crianças.

Alguns rapazes ajudam, vieram acompanhando namoradas; entre eles o filho de seu Edmundo Ribeiro, coletor, o jovem Leleu de quem já se teve notícia anterior e venerea. Universitário, segundanista de Economia, magricela, prafrentex, cabeludo, no rigor da moda, calça Lee desbotada, camisa aberta, as fraldas fora das calças, as mangas arregaçadas, a barba por fazer, e o ai-jesus das mocas, não chega para as encomendas. Seixas também está presente, comboia um batalhão de primas. - Nem assim vai dar... - declara Elisa, voltando da janela de 292

onde fez um balanço da situação, calculando o número de crianças. Elisa e Leonora, elegantíssimas, são as duas estrelas da comissão, formosuras que se completam e se opoem, a loira paulista, filha de imigrantes italianos, a morena sertaneja, brasileira de muitas gerações e muitos sangue misturados. Os olhos ladinos de Leleu pousam numa e noutra, a compara-las. Ambas lhe apeteçam, mas tem dono: uma é esposa seria de comerciante ainda moco, a outra namora o secretário da Prefeitura, uma lastima. Ao desviar o olhar, encontra o de dona Edna a fita-lo, dolente, derramado em sombra e insistência. Leleu responde ao sorriso, dona Edna se aproxima, seguida de Terto, que não parece ser seu marido mas com ela casou no juiz e no padre. Entra na sala padre Mariano, veio benzer os brindes. Vava Muricoca, sacristão idoso e ranheta, carrega o repositório de água benta e o aspersório, enquanto Ricardo, de sobrepeliz branca debruada de vermelho, conduz o turíbulo e o incenso. Dona Edna vacila. Primeiro a devoção, depois a diversão: dirige-se ao padre, beija-lhe a mão, devora Ricardo com os olhos. Ai que o amoreco não afasta a vista, como antes! Pela primeira vez enfrenta o cupido olhar e mira o rosto da oferecida, sorrindo levemente ao dizer bom dia, dona Edna. Anjo sem macula, mas

homem feito. Bom dia, meu coroinha. Ai, quem lhe dera as primicias! Tendo cumprido a devocao, dona Edna ruma para Leleu que busca conquistar as gracas do marido Terto. Tolo, nao ha necessidade de amaciar-lhe os cornos.

Ante a declaracao de Elisa, logo confirmada por Seixas, dona Milu, apos breve conferencia com Ascanio, ordena sejam todos os brinquedos retirados das sacolas, acumulados atras da mesa da presidencia do Conselho municipal, em cujos lados sao dispostas as cadeiras de espaldar dos vereadores, formando uma especie de barricada a defender os brindes e as senhoras e mocas encarregadas da distribuicao. Cada crianca recebera um presente. - Nada de protecao! - recomenda Ascanio Trindade, meio a serio, meio em brincadeira.

Dona Milu nao ri, da ordens:

- Boneca, automovel, corneta, fogao e reco-reco so para os necessitados. A fila esta cheia de filhos de gente que nao precisa, uma vergonha. Pra esses, uma bola de ar ou um queimado, e olhe la! Estao aqui porque os pais nao tem brio na cara. Para que nao haja duvidas, exemplifica: - Esta ouvindo, Dulcineia? Teus filhos estao na fila, como se a padaria nao desse dinheiro. Teu irmao tambem, Georgina, um moleque grande daqueles. So quero ver.

Apenas Leoncio destranca a porta e permite a entrada, a fila 293

se desfaz, a meninada avanca em bloco, maes e pais postam-se diante da mesa de maos estendidas, empurram as cadeiras. A poder de gritos e de alguns puxoes de orelha, padre Mariano contem a avalancha durante os minutos necessarios a cerimonia da bencao. Ao terminar, ainda tenta cometer pequeno sermao mas desiste diante da gritaria e da balburdia que, de imediato, se estabelecem. Padre Mariano, Vava Muricoca e Ricardo sao envolvidos pela leva de candidatos aos donativos da Brastanio. Indiferente aos brindes mas amiga da confusao, dona Edna se aproveita e, em meio a agua benta e ao incenso, consegue ao mesmo tempo apertar a mao de Leleu em doce promessa e rocar a bunda na batina de Ricardo, facanha limitada, porem divertida e grata.

Torna-se impossível qualquer espécie de controle, fracassam as tentativas de distribuir bonecas e fogos às meninas, automóveis e cornetas aos meninos, bolas de ar e caramelos aos filhos de gente endinheirada. Um tumulto, um motim: a comissão imprensada contra a parede, as cadeiras derrubadas, mãos maternas arrancando os brindes. A donzela Cinira tem uma tontura e desmaia, Elisa sai à procura de um copo com água. Falta de homem, diagnostica dona Milu desistindo de distribuir brindes para aplicar beliscos e cascudos nos moleques mais ousados. Desaparece rapidamente o monte de brinquedos. Os retardatários recebem tão-somente a estampa colorida com a efígie de Jesus e a frase de oferenda da Brastanio. Na rua, estouram discussões entre mães e pais, duas mulheres do Buraco Fundo se agarram pelos cabelos, crianças se batem entre choros e xingos.

Vencidas, arrasadas, desfeitos os penteados, amarrotados os vestidos, senhoras e mocas da comissão de honra ameaçam chilikues. Dona Dulcineia retirou-se às pressas, após entregar aos filhos corneta, boneca, fogão e automóvel, levando ela própria reco-reco e língua-de-sogra, balas para o marido; para isso aceitou participar da comissão, dona Milu que vai pregar sermão em outra freguesia. Georgina afoga os soluços no lenço, o irmão a ameaça: vou contar a papai que você não quis me dar nem o automóvel nem a corneta, sua burra.

Em meio à barulheira dessa algazarra festiva e rude, do intolerável som de vinte abjetas cornetas de lata, o vate Barbozinha, na tribuna do conselho, declama o poema composto especialmente para a ocasião, comovente, bíblico elouvaminheiro. Em vão Ascanio, Seixas, Leleu e outros rapazes reclamam silêncio. Também Leonora e Elisa, duas formosuras raras, erguem as vozes e suplicam, por favor, um minuto de atenção. Do poema, 294

ali pouco ou nada se pode ouvir, para tristeza do bardo insigne que passara dois dias e duas noites escolhendo rimas, contando sílabas e buscando informações sobre dióxido de titânio. - Me diga, mestre Ascanio, que diabo é isso? O que fosse, exatamente, tampouco

Ascanio o sabia. Importante, importantissimo produto, cuja fabricacao vai significar grande economia de divisas ao pais, passo fundamental para o desenvolvimento patrio. Em que consiste, porem, disso nao tem a mais minima ideia, confessara um tanto encabulado. Ascanio resolve adiar para melhor ocasio o discurso anunciando aos povos a nova era: os povos, em bulha e correria, se retiram com os brindes, desinteressados de poesia e oratoria. Mulheres pobres com os filhos escanchados nas ancas, homens mal vestidos levando crianas pela mao, molecotes soltos nas esquinas, rapidamente a multidao se desfaz. Largadas nos caminhos, atiradas fora, as estampas com a efigie de Jesus, a frase do Novo Testamento e o nome da Brastanio. Nao possuem valor de compra e troca.

Tendo Bafo de Bode pedido um brinde ou um trago de cachaca a Leoncio, este lhe ofertou uma estampa, unico brinde a sobrar.

- Por que nao oferece a senhora sua mae? - perguntou o mendigo, ofendido.

O capenga Leoncio considera a festa um sucesso sem exemplo e a Brastanio organizacao digna dos maiores elogios. Unico a receber sacola integra - nao uma, tres e com antecedencia, sem empurros nem briga -, ainda conseguiu surrupiar uma corneta que termina dando a Bafo de Bode para se ver livre dele. Pequena corneta de lata, vagabunda mas barulhenta. Bafo de Bode desce a rua a sopra-la, produzindo um som incomodo, arrepiante, medonho. Com ele obtem o silencio necessario para perguntar aos povos onde Terto ira pendurar os novos chifres se ja nao tem lugar no corpo que nao esteja ocupado. Resta-lhe enfia- los no cu, sao chifres de menino, maneiros, nao doem. O que diz Bafo de Bode, podre de bebado, nao se repete, muito menos se escreve.

**ONDE FINALMENTE BARBOZINHA DECLAMA COMO  
DEVIDO SEU POEMA E ASCANIO TRINDADE LANCA  
PROCLAMACAO AOS POVOS DE SANT'ANA DO**

## AGRESTE

295

Soldados de derrotado regimento da caridade, batendo em retirada, atravessaram a praça e refugiaram-se em casa de Perpetua, onde, na varanda, estendida na rede, Tieta convalesce. Animada curriola, repartida entre a indignação e o riso, ainda sob o comando de dona Milu, demissionária:

- Ai, Tieta, minha filha, não tenho físico para aguentar uma tarefa dessas. Para outra igual, Ascanio não conta comigo. Arrastam cadeiras, colocam-se em torno a rede. Tieta reclama detalhes, enquanto beija a mão de padre Mariano e se regala a admirar Ricardo, ainda de sobrepeliz branca, levita do santuário. O reverendo veio apenas dizer-lhe bom dia mas aceita um copo de suco de caixa antes de retornar a igreja, arrastando consigo o seminarista. Tieta prende um suspiro, sócia de Deus, cada qual com seus horários.

Elisa, mancando, vai a cozinha preparar um cafezinho bem forte para o ofendido Barbozinha. A pequena Araci equilibra nos braços magros pesada bandeja com copos de sucos de frutas: de manga, de mangaba, de caixa, de umbu. As primas de Seixas espiam para o interior da casa onde penetram pela primeira vez, desejando bispar o máximo. Cutucam-se, maliciosas, envesgam os olhos para a rede onde as carnes rijas de Tieta se exibem no decote e no abandono do negligê de náilon, amarelo com rendas brancas, o fino.

Perpetua escolta o padre até a porta da rua. De regresso, elogia o gesto dos industriais, a valiosa oferta de brindes de Natal às crianças da cidade. Tentara convencer Peto a entrar na fila mas o peralta sumiu de suas vistas. Da janela, espiara o movimento, condena a má-educacão do povo.

- Essa gentinha não merece a caridade de ninguém. Então, os homens mandam um avião de presentes e o resultado é essa vergonheira... Até da nojo.

Tieta toma a defesa do povo de Agreste, humanidade sofrida, condenada a miséria, cujos filhos não conhecem outros brinquedos além de bruxas de pano e caminhos feitos com restos de madeira, tampas de cerveja no lugar das rodas.

- Eles são pacientes demais.

Dividem-se as opiniões, a discussão ameaça pegar fogo, a atmosfera guerreira da Prefeitura invade a pacífica varanda da mansão onde as paulistas se hospedam. Seixas, por uma vez exaltado, a favor de Tieta, defendendo o direito dos pobres a revolta. Elisa, exibindo o pechinçado, consequência do pisão de potente lavadeira disposta a obter bonecas e cornetas para os oito filhos, não encontra desculpas, nem para a má-educação do ze- 296

povinho nem para a ausência da malta do bilhar. Não se refere a Asterio, de plantão na loja, sem poder abandonar o balcão, na véspera de Natal sempre se vende alguma coisa. Mas Osnar, Aminthas, Fidelio, eles e outros, deixaram-se ficar no botequim, de tacho e giz na mão, em vez de atender ao pedido de Ascanio comparecendo a Prefeitura para ajudá-las a conter as feras, porque não passam de feras... Presidente da Comissão de Honra, dona Milu devia ser a mais indignada, a primeira a condenar a grosseria geral. Muito ao contrário, defende os canibais:

- Feras coisa nenhuma! Pobres, somente pobres e nada mais. Brigando, se atropelando por uma bonequinha de plástico que não vale dez reis de mel coado, por uma corneta de latao, para dar aos pobrezinhos dos meninos. Por falar nisso, que ideia péssima, essa de oferecer cornetas... Não podiam escolher outra pinoia qualquer?

Observação com a qual todos estão de acordo; o vibrante concerto de cornetas, tantas e tão estridentes, sopradas em conjunto, fora o pior da festa. Dona Milu volta-se para o poeta que ainda não abriu a boca:

- Tenho de ir embora, deixei Carmo na cama, com febre; quando se resfria fica enjoada como ela só, vira um alfenim. Mas antes quero ouvir os versos de Barbozinha. Lá não deu jeito. Por causa das cornetas.

Em geral, o vate não se faz de rogado para declamar seus poemas mas está de calundu, a vaidade ferida com a falta de respeito de seus concidadãos; pede desculpas, mas... Tieta intervém:

- É claro que você vai dizer a poesia, não guarde agravo. De

qualquer maneira tinha de recitar para mim que não pude ir, não é mesmo? - os olhos marotos postos em Barbozinha. - Então, meu velho? Estamos esperando, lá que o verbo... Barbozinha obedece. Amoroso trovador, submisso às ordens de sua musa, põe-se de pé, retira do bolso de dentro do paletó duas folhas de papel, caprichada caligrafia, sonoros alexandrinos. Pigarreia, solicita um gole de pinga para lavar a garganta, Araci corre a buscar. O poeta emborça a cachaca, estala a língua, estende a mão e desfalda a voz.

Arauto da boa nova, anuncia o nascimento de Cristo, pobre e nu, na manjedoura em Belém. Que venham as crianças de Agreste, todas, sem exceção de nenhuma, participar da alegria universal, pois a infância pertence essa festa de Natal por decisão da benemerita Brastanio, cujos proprietários, nobres e magnânimos construtores da pátria grandiosa e justa, atiram bráculas de brindes 297

valiosos no regaço da pobreza, transmudando as lágrimas das crianças desprovidas em risos alacres, em pipilar de passaros, em gorjeio de aves felizes.

Buscara inspiração na Bíblia e na beleza do chão, do rio, do mar; molhara a pena nos profundos sentimentos de solidariedade humana. Assim iluminou obscuros lares com estrelas-d'alva, comparou os diretores da Brastanio a novos Reis Magos descobrindo os asperos caminhos de Agreste, trazendo, nas mãos de bondade, ouro, mirra e incenso. Rimou a pobreza do povo com a grandeza nacional, o infeliz menino dos outeiros de Agreste com o infante divino, rei da Judeia, rimou titânio com Ascanio. Ascanio Trindade, capitão da aurora, a romper os muros do atraso, a abrir as comportas do progresso.

Leonora, empolgada, ergue-se em aplausos, os demais a acompanham: palmas e exclamações entusiásticas. Triunfo completo a compensar a decepção anterior. - Chegue aqui, quero te dar um beijo! - exige Tieta e beija o vate na face maltratada, imprimindo-lhe nas rugas a marca dos lábios, em batom cor de vinho.

- Bravos, Barbozinha, gostei muito. Merecido, esse elogio a Ascanio - considera dona Milu. - Ascanio não desanima e se um dia Agreste

voltar a valer alguma coisa, a ele se deve. A ele e a voce, Tieta. Foi voce chegar e tudo mudou: foi como um clareo nos iluminando. Nao falo da eletricidade de Paulo Afonso, falo de qualquer coisa que eu mesma nao sei explicar, nao passo de uma velha boboca. Uma coisa que a gente nao ve, nao toca mas existe, uma luz que veio com voce, minha filha, Deus lhe abencoe. Aproxima-se da rede e beija Tieta com carinho maternal. Despede-se:

- Vou embora, Carmo deve estar sobre brasas, vai me dizer muitas e boas. Com razao.

Ascanio pede-lhe mais um minuto, um minuto apenas, por favor. Pondo-se tambem de pe, faz sua proclamacao aos povos, anuncia a nova era, a era da Brastanio. Nao acrescentou seu nome ao da grande industria de dióxido de titanio, por desnecessario. Merecendo apoio e aplauso de dona Milu, ja o fizera De Matos Barbosa em versos que Leonora decorou e repete baixinho, entreabertos os labios de carmim.

298

## **TEU PARAISO, POETA, ESTA AMEACADO!, CAPITULO ONDE A BOMBA EXPLODE**

A cronica de autoria de Giovanni Guimaraes explodiu em Agreste no dia seguinte ao Natal. Bomba de retardamento, pois o numero de *A Tarde* em que foi publicada datava de tres dias atras, da antevespera de Natal, quando o vate Barbozinha nao havia ainda cometido seu poema para a festa das crianas pobres. A culpa cabe por inteiro a gripe que, retendo dona Carmosina febril sob os cobertores do leito, em suadouro, nao apenas desfalcou a Comissao de Honra da dita festa, como impediu o comparecimento da exemplar funcionaria a agencia dos Correios em dia de distribuicao de correspondencia. Substituiu-a dona Milu, cansada da maratona da manha na Prefeitura, com pressa de voltar para junto da filha enferma. Entregou as poucas cartas aquelas pessoas que acorreram apos a chegada da marinete, naquele dia atrasadissima, deixou o resto,



inclusive os jornais, para distribuir apos o feriado.

A *Tarde* possuia cinco assinantes em Agreste mas o pacote continha sempre seis exemplares, sendo o sexto destinado a dona Carmosina Sluizer da Consolacao, representante do jornal no municipio. Todos os seis ficaram na Agencia, atados com um barbante, como chegaram. Dona Carmosina se encontrava de tal maneira tomada pela gripe a ponto de nao se interessar sequer pelos acontecimentos da festa na Prefeitura, quanto mais pela cansativa leitura dos jornais .

Amanheceu melhor no dia de Natal, sem febre mas ainda fraca, o corpo pedindo cama e repouso, dormiu quase toda a manha. A tarde, recebeu a visita de Tieta e Leonora, acompanhadas do comandante Dario e dona Laura, alem de Ricardo, que ostentava no dedo largo anel de ouro, com uma pedra de jade, de raro verde-escuro, oval e lisa, peca de valor. Tieta saia de casa pela primeira vez apos a noite do incendio. Algumas marcas das queimaduras, vermelhas, desagradaveis de ver-se, resistiam as pomadas e unguentos. Outra, que nao fosse ela, esperaria a cicatrizacao completa antes de exhibir-se em publico, mas Tieta ja nao suporta permanecer em casa, deitada na rede, sobretudo em dia festivo.

Na vespera organizara uma ceia a maneira do Sul para a familia e os amigos, apos a missa do galo. Vieram Barbozinha, Ascanio Trindade, padre Mariano, Osnar, Aminthas e Fidelio. Seixas tinha compromisso com as primas. O Comandante e dona Laura tampouco puderam comparecer. Todos os anos, desde que 299

voltou a Agreste, o Comandante promove na vespera de Natal uma festa para os pescadores de Mangue Seco: a populacao nao chega a quarenta pessoas, contando homens, mulheres e criancas. Reunem-se todos numa especie de brodio comunal que se prolonga em animado arrasta-pe. Modesto Pires contribui para os gastos mas nao participa da comilanca, vai a missa do galo no arraial do Saco. Em compensacao, a filha Marta e o genro Pedro confraternizam com os pescadores. Por esse motivo o Comandante nao aceitou o convite, prometendo, porem, vir com a esposa para Agreste na manha do dia

de Natal, a tempo de saborear, no almoco, em casa de Perpetua, os restos do peru, as sobras da ceia. Nem isso Carmosina e dona Milu podem fazer, o maximo que Carmosina se permite e deixar o leito, estender-se na espreguicadeira.

Tieta, precavida, trouxera de Sao Paulo pequenos presentes de Natal para a familia mas, alem disso, agradecida pela forma como a receberam e tratam, deu dinheiro a Ze Esteves e Tonha, a Asterio e Elisa e cadernetas de poupanca a Ricardo e Peto, abertas em nome dos sobrinhos em banco de Sao Paulo. Ademais, a Ricardo, pela inestimavel ajuda que lhe esta prestando na construcao do Curral do Bode Inacio, ofertou aquele anel, joia do acervo do finado Comendador Felipe. As maos carregadas, chegam, ela e Leonora, a casa de dona Milu. - Mais presentes? Nao se contenta com os que nos trouxe de Sao Paulo? - dona Milu abana a cabeça ao receber o leque japones. - Voce nao toma jeito, Tieta.

- Ate melhorei da gripe... - declara, animada, dona Carmosina admirando o broche de fantasia, vistoso. Nao se demoram. Leonora tem encontro marcado com Ascanio, vao a matine, e dona Carmosina, o rosto abatido, a voz rouca, ainda nao esta em condicoes de prosa longa. - Volte para a cama - ordena Tieta. - E nao pense em sair amanha. Se quiser, eu fico de plantao no correio. O Comandante propoe uma comissao de pelo menos cinco pessoas para assumir a responsabilidade de substituir a boa Carmosina:

- Uma so nao chega...

- Nao e necessario ninguem; amanha e dia de pouco movimento, so tem mala depois de amanha. Mae da um pulo la, nao precisa mais.

No dia seguinte, depois do almoco, dona Milu foi entregar o resto da correspondencia e os jornais, demorou-se a ver se aparecia alguem com cartas a enviar, matando o tempo a conversar com Osnar e Aminthas ate por volta das quatro horas, quando 300

fechou a porta e, levando consigo o exemplar de *A Tarde*, voltou para casa. Quem por acaso precisasse enviar telegrama, sabia onde encontrar a agente dos Correios e Telegrafos. Bem mais disposta mas ainda guardando o leito, dona Carmosina ajeita os travesseiros,

pondo-se comoda para a leitura da gazeta. Relanceia os olhos pelos titulos da primeira pagina, reportagem sobre a carestia da vida, as dificuldades da populacao praticamente impedida de comemorar o Natal devido a alta dos precos. Nao somente das castanhas, das avelas, das nozes, das amendoas, do queijo de cuia, do bacalhau; tambem do feijao, do arroz, da carne-seca, tudo pela hora da morte. Virando a folha, na pagina nobre de *A Tarde*, a do editorial, dos topicos, das cronicas e artigos importantes, materia de sua especial predilecao: a coluna diaria de Giovanni Guimaraes. Ao ver de dona Carmosina, ninguem supera esse cronista na graca do comentario galhofeiro ou no ferrete da critica aguda as mazelas da sociedade de consumo.

Bate os olhos miudos no titulo da materia e o que ve? CARTA AO POETA DE MATOS BARBOSA, em letras negras e gordas, encimando as duas colunas em grifo, assinadas por Giovanni. O rosto da enferma se ilumina, exclama: oba! Mas a alegria de ver o nome do amigo no alto da pagina transforma-se em agitada agonia apenas le a primeira linha da cronica: "Teu paraíso, poeta, está ameaçado!"

## **DO GRITO DE ALERTA, CAPITULO ONDE SE RESUME A FAMOSA CRONICA**

Em capitulo anterior, o nome de Giovanni Guimaraes foi referido na condicao de amigo do poeta Barbozinha, parceiro de boemia, de vida airada nos castelos e nos cafes de subliteratos, sem que houvesse no entanto alusao as qualidades e ao conceito do foliculario, redator de *A Tarde* desde os tempos distantes de calouro na faculdade de Medicina, assinando ha varios anos na popular gazeta da capital baiana, quotidiana e quase sempre risonha coluna, muito lida e apreciada. Por vezes, o tema tratado levava o articulista sem maldade mas enfurecido a trocar a leveza 301

e a graça do comentário pela aspera denúncia das injustiças sociais, substituindo o sorriso trocista e bonachão por impetuosa ira. Quando apontava violências e dizia da opressão e da miséria. "Teu paraíso, poeta, está ameaçado!" Com essa frase de advertência, o articulista inicia a dramática missiva dirigida ao poeta e cidadão do município de Sant'Ana do Agreste, Gregório Eustáquio de Matos Barbosa. Dona Carmosina tenta adivinhar: o que será, meu Deus? Recordo a gostosa gargalhada do jornalista, ecoando na agência dos Correios quando visitara Agreste. Homem mais alegre, logo amigo de todos, sobretudo de Osnar. No começo da crônica, Giovanni Guimarães reporta-se exatamente à visita a Agreste, havia alguns anos, a convite do poeta que "ao aposentar-se de função pública exercida com exemplar dedicação na Prefeitura de Salvador, abandonara a vida agitada da capital, os hábitos notívagos de boêmio, os círculos literários, retornando aos ares saudáveis, ao clima admirável do torrão natal." Recordo os dias, poucos, porém felizes, de permanência na "bucólica cidadezinha, reino feliz da paz, recanto idílico" e os passeios no rio, o banho na Bacia de Catarina, as idas à praia de Mangue Seco, "obra-prima da natureza, paisagem do começo do mundo, única e incomparável". Em companhia de Barbozinha, cicerone perfeito, Giovanni pôde conhecer e desfrutar as delícias desse "paraíso na terra, eden de beleza e harmonia, onde o homem - em que pese a língua ferina das beatas - ainda é o próximo do homem."

Durante a curta estada em Agreste, escandalizava as beatas fazendo, no adro da igreja, na hora da bênção, o elogio do pecado e do inferno, repleto de mulheres belas e dadas, enquanto o céu não passa de uma chatice eterna de santos barbudos e hinos monótonos. Mas, nem mesmo as velhas xeretas resistiam ao riso comunicativo, ao calor humano que se desprendia do estroina, riam com ele. O único céu onde vale a pena viver é Agreste, paraíso na terra, concluía. Ali, ao respirar aquele ar fino e puro, sentia-se rejuvenescer, limpos os pulmões e o coração. Um pandego, cutucavam-se as comadres.

Pois bem: "Teu paraíso está ameaçado de morte, poeta, a Magra busca instalar-se nas águas do rio Real, nas ondas de Mangue Seco, corveja sobre campos e dunas. Para transformar o diafano céu azul em poluída mancha negra, para envenenar as águas, matar os peixes e os passaros, reduzir os pescadores a miséria, substituir a saúde por enfermidades novas de imprevisíveis consequências". Dona Carmosina suspende a leitura para respirar: ai, meu Deus, por que tão terrível profecia? Uma vez, na prosa no Areopago, Giovanni perguntara-lhe por 302

quantos anos ainda o povo de Agreste gozaria em paz a delícia do clima perfeito, a doce convivência, distante dos males da sociedade de consumo? Mais dia menos dia, ele mesmo respondera, os horrores da civilização aportariam na Baía de Catarina, nos comoros da praia, adeus felicidade! "Sabes tu, meu poeta, que no mundo inteiro existem apenas seis fábricas de dióxido de titânio. Que recentemente um juiz condenou à prisão os diretores de uma delas, na Itália, pelo mal causado ao Mediterrâneo, pela poluição das águas e destruição da flora e da fauna marítimas? Sabes que nenhum país civilizado aceita em seu território essa monstruosa indústria? Que a empresa, cuja presença ameaça o Brasil, não obteve autorização para erguer suas chaminés malditas na Holanda, no México, no Egito? Vade retro! exclamaram os governantes recusando os imensos capitais, não somente por estrangeiros mas sobretudo por assassinos da atmosfera e das águas". Dona Carmosina descansa o jornal sobre o lençol, de algumas dessas coisas ela sabe, delas tomara conhecimento, lera nos jornais, mostrara inclusive ao comandante Dário artigo no *Estado de São Paulo* e juntos aplaudiram a sentença ditada pelo juiz italiano, um porreta. "Teus maravilhosos versos, poeta, sobre a praia de Mangue Seco, serão amanhã os únicos testemunhos da beleza das lípidas águas, da areia fina, da riqueza dos cardumes de peixes, da valentia dos barcos de pesca, quando a Megera, elevando-se das chaminés das fábricas ali construídas, estender seus ganhos de fumaça sobre as dunas. Toda a paz e a beleza que cantaste em tantos

poemas de amor vai apodrecer e acabar nos efluentes de sulfato ferroso e do ácido sulfúrico, nos gases do dióxido de enxofre, na poluição desmesurada". Meu Deus!, sussurra dona Carmosina, sentindo um peso no peito, falta de ar. "Apesar de ainda não terem obtido a necessária autorização do Governo Federal para o estabelecimento de tal indústria no país, os diretores da recém-organizada Brastanio - Indústria Brasileira de Titânio S.A. - de brasileira bem pouco ela tem, meu poeta, afora os testas-de-ferro - sabem de antemão que não lhes será permitido erguer suas fábricas nos estados do Sul. Voltam-se para o desditoso Estado da Bahia, onde quatro zonas estão sendo objeto de estudo da Empresa, em busca de local onde instalar suas fatídicas chaminés. Técnicos e agentes espalham-se nas plagas grapiunas, entre Itabuna e Ilheus, no Reconcavo, para as bandas de Valença e há quem diga que até os subúrbios da capital, nas imediações de Arembepe, estão sob sua mira. Tudo indica, porém, que as preferências dos reis da poluição pendem para a região do litoral norte do estado, a foz do rio Real, os coqueirais de Mangue Seco". Todo o calor da tarde cai sobre dona Carmosina, lá fora o 303

ceu escurece. Pobre Barbozinha: seu amigo Giovanni Guimarães a alerta-lo publicamente enquanto ele rima louvores aos donos da Brastanio, aos reis da poluição. Suprema ironia do destino!, clama dona Carmosina espantando as moscas.

- Precisa de alguma coisa, Carmo? - a voz de dona Milu da porta da rua.

- Nada, Mãe.

"A região grapiuna é rica, meu poeta, pesa nos destinos da economia nacional, tem forças para impedir a ameaça a seu mar, ao rio Cachoeira, a própria lavoura do cacau, fonte importante de divisas. O mesmo pode-se dizer do Reconcavo, menos rico mas defendido pelos restos do prestígio político dos barões da cana-de-acúcar, decadentes porém barões. Quanto a Arembepe, seria sem dúvida o local perfeito do ponto de vista dos empresários, devido a proximidade da capital, as vias de comunicação, ao lado do Centro

Industrial de Aratu, mas nenhum governo, por mais discricionario, se atrevera a conceder autorizacao para que seja poluida a cintura da cidade, acabando-se com a pesca, tornando as praias impraticaveis, expulsando os turistas, empestecendo a propria capital do Estado. Ah!, meu poeta, resta apenas o municipio de Agreste, esquecido de Deus e dos homens, desprotegido da sorte. O habitat da Maldita sera Mangue Seco. Atencao, poeta! Vao aparecer por a!, se ja nao apareceram, os emissarios da poluicao, prometendo mundos e fundos, falando em progresso e riqueza, mas e a morte que eles conduzem em sua pasta repleta de moedas estrangeiras." Empapada de suor, dona Carmosina chega ao fim da cronica de Giovanni Guimaraes. Escuta ao longe a voz de dona Milu conversando na porta com uma vizinha. Le as ultimas linhas: "Ergue a voz, poeta, toma da lira e desfere um grito de protesto, defende a paz e a beleza de teu rincao de sonho, desperta a colera do povo e impede que a poluicao se instale sobre colinas e praias, desca ao fundo das aguas, cubra de negro o ceu diafano de Agreste". A cronica termina repetindo a mesma grave, tenebrosa advertencia do comeco: "Teu paraíso está ameaçado de morte, poeta!"

Dona

Carmosina,

as

maos

tremulas,

o

coracao

descompassado, levanta-se, esquecida da gripe, veste-se as carreiras e, sem dar qualquer explicacao a dona Milu, alem do aviso: volto logo, sai porta afora, o jornal em punho, em busca de Barbozinha. A essa hora da tarde o poeta costuma estar no bar, peruando o jogo de bilhar ou a partida de gamao entre Chalita e PlinioXavier. Mas quem ela encontra no comeco da rua da Frente e o comandante Dario que pergunta ao avista-la: 304

- Onde vai assim correndo, minha boa Carmosina? - aproximando-se

constata a alteracao da amiga, lembra-se de que ela devia estar na cama, se assusta. - Sucedeu alguma coisa? Dona Carmosina estende-lhe o jornal:

- Leia.

Ali mesmo, parado no meio da rua, o Comandante devora a cronica. Interrompe a leitura, pragueja: - Com mil demonios!

### **DE NOVA E DISCRETA CONVERSA NO ELEGANTE AMBIENTE DO REFUGIO DOS LORDES, DISCRETA APESAR DA GROSSURA - EM TODOS OS SENTIDOS - DE SUA EXCELENCIA**

- Meus caros, o que voces estao pleiteando e de lascar. o que eu devia fazer, era mandar meter voces na cadeia. Assim falou, para comeco de conversa, Sua Excelencia. Havia retirado o paletó; a rapariga nua, sentada sobre suas pernas, brincava com os suspensorios negros que sustentavam as calcas do eminente estadista, resguardando-lhe as banhas da barriga. No rosto avelhantado de Sua Excelencia, placas vermelhas. Os olhos astutos, os gestos lassos, a voz arrastada, a vulgaridade e a prepotencia.

O Magnifico Doutor nao responde, apenas sorri, espera que as meninas acabem de servir as bebidas e se retirem. Uma delas lembra Bety, toda ruiva, desperta-lhe o apetite. Quem sabe, ao fim da entrevista.

Tampouco o Velho Parlamentar se sente confortavel na presenca das raparigas. Nada tem contra elas nem contra o fato de estarem nuas, o Velho Parlamentar frequenta a casa ha seculos, habitue desde os tempos de Madame Georgette, quando o atual Refugio dos Lordes ainda se chamava Nid d'Amour. Gosta de raparigas e de ve-las nuas, nao existe melhor colirio para vista cansada, segundo afirma. Mas tudo tem sua hora e seu lugar e se o lugar e adequado para o nu artistico, o assunto nao o e para ouvidos estranhos, nao se devendo



misturar alhos com bugalhos. Uma das nudistas apoia-se no elegante guarda-chuva negro de propriedade do Velho Parlamentar. Educado em Oxford, o 305

Velho Parlamentar adquiriu hábitos e feições de lorde inglês: alto e magro, bem escanhado, bigode branco e altivo, traje cortado em alfaiate londrino, roseta na lapela, a aparência fleumática. Os modos populacheiros de Sua Excelência certamente lhe desagradam. Sua Excelência é o oposto de um lorde inglês e não fora a posição alcançada - pobre São Paulo! - dada de mão beijada por Vargas nos tempos da outra ditadura, posição renovada e mantida a custa dos mais variados e discutíveis recursos e alianças, jamais lhe seria permitida a entrada em círculo tão distinto e reservado.

Tendo Sua Excelência falado em cadeia, o Velho Parlamentar permite-se tossir, para adverti-lo da inconveniência de tratar assuntos de monta, de altos interesses e patrióticas ilações, na presença de garotas de indiscutível graça e tentador apelo mas decididamente impróprias para a ocasião e o elevado debate socio-econômico. Pigarreia com cautela, a medo: Sua Excelência, impulsivo, ao ser interrompido, por vezes reage com ofensiva brusquidão. Costuma tratar os auxiliares diretos, secretários, oficiais de gabinete, de ladroes - empregando aliás termo próprio pois o são e como! - e não respeita nem idade provecta nem mandato parlamentar dos correligionários, sobretudo agora com o poder legislativo tão por baixo.

Ao ouvir o tímido pigarro, Sua Excelência faz uma careta, a pique de abrir a boca para dizer o que pensa do Velho Parlamentar e de sua mania de prudência e discricção, mas se contém. De fato, o gracioso gesto da menina sentada em suas pernas, a lhe massagear sabiamente o cangote, é incompatível com reunião de trabalho: um estadista nem sequer num randevu pode se entregar ao necessário relax. Tratara de fazer a conversa concreta e breve. Com uma palmada no doce traseiro, desaloja a menina e a despede, recomendando:

- Esperem no quarto. - Sorri para a outra, a picante ruiva que

despertou o interesse do Magnifico Doutor, a seguir a cena, conformado. Nem tudo na vida sao flores, nao e mesmo? Muitas ruivas existem por ai. Seja tudo pelo bem da Patria! Saem as raparigas, garrido sequito, deixando as garrafas e os copos servidos. Uisque daquela marca nao existe no Palacio dos Campos Eliseos, somente encontrado no Joquei Clube e no Refugio dos Lordes. Sua Excelencia saboreia, conhecedor: - Isso, sim, e uisque, o resto e porcaria. Mando comprar do melhor, os ladroes compram uisque falsificado, embolsam o troco. Devia meter todos na cadeia. Voces tambem. A diretoria inteira.

O Audacioso Empresario, orgulhosa e ardega juventude, 306

saido de famosa Escola de Administracao e Economia onde hoje dita conferencias, apos brilhante curso de executivo nos Estados Unidos, competentissimo tecnocrata, um dos cerebros mais bem dotados da nova geracao, ameaca abrir a boca para replicar mas o Magnifico Doutor o impede com um gesto quase imperceptivel. Se ele protestar, vai por tudo a perder: assusta-se o testa-de-ferro pago tambem para evitar impensadas gafes dos senhores diretores, tecnicos formidaveis, politicos desastrados. Nao sao do ramo, como diz Sua Excelencia, quando se refere aos empresarios e - muito em particular - aos militares.

Ao ver Sua Excelencia sorrir, baixando os suspensorios, num gesto bonacheirao, parecendo um caipira, o Audacioso Empresario reconhece a experiencia e a habilidade do Magnifico Doutor; para tais missoes, imbativel em esperteza e tino. Sua Excelencia inicia a cobranca:

- O Senador pode dizer o trabalho que tivemos. O Velho Parlamentar, tranquilizado com a retirada das mocas, mas sempre contido como compete a um britanico ( seu ar britanico, sua elegancia londrina, definira um cronista parlamentar que lhe devia pequenos favores), concordou com um aceno de cabeça e reforcou a afirmacao de Sua Excelencia: - Uma trabalheira.

Sua Excelencia ia falando e despindo-se ao mesmo tempo, as meninas a espera no quarto:

- O Senador pode dizer tambem quanto tivemos de gastar... Um gesto apenas, mas significativo, do Velho Parlamentar para demonstrar a enormidade da quantia despendida. Sua Excelencia, de camisa e cuecas, a cinta dobrada sob o volume da barriga, levanta o copo, os demais o acompanham no brinde: - Hoje ninguem faz favores de graça, tudo e muito arriscado. Na situacao atual ninguem pode se considerar seguro. - Conta nos dedos: Trabalho, dinheiro e risco. Muito risco. Apesar disso obtive a autorizacao para o funcionamento da industria de voces. Mas, ja sabem: vao poluir longe daqui, Sao Paulo nao aguenta mais tanta fumaca. - Os olhos gananciosos passam do Magnifico Doutor para o Audacioso Empresario. - Outro nao conseguiria, so mesmo eu. Sabem o que isso significa?

- O pais ha de agradecer a Vossa Excelencia - pronuncia afoito e ingenuo o Audacioso Empresario. - O pais uma porra! - impulsivo, como se sabe, Sua Excelencia. Fita o Audacioso Empresario: esse sujeitinho pretende por acaso goza-lo? Desaparece a figura de caipira bonachao, ergue-se novamente o maioral, senhor de baraco e cutelo, aquele que poe e dispoe.

Imovel, britanico, o Velho Parlamentar pousa o olhar 307

confiante no Magnifico Doutor cuja voz meliflua, em tom menor porem audivel, coloca a gratidao em seus devidos termos: - O pais e a Brastanio, Excelencia. O Natal das crianas pobres de Sao Paulo a quanto subiu? Recorda-se, Excelencia? O Audacioso Empresario estremece ao ouvir a quantia absurda. Quer falar, obter uma reducao, mais uma vez o gesto quase imperceptivel do Magnifico Doutor o retém: com Sua Excelencia nao paga a pena pechinchar, e perigoso; a concessao da licenca ainda nao foi publicada e certamente nao o sera antes de tudo estar em ordem, a maquia depositada no banco, na Suica, como nos folhetins sobre vendas de armas e pocos de petroleo. Adianta-se o Magnifico Doutor, numa pergunta cuja resposta conhece:

- Como sempre?

- Exato.

Ao sair pela porta que leva ao quarto onde as duas mocas o aguardam, resignadas, Sua Excelencia, dirigindo-se ao Magnifico Doutor, aponta o Audacioso Empresario:

- Mudo, ele e melhor do que falando. Quando abre a boca, caga tudo. Mas voce, no dia que deixar esses ladroes, me procure, tenho colocacao para voce no meu gabinete. Apressada, uma das raparigas volta a sala em busca da roupa de Sua Excelencia. Apenas ela fecha a porta, o Velho Parlamentar eleva o guarda-chuva e pigarreja. O Magnifico Doutor entende, estende a mao para a pasta. Nao pergunta o custo do Natal dos pobres do Senado, acertara precos e valores com o Jovem Parlamentar, no inicio da longa e custosa operacao, ali mesmo, no Refugio dos Lordes.

Abre a pasta, preenche um cheque (ao portador, naturalmente). Para cada situacao, um lance, para cada parceiro, uma gorjeta, mais gorda ou menos gorda, sempre ponderavel. O Magnifico Doutor pensa em termos de gorjeta, gorjeta e o que se da a um criado mesmo se ele enverga esmoquingue, fraque ou casaca. Excitante partida de xadrez. Algumas vezes, raras, terminando em escandalo, em processo. Em xadrez, mediocre jogo de palavras. Suspende os ombros: no Brasil, ao que se lembre, nunca. De qualquer maneira, ha sempre um risco a correr quando se deseja gozar a vida ao maximo. Alem de ser estimulante diversao, empregar a inteligencia que Deus Lhe deu a mover as pecas: a calhordagem de Sua Excelencia, a hipocrisia do Velho Parlamentar, a presuncao do Audacioso Empresario. Tudo perfeito, nao fora ter perdido a ruiva, jogada suja de Sua Excelencia.

O Velho Parlamentar embolsa o cheque, depois de constatar- 308

lhe o montante: apenas o combinado, nem um centavo a mais, corretos porem avaros. O rosto impassivel nao demonstra a decepcao. Afinal, quem se empenhou, correndo risco, foi Sua Excelencia, por isso mesmo recebe aquela imensa bolada, em divisas, a salvo na Suica. Belo pais a Suica, longe todavia da perfeicao da Inglaterra. Vai levantar-se - ha uma menina, uma so, a mais novinha de todas, a espera-lo - quando o Magnifico Doutor

coloca outra questao, abrindo inesperadas perspectivas: - Sua Excelencia retirou-se antes que pudesse tratar do problema da localizacao...

- Em Sao Paulo, ja sabem, nao pode ser. Alias, em todo o Sul.

- Ja nos decidimos pela Bahia. O problema e onde, na Bahia... - o Magnifico Doutor expoe os dados do que ele chama de pequeno porem importante detalhe.

O Velho Parlamentar permite-se sorrir britanicamente, no fleumatico rosto de lorde uma nuanca de satisfacao. Ah!, os poderosos e necessitados empresarios terao de pagar caro, desta vez nao tratam com a sofrega inexperiencia do Jovem Parlamentar. Preco elevado, sirs. Para comecar, pela informacao confidencialissima, ainda circunscrita aos altos escaloes: consta que estao pedindo a cabeça de Sua Excelencia. Falam em cassacao, nada mais nada menos. Sim, exatamente por corrupto. Depois, o estabelecimento de novos contatos para resolver o pequeno porem importante detalhe, importante e grande problema, nem pequeno, nem detalhe, God save the King! Tudo tratado com discricao e finura, entre cavalheiros. Sua Excelencia e um grosso, um porcalhao, um asco, o oposto de um lorde.

## **DE ASCANIO TRINDADE ENTRE A CRUZ E A CALDEIRINHA**

No auge da discussao, falta de argumentos, imprensado contra a parede, Ascanio Trindade perde a cabeça, abandona a amabilidade habitual e, mandando para o inferno o respeito devido a situacao social, patente e idade dos interlocutores, grita para quem queira ouvir, no Areopago e na rua: - Nao e porque o Comandante tem uma casa em Mangue 309

Seco e quer gozar sozinho as delicias da praia que Agreste vai fechar

as portas ao progresso. Não será por causa de meia dúzia de privilegiados que recusaremos as indústrias que desejam se instalar em nossa terra. Agreste se redimira, doa a quem doer. Quase um discurso, sem falar na exaltação. Criatura de entusiasmo fácil mas de trato lúano e convivência agradável. Patriota às voltas com quimericos projetos para reerguer o decadente burgo, abarrotando de cartas as sessões de turismo dos jornais da capital, Ascanio reuniu até então a estima, o apoio e os aplausos unânimes de seus conterrâneos. O apoio e o aplauso dos importantes, pela cordialidade e deferência com que os acolhe quando tem algo a tratar na Prefeitura e pelo esforço despendido em prol de Agreste. Secretário da Prefeitura há seis anos, Ascanio realizara milagres, entre os quais o de colocar em dia o recebimento dos impostos municipais, pequenos, poucos e, ainda por cima, sistematicamente sonegados. Enfrentando o compadrio dos prefeitos, o total desinteresse do tesoureiro Lindolfo Araujo, galante presença a enfeitar o próprio da Municipalidade, funcionário relapso e nulo, a relutância de comerciantes e fazendeiros mal-acostumados, Ascanio conseguiu por ordem nas magras finanças da Prefeitura, sem se atritar com ninguém - contado não se acredita. A estima dos pobres, da cidade e do interior, pela atenção que dispensa a cada um dos numerosos e atrapalhados problemas trazidos ao chefe da comuna, em realidade a seu preposto, na esperança de solução ora simples, ora difícil, quando não impossível. Reivindicações, reclamações, queixas, desavenças, brigas de vizinhos, cercas movidas durante a noite modificando limites e rumos de sítios e posses, animais invadindo terreno alheio, um mundo de mesquinhas questões próprias a vida de um município pauperrimo, na maioria pessoais, sem nada a ver com a administração pública. Nem por isso Ascanio deixa de escutá-las e, frequentemente, de resolvê-las. Faz as vezes de prefeito, conselheiro e juiz, solucionando litígios, reconciliando desafetos, esclarecendo dúvidas, conduzindo ao casamento relutantes sedutores responsáveis pelo ventre inchado de incautas ou apressadas taboas, chega a receitar remédios para soltura dos intestinos, prisão de ventre e barriga d'água. Ouve com atenção infundáveis lengalengas de roceiros a propósito das manhas de um

maldito jegue ou das desventuras de um septuagenario abandonado pela mulher e pelos filhos, sozinho a lavrar arido e ingrato pedaco de terra. Sendo, quando preciso, veterinario e agronomo.

Para os assuntos de atendimento impossivel, encontra uma 310

palavra de animo, de consolo. Se bem o cargo de secretario da Prefeitura lhe especifique limitado numero de obrigacoes, o fato de Ascanio funcionar como representante ou substituto permanente do prefeito nao lhe deixa tempo livre. Sobretudo aos sabados quando infindavel romaria demanda a sede do executivo municipal, durante e depois da feira. Ele atende a todos, sem excecao.

Assim age sem nenhum interesse pessoal, gratuitamente, sem nada pedir em troca. Nao pede porem recebe. Recebe consideracao e viveres. Tratam-no de doutor, nao porque houvesse cursado tres anos de faculdade, mas por considerarem-no como tal, sapiente, sem particularizarem o titulo concedido, doutor disso ou daquilo. Doutor, simplesmente. Trazem-lhe pequenos presentes, mesmo quando nao necessitam consulta-lo.

Vale a pena ve-lo ao fim da tarde dos sabados, a caminho de casa onde, pitando o cachimbo de barro, a velha Rafa o espera: leva matalotagem com que se alimentar durante a semana. Dativas trazidas pelos roceiros e sitiantes, farto e variado mafua: pernis de porco e de cabrito, gordos capoes - cevei bem cevado para o senhor mandar fazer uma canjinha e ganhar sustancia, explica a velha vendedora de puba e mandioca -, olorosas jacas, cachos de bananas amarelecendo, raizes de inhame e aipim - aipim-cacau, doutor, mole de desmanchar na boca, garante o caboclo risonho e desdentado -, a fina farinha de mandioca, beijus molhados em leite-de-coco, quiabos, maxixes, chuchus e jilos, tudo escolhido para o moco paciente e bondoso. Fartura de mantimentos, servindo a quatro casas pois Ascanio divide carnes, farinha, espigas de milho, frutas, raizes e legumes com o capenga Leoncio e o sonhador Lindolfo - um dia se armara de coragem e embarcara na marinete de Jairo para enfrentar em Salvador os microfones ae uma estacao de radio ou as cameras da televisao - o qual, por sua vez, reparte a quota que lhe

coube com a familia do amigo Chico Sobrinho, em cujo lar acolhedor janta aos sabados e almoca aos domingos.

E necessario levar em conta, para explicar o destempero de Ascanio, que, a partir da tarde anterior, quando a noticia da cronica de Giovanni explodiu na cidade, sua vida nao tem sido facil. Encheram-lhe o sacco, essa a expressao justa. Jamais a popularidade de *A Tarde* atingira indices tao altos na regio. Todos queriam tomar conhecimento da cronica, onde encontrar exemplares do jornal? Habitualmente, o unico a disposicao do publico e o de propriedade de seu Manuel, colocado sobre o balcao do bar, folheado pelos fregueses, lido por Aminthas 311

e Fidelio. Nessa tarde, disputado quase a tapa, andou de mao em mao antes de sumir misteriosamente. A conselho de Aminthas, seu Manuel, baseado nas leis da procura e da oferta, tentara cobrar aluguel pelo emprestimo da gazeta, provocando revolta geral. O mesmo Aminthas propos, em revide, a imediata socializacao de todo o estoque de bebidas do bar, castigo para a ganancia do mondrongo. A atmosfera, entre jocosa e inquieta, participava do panico e da galhofa.

Quantas vezes, naquele fim de tarde e principio de noite, Ascanio tivera de repetir a mesma explicacao: parecia-lhe prematuro qualquer julgamento. Prematuro e injusto pois somente conheciam - quando conheciam - os argumentos do jornalista adversario da Brastanio, fazendo-se necessario, antes de expressar opiniao, de tomar partido, conhecer tambem as razoes dos diretores e tecnicos da Empresa.

A noitinha, quando se dirigia para o encontro sagrado com Leonora, na porta da casa de Perpetua - costumavam andar em volta da praca, de maos dadas -, caiu-lhe em cima o poeta De Matos Barbosa, exaltado, empunhando um exemplar de *A Tarde*, cedido pelo arabe Chalita, um dos cinco privilegiados assinantes. Durante horas, a tarde, Ascanio fugira dele, sabendo-o em lastimavel estado de animo.

A principio, o vate se considerara desmoralizado para sempre,



coberto de oprobrio devido ao poema perpetrado em louvor da monstruosa industria denunciada a nacao por seu querido e grande amigo Giovanni Guimaraes, excelso cronista, em carta aberta dirigida a ele, De Matos Barbosa, poeta e filosofo, atraves das colunas illustres de *A Tarde*. Honra imensa a penas superada pela desonra ainda maior resultante dos repudiados alexandrinos. Por sorte, a criançada enlouquecida com os brindes - brindes vagabundos, diga-se de passagem, abaixo da critica, umas merdolencias, qualificava o bardo, um tanto quanto tardiamente - haviam impedido a audicao dos renegados versos, ouvidos e aplaudidos no entanto pelos amigos presentes a tertulia em casa de Perpetua.

Correra para junto de Tieta ao ver-se envolto em vergonha e ela, a rir e pilheriar, levantara-lhe o animo, reerguendo-o das cinzas, levando-o a superar o abatimento e a partir para outra. Refeito vinha informar a Ascanio, a quem nao culpa pelo terrivel quiproquo, na certa tao inocente das criminosas intencoes da Brastanio quanto ele proprio que, atendendo ao grito de alerta de Giovanni Guimaraes, convertera a lira em arma de combate e estava produzindo a toque de caixa uma serie de poemas satiricos 312

e colericos, a maneira de Gregorio de Matos, os Poemas da Maldicao, com os quais pensa concorrer de maneira decisiva para impedir a concretizacao dos maleficos planos da excomungada Brastanio, arrancando a mascara, expondo a hipocrisia e a vileza dos criminosos diretores. Pelo proximo correio, enviara a Giovanni, para publicacao em *A Tarde*, os primeiros poemas. Desfraldara a bandeira da guerra. Quanto a execravel composicao anterior ja nao existe: Barbozinha destruiu os originais e desejava pedir a Leonora o favor de queimar em fogo purificador a copia feita logo apos a leitura. Cansado, em atraso para o encontro com Leonora, Ascanio nao tentou demove-lo da denuncia poetica, seria perder tempo e latim. Prometeu-lhe a destruicao da copia mas nao o enganou: reservava sua opiniao sobre o assunto para quando possuísse maior soma de informacoes. Mais informacoes, para que? Inuteis, fossem quais fossem, considerou o poeta, diante dos argumentos de seu excelso

amigo Giovanni Guimaraes, irrespondiveis. Nesse estado de animo, apos uma noite de mal dormir, com pesadelos onde admirou arranha-ceus magnificos erguidos nas dunas de Mangue Seco e reconheceu cardumes de peixes mortos, sem possuir ainda argumentos com que enfrentar e refutar as afirmacoes do cronista, Ascanio ouviu a leitura do malfadado artigo na integra, como se nao o houvesse lido e relido na vespera. Ainda mais funereo na voz encatarroada de dona Carmosina, entrecortada de tosse e de sarcasticos e corrosivos apartes; dela e do Comandante. Ao terminar, dona Carmosina lhe oferece uma copia datilografada, fizera tres: uma para ele, outra para o Comandante, a terceira para qualquer emergencia. A principio, cauteloso, disse que ia tirar o assunto a limpo, nao podendo devido a uma simples cronica, mesmo assinada por Giovanni Guimaraes, condenar projeto assim vital para a comunidade: a implantacao em terras do municipio de fabricas de uma industria cuja importancia e inegavel. No distante e abandonado coqueiral, em Mangue Seco, em terras desabitadas, sem nenhuma especie de serventia.

Distante e abandonado? Sem qualquer serventia? Cresceu a indignacao do Comandante: para Ascanio os pescadores de Mangue Seco nao existiam, nem eles nem os cidadaos de Agreste que possuiam casas de veraneio na praia. Impacientou-se Ascanio. Nao se referira a praia de Mangue Seco e sim ao coqueiral. O projeto da Brastanio - ele vira plantas e desenhos localizava-se bem mais abaixo e mais para dentro e nao ao lado da praia. Mesmo se alguma poluicao pudesse haver - e nao existe industria sem poluicao - nao atingiria nem os pescadores nem os veranistas.

313

Pouco a pouco, curiosos foram se juntando na porta e no passeio da agencia, a ouvir o empolgante debate. Dona Carmosina, animada com a presenca de publico, retrucou com cerrada argumentacao, superando as ansias da gripe: nao se trata de uma industria qualquer, de toleravel porcentagem de poluicao. Estava em jogo a producao de dióxido de titânio, Ascanio sabe por acaso o que isso

significa? Convidou-o a ler o artigo publicado em *O Estado de Sao Paulo*, a sentença do juiz Viglietta, o Comandante guardara o recorte. Uma fabrica situada no coqueiral nao somente atingiria a praia, tornando impraticaveis a pesca e o banho de mar, como destruiria a povoacao de Mangue Seco ao envenenar as aguas e o ar, transformando, como escrevera o juiz italiano na corajosa sentença, o oceano numa lata de lixo. Ascanio revidou ja esquentado, reduzindo as devidas proporcoes os evidentes exageros de dona Carmosina. Para comecar, disse, nao existe em Mangue Seco nenhuma povoacao de pescadores, apenas um aldeamento composto de meia duzia de casas de desocupados a servico do contrabando, puniveis por lei se a lei fosse cumprida. Os veranistas nao passavam de quatro ou cinco casais, a maioria preferindo ir para o arraial do Saco onde o banho de mar nao oferece perigo e existe muito mais conforto, inclusive armazem e igreja. Quanto ao volume da poluicao, compete aos tecnicos opinar e nao a um simples jornalista sem categoria cientifica.

De tao ofendida, dona Carmosina curou-se da gripe: Giovanni Guimaraes, ficasse Ascanio sabendo, nao era um simples jornalista e sim um grande jornalista, homem probo e culto, com um nome a zelar. Ascanio andava pela faculdade quando ele ali estivera em inesquecivel visita, por isso nao o conhece. Dona Carmosina nao admite que se tente diminuir-lhe a figura, por em duvida a capacidade e a honradez de um amigo sincero de Agreste. Reafirmou, veemente, sua disposicao, a dela e a do Comandante, de lutar por todos os meios contra o que haviam passado a denominar de a fumaca da morte, que, alias, conforme esclarece, douta e precisa, a propria dona Carmosina, e amarela e nao negra, nisso Giovanni se enganara.

Logo se arrependeu do desastrado exibicionismo pois Ascanio montou no erro do jornalista, apontado por quem? Por um adversario? Nao. Por sua maior admiradora e amiga. Se ate a cor da fumaca ele desconhece, imagine-se o resto. Onde melhor prova da incapacidade cientifica de Giovanni, otima pessoa, agindo de boa fe, acredita Ascanio, mas em materia cientifica um perfeito ignorante?

Nao basta ser autor de cronicas brejeiras... A historia da cor da fumaca provocou risos, Ascanio marcara 314

um ponto. Dona Carmosina ficou uma furia. Ao apegar-se a detalhe sem importancia, em meio a volumosa massa de dados concretos apresentada por Giovanni em sua cronica, Ascanio age de forma desonesta. Acusou, repetindo violenta e ofensiva: - Voce esta sendo desonesto! - soletrava a palavra rude: - de-so-nes-to!

Ao ver do Comandante, havia pior. Apontou algo que lhe parecia imperdoavel atitude de Ascanio: sabedor, ha muito, dos projetos da Brastanio, devido a sua condicao de secretario da Prefeitura, escondera-os da populacao, mentira, referindo-se a planos turisticos, fazendo-se assim cúmplice do crime projetado. Atitude que lhe parecia realmente pouco compativel com o exercicio de um cargo de confianca. Uma traicao a comunidade. Foi demais. Levantando-se, Ascanio despejou o saco cheio ate a borda, lancou as citadas frases sobre a meia duzia de privilegiados e as delicias que o Comandante deseja gozar sozinho, tentando egoisticamente impedir o progresso do municipio, a instalacao da industria redentora. Estende o braco e o dedo:

- O progresso de Agreste passa por cima seja do que for, seja de quem for! - afirmacao solene e agressiva. Atravessa por entre os curiosos, dirige-se para a Prefeitura. Aminthas, espectador mudo e aparentemente respeitoso, define a frase e a situacao:

- Uma declaracao de guerra! - Volta-se para Osnar: - Comecou a guerra da fumaca, mestre Osnar. Em que batalhao voce se alista? No da fumaca amarela ou no da fumaca negra? Osnar nao ri, apenas abana a cabeça, aquele assunto nao lhe agrada.

## **ONDE O COMANDANTE DARIO DE QUELUZ RECRUTA VOLUNTARIOS**

Ao leme da canoa a motor, Comandante Dario espera que Tieta conclua a leitura da cronica de Giovanni Guimaraes. Ele e dona Laura passarao em Mangue Seco o Ano-Novo e as festas de Reis. Tieta e Ricardo aproveitam a conducao e a companhia: vao 315

dar o empurrao final nas obras do Curral do Bode Inacio, certamente atrasadas devido ao Natal, qualquer pretexto serve aos praieiros para nao trabalhar. Tieta deseja inaugurar a biboca - assim a designa - antes da volta para Sao Paulo, marcada para imediatamente apos a instalacao da luz da Hidreletrica; nao pensara prolongar por tanto tempo a estada. Viera por um mes, terminara passando dois; para quem tem negocios a cuidar, um absurdo. Para o Curral, mandou fazer em Agreste uma cama larga, colchao de la de barriguda: nela se despedira de Ricardo quando chegar a hora de partir. Por intermedio de Asterio encomendou cadeiras e mesas dobraveis, camas de campanha; comprou redes na feira. Para os hospedes: o Velho e mae Tonha, as irmas, os sobrinhos, os amigos que utilizarao o Curral em sua ausencia. A primeira reacao de Tieta, apos a leitura, deixou o Comandante alarmado. Devolvendo-lhe as paginas datilografadas, ela comentou:

- Ha um dinheirao a ganhar, Comandante, nesta historia. - Dinheirao a ganhar?

- Nao foi o senhor mesmo quem me disse que essas terras do coqueiral nao tem dono, sao devolutas?

- Nao e bem assim. Donos elas tem, mas quais sao ninguem sabe direito. Modesto Pires comprou uma parte, a que era do pessoal do povoado. Foi ele quem me disse nao ter comprado mais devido a confusao, o coqueiral tem nao sei quantos donos, o que e o mesmo que nao ter nenhum.

- Pois entao: a gente compra esses terrenos para vender ao pessoal da Companhia. Compra por um, vende por dez, por dez ou vinte. Felipe era um craque nessas operacoes. - Deus me livre, Tieta. Nao quero ganhar dinheiro a custa da desgraca de minha terra.

- Comandante, se agente nao pode impedir, se nao tem jeito a dar, pelo menos ganha um dinheirinho. Quando Ascanio comecou com

essa historia de turismo, eu pensei em comprar terrenos por aqui.

- Primeiro, eu nao tenho com que comprar um gato morto; segundo, vai ser a maior dificuldade localizar os donos; terceiro - fez uma pausa antes de enunciar: - nao vou cruzar os bracos, Tieta, vou partir para a briga. Sou o homem mais pacato do mundo, mas essa gente nao vai poluir Agreste sem meu protesto. Isso nao.

A canoa pesada, impelida pelo motor de pouca forca, desce o rio sem pressa. A voz apaixonada do Comandante conquista a atencao de Ricardo. A principio, o seminarista seguira a conversa de ouvido distraido, o pensamento vagando na correnteza. Esses 316

dias em Agreste, as festas de Natal, deixaram lembrancas e marcas tenues mas persistentes. Ficaram-lhe na cabeca, fazem-se presentes e ele encontra sabor em recorda-las. Pela primeira vez, dera-se conta do interesse com que, na rua e na igreja, certas mulheres o fitavam. As mocas, debrucadas nas janelas, seguiam-no com os olhos, quando passava de batina, indo ajudar padre Mariano na missa ou quando atravessava a praca, shorte e camiseta, a caminho do rio. Cinira mordia os labios ao ve-lo, suspirava; dona Edna, essa nem se fala; comia-o com os olhos mesmo na vista do marido. Na festa dos brindes de Natal, Ricardo sentira o contato das ancas redondas de dona Edna abalroando-o, na confusao. A lembranca mais pertinaz e grata, porem, e a de Carol, semi-escondida atras da janela, segurando a cortina e sorrindo para ele, os labios abertos, carnudos, os olhos umidos. Ao percebe-lo vindo no passeio, Carol retirara-se da janela para melhor poder espia-lo e para lhe sorrir - coisas defesas ao seu estado de amasia do ricalhaco. Mais moca e mais escura que a tia, possuia o mesmo busto farto, identicos quadris, poderosos e maneiros, igual exuberancia de carnacao, quem sabe a mesma alegria?

Em Agreste, Ricardo nao se demorara a pensar naqueles meneios e sorrisos, labios mordiscando-se, ancas em navegacao sutil. Desfaziam-se na fumaca do incenso. Retornam na canoa, e no espelho do rio ele enxerga faces e gestos, nao lhe desagradam. A noite tera Tieta nos bracos, sobre as dunas, como da primeira vez.

Na presença do Comandante e de dona Laura, eram tia e sobrinho comportados. Ela dormia na cama de solteiro, ele na rede. Nas areias, no alto dos comoros, porém, sumia o parentesco, o vento levava os ais de amor para o outro lado do oceano. Há pouquíssimos dias começara tudo aquilo, parecia uma enormidade de tempo, pois Ricardo, nesse interim, fizera-se outro. Quantos dias? Quantos anos? Curioso que jamais se houvesse sentido tão próximo de Deus, tão convicto da vocação sacerdotal. Por que? Ao dizê-lo a Frei Timoteo, o franciscano não percebera contradição no caso, ao contrário.

- Você põe a prova sua vocação. Agora, está em paz consigo mesmo. Ricardo emerge desses pensamentos para escutar a veemente declaração do Comandante, a voz em crescendo: - Vou brigar e quando eu brigo é de verdade. - Pensa que vale a pena, Comandante? - ceticismo na interrogação de Tieta.

- É o que eu também pergunto - intervém dona Laura, preocupada.

317

- Mesmo que não sirva de nada, não vou deixar que destruam Mangue Seco sem que eu proteste.

A canoa corta a água, margeando o rio que se alarga a aproximação da foz. A paisagem ganha em beleza, avista-se ao longe o oceano, a correnteza torna-se mais rápida, a embarcação mais leve. A voz do Comandante baixa de tom mas conserva o acento de paixão, busca convencer:

- Escute, Tieta, pense no que vou lhe dizer. Se eu abrir a boca em Agreste para protestar, não vou conseguir nada, e a pura verdade. Vão me ouvir porque me respeitam, alguns ficarão de acordo, ninguém fará nada. O mesmo acontece com Barbozinha, não vai adiantar nada ele escrever tanta poesia. Talvez *A Tarde* publique algum poema, qual a serventia? Nenhuma. É capaz até que haja quem venha se divertir a custa dele, acusando-o de vira-casaca: primeiro elogiou, chamou os homens da companhia de Reis Magos, depois, quando seu nome apareceu no jornal, mudou de lado. Você sabe como é a língua do povo. - Coitado de Barbozinha! Está tão magoado. Quando soube da crônica, ficou feito doido, disse que

estava desmoralizado, me deu um trabalho...

- Foi atras de Ascanio, esta ai o resultado. - Ascanio nao tem culpa, ele tambem nao sabia nada dessa tal... Como e mesmo o nome?

- Brastanio.

- Falaram em progresso, mandaram brindes, Ascanio vibrou, podia acontecer o mesmo com qualquer um. - Nao nego. Ascanio meteu na cabeça que tem de reerguer o municipio, repetir a administracao de seu avo que foi o melhor Intendente de Sant'Ana do Agreste no tempo da carochinha. Botou luz na cidade, calçou as ruas, construiu o ancoradouro, o sobrado da Prefeitura. Basta ouvir falar em progresso, Ascanio fica maluco, com isso pode botar a perder tudo quanto nos temos: o clima, a beleza, a paz. Uma coisa eu lhe digo, Tieta: meu voto ele nao tera para prefeito.

- Nao diga isso, Comandante. Ascanio, com o amor que tem a Agreste, pode fazer muita coisa boa... - ... e muita coisa ruim. Antes, eu nao duvidava da honradez de Ascanio. Mas ele praticou um ato muito feio. - E qual foi?

- Ele sabia dos planos dessa gente, viu as plantas, os projetos, estava a par de tudo e calou a boca, ficou tapeando todo mundo com historias de turismo...

- O coitado nao sabia do perigo da tal industria... Parece que e o fim, nao e? Pelo que diz o jornal... - Se e... Nao pode haver nada pior. Vamos dar por certo que 318

ele nao soubesse do perigo. Mas como explicar que continue a defender a Brastanio mesmo depois do artigo de Giovanni Guimaraes? Hoje mesmo, de manha, na agencia dos Correios, ele disse as ultimas a mim e a Carmosina. Conheco o mundo, Tieta, aprendi que a pior coisa para um homem e a ambicao do poder. Nao ha honradez que resista.

Aponta para os comoros de Mangue Seco que surgem em meio a arrebetacao, erguidos diante do mar; do embate com os vagalhoes eleva-se uma cortina de agua. A voz do Comandante, ardente :

- Ja pensou, tudo isso coberto pela poluicao? O progresso e uma boa coisa mas e preciso saber que especie de progresso. - Pousa os



olhos em Tieta. - Voltando ao que eu dizia: se formos apenas eu, Barbozinha, Carmosina, uns dois ou tres mais, a protestar, pouco vai adiantar. Mas se voce, Tieta, se juntar a nos, levantar a voz, tomar a frente, ai a coisa muda... - Eu? Por que?

- Porque, para o povo de Agreste voce e a tal. Com razao: a luz da Hidreletrica, a velhinha salva no incendio, sua figura, a bondade, a franqueza, seu amor a vida. Para a gente de Agreste, depois da Senhora Sant'Ana, esta voce. O que voce diz faz lei. Nao se deu conta disso?

- Sei que gostam de mim, sempre gostaram. Quem me botou para fora de Agreste foi o Velho, com medo da lingua das beatas, nao foi o povo. Gostam de mim, mas dai... Por que hei de me meter, me diga Comandante? Adoro minha terra, penso vir acabar meus dias aqui, quando a idade chegar. Mas, dai a me meter numa briga dessas...

- E sua obrigacao, permita que eu lhe recorde. Voce diz que adora Agreste e e verdade: comprou casa na cidade, esta construindo outra em Mangue Seco, so lastimo que nao fique de vez, sem esperar a velhice. Sorriu para Tieta com amizade. - Voce ja pensou que, se cruzar os bracos agora, quando quiser voltar, nada disso existe, acabou tudo, Mangue Seco virou um esgoto da fabrica de titanio? Ja pensou no motivo por que nenhum pais do mundo quer essa industria em suas terras? Tieta nao responde, os olhos fixos na paisagem que vai se ampliando diante dela, a imensidao do mar de Mangue Seco. Sua terra, seu principio, ali comecou. Nos outeiros de Agreste, pastoreando cabras, nas dunas de Mangue Seco, coberta pela primeira vez. Sua terra? Seu comeco, sim. Sua terra, porem, e Sao Paulo, a cidade imensa, afarista, poluida, solitaria. La estao plantados seus interesses: o negocio rendoso, o mais fechado e caro randevu do Brasil, o Refugio dos Lordes, os apartamentos, a loja no andar terreo, um dinheirao mensal, cada vez maior, por que 319

ha de se envolver com as encencas de Agreste? Antes foi Tieta, a pastora de cabras, a soltar o berro de desejo nos comoros de Mangue Seco. Agora e Madame Antoinette, patroa de raparigas,

cafetina a serviço de milionários. Nada lhe cumpre fazer ali, nesses confins do mundo. Se poluírem as águas e os céus de Agreste, a beleza de Mangue Seco, tant pis. Na voz do Comandante, uma súplica desesperada: - So você, com seu prestígio, pode salvar Agreste. Endurece a face de Tieta, Madame Antoinette. Nada mais tem a fazer em Agreste, e tempo de retornar a São Paulo. Visitou a família, desfrutou da paz da terra, beneficiou os seus e a comunidade, atendeu aos pobres, basta. Nada mais lhe cumpre fazer, repete para si mesma.

Apenas deixar que as águas corram. Um dia voltará e, se valer a pena, retirada dos negócios, velha e respeitável senhora, ali passará os últimos anos de sua vida. Bom lugar para esperar a morte, dizia o caixeiro-viajante responsável pela surra e pela expulsão. Não fosse para vê-la e tê-la nos braços, nos esconsos do rio, fugiria do caminho que conduz aos infelizes limites de Agreste. Tinha razão: isso aqui só serve para se esperar a morte, clima de sanatório, tranquilidade e paz, paisagem incomparável. Vai responder um não redondo ao Comandante quando uma dúvida a atravessa: será que no mundo já não se tem direito a existência de um lugar, um único que seja, bom para nele se esperar a morte?

- Se você disser não, Tieta, acabou-se Agreste, e o fim de Mangue Seco.

Antes que ela abra a boca, a voz de Ricardo chega do fundo da canoa, imperativa:

- A tia vai dizer sim, Comandante. Não vai deixar que arrasem Mangue Seco. Senão, por que havia de fazer o Curral do Bode Inácio?

Tieta volta-se, seu menino cresceu, de repente virou homem feito. Num espanto o escuta, acento decidido, inflexível: - Li o artigo do jornal, Comandante, seu Barbozinha me mostrou. A tia não vai deixar que acabem com os peixes e com os pescadores. Nem ela, nem eu. Se achar que eu sirvo para alguma coisa, pode contar comigo, Comandante.

## **DA INAUGURACAO DA BOLSA DE IMOVEIS EM**

320

### **MANGUE SECO, QUANDO O JOVEM SEMINARISTA RICARDO DESATA O NO GORDIO.**

Em Mangue Seco, o dia esplendido de sol, a imensidao do mar, as dunas de areia, o infindo coqueiral, aparentemente a paz mais completa. Aparentemente, constataram pouco depois. Acompanhados pelo Comandante - dona Laura ficara na Toca da Sogra com Grippa, nas arrumacoes-, Ricardo e Tieta examinam os progressos da construcao da pequena casa de veraneio. O Comandante sorri ante o espanto da tia e do sobrinho: nao esperavam encontrar o telhado pronto e terminado. Os operarios nao folgaram na semana de Natal, fosse pela fama, fosse pelo dinheiro de Tieta, pelas duas coisas juntas e sobretudo pela assistencia do Comandante que substituiu Ricardo no controle das obras e lhes quisera fazer uma surpresa. Enquanto Tieta coberta de unguentos e Ricardo de cuidados permaneciam em Agreste, ele oferecera aos trabalhadores a cervejada comemorativa da cumeeira e prometera em nome da apressada proprietaria um bom agrado se antes do Ano-Novo o telhado estivesse colocado. Agora falta apenas cimentar o chao, pintar as paredes, aplicar as portas e janelas e cercar o terreno onde, numa esquina, o providencial e habilidoso comandante Dario havia fincado na areia o tronco em que gravara o singular nome da casa de veraneio de Tieta. Dali se ve a Toca da Sogra e o Nosso Cantinho, a ampla e confortavel vivenda de Modesto Pires. Distante da praia, nas margens do rio, avista-se a casa do doutor Caio Vilasboas, cercada de varandas, sem nome a designa-la. Estao acertando com os mestres pedreiro e carpina o andamento dos trabalhos finais, quando aparece o engenheiro Pedro Palmeira. Vestido apenas com uma sunga de banho, queimado de sol, um filho escanchado no pescoco. Rapagao jovial, de prosa

animada e riso fácil, bom companheiro de veraneio - disputa peladas na praia com os moleques e os pescadores jovens, carteira animado biriba, após a sesta, com a esposa, o Comandante e dona Laura -, naquela tarde parece preocupado. Sua primeira pergunta, mesmo antes de desejar bom dia, revela o motivo:

- Leram a crônica de Giovanni Guimarães? Que me dizem? - Pousa o menino no chão.

- Estamos ameaçados do pior - responde o comandante Dário.

- Não é mesmo? Hoje estive discutindo com seu Modesto 321

sobre isso. Ele pensa de maneira diferente da minha, vê um dinheirão a ganhar.

Escondendo um sorriso, Tieta olha para o Comandante a lembrar-lhe o começo da conversa na canoa. O rapaz, esgaravando a areia com um talo de palha de coqueiro, prossegue:

- Foi desagradável. Evito conversar sobre certos assuntos com seu Modesto, nossos pontos de vista raramente coincidem. Mas hoje não pude evitar, foi chato. - Corre a retirar o filho que mergulha nas sobras da massa de reboco. - Marta terminou chorando, seu Modesto, quando se exalta, não escolhe palavras. Para ele, o dinheiro passa antes de tudo. Antes dos valores fundamentais que estão ameaçados pela poluição da Brastanio, a isso não dá importância.

Tieta sente-se corar. Não pensara ela também, antes de tudo, no dinheiro a ganhar? Não propusera ao Comandante a aquisição das terras a margem do rio onde a fábrica pretende se instalar para revende-las com lucro? Fizera-se necessário o Comandante falar em paz, em beleza, no clima de sanatório, na felicidade do povo para que ela refletisse e pensasse naqueles outros valores, maiores - fundamentais, no dizer do engenheiro barbudo e preocupado -, o direito à saúde, à beleza, à paz, a um lugar bom para esperar a morte. Somente após Ricardo, seu menino de ouro, de ouro e diamantes, proclamar, em nome deles dois, militante solidariedade à causa de Agreste, ela se decidira.

- Seu Modesto interrompeu o veraneio, foi para Agreste, futucar no

cartorio as escrituras antigas para tirar a limpo a quem pertence o coqueiral.

- Nao vai ser facil descobrir. Uma vez, ele ja andou querendo saber, quando comprou a parte que pertencia aos pescadores e pensava fazer um loteamento. Nao conseguiu nada. - Porque desistiu, Comandante. Como o loteamento nao foi para a frente, ele desistiu. Mas agora disse que nao volta sem ter descoberto quais sao realmente os proprietarios - informa o genro. - Pelo que ele soube por um dos tecnicos da Brastanio que apareceram por aqui, antes de eu ter chegado, o local ideal para a fabrica, alias as fabricas pois sao duas, interligadas, fica um pouco mais abaixo dos terrenos dele, nas margens do rio. O tal cara queria saber a quem pertenciam para informar os diretores com vistas a negocio. Seu Modesto fez boca-de-siri, e claro. - Se andaram se informando na cidade devem estar certos que o coqueiral pertence aos pescadores ou que nao tem dono, e o que todo mundo pensa em Agreste.

322

- Seu Modesto me disse que comprou toda a area de propriedade dos pescadores.

- E verdade.

- Agora quer o resto, para revender a Brastanio. A essas horas, deve estar no cartorio, infernando doutor Franklin. Entretidos na conversa, nao repararam na aproximacao do austero doutor Caio Vilasboas. No veraneio, o medico abandona o formalismo habitual, despe-se do colarinho duro, passa o dia de pijama e, se e obrigado a sair de casa, acrescenta o guarda-po azul que usa quando toma a marinete de Jairo. Ao passar por eles, cumprimenta mas evita parar, leva pressa, anda em direcao a praia. Seguem-no com os olhos, curiosos.

- Sera que tem alguem doente? - preocupa-se o Comandante ao ver o medico desviar o rumo para as casas dos pescadores. - Doutor Caio nunca vem por essas bandas. O engenheiro palpita:

- Nao sera outro candidato a comprar o coqueiral? Pensando que pertence aos moradores?

- E isso, não é outra coisa, você acertou em cheio. A corrida está começando. Sabe, doutor Pedro, na canoa eu vinha dizendo a Tieta que a gente precisa reagir, protestar, impedir essa monstruosidade.

- De acordo, mas de que jeito? Como diz Giovanni Guimaraes, o pessoal do cacau tem força política, o do Reconcavo também. Mas aqui todo mundo vai achar que pode ganhar dinheiro com a instalação da fábrica.

- Se Tieta tomar a frente, o povo fica do nosso lado. O engenheiro concorda, sorri para Tieta: - Isso é verdade. Seu Modesto diz que o povo botou dona Antonieta no altar, junto da Senhora Sant'Ana. E teve por que. O ruído de um motor, descendo o rio.

- É o barco de Pirica - reconhece o Comandante. O barco enfrenta a arrebentação, traz um passageiro. Olho de marujo, comandante Dário o identifica: - Edmundo Ribeiro, por aqui? Não me diga que... O coletor, acompanhado do filho Leleu, desembarca na praia, em frente às cabanas para as quais se encaminha, os pés afundando na areia. O engenheiro completa a frase do Comandante, deixada pelo meio:

- ...veio em busca dos proprietários do coqueiral, sim, senhor. Com certeza.

323

- Mais um. Vai ser uma loucura. Temos de fazer alguma coisa, logo.

- O que é que se pode fazer? - pergunta o barbudo: - Se fosse em Salvador, agente mobilizava os estudantes, ia aos jornais, ameaçava com uma passeata. Mas aqui...

O Comandante coça a cabeça, pensativo. Protestar, sim, era indispensável. Mas, como? Que diabo podiam fazer mesmo com Tieta à frente, obtendo o apoio do povo? - Fazer o que? - também Tieta deseja saber. Vestido de calção de banho, descalço, torso nu, cor de bronze, parecendo mais um jovem pescador do que um levita do santuário, Ricardo volta a se fazer ouvir, voz sem apelação: - No dia que esses sujeitos aparecerem de novo em Agreste ou em Mangue Seco, a gente bota eles pra correr. - Hein? - exclama o Comandante antes de explodir de entusiasmo.

- Cardo! - exulta Tieta voltada para o sobrinho, seu menino, bode inteiro e macho, bodastro.
- Toque aqui - o engenheiro estende a mao ao seminarista. Por entre a meia duzia de choupanas, os vultos do doutor Caio Vilasboas e do coletor Edmundo Ribeiro cruzam-se, inaugurando a bolsa de imoveis na praia de Mangue Seco.

### **ONDE O AUTOR, UM SACRIPANTA, A PRETEXTO DE FORNECER DISPENSAVEL INFORMACAO, DEFENDE-SE DE SEVERAS CRITICAS**

Nao, nao pensem que quero me meter na briga recém- iniciada, quem sou eu? Ja defini minha posicao de completa neutralidade, narrador objetivo e frio, expondo fatos concretos. Nao venho tampouco comentar a visivel mudanca operada na maneira de ser do moco Ricardo. Apenas, mais uma vez constato a influencia de uma perfumada e gostosa - como direi? -, de um perfumado e gostoso favo de mel, inebriante rosa negra. Transforma gelo em fogo, carneiro em leao, seminarista devoto em estudante subversivo e arruaceiro.

324

Outro dia, escandalizado, meu amigo e companheiro de lides literarias, Fulvio D'Alambert (Jose Simplicio da Silva, bancario, na mediocridade da vida civil e burguesa; se por acaso ja forneci essa explicacao, aqui a repito, antes ser acusado de redundante do que de omisso), revelou-me que, em certos seminarios, atualmente, os estudantes leem e analisam Freud e Marx e nao o fazem para negalos, refutando-lhes as hereticas teorias, denunciando-os a policia politica a falta da Santa Inquisicao; uma vale a outra. Muito ao contrario, comentam-lhes os escritos entre elogios e aplausos. Nao

obstante a presença de Frei Timoteo no corpo docente, penso que os alunos do seminário de Aracaju não conheciam Marx e Freud nos idos de 1965 - data tão próxima, ainda ontem, parecendo contudo distante passado ante as transformações do mundo; ocorrem elas com tal rapidez que o tempo é jogado para trás, o presente se reduz a breve, fugaz instante. O encontro com os hippies, as repetidas conversas com Frei Timoteo, uma e outra coisa concorreram para a inesperada evolução do jovem mas, em definitivo, o que o fez outro, virando-o pelo avesso, foi a olente rosa negra, o succulento favo de mel onde sequioso e faminto mergulhou e renasceu. Emprego muito a propósito as imagens acima, rosa negra, favo de mel, metáforas destinadas a evitar palavras exatas e justas, seja por pernósticas, incompletas e feias as que não ofendem o pudor: vagina e vulva, por exemplo, terríveis palavras; seja por criticáveis e condenadas as que exprimem com vigor, exatidão e poesia, a docura, a graça, o calor, a eternidade, a perfeição: xoxota, xibiu, boceta. No texto anterior - ai de mim! -, utilizadas e repetidas.

Meu confrade e crítico Fulvio D'Alambert, a quem entrego as páginas escritas para correção gramatical, conselhos estilísticos e acentos, recriminou-me asperamente pelo uso e abuso de tais termos, por coloca-los na própria escrita literária, enfeando a linguagem, emporcalhando a frase. Por que tanto repetir palavras obscenas, por que voltar seguidamente ao maldito tema em copiosas referências aquilo que ele trata pudicamente de aparelho genital da mulher?

Mas pergunto eu: como não falar de coisa tão importante na vida do homem? Por que lhe dar nomes asperos e agressivos, poluindo-lhe a beleza e a graça? Por que lhe negar os doces apelidos nascidos da língua grata do povo? Na mesa do bar, quando Aminthas, Fidelio, Seixas, o vate Barbozinha, o diligente Ascanio começam a discutir altas filosofias, a desovar conhecimentos em maratonas intelectuais, Osnar, chateado, a bocejar, protesta:

325

- Como vocês perdem tanto tempo discutindo essas besteiras, quando se pode falar de boceta, coisa adorável? Osnar, afirma dona



Carmosina, e nisso concordo com a sabichona, por vezes nos lava a alma.

Aproveito, alias, a referencia a malta do bilhar para responder a outra restricao feita pelo caro e meticoloso Fulvio D'Alambert a presente narrativa. Chama-me a atencao para o fato de nao ter sido o leitor informado da profissao de tres dos quatro compadres de continua presenca nas paginas deste melodramatico folhetim. De Osnar se sabe a condicao invejavel de cidadao apatacado, vivendo de rendas; e os demais? Falou-se da tendencia a humorista de Aminthas, do fanatismo pelo som moderno e do parentesco com dona Carmosina, nada disso definindo profissao ou fonte de receita. Sobre Seixas, apenas referencias as primas, um rol delas; de Fidelio, nada se conta, fugidio individuo. Concordo com a critica, confesso o erro, dou a mao a palmatoria. Tem razao o amigo Fulvio D'Alambert ao apontar-me a grave lacuna, a falta de informacao assim importante, direi mesmo fundamental: o meio de vida de certos personagens. A economia condiciona o mundo e dirige as acoes humanas, ensina Marx aos seminaristas. Ou e o sexo, como aprendem em Freud? Confusao medonha. Aproveito-me dela para fornecer a informacao, redimindo-me da negligencia. Sao os tres, Aminthas, Seixas e Fidelio, funcionarios publicos. O primeiro, federal, os dois outros, estaduais. A par da condicao de servidores da Nacao e do Estado dos tres rapazes, o leitor nao mais os pensara desempregados, troca-pernas, boas-vidas. Troca-pernas, boas-vidas, de acordo; desempregados, nao. Chego por fim ao motivo unico dessa minha intervencao. Desejo apenas informar os nomes dos cinco assinantes de *A Tarde*. Sao eles: Modesto Pires, o arabe Chalita, Edmundo Ribeiro, doutor Caio Vilasboas e seu Manuel Portugues. O sexto exemplar, como se sabe, vem, gratuito, para dona Carmosina, oferta da gerencia. Apos a publicacao da Carta ao Poeta De Matos Barbosa, a explosiva cronica de Giovanni Guimaraes, o numero de assinaturas passou de cinco a nove, dona Carmosina - ela sempre sai ganhando - embolsou polpuda comissao. Polpuda em termos de Agreste, naturalmente... Tudo no mundo e relativo, como diria Einstein, desconhecido dos seminaristas de Aracaju.

## **DA FORMOSA LEONORA CANTARELLI, ESTENDIDA NA REDE, ENTRE CABRAS E BALEIAS, SOB UM SOL AZUL**

326

A formosa Leonora Cantarelli, estendida na rede, na varanda da casa de Perpetua, recolhe o apressado beijo de despedida de Peto, cujas obrigações de torcedor, acrescidas do receio de sofrer castigo devido a imprudentes palavras, chamam-no ao bar onde, a partir das cinco, começa um torneio de bilhar disputado pelos melhores tacos da cidade. Peto não dispensa o beijo da prima quando chega e quando se despede. Leonora diverte-se com as manhas do garoto, a esperteza e os olhos astutos. Fora disso, terno e solícito, sempre às ordens das parentas paulistas, pronto para qualquer serviço. Pela tia Antonieta tem verdadeira idolatria, o que não o impede de brechar-lhe os decotes, de alegrar a vista nos detalhes expostos.

Após a partida de Barbozinha para a agência dos Correios Peto permanecera fazendo companhia a Leonora, narrando-lhe peripecias de pesca. Saira rio abaixo naquela manha, com Eliezer, na lancha. O peixe mordida que dava gosto, carapebas enormes; o molinete e a vara trazidos de presente pela tia Antonieta para Cardo revelaram-se legais paca. Voltara com o sambura cheio de carapebas e robalos deste tamanho - marcava o tamanho com as mãos -, dera a tia Elisa, comeriam no jantar peixe pescado por ele, Peto, rei da isca e do anzol. Tia Elisa é legal no tempero, de se lambem os beicos. Bonita também, a mulher mais bonita de Agreste, para comparar-se com ela só mesmo Leonora. - Entre a tia e a prima, o pareo é duro. Se eu tivesse de escolher, ficava com as duas.

As antenas sempre ligadas, Perpetua escuta ao passar, repreende:

- Que falta de respeito é essa, moleque? Isso é coisa que se diga? Quer ficar de castigo?

Peto capa o gato antes que a mãe decida mandá-lo fazer uma hora de banca ou o obrigue a acompanhá-la à igreja para a chatice das devoções vespertinas; no bar os campeões devem estar se reunindo.

Pisca o olho para Leonora, rouba-lhe o beijo, e quando Perpetua o procura - cade esse endemoninhado? - nao lhe percebe nem o rastro. Queixa-se do filho mais moco enquanto explica a Araci como arear os talheres para deixa-los reluzindo; aproveita a presenca da moleca para uma faxina geral, a casa anda um brinco.

- Esse menino me consome a vida. Ricardo nao me da trabalho mas Peto nao sei a quem saiu. Parece filho de Tieta... - tapa a boca com a mao, arrependida, nao va a sirigaita contar a 327

madrasta.

- E um menino otimo - elogia Leonora.

- Voce e que e boa, fecha os olhos para as bobagens dele. - Desaparece no quarto do oratorio.

A sos, Leonora retoma os livros de autoria do poeta De Matos Barbosa, emprestados pelo autor: dois de versos, um de pensamentos filosoficos. Emprestimo feito debaixo de muitas recomendacoes. Tomasse cuidado pois ele possui apenas aqueles unicos volumes e as edicoes estao ha muito esgotadas. De uma delas o exemplar vale hoje verdadeira fortuna, e ainda assim quem possui nao quer se desfazer. Tiragem limitada, fora de comercio, ilustrada com dez gravuras de Calasans Neto, a cores e em preto-e-branco, financiada por amigos do poeta, fora vendida a subscritores quando a embolia o ameacou de morte ou, pior, de mudez, cegueira, paralisia, cadeira de rodas. Com o produto da venda direta, obtivera dinheiro para pagar quarto particular em hospital e as contas de farmacia. Medicos, tivera dos melhores, de graca; quem, em Salvador, nao conhecia e estimava o poeta De Matos Barbosa e sua mansa loucura? Ao entregar os envelhecidos tomos, folheando com Leonora a bela edicao dos Poemas deAgreste, revendo as ilustracoes, Barbozinha filosofara sobre a vida, os caprichos do destino. Aquele fora o ultimo livro que conseguira publicar. Recuperado porem marcado pelo derrame, a voz presa, o passo tardo, aposentado da funcao publica, partira para o voluntario exilio na placidez da terra natal, distante das portas de livraria, dos animados cafes e das tertulias, das colunas dos jornais , do sucesso

e do renome. Enquanto isso, daquelas primeiras cabras e baleias, talhadas na madeira ha onze anos, para ilustrar poemas sobre os outeiros de Agreste e os comoros de Mangue Seco, inesperadas baleias vindas do mar, em navegacao no rio Real, cabras com dengues e meneios de mulher, alteando-se sobre as rochas, disparara o jovem gravador Calasans Neto - o caboclo Cala, um porreta, assim o trata e define o vate Barbozinha - para rapida e gloriosa carreira, hoje nome nacional, com exposicoes inclusive no exterior, em Nova Orleans e em Londres, sim senhora, minha gentil amiga. Assim e a vida, uns subindo, outros descendo a rampa, constata ele sem amargura: tendo vivido numerosas existencias, encamado tantas e tantas vezes, esses altos e baixos nao o apoquentam. Muito menos agora quando o fraterno Giovanni Guimaraes, glorioso e popular cronista de *A Tarde*, o retira do ostracismo para lhe entregar o estandarte da luta contra a poluicao. Compusera, em duas noites de inspiracao e raiva, cinco 328

*Poemas da Maldicao* para marcar com o ferrete candente da poesia a face podre dos vendilhoes da morte. Viera com ideia de os ler para Tieta, musa eterna e singular dos livros publicados, braco e coracao a sustenta-lo quando o raio o atingiu e o vate encontrou-se soterrado sob a humilhacao da versalhada em louvor a Brastanio, aquela abjecao por ele produzida devido ao engano em que lamentavelmente incorrera em companhia de Ascanio, ambos inocentes vitimas da perfidia. Aproveitou para agradecer a encantadora silfide ter destruido, nas chamas purificadoras, a copia do corpo de delito, apagando-se assim, para todo o sempre, a lembranca da infamia; os originais ele os havia igualmente transformado em cinzas. Nao encontrando Tieta, a ingrata nao o informara da ida para Mangue Seco, declamou para Leonora dois dos cinco poemas redentores: os outros tres, ele os considerava impublicaveis em jornais ou revistas, improprios para recitativo, defesos a ouvidos inocentes. Para Tieta, viuva, intima e velha amiga, musa permanente, se animaria a dizer-los. Para Leonora, nao, pois retomando o estro de Gregorio de Matos, ele, De Matos Barbosa,

baixou o pau com vontade, em linguagem vigorosa e aspera, nos criminosos diretores da Brastanio. Em certos versos, como negros e brutos diamantes, cintilam palavras - a imagem e do proprio Barbozinha.

A chegada de Peto, com o ruidoso entusiasmo de pescador bem sucedido, apressou a partida do bardo para a agencia dos Correios onde ia postar os poemas e longa carta para Giovanni Guimaraes. Antes, porem, declamaria poemas e carta para a amiga Carmosina. Essa, se bem donzela, pode ouvir qualquer barbaridade, nao se escandaliza.

La se foram, primeiro o poeta, cachimbo apagado, passo lento, ardente coracao; depois o garoto, sem-vergonha e afetuoso, no espanto da primeira adolescencia.

Leonora contempla as gravuras, cabras e baleias, pedras e montes, a moca com o bastao e um estranho sol azul a nascer sobre as aguas ribeirinhas, extravagancia ou insolencia do artista. Nao a surpreendeu, porem, aquele sol azul, era-lhe familiar. Desde o desembarque em Agreste, Leonora se sentia cercada por uma atmosfera diafana, em tons celestes, um mundo magico, irreal, onde nao cabe a maldade; nem a maldade nem a desgraça. Os labios murmuram as duas estrofes do repudiado poema de Barbozinha, aquelas onde o vate se referiu a Ascanio Trindade, capitao da aurora.

Encurrulado capitao, ha dois dias e duas noites sem repouso, a face intranquila, os olhos injetados, as marcas da insonia. Na 329

primeira noite, quase mudo. Andando com Leonora em torno a praca, tomara da mao da moca e a prendera entre as suas, em busca de apoio e seguranca. A cronica no jornal deixara-o doente. Pouco a pouco, talvez porque ela nao houvesse feito comentario nem perguntas, ele falou do problema. O destampatorio de Giovanni Guimaraes deve possuir alguma base concreta - disse -, uma parcela de verdade mas ele, Ascanio, sem querer adiantar nenhuma afirmacao, tem quase certeza de haver imenso exagero na exaltada diatribe do jornalista, resultante quem sabe de que obscuras razoes.

Alguma poluição ha de decorrer da industria de titânio, todas as fabricas poluem, umas mais, outras menos. Não acredita, porém, naquela apavorante historia de perigo mortal para a flora e a fauna, para o rio e mar. De qualquer maneira, antes de tomar posição, devem esperar que a denuncia do jornalista se confirme ou se reduza, colocada nos devidos termos pelos especialistas competentes. Leonora suspendeu-lhe a mão e a beijou: Ascanio tem razão, e preciso esperar, talvez tudo isso não passe de tempestade em copo d'água.

Na noite seguinte, a da vespera, fora ainda mais difícil. Habitualmente Ascanio arranja no decorrer do dia pelo menos dois ou tres motivos para aparecer em casa de Perpetua, pedindo licença para entrar por um momento ou chamando Leonora a janela, ela dentro da sala, ele no passeio: um dedo de prosa, um sorriso, um beijo. Naquele dia, porém, não aparecera. Leonora tivera noticias, por dona Carmosina, da violenta discussao travada pela manhã na agencia dos Correios. Depois, o Comandante passou com dona Laura para buscar Maezinha e Ricardo mas não fez referencia ao incidente, de Ascanio, nem sinal. Após o jantar, na hora sagrada, ele chegou, serio e triste. Leonora esperava-o na porta, Ascanio não quis entrar nem mesmo para dizer boa noite a Perpetua. Atravessaram para o jardim da praça onde mocas e rapazes namoram, circulando aos pares. Houve um tempo de silencio, pesado, depois ele perguntou: - Já soube?

- Da discussao? Já.

- Horrível. Perdi a cabeça, destratei o Comandante, uma pessoa muito mais velha do que eu, um homem de respeito. Mas ele me acusou de desonesto.

- O Comandante? Pensei que tivesse sido Carmosina. - Ela só me xingou, no ardor da discussao, não tem importancia. Mas o Comandante falou que eu menti, que, estando a par dos planos da fabrica, nada disse, enganei todo mundo. Para ele, eu me revelei indigno da confiança depositada em mim. Não sei se isso é verdade, mas o resto é: menti, escondi o que sabia, 330

procurei tapear os outros. Mas eu juro que só fiz isso para o bem de Agreste. O doutor Mirko, você sabe quem é, me pediu segredo pois nada estava ainda decidido e se a coisa viesse a público podia botar tudo a perder. Para mim, o interesse de Agreste passa por cima do que quer que seja.

Como o fizera na véspera, Leonora levou a mão de Ascanio aos lábios e a beijou. O rapaz sorriu, um sorriso tão triste que ela pode medir quanto ele estava magoado e temeroso. Então, ali mesmo em plena praça, sob uma árvore, sem se preocupar com a presença dos casais de namorados, ela se deteve e, tomando-lhe do rosto, o beijou na boca. Para que ele e todos a soubessem solidaria incondicional.

Na rede, admirando as gravuras, as altivas cabras, as parcas baleias, o grande sol azul, sonho e realidade, Leonora conta os minutos. Pela manhã, Ascanio mandara Leoncio com um recado: tem pela frente um dia muito ocupado com os problemas do calcamento da rua da entrada da cidade - Leonora se encontra a par do complot festivo, da projetada homenagem a Joana D'Arc do Sertão - mas se conseguir tempo passara a vê-la, a qualquer hora. Nos lábios de Leonora esvoacam os versos de Barbozinha sobre o capitão da aurora.

Badala o sino da Matriz anunciando cinco horas da tarde. O capitão da aurora está cercado de ameaças e perigos. Apenas ele ou ele e ela, o idílio de Ascanio e Leonora, o sol azul de Agreste? Onde a altivez, o entusiasmo, a certeza de triunfo do Capitão Ascanio Trindade a comandar o progresso, derrubando os muros do atraso, acendendo esperanças no burgo morto e no peito de Leonora? Murcho, inquieto, triste, quase derrotado. Vencido ou vitorioso, pouco importa, meu amor.

Ei-lo que irrompe porta adentro, sem sequer pedir licença, de novo altivo, entusiasta, triunfante, nas mãos um maco de jornais, a notícia de asfalto próximo no Caminho da Lama e a placa com o nome da rua dona Antonieta Esteves Cantarelli (cidadã benemerita).

**DO CALCAMENTO DA RUA, DA PLACA E DA  
MANCHETE  
NO  
JORNAL,  
QUANDO  
ASCANIO  
TRINDADE REASSUME A AMEACADA FUNCAO DE  
LIDER, CAPITULO TODO EM FLASHBACK**

331

Encontra-se Ascanio Trindade na entrada da cidade, entre a Praça do Mercado e a curva da estrada, acertando com o mestre-de-obras Esperidiao do Amor Divino detalhes do calcamento da rua, por onde fios e postes da Hidreletrica penetrarao em Agreste, quando a atrasadissima marinete buzina - espantoso som! - e logo surge numa nuvem de poeira, aparicao ao mesmo tempo familiar e surpreendente, fulgurante. Ao perceber o secretario da Prefeitura, Jairo freia o veiculo, ouvem-se guinchos e explosoes, a marinete estremece, salta, dança, ameaça derrapar, desconjuntar-se, partir-se ao meio, estanca. O velho e indomavel coracao do motor prossegue descompassado a pulsar - Jairo nao e besta de desligalo; quem garante que ele voltara a pegar? Naquele dia ja lhe fez poucas e boas.

Ate aquele momento, quando Jairo usou os freios provando-lhes nao apenas a existencia mas tambem a qualidade das pecas de fabricacao antiga, as de hoje nao valem nada, o dia fora extremamente desagradavel para Ascanio. Desde a primeira leitura da cronica de Giovanni Guimaraes sua vida tem sido um pesadelo. A partir da conversa com doutor Mirko Stefano, o Magnifico Doutor - assim o designara a secretaria executiva, a mesma que depois apareceu vestida de Papai Noel, na ocasio em que viera a frente do batalhao de tecnicos - ate a explosao da cronica, Ascanio erguera maravilhoso, imenso castelo, prevendo sensacional futuro para Agreste e para ele proprio. As chaminés das fabricas construidas em



Mangue Seco propiciam o progresso: estrada asfaltada, larga, quem sabe de duas pistas, quase autoestrada, cidade modelo, no coqueiral, para operarios e empregados, moderno hotel em Agreste em edificio de varios andares, comuna prospera e rica. A Brastanio, pioneira, abre o caminho para varias outras industrias desejosas todas de se beneficiarem das condicoes impares do municipio. A frente de tudo isso, comandando, administrador competente, proficuo, incansavel, pleno de ideias e capaz de executa-las, um estadista, Ascanio Trindade, prefeito de Sant'Ana do Agreste, ora marido, ora noivo da bela e virginal, virginal, nao, da bela e candida herdeira paulista Leonora Cantarelli. Por vezes prolonga o tempo de noivado, periodo de docuras quando o desejo vai conquistando direitos e territorios corpo afora, pouco a pouco; por vezes casa logo, na urgencia de enxerga-la no lar e de imagina-la gravida, o ar angelical amadurecendo com o crescer do ventre.

Castelo de cartas, a explosao o levou pelos ares, a ele e a seguranca do moco. Viu-se de subito em meio a um vendaval igual aos que se abatem em certas ocasioes sobre Mangue Seco, arrancando coqueiros pela raiz, desfazendo as cabanas dos 332

pescadores,  
revolvendo

o

oceano,  
levantando  
incríveis

redemoinhos de areia, mudando a posicao e a altura das dunas. Quando termina e a paz retorna, a paisagem modificou-se, lembra a anterior mas ja e outra, diferente.

Ascanio recusa-se a aceitar as afirmacoes de Giovanni Guimaraes sobre os maleficios resultantes da industria de dióxido de titânio, apegando-se a condicao do jornalista, leigo na materia, incompetente a respeito de questoes cientificas. Mas, se for verdade o que ele assegura e denuncia, assessorado quem sabe por fisicos e quimicos? A cronica ressuma extrema seguranca, como se o autor

tivesse absoluta certeza de tudo quanto afirma. Tudo nao, pois a propria dona Carmosina, apaixonada partidaria do artigo, nele descobrira erro primario, relativo a cor da fumaca. Se errou nesse detalhe, pode ter Giovanni errado em todo o resto. Mas, se a parte a cor da fumaca, no restante ele tiver razao? Sendo assim tao perigosa essa industria, mortal para os peixes, acabando com a pesca e os pescadores? A verdade e que atualmente ha uma verdadeira mania de se ver poluicao em toda parte, de se atribuir as chaminés das fabricas as desgraças do mundo. Que posicao deve ele tomar, em definitivo? Se ficar provado exagero de Giovanni Guimaraes, o problema sera de facil solucao. Mas se, ao contrario, os entendidos vierem em seu apoio? Rompera Ascanio com o Magnifico Doutor, recusando-lhe a autorizacao e as facilidades prometidas para a instalacao da Brastanio no municipio ou enfrentara o perigo da poluicao, considerando mais importante para o futuro de Agreste a transformacao economica da zona, a riqueza resultante da industrializacao do que a escassa pescaria da reduzida colonia de Mangue Seco, a limpidez das aguas, a beleza do rio? Como agir, que posicao, que partido tomar? Abrir mao de tudo, dos projetos administrativos e dos sonhos de noivado e casamento, para garantir a permanencia do clima puro, da beleza clara, da modorrenta paz? A que servem o ceu puro, a agua clara, a beleza, a paz? Bom lugar para esperar a morte; com o correr do tempo a frase do caixeiro-viajante torna-se repetido lugar-comum, verdade patente. Antes de enfrentar o perigo, sacrificar uns poucos pescadores - e com isso por fim ao contrabando na barra do rio Real, que ha quase um seculo resiste as espacadas incursoes da policia -, sujar as aguas, em troca de riqueza, do movimento, do incontido progresso. Sao poucos e contrabandistas os pescadores de Mangue Seco; sao numerosos, serios e trabalhadores os do arraial do Saco, do outro lado da barra, e a morte dos peixes, o envenenamento das aguas atingira toda a foz do rio, o mar em frente. Meu Deus, e de enlouquecer qualquer cristao ou marxista o contraditorio universo das razoes em causa. Ascanio, farto, 333

exausto, os nervos em ponta, tenta liquidar o ultimo argumento a perturba-lo recordando que, localizados a praia e o arraial do Saco em terras de Sergipe, o destino dos pescadores que ali vivem nao e problema dele, administrador de municipio baiano. Nao se convenceu.

A prova de que nao se convenceu foi a decisao tomada na Prefeitura, pela manha, em relacao ao indispensavel calcamento do Caminho da Lama, na entrada da cidade, para as festas da inauguracao da luz da Hidreletrica. Urge dar inicio ao trabalho, dentro de um mes os postes chegarao as ruas de Agreste e se acendera a luz de Tieta. Por via das duvidas, fazendo das tripas coracao, Ascanio resolve deixar de lado as mirabolantes promessas do doutor Mirko Stefano e retomar o plano anterior, modesto calcamento de pedras - pedras sobrando no rio e nas colinas, a unica coisa realmente barata em Agreste alem de mangas e cajus - financiado pelos apatacados da terra; correria a lista, mendigo publico, mais uma vez.

Decidido mas esmagado, desabitualmente irascivel e ranheta, mantem longa e dificil conversa com mestre Esperidiao, acertando prazo e preco para a empreitada. Ascanio a deseja rapida e barata, Esperidiao considera inaceitaveis as magras propostas do secretario da Prefeitura, levando em conta sobretudo a limitacao do tempo: devera contratar quantidade de trabalhadores, entrar pela noite adentro trabalhando, e ainda assim vai ser dureza entregar a obra na data precisa. Terminam por ir ao local, examinar de perto.

Conseguem chegar por fim a um compromisso sobre o orcamento quando Jairo freia a marinete e a poeira sufoca Esperidiao do Amor Divino, magricela e esporrento. Voltando a respirar, o mestre-de-obras reclama:

- Estao falando por ai em poluicao, como se essa desgracada marinete nao estivesse acabando com os pulmoes da gente ha mais de vinte anos.

Jairo desce, segurando dois pacotes, descansado, indiferente as tres horas de atraso, as paradas, a volubilidade do motor naquele dia de humor bastante instavel: - Duas encomendas para voce, Ascanio.

Essa, foi Canuto quem mandou. - Um embrulho largo, ainda na embalagem original, endereçado a Canuto Tavares por uma firma da capital. Ao recebe-lo, Ascanio apalpa o pacote:

- Sei de que se trata: Volta-se para Esperidiao: - E a placa da rua. Chegou mais cedo do que eu esperava. - Esse outro, foi Miroel, da agencia de passagens, quem me deu, dizendo que era urgente. Parece ser coisa importante, veio no 334

onibus que faz a linha direta de Salvador a Aracaju. Parou em Esplanada, so para deixar esse troco. Esta entregue. Rapidez e eficiencia. - Ri.

Entrega, ri e fica a espera. Roido de curiosidade, aguarda a abertura dos embrulhos. O primeiro, como Ascanio previra, contem a placa para nova rua, com o nome de dona Antonieta em letras brancas sobre fundo azul. Jairo e Esperidiao aproximam-se para admira-la, Ascanio a encomendara na Bahia, em firma especializada, por intermedio de Canuto Tavares. O funcionario relapso da agencia dos Correios e Telegrafos e uma especie de correspondente de Agreste em Esplanada, a cujos prestimos Ascanio recorre com frequencia.

Apressada e decidida passageira, dona Preciosa, diretora do Grupo Escolar, levanta-se e toca a extraordinaria buzina da marinete, espantando passaros - Jairo nao se enxerga: indiferente ao atraso enorme, ainda salta para conversar, quando estao, finalmente, na reta da chegada. O pacote, dirigido a Ascanio Trindade, Dinamico Prefeito de Sant'Ana do Agreste, URGENTE, assim em maiusculas e ainda por cima em vermelho, contem jornais e uma carta. Enquanto a poluicao sonora da buzina poe calangos em fuga, Ascanio abre um dos jornais e seu rosto se descontrai, desaparecem a irritabilidade, a fadiga, a amargura, ao ler, em letras garrafais, manchete em primeira pagina: A BRASTANIO DESMASCARA UM IMPOSTOR e ao constatar, num relance, nao ser outro o impostor desmascarado senao o cronista de *A Tarde*, Giovanni Guimaraes. Surgindo na porta da marinete, dona Preciosa ergue a voz acida e ameacadora, habituada a ralhar com meninos, reduzindo- os ao silencio e a obediencia, a verruga a tremer, indaga: - O bate-papo vai demorar

muito, Jairo? - Já estamos indo, dona Preciosa. - Quem respondeu foi Ascanio, andando para a marinete, seguido por Jairo e Esperidiao. Segura os jornais como quem segura ouro, pedras preciosas, remédio contra a morte.

## **DAS RAZOES A FAVOR**

Irrespondiveis argumentos, os de Giovanni Guimaraes, na 335

opinio do vate Barbozinha, em conversa com Leonora. Não ha mais o que discutir, disseram dona Carmosina e o Comandante: o cronista de *A Tarde* pusera o preto no branco, os pontos nos ii. Não pensavam assim proprietarios e diretores de outros jornais, a prova esta em frente a Ascanio Trindade, sobre a mesa do prefeito. Exemplares de dois diarios da capital nos quais, em fartas materias, as opinioes negativas do articulista em sua Carta ao poeta De Matos Barbosa viram-se sujeitas a completa revisao, aspera critica e desagradavel confronto com as responsaveis declaracoes de cientistas de peso e de administradores conscientes de seus deveres. Um desses jornais estampa a manchete agressiva, vista por Ascanio antes de embarcar na marinete onde, excitado, a releu, constatando a violencia do tratamento aplicado a Giovanni: impostor, nem mais nem menos. A gazeta não levou em conta o renome do articulista, a simpatia e a consideracao a cerca-lo. Longo editorial, em negrito e corpo doze, canta loas a Brastanio, em frases e adjetivos junto aos quais os louvores de Barbozinha no excomungado poema empalidecem. No momento em que o Governo do Estado conclui as obras do Centro Industrial de Aratu, criando as condicoes para um surto novo na vida da Bahia, a localizacao na Boa Terra de uma industria da importancia da Brastanio, fundamental para o desenvolvimento do pais, e a mais auspiciosa noticia do ano que

termina, um inigualável presente de Natal a população do Estado - afirma o artigo-de-fundo. Pode-se proclamar ter sido a Bahia contemplada com a sorte grande ao ser escolhida pela ilustre diretoria da Empresa que se propõe aplicar em nosso Estado capitais de vulto antes aqui desconhecido em se tratando de empreendimentos privados. Há quem fale, naturalmente, em perigo de poluição, mas os negativistas sempre existiram, em qualquer parte e ocasião, opondo-se ao progresso, pregoeiros da desgraça. São vozes isoladas e de duvidosa procedência, servindo a escusos interesses. Se, por simples curiosidade, nos detemos a examinar a biografia política dessas aves de agouro a grasnar infâmias, localizaremos de imediato ranço ideológico suspeito, a marca registrada de Moscou. Nesse tom, todo o editorial. Não cita o nome de Giovanni Guimaraes mas está na cara.

Cita-o, porém, na entrevista concedida ao mesmo jornal, um dos dinâmicos diretores da Brastanio - Indústria Brasileira de Titânio S/A, o jovem vitorioso empresário Rosalvo Lucena, economista de reputação nacional, diplomado pela Fundação Getúlio Vargas, da qual logo se tornaria professor, Managerial Sciences Doctor pela Universidade de Boston. Começou o titular 336

de tantas excelências levando Giovanni na gozação, ameno cronista sem nenhum conhecimento científico, deveria manter-se nos limites dos fúteis acontecimentos quotidianos, no comentário de casos de polícia e de vitórias e derrotas no futebol, ao que sabe, seus temas prediletos, não se metendo a dar palpite naquilo que ignora, transformando-se de cronista em impostor, tentando lançar a opinião pública contra um empreendimento de alto teor patriótico que significaria para o Brasil economia de divisas, ampliação do mercado de trabalho, riqueza. Sobre o imaginado e inexistente perigo mortal que as fábricas da Brastanio representariam, segundo o odioso foliculario, melhor será ouvir a opinião de um técnico de competência indiscutível, o doutor Karl Bayer, nome familiar a todos quanto se interessam pelos problemas do meio ambiente. Num retrato em três colunas Ascânio vê, no centro da página, o dinâmico

doutor Rosalvo Lucena, o ilustre cientista Bayer e o simpatico doutor Mirko Stefano ao lado do nosso diretor quando da visita realizada a redacao desta folha.

O ilustre tecnico, em texto extremamente cientifico e ininteligivel, por isso mesmo de muita forca de conviccao, respondendo a tres perguntas - por ele mesmo redigidas pois esses reporteres sao uns analfabetos em materia de problemas ecologicos -, liquidou o assunto. Com grande gasto de elmenita, cloreto, Australia, catalisador, pentoxido de vanadio, necton e plancton, efluentes, provou por *a* mais *b* nao passar de balela toda essa conversa de perigo de poluicao, de morte de peixes e contaminacao das aguas, desprezivel demagogia. Quem ha de duvidar, diante de tanta ciencia?

No outro jornal, nao menos entusiasta da instalacao da Brastanio, industria de salvacao nacional, primordial, fator de reerguimento da economia baiana, o engenheiro Aristoteles Marinho, da Secretaria de Industria e Comercio, deu sua penada a favor da Empresa. Perigo nenhum, garante o tecnico, despojado de termos dificeis e de efluentes, competencia modesta se comparada a do germanico Bayer. Importante, porem, pois reflete o pensamento da administracao estadual que, tendo, segundo ele, estudado acuradamente o assunto, levando em conta os interesses vitais da populacao, concluiu pela perfeita inocuidade e pela extrema importancia da industria a ser implantada no Estado pela Brastanio. Termina afirmando que os baianos podem dormir descansados, o governo esta vigilante e nao permitira ameacas as terras, as aguas e ao ar nos limites da Bahia. Quando fala em governo, refere-se ao Estadual e ao Federal, indissoluveis na defesa dos recursos naturais e da saude do povo. 337

Os jornais - alguns exemplares, de cada um dos dois - vieram acompanhados de uma breve carta do doutor Mirko Stefano, dirigida ao caro amigo doutor Ascanio Trindade, na qual lhe informa ter a Brastanio contratado os servicos de uma empresa de viacao e obras para realizar estudos e apresentar projeto para o alargamento e a

pavimentacao dos cinquenta quilometros da estrada a ligar Agreste a Esplanada. A mesma empresa asfaltara, por conta da Brastanio, a rua da entrada da cidade, conforme o prometido. Em breves dias, as maquinas e os tecnicos chegarao. Nao se refere nem aos jornais nem a Giovanni Guimaraes.

## **REFLEXAO DO AUTOR A PROPOSITO DE NOMES E TECNICOS**

Cansado do esforco feito para manter incolume minha propagada e prudente posicao de narrador objetivo, evitando envolver-me na polemica ao resumir e transcrever opinioes divergentes, expostas em cronicas, editoriais, topicos e entrevistas, permito-me curta reflexao sobre nomes de familia e maneiras de agir de tecnicos fora de serie, famosissimos, cujas conclusoes ditam lei. Faco-o no desejo de evitar ao leitor engano e confusao. Em tempos bicudos, quando o livro se transforma em artigo de luxo em lugar de ser, como deveria, objeto de primeira necessidade igual ao pao e a agua (alias, tambem absurdamente caros, nao existe mais nada barato a nao ser aporrinhacoes e tristezas), nao posso permitir que o leitor, tendo empregado seu rico dinheirinho na compra de exemplar deste empolgante e volumoso folhetim - duas qualidades intrinsecas aos bons folhetins - seja levado a conclusoes erroneas. O que poderia suceder se nao for esclarecido de imediato detalhe referente ao cientista Karl Bayer, cuja entrevista a uma folha de Salvador teve o essencial de seu profundo conteudo incluído em capitulo anterior. Sintetizado, pois sendo a entrevista longa e preta de ciencia fisica, quimica, ecologica e quejandas, sua transcricao na integra nao me pareceu recomendavel. Para dizer a verdade, a ciencia do doutor Bayer, de tao volumosa e macica, torna-se massuda e enfadonha. Deixemos, porem, esse detalhe de lado e falemos do nome de familia do doutor, assunto primeiro desta reflexao. Bayer -



sobrenome famoso, ostentado por Herr Professor Karl.  
338

Famoso, conhecidissimo, por isso mesmo dando facilmente lugar a confusoes de perigosas consequencias. Apresso-me assim a dizer que, ate onde posso assegurar, nao e o professor membro da familia de nacionalidade alema, proprietaria de grandes industrias e emporios quimicos espalhados pelos quatro cantos do mundo. Nacionalidade significando, no caso, capital, capital social e de giro; em tempo de multinacionais, ainda mais do que o lugar do nascimento e o sangue, o dinheiro determina a nacionalidade. Ao topar com Herr Professor Karl Bayer ditando regras no capitulo anterior, gritei aleluia, sonhei imortalidade academica e premios literarios (em pecunia, se possivel), pensando estivesse nosso folhetim cumulado de honra devido a presenca entre a pobre humanidade de Agreste de um dos grandes do mundo, um Bayer. Nas paginas iniciais deste fiel relato das aventuras de Tieta, expressei a esperanca de que, no decorrer da narrativa, nela surgisse, para gloria de quem a redige (mal e porcamente), a figura de um magnata, de um dos verdadeiros donos da Brastanio. Um grande patrao, nao um borra-botas qualquer, Magnifico Doutor, Managerial Sciences Doctor, Moco ou Velho Parlamentar, Sua Excelencia, todos assalariados, ocupando altos postos, muito bem pagos, em certos casos pagos em divisas, mas nenhum deles um verdadeiro patrao. Ao ler o nome Bayer encimando a entrevista, pulsou-me disparado o coracao, imaginando estar diante de um dos legendarios reis da industria mundial. Fatal engano: trata-se apenas de mais um testa-de-ferro, tecnico reputado e alemao porem Bayer bastardo, nao passando de simples coincidencia. Busco esclarecer o detalhe pois, segundo li alhures, estao os Bayer legitimos associados a industria de dióxido de titânio em mais de um pais. A transcriçao da entrevista do Bayer espurio poderia sugerir, por consequencia, solerte e malevola intencao de caracterizar a existencia na Brastanio de capitais germanicos, majoritarios e colonizadores. Ora, o carater nacional e patriotico da Brastanio tem sido repetidas vezes afiancado

e eu não pretendo discutir tal afirmação. Nem retifica-la, nem ratifica-la. Mantendo-me a margem, apenas esclareço, cumprindo obrigação de autor imparcial, ser o Bayer da entrevista um Karl qualquer, técnico de renome e nada mais: não possui ações na companhia. Se os outros Bayer, donos de meio mundo, tem dinheiro e mandam na empresa, não sei nem desejo saber. Meta a mão em cumbuca quem quiser, não eu, macaco velho.

Evitando assim qualquer confusão no espírito do leitor, antes de retornar ao folhetim propriamente dito, gostaria de acrescentar uma palavra sobre a atuação desses capacitadíssimos técnicos, pagos a peso de ouro. Palavra de pouca valia por ser de leigo em 339

materia científica - mais leigo ainda do que o cronista Giovanni Guimaraes, cujas boas intenções estão dando nesse bode todo - não obstante capaz, quem sabe, de revelar curiosa circunstância na aplicação dos incomensuráveis conhecimentos desses senhores cuja opinião, como se disse atrás e em seguida se provará, dita leis e orienta governantes.

O Herr Professor Karl Bayer foi categórico: nenhum perigo de poluição. Com isso liquidou os últimos escrúpulos de certos homens de governo aparentemente receosos da propalada capacidade poluidora da Brastanio. A segurança expressa pelo competente técnico não significa no entanto inflexibilidade; tudo no mundo depende de hora e lugar e de quantia em jogo. Amanhã Herr Bayer pode mudar de opinião, afirmar exatamente o contrário e nisso reside a grandeza (e a fortuna) dos técnicos fora de série. Sou levado a essa conclusão lendo nos jornais notícia da chegada ao Brasil de outro técnico ilustre e infalível. Vem por conta de multinacional com matriz nos Estados Unidos negociar contrato de risco para prospecção de novos campos petrolíferos garantindo, no maior entusiasmo, possuir nosso subsolo incomensuráveis reservas do cobiçado ouro negro. Trata-se do mesmo

competente  
especialista  
outrora

contratado

por

governantes nacionais para tirar a limpo de uma vez por todas a existencia ou nao de petroleo no Brasil. Foi ele ainda mais categorico, explicito e peremptorio em sua resposta negativa do que, na polemica sobre a Brastanio, o conclusivo Bayer. Apos meses de estudo, pesquisas, prospeccoes, banquetes, garantiu, sob palavra de honra, a total, absoluta ausencia de petroleo no subsolo brasileiro: nem uma gota para remedio, na terra e no mar. Nao passando toda e qualquer afirmacao em contrario de agitacao subversiva, a servico de Moscou, merecedora de severa repressao. Embolsou regio pagamento e, se nao me engano, recebeu de lambugem magna condecoracao pelos servicos prestados ao Brasil. Sua opiniao fez lei e varios individuos foram trancafiados no xadrez, entre os quais um certo Monteiro Lobato, escritor de profissao, teimoso brasileiro irresponsavel a ver petroleo onde petroleo nao havia; inexistencia provada e comprovada pelo relatorio de Mister... Como e mesmo o nome do porreta? O nome o leitor pode ve-lo nos jornais, onde brilha de novo, agora afirmando exatamente o contrario sobre a existencia do petroleo no subsolo brasileiro, na terra e no mar, pago dessa vez por seus patricios. No caso, nascimento e dinheiro coincidem para lhe dar a nacionalidade norte-americana, uma das melhores entre as atuais.

Quem sabe, com o passar do tempo, nosso Herr Professor Bayer mudara tambem de opiniao. Quanto aos outros Bayer, os 340

magnatas, a esses pouco importa se a industria de dióxido de titânio polui ou nao. Se polui, o faz bem longe deles, em ignotas terras da Bahia. A fumaca mortal, amarela ou negra, nao os alcanca, cabe-lhes apenas recolher os lucros do capital aplicado e das gorjetas pagas a sabichoes e a excelencias.

## DA MORTE E DO BORDAO

o velho Ze Esteves morreu de alegria, conclui Tieta ao tomar conhecimento dos detalhes finais. Caira morto, envolto em riso quando, tendo fechado negocio para a compra da terra e do rebanho, voltou ao curral com Jarde Antunes e seu filho Josafa. Nao fizera por merecer morte assim tao leve, segundo o comentario do genro, em cuja casa se realiza o velorio. Asterio murmura a medo aos ouvidos do amigo Osnar: - Ruim como a peste. Botou fora tudo que tinha mas nem com a pobreza baixou a crista, vivia dando esporro em todo mundo. De repente, esse farturao, Tieta lhe satisfazendo todas as vontades e ainda por cima as cabras, deu nisso. Conversam no passeio, a sala repleta. Pela janela, enxergam Tonha, numa cadeira ao lado do caixao. Ali sentada, obediente, silenciosa, as ordens do marido como durante toda a vida. Asterio Simas conclui, olhando a sogra:

- Um carrasco. Perto dele ninguem levantava a voz. Nem Perpetua: Retifica: - So Antonieta. Dizem que desde menina. Do outro lado do esquife, Perpetua leva o lenco aos olhos secos, arfa o peito em inexistentes soluços, enquanto na cozinha, assistida por dona Carmosina, Elisa prepara cafe e sanduiches para ajudar a travessia da noite.

Acontecera no caminho de Rocinha, em terras de Jarde Antunes, nas encostas de um morro, cabecos de capim ralo, figos-da-india, penhascos, paisagem agreste e aspera, propria para os pes e os olhos de Ze Esteves, nativo daquele chao. O rebanho bem tratado, dando gosto ver. Zeloso, Jarde cuida pessoalmente dos bichos e da mandioca desde o raiar do sol. Seu pedaco de terra limita com a propriedade de Osnar, onde a mandioca, o milho, o feijao, as cabras, as ovelhas e os trabalhadores sao administrados pelo compadre Lauro Branco, que com certeza o rouba nas contas 341

mas lhe da descanso e despreocupacao, uma coisa pagando a outra e, ao ver de Osnar, por preco ainda assim barato. Josafa, caboclo

forte, de olhar arteiro, ouve o pai falando das cabras e do bode, sabe quanto lhe custa a decisao finalmente tomada, e se pergunta a razao por que homens como Jarde e Ze Esteves sao de tal maneira apegados a uma terra safara e ingrata, de aridos outeiros carecas, a uns bichos ariscos. Ainda adolescente, a exemplo dos demais rapazes de Agreste, Josafa abandonara os pais e a casa de barro batido, rumando para o Sul. Comecara varrendo o armazem de seu Adriano, em Itabuna; em dez anos chegara a socio e realizou o sonho de sua vida: adquiriu uma roca de cacau, pequena ainda, produzindo por volta de quinhentas arrobas, mas um bom comeco. Isso, sim, valia a pena, lavoura de rico. Cultivar cacau era o mesmo que plantar ouro em pe para colher em barras, duas vezes por ano. Mandioca e cabras, labuta de pobretoes.

Todos os anos, por ocasio das festas de Natal e Ano-Novo, Josafa, bom filho, visitava os pais. Ha dois anos a mae morrera e desde entao tenta convencer Jarde a vender posse e rebanho e ir com ele para Itabuna; se nao pode viver longe do campo, venha ajuda-lo na roca de cacau, nas terras fartas de Itabuna. O pai resistia, nao desejando mudar de chao mesmo por outro mais fertil, cacau em lugar de mandioca, bois e vacas em lugar de cabras. Mas desta vez, ao chegar, Josafa ouve noticias das transformacoes e novidades de Agreste. Armou-se entao de tais argumentos que Jarde nao teve como contesta-lo, inclusive porque lhe fez ver ser ele, Josafa, proprietario de metade daqueles bens, heranca da mae. Fe-lo a contragosto mas nao podia perder aquela oportunidade de ganhar um dinheiro realmente grande para aplicar em novas rocas de cacau. Curvou-se o velho, na casa do sem-jeito. Ao saber da decisao de venda, anunciada por Josafa no Bar dos Acores e transmitida ao sogro por Asterio, Ze Esteves se pos imediatamente a caminho, percorrendo os tres quilometros e meio a separar as terras de Jarde das ruas da cidade. O preco nao lhe pareceu alto, apenas o pagamento tinha de ser a vista. De volta a Agreste, Ze Esteves contou e recontou o dinheiro escondido, pe- de-meia acumulado em cerca de doze anos, a partir do primeiro cheque enviado pela filha rica de Sao Paulo. Tem para pagar mais de metade mas ainda falta um bocado de dinheiro. No mesmo passo, retornou a presenca de

Jarde e Josafa. Propos entrar com a maior parte e completar o restante mes a mes. Josafa recusou: quer o dinheiro todo de uma vez, nao se dispondo a financiar nem um tostao. Por que nao pede a sua filha? Para ela 342

nao e nada, uma ridicularia - perguntou, enquanto o velho Jarde, calado, se retirava, deixando a conversa por conta dos dois. Foi ver as cabras sob o sol, por seu gosto morreria ali, nos outeiros calvos, perto dos bichos indoceis.

Pedir a filha, facil de dizer, dificil de fazer. Ze Esteves coca a cabeça. Tieta, no pouco tempo que leva em Agreste, comprara a mansao de dona Zulmira, uma das melhores residencias da cidade, onde ele e Tonha vao viver como lordes, mandara nela fazer obras - na opiniao de Ze Esteves dispensaveis, onde ja se viu em Agreste moradia com dois banheiros, cada qual maior? - adquirira terreno em Mangue Seco onde construia casa de veraneio, gastos enormes, um dinheirao e tudo pago no contado. Tieta nao mede despesas para ter conforto; toca o bonde para a frente, exigindo o melhor: moveis, utensilios, banheiras mandadas vir da Bahia. Banheiras, imagine-se! Para que diabo? Essa gente do Sul nao sabe mais o que inventar.

Quando Tieta quer uma coisa, nao discute, vai pagando. Mas Ze Esteves nunca soube que ela quisesse encostas de morro plantadas de mandioca, outeiros de figos-da-india e pedras onde saltam cabras. Josafa deu-lhe prioridade ate o dia seguinte. Nao vendo outra solucao, Ze Esteves almoca as carreiras, aluga o bote de Pirica, desce o rio para Mangue Seco. - Por aqui, meu Pai? Que foi que deu em vosmice? - Tieta leva-o a ver a casinha quase pronta onde Ricardo, de brocha em punho, ajudando na caiacao, lhe pede a bencao. O velho repara no neto: o corneta desasnou, nem parece o rato de sacristia do comeco das ferias.

Tieta prossegue, enquanto visitam a obra: - Alguma novidade nos trabalhos da casa? Aperte seu Liberato, tome o exemplo de Cardo que botou o pessoal daqui para trabalhar a toque de caixa. Quero dormir em nossa casa em Agreste, antes de ir embora.

- E tu esta querendo ir?

- Assim liguem a luz nova. So espero a festa. Vim por um mes, vou passar quase dois. Ja pensou?

- Para a festa tu tem de ficar pois foi tu, minha filha, quem botou essa luz em Agreste. A quem se deve agradecer o beneficio? Tieta sente por detras do elogio, a agitacao e o acanhamento do pai: - A que veio, Pai? Me diga.

- Quero tratar um assunto com voce.

- Pois fale que eu lhe ouco.

- Aqui nao - diz em voz baixa, apontando com os olhos Ricardo, os trabalhadores, a Toca da Sogra onde o comandante Dario, que o acolheu a chegada, esta estirado na rede, lendo. 343

- Entao venha comigo, vamos ver se vosmice ainda tem pernas para subir um combro

O minusculo maio deixa a vista mancha escura e recente na parte interna da coxa de Tieta, que explica: pancada de um caibro, ali, na obra. Ela e Ricardo, para dar o exemplo, trabalham de operarios. Ouvindo a explicacao, Ricardo sorri a socapa. Sorte o maio cobrir a bunda, o ventre, o entre-pernas. Recorda a voz da tia, entre gemidos:

- Doido, tu vai acabar me obrigando a andar de calcas compridas aqui, na praia

Tambem Tieta esconde um sorriso ao contar do caibro escapando-lhe das maos. Adorado caibro, alem dos labios e dentes vorazes; a juventude, a areia e as ondas. Ah!, o amor na praia, na fimbria do mar, caricia de espumas. Anjo revel, terei forcas para desprender-me de teus bracos e partir?

Sob a canicula do comeco da tarde, pai e filha sobem as dunas, em silencio, ela pensando nas sublimes estrepolias de Ricardo, ele buscando a palavra precisa para colocar a premente questao. Resolve-se:

- Tenho um pedido a te fazer, minha filha. - Peca, meu Pai, que, se eu puder, atendo, vosmice sabe. - E a coisa que mais desejo no mundo mas tu tem sido tao boa comigo, tem me dado tanta satisfacao que fico com medo de abusar.

- Ora, Pai, deixe disso que vosmice nunca foi dessas cerimoniais. Quando vosmice queria uma coisa so nao pedia se pudesse tomar. Va, peca.

Diante deles se abre passo a passo a paisagem violenta, fascinante e infinita. Naquele mar-oceano pai e filha temperaram a alma, crestaram a pele ao contato do vento de areia, cortante fio de punhal. O cajado, inutil no chao movedico, atrapalha mais do que ajuda na subida. O Velho sente o esforco, ja nao possui a agilidade e a resistencia de antes quando, atras de raparigas, escalava os comoros a correr e saltava sobre as pedras dos cabecos para segurar e montar cabras em cio, nao lhe bastando a mulher - jovem e bonita trazida dos rocados. Ainda assim avanca sem se queixar do escaldante sol de verao, o pensamento no pedido e na resposta.

La em cima, depois de contemplar por um instante o panorama insolito, sentam-se sobre uma palma de coqueiro. Tieta se ajeita para encobrir outra mancha ainda maior. Felizmente a ventania varreu a marca dos corpos sobre a areia e na praia o mar lavou a lembranca noturna dos embates. Imagine vosmice, Pai, sua filha e seu neto na descaracao. Assim como eu vi vosmice se 344

pondo nas cabras.

- Tu bem sabe, minha filha, que passei a vida criando cabras. Depois que tu partiu as coisas desandaram, acho que foi castigo de Deus - coca a cabeça, a areia incrusta-se nos cabelos brancos e crespos, duros capuchos de algodao - por minha ruindade te botando para fora de casa. So pode ter sido. - Nao fale nisso, Pai. Ninguem se lembra mais, esqueca tambem.

- Castigo, sim. Acabei perdendo tudo e se tu nao tivesse vindo em meu auxilio, ia acabar mendigando porque se dependesse de Perpetua eu morria de fome e Elisa nao tem onde cair morta. Tu me deu de um tudo mas, antes que Deus me chame, queria ainda ter uma alegria, alem dessa de te ver, que eu nao merecia.

- Pai, pare com essas galantezas, nao sao de seu feitio nem precisa me gabar tanto. Diga logo qual e essa alegria que vosmice tanto deseja. Se eu puder, lhe satisfaco. - Poder, voce pode, nao sei se vai



querer. Como lhe disse, dou a vida por meio metro de terra e um casal de cabras. Um casal, tres ou quatro, meia duzia e ja e demais, da para ocupar meus dias.

- Se bem entendo, vosmice quer ter outra vez uns alqueires de terra e umas cabeças de cabras, e isso? - E mais um bode, um bodastro bem inteiro, parecido com Inacio, tu te recorda dele? Nunca mais houve um bode igual aqui em Agreste.

- Se me recordo? Botei o nome dele em minha biboca: Curral do Bode Inacio. Ele nao atendia a ninguem, nem a vosmice, mas vinha comer na minha mao. Entao, o Pai quer ter terra e rebanho, de novo. A gente pode pensar nisso. Ou vosmice ja tem alguma coisa em vista e veio de trato feito? - Ninguem pode lhe esconder nada, minha filha, voce nasceu inteligente, saiu a mim. Elisa e tola, saiu a Tonha. Perpetua e enrolona e tratante...

O Velho ri, riso encatarrado, de fumo de corda, cavo e grosso, satisfeito e cumplice. A areia voa sobre eles, entranha-se nos cabelos anelados de Tieta, na crespa carapinha de Ze Esteves. - Guardei todos os meses uma parte do dinheiro que tu mandava, tirando o bastante para o aluguel e para a comida, juntando o resto na ideia de um dia comprar uma nesga de terra e um par de cabras. O que juntei da para pagar bem mais da metade do que Josafa esta pedindo pela criacao de Jarde. Mas ele quer tudo a vista, nao fia nem um vintem. - Acrescenta, para anima-la: - Vendo o dinheiro vivo, e capaz de fazer uma reducao. 345

- Quanto falta, Pai?

Tieta pensa na maleta, entupida de notas quando desembarcou, agora quase vazia. Fizera despesas grandes em Agreste, comprara uma casa, construiu outra, adquirira moveis, encomendara na Bahia banheiras, latrinas e espelhos, ajudara meio mundo. Um pedaco de terra, cabras e um bode inteiro para alegrar os ultimos anos da vida do velho Ze Esteves, dinheiro jogado fora. Nao ja lhe deu seguranca na velhice, nao vai tira-lo do buraco em que vive para residir em casa confortavel, para Agreste luxuosa? Ainda quer mais? Um abuso. Tieta nao gosta de abusos nem e de desperdicios.

Reflete-se a aflicao no rosto suplice do Velho, ali parado, a espera da resposta, no alto das dunas de Mangue Seco, nas maos o bordao do tempo em que possuia rebanho grande e impunha sua vontade as filhas baixando-lhes nas pernas e nas costas a taca de couro cru e aquele mesmo cajado de pastor. Ao senti-lo agoniado, Tieta recorda Felipe a lhe explicar quanto e mais profunda e pura a alegria de dar do que a de receber, quando, para satisfazer-lhe a fantasia e a vaidade, comprava-lhe caras e absurdas inutilidades. Felipe lhe ensinara o gosto singular de fazer os outros felizes. Se fosse necessario, descontaria um cheque com Modesto Pires, o dono do curtume se pusera as ordens para o caso dela vir a necessitar de dinheiro liquido. - Pois va e feche o negocio, Pai.

Ze Esteves ficou mudo e por um atimo a face se lhe contraiu num rictus doloroso, tanta alegria semelhando dor aguda. Empunha o bordao, num esforco levanta-se e desce das dunas com a filha ao lado, ela sorrindo contente ao ve-lo sem palavras. Andam juntos ate a praia onde o barco de Pirica estava a espera. Antes de embarcar, o Velho tenta beijar as maos da filha mas Tieta nao consente. O ruido do motor dando a partida foi abafado por outro muito maior: um helicoptero, vindo do mar, sobrevoa o coqueiral, tao baixo a ponto de se poder ver tres pessoas na cabina, duas delas de binoculo examinando os arredores. Ao chegar a Agreste, Ze Esteves nao parou sequer em casa, tampouco na casa nova para ver o andamento das obras, nem no bar para contar do helicoptero. Do desembarcadouro saiu direto para a estrada de Rocinha, tomando pela terceira vez no mesmo dia o caminho das terras de Jarde.

Apoiava-se no cajado, a subida das dunas deixara-lhe as pernas tropegas e a respiracao curta.

Antes de entrar no assunto, relatou a Jarde e Josafa a aparicao da maquina voadora, os homens de binoculo especulando os terrenos do coqueiral de Mangue Seco. Josafa ouviu atento mas 346

nao comentou, Jarde disse:

- E o pessoal da tal fabrica que acaba com os peixes. Nao soube?

Mas Ze Esteves nem respondeu, ocupado em regatear o preco com

Josafa; obteve pequena reducao. Acertados os detalhes - ainda naquela tarde mandaria Pirica novamente a Mangue Seco com um recado para Tieta por causa do dinheiro a completar - sem poder esconder a satisfacao foi com Jarde e Josafa ver as cabras no cercado. Enquanto discutiram, haviam tomado uns tragos de cachaca para cortar o cansaco de Ze Esteves e desanuviar o rosto triste de Jarde.

No curral, voltou a admirar o pai do rebanho, bode novo e bonito, de avantajado porte e berro forte, de nome Seu Me. Josafa puxou o animal pelos chifres para que Ze Esteves melhor o observasse. Ao comentar-lhe as trouxas, quimbas de respeito, o novo dono abriu na gargalhada, o homem mais feliz do mundo. Tao feliz que lhe faltou a respiracao; nao cabendo no peito a alegria, o coracao falhou sob o peso imenso. Rindo estava, rindo arriou no chao, a mao estendida para o bode, apontando-lhe os bagos; assim contara Jarde a Asterio Simas ao lhe entregar o corpo do sogro. Ia o velorio em meio, entupida a pequena sala da casa de Asterio, gente conversando na calcada, quando, acompanhada por Ricardo, pelo comandante Dario e por dona Laura, Tieta chegou de Mangue Seco onde a tinham ido prevenir. - Teve o troco no meio da gaitada, nem sentiu. - Asterio repete a cunhada os detalhes ouvidos de Jarde e Josafa. - Morreu de alegria... - diz Tieta.

Naquela hora nao sabia ainda da participacao - indireta - da Brastanio na morte do velho Ze Esteves. Precedida pelo cunhado, anda para o caixao, se abraça com Tonha. As irmas acorrem, alguem acorda Peto. Tambem Leonora se aproxima do grupo familiar e beija Maezinha.

Para os parentes de Agreste a morte de Ze Esteves e uma carta de alforria. Tieta, porem, reencontrara o Pai ha apenas um mes. Durante vinte e seis anos nao o vira, dele nao sofrera agravo desde a surra e a expulsao distantes e, nesses dias em Agreste, divertira-se com seus repentinos, alegrando-se ao ve-lo chegar mascarando fumo, ranzinza e impicante, mas ainda capaz de ambicao, de projetos e de alegria, sabendo rir, insolente comandante de cajado em punho. Reconhecia-se no Velho, tanto se pareciam pai e filha.

Asterio enverga caca compungida, Elisa chora aos soluços, Perpetua

enxuga os olhos com o lenço negro, clama aos ceus a dor de filha inconsolável. Tieta não chora nem eleva a voz. Passa de 347

leve a mão no rosto do pai, adusta face de pedra, escura. Das três irmãs, somente ela perdera bem precioso, ente querido, somente ela está orfa. Ela é Tonha, a desvalida Tonha. Morrerá rindo para o bode, feliz com suas novas cabras, em seu reconquistado pedaço de terra. Tieta se apodera do bordão abandonado a um canto da parede, anda para o passeio onde a conversa corre animada como convém a uma boa sentinela.

**ONDE SE ENTERRA O VELHO ZE ESTEVES, LIVRANDO  
DE SUA RUSTICA E INSOLENTA PRESENÇA AS  
APRAZIVEIS  
PAGINAS  
D  
ESSE  
EMOCIONANTE  
FOLHETIM**

O enterro de Ze Esteves serviu para provar o prestígio de Tieta. Tivesse o Velho batido as botas antes dela voltar a cidade, paulista, viúva e rica, e, além da família, talvez o acompanhamento não reunisse sequer uma dúzia de pessoas. Devido a estada de Tieta transformou-se num acontecimento. Antes da saída do feretro, padre Mariano celebrou missa de corpo presente em casa de Elisa, rogando a Deus receber em seu seio aquela alma, amparando-a com sua infinita misericórdia. De muita misericórdia precisa a alma de Ze Esteves, pensa o padre enquanto pronuncia palavras de louvor e sentimento. Buscou qualidades do finado a elogiar e, não as encontrando, elogiou as filhas, possuidoras as três de virtudes

peregrinas, citando a devoção de Perpetua, um dos pilares da paróquia, modelo de mãe católica, a modestia de Elisa e seu devotamento ao marido, esposa exemplar e, por fim, os excelsos predicados de Antonieta, cujo conjugue portara, devido a méritos excepcionais, título e consideração do Vaticano, concedido pelo Pai da Cristandade, Sua Santidade o Papa, o que a fazia pessoa da Igreja. Com sua frutuosa visita, propiciara a Agreste benfeitoria de incalculável valor, a luz de Paulo Afonso, e a Matriz concedera a nova instalação elétrica. Dera, ademais, heroica prova de dedicação e amor ao próximo, atirando-se às chamas, com risco de vida, para salvar de morte horrível uma pobre anciã. Pouco faltou para os assistentes aplaudirem a eloquência do reverendo na exaltação das virtudes das irmãs Esteves, a Batista, a Simas e a Cantarelli, da última, as 348

virtudes e os feitos.

A população compareceu em massa. Nas alças do caixão, além de Asterio, os notáveis da cidade: o vate Barbozinha, Modesto Pires, o Comandante, Doutor Vilasboas, Osnar, Ascanio Trindade. Ascanio apresentara pesames em nome do padrinho, coronel Artur de Figueiredo, prefeito em exercício que se deixara ficar na Tapitanga. Não comparece a enterro de velho. Morte e funeral de menores de sessenta anos não lhe fazem moça. Mas falecimento de ancião deixa-o amofinado. Manda pedir desculpas às irmãs e a Asterio, aparecera depois para as condolências. Do bolso de Ascanio, sobram as páginas dos jornais enviados pelo doutor Mirko Stefano. Pretende esfregar-las nas fúcas do Comandante, fazendo-o engolir o insulto, a acusação de desonestidade. Esfregar, engolir: força de expressão. Tais pretensões não implicam em violências físicas e sim em reparação moral. Segurando a alça do caixão, ajudando a depositar na cova o corpo de Ze Esteves, Ascanio Trindade estufa o peito, eleva e exhibe o altivo penacho de capitão dos mosqueteiros de Agreste, D'Artagnan da aurora.

## **DA PRESSA E DA AMBICAO DE LUCRO, CAPITULO ONDE O COQUEIRAL S E VALORIZA**

Em casa, apenas chegam, antes mesmo de trocarem de roupa, Tieta com urgencia de tirar o vestido negro e quente, Perpetua, fazendo uma pausa nas lamurias, afirma: - Agora, temos de tratar da heranca.

- Heranca? - surpreende-se Tieta. - O Velho nao deixou nada.

- Nao deixou? E o que voce pensa. Todo mes ele encafuava o dinheiro mandado por voce, menos um pingo de nada para a feira e o aluguel. Dava sumico no resto. Nunca tirou um tostao para oferecer um presente a mim ou a Elisa, aos netos. So fazia visita na hora do almoco ou do jantar, voce nao reparou? Deve ter muito dinheiro escondido.

Economia de mais de dez anos, uns doze, bolada respeitavel. Para fazer o que, com tanto dinheiro? Perpetua se exalta ao contar, a voz desagradavel, sibilante, ainda mais rispida devido ao tema da conversa:

349

- Varias vezes perguntei a ele o que pensava fazer com esse dinheiro, me respondia que eu fosse me meter com minha vida. Aconselhei a colocar na Caixa Economica ou a botar na mao de seu Modesto, rendendo juros. Nao quis, nao tinha confianca em ninguem, muito menos em banco. Penso que guardava sem necessidade - baixa a voz -, de ruim que era, Deus me perdoe. - Tenha piedade, Perpetua. Nao faz ainda uma hora que acabamos de enterrar o Velho; antes de pensar nos defeitos dele, a gente deve se lembrar que era nosso pai. Perpetua recua, nao deseja desagradar Tieta: - Voce tem razao. Padre Mariano tambem diz que me falta o dom da misericordia. Meu dever e estar chorando, eu sei. Mas, o que e que voce quer? Quando penso no que a gente curtiu na mao

dele... Tu e quem bem sabe.

- Sei, sim. Mas assim mesmo sinto a morte dele, era meu pai, tinha defeitos e qualidades, boas qualidades. Era franco e quando queria uma coisa sabia brigar para obter-la. - Qualidades? Te esconjuro. Mas morreu, acabou-se. Voltando ao que interessa, e preciso descobrir onde ele escondia o dinheiro. Talvez mae Tonha saiba. Encontrando, a gente retira uma parte para as despesas feitas com a sentinela e o enterro, tu nao estava, tive de pagar tudo; outra, para mandar dizer as missas de setimo e de trinta dias. O resto se divide entre mae Tonha e nos tres. Metade para ela, metade para nos. Se alguem quiser outras missas que pague de seu bolso.

No receio de escandalizar a irma rica, a tia generosa, anuncia soberba prova de amor filial:

- Eu mesma vou mandar rezar mais tres: uma em meu nome, duas em nome de cada um dos meninos. E todos os anos, enquanto Deus me der vida, farei celebrar missa no dia da morte dele. - Nao resiste e acrescenta: - Creio que isso e melhor do que inventar qualidades que o Pai nao tinha.

Tieta sente-se cansada e farta. Nao adianta discutir, tempo perdido: nenhum argumento mudara a opiniao de Perpetua. Retira-se:

- Vou trocar de roupa, tomar um banho e dormir, estou exausta.

Portador do recado de Asterio, Pirica viera encontra-la a noite nos comoros, em desatada festa com Ricardo. Sorte o Comandante ter gritado para localiza-la. Pirica comenta a morte do Velho, apos dar a noticia:

- Indagorinha trouxe e levei ele no barco. Ia tao contente que ate me deu um agrado.

350

Passara o resto da noite na sentinela, recebendo pesames, repetindo as mesmas palavras, ouvindo historias acerca de Ze Esteves, algumas engraçadas, outras bravias, do tempo de prosperidade. Depois, a manha do enterro, metida naquele vestido apertado, feito para o clima de Sao Paulo, a caminhada para o cemiterio, a encomendacao do corpo, o desfile do povo em condolencias, a volta

melancolica. Tieta quer dormir, nao pensar em nada, nem sequer em Ricardo, de repente sentindo-se estranha a Agreste. Rompera-se uma das amarras a prende-la a terra natal e pela primeira vez desde que chegara teve realmente vontade de voltar para Sao Paulo.

Estava tirando a roupa para tomar uma chuveirada, cair na cama e dormir sem hora de acordar, quando, falando da sala de jantar, Perpetua anuncia-lhe a visita de Jarde e Josafa: queriam ve-la com urgencia, motivo serio. Tieta enfia um robe-de-chambre e vem atende-los, levando-os para a varanda. Perpetua fica por perto, rondando.

Sentam-se. Jarde roda o chapéu na mão, baixa os olhos deslumbrados com a visao do busto da paulista, mal coberto pelas rendas do desabie. Josafa toma a palavra. - Desculpe, dona Antonieta, a gente vir lhe incomodar numa hora tao ruim mas o assunto e urgente por isso nos nao tivemos outro jeito, o Pai e eu.

- E sobre a compra da posse?

- E do rebanho, sim senhora. Seu Ze Esteves disse que tinha falado com a senhora e que a senhora ia pagar o restante. - Mas agora ele morreu.

- Por isso mesmo a gente esta aqui. E que ele, quando voltou de Mangue Seco, depois de pedir um abatimento, que nos fizemos porque estavamos com pressa de fechar o negocio, deu logo uma parte do pagamento, de garantia, mais da metade. - Enfia a mão no bolso da calca, puxa um maco de dinheiro amarrado com uma fita cor-de-rosa desbotada, deposita-o numa cadeira ao lado de Tieta. - Esta aqui o dinheiro que seu Ze Esteves deixou conosco, em confianca. Nao quis receber papel nenhum... - Maluco! - pensa Perpetua ao ouvir tal absurdo. Aproximara-se, apenas percebera o motivo da conversa: o Velho comprando terras e cabras sem nada lhe dizer, na surdina, para isso economizara durante todos aqueles anos. Jarde se distrai, os olhos fogem para o decote do robe, Tieta se compoe: tem de tomar cuidado devido as manchas escuras nos seios, nas coxas, na barriga; em todo o corpo a marca e o gosto dos labios de Ricardo. Ali, naquela hora, recém-chegada do 351



enterro, flagrando Jarde a lhe brechar o decote, conversando negocios, sente um frio de prazer a percorre-la. Ao cansaco, mescla-se o desejo, uma doce lassitude. Josafa prossegue: - A gente veio lhe trazer o dinheiro. Pena seu Ze Esteves ter morrido, ele queria a todo custo a roca e as cabras, ficou doido por Seu Me.

Ante o olhar de Tieta, de incompreensao, explica: - Seu Me e o pai do rebanho, um bodastro de dar gosto. Levanta-se, caboclo alto e disposto; Jarde o imita, ainda encabulado.

Josafa lastima, antes de estender a mao na despedida: - Para a gente, a morte de seu Ze Esteves tambem foi um golpe, a venda ja estava feita, agora se desfaz. Vamos oferecer a seu Osnar, cuja propriedade e vizinha da nossa, so que a dele e um colosso, so perde para a do coronel Artur. Se seu Osnar nao se interessar, vamos ter de nos mexer para conseguir comprador e quando a gente tem pressa, a senhora sabe como e... - Por que corre tanta pressa, seu Josafa? Foi essa pressa, essa correria que abalou o coracao do Velho. - Precisamos desse dinheiro, meu pai e eu, para contratar um advogado em Itabuna, doutor Marcolino Pitombo; nao tem outro que se compare com ele em questao de litigio por posse de terra. - O senhor esta em questao por la?

- La nao. Aqui. Vou trazer doutor Marcolino a Agreste, e para isso que preciso do dinheiro e quero vender os rocados e o rebanho. Tenho alguma coisa em Itabuna mas preciso de um dinheiro maior, disponivel, para contratar o doutor e trazer ele ate aqui.

- Aqui? E por que, se mal lhe pergunto? - A senhora conhece o coqueiral de Mangue Seco, comprou um terreno na parte que e de seu Modesto Pires, seu Ze Esteves me disse. Sabe quem e o dono do resto, das terras que vao do Quebra Pedra ate os limites de seu Modesto? Essas terras que agora a tal companhia quer comprar para botar a fabrica? Pois sao da gente, de meu pai e desse seu criado. - O coqueiral? Me disseram que ninguem sabe direito quais sao os donos, ainda outro dia o Comandante falou nisso. - Se tem mais alguem com direito, nao sei. Possa ser que sim. Se tem, que apareca, constitua advogado como eu vou fazer e apresente as provas porque eu vou apresentar as minhas. Heranca antiga, dona

Antonieta, consta dos livros do cartorio. So que meu pai e meu avo nunca ligaram, quem dava valor ao coqueiral, mais mangue do que terras? Eu mesmo so vim ligar importancia agora, aqui chegando. Meu pai me falou na historia da fabrica, lembrou 352

que esses terrenos sao da gente. Assuntei o zunzum, soube que os engenheiros andam por la. Ontem mesmo seu Ze Esteves me disse que tinha um helicoptero voando por cima dos coqueiros, que ele e a senhora tinham visto.

- E verdade. O senhor precisa mesmo andar depressa porque tem muita gente grauda interessada no coqueiral. - E nao havia de ter, com os alemaes querendo comprar? - Os alemaes?

- Foi o que eu ouvi dizer em Itabuna, eles andaram sondando por la tambem; procurando lugar para a fabrica no rio Cachoeira mas houve uma grita danada, e ainda esta havendo, porque diz que esta tal de fabrica acaba com tudo que e peixe e marisco e bota veneno no ar. Ate eu assinei um papel protestando contra essa ideia deles se instalarem ali. Mas aqui, eu sou a favor. Lugar bom para uma fabrica dessas, nao tem lavoura que pague a pena e cabra e um bicho que nao morre mesmo.

- Cabra pode ser que resista. Mas os peixes se envenenam e morrem, a pescaria se acaba.

- Ora, dona Antonieta, em Mangue Seco o que tem e meia duzia de preguicosos, vivendo do contrabando. Com a instalacao da fabrica vao ser operarios, aprender a trabalhar, vao virar gente. - Mas no Saco a pesca e o unico sustento do povo. E la a colonia de pescadores e grande.

Josafa ri, matreiro, pela boca e pelos olhos astutos, repete em voz alta o argumento que Ascanio Trindade pensara sem ousar dizer:

- O povo do arraial do Saco? Mas isso e la com os sergipanos, o Saco fica do outro lado da barra, eles que se arranjam. Por mim, quero e vender meus terrenos aos alemaes. Nos temos um papel.

Estao conversando de pe, Jarde nao resiste, espicha os olhos para as rendas do negligé, pele mais bonita, redondos uberes de cabra feita. Josafa mete a mao no bolso interno do paletó, tira a carteira e

dela uma folha de papel amarelado, estende a Tieta. Uma carta velhissima, a tinta desbotada, onde ha referencias as terras na beira do rio, no rumo do mar, pertencentes a familia Antunes.

- Antunes em Agreste, que eu saiba, so eu e meu pai, nao existem outros. Fui saber no cartorio, doutor Franklin me disse que o nome de Manuel Bezerra Antunes, meu tataravo, esta la, na escritura. Com a historia da fabrica, tem nao sei quantos se dizendo dono. E por isso que vou constituir advogado, entrar logo com uma acao de posse. Para isso preciso trazer doutor Marcolino; para questao de terra nao ha igual a ele. Comecou a carreira como 353

advogado do coronel Basilio, ja pensou? - Coronel Basilio? Nao sei quem seja.

- Um bam-bam-bam la do sul do Estado, desbravador de matas, homem valente e direito. Teve uma questao de terras que nem a bala resolveu. Pois doutor Marcolino, novinho ainda, deslindou o caxixe, ganhou na justica, de cabo a rabo. Imagine agora que esta velho e cuidou durante a vida inteira desses enredos. E para trazer ele que preciso vender os outeiros e as cabras. Depois, negocio o coqueiral com os alemaes, compro roca de cacau.

- Ja entendi.

Antes de apertar a mao que Josafa lhe estende, de tocar a ponta dos dedos de Jarde, Tieta demora um segundo pensativa, pergunta:

- Essas suas terras sao vizinhas das de Osnar, nao foi isso que o senhor disse?

- Exatamente. Sao pegadas uma na outra, a propriedade dele e a nossa.

- Ouca, seu Josafa. Se o senhor nao encontrar comprador ate amanha pela manha, volte aqui para falar comigo. - Se a senhora pensa em comprar, nao procuro mais ninguem.

- Seu Josafa, vim ontem de Mangue Seco quando soube da morte de Pai, nao dormi um minuto a noite inteira, cheguei do cemiterio ainda ha pouco. Nao gosto de tomar resolucao sem pensar. Nao lhe prendo: se encontrar comprador, pode vender. Se nao encontrar, venha me ver amanha cedo e eu lhe digo o que decidi.

- Se tratando da senhora, dona Antonieta, vou esperar, não falo com ninguém antes de ter sua resposta. Para mim, aqui, em Agreste, acima da senhora, só Sant'Ana. Em Itabuna me contaram da luz da Hidrelétrica, quase não acredito, parece milagre. Aqui soube do incêndio, benza Deus!

O aperto de mão, forte e caloroso, do caboclo franco e decidido. A ponta dos dedos de Jarde, baixando a vista. Tão rica, tão heroica, quase santa e que pedaço de mulher. Perpetua acompanha-os até a porta. Volta, a voz ainda mais acre:

- Então era para isso que o Velho escondia o dinheiro, para comprar terras e cabras. Na idade dele, maluquice! - toma do maco de dinheiro, sopesa-o. - Vivia passando miséria, comendo na casa dos outros, com essa dinheirama toda guardada. E tu ia pagar o resto, dar essas terras a ele, por que? - Porque quando ele queria uma coisa, queria por cima de 354

tudo. Igual a mim, Perpetua. Igual a você, nós somos iguais. Tenho saudades dele.

- Por isso tu vai comprar o rebanho e a terra de Jarde? Ou tu vai te associar com ele e Josafa nos terrenos do coqueiral? E isso, não é?

Tieta deixa a pergunta sem resposta, dirige-se ao quarto. Perpetua a observa de costas, andando, o passo firme, as ancas em meneio, indiferente à opinião dos demais, recorda-se do pai na forca da idade. Cabrita louca, violento bode, os dois da mesma raça caprina e demoníaca, comprazendo-se em pasto de iniquidades. Iguais os três, afirmara Tieta. Perpetua balança a cabeça, discordando. Na ambição talvez, duros e obstinados como as pedras dos outeiros de Agreste. Não mais, imensa distância a separa-las deles, a distingui-las. É uma senhora, recatada viúva, serve de Deus. Em seu devoto peito cabem saudades apenas do Major, inesquecível pouco de virtudes, tão garboso ao envergar a farda de gala ou o pijama de listras amarelas. O pensamento ainda no Major, de repente estremece: e o relógio Omega, de ouro, trazido de São Paulo por Tieta, presente para o Pai? De ouro, relógio e pulseira, valiosos. Vira quando Asterio o retirara do pulso do Velho. Esquecera-se de falar sobre isso. E

preciso vende-lo para dividir o dinheiro. A não ser que Tieta o queira guardar, recordação do Pai. Nesse caso, deve pagar a parte da viúva e das orfas. Outra vez a lembrança do Major: bonito, galhardo militar, em seu pulso forte iria bem relógio assim, de qualidade, combinando com a farda de gala ou com o pijama de listras amarelas. Metido no pijama, um homem e tanto, nunca mais haverá outro.

## **DOS RITOS DA MORTE E DAS AFLIÇÕES DA VIDA**

No fim da tarde daquele trinta e um de dezembro, repousada, Tieta vestiu-se discretamente e, após conversar em casa com Osnar e no curtume com Modesto Pires, tomou de dona Carmosina na agência dos Correios e Telegrafos e com ela dirigiu-se a casa de Elisa. Do balcão da loja onde demora na esperança de algum freguês retardatário para a derradeira compra do ano, Asterio as vê passar, adivinha-lhes o destino: vão fazer companhia 355

a Elisa, consolar mãe Tonha. Lança um olhar em direção do Bar dos Acores, hoje não tem direito a diversão costumeira; ainda bem que as partidas decisivas do campeonato de bilhar que designara o Taco de Ouro de 1965 foram adiadas devido a morte do velho Ze Esteves, sogro de um dos quatro semifinalistas: Asterio Simas, José da Mata Seixas, Ascanio Trindade e Fidelio Dorea A. de Arroubas Filho. Logo no último dia do ano: haviam previsto uma brama comemorativa para festejar o campeão. Há três anos Asterio detém o cetro, arrebatado a Ascanio Trindade cujas obrigações na Prefeitura o trazem afastado da mesa de bilhar, aparecendo apenas uma tarde ou outra. Ultimamente, salva-se uma alma do purgatório quando ele empunha taco e giz: ao cargo somou-se o namoro para deixá-lo sem tempo para o esporte. Asterio suspira: adiada a disputa, suspensa a festa, o demônio do Velho até depois da morte o persegue e chateia.

Elisa atira-se nos braços da irmã, em renovada tribulação. A morte deve ser honrada, o sentimento dos parentes do defunto, proclamado em ais e soluços, lágrimas e lamentos, sinais de dor visíveis e constatáveis. Assim se demonstra a consideração dispensada ao finado, em provas públicas de afeto e saudade. Além e acima da magoa e da dor, situam-se os ritos da morte, obrigatórios, dos trajes negros ao clamor das carpideiras. Num canto da sala, silenciosa, apagada, de repente velha sem idade, mãe Tonha, os olhos vermelhos. Apesar de tudo o despotismo, Ze Esteves fora tudo o que possuía. Ele a tirara da casa dos pais, roceiros pobres e, sendo homem de posses, um senhor da cidade, com terras e cabras, quase um coronel, a desposara após tê-la derrubado nos matos. Casara no padre e no juiz quando podia tê-la abandonado de bucho cheio, ao deus-dará; assim costuma acontecer em Agreste com frequência e impunidade.

Junto ao marido Tonha viveu, silenciosa e obediente, quase trinta anos. Tomando esporros, sofrendo maus tratos, ouvindo xingos, mas tendo calor de companheiro a acalenta-la, rude mão de amparo, e vez por outra um beijo, uma carícia, o fogo do bode velho persistindo no vício até a véspera da morte. Ze Esteves gabava-se de feitos de cama e se alguém punha em dúvida tamanho vigor em sua idade, apelava para o testemunho de Tonha:

- Estou mentindo, mulher? Diga pra ele. Piscava o olho, ria o grosso riso de fumo-de-corda, cuspiendo negra cusparada. Tonha baixava a vista, um sorriso fugaz, entre envergonhado e afirmativo.

A chegada de Tieta e dona Carmosina aciona o aparelho da 356

aflicção, mergulha a sala em trevas. Ao vê-las, Tonha levanta-se, rompe em soluços. Elisa a acompanha, passa dos braços da irmã para os da amiga e protetora.

Tonha repete, em monótono canto-chão:

- Que vai ser de mim, agora?

Tieta prende a madrasta contra o peito, em silêncio, antes de acomodá-la na cadeira e sentar-se a seu lado, junto a mesa: - Fique descansada, mãe Tonha, nada há de lhe faltar. Vosmice vai

morar com Elisa e Asterio e todo mes eu mando um dinheirinho para suas despesas.

Tonha tenta lhe beijar a mao, igual a Ze Esteves na hora de embarcar no bote de Pirica, em caminho da morte. Houvesse Tieta nascido de seu ventre e nao seria filha melhor, mais dedicada. Pouco tempo Tonha a tivera em sua companhia, dois anos se muito; eram entao da mesma idade, duas adolescentes. - Quando o velho me botou para fora de casa - lembra Tieta -, na hora que eu estava arrumando minha trouxa, vosmice me deu um dinheiro, pensa que me esqueci? Se nao fosse por vosmice e por mae Milu eu saia daqui para enfrentar o mundo sem um vintem furado.

Tinham as duas a mesma idade naquela madrugada da partida de Tieta na boleia do caminhao. Tieta a tratava de vosmice e de mae, exigencia do Velho ranzinza. Agora o faz de moto-proprio, ja nao sao da mesma idade; moca, louca e vistosa, a alegre viuva do comendador paulista; velha e definhada, magra e sofrida, a viuva do arruinado criador de cabras, encolhida na desolacao do vestido barato e negro, de chita.

- Agora prestem atencao, vamos conversar uns assuntos. - Deposita em cima da mesa o maco de dinheiro recebido de Josafa, reduzido da parte de Perpetua e do pagamento das despesas feitas e das missas a rezar. A vista do dinheiro, Elisa estanca o choro, Tonha olha, curiosa:

- Sao as economias do Velho - diz Tieta. Tonha reconhece a fita cor-de-rosa ainda a atar o pacote: - Ate tinha me esquecido. Voce encontrou dentro do colchao, nao foi? Ele fez um buraco no pano, todo mes botava mais, amarrado com essa fita, embrulhado num pedaco de jornal. Me fez jurar, pela alma de minha mae, nunca dizer nada a ninguem. Todo dia tirava para ver; acordava de noite, se punha a contar. - Foi Pai quem retirou antes de morrer, daqui a pouco explico para que. Antes, quero dar a vosmice a sua parte. - Minha parte?

- Metade do dinheiro que ele deixou e seu, e da esposa. A 357

outra metade e das filhas, Perpetua, Elisa e eu. Paguei a Perpetua as

despesas que ela fez com o funeral: caixão, cova, padre, os gastos com a sentinela, os guaranas e os sanduiches. Já dei também a parte dela, o que está aí e o que sobrou. - Com a minúcia de quem está habituada a fazer contas, a manobrar crédito e débito, informa sobre o total do pé-de-meia, o montante das despesas, as divisões feitas e quanto cabe a Tonha e a cada irmã. Conta as notas sujas e gastas, muitas vezes manuseadas, entrega uma parte à viúva. - Esse dinheiro é seu, mãe Tonha, não de ninguém, guarde para alguma necessidade urgente. Depois que se vender o relógio, vai ter um pouco mais. Separa o resto em dois montes, sua quota e a de Elisa, deixa-os sobre a mesa, ignorando a mão estendida da irmã: - Um momento, Elisa, ouça primeiro o que eu vou dizer. O Pai morreu quando tinha acabado de fechar negócio com Jarde Antunes para comprar a terra e o rebanho dele, uma propriedade que não é grande mas, pelo que sei, é muito bem cuidada e dá uma boa renda. Faz divisa com a fazenda do Osnar. O Velho me pediu para completar o pagamento, queria ter um pedaço de terra e umas cabras. Acho que não era tanto pelo lucro, era mais pela satisfação. Gostava dos bichos e gostava de ter importância. - Se gostava... - concorda dona Cacmosina até então ouvinte silenciosa. Para ela, a existência de dinheiro escondido por Ze Esteves não constituirá surpresa.

- Sabia disso, Elisa? Dessa compra?

- Asterio me contou, seu Jarde disse a ele. Tietá estende a mão, afaga os cabelos da irmã, quem lhe dera possuir aquela crina negra.

- Então, ouça: o preço que Jarde e Josafa estão pedindo pela propriedade é bem convidativo, eles precisam de dinheiro contado. Até seu Modesto Pires achou barato e Osnar me aconselhou a fechar o negócio sem discutir. - Assume um ar executivo, acostumada a lidar com dinheiro, a resolver negócios. - Meu plano é o seguinte: juntamos as duas partes, a tua e a minha, eu boto o que falta e compramos para tu e Asterio, a escritura passada em nome de vocês. Para não continuarem a viver nesse aperto, contando os níqueis. Com a loja e o criatório, vai dar de sobra. A propriedade dá uma boa renda e ainda por cima é vizinha da de Osnar, ideal para Asterio. Estou ajudando os meninos de Perpetua, quero ajudar vocês



tambem. Com a morte do Velho, quando a casa ficar pronta, voces vao morar la, com Tonha. Era o que eu queria dizer. - Na voz, aquela satisfacao provinda da alegria de dar, de 358

concorrer para melhorar a vida da irma e do cunhado. - Feliz de quem possui uma irma como voce, Tieta. Voce e a maior. Coracao de ouro igual ao seu, nao existe - exalta-se dona Carmosina, comovida; a amiga cresce em seu conceito a cada dia. Elisa, porem, guarda silencio, os olhos fixos no chao. Certamente emocionada a ponto de nao saber como expressar sua gratidao. Num esforco, comeca a falar, sem suspender a cabeça, nervosa, gaguejante:

- Carmosina tem razao, tu e boa demais, Tieta. Antes de te conhecer, em pensamento eu te imaginava uma fada e tu e mesmo. - Levanta a vista e pousa em dona Carmosina a lhe pedir apoio para o que vai dizer: Agradeço muito o que tu quer fazer por mim e por Asterio, a compra da roca e a casa para morar de graça. - Uma pausa para tomar folego e coragem. Mas nao aceito. O que eu quero te pedir e outra coisa, ate tinha conversado com Carmosina para ela falar contigo...

Uma sombra cobre o rosto de Tieta, sabe de antemao o que Elisa deseja:

- Tu nao precisa de intermediario para falar comigo. Diga o que e que quer. - Faz-se distante e fria. Elisa eleva os olhos medrosos para a irma poderosa e rica. Decide-se, a voz vibra na sala:

- So quero uma coisa: ir contigo para Sao Paulo. Quero que tu me leve, arranje um emprego para Asterio, me... Nao consegue concluir a frase, Tieta a interrompe, brusca: - Tu quer ir para Sao Paulo. Fazer la o que, me diga? Botar chifre em teu marido? Ser puta?

O soluco irrompe do peito de Elisa, as lagrimas saltam-lhe dos olhos. Estremece como se houvesse levado uma bofetada, cobre o rosto com as maos. Esses soluços, essas lagrimas nada tem de comum com as choradas ha pouco, na obrigacao do nojo, no ritual da morte. E um pranto sincero, verdadeiro, produto de duro e inesperado golpe, de um desgosto real, de um sonho roto. Arreia a cabeça sobre os bracos, na mesa, geme baixinho num choro de

criança, os cabelos se espalham.

Ergue-se Tieta, aproxima-se da irmã mais moça, dezessete anos mais moça. Levanta-a, toma-a nos braços e a consola. Beija-a nas faces, limpa-lhe as lágrimas, acaricia-lhe os cabelos, chama-a de Lisa, de minha filha, a voz doce e terna, maternal: - Não chore, Lisa, minha filha. Se nego, e para teu bem. Lá não ia prestar para vocês. Ruim para ti, pior para Asterio. Um dia, eu te prometo, quando for fazer uma viagem, me badalar de férias, mando buscar vocês para irem passear comigo. Tu sabe que 359

quando eu prometo, cumpro. Mas agora, o que tu vais fazer e ajudar teu marido na loja, que ele precisa de tempo livre para o criatório. - Levanta a voz de novo: - E nunca mais me fale em ir para São Paulo. Nunca mais.

Dona Carmosina não pode conter a emoção, enxuga os olhos miudos com um lençinho bordado. Tonha assiste, apalermada, sem conseguir entender aquela confusão. Tieta, deixando Elisa, vem abraça-la, repetindo, ao despedir-se, a recomendação sobre o dinheiro:

- Guarde seu dinheirinho com cuidado. Não empreste nem de a ninguém. Nem a Elisa, nem a Asterio, nem a Perpetua, mesmo que lhe peçam. Eles não precisam. - Acena para dona Carmosina: - Vamos, Carmo?

Ainda afogada na decepção, Elisa volta a se abraçar com Tieta, no desejo, quem sabe, de arriscar uma última súplica apesar da proibição terminante. Não chega a fazê-lo. Passos ressoam no corredor, Asterio entra na sala, estranha o desespero da esposa, crescendo em choro convulso, em altos soluços a sua aparição. Qual a causa desse pranto ardente, de ais tão sentidos? Pela morte do Velho não há de ser.

- Aconteceu alguma coisa? - já lhe arde o estômago. Dona Carmosina explica:

- Elisa está chorando de contente e agradecida. Tieta vai comprar uma fazenda para vocês.

## **DA IMAGEM DE TIETA REFLETIDA NO ESPELHO EM NOITE DE ANO-NOVO**

O enterro do velho Ze Esteves, a conversa com Perpetua sobre heranca, com o mesquinho complemento do relógio, a pungente cena com Elisa refletem-se na face de Tieta, sentada diante do espelho, limpando a pele, sozinha no silêncio da casa e da rua. Partiram todos para o Te Deum na Matriz. O mundo de Agreste, aparentemente simples e pacífico, revela-se mais difícil e convulso do que o mal-afamado universo do meretrício onde ela se movimenta entre putas, rufioses, caftens, gigolos, patroas de randevus, desde a partida na boleia do caminhão há vinte e seis anos. Mais fácil defender-se e comandar no Refúgio dos Lordes. 360

Lá, os sentimentos, como os corpos, estão expostos. Aqui, a cada passo, ela tropeça em simulação, engano e falsidade; ninguém diz tudo o que pensa nem demonstra por inteiro seus designios; todos encobrem algo por interesse, medo ou pobreza. Mundo de fingimento e hipocrisia, em acirrada luta por ambições tacanhas, minguados interesses.

As nove horas, ao toque do sino da igreja, toque de recolher para a maioria da população, a luz do motor extinguiu-se, voltando no entanto a funcionar às onze, iluminando a cidade para a passagem do ano, as comemorações da igreja e da Prefeitura, o Te Deum e os fogos. Quando as filhas de Modesto Pires ainda eram solteiras, vindas em férias do colégio de freiras na Bahia, havia baile em casa do dono do curtume. Hoje, unicamente na pensão de mulheres de Zuleika Cinderela a festa se prolonga pela madrugada, iniciando-se após o Te Deum e o foguetório pois as raparigas, sendo filhas de Deus e cidadãs da comuna, comparecem à igreja e à Praça, para render graças ao Senhor e aplaudir com entusiasmo o capenga

Leoncio, coadjuvado pelo moleque Sabino, no fulgor do espetaculo pirotecnico, com rojoes, morteiros e foguetes, encerrando-se aquela modesta maravilha com uma unica porem sensacional chuva-de-prata.

Depois do jantar, juntaram-se visitas na varanda: coronel Artur da Tapitanga, dona Milu, dona Carmosina, o vate Barbozinha, alem de Elisa e Asterio, do inconformado Peto, de meias e sapatos, roupa limpa, e de Ascanio Trindade, cuja presenca, de tao constante, perdera a condicao de visita. A luz das placas conversaram sobre o Velho; o coronel e dona Milu recordaram acontecidos antigos, dona Carmosina bordou comentarios inteligentes. Esgotado o assunto principal, falaram da chuva e do bom tempo, ou seja: comentaram a prenhez de Fatima Farath, filha de seu Abdula e dona Soraia, levantinos de ferrenhos habitos feudais, mantendo a filha unica e atrativa trancada a sete chaves e de repente descobrindo-a de barriga inchada de quase quatro meses, produto das ultimas chuvas de setembro, e se referiram a seu proximo casamento com Licurgo de Deus, modesto e retinto empregado para todo o servico do armarinho, sem outro dote alem da escura beleza de homem, do riso claro, da docura dos modos, sendo o inesperado matrimonio um jubiloso acontecimento do bom tempo do verao. Exercendo a arte sutil de comentar a vida alheia, esquadriharam o armarinho procurando saber onde se dera o fato principal, se em cima ou embaixo do balcao, entre botoes, agulhas, dedais e fitas, remexeram nas fincas dos Farath e saudaram com simpatia a sorte do moleque Licurgo, a comer quibe cru em prato de ouro, imagem de dona 361

Carmosina encerrando a discussao sobre o local do feito. Por duas vezes, o tema da poluicao e da Brastanio aflorou aos labios da agente dos Correios e do secretario da Prefeitura mas, ameaçando polemica, nao obteve seguimento na conversa infensa a debates por ocorrer ao mesmo tempo em visita de pesames e em noite festiva. Quando a luz voltou, todos partiram para a igreja. Cansada, Tieta preferiu ficar, desejosa de solidao, nunca pensara pudesse a morte

do pai afeta-la tanto.

Sozinha em noite de Ano-Novo, numa casa vazia! Não acreditaria, se lhe contassem. Enquanto dona Olivia viveu, antes de se reunir com ela e com os filhos para o reveion, Felipe vinha, infalível, ver Tieta, trazendo-lhe um presente, quase sempre joia de preço. Morta a esposa, rompia o ano em companhia da rapariga, em boate de luxo, onde, as felicitações e aos votos de feliz Ano-Novo, sucedia-se alegre carnaval. Na animação da champanhota e dos brindes, a renovada ternura. Ainda há um ano, a noite começara de idêntica maneira, numa boate elegante. Discutiram finanças e recordaram os dias iniciais daquela irremediável (adjetivo de Felipe) ligação. De lembrança, ele lhe ofertara a escritura de ampla loja no andar térreo do Edifício Monteiro Lobato - homenagem do empresário ao escritor paulista com quem convivera -, prédio monumental no centro da cidade, em rua de intenso comércio. Como obter maior renda? Alugando a loja ou nela instalando boutique *gra-fina*, de luxo? Com a boutique, naturalmente, se pudesse ficar a frente do negócio. Mas onde arranjar tempo, se o Refúgio a ocupava o dia inteiro? Melhor alugar, aconselhara Felipe, embolsando, sem trabalho nem preocupação, invejável bolada mensal. Enternecida, Tieta lembrou o dia em que o conhecera, recém-chegado da Europa. Na véspera, Madame Georgette lhe dissera: *Demain tu connaitras le vrai patron du Nid, Monseigneur Le Prince Felipe*. Também Felipe se recordava. Madame Georgette informara: *Une petite mulatresse, comme vous les aimez; ancienne bergere de chevres, fraiche, tendre mais aussi sauvage comme un chevreau*. Ficou a taquina-la, enquanto dancavam, ameaçando casar-se ou amigar-se com menina bem moca, velho coroca necessita de broto novinho. Velho coroca? Tão rijo ainda, ainda bom de cama, o aplomb de sempre, uma resistência de cavalo. Ao beija-la, na hora da meia-noite, falou da irremediável, definitiva e maravilhosa aventura que era a ligação deles dois: - E se eu te dissesse que tu foste a única mulher que amei em minha vida?

A partir dessa frase mudara de sentido aquela convencional noite de Ano-Novo, para fazer-se inesquecível noite de amor. Apenas finda a gritaria, as felicitações e votos, ele a tomara pela mão, levando-a embora. Apesar de dona Olivia estar morta e enterrada havia seis anos, pela primeira vez Felipe convidou Tieta a visitar o palacete na Avenida Paulista. De sala em sala a conduziu, sob o reflexo dos burilados lustres de cristal, pisando tapetes persas, encandeando os olhos nas alfaias de ouro e prata, nos objetos de arte, colocados sobre os móveis negros, nos quadros dos mestres modernos, Picasso, Chagal, Modigliani, cujos nomes ela aprendera ouvindo-os da boca dos ricos, no Refúgio, seguidos sempre da cifra astronômica com a qual reduziam-lhes a beleza a investimento. Uma riqueza diferente, pesada, nobre, quase solene, desconhecida para Tieta. Habituada ao luxo, ao convívio dos grandes das finanças e da política, todavia se sentiu enleada. Ao vislumbrar a grandiosidade do outro lado da vida de Felipe, não entende por que ele se prendera a uma simples pastora de cabras.

Dispensada a criadagem para festejar a noite de augúrios, o palacete estava vazio como hoje está a casa de Perpetua, onde um dia Tieta dormiu com Lucas e agora dorme com Ricardo. Felipe exibiu-lhe a adega, as prateleiras de garrafas, os rótulos ilustres, escolheu o champanha -champanha, não, le meilleur champagne du monde, ma belle - pondo a garrafa a gelar num balde de prata. Buscou as taças mais finas e raras da Boemia. Assim carregados, penetraram na alcova; deitados no leito do casal beberam e se amaram. Velha cepa, bom vinho, Felipe compensa com erudita sabedoria a diminuída violência. De começo intimidada, Tieta recupera-se lentamente, numa estranha emoção: pela primeira e única vez na vida sente-se esposa.

Somente então, deitada ao lado de Felipe no leito colonial da alcova do palacete da família Camargo do Amaral, deu-se conta da exata significação do sentimento a ligá-la ao milionário comendador do Papa. Ainda há pouco parecera-lhe absurda aquela ligação na qual interesse, amizade, compreensão, desejo e prazer se misturavam. Sobre os lençóis de cambraia de dona Olivia, entendera enfim o

significado da palavra amor, tao gasta e repetida, tao jogada fora na agonia das paixoes e dos rabichos. Amor, sim, singular e exclusivo. Muitas paixoes, tantas, tao diversas. Passageiras ou renitentes, todas impetuosas, possessivas. As da menina-moca avida de homens; abrindo-se nos esconsos do rio, nos altos dos comoros de Mangue Seco, as da mulher-dama em transito do sertao para Sao Paulo. Durante o tempo longo de Felipe, rapariga 363

as ordens, despesas por conta dele, sua propriedade pessoal, o pijama sob o travesseiro, os chinelos aos pes do leito, repetidas vezes se apaixonara, a cabeça virada, doidinha. Nunca, porem, deixara de ser a terna amante, companheira e amiga do poderoso cinquentao - quando o conheceu, Felipe completara quarenta e nove anos, aparentava quarenta - a envelhecer nos seus bracos. Desconfiaria Felipe das aventuras da protegida, desvairados xodos? Tieta jamais recebera homem no Nid d'Amour, nem Madame Georgette permitiria tal leviandade, tampouco no Refugio dos Lordes, desde o dia em que ele comunicara a decisao de mante-la com exclusividade. Encontrava-se com os eventuais amantes em apartamentos, garconieres ou em randevus bem mais modestos. Apesar das precaucoes tomadas, Felipe, experiente e arguto, devia dar-se conta do fogo a consumi-la, exibindo-se no brilho dos olhos, no nervosismo dos gestos, no assanhamento na cama pois, quanto mais enrabichada por outro, com maior ardor e oficio a ele se entregava como a compensa-lo. Jamais Felipe demonstrara a menor suspeita. Nos ultimos meses, porem, quando os sinais da velhice comecaram a lhe marcar a face bem tratada, mais alem da fleuma e da sobranceria, Tieta percebera ou pensara perceber uma ponta de tristeza no olhar do Comendador, ao senti-la vibrante e incontida. Para nao magoa-lo cuidou de reservar-se, controlando a ansia e o apetite. Para nao magoa-lo ou porque, de tao presa ao marchante, sentia-se menos necessitada?

Por ocasio da morte de Felipe achou-se tao sozinha e perdida, a ponto de romper a jura feita na hora da partida de Agreste - nunca mais porei os pes aqui - e vir buscar seguranca e forcas, renovar o

gosto de viver, no meio da família, no chão onde nascera e se criara, nos outeiros a tanger cabras, aprendendo ser a vida dura prova, nos comoros de areia fazendo-se mulher sob o peso do mascate com cheiro de alho e de cebola. Buscava respiração de ar puro, visão de céu límpido, noite de estrelas inumeráveis, banho de luar. Fugitiva da poluição de São Paulo, do deprimente comércio do Refúgio, da ausência de Felipe, inútil pijama, abandonados chinelos.

Nessa outra noite de Ano-Novo, tão diversa da última, sozinha em casa da irmã mais velha, diante do espelho, Tieta se interroga: valerá a pena vir?

Sim, valerá a pena, apesar do fingimento e da hipocrisia, da ambição e das discordâncias da família Esteves, escondidos sob o manto da modestia e da paz. Fosse apenas pelo encontro com Ricardo e já teria pago o sacrifício da viagem. Puro, inocente, franco, sem malícia, sem maldade, íntegro. Nada nele era duvidoso, 364

nem palavras, nem pensamentos, nem gestos. Seu menino, seu menino de ouro. Nunca antes se apaixonara por um adolescente, quase uma criança. Preferira sempre homens mais idosos, agora morre e renasce por amor a um rapazola. Está na igreja o seu dividido menino, metade dela, metade de Deus. Vestido de coroinha, a batina negra, a sobrepeliz branca, a estola vermelha, envolto em incenso, anjo mais revelado. A bruaca da Edna, montada nos chifres do marido, espichara a vista preta de cobiça, mordera os beicos na intenção do lindo querubim. Vai morrer de fome a peste, pois ele nem sequer percebera a tesaço a maltrata-la pois não tem olhos, riso na boca ou pensamento na cabeça senão para a tia sabedoria que colheu a flor da donzela do sobrinho e lhe ensina o bom da vida.

Voltara após o Te Deum e os fogos, acompanhando Perpetua e Leonora. Ao pensar na pseudo-enteada, Tieta balança a cabeça, descontente.

Trouxera-a consigo para lhe proporcionar uma tregua na vida sem alegria, limpar-lhe os pulmões com o ar saudável de Agreste, abrir-lhe em riso a boca amarga. Fizera bem? Tudo indica que sim pois ela anda feliz, parece outra. Mas, e depois? E preciso fazer com que



Leonora e Ascanio se decidam a ir aos barrancos da Bacia de Catarina, inaugurando as grutas sob os choroés. A data da partida se aproxima, Leonora necessita e merece deitar com um homem por amor, até agora só o fez por ofício ou engano. Tieta terá de cuidar desse problema, resolve-lo. Na próxima semana, o Curral do Bode Inácio estará pronto para ser habitado, ocasião propícia para levar o casal a Mangue Seco, onde, no deslumbramento da noite marítima e mágica, naufragam escrupulos e timidez, que o diga Ricardo. Antes, porém, precisa convencer Ascanio a abandonar essa infeliz ideia de abrir as portas de Agreste a tal fábrica de dióxido de titânio, capaz de envenenar o ar puro, de ofuscar a limpidez do céu, capaz de degradar o rio e o mar, terminando com os peixes e os pescadores. Contrabandistas? Sempre o foram mas não existem marujos mais valentes e audazes do que os de Mangue Seco, enfrentando os tubarões e as vagas do mar em fúria. De súbito imensa piedade, incomensurável ternura a invade, esquece agravos, fingimentos, mentiras familiares. Gente pobre, pobre e adorável - gente de Agreste! Todos lhe querem bem, sem exceção, os bons e os ruins. Fizeram-na heroína e santa enquanto ela não passa de uma reles puta, pior ainda, de patroa de randevu, cafetina, exploradora de putas.

Diante do espelho, Tieta se prepara para a cama. Perfuma-se, embeleza-se para Ricardo. Na vespera não o teve; entre o gabinete 365

e o quarto, no corredor, a lembrança do pai e avô, recém-falecido e enterrado. Mas hoje ela espera seu menino. Luto de xibiu e curto, segredou-lhe de passagem.

Ao regressar a São Paulo já não haverá Felipe. A prosa incomparável, o riso divertido, a prudência e a audácia, o saber sem medidas. Foge dessa ausência definitiva para a fugaz ausência de Ricardo. Pouco falta para o rapaz vir a seu encontro na cama de dona Eufrosina e do doutor Fulgencio, de Perpetua e do Major Cupertino. Ali os dois casais se deram e se possuíram, também ela e Lucas, quando o jovem médico lhe revelou os requintes do prazer, as

loucas e absurdas regras do ipicilone. Nada se compara, porem, as noites de Tieta e Cardo, o fogo do sobrinho adolescente, a ardida fogueira da tia em plena madurez. Vira apos o Te Deum e o foguetorio; deve esperar na rede que Perpetua e Leonora se recolham e durmam para somente entao cruzar numa passada o corredor e vir aninhar-se em seu regaco. Tieta chega a janela aberta sobre o beco, dali nao enxerga a Matriz mas distingue o distante rumor das rezas. O povo de Agreste agradecendo a Deus. Tambem ela deveria faze-lo mas nunca foi chegada a oracoes e missas, pouco sabe de religiao. Padre Mariano, interesseiro e adulator, declara que ela, Tieta, viuva de comendador do Papa, e parte integrante da Igreja de Roma. Devido a Felipe, reverendo? Nao era seu marido, apenas seu marchante, ilicita relacao. Talvez devido a Ricardo, levita do santuario, menino de Deus, seu menino. Ligacao pecaminosa tambem, padre, em Tieta tudo e espurio, tudo e farsa. Volta ao espelho, examina o rosto em geral alegre, nesse instante melancolico. Como acusar os demais de hipocrisia e fingimento? Ela, a viuva Antonieta Esteves Cantarelli, nao passa de uma invencao, de uma intrujice armada peca a peca. Em Agreste houve Tieta, pastora de cabras, cabra ela propria, em cio. Em Sao Paulo, existe, famosa e rica proxeneta, Madame Antoinette, francesa da Martinica. Antonieta Esteves Cantarelli nao existe.

Sera que nao existe, que nao serve para nada? Ricardo lhe fizera desprezar o lucro de um bom investimento nos terrenos do coqueiral para sair em defesa do clima, do ceu, das aguas de Agreste, dando realidade e vida a Antonieta Esteves Cantarelli, ao lhe dar uma causa e uma bandeira. Seu menino. Sorri para a imagem no espelho, nem triste nem cansada. Despe a camisola, estende-se nua na cama para espera-lo, vestida apenas com as marcas roxas dos labios e dos dentes de Ricardo e vagos vestigios das queimaduras. Estara dormindo quando ele entrar, acordara em seus bracos, juntos romperao o 366

Ano-Novo. Com atraso e sem champanha, detalhes de pouca importancia se comparados a ternura e ao desejo desmedidos.

Acenderao os fogos da madrugada para saudar o Ano-Novo e, na barra da manha, em homenagem, praticarao o ipicilone duplo. O duplo, nao o simples. Para executa-lo como devido, na exatidao das regras absurdas, loucas e no entanto rigidas e inalteraveis, necessita-se de matrona experiente de cama, da maxima competencia, e de adolescente avido de gozo. Ou vice-versa, um veterano de mil batalhas e uma recruta apenas pubere. Em qualquer dos casos, no desvario da paixao.

**ONDE, NESTA ALTURA DA NARRATIVA, APRESENTA-SE PERSONAGEM NOVA, MAIS UMA PUTA, POR SINAL, NUM LIVRO EM QUE JA EXISTEM TANTAS**

Na mesma hora em que Tieta estende-se nua na cama para espera-lo a dormir, Ricardo, por entre a fumaca do incenso, ve pela primeira vez Maria Imaculada e leva um susto. Muito moca, ainda menina, nao deve passar dos quinze anos. Vestido de organdi azul-celeste, branca flor nos cabelos crespos, jasmim-do-cabo, cheia de corpo, os olhos duas brasas, a boca a sorrir. A sorrir para ele.

Durante a cerimonia festiva do Te Deum, muito do agrado do seminarista devido a pompa e ao jubilo das vestes e dos canticos, Ricardo sentira-se cercado pela admiracao e pela cobica de pelo menos tres mulheres, todas lhe parecendo de interesse. Proximas do altar, uma na primeira fila da direita, outra na primeira fila da esquerda, Cinira e dona Edna.

Na primeira fila da direita e nos limites do barricao das vitalinas, sentada no banco, Cinira revira os olhos, abre a boca suplice e ameaca desmaiar ante a visao divina, quando ele se adianta portando o incensorio. Na primeira fila da esquerda, ajoelhada no pequeno e baixo genuflexorio, ao pe de Terto que nao parece ser mas e seu marido de papel passado, dona Edna, magra e nervosa mas nao a desprezivel bruaca das injurias de Tieta, os olhos de

verruma, morde os lábios, arrisca acenos. Ah!, se pudesse pega-lo num canto da sacristia e cobri-lo de beijos! Ricardo atravessa em frente ao altar, detem-se a direita e a 367

esquerda, ante a semi-irmã e a adúltera, na direção e na intenção de uma e de outra e lhes envia o aroma do incenso, quase uma mensagem.

Gostaria de poder atravessar a nave e chegar aos últimos bancos, num dos quais, contrita e recatada, Carol, os olhos postos no altar, segue cada passo, cada gesto do altivo coroinha. Tendo Modesto Pires voltado para Mangue Seco, para o seio da família, ela necessita ser duplamente discreta, vigiada que é pela população, amasia do ricalhaco. Não podendo ir até onde Carol se encontra, Ricardo ergue bem alto o incensório e o agita no ar, a fita-la sorrindo, ofertando-lhe olorosa nuvem de fumaca branca. Percebe ela a significação do gesto? Provavelmente, pois baixa os olhos e coloca a mão aberta sobre o coração, comprimindo o seio arfante.

Ricardo percorre com os olhos a nave da Matriz completamente cheia. Quantidade de mulheres sentadas ou ajoelhadas. Ao fundo, de pé, os homens, exibindo roupas domingueiras, a exceção de uns poucos maridos mais cílios e devotos, postados próximo as esposas; Terto, por exemplo, que assim prova aos incredulos ser o feliz consorte da apetitosa dona Edna. Em face do altar, Perpetua e Peto ajoelhados lado a lado em vistosos genuflexórios que exibem placa de metal com os nomes dos proprietários: dona Perpetua Esteves Batista e Major Cupertino Batista, para que neles não se dobrem joelhos estranhos e indignos. Nem a honra de substituir o pai comove Peto, fazendo-o contrito e satisfeito. Queria estar entre os homens, ao fundo ou, melhor ainda, no atrio animado de comentários, Aminthas destilando veneno, Osnar alardeando patifarias.

Ricardo esconde um sorriso ao ver o irmão a se cocar, irrequieto, a cara de desgosto, de infinita chateação. Detalha os bancos onde o mulhério reza. De pé, junto a parede, quase ao fundo, reconhece Zuleika Cinderela, algumas vezes a vira na rua, fazendo compras.

Meia duzia de raparigas a seu redor, nenhuma delas ousara sentar-se, grupo isolado, a parte. Foi entao que Ricardo pousou avista em Maria Imaculada e a reconheceu pois nao era outra senao a tia Antonieta mocinha, como se por milagre da Senhora Sant'Ana houvesse voltado a adolescencia quando, segundo ela mesma lhe contara, ia encontrar-se com namorados na beira do rio, na sombra dos choroos, cabrita ardega. A face aberta e franca, o fulgor dos olhos, o corpo esbelto mas nao magro, os aneis dos cabelos negras serpentes, a boca de gula. Olhando para ele e rindo. Ricardo ergue mais uma vez o 368

turibulo, acompanhando o gesto do padre Mariano a abençoar, da um passo em frente querendo ir ao encontro da inesperada aparicao para a dadiva do incenso.

Terminada a cerimonia, todos tomam o caminho do ancoradouro onde Leoncio e Sabino ja se encontram com os fogos e as achas de madeira, acesas. Demora-se Ricardo na sacristia a retirar a sobrepeliz e a estola, ajudando Vava Muricoca e padre Mariano na limpeza e arrumacao dos objetos do culto. O padre estranha: dona Antonieta nao comparecera ao Te Deum, por que? Nao estava se sentindo bem, ainda no abalo da morte do pai, explica Ricardo.

- Pessoa distinta e generosa, pilar da igreja - define o reverendo. Leve para ela a bencao do Senhor que eu lhe envio. Ao dar a mao a beijar ao seminarista, recorda-se: - Nunca mais voce veio se confessar, qual o motivo? - Estive em Mangue Seco esse tempo todo, tenho me confessado no Arraial do Saco com um professor do seminario que esta veraneando la.

- Qual?

- Frei Timoteo.

- Esta em boas maos, nas maos de um santo. Na esquina da praca, embucada na sombra da mangueira, Maria Imaculada espera. Ricardo nao se surpreende, adivinhando- a proxima; ao cruzar a porta da sacristia a buscara com a vista. Ao se encontrarem frente a frente, fitam-se sorrindo, ela pergunta: - Ja esta livre, bem?

- Vou ter de encontrar a Mae e a prima no ancoradouro. - Tambem

vou pra lá.

Estava vazia a praça, apenas por detras da igreja o vulto do padre, recolhendo-se a casa paroquial. Vava Muricoca partira apressado, antes de Ricardo, para não perder nem um único foguete. Andam uns passos em direção as margens do rio. Apenas deixam a rua e penetram no escuro, ela lhe estende os braços. Ricardo a acolhe, prendem-se num beijo e nele permanecem. O gosto da tia mas outro perfume, cheiro agreste de mato. Ricardo toca-lhe o seio e o modela na mão: um dia será igual ao de Tieta, quando de todo se formar no correr do tempo; agora é fruta verde, ubre de cabrita. As bocas se separam num suspiro para novamente se fundirem, ela amolece nos braços de Ricardo. Andam uns passos mais, sobem ao céu os primeiros foguetes, abrem-se em estrelas, a mãe o espera em companhia de Leonora. - Tenho de ir.

- Demore mais um pinguinho só, bem.

369

Abrem-se em oferenda os lábios da menina: - Me beije de novo, bem.

Bocas de fome e sede e o roçar da língua. A mão de Ricardo desce do botão do seio para as ancas recentes, altaneiras proas de barco em começo de navegação; ao chegar ao porto de destino alcançarão a grandeza da bunda da tia. Sucedem-se os foguetes, explodem morteiros e rojões.

- Preciso ir. Como a gente faz para se ver? - Amanha te espero, bem, quando a luz apagar. - Onde?

Ela ri, gaiata:

- Tu és aprendiz de padre não pode ir em casa de dona Zuleika. Vou esperar no mesmo lugar de hoje. O beijo de despedida, prolongado na saudade, sob o foguetório. Os dentes da menina marcam o lábio do seminarista, ai!

- Doeu, bem? Perdoe, Ricardo.

- Tu sabe meu nome?

- Sei, mas tu não sabe o meu. - Ri novamente, vitoriosa. - E como é que tu se chama?

- Maria Imaculada, bem.

- Feliz entrada de ano, Imaculada.

Parte correndo e ali a deixa na feliz entrada de Ano-Novo. Volta-se na curva do caminho a tempo de ve-la coberta e iluminada pela chuva-de-prata. Ate amanha, meu bem.

## DA IMPORTANCIA DO SOBRENOME ANTUNES E DA PROMOCAO DE ASTERIO AO POSTO DE MAJOR

- Estou virando o maior fregues de seu cartorio, Doutor Franklin - pilheria Tieta ao cumprimentar o tabeliao, na tarde do dia dois dejaneiro.

Chega acompanhada de Asterio para ali encontrar-se com Jarde e Josafa.

- Sera que a senhora tambem quer saber se e herdeira das terras do coqueiral? Quase meia cidade ja desfilou nesta sala nos ultimos dias pedindo para examinar os livros antigos, tive de tranca-los no cofre com medo que rasurassem as folhas ou as 370

rasgassem. Nunca vi uma coisa assim em toda minha longa vida de tabeliao.

- Olhe que sua pergunta nao deixa de ter proposito, doutor. Nao vim ver se meu nome esta nos livros mas estou comprando uma propriedade dos Antunes, do velho Jarde e do filho Josafa, para minha irma e meu cunhado, e eles estao vendendo por causa dessa questao do coqueiral.

Doutor Franklin, a par do assunto, concordou num aceno de cabeça enquanto sorria para Asterio: felizardo, beneficiando-se da cunhada milionaria, presente de terras e cabras, bendito seja! O mundo e assim: uns nascem empelicados, de bunda para a lua, encontram o prato feito, a papa dada na boca. Para os demais, e o que se ve e sabe.

- E, o nome dos Antunes consta dos livros, eu disse a Josafa, mas avisei logo que ele nao esta sozinho, tem muita gente... - Antunes aqui, em Agreste, seu doutor Franklin, nunca ouvi falar que

houvesse outros, fora de mim, de meu pai e de minha falecida mae que Deus haja.

Interrompendo o tabeliao, ressoa na porta a voz potente de Josafa. Atravessa o batente, Jarde a reboque: - Nos temos um papel, lhe mostramos e foi o senhor mesmo quem falou do nome nos livros. Telegrafei para Itabuna ao meu advogado, ontem de manha, assim dona Antonieta me deu sua palavra. Fui incomodar dona Carmosina em casa dela no dia de ano. Comigo e assim, na rapidez, na cadencia grapiuna, nao e essa leseira daqui. La, se o fulano dormir no ponto, quando acordar esta sem sua roca de cacau. Tomara que a fabrica venha logo, para mudar esses usos daqui, para dar pressa no povo. - Voce teve foi sorte de dona Antonieta manter a palavra dada por Jose Esteves. Nao fosse assim, muito havia de penar para conseguir comprador e, se conseguisse, o negocio ia se arrastar na malemolencia de nossa batida descansada. O tabeliao retira os oculos, limpa-os no lenco, sem pressa, tem todo o tempo do mundo diante de si, prossegue: - Vou lhe dizer uma coisa, meu amigo. Pode ser que, com a vinda dessa industria tao falada, meu cartorio, que e um dos menos rendosos do Estado, aumente o movimento e eu ganhe um pouco mais de dinheiro, de que bem preciso. Contudo, prefiro que essa tal de Brastanio nao se instale aqui. Li o artigo de *A Tarde*, a carta ao nosso poeta, me arrepiei todo. Antes ja tinha ouvido falar na poluicao causada pelas fabricas de titanio, o Comandante me contou do acontecido na Italia, na Italia ou na Franca, nao me lembro mais. Prefiro nossa cadencia, devagar e sempre, a agua 371

pura, o bom peixe, os usos daqui. - Repondo os oculos, faz um gesto com a mao para impedir qualquer replica, terminara com aquele assunto: - Vamos a vaca-fria: Bonaparte, tome nota. Escritura de compra e venda da propriedade de nome... - Vista Alegre... - murmura Jarde, taciturno. No cartorio nao tem sequer o consolo da visao das mamas de dona Antonieta, opulentas nas rendas abertas do quimono. Josafa retira do bolso pequena agenda de capa azul, dita medidas, demarcacoes, datas, numeros, entrega as publicas-



formas do inventario dos haveres de dona Gercina da Mata Antunes, reduzidos alias a um unico bem, a Vista Alegre, plantacao de mandioca e milho, criatorio de cabras. Bonaparte, filho do doutor Franklin, cabecorra e baixote, uma pipa de banha, escrivao juramentado, anota os dados, recebe os documentos. Doutor Franklin marca a data da assinatura e do pagamento para dai a tres dias; feliz ou infelizmente, caro Josafa, Bonaparte nao lavra um termo de compra e venda na cadencia grapiuna. Tieta paga o sinal, Josafa trouxe o recibo pronto: a filha sabe onde pisa, nao e como o velho tonto a largar dinheiro em maos alheias recusando comprovante. Tieta guarda o papel, dirige-se ao tabeliao: - Minha presenca nao vai mais ser necessaria pois a escritura e passada em nome de Asterio e Elisa, sao eles que tem de assinar. Me toco amanha para Mangue Seco, estou dando a ultima demao de cal na choupana que construi.

- Ouvi falar. Bonaparte, que e muito de Mangue Seco, me disse que dos milagres que a senhora praticou aqui, nesses poucos dias, e foram varios, o maior de todos foi a rapidez com que levantou essa casa de veraneio. Botou aquela gente da praia, preguiçosa como que, na cadencia do nosso Josafa, a de Itabuna. - De Itabuna, doutor? A cadencia de dona Antonieta e a de Sao Paulo, com ela e a jato. - A risada forte de Josafa. - Devo a meu sobrinho Ricardo, ele tomou a frente, tacou fogo no pessoal, um menino que vale seu peso em ouro. A ele e ao comandante Dario, um amigao.

Ainda bem que Bonaparte nao vale seu peso em ouro, seria soma consideravel; nem por isso e mau rapaz, apenas nao quer nem pode correr. E para que correr? - pergunta-se o tabeliao. Em passadas largas, aberto em riso, Osnar invade o cartorio a frente da malta do bilhar, Aminthas, Seixas e Fidelio, e de quebra seu Manuel:

- Cade o fazendeiro? Capita Asterio, agora que voce e proprietario de terras e criador de cabras, eu lhe promovo a major. Cercam o amigo e companheiro, o campeão, o Taco de Ouro - mantera o titulo no atual torneio? Jarde e Josafa despedem-se, 372

Josafa aperta a mao de Tieta:

- Fique sabendo, dona Antonieta, que tive muito prazer em lhe conhecer pessoalmente. Se tem uma pessoa direita em Agreste, e a senhora. Com a senhora e pao pao, queijo queijo. - E verdade - concorda doutor Franklin. - Dona Antonieta e um exemplo de bondade e correcao. Mas antes de sair, Josafa, ouca a resposta a uma pergunta que vou fazer aqui a nosso amigo Fidelio. - Retira os olhos, volta-se para os rapazes em torno a Asterio: - Fidelio, como e mesmo seu nome? - Fidelio de Arroubas Filho.

- O nome completo, por favor.

- Fidelio Dorea A. de Arroubas Filho.

- E o A o que e?

- Fidelio Dorea Antunes de Arroubas Filho. - Obrigado - agradece o tabeliao e, brandindo os olhos, se dirige a Josafa, que espera parado na porta. - Esta vendo, Josafa? Outro Antunes. Ainda tem mais: dona Carlota Alves... Sabe quem e? A diretora da escola particular. Ela nao assina mas tambem e Antunes. Pelo lado da mae. Josafa nao se altera, solta uma risada de quem nada teme: - Uns Antunes que nem usam o nome. Nao sao como meu pai e eu, Jarde e Josafa Antunes, so e com muita honra! Para nao expor publicamente seu maior trunfo, controla a vontade de repetir alto e em bom som o nome e as manhas do advogado a quem telegrafara e com cujo concurso espera contar: doutor Marcolino Pitombo, especialista maximo em litigios de terras na regio cacaueira, famoso em Itabuna e Ilheus desde tempos imemoriais, quando Urucuca se chamava Agua Preta e Itajupe era a famigerada vila de Pirangi, onde se matava gente por um de ca aquela palha. Doutor Marcolino Pitombo ganha no direito e, se necessario, no caxixe.

Grapiuna esperto, Josafa esta certo de obter-lhe a aquiescencia pois, sabendo-o sergipano, em atencao a idade avancada e ao lugar de nascimento do causidico, mandara por a sua disposicao passagens aereas de Ilheus a Aracaju e vice-versa. Agreste encontra-se mais proximo da capital de Sergipe do que de Salvador, menor quilometragem a enfrentar de carro. Josafa ira receber o advogado em Aracaju, assim, alem dos honorarios, doutor Marcolino ganhara provas de consideracao e, de lambujem, visita gratuita aos parentes e a terra natal. Pensa em tudo, o diligente Josafa. Jarde pensa

apenas nas cabras, em Seu Me e nos entrevistados ubres de dona Antonieta, preciosos haveres perdidos para sempre. 373

ONDE, COM A CHEGADA DO PROGRESSO, INSTALA-SE EM AGRESTE UM JORNAL MURAL; COM BREVE NOTICIA SOBRE A COMPOSICAO E O COMPORTAMENTO DA TORCIDA NO CAMPEONATO DE BILHAR

Nao conseguiu Ascanio Trindade esfregar os doutos argumentos de Herr Professor Karl Bayer nas fucas do Comandante, fazendo-o engolir o insulto e oferecer reparacao. Comboiando dona Laura, o exaltado marujo, apos o enterro de Ze Esteves, saira diretamente do cemiterio para a canoa. Rompe o ano com os pescadores de Mangue Seco, fazendo honra a saborosa moqueca de cacao e arraia com a qual os moradores lhe retribuem a ceia de Natal. Delicados, rigorosos ritos de amizade, exigem estrita observancia.

Enquanto aguarda a occasiao de exhibir entrevistas e editoriais ao Comandante, Ascanio pensa na melhor maneira de levar o desmascaramento do cronista de *A Tarde* a populacao abalada com a leitura da *Carta ao poeta De Matos Barbosa*, seguida do incontrolavel disse-que-disse incentivado pela diabolica dona Carmosina e pelo vate Barbozinha elevado aos pincares da gloria. Nem a morte de Ze Esteves, com a pompa do enterro de primeira classe, conseguiu diminuir a comocao provocada pelo dramatico grito de alerta lancado por Giovanni Guimaraes. Aqueles que conheciam o jornalista pessoalmente, tendo privado com ele durante sua recordada visita a Agreste, tomavam de imediato partido a seu favor, saiam em missao de catequese, aliciando os demais, levantando a opiniao publica contra a Brastanio. Ascanio quebra a cabeça: como colocar ao alcance da populacao os artigos e as declaracoes, as paginas esclarecedoras dos jornais, pondo a questao em pratos limpos, demonstrando o exagero da cronica, a inexistencia de perigo maior, nada alem da poluicao normal, reduzindo as suas verdadeiras proporcoes o problema da instalacao da fabrica de titanio - afinal que especie de merda era esse tal de dióxido de titanio? Procurara informar-se na entrevista do professor

Bayer, não conseguira. Tudo quanto sabe refere-se a importância do produto, indispensável ao desenvolvimento patrio, e isso basta. Precisa levar a verdade a todos, convence-los das vantagens da Brastanio, do que ela significa em termos de riqueza e de progresso para o Brasil e para Agreste. Como fazê-lo? Sair mostrando os jornais pessoa por pessoa, impraticável. Deixa-los no Bar dos Acores, a disposição dos fregueses, não 374

resolve, pois somente uma parte dos habitantes, intelectualmente ponderável, numericamente desprezível, os lera, sem contar o perigo das gazetas sumirem ou serem rasgadas, destruídas. Convocar o povo para lhes dar conhecimento do conteúdo da matéria publicada, em praça pública, numa espécie de leitura coletiva? Ideia tentadora mas complicada, difícil e perigosa. Em se tratando da Brastanio, os pobres - e os outros também, conforme experiência anterior - poderiam pensar em nova distribuição de brindes e não os recebendo, se decepcionarem, saindo o tiro pela culatra.

Por fim, recordando os tempos da faculdade, decide-se pelo jornal mural, exposto na Prefeitura. Pela primeira vez, em vários anos de sinecura (mal paga), o tesoureiro Lindolfo revela-se de real utilidade. Habilidade proprietário de uma bateria de lápis de cor, colou os recortes e, em vistosas letras, reproduziu as principais afirmações das entrevistas e dos editoriais, tudo encimado por um dístico indo de uma extremidade a outra da cartolina: A BRASTANIO E PROGRESSO E RIQUEZA PARA AGRESTE! Culminando a obra de arte, desenhou enorme fábrica no centro de um panorama de felizes cidadãos empunhando festivas bandeiras e de prodigiosas benfeitorias: arranha-céus, vila operária, hotel magnífico, cinema digno da capital, ônibus luxuoso e moderníssimo. Primitivo ou primário, ao gosto e a cultura do fregues, o painel de Lindolfo ocupa a base da cartolina; entre ele e o elogio da Brastanio, os recortes esclarecedores. Penduram o jornal mural na parede da sala do andar térreo onde se reúne o Conselho Municipal quando da na cachola do coronel Artur da Tapitanga convoca-lo. Urge, aliás, fazê-lo, pois certamente vai ser necessário que os vereadores aprovelem o pedido

de instalacao da Brastanio no municipio. Ascanio conta como certa a apresentacao do requerimento pela Empresa, dando por descontado o resultado dos estudos efetuados pelos tecnicos. Se a Brastanio nao fosse se estabelecer em Mangue Seco, por que iriam os diretores contratar companhia de terraplenagem para tracar planos de alargamento e pavimentacao da estrada que liga Agreste a Esplanada?

Nem sequer a insolente declaracao de dona Carmosina, feita apos a leitura dos jornais - na falta do Comandante, Ascanio esfregara entrevistas e artigos nas fucas da agente dos Correios -, alterou as conviccoes, o entusiasmo e o bom humor do secretario da Prefeitura, em estado de euforia desde a chegada da carta e dos materiais enviados pelo Magnifico Doutor. Vazia de argumentos com que refutar a ciencia de Herr Professor e o patriotismo dos proprietarios das gazetas, dona 375

Carmosina contentara-se em afirmar, categorica e depreciativa: - Tudo isso nao passa de materia paga. Esta na cara. E preciso ser muito tolo ou muito safado para nao ver. Tao euforico, o progressista Ascanio, a ponto de cobrir Leonora de beijos quando lhe exibiu os jornais e a placa da rua Antonieta Esteves Cantarelli, em fogoso descontrole. Cobriu Leonora de beijos, modo de dizer, sapecou-lhe quatro ou cinco beijos nas faces, nao passou dai o fogoso descontrole, ainda assim imprevisto em quem vive a se cuidar para nao parecer cinico aproveitador, da mesma indigna casta do vilao que a enganara e seduzira. Ao ve-lo em tal contentamento, ressuscitado, Leonora sente vontade de sair pela rua cantando Aleluia, para saudar o renascido sol dos namorados.

Refletiram-se euforia e veemencia na brilhante atuacao de Ascanio no campeonato de bilhar. Apesar do pouco treino - ultimamente abandonara por completo a verde mesa dos brunswicks -estava fazendo boa figura, colocara-se entre os quatro semifinalistas. Nas quartas de finais, conseguiu derrotar Osnar em sensacional partida, enquanto Fidelio, jogador calmo e artiloso, batia o impulsivo Leleu. Permaneceram na disputa apenas Asterio, Seixas, Fidelio e Ascanio,

que convida Leonora para assistir as proximas partidas:

- Venha torcer por mim. Todo mundo tem torcida, menos eu. Realmente, para a fase decisiva do torneio anuncia-se a presenca no Bar dos Acores de numeroso e inabitual publico feminino. Somente em ocasioes excepcionais as mulheres frequentam o bar de seu Manuel, em geral abandonado a clientela masculina. A presenca de mocas e senhoras obriga a incomodo controle de linguagem e gesticulacao, transformando a atmosfera do recinto, habitualmente debochada, sem eias nem peias. Para o campeonato anual de bilhar, porem, quando e proclamado o Taco de Ouro do ano, tornou-se tradicao o gracioso desfile de esposas, noivas, namoradas, parentas e admiradoras dos disputantes. Elisa, por exemplo, nao falta. Elegantissima, aparenta ar distante e indiferente como se comparecesse apenas para cumprir dever de esposa incentivando Asterio. Em realidade aproveita a ocasio para sentir o odor pecaminoso do bar onde, na parede principal, entre garrafas de bebidas, foram coladas as folhas de um calendario de mulheres nuas, loiras, nordicas, morenas, orientais, mulatas, uma para cada mes, oferta de Aminthas ao amigo Manuel, lusitano viuvo, lubrico e esteta, conforme se le na dedicatoria. Segundo Osnar, o sargento Peto comeu as doze, uma a uma, na punheta. Ele e seu Manuel. Comparecem as primas de Seixas, rebanho garrido e alegre. 376

Dona Edna nao perde uma so partida, nem mesmo agora quando seus campeoes ja se encontram fora do pareo: o moco Leleu, que mais parece seu marido, e Terto que, como se sabe de sobejo, sendo esposo de papel passado, nao convence. Derrotados os dois, vacila dona Edna na escolha de um novo predileto entre os quatro semifinalistas. Talvez se decida por Asterio, para aperrear Elisa, metida a esnobe e a rainha da elegancia - elegancia de segunda mao, de vestidos usados, de refugos.

Vacilam igualmente algumas outras espectadoras. A maioria, porem, constitui a imbativel torcida de Fidelio, animadissima, formada por donzelas de diferentes idades, indo de jovens alunas do colegio de dona Carlota (Antunes) Alves a quase solteirona Cinira. Calado,

enrustido, na aparência um monge e cheio de admiradoras: um tipo surpreendente esse Fidelio A., ou seja Antunes.

Ascanio estende o convite a Tieta. Ela recusa: acertada a escritura da propriedade de Jarde e Josafa, pouco lhe resta a fazer em Agreste. No dia seguinte, sem falta, ira para Mangue Seco. Não vai pela manhã porque prometera a dona Milu almoçar com ela. Imediatamente depois enfrentara o solao do começo da tarde na lancha de Eliezer, levando Ricardo consigo para a arrancada final na construção do Curral do Bode Inacio: a pintura e o pavimento.

- Torneio de bilhar? Não, meu filho, prefiro o banho de mar na praia e o banho de lua nos combros de Mangue Seco. - Espreguica-se a prelibar tais delicias. - Ademais, quero gozar de minha biboca antes de ir embora.

- Ir embora? So depois da inauguracao da luz, não se esqueca. - De tao euforico, Ascanio solta a lingua: - Estou preparando uma surpresa para a senhora. - Para mim? Diga logo o que e.

- Me desculpe, dona Antonieta, mas não posso. Penso que a senhora vai gostar.

Gostaria, isso sim, que ele perdesse o acanhamento e agarrasse Leonora, levando-a pata a cama. O jeito e empurra-lo, precipitando os acontecimentos.

- Mais uns dias e a biboca estara pronta, mando buscar Nora para ficar la, comigo.

- Para ficar em Mangue Seco? - empalidece Ascanio, treme- lhe a voz, de subito esvaziado de euforia e entusiasmo. Exatamente como previra Tieta. Em Mangue Seco, no fim da semana, ela tirara da cabeça quente do rapaz a funesta ideia de permitir a instalacao no coqueiral de industria recusada em todas as partes do mundo, rechacada com horror, ameaca mortal para o 377

clima e as aguas de Agreste. Em troca, o colocara no leito de Leonora, o leito mais suntuoso do mundo, as dunas de Mangue Seco, livres da poluicao.

- Venha voce tambem, o Curral e pequeno mas se dando um jeitinho cabem as cabras e os bodes.

## DE COMO DEUS ATENDE A UM PEDIDO SACRILEGO

Ainda bem que Deus veio em seu auxilio, o deus dos namorados, atualmente o preferido de Ricardo, segundo tudo indica. E o fez de forma aparentemente violenta, a ponto de se poder considerar, em julgamento apressado, cruel e injusta a acao da Divina Providencia. Para logo constatar-se a precisa sabedoria da medida posta em pratica. No caso, vale a pena repetir o refrao popular, citado por dona Milu a proposito da expulsao de Tieta: Deus escreve certo por linhas tortas.

Refletia o esforcado aprendiz de padre e de homem sobre a empreitada em que se metera, buscando maneira de resolve-la, saindo airoosamente da dificil encruzilhada, trilhando caminhos a conduzi-lo primeiro aos bracos juvenis de Maria Imaculada, depois aos balzaquianos de Tieta. Nao via jeito, beco sem saida. Na noite passada, ao voltar dos fogos, acompanhando a mae e Leonora, quando reinou silencio na casa, transpusera o corredor e tocara o corpo nu da tia. Com os primeiros beijos, Tieta acordou e o prendeu nos bracos, cingindo-lhe a cintura: - Cabrito!

- Minha cabra!

Disse cabra com o pensamento na cabrita a pedir: me beije de novo, bem.

A voz desfalecendo em dengue ao trata-lo de bem, e ele se esvaindo ao ouvi-la pronunciar. Se pudesse, contaria a Tieta: hoje te encontrei, tia, no tempo de antanho, molecota, de tocaia sob a mangueira, no escuro. Me perdoa mas preciso saber como era teu gosto de pastora, sem perfume frances, sem cremes nem unguentos, sem perucas, negliges, colares de ouro, aneis de brilhantes, quando cheiravas a jasmim-do-cabo e vestias organdi azul-celeste.

Naquela noite, rompendo com atraso o Ano-Novo, Ricardo conheceu o singular prazer de possuir uma mulher pensando 378



noutra. Melhor ainda do que o ipicilone duplo, executado por Tieta, com sua colaboração, quando a primeira claridade da manhã penetrou pela janela aberta. Foram três no leito de dona Eufrosina e do doutor Fulgencio: ele, Tieta e Maria Imaculada. Como fazer para ir ao encontro da menina quando, às nove da noite, a luz se apagar? Mesmo nas suas visitas demoradas, não tinha pretexto para tocar-se rua afora, a mãe não fazia concessões em matéria de horários. Pensou em mil desculpas, inventou dezenas de razões, todas inconsistentes. O tempo passando e ele sem saber como agir. Disposto a inventar qualquer mentira, fosse qual fosse. Alias já mentira a tia naquela manhazinha, pois ela notara a marca da mordida e o interrogara. Mordera-se ele próprio, ao cobri-la de beijos e dentadas na hora extrema do ipicilone duplo.

Por cumulo do azar, além do inevitável Ascanio, a rodear a praça com Leonora, e do vate Barbozinha, na varanda a mentir para Tieta e Perpetua, nenhuma outra visita aparecera. Ao soar das nove, Ascanio trará Leonora de volta; descerão a rua, juntos, ele e Barbozinha. Perpetua se recolhera para as orações noturnas. Tendo acenado da porta o último adeus, Leonora beijara Tieta desejando-lhe boa noite. Então a tia, após a longa toaleta - demora o tempo da irmã e da enteada se entregarem ao sono - deitar-se-ia para gozar a boa noite em companhia dele, Ricardo. Espia o relógio, falta pouco mais de meia hora para as nove e ele nada inventa, capaz de lhe permitir a escapada. Uma angústia atroz o possui, daqui a pouco Maria Imaculada estará atrás do tronco da mangueira, a esperá-lo. Largando a gramática da língua portuguesa em que se recolhera para melhor pensar, Ricardo eleva o pensamento a Deus numa súplica desesperada e impia: Ajudai-me, Senhor Deus, nesse terrível transe! Tiro e queda pois em seguida soam passos na calçada, ouve-se a voz do padre Mariano a chamá-lo pelo nome: - Ricardo! O Ricardo! Já está dormindo? Acorre Perpetua a receber o reverendo, querendo saber o motivo da visita e do apelo. Motivo triste, cara filha: levar a extrema-unção a velha Belarmina, viúva de seu Cazuzá Bezerra, paroquiana muito da igreja, andando a passos firmes para os noventa anos. Acometida por um banal resfriado ha

poucos dias, piorara inesperadamente, tivera uma vertigem. Estando doutor Caio ausente, a veranear, foi chamado a atende-la seu Aloisio Melhor, substituto eventual do facultativo devido a sua condicao de dono da Farmacia Sant'Ana, laco comercial e unico a liga-lo a medicina. Ao ve-la largada na cama e nao tendo conseguido encontrar-lhe o pulso, o boticario mandara um recado urgente ao

379

paroco: a ancia agonizava sem sacramentos. Vava Muricoca, metido a fogueteiro, queimara a mao na vespera, ao soltar um rojao; o reverendo vinha em busca de Ricardo para o exercicio da caridade, ajudando a velhinha a morrer em paz com Deus. Obrigado, Senhor!, agradece o beneficiario em pensamento, enfiando a correr a batina sobre o shorte. Afinal, dona Belarmina ja vivera quase um seculo.

Vivera alguns anos mais, com certeza, pois a visao do padre e do seminarista conduzindo os santos oleos para a extrema-uncao pregou-lhe tal susto que de estalo lhe curou gripe e desmaio. Levanta-se lepida e para provar saude, de camisola de algodao com florinhas azuis bordadas na gola, executa uns passos de danca e mostra a lingua para o farmaceutico, o demonio da velha. Esclerosada, sim, agonizante, uma ova!

Apagavam-se as luzes quando o farmaceutico, o padre e Ricardo abandonaram a casa de dona Belarmina que os conduziu ate a porta:

- Seu Aloisio, quando quiser agourar alguem, va agourar sua mae!  
Acompanhando o reverendo a igreja para guardar os santos oleos e a agua benta, Ricardo percebeu Maria Imaculada atras da Mangueira e foi visto por ela. Ainda levou o padre a casa paroquial, ouvindo-o trancar a porta. Na rua da Frente, Ascanio e o poeta se distanciam. Veio entao.

- Voce e tao bonito de batina, bem.

Ricardo esta leve e feliz, Deus lhe dera o bom pretexto sem causar mal a ninguem, apenas a caminhada noturna de padre Mariano, obrigacao do officio de pastor. Maria Imaculada nao veste organdi azul-celeste, esta de saia negra e blusa estampada mas traz nos

cabelos, como ontem, jasmims-do-cabo e na boca o mesmo riso fresco e claro. Foram se beijando pelo caminho; ao chegar a beira do rio, vendo-o indeciso, ela o toma pela mão e o conduz ao mais recondito esconderijo sob os choroos na Bacia de Catarina. Deitou-se, abriu a blusa, suspendeu a saia, nada por debaixo, apenas o corpo arrepiando-se ao correr da brisa.

- Vem depressa, bem, que estou com frio. Ricardo empunha a batina, desabotoa o shorte, Maria Imaculada ri:

- Tu vai me santificar, bem.

Juntos voltam para a Praça. Ricardo, rindo a-toa, toca-lhe o rosto, beija-lhe os olhos, enfia a mão nos crespos cabelos, guarda no bolso da batina o jasmim do cabo. Despedem-se ao lado da mangueira.

380

- Amanha venho de novo lhe esperar, bem. Na mesma hora. - Amanha vou para Mangue Seco.

- Vai demorar 1a, bem? - a voz ansiosa. - Sabado estou aqui, tu pode me esperar. - Não deixe de vir senão vou morrer de tristeza. - Venho como sem falta. Até sabado, Imaculada. - Espere mais um pouquinho, bem. Me beije outra vez. No melhor do beijo, surge um vulto na Praça. Ricardo se desprende, Maria Imaculada dissolve-se na escuridão. Caindo de bebado, Bafo de Bode se aproxima, vem da beira do rio, fala aos arrotos mas o faz em voz baixa, evitando os gritos costumeiros. Não em respeito ao sono dos demais e, sim, porque também ele tem seus protegidos:

- Castigue o pau, padeco, e viva Deus que é nosso Pai.

ONDE O AUTOR INFORMA E DOCTRINA SOBRE  
SUSCEPTIBILIDADES

REGIONAIS,

CITA

NOMES

FAMOSOS NO MUNDO DAS LETRAS E DAS ARTES, BUSCANDO  
CERTAMENTE COM ELES MISTURAR-SE, COM OCASIONAL  
REFERENCIA AS ELEICOES PARA A PREFEITURA DE AGRESTE

Em momento crítico, quando ainda carecido de respostas positivas as questões colocadas com o anúncio da próxima instalação da Brastanio no coqueiral de Mangue Seco, ao pensar na população do Saco, arraial de pescadores ameaçados em sua atividade, Ascanio Trindade recusara tomar conhecimento do problema, recordando a posição geográfica do povoado, erguido na margem esquerda da foz do rio Real, no Estado de Sergipe. Em voz alta, Josafa Antunes proclamou o mesmo raciocínio regionalista em conversa com Tieta: os sergipanos que se cocem. Cocaram-se, pois *A Tarde*, em quadro na primeira página, reclama a atenção dos leitores para candentes matérias impressas no corpo do jornal, referentes ao perigo da poluição: notícia sobre as anunciadas eleições para a Prefeitura de Sant'Ana do Agreste, telegrama do senhor Raimundo Souza, prefeito do município de Estância, no Estado de Sergipe, e entrevista de "Carybe, artista de fama internacional que tanto tem elevado o nome do Brasil no 381

estrangeiro".

Sobre as eleições, breve grifo na coluna de Notas Políticas: circulam rumores segundo os quais a prioridade consentida na pauta dos trabalhos do Tribunal Eleitoral para a marcação da data do próximo pleito para a escolha do novo prefeito de Agreste deve-se a manobra da Brastanio, interessada em colocar a frente da comuna, onde pretende instalar a indesejável e condenada indústria de dióxido de titânio, homem de sua inteira confiança. O telegrama do prefeito de Estância ressuma indignação: "O ignóbil projeto da Brastanio de situar suas fábricas em Mangue Seco significa inqualificável ameaça para o litoral sul de Sergipe, para os bravos e honrados pescadores e toda a ordeira e laboriosa população do arraial do Saco, para a rica fauna piscatória da região, do mar e dos rios, o Piauí e o Piauítinga, que se juntam para formar o rio Real, pouco acima de Estância, município cuja ecologia e economia serão violentamente afetadas assim como as dos municípios vizinhos, tanto os de Sergipe quanto os da Bahia, Estados irmãos, cujas vozes e forças devem se unir em defesa da integridade do meio ambiente.

Não fosse o prefeito de Estancia conhecido por sua fina educação, poder-se-ia pensar que, ao classificar de honrados os pescadores do arraial do Saco, agisse na oculta intenção de opor sua honesta atividade a faina ilegal de contrabando exercida pela duvidosa colônia de Mangue Seco. De idêntica maneira, colocando o acento sobre o fato dos projetos da Brastanio ameaçarem igualmente a ecologia dos dois Estados, apelando para as relações fraternas que devem unir os membros de nossa vacilante federação, sobretudo quando vizinhos, tem-se a impressão de que o autor do telegrama responde com acerba crítica ao pensamento de Ascanio Trindade e a frase infeliz de Josafa Antunes. Não tinha conhecimento, porém, o eficiente e popular prefeito de Estancia nem da cinica declaração de Josafa, muito menos do desesperado recurso de Ascanio, que não chegara a se expressar em palavras. Devemos atribuir tais intenções, se em verdade existiram, a velhas queixas sergipanas contra certa tendência colonialista dos baianos, verdadeira ou não. Ao transcrever das colunas de *A Tarde* o energético protesto do digno prefeito de Estancia, não posso perder a ocasião de render pública homenagem aos seus méritos. Disseram-me ser ele proprietário de tradicional indústria de charutos, infensa a qualquer tipo de poluição, fabrico de trato artesanal onde as folhas do tabaco são enroladas sobre as coxas das exímias operárias, ganhando perfume e sabor especiais. Quem sabe, tratando-o bem como aqui o faço, receberei algumas caixas do estimado produto. 382

Em tempo de magros direitos autorais, preciosa oferta. Quanto a entrevista daquele a quem a redação do jornal, num desparrame de elogios, trata de pintor notável, de fama internacional, fazendo-lhe, ao que me consta, justiça a obra vasta e bela e, como se depreende do texto, a segunda por ele concedida a propósito da Brastanio e o faz na qualidade de "baiano ilustre e de proprietário de encantadora e rústica vivenda de veraneio em Arembepe". Começa por se referir a uma primeira entrevista quando, antecipando-se a Giovanni Guimaraes, condenara indignado a "Brastanio, monstruosa ameaça a praia de Arembepe, a toda a orla marítima da Capital, a populaçao

trabalhadora, aos peixes e mariscos, ao mar de Yemanjá". A referência fetichista denota a estreita ligação do artista com os candombles, num dos quais concederam-lhe um posto, não sei se de babalorixa ou de ião. Na segunda entrevista, felicita-se e felicita o povo da cidade da Bahia pelo fato de que, ante a onda de protestos provenientes de todo o país, inclusive de admiradores da beleza de Arembepe do porte de Rubem Braga e Fernando Sabino, a Brastanio parece ter renunciado ao propósito inicial de "cavar em Arembepe seu esgoto de fezes mortais". Vitória considerável mas, nem por isso, a luta contra a Empresa deve sofrer solução de continuidade, prosseguindo para impedir que a "indústria assassina se instale em terras da Bahia ou em qualquer outra parte do território brasileiro". Entrevista retada, de repercussão garantida, devido à projeção e popularidade do senhor Carybe. Alias, se até aquele momento apenas Giovanni Guimarães, o prefeito de Estância e o poeta De Matos Barbosa, em dois poemas publicados no Suplemento Literário do mesmo jornal, haviam elevado a voz em defesa de Agreste, do rio Real, da costa de Mangue Seco, dos municípios vizinhos, os protestos contra a instalação da fábrica e Arembepe sucediam-se cada vez mais numerosos.

Praia de pescadores conhecida pela abundância e qualidade da fauna marítima, pela extrema beleza da paisagem, pela quieta e pitoresca aldeia de casario alegre, celebrada em reportagens e artigos no Sul do país, tendo servido mais de uma vez de cenário para filmes, proclamada em certo momento e por curto tempo capital dos hippies da América Latina, como lembrou certa feita o comandante Dario, Arembepe teve inúmeros campeões a defender-lhe a beleza e a paz, todos eles importantes, a começar pelo egregio pintor acima citado.

Por coincidência, trata-se do mesmo dubio personagem que já cruzou as páginas deste folhetim com o aleivoso intento, coroado de êxito, de adquirir a preço vil, ao ingenuo padre Mariano, a imagem em madeira da Senhora Sant'Ana, obra de 383

santeiro do século XVII, de inestimável valor. Na ocasião, a quantia

paga parecera enorme ao pacato reverendo, que entregou de mao beijada a carcomida santa ao espertalhao. Pobre cura sertanejo! Encheu-se de remorso, anos depois, quando dona Carmosina lhe mostrou numa revista do Rio fotografias em varios angulos da imagem restaurada, "peca maior na notavel colecao de mestre Mirabeau". Somente entao deu-se conta do logro e desde aquele dia passou a existir um segredo tumular entre ele e a agente dos Correios e Telegrafos. Se bem pouco afeita a igreja, proclamando-se ao mesmo tempo agnostica, incredula e ateia, prometeu dona Carmosina dar fim ao exemplar da revista e esquecer o incidente, sensivel a ignorancia artistica de um humilde sacerdote perdido nos confins de Judas. Aproveito para contar haver dona Carmosina respondido ao mural de Ascanio Trindade, pendurado na parede da sala do Conselho Municipal da Prefeitura, com outro, maior e ainda mais chamativo, com frases tiradas de todas as materias aqui citadas e da cronica de Giovanni Guimaraes, tudo em letras garrafais. Completado com macabra ilustracao: a fumaca amarela saindo das chaminés da Brastanio, pavorosa mancha de dioxido de enxofre a degradar para sempre o azul do ceu, os efluentes gasosos; rio de peixes mortos no esgoto podre onde escorrem os detritos assassinos do sulfato ferroso e do acido sulfurico, os efluentes liquidos - dona Carmosina sabe tudo sobre o dioxido de titanio e sua producao. O coqueiral de Mangue Seco reduzido a misera tapera onde uma populacao de mendigos agoniza asfixiada. Obra de arte igualmente primitiva ou primaria, nada fica a dever a do tesoureiro Lindolfo; ao contrario, a supera pois, ao realiza-la, o artista usou tintas de aquarela e nao simples bateria de lapis de cor. Trabalho de Seixas, amator que, nas horas vagas deixadas pelo bilhar e pelas primas - e pela reparticao, acrescentamos, onde ele faz diario ato de presenca -, pinta seus quadrinhos em segredo para evitar a gozacao da malta. Segredo, e claro, do conhecimento de dona Carmosina. Colocado entre as duas portas de entrada do Areopago, o jornal mural de dona Carmosina, em cujo centro estao a cronica de Giovanni Guimaraes, os dois Poemas da Maldicao do vate Barbozinha, gloria local, e o retrato do pintor Carybe, gloria nacional, e muito mais lido e comentado do que o de Ascanio Trindade, posto na sala da

Camara Municipal - a frequencia de publico as duas repartições nao admite termo de comparação. Na Prefeitura aparece apenas quem tem assunto a tratar, pedido a fazer; ali se vai exclusivamente por necessidade ou obrigação. A agencia dos Correios vai-se por necessidade e prazer, para bater papo, ouvir os notaveis em erudito cavaco, informar-se do que 384

ocorre pelo mundo, as poucas alegrias, as desgraças tantas, os perigos inumeros.  
385

## **QUINTO EPISODIO**

### **DO SOL AZUL E DA LUA NEGRA OU A RIVAL DE DEUS**

COM MAQUINAS DESCOMUNAIS,  
ASFALTO  
ESCORRENDO  
SOBRE  
RUA,  
MANGUE,  
PRAIA  
E  
CARANGUEJOS, APRESENTANDO-SE  
DESLUMBRANTE  
VISAÇÃO  
DO  
FUTURO; ONDE SE ASSISTE A  
FORMAÇÃO DE UM DIRIGENTE A  
SERVIÇO DO PROGRESSO E SE  
ERGUE UM BRINDE A AMIZADE E A  
GRATIDÃO; QUANDO EXPLODE EM



MANGUE  
SECO  
IMPETUOSO  
MOVIMENTO DE MASSAS, AGRESTE  
IMPORTA ADVOGADOS E METODOS  
JURIDICOS,  
PERSONAGENS  
SECUNDARIOS  
TORNAM-SE  
IMPORTANTES; COM OS ESPONSAIS  
DE  
UM  
DONZEL,  
ENRUSTIDOS  
SONHOS, REVELACOES FAMILIARES,  
IMPRUDENCIAS,  
AUDACIAS,  
RANGER  
DE  
DENTES  
E  
UMA  
PALAVRA  
PRONUNCIADA  
EM  
LINGUA ALEMA - VENDO-SE TIETA  
SUFOCADA DE AMOR, AUSENCIA E  
MORTE.

DO RAPIDO ASFALTAMENTO DO CAMINHO POR ONDE PENETRARAO  
EM  
AGRESTE  
OS  
POSTES

DA

HIDRELETRICA, MELHOR DITO, DA RUA POR ONDE PENETRARA A LUZ DE TIETA OU DA MUDANCA DE RITMO NA VIDA DA CIDADE.

Tudo o que ate entao fora letra impressa em colunas de jornais, bate-boca nas esquinas, confusas aparicoes de seres de dificil identificacao, mesmo para Barbozinha, intimo do sobrenatural, concretizou-se em realidade tangivel e imediata com a presenca matinal nas ruas de Agreste das pesadas e potentes maquinas da Companhia Baiana de Engenharia e Projetos -- CBEP. Atravessaram com grave lentidao a Rua da Frente. Cavernoso ruido, formas excentricas e grandiosas, o progresso em marcha.

Botando os bofes pela boca, os olhos arregalados, o moleque Sabino as precedera, vindo a toda dos campos da Tararanga onde dava abasto ao corpo aproveitando-se da viciosa docilidade da cabra Negra Flor, flor do rebanho do Coronel Artur de Figueiredo. Na permissiva e gentil alimaria, o rapazola resume o mulherio de Agreste a povoar-lhe as noites adolescentes: Elisa, esposa do patroa, Carol, manceba do ricalhaco, Edna, que nao parece mas e casada com Terto, duas das primas de Seixas: a ligeiramente estrabica e a peituda, o resto um bagulho, a pequena Araci em cuja bunda se roca ao passar. Virente ramalhete, enriquecido com a chegada das paulistas, exoticas e sensacionais. Sabino esforca-se para respeitar Dona Antonieta mas que fazer se, ao ajoelhar para lhe pedir a bencao, aprecia o cinema inteiro na transparencia dos tecidos, nos descuidados decotes dos quimonos? Sem folego, o moleque atinge a loja de Asterio, onde Osnar conversa agricultura e veterinaria com o novo vizinho de terras. As palavras irrompem da boca de Sabino:

-- Estao chegando uns tanques de guerra com canhao e tudo. Aparece primeiro um jipe grande e veloz, passa em disparada em frente a loja. Surgem depois as lerdas maquinas e um caminhao transportando homens de macacao e capacetes, as maos calcadas com grossas luvas de trabalho. Nada tem a ver com os veiculos da Hidreletrica que de quando em vez trazem a cidade engenheiros e tecnicos, em repetidas comprovacoes de calculos para o itinerario dos postes.

Uma poderosa maquina com lamina dianteira, uma dessas motoniveladoras que raspam o chao e aplainam a estrada, um 387

rolo compressor e um carro quimico, espalhador de asfalto. Excitado, Osnar levanta-se da cadeira onde estava escanchado, acena para Asterio, toca-se em grandes pernadas para o sobrado da Prefeitura. Uma leve esperanca o conduz: quem sabe nao estara no jipe a recordada Elisabeth Valadares, Bety para os colegas, Bebe para os intimos? Na vespera de Natal, Osnar a perdera por questao de segundos. Ao chegar a Praca, apenas pode bispa-la no helicoptero, de onde, vestida de Papai Noel, acenava as massas com a mao. Acenara ele tambem e a ruiva miss, parecendo reconhece-lo, lhe atirou um beijo.

Se bem toda essa historia da Brastanio lhe desagrade ao extremo por vir perturbar os habitos da cidade, tao caros a quem jamais quis sair dali, desejoso de viver tranquilo, Osnar excetua Bety da mare da poluicao. Competente e apetecivel, ela lhe parece ser, sobretudo, uma vitima do sistema. Esperando seu retorno, tomara uma resolucao extrema e se dispoe a cumpri-la agora mesmo, se por acaso a secretaria-executiva fizer parte do grupo embarcado no jipe: contar-lhe a historia da polaca. A famosa historia da polaca de Osnar, como a experiencia comprova, e chave mestra, abre o cadeado de qualquer xibiu, nao falha. Nessa certeza marcha Osnar para a Praca: pode ser que um dia essa fabrica de bosta se instale mesmo no coqueiral de Mangue Seco e, antes de tudo apodrecer, Bebe, proclamada Rainha do Agreste, o coracao e os baixios sensibilizados com os emocionantes detalhes da historia sem igual, queira experimentar a rigidez e o sadio sabor do pau nao poluido de um sertanejo, gulodice de appetite.

Aproxima-se a tempo de ver um sujeito vestido de brim caqui, empunhando uma pasta, saltar do jipe e encaminhar-se para a porta de entrada da Prefeitura, deixando dois outros tipos no veiculo. Resfolegam atras as grandes maquinas, em respiracao de pedra, truculenta. De Bety, nem sinal. Nem dela nem do cordial vigarista, falastrao e poliglota a cujas ordens obedece a incrementada ruiva.

Desiludido, Osnar retira-se para o bar, dedicando-se, em companhia de seu Manuel, a azedos comentarios em torno da Brastanio:

-- Antes, pelo menos, mandavam umas femeas vistosas para a gente olhar. Agora, so da macho.

-- E esses trambolhos -- seu Manuel aponta as maquinas -- para que servem? A que se destinam?

-- A nos fuder a vida, Almirante, tu vai ver. Na Prefeitura, o individuo desembarcado do jipe entrega a Ascanio uma carta do Doutor Mirko Stefano na qual o Magnifico, extremamente gentil, depois de cumprimentar seu 388

"simpatico amigo Ascanio Trindade", apresenta-lhe o Doutor Remo Quarantini engenheiro-chefe da Companhia Baiana de Engenharia e Projetos -- CBEP que, a frente de um grupo de tecnicos, vai a Agreste fazer o levantamento dos dados referentes a estrada, com vistas as obras indispensaveis: retificacao do tracado, alargamento, pavimentacao. Aproveitando a circunstancia, leva com ele maquinas e operarios para o asfaltamento da rua, cumprindo assim a Brastanio promessa feita a comuna por intermedio dele, Mirko. Termina convidando o prezado amigo a comparecer com a maior urgencia a capital baiana para importante conferencia com elementos da diretoria da Empresa sobre os problemas relativos a instalacao da industria de dióxido de titânio na regio. Tem boas noticias a dar, quer faze-lo pessoalmente. Antes de assinar a carta, com abraços cordiais, avisa que as despesas de viagem correrão por conta da Brastanio, desejosa de não pesar no orçamento da Prefeitura. "Ate breve, caro amigo, conto com sua presença. Aproveite a conducao e a companhia e venha com o Doutor Remo que, além de tudo, é um merito contador de anedotas." Olhando-o, ninguém diria tratar-se de merito contador de anedotas: careca, barbas loiras, longas e emaranhadas, cara tipica de quem comeu merda e não gostou, silencioso. Nem por isso Ascanio deixa de lhe apresentar calorosas boas-vindas em nome das autoridades e do povo do municipio, de colocar-se as suas ordens prevenindo-lhe, ao mesmo tempo, da intencao de acompanha-lo na viagem de volta, disposto a regalar-se

com o hilariante repertorio. Enquanto no interior da Prefeitura sucedem essas etiquetas, na Praca, curiosos e desocupados examinam os Caterpilars, boquiabertos. Peto, a quem viaturas e maquinas interessam quase tanto quanto os misterios do sexo, descreve-lhes a utilidade e cita-lhes apelidos. Patrola, melosa e rolo compressor destinam-se a abrir ruas e a pavimenta-las. Nao com as pedras desiguais com que o avo de Ascanio, em tempos prosperos, calcara a Praca da Matriz, a Rua da Frente, a Praca do Mercado (desde entao Praca Coronel Francisco Trindade) mas com negro asfalto, calcamento conhecido apenas por aqueles que ja viajaram pelo menos ate Esplanada, Peto entre eles: tres vezes acompanhara Perpetua a cidade vizinha e uma a Aracaju, quase um globe-trotter. Comecam a acontecer novidades de monta, nao ha duvida. Nao se trata mais de conversa fiada. O engenheiro faz perguntas sobre a estrada. Desculpe-lhe a franqueza: aquele caminho de mulas nao merece ser tratado sequer de estrada carrocavel. Trilha incerta, estreita picada repleta de lombadas, lamacais, cacundas, valetas, crateras, em suma, uma 389

escrotidao. Sera necessario refaze-la por completo, modificando-lhe talvez o tracado, consideravel mao-de-obra. Ascanio fornece alguns dados mas somente Jairo, proprietario da marineti, familiar da travessia, pode dar informacao precisa, quando chegar de Esplanada.

Um sorriso zombeteiro desenha-se no rosto macambuzio do Doutor Quarantini: na saida de Esplanada haviam deixado para tras o extraordinario veiculo, tao obsoleto a ponto de ser ultrapassado pelas maquinas de marcha reduzida. Realmente, quem a leva e traz deve conhecer aquela buraqueira palmo a palmo. Ascanio recomenda-lhe prudencia no trato com Jairo: o dono da marineti anda de mau humor desde que vira no jornal mural da Prefeitura o desenho dos magnificos onibus previstos para o servico de passageiros na nova estrada, essa que o engenheiro vai tracar e construir.

Falando nisso, solicita ao engenheiro um minuto de seu precioso

tempo para admirar o jornal mural, antes de ir ver o trecho a asfaltar pelo qual, alias, vem de passar pois fica na entrada da cidade. O barbudo, diante do desenho, concede outro sorriso, dubio. Ascanio fica sem saber se devido a discutivel vocacao artistica de Lindolfo ou ao entusiasmo, demonstrado no mural, pela Brastanio e seus efluentes progressistas. O visitante nao comenta nem os desenhos nem as afirmacoes em letras coloridas:

-- Vamos indo. Quanto antes se comece, melhor. Tem pressa. Excetuando-se Doutor Mirko Stefano, pausado e calmo, todas as demais pessoas ligadas ao progresso nao admitem perder tempo, estao sempre correndo, impacientes. Seguindo o careca para o jipe, Ascanio comprova que ele proprio deve mudar de ritmo. Distante da capital, habituara-se, nos ultimos anos, ao lento compasso das horas de Agreste.

Jipe, caminhao e maquinas descem a rua, acompanhados pela massa crescente de basbaques. Na entrada da cidade param, despejando tecnicos, capatazes e operarios. Ascanio, os dois engenheiros e o fiscal da Companhia percorrem o trecho de caminho a ser pavimentado, a futura Rua Antonieta Esteves Cantarelli.

-- Esse pedacinho, so? -- Doutor Quarantini dirige-se aos capatazes: -- Nao precisa armar as tendas, essa bobagem a gente fatura hoje mesmo. Pensei que fosse coisa de vulto. -- Fala para Ascanio: -- Muito bem, meu caro, vamos meter maos a obra. Quem sabe o amigo pode providenciar a gororoba para o pessoal e uns cascos de cerveja? E almoco para nos. Tem algum restaurante que preste? Pelo jeito... -- Um desanimado gesto de 390

resignacao: -- Qualquer coisa serve.

-- Fique descansado, cuidarei disso. Que horas pensa voltar? -- No fim da tarde. Vamos fazer o possivel para terminar antes do por-do-sol. Da, nao da, Sante? Sante, possante mulato a mastigar uma ponta de charuto, confirma:

\_\_ -- Demais. -- Ordena aos homens: -- Toca o bonde. Cavaletes pintados de amarelo demarcam os limites onde o transito torna-se proibido, os curiosos sao afastados, as grandes maquinas entram em

acao. Acotovelando-se por detras dos cavaletes, sob o sol intenso, o povo acompanha atento o desenvolvimento do trabalho. A patrola levanta, espalha a terra e a aplaina, sua pa enorme causa admiracao. Ainda mais o rolo compressor, indo e vindo nos cem metros do caminho, sujeitando a terra solta, transformando-a em solido leito de rua. Da Rua Antonieta Esteves Cantarelli, curta mas asfaltada, primeira beneficiaria do progresso trazido pela Brastanio. E ainda ha quem fale mal da grande industria, reflete Ascanio, revoltado com as injusticas do mundo. Percorre com o olhar os curiosos, constata a admiracao geral. Caloca, dono do Bar Elite, cacete-armado onde vende cachaca no Beco da Amargura, sintetiza a opiniao geral: -- Porreta! Va trabalhar depressa assim na puta-que-pariu! Vitorioso, o coracao aos pulos, o secretario da Prefeitura de Agreste retira-se para tomar outras providencias. Passa na pensao de Dona Amorzinho, encomenda comida para toda a equipe. Ele e mais tres virao almocar na sala da pensao, os trabalhadores comerao no proprio local de trabalho -- faca um bom feijao e cabrito assado. Quem paga e a Prefeitura, nao va cobrar aos homens. Dirige-se, a seguir, a casa de Perpetua para contar as novidades a Leonora, comunicar-lhe a inesperada ida a capital. Dar-se-a ela conta da importancia dessa viagem que podera transformar o namoro sem perspectivas, um sonho absurdo, em exaltante realidade de noivado e casamento? Voltara trazendo o requerimento da Brastanio dirigido a Prefeitura, solicitando autorizacao para se instalar em Agreste. Somente isso? O horizonte e amplo em sua frente.

Em companhia de Ascanio, ao meio-dia, os dois engenheiros e o fiscal da obra, comem o melhor almoco de suas vidas: pitus fritos, aferventados, escalfados com ovos, moqueca de peixe, galinha de molho-pardo, cabrito assado, carne-de-sol com piraõ de leite. Doces de sabores raros: de jaca, carambola, groselha araca- mirim. Passas de caju e jenipapo. Refrescos de mangaba e de caja. O sorumbatico engenheiro-chefe comeu tanto com tal disposicao, a ponto de aflorar-lhe as faces desbotadas um ar de vico. Deixando o calcamento por conta do colega, estende-se numa rede para so 391

acordar no fim da tarde, a tempo de assistir a conclusao dos trabalhos.

Quando, depois da boia, a marineti de Jairo buzinou na curva, os operarios ainda no prazer do feijao e da cerveja -- o feijao de Dona Amorzinho, nao um feijao qualquer --, acabavam de passar a primeira camada de pixe grosso e reluzente sobre o aplainado terreno. Retiraram os cavaletes para abrir caminho a resfolegante viatura, saudando-a com assovios e dichotes: ferro-velho, calhambeque podre, sobra de guerra, lixo; imensa vaia a acompanha.

Por volta das seis horas, maleta em punho, Ascanio aparece, de braco dado com Leonora. O calcamento chega ao fim. Brilha o betume, umido e negro. Saindo do carro quimico, um tubo asperge uma ultima camada de asfalto fino. Esta pronta para ser inaugurada, a Rua Antonieta Esteves Cantarelli. Caloca aproxima-se de Ascanio, pede, provocando risos: -- Seu Ascanio, aproveite e mande eles calcar o meu beco, fazem num minuto.

Ainda sonolento, o engenheiro Remo Quarantini ordena a partida, que almoco! Ascanio despede-se de Leonora, beijando-a na face diante da multidao. Deixa-a junto de Dona Carmosina, na primeira fila dos curiosos. Nao resiste e provoca a adversaria e amiga:

-- Conheceu, papuda?

Nao espera a resposta. O engenheiro, no jipe, pede pressa, toca a buzina. De agora em diante faz-se necessario correr, terminaram-se os tempos de lezeira. De lezeira ou de lazer?



ONDE SE SABE DAS MAQUINAS NA ESTRADA OU JAIRO, O JUBILOSO.

Pois assim e: um dia da caca, outro do cacador ou ri melhor quem ri por ultimo. Extinta a luz do motor ao toque das nove no sino da Matriz, acionado por Vava de mao ainda enfaixada, soam palmas insistentes na porta da casa do humilhado Jairo. Apresenta-se um ajudante de chofer, membro da equipe de asphaltadores, bons de vaia e de achincalhe. Solicita ferramentas emprestadas e, se possivel, a presenca de Jairo, seu precioso 392

auxilio. Duas das maquinas encontram-se quebradas na estrada, apenas o rolo compressor prosseguira a marcha para Esplanada. Quanto ao jipe e ao caminhao com os operarios, ao sair de Agreste tocaram-se na frente e a essas horas ja devem estar proximos a Bahia. O moco veio a pe, esta morto de sede, aceita um copo com agua. Desculpe o incomodo.

-- Onde se deu?

-- Pertinho daqui, todas duas. Uns sete ou oito quilometros. Naquela lombada, sabe, onde tinha um mata-burro meio rebentado. Acabou de rebentar com o peso da patrola que afundou. A outra nem chegou la. Deu galho antes. Cabe aos vitoriosos a generosidade. Magnanimo, Jairo coloca-se as ordens:

-- Vamos ver isso. Nao ha de ser. nada. Da-se um jeitinho. Dirige-se a garagem. Acaricia a marineti, murmura-lhe palavras de carinho e confianca:

-- Vamos socorrer os ricos, meu Disco Voador, eles te chamaram de lixo, de ferro-velho, agora chegou nossa vez. Veja la como se comporta, esqueca as manhas. Nao va fazer feio, me deixar na mao, prove seu valor, minha sensual. A manhosa e sensual comporta-se a altura. Desenvolve apreciavel velocidade, o motor nao rateia nem uma so vez. Bichinho bom, constata o ajudante de chofer ao ve-la prosseguir, indiferente a crateras, atoleiros, cacundas, abismos. Impavida e serena, ao som de musica pois, por incrivel que pareca,

ate o radio russo funcionou.

Jairo presta a ajuda solicitada, sobra-lhe competencia. Postas as maquinas em ordem, meia-noite passada, sem esperar agradecimentos, limpa as maos na estopa, sobe o degrau da porta, liga o motor, a marineti parte soltando a descarga de despedida. Beleza de descarga!

Obrigado, Estrela do Sertao; vamos em frente, minha pi- currucha.

## DAS PREOCUPACOES DO NOVO-RICO.

Cresce o movimento, modifica-se a cadencia. No caso concreto de Asterio, promovido de modesto comerciante a novo- 393

rico, de capitao a major, a responsabilidade cabe a cunhada rica de Sao Paulo e, se intervencao houve da Brastanio, foi indireta e casual. De qualquer maneira, tambem para ele o ritmo da vida acelerou-se. Antes, passava manha e tarde na loja, despachando reduzida freguesia, vendendo uns poucos metros de fazenda, uma camisa de homem, uma saia de mulher, uma duzia de botoes, agulhas e carreteis de linha, quinquilharias, bagatelas. Sobrando-lhe tempo para transar com os amigos, sobretudo com o indefectivel Osnar, ouvindo fuxicos, comentando acontecidos, saboreando historias da "trepidante vida noturna de Agreste" (como diz o sarcastico Aminthas) pondo-se a par das qualidades das ultimas raparigas recrutadas por Zuleika Cinderela. Dias antes, lhe haviam falado de uma novata, moderninha, quinze anos incompletos, dona de um traseiro que, a continuar se desenvolvendo sera, em breve, o mais vistoso de Agreste; viera do arraial do Saco e se chama Maria Imaculada.

No comeco da tarde, hora morta, deixava o moleque Sabino tomando conta do balcao, ia dedicar-se a longos treinos nos dois brunswicks do bar. Agora, tem de se desdobrar, dividindo-se entre a loja, as terras e as obras da casa de Tieta. Ida matinal a Vista Alegre, para fiscalizar rebanho e plantacao, colocados sob os cuidados imediatos de Menininho, filho de Lauro Branco, arranjo de

Os nar: -- Roubado, major, voce vai ser de qualquer maneira, bote quem botar, entao, e melhor que seja pelo compadre Lauro que a gente sabe que rouba sem exagero e, tirante isso, e homem serio e trabalhador. Menininho e bom de enxada, sabe cuidar das cabras e tem o compadre ao pe para aperrear. Desde que voce controle, como eu faco, a coisa anda.

Corre da loja para as obras em vias de acabamento, na casa comprada a Dona Zulmira. O velho Ze Esteves plantava-se ali o dia inteiro, azucrinando mestre Liberato, dando esporro nos operarios, ameaçando deus e o mundo. Asterio precisa impedir que, com a falta do Velho, o trabalho se arraste justamente quando chega ao fim. Prontos os sanitarios, os melhores de Agreste, com chuveiros e banheiras, latrinas de luxo, bacanerrimas, comecada a pintura, pouco falta para a casa estar habitavel. Alias, o plano de Asterio e efetuar a mudanca quanto antes, mesmo nao estando completa a reforma. Duas vantagens: deixara logo de pagar aluguel e com eles dentro de casa as obras andarao mais depressa. Ja deu ordens a Elisa para arrumar os terens. A morte do velho Ze Esteves viera abrir-lhes o caminho da prosperidade. Mandioca e cabras, terras. Quem possui terras e 394

dono de um pedaco do mundo, repetia o sogro, lastimando o perdido patrimonio. Casa porreta, senao propria pelo menos gratuita, uma das melhores residencias da cidade. Digna moldura para a beleza e a elegancia de Elisa.

Elisa o preocupa. Anda de cabeça baixa, lacrimosa, pelos cantos. Nem parece haver recebido tantos e tamanhos beneficios, provas de amor fraterno poucas vezes vistas em Agreste. Nunca vistas. Tieta e mao aberta, mais do que generosa, perdularia. Nao obstante Elisa se comporta como se houvesse sido ofendida ou maltratada. Asterio nao lhe vira mais um unico sorriso nos labios desde aquela tarde, no dia seguinte ao enterro do Velho, quando Tieta anunciou a compra da Vista Alegre em nome do casal. Por mais de uma vez Asterio lhe perguntou o que tem, qual o motivo dessa tristeza, Elisa responde que nao tem nada, tristeza nenhuma, nao se preocupe com ela. Nao

rira nem mesmo quando ele lhe comunicou estar Osnar disposto a propor a secretaria- executiva do tal homem da Brastanio, aquela de faixa prateada na cabeleira ruiva, se lembra? o mesmo que propos a polaca, imagine o despropósito!

Inacreditavel: Elisa ficara arrasada com a morte do Velho. Enquanto ele viveu, em nenhum momento Asterio percebera qualquer demonstracao de amor profundo, entre filha e pai. O medo, isso sim, Elisa nao conseguia esconder. Confusamente Asterio se da conta de que ela se casara sobretudo para libertar- se da tirania paterna, da prisao familiar, do cajado e da taca de uso permanente. Mesmo depois de casar as filhas, o Velho se impunha, a elas e aos genros. Jamais Asterio o ouvira pronunciar uma palavra de carinho, esbocar um gesto de ternura, nem sequer para confortar Elisa quando do passamento de Toninho. No velorio do Major, Perpetua por uma vez desfeita em lagrimas, inconsolavel, Ze Esteves escarnecera:

-- Nunca mais arranja outro, perca a esperanca. Idiota dessa especie aparece um em cada seculo e olhe la. Vivia a acusar Asterio devido ao assunto do cheque usado para descontar a duplicata. Transcorriam os anos e o carrasco continuava a lancar na cara da filha, quando nao do genro, aquela falcatrua, ameaçando-o de cadeia se a repetisse. Meu Deus, como e dificil entender as pessoas! Pensou que Elisa fosse respirar, finalmente liberta do medo, medo do Pai e da miseria. Feliz com o presente da irma, solucao para os problemas de dinheiro a agonia-los, alem da nova residencia a lhes dar status de ricos, lugar proeminente na sociedade de Agreste. Ao contrario, Elisa parece inconsolavel como se, ao perder o Pai, houvesse perdido qualquer esperanca de felicidade. Asterio nao e exatamente um psicologo apesar das 395

demonstracoes intelectuais fornecidas nas carambolas ao bilhar, calculos exatos, milimetrados, perfeitos; certas tacadas suas sao obra de arte. Mas as complicacoes no comportamento das pessoas, calundus, choradeiras, fossas, o perturbam e o apoquentam. Talvez Dona Carmosina, tao inteligente e lida, possa entender e explicar. Tieta tambem, nada lhe escapa.

Quando conversaram, ele e Tieta, a proposito do desejo de mudanca para Sao Paulo, expresso por Elisa, a cunhada o aconselhara a botar redea curta na esposa, a seguir o exemplo do velho Ze Esteves e ate falara no bordao. Tao bondosa, coracao de ouro, todavia, em certos instantes, Tieta se parece com o Velho. Erguer a voz contra Elisa? Traze-la de redea curta? Mas por que, se ela e tao direita e dedicada, dona- de-casa cuidadosa, sem falar na beleza e na elegancia? Recordando tais virtudes da esposa, comove-se Asterio. Que mal existe em choro e tristeza de filha, lastimando perda de pai? Com o tempo passara. Mais dia menos dia voltara a ser a mesma Elisa, ostentando o ar distante e um pouco esnobe, um tanto melancolico que lhe vai tao bem. A mulher mais bela e elegante da cidade; outrora pobre, hoje proprietaria de terras, quem tem terras e dono de um pedaco do mundo, frase do Velho excomungado. Dona de uma senhora bunda. Falaram a Asterio de uma tal Maria Imaculada cujo traseiro, sendo cuidado, um dia... Tolice. Igual ao de Elisa, nenhum, por mais se esforce a natureza.

#### ONDE SE ERGUE UM ULTIMO BRINDE A AMIZADE E A GRATIDAO.

Voz de galhofa, Aminthas pergunta, ao ver passar, apressado, suando em bicas, pasta negra sob o sovaco, a potente figura do Doutor Baltazar Moreira, bacharel em Direito com escritorio em Feira de Santana.

-- Sera que escolheram Agreste para sede de algum Congresso de Juristas? Onde a gente chega, tropeca num advogado.

Osnar descansa o taco, constata a diferenca de pontos a separa-lo de Fidelio, ja nao ve possibilidade de recuperacao e vitoria, assume o papel de hierofante em geral exercido pelo poeta 396

Barbozinha:

-- Quando os urubus aparecem, e sinal de carnica. Isso aqui vai feder.

Adiadas as partidas decisivas do campeonato, devido a viagem Ascanio a Capital, os candidatos ao Taco de Ouro contentam-se com desafios amistosos, a base de apostas de garrafas de cerveja. De pé para melhor observar o jogo de Fidelio, seu próximo adversário nas semifinais, Seixas intervém: -- Ainda bem que vai feder. Vamos sentir o cheiro do petróleo, do enxofre, dos gases das indústrias químicas. Fedor de progresso, Osnar. Não é mesmo, Fidelio? No espanto da pergunta inesperada, Fidelio reage: -- Que é que eu tenho a ver com isso?

-- Você não é um dos Antunes, um dos herdeiros do coqueiral? Todo mundo ouviu o Doutor Franklin dizer, no cartório. Ou você pretende esconder sua riqueza da gente? Esta aí, esta milionário, sócio da Brastanio, pronto para poluir Mangue Seco. Garanto que um desses advogados veio a seu pedido, não é? Qual deles? Solte a língua, conte a seus amigos. Fidelio suspende a tacada, fala sério, sem achar graça na provocação do parceiro:

-- Não preciso de advogado. -- Volta a tacada e a habitual reserva.

-- Se você quiser, eu posso me ocupar de seu caso. -- Seixas persiste na pilheria sem ligar para a tromba do companheiro: -- Para começar, lhe aconselho juntar seus trapinhos com os de Dona Carlota que é outra candidata ao coqueiral, casamento com comunhão de bens, Antunes com Antunes. Além de tudo, você pega um cabaco enrustido, de antiquário, digno de museu.

Fidelio liquida a partida, uma última carambola, tenta liquidar também com a zombaria que evidentemente não lhe agrada:

-- Não preciso nem de advogado nem de conselheiro. Meta-se com sua vida. . . Sua intenção, eu sei qual é: me irritar, me por nervoso para eu perder quando jogar com você. Isso é uma safadeza.

Abespinha-se Seixas:

-- Só estava fazendo uma brincadeira, sem nenhuma intenção. Para ganhar de você, não preciso disso, já ganhei muitas vezes. Não admito que me chame de desonesto. Osnar, tendo guardado o taco, corta a discussão: -- Que besteira é essa? Vamos acabar com isso. Deixem que a carnica apodreca longe da gente. Eu disse que vai feder e 397

ajunto: vai feder e ferver. Mas quem quiser discutir sobre essas porcarias, va discutir longe daqui. Nossa chacrinha nao tem nada a ver com isso. Ha quantos anos somos amigos? -- Muda de assunto: -  
- Se voces garantem nao falar a Asterio, conto uma surpresa que estou planejando fazer. Seixas ainda resmungo, Fidelio mantem silencio, Osnar continua:

-- Voces sabem que o Sargento Peto vai completar treze anos por esses dias? Estou acertando com Zuleika uma grande festa para o sabado que vem, para comemorar a data. -- Com Zuleika? Por que com ela? -- Espanta-se Seixas, um resto de magoa na voz: -- Aniversario de garoto, se festeja em casa dos pais com guarana, coca-cola, mesa de doces, umas festinhas que sao o fim da picada. Mas se Dona Perpetua comemorar, tenho de ir para levar Zelita, minha prima mais moca, de onze anos. Ela adora.

Osnar sorri para Seixas, agradecido. A conversa toma rumo a seu gosto. Esta cansado de ouvir bate-boca sobre fabrica e poluicao, atualmente nao se fala de outro assunto em Agreste. Nem o rapido avanco dos postes da Hidreletrica do Sao Francisco, tema de entusiasticos comentarios ainda havia uma semana, consegue agora desviar as atencoes do problema a dividir a cidade desde que as maquinas da CBEP, a mando da Brastanio, asfaltaram num piscar de olhos o antigo Caminho da Lama, futura Rua Antonieta Esteves Cantarelli. Segredo mal guardado, a programada homenagem anda na boca do mundo, diversas pessoas viram a placa na mao de Ascanio. Somente Tieta, veraneando em Mangue Seco, ignora a proxima consagracao oficial de seu nome, dos projetos atuais da Municipalidade, o unico a reunir aplausos e aprovacao unanimes. No mais, reina a discordia, a cidade dividida. Nas ruas antes tao pacatas, travam-se polemicas, trocam-se desaforos. Argumenta-se a favor ou contra a instalacao da fabrica. Deve-se ou nao permitir, saudar com entusiasmo ou repelir com indignacao, significa vida ou morte? Uma parte da populacao mantem-se indecisa, sem saber em qual dos murais acreditar. No da Prefeitura, onde se afirma a completa inocuidade da industria de dióxido de titanio e sao prometidas mirabolantes maravilhas ao municipio e ao povo? Ou no

da agencia dos Correios, a proclamar a extrema periculosidade da Brastanio e o perigo que correm o ceu, a terra, o mar e a atmosfera de toda a regio, desgracas mil devidas a industria de dioxido de titanio? Dioxido de titanio, nome sugestivo, apaixonante, ameaçador, misterioso. Existem alguns ecleticos que misturam alegacoes dos dois 398

murais ou seja: acreditam haver muita verdade nas afirmativas sobre a terrivel porcentagem de poluicao causada pela discutida industria mas acham que nem por isso se deve impedir sua instalacao no coqueiral de Mangue Seco ou em outro ponto qualquer de Sant'Ana do Agreste. Segundo eles, nao existe progresso sem poluicao e citam o exemplo dos Estados Unidos, do Japao, da Alemanha, de Sao Paulo, quatro colossos. Debate altamente intelectual a ganhar a rua, extralimitando das fronteiras do Areopago, do Bar dos Acores, da pensao de Zuleika, da Matriz, centros culturais de Sant'Ana do Agreste, sendo o ultimo especializado em questoes de liturgia, nas quais as beatas sao peritas dando, por vezes, quinaus no proprio Padre Mariano. Passou-se a discutir nas lojas, nos armazens, na feira, nas casas e nas esquinas. Ate no Beco da Amargura, no boteco de Caloca. Com ardor, por vezes apaixonadamente. Aqui e ali, aconteceram as primeiras desavencas serias. Bacurau e Carioca (devia o apelido a ter residido no Rio durante uns anos e ser metido a letrado), ambos empregados no curtume, foram as vias de fato quando Bacurau tratou Carioca de pestilento e este, em troca, o ofendeu acusando-o de medieval, xingo grave pois desconhecido para Bacurau, homem de poucas luzes. Dioxido de titanio tornou-se expressao popular, signo ao mesmo tempo do bem e do mal. Como sempre sucede em se tratando de simbolos misticos, sobre esse reverenciado e temido totem, nada sabiam, nem sequer seu aspecto: se gasoso, liquido ou solido. Certamente, sendo uma divindade, participa dos tres estados. Gasoso, empesta o ar; liquido, envenena as aguas; solido, sua presenca se impoe concreta sobre a populacao dominando-a. Tem razao, Osnar: o dioxido de titanio fede e ferve na cidade. Que nao o



faca na rodinha diaria do bar, na mesa de cerveja e na verde cobertura dos brunswicks! Sorri para Seixas, agradecido. Para Osnar a amizade e bem precioso, faz-se necessario preserva-la da poluicao. Estendendo a mao comprida e magra toca o joelho do parceiro, num gesto de afeto:

-- Eu lhe disse que o sargento vai completar treze anos, Seixas. Ou voce nao sabe que aos treze anos o cidadao brasileiro adquire a maioridade sexual? Teria sido voce um retardado? Porque, alem dos normais, existem os retardados e os precoces. Exemplo de precocidade, o porreta aqui presente: antes de completar os doze dei a primeira pitocada, iniciando a vitoriosa carreira de campeao de que voces sao testemunhas. Num riso geral distende-se a atmosfera, a cordialidade reassume o comando da conversa. Fidelio reencontra a voz sossegada:

399

-- A primeira, com quem foi? Com ela?

Seixas, superando por completo a altercacao, esquece a zanga:

-- E com que outra havia de ser, Fidelio? Lembra de nos dois? Foi no mesmo dia, voce primeiro, seu velhaco; me tomou a frente, na surdina.

Fidelio repoe a verdade historica:

-- Conte a coisa como aconteceu. Voce pediu para eu ir primeiro, estava tremendo.

Sorriem recordando. Seixas se enternece: -- E verdade, eu estava me borrando de medo. Quando tu saiu e me disse que era batuta, nem assim me controlei. Mas, no quarto, ela logo me pos a vontade e tudo correu na perfeicao. Aminthas divaga:

-- Quantos ela ja tera iniciado? Nao ha nenhuma que se compare com ela para tirar o cabaco de um menino. Nos modos, na delicadeza das maneiras. Conheco alguns caras que estrearam com umas vagabundas, sairam com pessima impressao, decepcionados, levaram meses para se refazer e comecar a usufruir. Ha quem nao se refaca nunca. Com ela, e logo de primeira.

-- Proponho um trago em homenagem. -- Diz Seixas novamente

alegre.

-- Salta quatro puras, Almirante, para a gente selar um trato entre nos e fazer um brinde a quem nos deu a luz pela segunda vez. -- Ordena Osnar: o trato da amizade, o brinde da gratidao. Enquanto esperam, ele volta a iniciacao de Peto: -- Devemos fazer uma festa do barulho, como o sargento merece. Ja tem tempo que a gente nao arma um bom pagode e olhe que estamos precisando. Em Agreste agora so se fala de coisas ruins e feias: poluicao e dinheiro.

Seu Manuel serve a cachaca, quer saber que mae e essa que pariu tantos filhos e por que pela segunda vez. -- Foi a luz do entendimento que ela nos deu, Almirante. -- Para o bravo luso, misteriosas palavras que logo se esclarecem pois Osnar levanta o copo barato e grosso, aspira o odor da limpida cachaca, completa: -- A saude de Zuleika Cinderela e a sua estreita porta onde entramos meninos e saimos homens. E a nossa amizade que nenhum titanio ha de apodrecer. Tambem Osnar tem seus lampejos, podendo na mesma occasiao, por coincidencia ou necessidade, retirar do predestinado Barbozinha os privilegios da videncia e da poesia. 400

## CAPITULO NO QUAL AGRESTE IMPORTA METODOS JURIDICOS DE REGIOES PROGRESSISTAS E ONDE SE TEORIZA SOBRE DINHEIRO E PODER.

Dos tres causidicos, o primeiro a chegar e o unico a permanecer durante algum tempo na cidade, hospede da pensao de Dona Amorzinho -- os demais iam e vinham, transitando entre Agreste e Esplanada --, travando conhecimento com os habitantes, foi o Doutor Marcolino Pitombo, velhinho simpatico, bem apessoado e bem vestido, terno branco de linho, chapéu panama legitimo, charuto Suerdieck, bengala de castao de ouro, vindo da legendaria, rica e progressista regio cacaeira. Josafa Antunes o recebera no aeroporto de Aracaju e alugara um carro para transporta-lo da capital sergipana ao sertao de Agreste, apreciavel delicadeza condenada a parcial fracasso pois, o automovel, moderno e de bela aparencia -- entre os taxis que faziam ponto diante do hotel, Josafa

escolhera o mais aparatoso e refulgente -- ficou a menos de metade do caminho de Esplanada a Agreste, com o motor fundido. Dando lugar a posterior e execravel trocadilho de Aminthas: fundido e fudido, perpetrou ele, estaria o egregio jurisconsulto, nao ocorresse a providencial passagem da marineti de Jairo, ultimamente apelidada de Samaritana das Estradas pelo orgulhoso proprietario, na qual o advogado e seu constituinte terminaram a viagem em marcha vagarosa porem segura.

Temeu Josafa se tomasse de colera o anciao, arrepiando carreira, abandonando a causa. Doutor Marcolino, porem, demonstrando senso de humor, interessou-se vivamente pelo veiculo de Jairo, pedindo sobre ele variadas informacoes, atento ao som do radio russo, elogiando a personalidade do aparelho. Quando, finalmente, atingiram a entrada da cidade, aquele recente e curto porem magnifico trecho de asfalto, aplaudiu e comentou: -- Bravos, meu amigo! Os motores de hoje nao valem nada. -- Apertou a mao de Jairo: -- Nem o motor das maquinas nem o carater dos homens.

Alojado na pensao de Dona Amorzinho, no melhor quarto, com direito ao urinol de louca da proprietaria, concessao extrema, logo se tornou figura bem vista, devido a idade, aos modos polidos e ao donaire. Admiravam-lhe a procedencia grapiuna, a fama, a cordialidade e a bengala, em cujo castao de ouro via-se esculpida a cabeca de uma serpente, simbolo provavel da venenosa argucia do eminente caudico, habilissimo 401

caxixeiro, conforme consta. Ao ve-lo desfilarem na Rua da Frente (Rua Coronel Artur de Figueiredo, nao ha jeito do povo se desligar dos nomes tradicionais) em caminho do cartorio, os cidadaos de Agreste sentem uma ponta de orgulho: nao ha duvida, a cidade civiliza-se e prospera, evidencia constatada e comprovada pela presenca do preclaro bacharel. No cartorio, assessorado pelo proprio tabeliao, estudou livros, analisou os velhos documentos, usando inclusive uma lente, em busca de inexistentes rasuras. Fez questao de ir pessoalmente ver as terras em demanda, aproveitando o passeio de lancha para conhecer a praia de Mangue Seco de cuja beleza ouvira

falar, menino em Aracaju. Ficou boquiaberto:

-- E ainda mais fascinante do que me disseram. Nenhum pintor seria capaz de criar uma paisagem tao bela, so mesmo Deus. Tendo concluido os estudos preliminares, manteve reservada conferencia com Josafa, trancados no quarto da pensao: -- Quem sao os outros pretendentes, os outros Antunes? -- Ate agora, sei de dois. Uma professora, diretora da Escola Ruy Barbosa.

-- Casada? Viuva?

-- Vitalina. Deve ter uns cinquenta anos ou mais. O outro e um rapaz novo, funcionario da Coletoria Estadual. -- Um rapaz moco? E os pais?

-- Mortos, os dois. O pai no Rio, a mae aqui, deixaram ele pequeno. Foi criado por uma tia, irma do pai. E Antunes pelo lado da mae.

-- E verdade, o tabeliao me falou. Voce pensa entrar em composicao com eles?

-- Se nao houver outro jeito. Mas quem decide e o senhor, foi para me aconselhar que pedi que o doutor viesse. -- Sei disso mas preciso conhecer sua tendencia, seu pensamento, para poder agir de conformidade. -- Doutor, me desfiz de umas plantacoes e de umas cabras, unicos bens que eu e o Pai tinhamos aqui, para botar questao por essas terras e depois vender elas a fabrica e aplicar o lucro em roca de cacau. Se puder ganhar tudo, melhor. A gente deve ir para as cabeceiras, e isso que eu penso. Composicao, acordo, so se nao tiver outro jeito.

-- Outro jeito, sempre ha. Se fosse nas nossas bandas, a gente podia arrumar as coisas com facilidade; aqui e mais dificil. Existe apenas um cartorio e o tabeliao foi logo me dizendo, em tom de pilheria mas na intencao de me fazer saber, que caxixe com ele nao tem vez. Parece que tambem nao se usa por aqui o argumento tiro e queda, de todos o mais seguro. -- Imita com os 402

dedos o gesto de atirar: -- Corta o mal pela raiz. Josafa da largas ao riso divertido:

--\_Nem por la se usa mais, doutor, foi coisa de outro tempo. Aqui, nunca se usou.\_\_\_

-- Que lastima! Como ultimo recurso, e de bom conselho. -- Um brilho de malicia nos olhos azuis, cansados, inocentes: -- Um tabeliao, metido nessas brenhas, que diabo pode saber sobre caxixe? -- Ele mesmo responde: -- Nada, tres vezes nada. Sera incorruptivel?

-- Doutor Franklin? Penso que sim, doutor. Por ele, sou capaz de botar a mao no fogo.

-- E o filho? O barril de chope? Pergunto, se por acaso houver necessidade. E sempre bom saber. -- Do filho, nao sei nada. Era menino quando me arranquei. -- Tiraremos a limpo, nao faltara occasiao. Agora, vou lhe dar minha opiniao e explicar meu plano. Mas antes me responda a outra pergunta: tem algum agrimensor por aqui? -- Em Agreste nao sei de nenhum. Deve ter em Esplanada. -- Foi o que pensei. Ouca, entao. Vamos, de hoje para amanha, reunir toda a documentacao que prova seus direitos. Ja encomendei ao tabeliao um traslado da escritura antiga e a autenticacao dos documentos de seu pai e seus. Vou voltar ao cartorio para prometer ao gorducho um dinheirinho por fora. Assim o traslado anda depressa e a gente fica sabendo se o nosso jovem escrivao e ou nao sensivel a um agrado. Na idade dele e gordo como e, uma ajuda de custo sempre e bem-vinda, para gastar com as raparigas. Tendo os documentos nos tocamos para Esplanada, voce contrata o agrimensor, volta com ele para fazer a medicao do coqueiral. Eu fico por la, assuntando o ambiente, conversando com os colegas, estudando as reacoes do juiz, do promotor, sabe como e, formando minha opiniao, vendo como o carro marcha. Quando voce chegar com a medicao, entro com o mandato de posse para a totalidade da area, ja com os homens amaciados, trabalhados por mim.

-- Para a totalidade? Porreta. Assim, quando esses tais Antunes de meia-pataca acordarem para a coisa, nos ja estaremos de dono. Imagine, doutor, que eles nem constituiram advogados. Nem a velhota, nem o folgado que so pensa no campeonato de bilhar.

Doutor Marcolino contempla com os olhos azuis e sensatos o ardoroso litigante, contendo-lhe o entusiasmo: -- Se ainda nao constituiram, vao constituir, nao se iluda. Meta na cabeça que eles

tem tanto direito quanto voce, se sao realmente descendentes de Manuel Bezerra Antunes. Vou requerer 403

a posse de toda a area mas nao acredito que a obtenhamos, se eles questionarem, e eles vao questionar. Mesmo que a gente obtenha uma primeira decisao favoravel, como espero, devemos estar preparados para o caso mais que provavel de ter de dividir a terra escriturada em nome de seu tataravo. O importante e saber exatamente com que parte devemos ficar. -- Nao percebo.

-- Vai perceber, mas antes me responda outra pergunta: alguem por aqui sabe em que trecho do coqueiral a fabrica deve ser instalada?

-- Ao que parece, Ascanio sabe. Ascanio Trindade, o secretario da Prefeitura, o tal que esta namorando a paulista milionaria, falei dele ao senhor, se lembra? Vai ser eleito Prefeito mas ja e como se fosse, e afilhado do Coronel Artur e protegido dele.

-- Lembro-me. Pelo que voce me disse, ele e o homem da Brastanio aqui, e quem se bate pela instalacao da fabrica no municipio, nao e?

-- Ascanio quer ver Agreste prosperar. Para isso tem lutado como um heroi.

Animam-se de malicia os olhos do velho, tao inocentes na aparencia:

-- Um heroi? Pois esse heroi e nosso homem, caro Josafa. Precisamos que ele nos faca saber, a nos e a mais ninguem, onde a fabrica vai se localizar, o ponto exato. Esse dado e de fundamental importancia. Provavelmente. . . Provavelmente, nao, certamente vamos ter de soltar uma boa grana na mao desse funcionario para ter a informacao com exclusividade. Talvez ate lhe dar uma comissao no negocio.

-- O doutor esta dizendo que a gente deve comprar a informacao a Ascanio? Pagar para ele nao dizer aos outros? -- Acho que falei em portugues, meu filho. -- Negativo, doutor. Ascanio nao e homem disso. A informacao, eu penso que a gente pode obter sem gastar um centavo, e so perguntar a ele. Mas conseguir que diga somente a nos, sonegue dos outros, por dinheiro, nem pensar. Se a gente propusesse, ele ia se ofender, seria pior. Os olhos tranquilos e cansados do advogado consideram o constituinte quase com

piedade:

-- Voce nem parece um homem que vive no Sul, meu caro Josafa.

-- Ascanio e homem de bem, doutor.

-- Como e que sabe? Em que se baseia para afirmar com tanta seguranca? Tendo saido de Agreste ha muitos anos, como se atreve a garantir pela honestidade de pessoas que mal conhece? 404

Para voce, todo mundo em Agreste e incorruptivel. O tabeliao, esse rapaz. . . Como voce sabe?

-- Bem, venho aqui todos os anos ver o velho, ouco o que o povo diz. Nunca escutei a menor alusao a honra de Ascanio. -- Examinemos os fatos, sao eles que contam. Estamos diante de um individuo que esta fazendo o jogo da Brastanio, um jogo sujo, meu bom amigo. E que, ainda por cima, pretende dar o golpe do bau numa paulista rica. Para exemplo de honestidade, me desculpe, nao me parece o melhor.

-- Mas... Ele deseja o progresso. . .

-- Vamos acreditar que tenha sido assim, que ele fosse muito honesto como o povo diz e voce repete. E ate possivel. Mas meu filho, no momento em que se meteu nesse assunto, mesmo sem querer, ele mandou a honestidade pra cucuia. Mesmo que ele fosse de aco, enferrujava, sendo de carne e sangue, apodrece. Quanto voce imagina que a Brastanio esta pagando a ele? Se fosse um dinheirinho, ele poderia recusar. Mas se trata de dinheiro grosso, meu caro, grossissimo. Apresente-me a esse Ascanio, eu sondo o bicho com jeito e agirei em consequencia. -- Ascanio esta na Bahia. Foi tratar dessa historia da fabrica, os homens mandaram um jipe buscar ele.

-- Que homens?

-- Um chefao da Brastanio. Me disseram que foi ver tambem se o Tribunal marca logo as eleicoes. E o que ouvi falar na rua.

-- Ora, ai esta, tudo claro como agua e voce a querer me vender o homem como o rei da honestidade! O individuo viaja a chamado da Brastanio que com certeza esta mexendo os pauzinhos para fazer dele Prefeito e voce a dizer que o fulano nao come bola. Ora, seu

Josafa...

Abalado com a argumentacao do advogado, Josafa reflete e admite:

-- Pensando bem, talvez o doutor tenha razao: debaixo da capa de honesto, o cara esta se enchendo. Me lembro de ter lido num jornal que os donos da Brastanio estavam tratando de apressar a eleicao. Vai ver. . .

-- Fora de Sao Francisco de Assis, nao sei de ninguem, meu filho, capaz de resistir ao poder do dinheiro. Menos ainda ao poder, puro e simples. O desejo de mando vira qualquer um pelo avesso. Tenho visto muitas e boas. Santos e ateus, para mandar um pouco, sao capazes de vender mae e filho, Deus e o povo. Pai, nem se fala.

-- Cada uma. . . Parecia tao direito.

-- Talvez fosse. Mas voltemos ao nosso plano de acao. 405

Parto do pressuposto de que, sendo imenso o area, a Brastanio vai adquirir apenas uma parte, aquela onde ira instalar sua industria. Correto? E essa parte, meu caro, e a unica a ter valor, um grande valor de revenda. A Brastanio pagara por ela o que o dono pedir. Mas o resto, por mais extenso e belo que seja, nao vai valer nem dez reis de mel coado. Terras situadas nas vizinhanças de uma industria de dióxido de titânio, nao possuem nenhum valor, o mais minimo. Nem para a instalacao de outras industrias nem como local de veraneio. Dadas de graça, ninguem vai querer. O que interessa e o pedaco onde a fabrica vai ser construida. So esse, mais nenhum.

-- Quer dizer, doutor, que essa tal fabrica e mesmo uma desgraça como estao espalhando por ai?

-- Tudo que disserem, por pior que seja, e pouco. Estudei o assunto, a Brastanio andou pensando em se estabelecer em nossa regio.

-- Ouvi falar, ate assinei um papel contra. -- Um memorial ao Presidente da Republica. Foi redigido por mim e sem vaidade lhe digo: um documento irresponsivel. Esta saindo como materia paga nos jornais do sul e da Bahia. -- Uma sombra obscurece-lhe o rosto satisfeito: -- Tenho pena dessa gente daqui, um lugar tao aprazivel. Vao acabar com Mangue Seco, vao borrar a pintura de Deus. -- Faz com as maos um gesto de impotencia: -- Enfim, antes aqui do que



la. Verdade evidente, dessa vez Josafa balança a cabeça num gesto afirmativo, concordando. O advogado finaliza: -- Estamos de acordo, não é? Recapitulemos. -- Conta nos dedos: -- Primeiro, documentos e medicina do coqueiral; segundo, requerer o mandato de posse e, enquanto se espera a decisão do juiz, a conversinha com o nosso amigo da Prefeitura, o sabidório. Deixe ele por minha conta. Assim, quando os outros herdeiros acordarem e aparecerem de advogado em punho, nos estaremos montados na lei, com mandato de posse, em ótimas condições para negociar, ouvir propostas e impor condições. Uma única condição, meu caro amigo: o pedacinho do coqueiral onde a Brastanio vai erguer sua fábrica de podridão. Entendeu? Josafa esfrega as mãos: acertara em cheio ao contratar Doutor Marcolino Pitombo. Proventos altos, viagens de avião, taxi de luxo -- porcaria de carro, fachada e nada mais. Mas o advogado importado, perito no direito grapiuna, compensa qualquer despesa, mesmo o dinheiro posto fora com o taxi, lucrativa aplicação do capital obtido com a venda das encostas de mandioca, dos calvos outeiros de cabras. Para não entender a excelência do investimento, não alegrar-se, e preciso ser um velho tabacudo, sem 406

interesse pela vida, sem ideal, mais para lá do que para cá, como Jarde. O pai, metido num quarto da pensão, longe das cabras, definha a olhos vistos -- parece envenenado pelos gases dos efluentes da indústria de dióxido de titânio. Josafa ouviu dizer que, ao aspirá-los, as pessoas vão amarelecendo e ficando tristes, cada vez mais tristes e mais amarelas, ao fim de pouco tempo viram defuntos magros e feios. Uma lastima, mas que jeito?

DE COMO UM PERSONAGEM ATÉ AGORA SECUNDÁRIO DESEMBARCA DA MARINETI DE JAIRO DECLARANDO- SE ANTUNES E HERDEIRO; NO QUAL SE FAZ IGUALMENTE REFERÊNCIA AS ASPIRAÇÕES SECRETAS DE FIDELIO E A UM PLANO DE AMINTHAS.

Enganava-se o otimista Josafa ao afirmar que as outras partes ainda

nao haviam constituido advogado. Na mesma tarde daquela conversa, para ser exato, no comeco da noite, atraso devido a entupimento do carburador, desembarcaram da marineti dois outros bachareis e ocuparam aposentos na pensao de Dona Amorzinho, alias os ultimos quartos vagos, transformando-a num repositorio de cultura juridica, dando lugar e validade a gozacao de Aminthas acerca de Congresso de Mestres de Direito. A presenca simultanea nas ruas de Agreste de tres cultores das ciencias legais, aves raras em terras do municipio ha muitos e muitos anos -- o unico bacharel em direito a viver na cidade era o Doutor Franklin; exercendo funcao publica, nunca praticara a advocacia --, colocou em evidencia a abundancia de problemas provenientes da simples possibilidade de instalacao, em comuna pobre e atrasada, de industrias, poluidoras ou nao. Nao existe industria que nao seja poluidora, seu ignorante. Viram? Ja comeca a discussao!

Dando razao aos que defendem o progresso a todo custo, imediatamente as terras se valorizaram uma enormidade. Senao as de todo o municipio, pelo menos as das margens do rio, proximas ao coqueiral de Mangue Seco, local previsto para a construcao do complexo industrial da Brastanio. Especulacao nascida de uma onda de boatos, anunciando o interesse de varias 407

e diferentes fabricas que viriam transformar em realidade aquele Polo industrial referido por Ascanio Trindade em historico discurso quando da inauguracao dos melhoramentos da Praca do Curtume (Praca Modesto Pires, a populacao nao se habitua aos novos nomes).

A discutida propriedade do coqueiral, que trouxera a cidade o ilustre Doutor Marcolino Pitombo com a bengala de castao de ouro, a astucia e a envolvente simpatia, trouxe tambem o emproado Doutor Baltazar Moreira e o galante Doutor Gustavo Galvao, pelo qual suspiraram as mocas do lugar. Doutor Baltazar Moreira, gordo, respeitavel papada, voz grave, estampa arrogante, veio de Feira de Sant'Ana a chamado de Dona Carlota Antunes Alves -- assim passara a se assinar, com nome completo. Quem diz Dona Carlota quer dizer

Modesto Pires, a quem ela se associara não tendo dinheiro com que sustentar causa na justiça. A Escola Ruy Barbosa, onde aprendem as primeiras letras os filhos dos abastados, rende-lhe o necessário para viver e a prudente professora não se dispõe a negociar sua casa própria para pagar advogado. Alguns amigos apontaram-lhe o exemplo de Jarde e Josafa, que se desfizeram de terras e rebanho; ela, porém, manteve-se firme. Mas tendo sido procurada por Modesto Pires, entrara em acordo com o dono do curtume sobre despesas e lucros. Em caso de lucros, o usurário ficaria com a parte do leão; em troca, concorreria com as despesas. De qualquer maneira, para Dona Carlota, bom negócio: aquelas terras semi-alagadas do coqueiral jamais lhe haviam rendido um único tostão. Nem ao menos sabia possuir direitos sobre elas. Fora o Doutor Franklin -- grato a professora paciente, capaz de interessar Bonaparte no abc e na tabuada e de lhe dotar daquela caligrafia extraordinária -- quem a informara, exibindo-lhe a vetusta escritura. Não o houvesse feito, Dona Carlota continuaria a ignorar.

Quanto ao Doutor Gustavo Galvão, procedente de Esplanada, jovem e incrementado, camisa-esporte, largas costeletas, com pouco tempo de formado, desembarcou em companhia de Canuto Tavares e a seu serviço pois o competente mecânico e relapso telegrafista também descende de Manuel Bezerra Antunes, para surpresa geral. Nem Doutor Franklin, que sindicara em torno a família daquele famigerado Antunes da escritura, deparara com Canuto Tavares. Não obstante, descendente e dos bons, em linha direta e duplamente, pois era rebento da união de Pedro Miranda (Antunes) Soares com Deodora Antunes do Prado, primos entre si, ele falecido, ela ainda viva, residindo com o filho. Existia um irmão, gerente de uma sapataria, na capital. 408

E o esquivo Fidelio, Antunes ele também, com indiscutíveis direitos, segundo o Doutor Franklin, onde anda seu advogado? No incidente com Seixas, falara a verdade ao dizer que não tinha advogado. Quanto a conselheiro, não precisava pois já o possuía e excelente. Talvez devido a identidade de gosto musical e a admiração que

Fidelio votava a inteligencia sarcastica de Aminthas este era o seu predileto na roda dos cinco amigos intimos, diariamente juntos, havia muitos anos, no bar para os tacos, a cerveja o trago de cachaca, o riso inconsequente; na pensao de Zuleika para as noitadas com vitrola, danca e mulheres. Deste ultimo e frequente pouso, desertara Asterio apos o casamento; muito de raro em raro, numa tarde de domingo, quando o vicio aperta, surge por la as escondidas, em busca de um rabo em condicoes, traindo a esposa. Traicao, realmente? Mesmo contra sua vontade e seus principios, e na bunda de Elisa que ele pensa quando, no bordel, se esvai no traseiro da rapariga. Os Mosqueteiros de Agreste, apelidara-os Dona Carmosina, leitora de Alexandre Dumas na distante juventude; seu primo Aminthas era Aramis, cinico e cetico. Mas Fidelio sabe que, por tras do humor sarcastico, da permanente duvida, encontrara o amigo leal e de bom conselho. Assim, foi a ele que se dirigiu quando o problema colocado pelo sobrenome Antunes o agoniou, fazendo-o perder o sono e um encontro com Ritinha. Com Ritinha o prazer e duplo pois ela e rolica e esperta e ao passa-la nos peitos Fidelio corneia ao mesmo tempo dois bestalhoes: Chico Sobrinho e Lindolfo, um metido a nobre, o outro a gala. A confusao comecou exatamente quando Seixas, funcionario da Coletoria, veio procura-lo de parte de seu chefe, Edmundo Ribeiro, com uma proposta. Sabendo-o pobre, de minguado salario -- nao fosse ter quarto e comida de graca na casa da tia, o ordenado nao chegaria para as apostas no bilhar e as farras na pensao de Zuleika --, incapaz portanto de enfrentar questao na justica, o Coletor candidatava-se a adquirir seus direitos de posse, sua parte na heranca do coqueiral. Em se confirmando o interesse da Brastanio pela area, e claro. Desejoso de agradar o chefe benevolente e camarada que lhe permitia horario folgado na reparticao, Seixas aconselhara o amigo a aceitar a oferta, insistira, nao entendendo o porque da resposta negativa. Ao saber, depois, da existencia de novos interessados, Modesto Pires, Doutor Caio Vilasboas, o primeiro propondo sociedade, o segundo compra imediata, preco baixo, dinheiro batido, uma coisa compensando a outra, Seixas atribuiu o aparente desinteresse de Fidelio -- nao

quero saber dessa historia de heranca --, a habil jogada para levar os concorrentes a uma disputa capaz de elevar as propostas, 409

deixando-o em posicao de escolher depois a mais favoravel. Magoou-se Seixas: nao negava ao amigo o direito de defender seus interesses, aproveitando-se das leis da oferta e da procura. Mas por que esconder o leite, nao lhe dizer a verdade? Se o tivesse feito, Seixas nao apareceria diante de seu Edmundo Ribeiro com uma seca negativa e sim com a possibilidade de prosseguimento das negociacoes em novas bases. Como se ve, a provocacao feita no bar nao acontecera por acaso. Mesmo entre os Mosqueteiros de Agreste infiltravam-se os gases da Brastanio, afetando relacoes de amizade nascidas na infancia, solidificadas no passar do tempo. De natural enrustido, Fidelio nao costuma falar a ninguem de seus assuntos e, agindo assim, sempre se dera bem. Sem cantar glorias, ia ganhando dos parceiros no bilhar, tendo chances de vencer o atual torneio, arrebatando a Asterio o cobicado titulo de Taco de Ouro. Sem jactar-se de dom-juan, comia as melhores; quando os outros descobriam a boazuda ele ja a chamara a si, na discricao. Mas dessa vez nao tinha jeito, recorreu a Aminthas, expos o drama ao amigo. Procurou-o em casa, ouviu em silencio parte de um tape de rock, nao o deixou botar nova fita no gravador: -- Tenho um particular, um conselho a lhe pedir. -- Mande brasa.

-- Outro dia voce quis apostar com todo mundo, no bar, dizendo que garante que essa tal de fabrica nunca ira se estabelecer aqui. Tu esta certo disso ou e mais uma brincadeira tua? Me diga a verdade.

-- Por que voce quer saber?

-- Como tu sabe, tenho parte no coqueiral, pelo menos e o que o Doutor Franklin garante e ele entende dessas coisas. Parece que estao botando questao na justica: Josafa, Dona Carlota, ate Canuto Tavares. Cada um puxando a brasa pra sua sardinha. Eu estou de fora mas recebo todos os dias propostas para vender minha parte. Seu Modesto nao quer comprar, quer se associar comigo, ja esta de meia com Dona Carlota. Os que querem comprar sao seu Edmundo Ribeiro e Doutor Caio, sendo que o ultimo paga a vista.

-- Hum! Hum! Voce quer saber qual o melhor negocio? Explique cada um detalhadamente para eu... -- O que eu quero saber e se a merda dessa fabrica vai vir para Mangue Seco ou nao. Tu disse que tinha certeza que nao. -- Agora entendo. Voce quer saber porque, se a fabrica vier, voce tem possibilidade de ganhar um dinheiro grande vendendo sua posse diretamente a Brastanio, correto? -- Com um gesto-, impede que Fidelio o interrompa: -- Se nao vem, voce vende agora ao imbecil do Doutor Caio e embolsa o dinheirinho, deixa pra ele o pantanal. Alias, nem isso. Deixa pra ele o 410

hipotetico direito a parte do pantanal. Correto? -- Aminthas se sabe inteligente e gosta de demonstra-lo. -- Nao. Tudo ao contrario.

-- Tudo ao contrario? Passei a nao entender nada. -- Se eu tivesse certeza, mas certeza mesmo, que essa fabrica nao vira nunca, como tu disse, ai podia vender a Doutor Caio e esse dinheiro ia me servir demais, tu nem sabe. Mas, sem ter certeza, nao vendo.

-- E por que? Para esperar e vender melhor, como eu ja disse?

-- Nao, nao vendo de maneira nenhuma. Nao quero que essa fabrica se instale aqui e esculhambe tudo. -- Toma folego, nao esta habituado a falar muito: -- Tu sabe que eu nao nasci aqui, nasci no Rio mas vim menino quando minha mae voltou, viuva; o velho morreu por la, coitado. Ele so pensava em juntar algum dinheiro para regressar, nao deu tempo. -- Fez uma pausa, o pensamento no pai, calado como ele, desterrado no Rio: -- Daqui nao quero sair a nao ser a passeio. Tenho vontade de ir ao Rio, a Sao Paulo, conhecer o Sul, se um dia tiver oportunidade. Ir e voltar, para isso ia me servir o dinheiro do Doutor Caio. Mas prefiro perder qualquer fortuna para nao deixar que filho-da-puta nenhum venha acabar com a praia de Mangue Seco. Quando me vejo la, nao sou um pobre empregadinho publico, um merda, me sinto um homem, dono do mundo.

Aminthas coloca um tape no gravador, ouve o som de uma musica brasileira, conhecida: *pescador quando sai nunca sabe se volta*; baixa o volume, a melodia persiste como um fundo musical.

Estaria por acaso comovido?

-- Pensar eu penso, que essa fabrica nao se instalara jamais aqui.

Para que isso viesse a suceder, seria necessario que nao houvesse outro lugar no Brasil que oferecesse melhores condicoes. Agreste nao tem nada, eles serao obrigados a fazer tudo. Por isso acho que nao virao. Mas, ao mesmo tempo, tenho de convir que talvez Agreste seja, por essas mesmas razoes, o unico lugar do Brasil onde permitam que eles se instalem. Porque, Fidelio, essa tal de industria de titanio acaba com tudo. Quem tem razao e Osnar: fede. Fede e apodrece.

-- Quer dizer. . .

-- Que se voce pensa como eu e Osnar, entao nao venda, em vez de ir passear no Rio, va a casa de Zuleika que la tambem tem o que se ver. Tem uma novata, menininha, uma tal de Maria Imaculada. . .

-- Ja comi. E um tesouro.

Aminthas aumenta um pouco o volume do gravador, peixes 411

e mar, jangadas enfrentando temporais.

-- Me diga, Fidelio, voce pensa mesmo assim, esta disposto? -- Penso. Estou.

-- Entao, meu velho, vamos enfiar no eu desses advogados todos e estourar a merda dessa fabrica. Ouca. Expos seu pensamento, a ideia lhe ocorrera ouvindo a frase de Fidelio sobre Mangue Seco, a melodia e o verso sobre o mar, fonte de vida, onde os homens se elevam sobre os elementos. Fidelio escuta em silencio, quando o amigo termina, diz apenas: -- Tu e um porreta. So que o Comandante esta em Mangue Seco. . .

-- Eu o vi hoje, no Areopago, conversando com Carmosina. -- Pois vou falar com ele agora mesmo.

Sai, satisfeito, mas em seu contentamento perdura uma ponta de tristeza, a sensacao de quem vai abrir mao da unica oportunidade de realizar projeto concebido e acalentado em estrito sigilo, jamais revelado a quem quer que fosse -- dele nem Dona Carmosina tem conhecimento. Projeto multiplo e por isso mesmo caro, fora de qualquer possibilidade de concretizacao por quem recebe do Estado diminutos proventos, pouco mais do que o salario minimo.

Trata-se de uma viagem ao Sul para conhecer as grandes capitais,

Salvador, Rio de Janeiro, Sao Paulo, durante as ferias. Viagem de turismo mas com objetivos precisos; o primeiro e principal, a aquisicao de uma bateria das mais completas e um manual para aprender a utiliza-la. Quem sabe, um dia vira a tocar tao bem quanto Xisto Bom de Som, genro do Coronel Artur da Tapitanga. Quando o percussionista, sobracando Celia e os dois rebentos, aparece de visita ao sogro (em busca de numerario), Fidelio nao desprega da fazenda. Uma vez em que o musico demorou e trouxe a bateria -- um assunto de maconha dissolvera o Conjunto Itapua's Kings levando o piston e o violao eletrico ao xadrez --, Xisto, apos lhe dar algumas explicacoes, permitira a Fidelio experimentar o vistoso instrumental. "Voce leva jeito, bicho", dissera, animando-o. Com a bolada oferecida por Doutor Caio poderia comprar uma bateria, traze-la para Agreste, e realizar-se, dando sentido a vida, sendo por fim alguem. Durante a viagem, podera assistir a um show de Vinicius, outro de Caetano e Gil, seus idolos. E, para concluir a transa, tirar a limpo certos detalhes, empolgantes porem inadmissiveis, da celebre historia da polaca de Osnar. Como ate mesmo em Agreste se sabe, no Rio e em Sao Paulo sobram polacas, dando sopa nas pensoes. O bolso abarrotado de dinheiro, Fidelio podera se regalar com uma e, ao que parece, tambem com mais de uma, 412

desbancando Osnar, rindo dele a socapa quando o amigo comecar a contar vantagem:

-- Quem nao comeu uma polaca, nada sabe de mulher. . . Imutavel inicio da narrativa, prendendo a atencao geral. Se fizesse a viagem, ao voltar, iria ser diferente: Osnar contando, Fidelio rindo para seus adentros.

ONDE SE PRONUNCIA A PALAVRA 1A.

A ultima informacao que recebemos e um tanto quanto pessimista. A voz de Angelo Bardi nao revela inquietacao ou temor. Acostumada ao mando, porem afavel e cordial, conserva leve acento italo-



paulista de filho de imigrantes nascido no Bras. Temporas grisalhas, bem posto, nem gordo nem magro, cinquentao, o ar sobranceiro, a figura de Angelo Bardi infunde confianca. Atento as suas palavras, Rosalvo Lucena, Managerial Sciences Doctor, a quem os jornais qualificam de audaz e vitorioso empresario, parece um estudante recém-saido da Universidade. Angelo Bardi parece exatamente o que e, um magnata.

Estao sentados numa das pontas da grande mesa de reunioes, na sala a prova de som, climatizada, na sede da Industria Brasileira de Titanio S. A. Alem dos dois, o Doutor Mirko Stefano e, na cabeceira, a presidir, o senhor idoso de cabelo cortado a escovinha e olhos bacos.

Doutor Mirko chega a abrir a boca mas nao a falar, pois, pedindo licenca, Bety penetra na sala, seguida pelo boi que conduz uma bandeja com cafe, acucar, tres outros tipos de adocantes, xicaras e colheres. Ela mesma serve, com graca e desenvoltura, um sorriso de quem esta plenamente feliz por encontrar-se diante daqueles senhores. O de cabelo cortado a escovinha descansa os olhos bacos no busto altaneiro da secretaria-executiva, na longa linha das pernas.

Precedida pelo boi, Bety retira-se em silencio, sentindo nas ancas o peso em ouro dos olhos bacos, fecha a porta. Entao o Magnifico Doutor traduz a frase. Acontece um diretor de relacoes publicas ver-se obrigado a exercer funcoes de tradutor. Quando a 413

reuniao e de tal monta a ponto de nao admitir a presenca de qualquer estranho. Apenas os quatro.

-- Nao devemos nos impressionar demasiado. -- Prossegue Angelo Bardi. -- Sem duvida, as resistencias a vencer sao grandes, os homens vacilam. Creio no entanto que, se persistirmos, obteremos a localizacao desejada, a ideal. Talvez. . . O dos olhos bacos corta-lhe a frase com um gesto, olha para o Doutor Mirko. O Magnifico traduz, palavra por palavra. Assim lhe foi ordenado: palavra por palavra. Outro gesto manda o magnata continuar. Diretor de relacoes publicas, vitorioso empresario, magnata, patroa, essa a escala. --

Talvez todas essas delongas não passem de uma tentativa para nos arrancar mais dinheiro, se bem eu pense que realmente existe quem se oponha. Sobretudo na área estadual. Espera que a tradução seja feita antes de prosseguir: mesmo na voz brandiosa de Mirko, parece-lhe rude o idioma, áspero a ouvidos latinos, viciados na sonora plasticidade da língua italiana. -- E preciso mais um empurrão, forte. Ou seja: mais dinheiro. Quero crer que por fim alcançaremos nosso objetivo. Enquanto ouve a tradução, o dos olhos bacos fita os três diretores em sua frente, um a um, repentina luz de aço nas pupilas. Pronuncia umas poucas palavras, o Magnífico traduz: -- É imprescindível que seja onde decidimos. Pode-se traduzir murros, pedradas, metralha? A luz se extingue nos olhos bacos. Angelo Bardi volta a falar: -- De acordo, também acho. Devemos, contudo, estar preparados para qualquer emergência. Já concluímos que a zona cacauera realmente não interessa. Quanto a região da foz do rio Real, apesar dos inconvenientes constatados nos relatórios, da falta de qualquer infra-estrutura. . .

O de cabelo a escovinha faz novo gesto, Bardi e Mirko obedecem, um se cala, o outro retoma a palavra, capaz e exato. Rosalvo Lucena ouve com tamanha inteligência que parece entender inclusive a tradução alemã. O magnata de São Paulo recupera a palavra:

-- Eu dizia que a região do rio Real, apesar da falta de infraestrutura, não pode ser ainda posta de lado. Já nos deram o sinal verde: lá podemos instalar a fábrica, não há objeções maiores.

Homem tão dotado -- vindo do nada, pior: vindo do Brasil, chegara ao topo --, não o é Angelo Bardi para o estudo dos idiomas. Além do italiano familiar, aprendido em casa, fala francês, quem não fala?, o acento, aquela coisa. Adquiriu rudimentos de inglês, a duras penas; como tratar com os 414

americanos sem conhecer a língua? Os gringos não falam nenhuma outra, não precisam; os demais que se esforcem em cima da gramática. Angelo Bardi esforçara-se em cima da gramática e de uma raquítica Miss Judy, ninfomaniaca, a professora. Alemão, tenham paciência, nunca conseguira aprender. Sorri ao pensar que

em breve tera de tratar com os japoneses. -- A meu ver, devemos investir um pouco mais nessa perspectiva. Por dois motivos. Primeiro, porque talvez tenhamos, em ultimo caso, de nos instalar mesmo na foz do rio Real. Se nao conseguirmos ganhar a outra batalha; segundo, por se tratar de um movimento diversionista de grande utilidade. Enquanto falam sobre Agreste, e sobre Agreste poucos falam, esquecem, deixam em paz. . .

Nao conclui a frase, para que? Mirko a completara na traducao. Palavra tao bonita, digna de um verso, Arembepe. Mas na pronuncia do Von na cabeceira da mesa soa inflexivel. Nas duas linguas, o Magnifico Doutor pergunta aos tres diretores:

-- Isso significa que posso por em marcha minha proposicao? Angelo Bardi responde por ele e por Rosalvo Lucena, que sorri, mudo, aprovativo e competente.

-- De nossa parte, de acordo. Mas cabe a ele a decisao final. O tal rapaz ja esta na cidade, nao?

-- Desde ontem, no mesmo hotel que nos e Ele. -- Sente-se a letra maiuscula quando o Doutor Mirko Stefano pronuncia, respeitoso, o vocabulo ele. A voz volta ao normal: -- Um bom hotel e de muito auxilio.

Depois de ouvir, palavra por palavra, a pergunta do Magnifico Doutor e a opiniao dos dois diretores brasileiros, Ele, o de cabelo a escovinha, o de olhos bacos, autoriza: -- Ia!

ONDE O AUTOR, NAO SATISFEITO COM A CRETINICE HABITUAL, EXIBE ESTULTA VAIDADE.

Nao resisto a emocao e interrompo o relato para perguntar: ouviram os senhores o que eu ouvi, naquela nobre lingua? Aspera para os timpanos delicados de Angelo Bardi, habituado a la dolce 415

vita, soa harmoniosa a meus ouvidos de autor inedito a lidar com acanhada humanidade de perdidos arraiais, incultos sertanejos, duvidosos pescadores. Soa e ressoa como heroica clarinada

wagneriana, conclamando a conquista do mundo. Atrevo-me a pensar que um dos grandes da Europa, patrao de multinacional, heroi de nosso tempo, desceu da grandeza onde habitualmente decide e comanda, para faze-lo nas humildes paginas deste folhetim. Falou pouco, e verdade, mas ouviu com atencao. O pouco que falou foi definitivo, liquidou vacilacoes, esclareceu duvidas.

Perdoem-me, necessito desabafar: encontram-se em festa estas paginas, cumuladas de honra e eu me sinto realizado. Com personagem de tal grandeza, nao ha de me faltar editor. Sobretudo se o grande homem ainda voltar, em outro capitulo, com seu soberbo cabelo cortado a escovinha e a magnifica luz dos olhos bacos. Se acontecer, o editor sera ate capaz de pagar-me direitos autorais, nao que eu os exija: contento-me com ver o volume nas vitrines das livrarias. De coracao ao alto, bandeiras despregadas, trombetas e clarins, eu o saudo e aguardo em ansia seu retorno. Com esse unico objetivo, interrompi a narrativa: para comunicar aos senhores minha emocao, para que dela possam participar. Mas ja que interrompi, aproveito o ensejo para responder a novas restricoes assacadas contra este agora orgulhoso folhetim por meu colega e amigo Fulvio D'Alambert. Desta vez, protesta ele contra a ausencia de Tieta, cuja figura anda desaparecida. Esqueco-me que seu nome figura no titulo, ocupando o alto da pagina; abandono regra comezinha da novelistica ao abandona-la. Personagem principal nao pode ser relegada a segundo plano, ensina-me Fulvio D'Alambert. Da ausencia de Tieta, nao me cabe culpa e, sim, a ela propria. Enquanto a discussao sobre a Brastanio pega fogo em Agreste, a cidade infestada de advogados, Dona Carmosina recolhendo assinaturas em patetico memorial as autoridades, protestando com vigor e panico contra a instalacao de uma fabrica de dióxido de titânio no municipio; quando o Comandante Dario, contrariando arraigados habitos de verao, abandona sua vilegiatura em Mangue Seco para colaborar com a agente dos Correios convencendo os indecisos, Tieta permanece na praia, bem do seu, entregue a devassidao. Palavra forte, sei, mas que outra empregar para caracterizar relacoes ilicitas de tia quarentona (quarenta e quatro, pouco falta para cinquenta) com sobrinho menor de idade? Osnar

afirma que o cidadão brasileiro alcança a maioria sexual aos treze anos mas os discutíveis valores morais do troca- pernas não devem prevalecer sobre a moral corrente, crista e 416

ocidental -- dizem-me, alias, que os orientais, se por orientais entendemos socialistas, são extremamente puritanos, não admitem tais libertinagens nem nas praias nem na literatura. Não tendo o que contar sobre Tieta, além do deboche, lubrico e terno, voraz e lirico, permaneceu ela um tanto a parte mas nem por isso deixou seu nome de ser citado pois, como constatou o Comandante, em todas as conversas pergunta-se qual a posição assumida por Dona Antonieta Esteves Cantarelli no debate em torno da instalação da indústria de titânio. Mais uma vez o comandante comprova a importância da palavra e do gesto de Tieta junto a vacilante maioria. Ao regressar a Mangue Seco, o bravo marujo pretende falar a sério com Tieta: venha assumir, minha boa amiga, seu posto de combate, chefiar a campanha, impedir o crime. Ai ficam explicação e notícias, sirvam-se. Ah! não me referi a um último (último mas não derradeiro) reparo de Fulvio D'Alambert, crítico minucioso a quem nada escapa. Não perdoa o menor cochilo.

Reclama a propósito da descrição, páginas atrás, da chegada a Agreste do Doutor Marcolino Pitombo. Reportando o bom conceito por ele expresso sobre a marineti de Jairo, escrevi que, atento ao som do rádio russo, o caudado elogiara a firmeza de caráter do aparelho. Sem esclarecer -- ai o erro -- o motivo do louvor. Que forte caráter e esse, do tal rádio, capaz de merecer gáudio e admiração do ilustre advogado, um dos mais doutos personagens deste folhetim? Na opinião de Fulvio D'Alambert, deixei o leitor no ar, desinformado. Não seja por isso a reprimenda, aqui vai o esclarecimento. Tendo sabido que o rádio era de fabricação soviética, made in URSS, curiosa coincidência despertou a atenção do velho bacharel. Ao retransmitir músicas de países do Terceiro Mundo, latino-americanas, brasileiras, sambas, tangos, boleros, rumbas, batuques, guaranias, o aparelho fazia-o com relativa limpidez e sonoridade. Tratando-se porém, de melodias francesas, alemãs, italianas, inglesas, de nações

desenvolvidas, o som piorava muito. Para tornar-se ininteligível, transformar-se em barulheira a doer nos ouvidos, intolerável estática, quando as estações de rádio obstinavam-se na difusão dos modernos rocks norte-americanos ou de qualquer outro som proveniente dos Estados Unidos. Desterrado no sertão da Bahia, cruzando poeirento caminho de crateras e pedregulhos, a serviço da derradeira marineti do universo, mantinha-se fiel aos rígidos princípios antiimperialistas. Demonstrando, inclusive, se considerarmos a atual contingência política do mundo, acerbo sectarismo.

417

Mas que perfeição de som, que nitidez, que transparência quando uma estação de Ilheus difundiu, no programa "Cantigas Inesquecíveis", a canção intitulada "Olhos Negros". Popular melodia russa -- se não sabem, informo --, tocou as entranhas do aparelho, recordando-lhe a nacionalidade, transportando-o de volta a romântica nostalgia das estepes. Mais límpido do que qualquer som estereofônico, o do rádio soviético, ressoando alto e puro no agreste sertão da Bahia -- indomável caráter!

EPISÓDIO INICIAL DA ESTADA DE ASCANIO TRINDADE NA CAPITAL  
OU DA FORMAÇÃO DE UM DIRIGENTE A SERVIÇO

DO

PROGRESSO:

PISCINA,

CENTRO

INDUSTRIAL E PATRÍCIA, DITA PAT.

Somente ao término da estada na capital, no terceiro dia, por ocasião da última conversa com o Magnífico Doutor, quando um certo calor humano se fez presente por entre os eflúvios do conhaque, deixou Ascanio Trindade de sentir-se incomodo, possuído por uma vaga impressão de dependência, de não se encontrar em

plena posse de sua liberdade. Sensação em realidade indefinível e sem razão aparente, devida talvez, ao ambiente para ele completamente estranho. De súbito hospede de hotel de luxo, convivendo com pessoas de um mundo desconhecido, desconcertante e envolvente com o qual jamais mantivera qualquer espécie de contato.

No primeiro dia, chegara a pensar que Doutor Mirko Stefano o fizera vir com tamanha urgência apenas para lhe oferecer drinks e moccas à beira da piscina. Desembarcara do jipe à noite, mais fatigado talvez das anedotas do engenheiro Quarantini do que da sacolejante travessia. Cumprindo sem dúvida ordens anteriores, o chofer o conduziu a um grande hotel, onde lhe entregaram um recado do Magnífico Doutor: ocupe os aposentos reservados em seu nome, amanhã nos veremos.

Realmente encontraram-se, meio-dia passado, quando Ascanio já se preparava para ir almoçar, depois de ter ficado toda a manhã à espera, primeiro no quarto, na expectativa do telefone; em seguida, trocando pernas no saguão e nas imediações: admirando as boutiques, a galeria de arte e antiguidades, as 418

tapeçarias de Genaro, o painel em cerâmica de Carybe, esculturas de Mario Cravo em fibra de vidro, os turistas de bermudas e camisas floradas; arriscando olhadelas ao bar e à piscina onde mulheres lindas, em provocantes duas peças, tomavam banho de sol, corpos à mostra.

Vira o Magnífico Doutor desembarcar de um dos dois imponentes carros negros para os quais se precipitaram bois e porteiros disputando bagagens e gorjetas. Dos automóveis desceram três outros passageiros, sumiram como que por encanto, com pastas e valises, num dos elevadores. Doutor Mirko permaneceu no hall, e se dirigia à recepção quando enxergou Ascanio. De braços abertos marchou em sua direção, efusivo, a lhe pedir desculpas por tê-lo abandonado: -- Um dia terrível. O aeroporto de São Paulo fechado, o avião só pode sair depois das nove, ou seja, na hora em que devia estar pousando aqui. Venha comigo.

Enquanto andava, o Magnifico ia apertando maos, acenando com os dedos, dizendo uma palavra a esse e aquele. Ao chegarem a borda da piscina, tres individuos os acompanhavam. Um deles, cego de um olho, perguntou, num sussurro de conspirador: -- Quem chegou?

-- Doutor Bardi.

-- Sozinho? E os outros, quem sao? Vi um grupo na recepcao.

Mentira, pois os viajantes nao haviam parado na recepcao, entraram diretamente no elevador, Ascanio os acompanhara com os olhos desde a descida do automovel. O Magnifico Doutor sorriu para o bisbilhoteiro, passou-lhe a mao no rosto, de leve, num gesto quase feminino:

-- Indiscretozinho. . .

Todas as mocas -- pelo menos um certo numero -- em mergulhos ou expostas ao sol eram propriedade do Magnifico Doutor (ou da Brastanio, ninguem pode ser tao poderoso a ponto de possuir tao variada colecao de vedetes; uma grande empresa, talvez). Precipitaram-se para a mesa que ele ocupou. Os tres aderentes contemplaram Ascanio, curiosos, a espera quem sabe de apresentacao ou noticia, mas como o Doutor Mirko esqueceu ou fez-se de esquecido, logo se entregaram a tarefas bem mais agradaveis: uisque e garotas. Bebiam com valentia, namoravam com rudeza, modos grosseiros, descortesese, na opiniao de Ascanio. Jornalistas, os tres, soube depois pelo proprio Magnifico. Mas as mocas pareciam gostar dos palavroes e das propostas realistas.

Durou

pouco

o

encontro,

o

Doutor

levantou-se,

ocupadissimo, deixando com os tres vorazes a nova garrafa quase

419

cheia e o mulherio.



-- Amanha ou depois terei noticias para voces. Antes, nem uma palavra. Ninguem chegou, reina a paz na City e em Wall Street.

-- E se *A Tarde* der o furo? -- Reclama o zanolho. -- Melhor, assim voces terao noticia e desmentido. Tomou Ascanio pelo braco, arrastando-o consigo ate os elevadores. Obedecendo a um gesto seu, uma das mocas os acompanhou.

-- Hoje estarei reunido a tarde toda. A voce posso dizer: reuniao decisiva da diretoria. Somente no fim da tarde, antes do jantar, poderei lhe ver e lhe falar. Mas vou lhe deixar em boas maos. Patricia vai ficar as suas ordens, vai lhe servir de secretaria e de chofer. Passeie, divirta-se. Antes do jantar, conversaremos. -- Da porta do elevador, dirigiu-se a moca: -- Cuide dele, Pat, com carinho. Um dia voce se orgulhara de te-lo acompanhado, de ter sido sua cicerone.

Patricia sorriu e tomou posse de Ascanio: -- Almocaremos aqui no hotel ou quer ir a um restaurante? Vou enfiar o cafeta, volto num segundo. Patricia tambem era loira mas nao se parecia com Leonora. O verso do tragal maduro nao se aplica a seus cabelos, Barbozinha nao a compararia a uma silfide. Bonita, sim, porem nao aquela formosura unica, incomparavel, aquela distincao a denotar classe e familia, filha de pai milionario e comendador do Papa, nascida em berco de ouro, educada nos melhores colegios, flor da alta sociedade paulista. Elegancia e finura reveladas nao apenas no bom gosto dos trajes mas em cada gesto, na delicadeza, no recato, na graca infinita. Na boniteza chamativa de Patricia ha um que de vulgaridade e em sua inegavel gentileza transparece vestigio de servico prestado, um toque profissional. Depois do almoco, no luxuoso restaurante do hotel, Patricia o deixou para que ele repousasse, tendo ela propria compromisso. Mas voltaria as tres para leva-lo a passear ou as compras, conforme preferisse.

No fusca dirigido por Patricia, Ascanio percorreu a cidade onde nao punha os pes ha mais de sete anos, agora cortada por novas avenidas, estendendo-se pela orla maritima, pululante de movimento, a populacao duplicada. Mudara demais nesses anos, transformara-se. Onde a velha urbe modorrenta dos seus tempos de universitario, vivendo das glorias do passado, da tradicao de cidade

historica, celula mater, berco da nacionalidade e outras retoricas, capital de um Estado de economia atrasada, agropastoril? Para definir a estagnacao, a decadencia da Bahia, 420

Maximo Lima vociferava na Faculdade:

-- Nao tem sequer fabrica de cerveja e em breve nao tera nem mesmo ruinas antigas para mostrar.

Precisava ver Maximo antes de regressar, comentar com ele a transformacao que ia atingir agora o longinquo municipio de Sant'Ana do Agreste. Para isso, viera, para a grande decisao. De moto proprio ou obedecendo ordens, apos haver percorrido as novas avenidas, Patricia dirigiu-se a rodagem e o conduziu ao Centro Industrial de Aratu, empreendimento tao badalado em todo o pais, apontado como exemplo devido a infra- estrutura estabelecida a base de estudos de especialistas, planificada sob a direcao de Sergio Bernardes, nome famoso. Um imenso canteiro de obras, no qual algumas industrias recém- instaladas comecavam a produzir, enquanto muitas outras, em vias de instalacao, levantavam blocos de fabricas. Na vespera, Ascanio passara por ali no jipe mas, no escuro e no silencio da noite, as grandes chaminés e as estruturas dos edificios eram apenas vultos imprecisos. Agora, ele as via, as chaminés lancando fumaca, as estruturas crescendo em ritmo acelerado, um barulho de batalha. Na extensao de muitos quilometros, enormes placas com os nomes das empresas anunciavam os produtos que estao sendo ou serao em breve manufaturados no polo industrial de Aratu. Maquinas ciclicas e centenas de homens removem toneladas de terra nas escavacoes, erguem paredes de tijolos e concreto, soldam e fundem metais brilhantes.

O fusca parou a margem da estrada. Ascanio, boquiaberto, sentiu a pressao da coxa de Patricia contra a sua, desviou a vista das chaminés. A moca sorria:

-- Mais adiante, no caminho para Camacari, ficara a petroquimica. Um colosso, nao e? -- Uma afirmacao, nao uma pergunta.

Ascanio voltou-se para ela, os olhos brilhando de entusiasmo,

Patricia lhe ofereceu a boca. Ao beijá-la era como se beijasse a nova Bahia.

Retornaram pela orla marítima. Diante da beleza do mar e das praias, em terrenos anteriormente descampados, sucediam-se hotéis, restaurantes, bares, boates, clubes, residências faustosas e moderníssimas, um panorama novo e suntuoso. Pararam num bar. Alegre e sequiosa, Patricia reclamou cerveja -- de fabricação baiana com know-how dinamarquês, a melhor do mundo, esclareceu a informada cicerone --, comprou cigarros americanos. Quando Ascanio quis puxar a carteira para pagar a pequena despesa, ela já estendia uma cédula para o caixa, sem dar 421

importância aos protestos do rapaz ofendido em seu amor-próprio masculino:

-- Não seja machista, nenem, isso caiu de moda e quem paga é a Brastanio.

Andaram até a praia, sentaram-se na areia, trocaram beijos. -- Você é um amor, nenem.

Antes do jantar, aconteceu o anunciado contato com o Doutor Mirko Stefano. Rápido e telefônico, porém extremamente cordial. O Magnífico continuava ocupadíssimo, pardon, mon cher ami, não ia poder reunir-se com Ascanio senão no dia seguinte, enquanto isso Pat se ocuparia dele. Quis saber como transcorreria a tarde, Ascanio contou-lhe a ida ao Centro Industrial, o impacto: -- Grandioso! Eu sabia que era uma realização importante, mas superou de muito a minha expectativa. É exaltante! -- Não é? Tudo aquilo ainda outro dia não passava de um matagal abandonado. Pior do que as praias de Agreste. Já imaginou como será o coqueiral de Mangue Seco muito em breve? Bem, divirta-se porque amanhã teremos muito que fazer. Esteja na portaria às dez em ponto da manhã, quero lhe apresentar a alguns amigos.

Patricia deixara Ascanio na porta do hotel, fora em casa mudar de traje, iam jantar fora. Chegou tão chique a ponto de ele sentir-se um pouco constrangido no batido e mal talhado terno azul, obra de seu Miguel Rosinha que corta e cose paletos e calças do Coronel Artur da

Tapitanga ha mais de quarenta anos. Antes de sairem, Patricia avisara que nao se cocasse para pagar nenhum gasto, as despesas corriam por conta da Brastanio. Comeram num restaurante da orla, depois ela propos uma boate onde dancaram de rosto colado ate depois de meia-noite. As contas assombraram-no. Se lhe competisse pagar, nao teria dinheiro suficiente, passaria vergonha.

Tendo estacionado o carro ao lado do passeio do hotel, Patricia subiu no elevador junto com Ascanio, no quarto pediu- lhe que puxasse o zipper nas costas do vestido, um longo verde malva com aplicacoes de renda branca. De dentro dele saiu nuinha pois o tapa-sexo nao tapava nada. Tinha um sinal de beleza no alto da coxa.

Depois da ducha, Pat o esperou na cama. Por conta da Brastanio, pensou o aprendiz de dirigente.

## DA CAMPANHA DE ASSINATURAS E DO PREJUIZO QUE 422

### ADVEM DA AUSENCIA DE TIETA.

O memorial redigido por Dona Carmosina com a assistencia critica porem util de Aminthas, recolhe certo numero de assinaturas, muito inferior contudo ao previsto e desejado pelos promotores

da

iniciativa.

O

Comandante

Dario

veio

expressamente de Mangue Seco, para ajudar, saiu pela rua de lista em punho, pondo em jogo o prestigio e a simpatia que o cercam. Sua presenca concorre para a adesao de pessoas antes indiferentes ao problema: ouviram falar no assunto sem lhe conceder maior importancia. Escutam a explicacao do conterraneo illustre, portador de dragonas, aceitam a caneta:

-- Se o Comandante pede, nao me furto.

Muitos, porem, se furtam, desaparecem a sua aproximacao. A par do significado polemico daquelas folhas de papel, somem das vistas do Comandante ou claramente recusam-se a assinar, por se encontrarem convencidos das vantagens provenientes da instalacao de uma grande fabrica nas vizinhancas da cidade, em terras do municipio. Os argumentos sobre os terriveis maleficios da poluicao nao os abalam nem comovem. Esperam, nao sabem ainda de que maneira, obter proveitos, um lucro qualquer com a vinda da Brastanio; a palavra progresso significa com certeza melhoria de vida.

A grande maioria, nao obstante, e composta de indecisos que se retraem. As duras frases do memorial onde predominam palavras assustadoras -- podridao, crime e morte -- sao lidas, relidas, analisadas. Sucedem-se perguntas: -- Sera mesmo assim? Nos jornais pregados na Prefeitura, a gente le coisa muito diferente.

O Comandante argumenta, educado e paciente. Na agencia dos Correios, Dona Carmosina explode com facilidade quando encontra resistencia, olhares de duvida, interrogacoes: -- Quer viver na podridao, no chiqueiro? Pois que viva! -- Nao e bem isso, Dona Carmosina, nao se exalte. E que uns falam umas coisas, outros negam. A senhora e instruida, sabe o que diz. O Comandante, que correu mundo, diz a mesma coisa. Ja Ascanio, que ninguem pode negar ser devoto do. Agreste e que nao havia de querer um negocio tao ruim aqui, diz o contrario. Seu Modesto Pires, tambem. Dona Carlota, professora dos meninos, essa nem se fala. Fica braba, igual a senhora. Tanto o Comandante quanto Dona Carmosina ouvem, da boca dos indecisos, a mesma repetida declaracao: 423

-- Sei nao... Se pelo menos soubesse o que e que Dona Antonieta acha disso tudo... Ela e uma pessoa competente, o lado onde ela estiver, esse deve ser o lado certo. Nao adianta Dona Carmosina garantir pela posicao de Tieta, o Comandante Dario afirmar-se conhecedor do pensamento da viuva paulista, tendo chegado de Mangue Seco onde ela e sua hospede. Desejam ouvir dito por ela:

-- Ela ainda nao falou nada. Vou esperar o que ela vai dizer. Na

agencia dos Correios, os dois lideres principais da campanha dao um balanço no trabalho, contam as firmas recolhidas, o numero lhes parece insuficiente prova da afirmativa contida no memorial: todo o povo de Agreste repudia a pretensão da nefanda industria de dioxido de titanio. Sentem um começo de desanimo.

A ideia do memorial foi de Dona Carmosina, partidaria da açao. Bate-boca oral ou através dos murais, não conduz a nada. Aminthas, apesar do ceticismo habitual, aprovou e colaborou na redação. O Comandante se encheu de entusiasmo, fez calculos, tirou conclusões. Se recolhesse pelo menos mil assinaturas dentre os nove mil habitantes do municipio, levando em conta as crianças e a imensa maioria de analfabetos, poder-se-ia dizer que a quase totalidade das pessoas capazes de refletir sobre o problema tomara posição contra a Brastanio. Mas tinham coletado apenas pouco mais de uma centena de nomes, após um trabalho estafante. Nomes importantes, poucos. Os comerciantes, na previsão de bons negocios com a instalação da fabrica, reservaram-se. Padre Mariano declarou-se neutro, as funções de paroco não lhe permitindo tomar partido em tao melindroso assunto. Mas ele proprio perguntou:

-- Não vejo aqui a assinatura de Dona Antonieta Cantarelli. A assinatura dela deve abrir a lista, se o Comandante deseja que o povo assine.

Barbozinha compoe poema sobre poema, já possui materia para um livro que pretende publicar na capital, os *Poemas da Maldicao*, escreve cartas a Giovanni Guimaraes mas como coletor de assinaturas e um fracasso. Em troca, Dona Milu e de rara eficiencia, até agora e seu o recorde da coleta. Imprevisto aliado, Osnar, de tocaia no botequim, faz um esforço. Tudo isso soma apenas cento e dezesseis nomes, trinta e sete obtidos por Dona Milu. Para os mil previstos, uma derrota. O Comandante balança a cabeça, preocupado:

-- Minha boa Carmosina, não sei, não. . . Ou Tieta se decide a tomar a frente ou não iremos muito além disso. Volto amanhã para Mangue Seco, vou tentar convence-la a vir nos ajudar. Não 424

vai ser facil: o Curral esta pronto, ela quer gozar um pouco da casa que lhe deu tanto trabalho e custou um bom dinheiro. Inclusive me encarregou de levar a enteada comigo. Me toco com Laura e Leonora amanha cedo, vou suplicar a Tieta que venha nem que seja por uns dias e diga a todo mundo, espalhe pela cidade inteira, que e contra a fabrica, que se a Brastanio se instalar em Mangue Seco, nunca mais pora os pes aqui.

Dona Carmosina concorda, o sucesso da campanha depende de Tieta:

-- Domingo apareco por la para reforcar seu pedido. Penso que entre nos dois, vamos conseguir.

-- E lamentavel. Com tanto advogado aqui, o cartorio cheio de gente, todo mundo julga que vai se fartar de dinheiro com a Brastanio. Ate em Rocinha o preco da terra subiu, imagine. -- Estive matutando nessa historia dos advogados e dos herdeiros do coqueiral e cheguei a conclusao que tem um lado bom: enquanto eles brigam, a fabrica nao tem onde se instalar. Ate que o caso se resolva...

-- Nao se iluda, minha boa Carmosina. Esses advogados vao entrar em acordo logo, logo, voce vai ver. Os herdeiros se unem e encarregam Modesto Pires, que e o mais sabido de todos os que estao metidos nisso, de negociar a venda do coqueiral a Brastanio. E nao poderemos fazer nada...

-- Nesse caso, nem Tieta.

Mostra-se, a porta da agencia, a figura bisonha de Fidelio. A ele, nem tinham pedido para assinar o memorial, pois o sabem um dos herdeiros das terras onde a Companhia Brasileira de Titanio S.A. cogita instalar sua industria, um dos que tem possibilidade real de ganhar dinheiro.

-- Boa tarde, Dona Carmosina. Boa tarde, Comandante. Queria trocar umas palavras com o senhor. -- Se e particular, vou la pra dentro. -- Declara Carmosina, morta de curiosidade.

-- Que e particular, e, mas nao para a senhora. -- Devia ter pedido a Aminthas para acompanha-lo. Calado de natureza, como ha de se arranjar para expor assunto tao delicado? Nao va o Comandante se

ofender: -- E sobre essa historia do coqueiral em que estou metido, sou um dos herdeiros, penso que o senhor sabe. Curva-se Dona Carmosina no balcao, para ouvir melhor.

## SEGUNDO EPISODIO DA ESTADA DE ASCANIO NA CAPITAL OU DA FORMACAO DE UM DIRIGENTE A 425

### SERVICO DO PROGRESSO; AMBICAO, IDEALISMO, UISQUE E NILSA, A DOS PEITOS GRANDES.

De prontidao desde as nove e meia, a espreita, Ascanio se aproxima quando o grupo sai do elevador. Apressado, um dos senhores passa diante dele, desaparece num dos dois automoveis negros. Ascanio jamais chegou a saber de quem se tratava, se diretor ou nao da Brastanio, notando apenas, de relance, o cabelo cortado a escovinha como se usou ha muito tempo atras. Doutor Mirko Stefano apresenta-lhe os outros dois, ali mesmo, de pe. A cerimonia dura apenas um instante pois estao de partida para o aeroporto, em cima da hora.

-- Doutor Angelo Bardi, nosso diretor-presidente. O magnata -- evidentemente era um magnata -- estende a mao, esboca um sorriso:

-- E esse o nosso homem? Muito bem. -- O sorriso se amplia, aprovativo, recomenda ao Magnifico: -- Encarregue-se de que nada lhe falte, resolva de vez os problemas pendentes, veja essa historia da eleicao. Falei ontem por telefone com Sao Paulo. A essas horas, o Presidente do Tribunal Eleitoral ja deve ter recebido um telegrama. -  
- Aperta novamente a mao de Ascanio: -- Prazer. Passe bem.

O outro, ainda jovem -- Doutor Rosalvo Lucena, tambem diretor, um cranio, segundo Doutor Mirko -- fica de ve-lo com mais tempo ao voltar do aeroporto para onde seguem todos, inclusive o Magnifico Doutor. Ascanio os acompanha ate a porta, assiste a partida dos dois possantes automoveis negros. Outra vez encontra-se no saguao suntuoso, sem saber o que fazer. Turistas saem para visitar as



igrejas, o Pelourinho, gastar dinheiro no Mercado Modelo, bandos palradores e eufóricos, velhas espantosas, anciaos artríticos, balzaqueanas indoceis, mocas deslumbradas. Ascanio afunda numa das imensas poltronas de couro, dedica-se a leitura de um prospecto de propaganda do hotel, impresso em cinco linguas, fica sabendo que o design daquela poltrona e o dos demais moveis foram concebidos, sob encomenda, com exclusividade, por Lew Smarchewski -- nao sabe quem seja mas o nome do artista e a palavra design o impressionam. Relanceia o olhar em torno, enfia o prospecto no bolso, pensa exhibi-lo no Areopago. Ultimamente nem tem comparecido a agencia dos Correios. Para que? Para ouvir desaforos de Dona Carmosina? Vai estender a mao para um jornal quando Patricia aparece -- deixara-o por volta das oito, 426

apos cafe e ducha --, pendurada no braco de um dos tres fulanos que, na vespera, estiveram bebericando com o Magnifico a beira da piscina. Dessa vez, houve apresentacoes: -- Doutor Ascanio Trindade, um amigo do Doutor Mirko. Ismael Juliao, o temido colunista dos grandes furos, com ele ninguem pode. -- Declama, gaiata, conclui seria: -- Meu noivo. Estava Ascanio apertando a mao do rapaz, toma um susto. Noivo? Com certeza mais uma piada da jovem, mas Pat, muito romantica, encosta a cabeça no ombro do jornalista de barba por fazer enfia-lhe os dedos na despenteada cabeleira e, como se adivinhasse a duvida de Ascanio, comunica: -- Vamos nos casar daqui a pouco mais de um mes. -- Dois, benzoca. Depois do carnaval. -- Adverte Ismael: -- Lua-de-mel e carnaval, ao mesmo tempo, nao da pe. -- Carnaval, cada qual para seu lado. -- Concorda Pat: -- Ele e dos Internacionais, eu sou do Bloco do Jacu. Ascanio nao entende a graca nem ela explica, em compensacao convida:

-- Va botar uma sunga e venha fazer um relax na piscina com a gente. Doutor Mirko nao vai aparecer antes de meio-dia, isso se vier diretamente do aeroporto para aqui. Com ele, nunca se sabe.

-- Je suis 1'imprevisible! -- O jornalista imita a voz afetada do diretor de relacoes publicas.

-- E que eu nao trouxe calcao. -- Ascanio tenta furtar-se ao convite.  
-- Por isso, nao. Aqui alugam, venha comigo, vou lhe mostrar. --  
Pisca o olho para o noivo: -- Te encontro no trampolim, carinho.  
-- E seu noivo, de verdade? -- Ascanio ainda se imagina vitima de um gracejo.

-- Havia de ser de mentira? Ja tenho o vestido de noiva, presente do Magnifico. Ele trouxe do Rio, da Lais Modas, um barato! A grinalda e um luxo, so vendo. -- Veu e grinalda! -- Nascida do espanto, a exclamacao sai sem ele querer.

Pat ri, bem humorada:

-- Veu, grinalda e flores de laranjeira, ao som da Marcha Nupcial, adoro! Tu e um atrasado, nenem, um careta. Um careta mas um pao, um pao doce. Ismael tambem e um pao, nao acha? Um pedaco de mulato de ninguem botar defeito, hein? -- Morde o beico, ao elogiar os predicados fisicos do rapaz: -- E tem a cuca limpa, nao e cafona como voce. Nos estamos em 1966, nenem. Ou a noticia ainda nao chegou em tua terra? Precisas atualizar o 427

calendario.

Na piscina, bom nadador, saltando do trampolim, mergulhando, Ascanio se distende em companhia de Patricia e Ismael, os noivos do ano, na escolha natalina de Dorian Gray Junior, o trefego cronista social. Bom relax, a moca tinha razao e ele estava necessitando, tenso e inseguro desde o desembarque do Jipe na porta do hotel. Aos poucos, comeca a sentir-se a vontade, descontraido. Ali e como se todos se conhecessem de longa data. Participa de um grupo que brinca com enorme bola de plastico, conversa com um casal de jovens cariocas encantados com a Bahia, troca impressoes com estranhos; acontece-lhe nao entender certas locucoes, uma frase inteira, mas ninguem repara, tratam-no de igual para igual, ele e parte daquele mundo em ferias, rapaz rico e simpatico.

Ismael sai da agua, vai se estender numa chaise-longue. Patricia nada em torno de Ascanio, provoca-o, busca afunda-lo, da-lhe caldos, agarra-o pelos ombros e pelas pernas, monta-lhe no cangote, embola com ele, mergulha sob seu ventre. Manha

agradavel.

-- Doutor Mirko ja chegou. Com o Doutor Lucena. -- Avisa Pat.

Levanta-se Ismael Juliao, vai sauda-los, serve-se de uisque, dose dupla, volta a piscina, com o copo na mao. Patricia o acolhe, noiva terna. Ascanio correra a mudar a roupa, reaparece de paletó e gravata. A um aceno do Magnifico, toma lugar a mesa.

Rosalvo Lucena, cujos titulos universitarios e empresariais Pat lhe soprara ainda dentro d'agua pois seu dever era informa-lo, conquista Ascanio Trindade. Diante do tecnocrata, cuja fisionomia transpira seguranca e autoridade, quase tao jovem quanto ele e no entanto empresario empreendedor e arrojado, Ascanio sente-se um joao-ninguem. O relax obtido na piscina desaparece, encontra-se novamente tenso e inseguro. Aquele, sim, era um lider, um vitorioso, digno da mao de Leonora Cantarelli, para tanto possuia merecimentos, titulos e postos. Titulos em latim e em ingles, aos trinta anos diretor da Companhia Brasileira de Titanio S.A., um portento! Nao obstante a diferenca de status a separa-los, Rosalvo Lucena o trata com cordialidade e consideracao, amavel e interessado: -- Mirko falou-me muito bem do senhor, disse-me de sua luta em prol do progresso do municipio de Agreste. Espero que possamos concorrer eficazmente para que suas ideias se transformem em realidade. Estou encarregado dos problemas 428

tecnicos e economicos relativos a instalacao de nossas duas fabricas integradas, muito em breve irei conhecer sua cidade e a praia tao falada, perto da qual, ao que tudo indica, se levantara nosso conjunto industrial. No momento, deve estar chegando la uma equipe nossa, encarregada de objetivos precisos. Passamos da fase dos estudos para a da implantacao do projeto. -- Esta chegando? Hoje?

-- Sairam hoje pela manha, em duas lanchas grandes e velozes. Se ainda nao chegaram, devem estar chegando. Levam todo material necessario para acampar durante uns dias na praia, quantos forem necessarios. Vao resolver todos os problemas relativos a localizacao nao so da fabrica como das residencias do pessoal tecnico e

administrativo e da vila operaria. Investimento imenso, meu caro. E necessario escolher o local ideal. Parece ser aquele onde ha uma especie de lago e um corrego, mais ou menos no centro do coqueiral. -- Sorri, contente de si: -- Nunca estive la mas e como se houvesse nascido ali, conheco tudo sobre Agreste e Mangue Seco, incluindo o contrabando. Um dos mais antigos entrepostos de contrabando do Nordeste. Queremos trabalhar em estreita colaboracao com o senhor e as demais autoridades do municipio.

-- De minha parte, os senhores terao todo apoio. A instalacao da Brastanio em Mangue Seco sera a redencao de Agreste.

A frase merece o aplauso do Magnifico Doutor: -- Wonderful! Fine! Une trouvaille! Ate parece uma frase minha. Nao a esqueca, meu caro, vai ter de repeti-la em breve. -- Sim, esperamos ser uteis a sua regio. Pensamos dar a maior cobertura, em todos os sentidos, as iniciativas que o senhor vier a tomar para levantar a economia e a cultura de Agreste., Infelizmente subsistem no Brasil grandes desniveis regionais, perduram ilhas de pobreza e atraso. Precisamos modificar rapidamente esse panorama, liquidar tais diferencas, entraves no caminho do desenvolvimento do pais. -- Bate com a mao na coxa de Ascanio num gesto amigavel: -- Homens como o senhor sao preciosos para a comunidade. Nossa obrigacao de idealistas e lhes dar todo o apoio de que venham a necessitar. Porque o senhor tambem e um idealista e o nosso ideal e comum, e o progresso!

Expressa essas brilhantes consideracoes, quase um discurso, com naturalidade, em tom de conversa mas de conversa convincente, ao mesmo tempo em que atende a uma loira e a uma morena, ambas de biquini, cada uma sentada sobre os largos bracos da comoda cadeira de desenho moderno -- design 429

igualmente do citado Lew. A voz modulada e segura, a pronuncia clara, sem hesitacao, nao se modifica sequer ao reclamar do garcom a qualidade do uisque contido numa requintada garrafa de tons verdes, feita de reentrancias e saliencias. Tendo se servido e provado, Rosalvo Lucena deixa escapar educada porem viva

indignacao: uisque mais falsificado, que horror! Chama a atencao ao Magnifico: e sempre assim, bebida servida em garrafa de cristal, semelhante escultura, bela e anonima, nao presta jamais, torpe engodo. Entre suas varias competencias, o jovem tecnocrata inclui conhecimento profundo daquele sublime licor escoces, o unico verdadeiro nectar dos deuses, em sua opiniao. Da qual o Doutor Mirko discorda: gosta de uisque mas prefere um vinho frances de qualidade, nada se compara a uma boa champanhota. Qual a opiniao do amigo Ascanio? Nao tem opiniao formada, pouco sabe de uisque, menos ainda de champanha. Rosalvo Lucena devolve ao garcom o copo cheio e a garrafa verde: -- Jogue essa porcaria fora, companheiro, traga outro copo. Quanto a garrafa, diga ao barman para guarda-la para um bebado qualquer, que nao saiba distinguir uisque verdadeiro do falsificado. Quero scotch, e nao esse vomitorio. Traga-me uma garrafa de Chivas, fechada, para examina-la e abrir aqui. E diga que vou me queixar ao maitre dessa falta de respeito. A tranquilidade e a desenvoltura com que Rosalvo fala sobre o desenvolvimento do pais e repudia o uisque conspurcado, enchem Ascanio de admiracao, culminando quando o ouve comentar: -- Repare, Mirko, com que prazer teu amigo Ismael saboreia essa zurrapa. Esse tem estomago para tudo. Repugnante! Estomago e testa, pensa Ascanio, chifrado antes de casar-se, ciente, sem duvida, das distracoes da noiva; quem sabe, conivente. Mais do que repugnante, abjeto!

O barman chega aflito, na mao a garrafa pedida, na boca desculpas humildes: se soubesse que era para a mesa do doutor... Afavel e generoso, Rosalvo Lucena o despacha em paz, nada dira ao maitre. Anima-se Ascanio e felicita o empresario pela entrevista magnifica com a qual arrasara o cronista de *A Tarde*, Giovanni Guimaraes, possibilitando o esclarecimento da populacao de Agreste, afetada com a *Carta ao poeta De Matos Barbosa*. E que esse tal de Giovanni andara de visita a cidade, ha alguns anos, fizera amizades, gozava de certo prestigio. Rosalvo responde, enquanto examina a garrafa de Chivas, antes de aprova-la e ele proprio abri-la, servir-se e servir ao Magnifico, a Ascanio e a uma das mocas, a outra prefere campari:

-- Giovanni? Um bom rapaz, inteligente, engraçado, sabe escrever. Mas nunca passara de um jornalista provinciano, com 430

seu empreguinho publico e o salario de reporter. Nao tem estofo para mais. Faltam-lhe ambicao e idealismo. -- Prova a bebida, repete o trago: -- Isso, sim, e uisque. -- Pousa os olhos em Ascanio, toca-lhe novamente a coxa para chamar sua atencao para a importancia do que vai dizer: -- Sem idealismo e sem ambicao, meu caro, ninguem pode ir adiante. Um ideal elevado: ser alguem na vida, um construtor de progresso. Servido pela ambicao. A ambicao e a mola do mundo.

Disse e mamou, com satisfacao de expert, um trago largo de uisque, degustando-o. Por detras do balcao, agitando a coqueteleira, o barman sorri, pensa no valor das aparencias. Para os simplesmente vaidosos, a retorcida garrafa de cristal, em tons verdes, sinal de alta consideracao. Para os suficientes e orgulhosos, a simples garrafa original do Reino Unido, fechada, selada, lacrada, sinal de respeito ainda maior. Numa e noutra, para uns e outros, identico uisque falsificado da reserva do hotel, diferenca acenas de preco. Tambem, que gosto e refinamento pode ter um bebedor de uisque? Nenhum, na opiniao do barman. Durante a curta hora em que permanecem bebericando e trocando ideias a borda da piscina, em cuja agua azulada e transparente os corpos das mulheres eram visao amena e grata, Ascanio foi apresentado a uma quantidade de pessoas, todas de evidente importancia, que paravam para cumprimentar Rosalvo Lucena e trocar uma palavra com o Magnifico Doutor, por vezes segredar-lhe ao ouvido. Sem falar nas mocas, algumas delas certamente a servico da Brastanio, pois Mirko as encarregava de tarefas diversas: telefonemas, reserva de mesa no Chez Bernard para um jantar de seis talheres naquela mesma noite, compra de discos de Caymmi numa das butiques. Ao apresentar Ascanio, o Magnifico nao informava sobre o cargo por ele exercido na Prefeitura de Agreste nem o dizia vindo de la. Ressaltava, porem, sua condicao de "dinamico dirigente, de muito futuro, destinado a desempenhar importante papel na vida do Estado, quica do pais. Un vrai con-

ducteur d'hommes".

Palavras agradáveis de ouvir, embalam como um acalanto, tracam uma perspectiva, dao força e animo. Idealismo e ambicao, dissera o jovem e vitorioso empresario. Idealismo, Ascanio sempre teve, a ambicao nasce e cresce a borda da piscina. Manha de sol, ambiente cordial, a graça das mulheres, a inteligencia dos companheiros de mesa, a bebida cara, isso, sim, e uisque. Ja nao se sente tao misero joao-ninguem ao lado de Rosalvo Lucena. Que por sinal se despede, tem almoco marcado com alta figura da administracao estadual: -- Em breve, nos veremos em Agreste.

-- La estarei as suas ordens.

431

Ouve a murmurada ponderacao do Doutor Mirko Stefano quando Lucena se levanta:

-- O homem e uma parada dificil, va com cuidado. Dele depende muita coisa. Diga-lhe que a encomenda ja esta a caminho. O Magnifico ainda se demora a saborear o uisque, a roda crescendo em torno dele. Apesar de ter pela frente une journee ternblement chargee, nao se apressa, presa e desfruta tudo aquilo: O dia claro de sol, o movimento da gente ociosa no bar e na piscina, a visao dos corpos seminus, as mocas se oferecendo, o mexerico e a adulacao dos avidos folicularios. Levanta-se, finalmente, assina a nota, marca um encontro com Ascanio para as quatro da tarde. Pat o acompanhara a sede da Companhia:

-- Temos muito a conversar. Bye bye.

Enfim, pensa Ascanio, a esperada conversa, motivo de sua vinda. Pat aproxima-se, comboiando outra moca, morena magra, de busto saliente:

-- Essa dondoca e Nilsa, nenem. Acaba de ser nomeada tua secretaria. Nao posso te acompanhar hoje, e folga de Ismael na redacao, so tem de entregar a coluna, o dia e dele. -- Olha com ternura para o noivo que, tendo se servido do fundo da garrafa, voltara a piscina: -- Voce compreende, ne? Nilsa fara as minhas vezes. Voce vai gostar dela e ela de voce, nenem. Nilsa ri muito, fala

pouco, usa qualquer pretexto para exhibir o seio farto. Propoe almoco frio, e mais rapido e nao pesa no estomago. Nao houve sesta, ela o acompanhou diretamente ao quarto. Ao despir a cueca, contemplando os seios de Nilsa, grandes, redondos, tumidos e o pequeno ventre de espessa mata negra, Ascanio considera que o atraso na conversa que o trouxera a capital tinha suas compensacoes. Nao fossem as saudades de Leonora, nao se importaria de demorar mais alguns dias.

DAS CONTROVERTIDAS OCORRENCIAS DE MANGUE SECO,  
CAPITULO NO QUAL SE TEM NOTICIA DE VIGOROSO MOVIMENTO  
DE MASSAS TRABALHADORAS (EM TERMOS) E POPULARES,  
FORNECENDO-SE ASSIM A ESTE  
FOLHETIM  
INDISPENSÁVEL  
CONOTAÇÃO  
REIVINDICATIVA E MILITANTE.

432

A gente corre com eles daqui, na primeira vez que aparecerem, ameaçara o jovem seminarista Ricardo em conversa com Tieta, o Comandante e o engenheiro Pedro Palmeira, referindo-se ao pessoal da Brastanio. A frase merecera solidario aperto de mao do engenheiro. Ricardo disse e cumpriu. Viram-no de batina, a frente da massa. Ele e Tieta que se divertiu as pampas. Era como se houvesse voltado a primeira juventude, quando escapulia dos outeiros, deixando as cabras entregues ao bode Inacio, e vinha com algum parceiro, subir as dunas e se misturar a vida dos pescadores. Ricardo cumpriu-o prometido somente em parte pois os primeiros enviados da Brastanio a regio apos a peremptoria jura, sobrevoaram a praia e o coqueiral em helicoptero, no dia fatidico da morte de Ze Esteves, armados de binoculos, maquinas fotograficas e de filmagem. Mesmo sendo um anjo do Senhor, na opiniao praticamente unanime das mulheres de Agreste, em especial daquelas mais chegadas a pratica do esporte incomparavel, a frente



das quais se coloca Tieta por ser quem melhor conhece as qualidades celestiais do sobrinho, ainda assim faltam-lhe asas, se bem lhe sobre o desejo de voar. Quem sabe, um dia o Senhor lhe concedera essa prerrogativa reservada aos anjos e arcanjos, premiando-lhe a vocação e a sinceridade. Aquele aperto de mão marcara o início de crescente amizade entre o engenheiro e o seminarista; a diferença de idade -- doze anos -- não impediu que as relações se tornassem fraternas. Consolidadas nos babas em companhia dos moleques da povoação; na travessia da barra para a pesca ao largo: Ricardo conseguira recuperar o molinete do qual Peto se apoderara; em longas conversas, algumas com Frei Timoteo, no arraial do Saco. Antigo dirigente universitário, Pedro atuara no Rio de Janeiro antes de formar-se, de entrar para a Petrobras e ser mandado para a Bahia onde lhe acontecera a felicidade de conhecer Marta e tê-la por esposa e, em consequência, a infelicidade de conhecer Modesto Pires e tê-lo por sogro. Sabe lá o que é isso, Cardo? Meu sogro é o atraso, o reacionarismo em pessoa. Há quem tenha o caralho na cabeça, me desculpe a expressão, seu Modesto tem na dele uma nota de mil cruzeiros. Pedro deleitara-se contando a Ricardo as heroicas trapalhadas das agitações estudantis pelas quais não perdera o interesse nem mesmo quando, formado, casado, pai de filhos, delas deixara de participar. De longe as acompanha, ajuda com dinheiro, assina protestos. Revela a Ricardo que até seminaristas comparecem as manifestações, 433

envolvem-se em brigas com a polícia.

Iniciaram ampla campanha de esclarecimento junto as massas proletárias -- classificação do engenheiro, antigo e dogmático redator de manifestos -- ou seja a duzia e meia de famílias de pescadores, composta por rudes homens do mar curtidos pela ventania e por moleques bons de nado, pesca e futebol na areia. Um deles, Budiao, ponta-de-lança com pinta de craque, tendo disputado uma partida em Estancia, integrando o combinado do Arraial do Saco, foi notado por um dirigente do Sergipe Futebol Clube que lhe propôs mudar-se para Aracaju. Mas, quem nasce em Mangue Seco

nao emigra, nao sabe viver longe das vagas sem tamanho e da ventania desabrida.

A pregacao ideologica do engenheiro, expondo problemas graves e profundos, imperialismo, colonialismo interno, poluicao, ameaca mortal a fauna maritima, apodrecimento das aguas a fazer da pesca atividade condenada a desaparecer; denunciando a existencia de capitais estrangeiros majoritarios na industria de dióxido de titânio, em realidade entrave e nao estimulo ao desenvolvimento do pais, canalizando para o estrangeiro lucros imensos, empobrecendo o povo -- nada disso, diga-se com tristeza mas a bem da verdade, causou maior impressao sobre a reduzida massa a qual ele se dirigia, patetico, veemente e honrado. Ricardo vibrava, ferias sensacionais: ruem muros diante dele, abrem-se caminhos, Deus o ilumina.

Deus o ilumina a ponto de ter sido um argumento de Ricardo, sobre o aterro necessario a construcao da fabrica e das casas de operarios, provocando o fim do mangue e dos caranguejos, o unico a causar certo abalo na indiferenca geral. A noticia da provavel extincao dos caranguejos, base da alimentacao dos habitantes -- as mulheres iam pesca-los no coqueiral enquanto os homens remendavam as velas dos barcos e pitavam seus cachimbos de barro --, suscitou interesse e debate. De curta duracao, porem, pois o velho Jonas, cuja palavra todos respeitam, observou:

-- Como e que vao acabar com o mangue e os caranguejos? Nao tem dinheiro no mundo que chegue para uma despesona dessa.

Balancando a cabeça em sinal de aquiescencia, ouviram com atencao as explicacoes do Comandante que renovou a gravidade da ameaca com palavras chas: para ganhar dinheiro facil, uns tipos sem entranhas queriam instalar no coqueiral uma fabrica de veneno, um veneno pior do que a estriquinina, mata tudo, a comecar pelos caranguejos.

-- Caranguejo nao morre facil, nao, Comandante. Nunca 434

ouvi falar que veneno matasse caranguejo. Qual o que! O que os decidiu a apoiar Ricardo e o engenheiro no projeto de correr dali o

peessoal da Brastanio quando novamente aparecessem, foi a conversa mantida por Jonas, Isaias e Daniel, os tres chefes incontestes da pequena comunidade, com Jeremias, na escuna, fora da barra, em madrugada tempestuosa. O Compadre -- Jeremias era compadre de todos os chefes de familia, em cada casa tinha um afilhado -- lhes comunicou, pesaroso, que aquela secular atividade da qual viveram seus antepassados e agora viviam eles, os compadres e os afilhados, suas mulheres, os irmaos e irmas, as tias e as avos, e mais um bocado de gente espalhada rio afora e nas cidades proximas, incluindo Eliezer, estava ameaçada de findar-se ou melhor dito, deveriam as escunas e os navios procurarem outro ponto onde descarregar a mercadoria. Se a fabrica se instalar em Mangue Seco -- e parece que termina por faze-lo pois nos outros lugares o povo se levanta e nao permite enquanto aqui ninguem faz nada para impedir --, isso significa o fim do contrabando, pois desaparecerao as condicoes indispensaveis de seguranca. Perdera Mangue Seco aquela situacao ideal de isolamento, de praia desconhecida, um fim de mundo, propria para o desembarque e escoamento da moamba. Instalada a fabrica, o trafico tornar-se-a impraticavel. Essa ameaca, sim, os decidiu. De quebra, perguntam ao Compadre se e verdade que a tal industria produz veneno capaz de matar caranguejos. Jeremias tem uma profunda cicatriz no rosto e fala sem tirar o cachimbo da boca. Homem melhor nao pode haver, igual so mesmo o Comandante mas sao diferentes os lacos que ligam a gente de Mangue Seco a um e a outro. O Comandante e bom amigo; o Compadre e um deles, juntos arriscam a vida e a liberdade.

-- Se mata caranguejo? Nao vai sobrar nem um pra remedio. O titanio empesteia tudo, mata ate cagado que e bicho teimoso demais pra morrer.

Jonas, o mais velho dos tres, assegura: -- Faca caso nao, Compadre, a gente nao vai deixar eles se meterem aqui. A gente ja botou policia pra correr, quanto mais esses come-merda.

Isaias, o do meio, concorda:

-- O engenheiro e o padrezinho ja tinham dito que a gente devia dar uma licao neles. Vamos dar. Fique descansado, nao mude o rumo,

lugar como esse o Compadre não vai encontrar. Daniel, o mais moco, recorda:

-- Não esqueça o batizado do menino, Compadre, vai ser pro mês. Nunca pensei que matasse os caranguejos. O 435

Comandante e homem sério, assim mesmo duvidei. Tenha medo não, Compadre. Esse lugar, abaixo de Deus, só tem um dono, que é a gente. Essa areia e esse pedaço de água pertence a nós, não é de mais ninguém. O resto, quem quiser pode usar e abusar, em Mangue Seco só planta o pé quem não bulir com a gente. Cabe a Jonas a última palavra. Ergue o cotoco de braço: -- Va com Deus, Compadre, e volte que nós damos fiança. -- Pois até o mês, meus compadres, vou sossegado. Abraços pras comadres e a bênção pros afilhados. Noite ruim, o vento desatado, o mar raivoso, eles também: matar os caranguejos, onde já se viu? A escuna desaparece na escuridão, os barcos penetram em meio às vagas e aos tubarões. Por ali só eles passam, antes passaram os pais e os avós na mesma tarefa proibida. Na praia, silenciosos, os homens desembarcaram a mercadoria, guardaram-na bem guardada, a espera de Eliezer e dos outros camaradas.

A equipe técnica da Brastanio chegou a Mangue Seco depois de uma travessia demorada, desagradável, em mar agitado e perigoso. Na foz do rio Real, a ressaca cresce em vagalhões, o vento faz redemoinhos na areia, transforma a geografia da praia. Tempo tão péssimo, os pescadores do arraial do Saco não saíram para a pesca naquele dia. Na entrada da barra, houve um começo de pânico, sobretudo entre as mulheres. Vieram em duas potentes lanchas, moderníssimas, traziam de um tudo, desde cinco grandes barracas de campanha até abundante lataria, fatura de comestíveis, de água mineral e refrigerantes, colares do Mercado Modelo para presentes ao gentio. Apesar do cansaço e do nervosismo, mesmo em condições atmosféricas tão desagradáveis, ao se encontrarem ante a paisagem de Mangue Seco, a visão dos altos comoros enfrentando a fúria do oceano, a imensidão da praia estendendo-se de lado a lado da península, o coqueiral prolongando-se nas margens do rio, a

perder de vista, sentiram-se pequenos e consideraram que pagara a pena vir. O céu coberto ameaçava chuva.

Parados os motores, as lanchas permanecem a certa distância da praia. Um dos passageiros salta na água que lhe bate na cintura, anda, chega ao chão de areia, dirige-se às choupanas de troncos e palmas de coqueiro, meio soterradas, propõe a Isaias, ocupado a remendar uma vela rota no temporal da outra noite: -- Ho! Você aí! Você e os outros. -- Os outros estão muito ocupados em não fazer nada, conversam sentados numa roda larga, picam fumo, cachimbam: -- Venham todos ajudar a desembarcar umas coisas. Depressa.

Isaias olha, não responde. O velho Jonas levanta-se, pergunta: 436

-- O moco é da fábrica?

Quase arrastado pelo vento mas vaidoso de sua condição, o galhardo concorda e reclama:

-- Somos da Brastanio, sim. O que fazem aí parados? Vamos, deem-se pressa.

Jonas examina as duas lanchas ancoradas próximas à praia, joguetes na maré bravia, calcula o número de passageiros, as mulheres quantas serão? Mulher é um perigo. O velho pescador coça a barba rala. Recorda outras ocasiões, quando a polícia ainda se atrevia. Em geral, em começo de governo, os políticos roncando honradez, agitando a lei: vamos acabar de vez com o contrabando! Faz tempo que desistiram. Também, onde encontrar soldados ou secretas dispostos a vir à Mangue Seca? Método usado apenas em último recurso, há muito não o utilizam, por desnecessário. Os mais jovens, sabem somente de ouvir dizer, vão se divertir. Quem gostava era o mascate, participara em mais de uma expedição.

-- Isaias, prepare os barcos. Daniel, reúna o povo. Budião, vá correndo avisar Dona Tieta, diga que eles chegaram. Fale também com Cardo e com o engenheiro. Não demore que o homem está com pressa. -- Volta-se para o emissário dos viajantes: -- Vá indo que a gente já vai. Enquanto observa o homem da Brastanio marchando curvado contra o vento, felicita-se pela ausência do

Comandante, ocupado em Agreste. Um amigo, o Comandante Dario. Fecha os olhos para as noturnas e clandestinas incursões, simula ignorar a presença de escunas, cargueiros e lanchas, o transbordo da muamba. Apesar, no entanto, da intransigente ma vontade demonstrada para com a tal fabrica de veneno e a amizade que dedica ao povo de Mangue Seco, ainda assim, talvez, se opusesse a operacao projetada criando um problema dos demonios. Nao a praticam desde o acontecido com o sargento; nunca mais a policia voltara, ainda bem. Agora tornou-se novamente indispensavel mas quando a decidiram Jonas recomendou a todos o maior cuidado. Tieta, o estudante de padre e o engenheiro, ficarao na praia, nao e coisa para eles. Nem sequer para Tieta, tao disposta. Quando Jonas era o mais jovem dos tres chefes, havia muitos e muitos anos, molecota atrevida, pastora de cabras nos outeiros de Agreste, Tieta costumava aparecer na praia, subindo os comoros, sempre acompanhada, namoradeira como ela so; tambem, uma boniteza daquelas, tinha que ser. Em Sao Paulo dobrou a boniteza, se enfeitou, virou um pancadao, um pedaco de mulher. Antigamente, mocinha, andava sempre em companhia de homem feito, mais 437

velho do que ela, agora esta preparando o sobrinho para fazer dele um bom padre-mestre, cumprindo assim com a sua obrigacao de tia. Uma vez, tendo vindo se divertir na praia, coincidiu Tieta desembarcar no meio de uma briga feia: dois soldados, uns secretas e o delegado de Esplanada querendo apreender a mercadoria e encanar o velho receptor vindo de Estancia. O acompanhante de Tieta, um almofadinha, ao saltar e deparar com o fuzue, perdeu a animacao e a cor, ficou de cera, enfiou o fogo no rabo e capou o gato, correu para o bote, se tocou a toda, sozinho, largando a namorada, coisa mais triste! Tieta nem ligou, olhou e riu, ergueu o cajado de pastora e se juntou aos pescadores, ajudando-os a botar a policia para correr. Baixou o bordao no delegado, sem respeitar nem o revolver nem o apito com que ele transmitia ordens, uma novidade. Tieta nao nascera em Mangue Seco mas merecia ter

nascido. Quem sabe, Jonas sera obrigado a leva-la para que ela cuide das mulheres.

Excetuando o fulano que fora convocar carregadores, os demais funcionarios da Brastanio nao chegaram a desembarcar. Formavam um grupo relativamente numeroso, umas vinte pessoas, entre as quais quatro mulheres: uma cartografa, duas secretarias e a esposa do chefe da equipe, robusta e romantica senhora, ciumentissima, que se incorporara a caravana para nao deixar o marido a merce das secretarias, umas sirigaitas e no desejo de tomar banho de mar em Mangue Seco. Desejo generalizado.

Especialistas

bem

remunerados,

tecnicos

competentes, vinham todos na doce esperanca de unir o util ao agradável: nas folgas do trabalho, o lazer na praia cuja fama corre na Companhia, levada pelos que ali estiveram antes para os estudos preliminares. Passado o susto da travessia da barra, encontram-se animados e alegres.

--\_Quando fizer sol, vai ser um esplendor! -- Exclama, feliz, Katia, a esposa.

Jamais se viu no mundo pessoas tao assombradas. A principio nao se dao conta exata do significado do que esta acontecendo. A primeira visao foi surrealista: de longe, por entre coqueiros, surge correndo uma mulher vestida de calca e capa de borracha negra, dessas de marinheiro, na mao um cajado longo. Nao ouvem o que ela grita, devido ao vento, mas sentem no bastao erguido um gesto de ameaca. Seguem-na um padre e um tipo de barbas. Em seguida, os pescadores: velhos, mocos e meninos. Logo depois a surpresa transformou-se em medo, susto sem tamanho.

Na praia, dando um balanço nas lanchas, contando as quatro mulheres, Jonas decide trazer Tieta:

438

-- Venha com a gente, Dona Tieta. Nao tenha medo. -- Esta me

desconhecendo, Jonas?

-- Me desculpe, não falei por mal.

Ricardo vai seguir a tia, o engenheiro também. Jonas impede: -- Vocês dois, não. -- Explica ao engenheiro: -- Seu Modesto, se vier a saber, vai ficar furo, Doutor Pedro. É melhor que o senhor espere aqui, a gente cuida de tudo. -- Diz a Ricardo: -- o que nós vamos fazer não é do agrado de Deus, meu padrezinho. -- Não propõe, ordena; nem parece o mesmo Jonas bonachão, cacoando com o seminarista na travessia para o arraial.

Pedro concorda, afasta-se. Por amor a Marta e aos filhos, quer viver em paz com o sogro. Mas Ricardo replica, a voz tão firme quanto a de Jonas:

-- Quem lhe disse que não é do agrado de Deus? Deus lança o raio quando é preciso. Quem mais vai, sou eu. Jonas coca a barba:

-- Pois venha mas depois não se queixe. Quem sabe, assim tu vai acabar sendo um bom padre-mestre. Embarcam nos saveiros, alguns levam rolos de corda. Aproximam-se das lanchas, saltam na água, sujeitam passageiros e tripulação -- dois marinheiros em cada lancha -- numa rapidez inacreditável para quem os viu somente na praia, na indolência, e ignora as travessias noturnas. Aproveitam-se da surpresa, não chega a haver luta tal o susto e o medo. Jonas assume o comando de uma das lanchas, Isaias o da outra.

-- Todas as mulheres, nessa lancha aqui. -- Ordena Jonas: -- Dona Tieta, fique de olho nelas. Ricardo, venha comigo. As cordas servem para amarrar os pulsos dos homens, liga-los uns aos outros, em duas fileiras, uma em cada lancha. Siderados, os funcionários da Brastanio protestam, reclamam, exigem explicações. Perguntas inúteis, inúteis os argumentos, as razões e ameaças. Ninguém parece ouvir. Apenas um jovem técnico em eletrônica, de olho numa das secretarias, tenta passar das palavras aos atos, demonstrar bravura para impressionar a moça: investe contra Isaias. É contido por Budião e pelo ponta-esquerda Samu (ruim de dribble mas dono de um chute indefensável, um canhão) e amarrado aos outros. São levados para os passadicos onde ficam sob a guarda do pessoal mais jovem. Precisam sentir e ver bem de perto. Jonas dá o sinal de partida, as lanchas se movimentam lentamente, os saveiros



acompanham. Não tomam o rumo habitual da barra onde a arrebentação, mesmo quando muito forte em dias assim de mau tempo, não oferece maior perigo além do susto. Embicam em direção aos 439

vagalhões, na esteira do contrabando. Fazem esse caminho nas noites de tráfico e o fizeram também conduzindo policiais de punhos atados. Um sargento perdera a cabeça de tanto medo, se soltara das mãos que tentaram rete-lo e se atirara na água, os tubarões o estracalharam num minuto; o sangue durou pouco, varrido pelas vagas. Por isso Jonas mandara amarrar os homens uns aos outros em dois grupos, um em cada lancha, e colocou as quatro mulheres sob a ameaça do bastão de Tieta: -- Não se movam, cabritas, senão o pau vai cantar. Nas lanchas, ouvem-se gritos, choros, pedidos de socorro, de piedade pelo amor de Deus. Indiferentes, os pescadores penetram entre as ondas descomunais, atravessam no espaço mínimo onde elas se alteiam imensas e se rebentam furiosas contra as dunas. Encharcados, chegam com as embarcações onde so mesmo eles, os ali nascidos e criados, conseguem chegar. Eles e os tubarões.

Erguem os remos, silenciam os motores, estacionam na porta da morte. Lanchas e saveiros rodopiam, sobem e descem, ameaçam virar, emborcar, socobrar, a duras penas os pescadores mantem os lemes e o precário equilíbrio. Os vagalhões tentam atirar os barcos contra as montanhas de areia. Estão diante da morte. Da morte multiplicada, pois os vultos de chumbo se aproximam, sombras sob a água revolta. De repente um deles salta, não tem tamanho de tão grande, eleva-se no ar, a dois metros da lancha comandada por Isaias. Um grito unissono e o choro das mulheres. Saltam mais três, juntos, e mais dois e outro mais, quantos serão? Abertas em fome as bocas monstruosas, exibindo os dentes pontiagudos, avidos, sinistros. Jonas e coto de um braco, não precisa contar como o perdeu, todos se dão conta. Ouvem e sentem o baque dos tubarões contra o costado das lanchas. Quanto tempo demoraram ali, diante da morte, face a face? Talvez apenas uns minutos, foi uma

eternidade, espaço e tempo de pavor abissal e infinito.

Katia grita para o marido: quero morrer contigo e desmaia nos braços de Tieta. Vários vomitaram e pelo menos dois fizeram feio, se borraram. Mesmo os mais valentes entenderam. Lanchas e saveiros novamente em marcha, rompem os vagalhões, rumam para o largo, os tubarões os acompanham durante certo trecho, ainda na esperança; depois se vão. A chuva cai, começa a lavar o céu. Antes de devolver o comando da lancha e embarcar no saveiro, Jonas eleva a voz mansa e terminante de profeta pobre:

-- Não voltem nunca mais e avisem aos outros. A chuva lavou completamente o céu, amansou as ondas, a 440

noite desce leve e cálida, noite para conversa sem compromisso, boas recordações e festejos. Reunidos em torno as choupanas, sentados na areia, emborcam uns tragos de cachaca. Não se referem ao acontecido, como se nada houvesse se passado. Apenas o engenheiro ri sozinho; contente, fortalecido em sua confiança nas massas: por um momento duvidara.

Daniel traz a harmonica, Budião e bom de bola e bom de dança; exhibe-se com Zilda, sua prometida, nos passos do xaxado. O engenheiro rodopia com Marta. Pena seminarista não poder dançar, besteira, não é? Ricardo fita o céu, limpo de nuvens, pontilhado de estrelas: os caminhos do mundo estão abertos a sua frente, sabe do mal e do bem, atravessou a maldição e aprendeu a desejar. Ao lado de Tieta, atento a conversa com Jonas, sente o chamado que dela se evolva e o cerca, exigente. Talvez por lhe restar pouco tempo em Agreste, pois partirá após a inauguração da luz nova, a tia o quer junto a ela, em permanência noite e dia. Jonas e Tieta recordam tempos passados. Histórias de conflitos com a polícia, detalhes, nomes, a valentia do mascate lembra-se dele, Dona Tieta? Era um macho. Na sombra dos comoros, Tieta enxerga a figura do mascate, aspira na maresia seu cheiro forte de cebola e alho. Morrera de bala, na Vila de Santa Luzia, enfrentando os soldados.

TERCEIRO  
EPISODIO  
DA  
ESTADA  
DE  
ASCANIO  
TRINDADE NA CAPITAL OU DA FORMACAO DE UM DIRIGENTE A  
SERVICO DO PROGRESSO: ELEICOES, TRIBUNAL,  
INIMIGOS  
DO  
BRASIL,  
AGENTES  
ESTRANGEIROS, ARTE E BETY, BEBE PARA OS INTIMOS.

Na sede da Brastanio, espetacular, um andar inteiro num dos modernos edificios da Cidade Baixa, temperatura primaveril, vidros reibam esfumacados, uma deusa de peruca na mesa telefonica, Ascanio Trindade renova antigo conhecimento: Elisabeth Valadares, Bety para os amigos. Quando a deusa grega, tendo anunciado sua presenca, indicou-lhe uma cadeira, ele nao chegou a ocupa-la pois imediatamente Bety surgiu numa das portas. Demonstrando memoria e eficiencia, ela o recebe com 441

efusiva simpatia:

-- Alo, amor! Estou feliz de ve-lo aqui em nossa modesta tenda de trabalho. Venha comigo, o doutor o espera. E o lindo, como vai?

-- O lindo?

-- O varapau, aquele engracado. Charmoso como ele so. -- Ah! Osnar. Vai se roer de inveja quando souber que estive com voce.

-- Diga-lhe que mando um beijo e morro de saudades. -- Fez um sinal a Nilsa ordenando-lhe esperar ali mesmo. Sobre uma mesa de vidro, na sala do Doutor Mirko Stefano, estende-se um grande desenho a cores, Ascanio reconhece a paisagem de Mangue Seco, as dunas, a foz do rio e o coqueiral. Parte do coqueiral desaparecera,

substituído por imponente conjunto industrial, altas construções, da chaminé se eleva reduzida e alva fumaça. Entre a fábrica e as dunas, umas duas dúzias de residências amplas, com varandas e jardins, para os administradores, engenheiros e técnicos. Do outro lado, na direção de Agreste, uma pequena cidade, centenas de casas alegres conjugadas duas a duas, todas iguais, moradias para os trabalhadores. Um ancoradouro moderníssimo, quase um porto, com grandes lanchas a motor. Deslumbra-se Ascanio com aquela visão do futuro. A voz afetada do Magnífico o traz de volta ao presente:

\_\_ -- Esta vendo essa casa separada de todas, a mais perto da praia? É a minha. Ai irei descansar quando tiver tempo para o lazer. Adoro Mangue Seco, e o lugar mais bonito do mundo. Vai continuar a ser o mais bonito, sendo, igualmente, um centro de riqueza. C'est ça.

Senta-se a mesa de trabalho, aponta uma cadeira a Ascanio, em frente. Esfrega as mãos uma na outra, satisfeito: -- Pedi que viesse até Salvador para lhe transmitir pessoalmente a grande notícia, meu caro Ascanio. Permita-me que o trate por você, abandonando a cerimônia. -- Pois não, Doutor Mirko.

-- Nem doutor, nem senhor. Seu amigo Mirko Stefano, seu admirador. Mas vamos à notícia auspiciosa: a Brastanio decidiu em definitivo instalar em Sant'Ana do Agreste sua indústria de dióxido de titânio que, como você sabe, é uma das mais importantes entre quantas foram projetadas e criadas no país, nos últimos anos. Do ponto de vista do desenvolvimento nacional e da economia de divisas. Uma indústria benemerita. Benemerita! A voz amaneirada faz-se categórica, a afirmação é uma resposta, esmaga dúvidas, ataques, condenação. 442

-- A decisão foi, tomada na reunião de diretoria que só terminou ontem ao fim da tarde. Mas como eu sabia por antecipação qual o resultado, apressei-me em pedir que viesse para conversarmos, acertarmos nossos relógios, c'est bien nécessaire. Confio que a espera não lhe tenha sido pesada. -- Ao contrário, muito agradável. Só tenho a lhe agradecer. -- Rien, mon cher. Tornaremos pública nossa decisão em poucos dias. Apenas terminemos uns últimos

tramites junto aos poderes estaduais, dos quais o Doutor Lucena esta se ocupando, nos dirigiremos a Prefeitura de Agreste para dar conta oficialmente de nosso projeto e obter a necessaria autorizacao. Devo acrescentar que me bati por sua terra, gostei muito de Agreste, sobretudo da praia. Outros centros, dotados de maior infra-estrutura tentaram ganhar nossa preferencia, oferecendo vantagens diversas, inclusive isencao de impostos. Nao e o que nos interessa. Sendo uma empresa pioneira, a Brastanio preferiu uma zona mais distante, desamparada ate agora, da qual seremos a alavanca do progresso. Como voce disse muito bem: a Brastanio sera a redencao de Agreste. Custa-nos mais dinheiro porem atingimos o nosso maior objetivo: servir. Toca o botao de uma campainha, em cima da mesa, levanta-se, vem ate Ascanio, estende-lhe a mao: -- Em sua qualidade de Prefeito, ou de representante do Prefeito do municipio de Sant'Ana do Agreste, receba minhas calorosas felicitacoes.

Ascanio poe-se de pe, o aperto de mao parece-lhe insuficiente, parte para o abraço. Bety surge, seguida pelo boi: bandeja de acrilico, vermelha, tacas de cristal, escura garrafa de champanha. Vendo apenas duas tacas, o Magnifico ordena uma terceira, corre o boi a busca-la. Enquanto desarrolha a garrafa, com extremo cuidado, quase devocao, Doutor Mirko, em seu elemento, esclarece:

-- Don Perignon. Conhece, certamente. . . Teve vontade de dizer que sim, mas confessa: -- Nao. Dessa nunca bebi. Uma vez provei um chamado... Viuva...

-- Veuve Clicquot.

A rolha salta no festivo ruido habitual, o Magnifico serve, entrega uma taca a Bety.

-- Ela e eu fomos os primeiros a pisar em Agreste. Os descobridores.

-- Houve quem pensasse que fossem marcianos, gente do espaco. -- Conta Ascanio.

443

Riem, recordando o assombro do povo de Agreste. Bety tem boa memoria:

-- O lindo me perguntou se eu era marçiana ou polaca. Uma graça.

-- Boa gente. -- Conclui Doutor Mirko Stefano, erguendo a taca: -- Bebo a prosperidade de Agreste e do homem valoroso que comanda seu destino, meu amigo Ascanio Trindade. Tchim- tchim.

Tocam-se as tacas no brinde, sons de cristal. Assim e o riso de Leonora. Ela ficaria orgulhosa se estivesse ali, naquele momento, e modularia o verso do poema renegado de Barbozinha: Ascanio Trindade, capitao da aurora. Bety se aproxima e o beija nas faces: parabens, amor. Depois, retira-se. Doutor Mirko volta a servir, senta-se na borda da mesa, faz sinal para que Ascanio se acomode na cadeira. Expoe ideias e planos:

-- Queremos que, quando entrarmos com nossa proposicao, voce ja esteja eleito, se possivel. Tratamos de apressar a data da eleicao, Doutor Bardi interessou-se pessoalmente, o Tribunal Eleitoral colocou em pauta, ontem Doutor Bardi falou com amigos em Sao Paulo, por telefone, para garantir que a resolucao fosse tomada sem falta na sessao de hoje -- o Tribunal se reúne uma vez por semana. Tudo certo, tudo OK. Pois nao e que o juiz presidente resolveu ter um enfarte hoje de manha e capotar? Resultado: nao ha sessao hoje, agora so na proxima semana. Mas, viaje descansado: daqui a oito dias teremos a data. Serve novamente com delicadeza; o champanha lhe merece respeito e estima. Realmente aprecia e conhece: -- Bebo uisque quando estou em companhia de amigos, num bar, numa festa. Mas do que gosto mesmo e de champagne. \_\_\_ Jamais pronuncia champanha, parece-lhe um palavrao grosseiro: -- Como Rosalvo lhe adiantou, seguiu uma equipe de tecnicos para Mangue Seco. Ao mesmo tempo, estamos preparando toda a documentacao necessaria para requerer ao Governo do Estado e, em seguida, a Prefeitura de Agreste, a autorizacao para dar inicio as obras. Pensamos em recrutar trabalhadores em toda a regio, inclusive em Sergipe. Em breve, receberemos os estudos para a retificacao e pavimentacao da estrada que liga Agreste a Esplanada. Esta tudo em marcha, mon vieux.

Olha atraves da taca, pensativo:

-- Ha quem se levante e proteste contra a instalacao no pais de uma

industria de dióxido de titânio, tachando-a de poluidora. Os motivos são vários, quase sempre inconfessáveis, mas os 444

agentes estrangeiros que comandam essa campanha antinacional conseguem iludir e arrastar muitas pessoas honestas, que ficam alarmadas e se colocam contra nós. Não vou lhe dizer que a indústria de dióxido de titânio não polui. Polui, sim, tanto quanto outra qualquer, talvez um pouco mais. No entanto, ninguém se coloca contra uma fábrica de tecidos ou de eletrodomésticos. Mas, contra as indústrias fundamentais, os interessados em que continuemos subdesenvolvidos, dependentes, inventam os maiores absurdos. Dizem por exemplo que vamos destruir a fauna do rio e do mar. Não há nada disso. Teremos tubulações submarinas que levarão os rejeitos poluidores para lanca-los vários quilômetros adiante, onde já não oferecem nenhum perigo. Mandei preparar uma pasta onde todo esse problema da soi-disant terrível poluição da indústria de dióxido de titânio, e completamente esclarecido, colocado nos devidos termos. Assim você ficará preparado para desmascarar os embusteiros e esclarecer os que se deixam enganar, todos os que tentam impedir o progresso agitando o fantasma da poluição. São Paulo não passaria até hoje de uma simples capital de província, se essa gente pudesse impor sua opinião. Você viu o Centro Industrial de Aratu. Que batalha, meu amigo, contra os imbecis! Por detrás dos imbecis, movendo os cordeis, os inimigos do Brasil. -- Não esclareceu quais, não tendo ainda tomado o pulso político de Ascanio. Assim, se fosse de direita, pensaria na União Soviética, se fosse de esquerda, nos Estados Unidos.

O telefone soa, e Bety, do outro lado. O Magnífico Doutor ouve, desliga:

-- Tenho de ir ao enterro do juiz. Não tenho jeito, ve a que você me obriga? -- Ri, cordial: -- Amanha terminaremos essa nossa conversa. No hotel, na minha suíte, onde ninguém irá nos incomodar.

Ascanio abre a boca para falar, vacila, Doutor Mirko o anima: -- Alguma coisa? Pode dizer, não se constranja. -- No fundo do peito, uma esperança: quem sabe, ele vai pedir dinheiro? Ascanio aponta o

desenho sobre a mesa, maravilhosa visao do futuro:

-- Se eu pudesse levar esse trabalho para Agreste, seria otimo. No jornal mural que coloquei na Prefeitura tem um desenho de Lindolfo mas esse aqui e um quadro, uma obra de arte, um monumento!

Bety e convocada por telefone: venha e traga Rufo. Assim Ascanio nao reviu apenas a ruiva de mecha agora azul, reencontrou tambem o mancebo de cabeleira caindo nos ombros a Jesus Cristo, autor do desenho. Caloroso, felicitou-o, o senhor e 445

um grande artista, e agradeceu-lhe em nome de Agreste. No dia seguinte, promete o Magnifico Doutor, ele recebera no hotel, junto com a documentacao, a obra-prima devidamente acondicionada em tubo adequado.

Para o jantar Nilsa escolheu um restaurante situado no Solar do Unhao, lugar belissimo, junto ao Museu de Arte Moderna, no qual se realizava o concorrido vernissage de uma exposicao de fotos, gravuras, quadros, objetos; o patio repleto de automoveis. Quando terminaram de comer, Nilsa o levou a visitar a mostra, Ascanio sente um choque, o que e isso? Esperava ver paisagens, nus artisticos, naturezas-mortas, pinturas bonitas, arregala os olhos diante de fotos absurdas, imorais, gravuras representando igrejas deformadas e umas maluquices feitas com pedacos de objetos inuteis, parece mais um bric-a-brac: ate uma latrina fora usada pelo artista. Artista? Sim, confirma Nilsa, e renomado, gozando do maior prestigio nao apenas na Bahia, no pais inteiro, com certeza ele ja ouvira falar de Juarez Paraiso. Nilsa o aponta, cercado de gente a festeja-lo, mulato alto, de barbas, em frente ao cartaz da exposicao: a foto de imensa bunda nua de mulher, que coisa!

-- Espie aquele ali, junto do banqueiro Celestino. E Carybe, vive dando entrevistas nos jornais contra a Brastanio, falando miserias. Mas que e um coroa enxuto, isso ele e. So pinta negras. Acompanha-o ate o hotel, na porta deserta pendura-se no pescoco de Ascanio, despede-se com um chupao daqueles: -- Nao fico porque nao posso chegar em casa tarde e ja passa das dez. Meus pais sao muito severos, vivo num torniquete. Num torniquete.



Outros são os valores das palavras, Ascanio dá-se conta. Severidade, arte, noivado. Outros valores, outro mundo em cuja porta se encontra, pronto para atravessá-la com o pé direito. Por que aquela sensação incomoda, aquele sentimento obscuro, a persistir? Como se não entrasse pelos seus próprios pés, como se estivesse sendo conduzido. No quarto vazio, deplora a ausência de Nilsa, em seus grandes seios encontraria segurança. O telefone soa:

-- Alo!

-- Amor?

-- Aqui, Ascanio Trindade.

-- Por que não veio falar comigo na exposição, amor? Reconhece a voz em desmaio de Bety, Bebe para os íntimos: -- Não vi, me desculpe. Posso lhe servir em alguma coisa? -- Pode, sim, amor. Estou falando da portaria e vou subir. Deixe a porta aberta.

446

## DO HERDEIRO IMPREVISTO E DE NOVA ENCOMENDA DE POEMA AO VATE BARBOZINHA.

Aproximadamente a mesma hora em que os pescadores de Mangue Seco, com o apoio de Tieta e Ricardo e o fundamento ideológico fornecido

pelo

engenheiro

Pedro

Palmeira,

expulsavam os técnicos da Brastanio, reuniam-se no cartório do Doutor Franklin os diversos interessados nos terrenos do coqueiral. Encontro promovido pelo tabelião, atendendo a pedido do Doutor Baltazar Moreira, adiado mais de uma vez devido à ausência do Doutor Marcolino Pitombo a tramar em Esplanada, por fim aconteceu.

Na sala do cartório juntaram-se, após o almoço, os três advogados e seus clientes: Doutor Marcolino Pitombo, ladeado por Jarde e Josafa Antunes, o velho sentado, abatido, o moco de pé, exultante; Doutor

Baltazar Moreira, a oferecer a melhor cadeira a Dona Carlota Antunes Alves, cochichando com Modesto Pires; Doutor Gustavo Galvao, por uma vez de paletó e gravata, recomendando calma a Canuto Tavares. Como se prolonga a demora de Fidelio, também convocado em sua condição de Antunes e pretense herdeiro, resolvem começar a reunião, mesmo em sua ausência, estranho litigante, até aquele momento sem advogado a representá-lo. Exatamente para comentar tal procedimento, Marcolino Pitombo inicia os debates: -- Esse moco está fazendo uma jogada que não deixa de ser inteligente. Está esperando que cheguemos a uma solução para intervir. Podem escrever o que estou dizendo. Lápis em punho, o robusto Bonaparte, convidado a secretariar a reunião e estabelecer a ata dos trabalhos, prepara-se para anotar a intervenção numa folha de papel almanco, mas o causidico o impede: -- Não vale a pena colocar isso na ata, meu filho. Bonaparte obedece. Apesar de contraditório -- escreva o que estou dizendo, não coloque isso na ata --, o velho e simpático e solta uns cobres. Os outros, uns paes-duros, uns canguinhas. -- Pergunto se, nesse caso, vale a pena tratar alguma coisa sem sua presença. -- Prossegue Doutor Marcolino, interessado em 447

transferir a reunião para depois da volta do secretário da Prefeitura, após ter com ele conversado e obtido a precisa informação sobre o local exato onde a Brastanio erguera seus edifícios.

-- Não vejo por que devemos ficar a sua merce. Proponho que discutamos os problemas pendentes, sem esperar esse moco que me parece um leviano. -- Declara Doutor Baltazar Moreira do alto da papada, sorrindo ora para Dona Carlota ora para Modesto Pires.

-- Esse rapaz é serventuário da justiça, oficial do registro civil. Como tem muito pouco que fazer, passa o dia no bar quando não fica em casa ouvindo essa barulheira que os mocos de hoje chamam de música. Não penso que ele vá aparecer. Mandeí sonda-lo há dias a respeito dos terrenos, nem me respondeu. Não digo que seja mau rapaz, mas é um desses que não ligam para nada. -- Informa o dono do curtume. -- Então, começemos. -- Diz Doutor Franklin para

ganhar tempo. -- O senhor, Doutor Baltazar, que pediu a reuniao, abra a discussao dizendo o motivo que o levou a tomar essa iniciativa. Doutor Baltazar Moreira tempera a garganta: -- Pois muito bem. Tendo me detido no estudo desse complexo assunto, cheguei a conclusao que se impoe um acordo entre as partes interessadas, ou seja, entre todos os pretensos herdeiros, os diversos descendentes de Manuel Bezerra Antunes, para que possamos ir juntos a justica, sem problemas, sem disputas entre nos.

-- A ideia parece-me valida. -- Apoia o Doutor Galvao, a par da proposta e com ela de acordo desde a vespera, quando mantivera conversa reservada com Doutor Baltazar. Repete os argumentos usados entao pelo colega: -- Afinal por que os herdeiros tendo se desinteressado por completo dos terrenos durante todos esses anos, voltam-se agora para a defesa de seus interesses, para se integrarem na posse da heranca? Por que existe um comprador valioso para essas terras, como e do dominio publico, a Brastanio. Nao e isso?

Doutor Baltazar Moreira aproveita para recuperar a palavra, afinal a ideia e sua e esse rapazola, mal saído da Faculdade, esta brilhando as suas custas. Ficara de apoiar e nada mais: -- Tem razao o Doutor Gustavo. E diante desse comprador que temos de nos apresentar unidos, inteiramente de acordo. Se comecarmos a lutar entre nos, teremos questao para muitos anos e a Brastanio, que nao pode esperar, ira procurar noutra parte localizacao mais facil para sua industria. 448

-- Por isso mesmo -- interrompe Doutor Marcolino Pitombo -- nao adianta nada discutir sem a presenca de um dos herdeiros. Como saber sua opiniao? Como conhecer seu pensamento?

Na porta do cartorio, parado a ouvir sem que se dessem conta, o Comandante Dario de Queluz eleva a voz: -- Vao saber agora mesmo, meus caros senhores. Boa tarde, Doutor Franklin, permita-me tomar parte no debate. Voltam-se todos, o Comandante nao sendo nem bacharel em direito nem Antunes, que faz ali e por que deseja participar da discussao? Doutor Marcolino Pitombo conhece a

posicao do Comandante em relacao a Brastanio: adversario militante da instalacao da industria de dióxido de titânio no municipio, anda exibindo pelas ruas o memorial das Prefeituras de Ilheus e Itabuna, publicado nos jornais do Sul. Felizmente nao sabe quem redigiu -- e o advogado arvora um sorriso, cordial, surpreso e perspicaz:

-- O prazer sera todo nosso, Comandante, mas antes permita que por minha vez lhe pergunte em que qualidade deseja o senhor tomar parte nos debates?

Na face do Doutor Franklin esboca-se tambem um sorriso, ele proprio lavrara o termo de opcao de venda, nao querendo deixar em maos de Bonaparte assunto tao urgente, nem nas maos, nem no conhecimento, pois Bonaparte anda muito amavel com Doutor Pitombo e tem chegado tarde em casa, mau sinal. Sorri igualmente o Comandante Dario de Queluz: -- Na qualidade de herdeiro. Fidelio Dorea Antunes de Arroubas Filho concedeu-me uma opcao de venda sobre sua parte no coqueiral, esta registrada no cartorio... -- volta-se para Doutor Franklin.

-- E certo. Hoje pela manha. -- Confirma o tabeliao. -- E posso desde ja comunicar aos senhores que, de minha parte, nao penso vender meus direitos, nem entrar em acordo, nem fazer sociedade, nada, tres vezes nada. Agora, que ja sabem, deem-me licenca, devo voltar para Mangue Seco. Passem bem, meus caros senhores.

Indo em busca de Dona Laura e de Leonora, para no bar onde a malta reunida ouve, entre gargalhadas e bravos, os detalhes do acontecido na reuniao.

-- Devem estar quebrando a cabeça para descobrir um jeito de deserdar Fidelio. Mas Franklin me disse, nos disse, alias, hoje, de manha, que de todos os herdeiros, Fidelio e o de linha mais direta, ele e Canuto Tavares. Nao e isso, caro Felicio? 449

Mesmo Seixas, apesar da decepcao que a noticia causara ao coletor, pretendente a compra do terreno, se diverte. Diverte-se tambem Barbozinha que chega com novidades: -- Os jornais estao dizendo que as eleicoes para a Prefeitura vao ser marcadas hoje.

O Comandante ja sabia, Dona Carmosina mostrara-lhe o novo topico

de *A Tarde* reafirmando o interesse da Brastanio e a pressao sobre o Tribunal. Despede-se, no comeco da semana voltara, em companhia de Tieta, se tudo correr como ele espera. O poeta senta-se, pede um trago de cachaca com limao, nao anda com a garganta boa, precisa limpa-la. Pergunta: -- E as eleicoes, que me dizem voces?

-- Voce e meu candidato... -- Responde Osnar. -- A Prefeito? Deus me livre e guarde... -- Nao. A padrinho de Peto na cerimonia do descabacamento. Vai ser sabado. Nos queremos lhe pedir para escrever um poema para a festa.

Barbozinha amarra a tromba: voltam os amigos a goza-lo por causa da versalhada para a Brastanio. Nada disso, bardo! Queremos apenas que Peto tenha tudo do melhor pois bem o merece. Zuleika Cinderela, uma ceia sensacional, musica e flores e uns versos que imortalizem o acontecimento. Desanuvia-se o rosto de Barbozinha: e um tema novo, um tanto escabroso mas que, tratado com delicadeza, pode resultar num soneto em cujos versos se misturem a malicia e a inocencia, vai por maos a obra. Cobra direitos autorais:

-- Outro trago, Manu, por conta do soneto.

## EPISODIO FINAL DA ESTADA DE ASCANIO TRINDADE NA CAPITAL OU DA FORMACAO DE UM DIRIGENTE A SERVICO DO PROGRESSO: O ANEL DE COMPROMISSO.

Reservada permanentemente para ele, mesmo quando se demora no Sul, a suite do Doutor Mirko Stefano nao e um frio apartamento, habitacao impessoal de hotel para breve estada. Sente-se em toda parte, em cada escaninho, a presenca do homem cordial, civilizado - o bon vivant, como ele proprio se classifica. 450

Pontual, as nove horas, Ascanio empurra a porta semi-aberta, ouve um resto de frase na voz amaneirada do Magnifico: -- ... culpa sua, eu lhe avisei que o homem e parada. Fisionomia preocupada, o diretor de relacoes publicas da Brastanio, vestido apenas com um robe-de-chambre de seda negra, e corte oriental, lembrando um

quimono de campeão de judô, conversa com Doutor Rosalvo Lucena diante da bandeja com os restos do café, do mamão, do suco de grape-fruit. Os rostos sérios se distendem, abrem-se em sorrisos.

-- Desculpem ter entrado sem bater, a porta estava aberta. Há um breve momento de indecisão, durante o qual Ascanio observa e compara os dois manda-chuvas da Brastanio. Doutor Rosalvo Lucena, pronto para a manhã afanosa no escritório, veste-se com esportiva elegância, como exige sua posição: calça cinza, blazer azul, camisa e gravata combinando, alegres. Ainda não chegou a seriedade dos ternos do Doutor Bardi, a condição de magnata. A vontade no roupão japonês, os pés descalços, Doutor Mirko Stefano não parece um homem de negócios e sim um maduro gala de televisão, desses pelos quais as mocinhas se apaixonam. Dois homens de peso, na opinião de Ascanio: simpatiza com Mirko, deseja parecer-se com Rosalvo. -- Fez muito bem em entrar, deixei a porta aberta de propósito. -- Mirko aponta uma poltrona. Precisa chamar a atenção do garçom para fechar a porta cada vez que entre ou saia, o serviço nesses novos hotéis ainda deixa muito a desejar. Rosalvo Lucena, antes de retirar-se, repete para Ascanio, que lhe bebe as palavras, argumentos gastos na véspera, sem resultado, no almoço com a prestigiosa figura da administração estadual. Toda a zona se beneficiaria com o estabelecimento da fábrica: asfalto, pistas duplas, mercado de trabalho, especialização de mão-de-obra, formação de novos técnicos, escola para filhos de trabalhadores, assistência médica, vila operária, comércio, empregos bem remunerados para especialistas. Tudo isso acontecendo numa área morta, utilizada apenas para o ócio de uns poucos privilegiados, transformando-a em centro vital para a economia da região. Suprimiu, e claro, qualquer referência a candente questão da proximidade com a capital, pois não era o caso, não havendo por que falar ao representante da longínqua Agreste do ponto nevrálgico, fator da inabalável intransigência do ilustre companheiro de almoço: ali, jamais! Acrescentou, em troca, o problema da falta de infra-estrutura da zona de Mangue Seco e das despesas decorrentes, imensas. A Brastanio as assumirá de coração leve, por

dever patriótico. Dever patriótico, uma zorra! -- pensa Rosalvo enquanto 451

recita seu apurado texto para Ascanio, babado de admiração. Se o Velho Parlamentar não obtiver sucesso em suas demarches, o que bem pode suceder apesar do otimismo do Doutor Bardi, eles serão obrigados a enfrentar os problemas colocados pela localização em Agreste: em matéria de perspectiva, puta-que-os-pariu! Sorri para Ascanio:

-- Falei ontem a seu respeito a uma alta figura da administração, homem de força política. Disse-lhe de seu valor. Despede-se, sabe que Ascanio viaja naquela tarde: -- Penso que só nos veremos agora em Agreste. Boa viagem e ganhe essa eleição. Já foi marcada a data, Mirko? -- Cobra ao Magnífico.

-- Só para a semana. O juiz presidente empacotou ontem. Enfarte fulminante. Estive no enterro.

O sorriso cortês de Rosalvo Lucena cresce em riso zombeteiro:

-- Cada qual carrega sua cruz, meu velho. Acena da porta, vingado, bate-a com força para fecha-la bem e recordar a Mirko que deixa-la aberta é uma imprudência. Cada qual com suas leviandades e com seus recalques. -- Que deseja beber? -- Pergunta o Magnífico após digerir a batida da porta.

-- Acabei de tomar café, não quero nada, não precisa se incomodar.

-- Também eu venho de tomar café. Para depois do café, para começar bem o dia, nous allons prendre une goutte de Na- poleon, une fine, mon cher, você me dirá. Em cima de uma mesa, variedade de garrafas. Escolhe uma delas. Que diabo é Napoleon, une fine, pergunta-se Ascanio, tem muito o que aprender. Os copos grandes, bojudos, o esclarecem: isto ele conhece, são copos para conhaque. Mas nunca imaginou que o líquido dourado, colocado ao fundo, deva ser esquentado com as mãos. Com uma das mãos, aliás, pois com a outra o Magnífico cobre a boca do copo para evitar que se evole o aroma da bebida. Canhestro, Ascanio copia-lhe os gestos. O doutor destapa o copo, aproxima-o das narinas, aspira o odor, quelle delice! Ao imita-lo, Ascanio entontece: as emanacoes do alcool penetram-

lhe nariz adentro. Completa a gafe quando, emborcando num trago o conteudo do copo, engasga-se, tosse; va ser forte assim no inferno! Forte mas delicioso, de quanto lhe deram a beber nesses dias, incluindo o champanha, prefere o conhaque. O doutor volta a servi-lo, nao comenta nem ri, nao viu nem ouviu. Ascanio agora saboreia em pequenos goles como o 452

faz o mestre do bem-viver.

-- Veja Ascanio: as obrigacoes de meu cargo levam-me a tratar com uma infinidade de pessoas, uma sucia por vezes dificil. Dou-me bem com todo mundo, e do meu temperamento e do meu oficio. Mas, no meio dessa mafia, de quando em quando deparo com alguem que me chama a atencao pelo talento, pela forza interior, pela qualidade, pela fibra. Conheco os homens, nao me engano, sei distinguir os que valem a pena, mesmo numa rapida convivencia. Desde que conversamos pela primeira vez, na Prefeitura de Agreste, me fixei em sua personalidade: ai esta um homem de verdade, un vrai homme, disse para meus botoes. Naquela ocasiao, ainda nao tinhamos decidido escolher Agreste: ao contrario, nossas vistas estavam voltadas para o Sul do Estado, uma area entre Ilheus e Itabuna, no rio Cachoeira: estrada, porto de mar, facilidades, as autoridades locais oferecendo mundos e fundos. Tomei uma decisao: se nao nos instalarmos em Agreste, vou convidar esse moco para vir trabalhar conosco, na Brastanio. Ele tem fibra e competencia.

Aspira o conhaque, duplo prazer, paladar e olfato. Ascanio modesto, agradece:

-- Bondade sua.

-- Disse para mim mesmo: se ele permanecer aqui, nessa terra decadente, sua flama se extinguira, estiolada. Nao posso permitir que isso aconteca, vou convida-lo a vir colaborar conosco onde estivermos. Mas, tendo nos decidido felizmente, por Mangue Seco, creio que a Prefeitura de um municipio industrial, poderoso, rico, pode ser o primeiro passo para a brilhante carreira politica de um jovem homem publico.

Nos efluvios do conhaque Ascanio embarca nas palavras



inspiradoras, inicia a marcha. O Magnifico Doutor toma da garrafa, a hora nao e a mais propria mas a circunstancia exige. Prossegue abrindo o caminho, despertando a ambicao. Carreira politica ou empresarial, pois, se apos exercer a Prefeitura de Agreste, Ascanio preferir trocar a administracao publica pela empresa privada, o convite que nao chegou a ser feito permanece de pe: havera sempre um posto de comando para ele na Brastanio. Homens inteligentes e trabalhadores existem muitos, homens capazes de comandar, sao poucos.

Parecendo-lhe chegada a hora, oferece:

-- Por isso mesmo, quero lhe dizer que estou, que estamos as suas ordens. Se necessita de alguma coisa, e so dizer, nao guarde reserva, nao se sinta acanhado, somos amigos. -- Basta a confianca que deposita em mim. Espero poder honra-la.

453

-- E para a eleicao? Para a campanha eleitoral? A Brastanio gostaria de concorrer para as despesas da campanha eleitoral. -- Agradeço mas nao e preciso. -- Finalmente, encontra alguma coisa de que se ufanar: -- Nao havera campanha eleitoral. Serei candidato unico, isso e coisa acertada. Meu padrinho, o Coronel Artur de Figueiredo, ja decidiu e o povo todo esta de acordo. Posso lhe dizer, sem vaidade: serei eleito unanimemente. Nao preciso de ajuda, muito obrigado. E assim e melhor, ninguem vai poder dizer que apoio a Brastanio por interesse pessoal. Depois, se tudo der certo, se meu sonho se realizar, talvez venha precisar de sua ajuda. Por ora, nao.

Aquela conversa, a ultima, a mais longa e intima, transpos os limites da industria e do municipio para entrar pela vida pessoal de Ascanio.

-- Falou em sonho. Adoro sonhar, qual o seu sonho? Pouco habituado a bebida, um tanto euforico devido ao conhaque e a estima e admiracao demonstradas pelo Magnifico Doutor, Ascanio faz-lhe confidencias, cita o nome de Leonora, exalta-lhe a beleza, lastima-lhe a fortuna, obstaculo antes intransponivel. Agora, quem sabe, prefeito do municipio industrial e prospero, com o caminho aberto em sua frente, encontrara coragem para lhe falar.

O Doutor Mirko Stefano, dito Mirkus, o Magnifico Doutor, parece comovido, serve mais uma gota de la fine Napoleon para um brinde: --\_Ascanio, carissimo, alem de tudo voce e um homem de bem. Vai assumir um compromisso comigo: de volta a Agreste seu primeiro gesto sera pedir a mao dessa moça em casamento. Pedir a mao, ja nao se usa nos dias de hoje. Simplesmente comunique a ela que voces vao se casar. Por que nao no dia da posse? -- Levanta o bojudo copo onde o conhaque brilha, ouro e brasa. -- Bebo a felicidade dos noivos.

Ainda bebem a felicidade dos noivos quando o telefone toca. O doutor atende:

-- Esta de pe, e claro. Daqui a cinco minutos, mando leva-lo ai.

Desliga, explica a Ascanio:

-- E um jornalista nosso amigo, o mesmo que fez aquela entrevista com o Doutor Lucena, que tanto lhe agradou. Ele gostaria de ouvir voce sobre Agreste e as perspectivas que a cogitada instalacao da Brastanio abre para a regio. Se voce nao ve inconveniente, de nossa parte nao temos nada a opor. Assim, voce comeca a se projetar.

-- Inconveniente, nenhum. Com prazer.

454

-- Vou mandar lhe levar a redacao do jornal. Quando voltar, me encontre na piscina. Almocaremos juntos. Esta Ascanio na porta da suite, saindo, quando o Magnifico lhe recorda:

-- Nao deixe de repetir aquela frase de ontem, uma beleza! "A Brastanio e a redacao de Agreste!" Deixou-me com inveja, mon vieux.

Na redacao, o jornalista, o mesmo individuo zarolho que no primeiro dia queria obter informacoes a todo transe, ao ouvir a frase, pergunta:

-- Foi Mirko quem lhe soprou essa manchete, nao foi? Ascanio nao se ofende, ate se sente orgulhoso: -- A frase e minha mas ele disse que gostaria de te-la pensado.

-- Nao ha quem possa com Mirko, e a velhacaria em pessoa. Outro

dia me enrolou, a mim e aos colegas, escondeu a vinda do alemão, mas *A Tarde* foi na pista e deu o furo. -- Suspende os ombros: -- Também de que ia adiantar se ele me dissesse? Falava com o homem aí -- aponta a porta da sala encimada por uma placa: Direção -- e não saía nada. Quem pode, pode. Tudo aquilo era latim para Ascanio, não deu trela. Um fotógrafo bateu chapas enquanto conversavam. Respondeu a duas ou três perguntas -- no meio de uma delas soltara a frase --, o reporter se deu por satisfeito:

-- Já tenho o suficiente, o resto deixe por minha conta. Vou aproveitar o carro, dar uma espiada nas fêmeas na piscina, tomar um scotch com o salafrario do Mirko.

No carro, informa-se:

-- Me diga uma coisa: o mulhério, nessa tal praia de sua terra, vale a pena? Da muita paulista por lá? -- Brilha o único olho são, cupido: -- As turistas de São Paulo, meu chapa, já desembarcam do avião abanando o rabo.

Ascanio tem vontade de meter-lhe a mão na cara: -- Em todo lugar, que eu saiba, existem vagabundas e mulheres direitas. As paulistas que eu conheço são honestas e decentes.

A voz zangada, quase de briga, alarma o jornalista: -- Que é isso, bicho, não quis ofender sua parentela. Me refiro a umas quengas que aparecem dando sopa por aqui. Não me leve a mal.

Num dos grandes carros negros, após o almoço, o Magnífico Doutor e Bety o acompanham até a Estação Rodoviária. Ascanio dormira em Esplanada, em casa de Canuto Tavares e, se a marineti 455

de Jairo se comportar, no dia seguinte, antes da uma, vera Leonora e lhe dirá: eu te amo e quero me casar contigo. Oferecendo-lhe o braço, a caminho do ônibus, Bety se aperta contra ele, carinhosa. Parece ter apreciado a noite passada em sua companhia, se bem a ela tivessem cabido quase todas as iniciativas. Ao contrário do que pensa Osnar, não é preciso dormir com nenhuma polaca para se saber o que é mulher.

Antes do abraço de despedida, Doutor Mirko Stefano, diretor de relações públicas da Companhia Brasileira de Titânio S.A., retira do

bolso um saquinho de veludo negro, onde esta impresso em letras douradas o nome da Casa Moreira, joalheiros e antiquarios de fama e preco:

-- A Brastanio pede licenca para oferecer o anel de compromisso que amanha voce colocara no dedo de sua noiva, a quem espero ter o prazer de conhecer dentro de poucos dias quando voltar a Agreste. No onibus, Ascanio nao resiste, desata o cordao, abre o saquinho, retira pequeno estojo que contem antigo anel de ouro com roseta de diamantes, em cuja parte interna tinham sido gravadas as letras L e A, trabalho fino, peca de gosto e de valor, digna de Leonora. Anel de compromisso.

## DE COMO OS DIRETORES DA BRASTANIO RECORDAM UM PROVERBIO.

Nos escritorios da Brastanio, na sala do Doutor Rosalvo Lucena, o chefe da equipe enviada a Mangue Seco apresenta relatorio e ameaca demitir-se. Conhecido como Aprigio, o Imperturbavel, pela calma com que sempre enfrentara os mais arduos problemas profissionais e os ciumes violentos da esposa, louvado pela lhaneza do trato, ja nao e o mesmo homem, perdeu a famosa contencao, tremem-lhe as maos e a voz ao descrever os fatos:

-- No comando da horda de assassinos vinha uma louca furiosa, brandindo um bastao. Foi ela quem tomou conta das mulheres, na lancha. Juro, Doutor Lucena, que pensei que iam nos matar, me preparei para morrer. Entreguei a alma a Deus. -- E como era essa megera?

--- Ate que nao era feia mas corria, gritando: Fora! Fora com 456

os envenenadores! Ela, o padre e o barbudo. O padre e um rapazola, penso que ainda nao diz missa. O barbudo me lembrou um engenheiro que eu conheco, mas como ficou na praia, nao pude tirar a limpo, com certeza nao era quem eu pensei. O resto, uns esfarrapados, um bando de criminosos. -- Quantos? Muitos?

-- Quantos? Não sei. Uns trinta ou mais, contando com os meninos. Parecia gente da idade da pedra. Tivemos de ficar de pé, no passado; foi horrível. Só de me lembrar, fico outra vez doente. Uma das secretárias, a beira da piscina, gozando oito dias de licença-premio, refazendo-se do susto, confia ao Magnífico Doutor:

-- Tinha um que até... O que segurou Mário José e lhe deu um tranco -- referia-se a Budião -- era um doce. Não adiantou nada rir para ele, queria era acabar com a gente. Nos matar. -- Lembrando, estremece: -- A mulher apontava os tubarões com o cajado. Fechei os olhos para não ver.

Apesar do traumatismo -- jamais voltaria a ser o mesmo --, o chefe da equipe reconhece:

-- Não queriam nos matar, no fim eu me dei conta. Só nos assustar. Mas deixaram claro que, de outra vez, não vão ficar na ameaça. Em minha opinião, Doutor Lucena, não se pode construir seja o que for nesse lugar. A não ser que, antes, se mande a polícia... A polícia, não. . . Força do Exército para terminar com esses bandidos, com todos eles, sem deixar nenhum. Ameaçaram nos atirar aos tubarões. Katia desmaiou, ainda guarda o leito, diz que nunca mais irá ao banho de mar.

A outra secretária, pobrezinha, linda e vibrátil, um feixe de nervos, na cama um torvelinho, passou três noites acordadas: se adormecia, voltava a ver os tubarões saltando em torno a lancha. De tão impressionada, aderiu à religião dos Hare Krishna. O chefe da equipe conclui:

-- Se for para voltar a Mangue Seco, Doutor Lucena, prefiro apresentar minha demissão agora mesmo.

Doutor Rosalvo Lucena e Doutor Mirko Stefano escutaram de ânimo forte a espantosa narrativa, as lamentações e os relatórios, não por acaso ocupam cargos de direção numa Companhia da grandeza da Brastanio. Tais reações de desagrado não chegam a surpreendê-los, são as primeiras mas não serão as últimas, certamente. Pedem aos participantes da espantosa peripecia que falem do caso o menos possível, recomendam silêncio, impõem segredo. Ainda assim a

noticia transpirou, repercutiu na imprensa. Em *A Tarde*, apresentada sob um angulo 457

simpatico: colerica e vigorosa reacao popular contra a ameaca de poluicao da praia de Mangue Seco que, pela beleza da paisagem e amenidade do clima, e patrimonio a ser defendido e preservado a todo custo. Nota redigida pelo proprio Giovanni Guimaraes. Nao lhe bastando o comentario, enviou um telegrama de felicitaes ao poeta De Matos Barbosa. Num outro jornal, os fatos eram apontados como prova da extensao e periculosidade da rede subversiva instalada no pais, sob comando estrangeiro, agindo em recantos os mais distantes, para impedir o progresso da patria. Virou manchete e editorial num semanario de cavacao, dirigido por conhecido picareta, o combativo Leonel Vieira. Referiu-se ele a importancia da instalacao da industria de dióxido de titânio mas acentuou-lhe os inconvenientes, o alto teor de poluicao, prometendo voltar ao assunto no proximo numero com novas informacoes, provindas diretamente de Agreste, para onde estava seguindo um reporter do vibrante hebdomadario. Nao foi necessario enviar reporter aos confins do sertao, pois o Magnifico Doutor forneceu ao caro e simpatico Leonel Vieira todas as informacoes necessarias sobre a industria de dióxido de titânio, cheque, uisque e senhoritas. Acalmou-lhe inclusive os melindres ideologicos pois, como foi antes referido, para gasto e renda em certos circulos, o impavido Vieira arrota esquerdismo bastante radical. Voltou ao assunto, conforme prometera, dando magnifico exemplo de honorabilidade jornalística aos seus (poucos) leitores. De posse das novas informacoes, teve a coragem civica de confessar de publico o engano cometido e repudiar o aleive levantado contra a Brastanio, cuja instalacao no Estado iria contribuir para o progresso, a independencia economica do Brasil e para a formacao do proletariado baiano. Os doutores Mirko Stefano e Rosalvo Lucena, o Magnifico Doutor e o Managerial Doctor, estabelecem o balanço da situacao. De Sao Paulo, em repetidas chamadas telefonicas, o Diretor- Presidente Angelo Bardi, informa sobre entraves surgidos em Brasilia. As resistencias provem

sobretudo das autoridades baianas, dispostas a ceder prazerosamente quando se fala em Agreste e Mangue Seco, lonjuras sem ressonancia nem campeoes, intransigentes quanto a Arembepe, proxima, visivel, evidente, conflitual. Em defesa de Agreste, alem de Giovanni Guimaraes, levantam-se apenas um poeta sem maior renome e meia duzia de pescadores. Mas nas trincheiras de Arembepe tomam posicao de combate artistas e escritores de projecao nacional, turistas e hipies; e, pesando na balanca das influencias bem mais do que todo esse folclore, o prestigio das empresas proprietarias de vastos e valiosos loteamentos iniciados e a venda na extensa area: com a 458

Brastanio a espalhar seus gases venenosos, os precos altissimos dos terrenos descerao a zero.

Apesar de depositar confianca nos efeitos salutaes do novo subsidio posto a disposicao do Velho Parlamentar, o diretor- presidente louva, em telefonema urgente, a precaucao tomada na ultima reuniao, por proposta de Mirko. Nao somente pelo desvio da atencao dos jornais e do publico mas porque devem encarar a possibilidade de que nao lhes reste finalmente outra opcao alem de Mangue Seco. Por isso mesmo recomenda o envio a Agreste de um advogado capaz, para estudar a situacao das terras onde, caso nao tenham mesmo jeito, erguerao as fabricas. Pelo visto, nao se sabe a quem pertence o coqueiral, e tempo de tirar a limpo os detalhes desse assunto. Por via das duvidas. Doutor Mirko Stefano, familiar da vida baiana, lembra ao Doutor Lucena o nome de um professor da Faculdade de Direito, nao tanto pela catedra ou pelo titulo mas pela sagacidade demonstrada em casos igualmente confusos e dificeis, Doutor Helio Colombo. Catedratico, chefe de importante escritorio de advocacia, aceitara deslocar-se para Agreste, viagem chata e cansativa? Rosalvo duvida, nao va ele enviar um ajudante qualquer. Mirko esclarece: por dinheiro, Doutor Colombo vai ate a puta-que-o-pariu quanto mais a Agreste. Colocara um carro a sua disposicao e, para dar a viagem certo encanto, uma secretaria para acompanha-lo e tomar notas, ou seja, tomar na bunda. Conversando assim

informalmente, os dois diretores da Brastanio permitem-se certa liberdade de linguagem. O Magnifico Doutor chega ao extremo de deixar de lado as citacoes em varias linguas para referir, a proposito dos acontecimentos de Mangue Seco e da repercussao na imprensa, um proverbio nacional (ou portugues?), a seu ver de perfeita aplicacao: enquanto o pau canta no lombo do vizinho, folgam as nossas costas. Enquanto se ocupam de Mangue Seco, esquecem a existencia de Arembepe. Numa coisa estao de acordo, eles, diretores, e o apavorado chefe da equipe -- caso se vejam obrigados a implantar a industria em Mangue Seco, antes de tudo sera necessario limpar a area da imunda rale que a ocupa, terminando de vez com aquele covil de contrabandistas, coito de bandidos. Uma operacao pente-fino da qual nao escape nem um unico marginal ou subversivo, a comecar pelo tal padeco: a Igreja esta-se transformando num viveiro de terroristas, seu Mirko! Rosalvo Lucena encerra o balanço: -- Sem esquecer os meninos. Aprigio me contou que os moleques eram os piores, assanhavam os tubaroes. Ademais, estavam nus, cada galalau enorme, com tudo a mostra. Lombrosianos, assim me disse Aprigio.

459

O Magnifico Doutor sorriu seu bom sorriso, amavel e descontraido:  
-- Nao se preocupe, meu caro Rosalvo. Se nos instalarmos em Mangue Seco, meninos e tubaroes vao durar pouco, sumirao nos efluentes...

DE COMO ASCANIO TRINDADE, PALMILHANDO VERSOS DO POETA  
BARBOZINHA, EMBARCA NA ESTEIRA FULVA

DE

UM

COMETA,

CAPITULO

DE

UM

ROMANTISMO MAIS QUE ATROZ -- SILENTE E LIVIDO.



A lua veleja do outro lado do mundo ou descansa no fundo do mar: no negrume da noite, os comoros são brancos vestidos de noiva cravejados de estrelas refletidas do céu de Mangue Beco; assim escrevera Barbozinha num dos *Poemas de Agreste*, recordando o encontro com Tieta. Limpido manto de areia, teu vestido de nupcias, grinalda de estrelas, o desfolhada rosa, noiva dissoluta, abscondita lua negra -- versos antigos, bons de recitativo em festas de outrora. Leonora os lera naqueles dias agoniados quando Ascanio ficara como doido e o sonho ameaçara ruína e término. Para ilustrar o poema de De Matos Barbosa, Calasans Neto fincara uma lua negra no abismo do mar, tracara nas dunas um caminho de estrelas para a bem-amada. Um sol azul, uma lua negra, dias e noites de Leonora. No rio, ruído do motor de popa do barco de Pirica: --\_E ele, Maezinha, o coração me diz. -- Leonora levanta-se, precipita-se para a porta do Curral do Bode Inácio. Chegara na véspera, com o Comandante e Dona Laura, atendendo ao recado de Maezinha: venha ajudar na arrumação. Apesar de alérgica ao cheiro de tinta fresca, Tieta, de tão apressada, mudara-se com as portas verdes ainda recém-pintadas. Exibe com orgulho cada cômodo: um ovo, o meu barraco, mas uma graça, não é? Sala, dois quartos, banheiro; agasalhante, tem de um tudo, até geladeira movida a querosene. Tieta não fez conta de dinheiro, mandou buscar do bom e do melhor. No domingo, algumas pessoas amigas virão para o almoço e o banho de mar. Os ritos da morte, tão severos em *Agreste*, não permitem festa de inauguração: apenas uns quantos dias decorreram após o enterro 460

de Ze Esteves, que Deus o tenha em sua guarda. Deus ou o Diabo? Tieta anda até a porta, abraça Nora pela cintura: -- Aproveita a ocasião, cabrita. Eu vou bater um papo com o Comandante e Dona Laura. Se tu está apaixonada de verdade, como tu diz, segura teu bode pelos chifres, arreia as ancas; está chegando o dia da gente ir embora. Toma tento para não subir no mesmo combro que Pedro e Marta, e hora do casal estar lá em cima, dando a deles. Não perdem uma noite. Abandona Leonora ali, parada, some no escuro em

direcao a Toca da Sogra onde brilha a luz de acetilene dos lampioes maritimos do Comandante. Apoia-se no bordao, nao o larga desde a morte do Velho. Ricardo partira para Agreste, deixando-a carente. As noites de sabado para domingo pertencem a Deus. Depois da confissao, a tarde, com Frei Timoteo, no arraial do Saco, abstinencia total, nem um beijo para remedio. Somente na volta, domingo, apos a missa. Naquele sabado, porem, ele viajara antes da hora habitual, embarcando pela madrugada na canoa de Jonas. Deve chegar a Agreste a tempo de comparecer a missa comemorativa do aniversario de Peto, leva presentes de Tieta e Leonora, alem de se ter comprometido a ajudar Padre Mariano, ela nao sabe exatamente em que especie de cerimonia, nao e entendida em coisas de religiao. A sociedade estabelecida entre Tieta e a Santa Madre Igreja para gerir o emprego do tempo de Cardo, bem comum, comeca a afeta-la. No auge da paixao, desvairada e possessiva, ela o exige a cada instante, sabendo quanto e breve o prazo que lhe resta junto a seu menino. Capricho igual a esse, xodo tao forte, jamais sentiu em toda a vida, rabicho de cabra velha por cabrito ainda cheirando a leite. Ah! se a Senhora Sant'Ana aceitasse cede-lo em regimen de dedicacao integral, durante aqueles poucos dias, menos de um mes, em troca de uma benfeitoria qualquer na Matriz! Na familia Esteves, como se comprova, mercadejar com o Ceu torna-se um habito. Sem possuir os merecimentos de Perpetua, Tieta estaria disposta a pagar caro o direito a essas ultimas noites de sabado para domingo, a essas breves horas em que Ricardo cumpre obrigacoes de levita do Templo.

Afastam-se os passos de Tieta, aproximam-se os de Ascanio. Excitada e tremula, Leonora aguarda -- siente e livida, tu me aguardavas, escrevera o vate Barbozinha no verso para Tieta, ah! os poetas sabem do exposto e do oculto! Se Ascanio a aceitar de criada ou amasia, ela jamais partira de Agreste, Maezinha retornara sem companhia. Mesmo sendo puta sabe cuidar de uma casa, e fanatica por limpeza, cozinha razoavelmente, desde menina lava a propria roupa, lavou e engomou a de Cid Raposeira, remendou-lhe calcas e camisas. Rafa precisa descansar, o proprio 461

Ascanio diz que a velha mae-de-leite esta caduca, esquece as coisas, cochila o dia inteiro. O vulto surge entre os coqueiros, na mao um tubo enorme:

-- Nora!

-- Ascanio, meu amor!

O abraço estreito, o beijo ardente, não mais roçar de lábios tímidos, rola no chão o canudo. Rolam estrelas no céu, as estrelas do vate Barbozinha iluminando o caminho para os comoros. Leonora oferece o braço a Ascanio, aponta com os olhos a massa alva das dunas:

-- Vamos?

-- O tempo de guardar isso aí. Depois te mostro. -- Pega o tubo no chão, entrega a Leonora que o leva para a sala. Beijam-se novamente, antes de sair andando entre as estrelas. Na marineti, horas antes, Ascanio anunciara triunfante: -- Não vai tardar e essa trilha infame será uma das melhores da Bahia e do Brasil. Duas pistas largas de asfalto, mão única, na prática uma auto-estrada.

Impressionados, os passageiros pedem detalhes, ele os fornece, precisos. A CBEP -- a Companhia Baiana de Engenharia e Projetos, a que asfaltou o Caminho da Lama, sabem qual é, não? -- está ultimando os estudos para a aprovação final pela Brastanio. Ascanio regressa da Capital trazendo o progresso na pasta negra de couro, moderna e cara, e no comprido e grosso canudo de metal. A pasta, presente do Doutor Rosalvo Lucena, depositada com um cartão gentil na portaria do hotel, guarda os materiais enviados pelo Magnífico Doutor, documentação exaustiva. No tubo, o desenho do decorador Rufo, aquele monumento! A voz de Ascanio adquiriu vigor e clareza, sílabas bem pronunciadas, palavras escolhidas e corretas. Todos sentem a modificação ocorrida: o esforçado jovem secretário da Prefeitura, de

pequenos

empreendimentos

e

sonhos

irrealizáveis,

transformou-se, e um executivo realista e dinâmico. Na capital,

tratando com homens de grande capacidade e grande coração, amadurecera.

Quem sabe, por não lhe agradar a notícia sobre a próxima pavimentação da estrada, a marineti de Jairo, apelidada por alguns maldizentes de Mula do Lamacal, entrou em pane, uma daquelas. Quando por fim chegaram a Agreste, caía o crepúsculo, hora romântica. Na porta da casa de Perpetua o seminarista Ricardo, de batina, relógio de pulso, no dedo anel de jade, risonho, informou estar a prima Leonora em Mangue Seco. Sem sequer dizer até logo, Ascanio partiu a procura de condução. Andam em silêncio para os comoros, de mãos dadas, rindo 462

um para o outro. Percutindo-lhe a face envolta em sombra, Ascanio tenta compará-la com Pat, Nilsa, Bety. Impossível! Não apenas por ser Leonora infinitamente mais bela, sobretudo porém pela imensa distância moral a separá-la daquelas piranhas. Piranhas, assim o jornalista Ismael Júlio se referira ao mulhério reunido na beira da piscina; nem parece ser noivo de uma delas. Tipo repugnante, cabe razão ao Doutor Lucena. A face de Leonora reflete pureza, fidalguia, sentimentos nobres. Percebe-se de imediato a família de bons princípios, a educação primorosa. As outras, coitadas, o que podem ser senão... piranhas, para não aplicar a palavra torpe e exata. Em nenhum momento, naqueles dias e noites tão movimentados, Ascanio considerou estar traindo Leonora ao ir para a cama com Pat, Nilsa e Bety. Em Agreste, ao menos duas vezes por semana, comparece a pensão de Zuleika Cinderela para descarregar o corpo numa quenga qualquer. Não se trai a amada, aquela que se escolheu para esposa, deitando-se com mulher-dama. Mulher-dama, piranha ou puta, sinônimos. Amor e cama, são coisas diferentes, uma não tem o que ver com a outra, assim como Leonora nada tem em comum com aquelas desvairadas da Bahia, as três suas conhecidas e as demais, entre as quais Astrud. Astrud, sim, igual a Pat, Nilsa e Bety; pior ainda, por hipócrita. Agora, já nenhuma Astrud pode enganá-lo. Ascanio e outro, aprendeu a distinguir. Sempre de mãos dadas e a sorrir, iniciam a subida do

comoro mais alto, os pes enterram-se na areia. Leonora tropeca numa palma de coqueiro, vacila, tomba, tenta reerguer-se, Ascanio a levanta nos bracos, leve corpo alado, silfide -- os poetas acertam sempre, nao erram nunca. Nos bracos a conduz. Leonora encosta-se em seu peito, rosto contra rosto, as respiracoes se cruzam e se confundem.

Ao deposita-la de pe, no alto, beijam-se diante do abismo tenebroso e deslumbrante. Ali, em noite de lua cheia, ela rocara os labios em seu rosto, quando Ascanio contara da traicao de Astrud. Na noite sem lua a paisagem e ainda mais densa de misterio, imensa e obscura. Quando se desprendem do beijo, ela recorda, voz de cristal:

-- Do lado de la fica a costa da Africa. Nao me esqueci. So que a lua que encomendei para hoje nao chegou, Sao Jorge nao e meu chapa. Sentam-se diante do mar em furia querendo romper e penetrar a terra. Tao grande emocao, pequeno riso, medroso. Feliz, Ascanio emudece; no entanto, pensara as frases, escolhera cada palavra. Leonora pergunta:

-- Correu tudo bem?

463

-- Tudo. Muito bem. Depois te conto, tintim por tintim: -- Decide-se: -- Agora quero te falar de outra coisa, de nos. Leonora o interrompe, de repente aflita, o olhar na distancia do oceano, infinitamente triste, roto o cristal da voz: -- Ascanio, tem uma coisa que eu quero te dizer, tenho de te dizer.

Ele tapa-lhe a boca com a mao, rapido. Tudo menos isso. Sabe o que Leonora deseja contar, nao pode permitir que ela propria confesse o acontecido. Nao quer ouvir de sua boca a narrativa, seria o pior dos sofrimentos. Se e necessario reabrir e revolver a chaga apenas fechada, deve caber a ele o sacrificio: -- Nao diga nada, eu ja sei de tudo.

-- Sabe? Quem lhe contou?

-- Dona Carmosina. Dona Antonieta disse a ela para me por a par. Para ver se eu desistia.

-- Contou tudo? -- Saltam as primeiras lagrimas. -- Tudo. Como o canalha de teu noivo te enganou, abusou de tua inocencia. Lembras da viagem que fiz para Rocinha? Foi naquela occasiao. Mas o plano nao surtiu efeito. Para mim o que aconteceu nao tem importancia. Eu te considero tao pura quanto a Virgem Maria.

As lagrimas escorrem pela face de Leonora, pranto silencioso. Ascanio as enxuga com beijos, exige: -- So te peço uma coisa: nunca mais falaremos sobre isso, nem uma palavra. Esta bem?

Afirma que sim com a cabeça. Ia lhe dizer outra coisa, contar a verdade, mas agora, diante do que acaba de ouvir, cade coragem para falar? Irrompe o soluço, Ascanio o apaga com um beijo. Um som distante, de onde vem? Do comoro vizinho, entrevisto na sombra? Mal se enxerga, mas se ouve cada vez mais distintamente doce gemer e pedacos de frases partindo-se no vento: ai, meu Pedro, meu amor. . . Ascanio perscruta a noite, Leonora esboça um sorriso, usa o pretexto para romper o confuso circulo de enganos:

-- E o engenheiro com a mulher. Maezinha me contou: todas as noites.

-- Vale a pena ser casado. . . -- Inveja Ascanio. -- Ascanio, aconteça o que acontecer, não pense nunca que eu quis te enganar. Jamais tive outro amor em minha vida. Antes de te conhecer não sabia o que era amar. Quando ele, grato, se curva para beijá-la, Leonora o aconchega nos braços e, num gesto inesperado, o prende com as pernas, fazendo-o deitar-se sobre seu corpo. Pega teu bode pelos

464

chifres, arreia os quartos, aconselhara Maezinha. Ascanio ainda tenta desprender-se, teme perder a cabeça e abusar de tanta inocencia e confianca, fazendo por amor o que o canalha fizera por ignobil calculo. Mas ela o mantém seguro, corpo contra corpo, ele sente os seios, as coxas, o ventre, custa-lhe conter-se. Leonora murmura:

-- Me perdoa não ser como pensaste. Vem, sou tua. Ou não me queres? -- Escorrem novamente as lagrimas. -- Ai, se te quero!

Intensificam-se os suspiros no comoro vizinho. A ventania, cúmplice, levanta a barra do vestido de Leonora, ela se abre. Diante da costa

da Africa Ascanio a teve e, no lugar do himem perdido, tocou a fulva esteira de um cometa. Pela primeira vez na vida Leonora se entregou por puro amor, sem mescla de qualquer outro sentimento, bom ou ruim. Chora e ri. Foi cabrita desmamada, chiva batida pela vida. Naquele fim de mundo, em frente a costa da Africa, faz-se mulher, completa e feliz como quem mais o seja ou tenha sido. Possui um sol azul e uma lua negra.

Misturam-se os ais de amor, evolvendo-se dos comoros. Manto nupcial de branca areia, grinalda de estrelas, noiva dissoluta, rosa desfolhada. Faltam as forcas a Leonora. No horizonte nasce o sol azul, no abismo do mar desaparece a lua negra, as lagrimas se apagam, acende-se o riso. Ai, amor, agora, sim, posso morrer.

ONDE O AUTOR SE DESMANDA EM INESPERADA LOU- VACAÇÃO -- HA DE TER SUAS RAZOES PARA FAZE-LA, COM CERTEZA.

Muito se tem falado acerca de patriotismo e de patriotas neste folhetim. No particular, torna-se indispensavel reparar grave injustica e devo corrigi-la com urgencia antes de introduzir os leitores na animada (e unica) pensao de mulheres da vida situada em Agreste, cuja direcao e propriedade Zuleika Cinderela assegura com delicadeza e eficiencia.

Louvou-se com justica o desprendimento do Comandante 465

Dario de Queluz, abandonando gloriosa carreira nos buques de guerra da Armada por amor as belezas, ao clima e a tranquilidade de Agreste. Cantaram-se loas aos poemas dedicados pelo aplaudido vate Gregorio Eustaquio de Matos Barbosa ao torrao natal, em cuja paisagem se inspirou; noticiou-se a importancia para a cidade de seu retorno, abalado pela doenca, portador de inestimavel patrimonio: o sucesso, a fama, a recordacao de amizades ilustres, os exemplares dos livros publicados. Tracaram- se amplas consideracoes em torno do apego de Ascanio Trindade ao municipio pobre e atrasado que ele deseja rico e progressista; morto o pai, poderia ter retornado a Faculdade e, apos a formatura, desenvolver-se pelo Sul -- nao lhe

faltam qualidades, reconhecidas inclusive pelos diretores da Brastanio. Foram lembrados nomes do passado, feitos e merecimentos. Não se falou no entanto na dedicacao, no devotamento incondicional a Sant'Ana do Agreste de Zuleika Rosa do Carmo, a Cinderela, a qual tanto devem a cidade e o municipio. Não somente seu nome deixou de figurar entre os dos patriotas comprovados, como sua presença nas inumeraveis paginas deste folhetim e raridade, quase sempre citacao casual. Uma vez, foi vista na Igreja, rodeada de raparigas, na noite de Ano-novo; no bar, os quatro amigos beberam a sua saude, não o fazendo Asterio por ausente e bem casado. Foi tudo. Injustica das maiores, busco compensa-la.

Não houvesse ela permanecido em Agreste, desprezando ofertas diversas e vantajosas, não uma ou duas, muitas, o que seria da alegria desse perdido burgo? Que restaria aos jovens (e aos menos jovens) além das cabras? Algumas catraias asquerosas mendigando no Beco da Amargura, no Buraco Fundo, nos cantos perdidos.

Citei a pensao de Zuleika na relacao dos centros culturais de Agreste. Por te-lo feito, mereci aspera critica de Fulvio D'Alambert, rigoroso na literatura e na moralidade. Mas pergunto: onde tomam contato com a civilizacao dos grandes centros e se educam, os tabareus vindos das plantacoes e sitios de Rocinha, aos sabados, para a feira? Onde encontrar, em permanencia, perfume e graca, musica e baile, namoro e galanteio, tertulia, canto, recitativo, um tango no rigor dos floreados, além da teoria e pratica da sexualidade, ciencia tao em voga nos tempos atuais? Bem mais tristes e solitarios seriam os dias e as noites de Agreste, sobretudo as noites, se Zuleika, tentada pela avides de dinheiro, seduzida pelo fausto, houvesse partido em busca de fortuna e renome nacional para o que contava com os atributos necessarios, fisicos e morais. O quotidiano de Agreste não se 466

caracterizaria pela boa convivencia, a discordia não teria esperado pela Brastanio para estabelecer seu reino. Zuleika Cinderela distribui aprazimento e cordialidade entre o povo, sendo inclusive responsavel



pela harmonia de varios casais -- nao fossem as raparigas a officiar na pensao, muitos maridos teriam desertado do lar em busca de plagas mais evoluídas.

Desde cedo, Zuleika recusou convites. De donas de pensao de Esplanada, Mata de Sao Joao, Caldas do Cipo, Dias D'Avila, Feira de Santana, Jequie, Itabuna, Aracaju e Salvador, todas oferecendo boas condicoes pois ela era uma tentacao de garota, um azougue. Apelidaram-na Cinderela por ter chegado da cozinha da fazenda Tararanga, onde o Coronel Artur exercera o direito de pernada antes dela completar quatorze anos. Quando mulher feita, estabelecida com a pensao, nao lhe faltaram tampouco lucrativas propostas para transferir a centros mais populosos e adiantados sua capacidade de empresaria e administradora: poderia enriquecer.

Igual ao Comandante, a Barbozinha, a Ascanio, revelou-se irreduzível patriota. Jamais admitiu a ideia de deixar Agreste, sabendo-se nao apenas querida mas indispensavel. Nao lhe cabia quase sempre a delicada tarefa de iniciar os meninos de boa familia? Pais conscienciosos, atentos a educacao dos filhos varoes, depositavam nas maos de Zuleika Cinderela o futuro dos herdeiros, colocando-os aos seus cuidados, por vias travessas de parentes e amigos, suplicando-lhe ocupar-se deles, fazendo-os homens integros e inteiros. Por bondade e appetite, iniciava tambem alguns moleques, de graca. Pequena de estatura, grande de alma. Quando, aos onze anos de idade, levado por um primo, Osnar a procurou, ela cumprira vinte e ja conquistara fama de especialista na materia. Hoje, tendo atravessado com garbo a casa dos cinquenta, se contasse os cabacos que desfolhou no curso da existencia, proclamaria um recorde. Nao ostenta mais o vico de mocinha, a turbulencia juvenil; fez-se pausada, mas a desenvoltura e a mesma, maior a gentileza e conserva aquele primor de corpo bem feito, a sensualidade irresistivel, as marcas da bexiga esvanecendo-se no rosto sempre em festa. Houvesse justica no mundo, nao estivessem os cidadaos de Agreste amarrados a hipocrisia dos preconceitos, Zuleika e seu modelar estabelecimento teriam sido ha muito proclamados de utilidade publica. Mas a vida e um repositório de injusticas -- repita-

se aqui esta verdade, juntando mais um lugar-comum aos tantos outros que se acumulam nas deslustradas paginas deste folhetim.

467

## DOS ESPONSAIS DE PETO.

Nunca o tinham visto assim tao limpo, serio e elegante mas, por estranho que pareca, ninguem tirou pilheria nem o levou na gozacao, a nao ser seu Manuel:

-- Espera la, Peto! Vais fazer primeira comunhao? Ja passaste da idade. Ou vais casar?

Osnar interrompeu o portugues:

-- Nao sabes, Almirante, que hoje e o aniversario do Sargento? Ofereca-lhe uma coca-cola, pelo menos. -- Aniversario? Pois toque la, meus parabens. E ordene a bebida que quiser.

Realmente, estava irreconhecivel o desleixado Peto. O cabelo por uma vez assentado a forca de brilhantina; gastara uma latinha inteira, o singular odor supera o cheiro dos cigarros e charutos. Relogio no pulso, palida lembranca da tia que te estima Antonieta, camisa nova e novidadeira: estampados na fazenda, em vermelho e azul, leem-se os nomes das capitais e das cidades mais importantes do mundo, com os votos e um beijo da prima Leonora -- presentes trazidos pelo irmao, entregues na hora do almoco comemorativo --, sapatos lustrados e calcas compridas, as primeiras; finalmente a mae se convencera. Mesmo ao torcer por tio Asterio na partida amistosa contra Seixas, Peto o faz com certa contencao de quem ja nao e crianca irrefletida. Quando o sino da Matriz toca as nove badaladas fatais e as luzes se apagam, enquanto seu Manuel trata de acender os lampioes, Osnar faz um sinal e Peto sai discretamente, vai esperar na Praca. Se alguem reparou, fez que nao viu, a conversa prossegue animada; caso tio Asterio o procure, Aminthas dira que ele ja foi para casa.

Alcancando-o na Praca, Osnar busca encoraja-lo: -- Nao tenha medo, Sargento.

-- Quem falou em medo? Estou na minha.

No escuro, Osnar sorri. Todos repetem o mesmo, ele tambem garantira estar tranquilo quando acompanhara o primo Epaminondas

que Deus haja. Dentro do peito, o coração em descompasso.  
Antes de penetrar no sendeiro, avistam o pessoal saindo do 468

Cine Tupy, único lugar iluminado da cidade além das nove e por pouco mais: possui motor próprio.

-- Hoje o padre foi ao cinema. -- Diz Osnar, enxergando uma batina.  
-- E o padre não. É Ricardo. Foi com mãe. O filme trata de negócio de religião. Deve ser ruim pra burro. Para não desprezar de Osnar, Peto faltara a uma sessão de cinema pela primeira vez em três anos. A confiar nos elogios feitos durante o almoço, pelo Padre Mariano, um careta, a película deve ser de amargar; filme, ao ver de Peto, se não tem tiro e sacanagem, não presta. De qualquer maneira vai assisti-lo amanhã, na matine.

Marcham em direção oposta a entrada da cidade, encaminhando-se para as bandas da Jaqueira, onde, entre árvores em centro de terreno, discreta, localiza-se a pensão de Zuleika Cinderela.

Na rotina da pensão, sábado é um dia especial, o de maior movimento. Pela tarde, até o começo da noite, frequentam-na os feirantes. Entram na sala, sentam-se para esperar ou escolher mulher, pedem uma cerveja ou um conhaque, contam e recontam dinheiro, por vezes níqueis amarrados na ponta de um lenço. Alguns são fregueses certos dessa ou daquela, outros preferem variar. A clientela rural dura até as sete, nunca vai além das sete e meia. A partir das nove, nove e meia, após o cinema, começam a chegar os mocos da cidade. Sábado é dia festivo, noite de dormir tarde, de vitrola e dança, de farto consumo de bebida. Entre as sete e meia e as nove e meia há um tempo quase morto; as raparigas jantam, descansam, algumas vão ao cinema. A sala está praticamente vazia quando Osnar e Peto aparecem na porta. Numa das mesas, duas mulheres conversam; noutra, Leleu cochicha com uma falsa loira por quem anda de rabicho. Uma jovencinha vai saindo, cruza com eles na entrada: -- Boa noite, seu Osnar. Tu e Peto, não é? Já ouvi falar. -  
- Onde vai, Maria Imaculada? -- A pergunta inclui surpresa e reprovacao.

-- Vou ali, já volto, seu Osnar. Conte comigo. Na sala, Osnar dirige-

se a Neco Suruba, garcom imemorial, entrou no emprego molecote, esta de cabelos brancos. -- Cade Zu?

Uma das mulheres adianta a resposta:

-- Dona Zuleika esta tomando banho, nao vai tardar. Tanto ela quanto a colega sorriem para Peto e o examinam. O cheiro de brilhantina faz-se sentir, familiar; os feirantes usam da mesma marca, vendida em latinhas pequenas. Barata e forte. 469

-- Recebeu a encomenda? -- Osnar volta a dirigir-se a Neco. -- Esta na geladeira. -- Alem do bar, somente a residencia de Modesto Pires e a pensao de mulheres-da-vida possuem geladeiras (a querosene) na cidade.

Apenas sentam-se na mesa onde estao as duas mulheres, Zuleika Cinderela entra na sala e com ela um aroma bom de sabonete e agua-de-colonia a suavizar o cheiro poderoso da brilhantina. Os sapatos de salto alto aumentam-lhe a estatura, cabelos escorridos de india, corpo bem torneado, convidativo; anel e pulseira de fantasia, um vestido azul-hortensia, solto e decotado, com bolsos brancos; toda ela e limpeza e denago. Vem direto para Peto, seu sorriso e um dom do ceu que ela distribuiu: -- Boa-noite, Peto, seja bem-vindo. Quer tomar alguma coisa? Meus parabens pelo aniversario. Tenho um presente guardado para voce. -- Pisca o olho. Como Peto recusa a oferta de bebida, ela lhe estende a mao e o convida com um leve gesto de cabeça. Osnar e as duas mulheres seguem a cena, a loira de Leleu voltou-se para ver. Peto levanta-se, sente a curiosidade a rodea-lo. Osnar pede cerveja. Fechada a porta do quarto, Zuleika toma do lampiao pendurado na parede, coloca-o sobre a mesinha de cabeceira, junto a cama, assim ela pode enxergar melhor. Peto esta de pe, os olhos baixos. Sao os dois da mesma altura, ou quase. --\_Tu e bonito como o que! Ja te vi na rua, muitas vezes. Sempre pensava: quando e que ele vem me ver? -- Doce e terna: -- Pedi a Osnar: traga ele aqui para festejar o aniversario. Desabotoa a camisa nova do menino:

-- Quanto nome de cidade. Paris, Roma. O Papa vive aqui. Ganhou de presente?

Peto confirma com a cabeça, quase diz: de minha prima, mas se contem a tempo. Zuleika enfia a mão por baixo da camisa aberta, acaricia o peito e as costelas magras, aproxima-se mais e beija Peto atrás da orelha antes de lhe tomar a boca. Quando o solta, Peto arranca os sapatos, Cinderela retira-lhe a camisa, ajuda-o a arriar as calças compridas. Peto as segura para que não caiam no chão de tijolos e se sujem: calças compridas, as primeiras. Sacudindo os pés, Zuleika livra-se dos sapatos, encosta-se em Peto, desce a mão pelo corpo do menino, abre-lhe a cueca, toca-lhe os bagos, brinca com eles:

-- Rola mais linda. -- Na mão a toma e afaga, devagar, oferecendo ao mesmo tempo a boca para o beijo. Afasta-se, volta-se de costas:  
-- Puxe o zíper de meu vestido, amorzinho. O zíper descendo, o corpo nu surgindo diante dos olhos de 470

Peto. Com um movimento de ombros, Zuleika se desprende do vestido, o menino pode vê-la toda, como é bonita! -- Tu me acha bonita?

-- Demais.

-- Esta com vontade?

-- Nem pergunte.

-- Vem.

Sobe para a cama, faz lugar para Peto. Estão deitados de lado, olhando-se. Ele estende a mão, meio sem jeito, toca-lhe o seio. Menor que o da tia, maior que o de Leonora, diferente dos dois, redondo, parece uma broa saída do forno. Zuleika suspira ao toque: cada gesto tímido, cada avanço, é um prazer divino. -- Me diga: é mesmo a primeira vez?

-- Com mulher, e, sim.

-- Andou botando em algum menino?

-- Só na cabra.

-- Em Negra Flor, não foi?

-- Foi nela, sim.

Bicha safada, ordinária. Peto é o terceiro, entre os mais recentes, a lhe contar da cabra. Mais uma vez Negra Flor a precedera.

-- Com mulher e diferente, tu vai ver.

Muda de posicao, agora de barriga para cima, abre as pernas, os olhos de Peto pousam-se na senda de pelos negros. A mao de Zuleika Cinderela vai busca-lo.

-- Vem, meu macho, traz essa rola gostosa para comer tua mulherzinha.

Beija-o ternamente, acaricia-o de manso, faz com que ele a monte, suspende o ventre para facilitar o abraco, mete a lingua dentro da orelha de Peto e murmura:

-- Que gostoso! Sou capaz de me enrabixar contigo. Cruza as pernas sobre as costas do menino: -- Mete, enfia tudo.

Mantendo-o preso entre as coxas, beija-o no rosto e na boca, remexe as ancas, oferece-lhe o seio; xoxota de chupeta, especial para rola em crescimento, morde e afaga. Precisa conseguir que ele aprenda e goste, sinta quanto e bom, se faca macho inteiro e integro, para isso o confiaram a ela. Ao mesmo tempo Zuleika, a velha Cinderela, se embriaga de prazer, saboreia e degusta o cabaco do menino. Nao pode haver na vida ou na eternidade prazer que a esse se compare.

-- Goze comigo que estou gozando.

A vitoria obtida cada vez, o debutante acabando junto com 471

ela, no mesmo instante, no mesmo grito, renascendo na mesma hora da morte.

Quando Peto, orgulhoso e feliz, sai do quarto e entra na sala, estrugem aplausos, freneticos. Casa cheia, ocupadas todas as mesas, presente a malta do bar, seu Barbozinha, o arabe Chalita com uma menina sobre os joelhos, o moleque Sabino, socio na Negra Flor, a quem Zuleika, uma semana atras descabacara por prazer, sem que ninguem pagasse. Por Peto, quem paga e Osnar, regiamente. Entre os demais, reuniram dinheiro para a festa.

As mulheres vem uma a uma e o beijam na boca. A falsa loira o chama de piteu, outra de doce-de-coco, a novinha, que saira e voltara, o trata de cunhado, cada qual mais louca e linda. Peto senta-se ao lado de Aminthas, recende a brilhantina e a femea.

Osnar labuta com a rolha da garrafa de champanha -- champanha nacional, e evidente, pois estamos na pensao de Zuleika Cinderela, em Agreste, e nao no Refugio dos Lordes, de Madame Antoinette, em Sao Paulo. O poeta De Matos Barbosa estufa o peito, pigarreia para limpar a voz, retira do bolso uma folha de papel e, em meio ao silencio mais absoluto e respeitoso, declama o "Soneto do Himeneu", composto para a ocasio, uma beleza. Neco Suruba traz o bolo de aniversario e casamento. Zuleika Cinderela, ainda encharcada de prazer, exige uma copia do soneto, manda que coloquem um tango na vitrola e volteando no vestido azul sai a dançar com Barbozinha, rostos colados, as coxas entrelacando-se naqueles passos floreados dificeis. Peto, apaixonado, acompanha os volteios da dança, morto de ciumes.

DE COMO O SEMINARISTA RICARDO, PONDO A PROVA  
(INTENSAMENTE)  
SUA  
VOCACAO,  
COMETE  
UMA  
IMPRUDENCIA.

Ao retirar a alva e a estola, no domingo, apos a missa, Padre Mariano observa Ricardo movimentando-se na sacristia, transmitindo ordens a Vava Muricoca, opinando sobre o inventario 472

encomendado pela Arquidiocese:

-- Voce hoje nao comungou, Ricardo. Por que? -- Ontem a noite eu pequei, padre, e nao tive tempo de me confessar. Discuti com seu Modesto Pires, fiquei com raiva, desfeiteei ele...

-- Desfeiteou seu Modesto Pires? Voce? -- boquiaberto, o Reverendo balanca a cabeça, incredulo.

O seu protegido transformou-se durante as ferias em Mangue Seco. Ao chegar dos exames, ainda era um menino, de fisico avantajado,



risonho e afavel, preocupado apenas com a pesca e a bola de futebol, quando nao estava em casa fazendo banca ou na Matriz, ajudando. De repente, virara um rapagao, sempre risonho e afavel, porem com outros modos e outro ar, interessando-se por assuntos serios, vibrando indignado contra a instalacao da fabrica de dióxido de titânio, atrevendo-se a discutir com Modesto Pires e a critica-lo. Que bicho o teria mordido? -- Disse o que pensava dessa fabrica e dos que sao a favor dela. Cometi o pecado da ira, padre.

Ao responder, comete o pecado da mentira. Trocara realmente umas palavras com Modesto Pires mas sem chegar ao insulto. Ao desrespeito, certamente: menos pela agressiva conversa na rua do que pela discreta atividade no cinema; ao lembrar-se, sente um arrepio de prazer. Aconteceram pecados, sim, a impedir a comunhao, porem a tarde e a noite, os da carne; na torre da Igreja, no escuro do cinema, nas ribanceiras do rio. O padre sente a transformacao ocorrida mas nao sabe quanto mudou o compasso da vida de seu pupilo. Envolvido num turbilhao de acontecimentos, Ricardo poe a prova sua vocacao, atravessa um caminho de luz e trevas. Ah! padre, nao queira saber que bicho o mordeu!

-- Tem se confessado com Frei Timoteo? Ele continua seu diretor espiritual?

-- Sim, padre. Esta passando o verao no arraial. -- E como vai esse santo varao? Sempre delicado de saude? -- Diz que na praia tem melhorado.

-- Deus o conserve. E um luminar da Igreja. Padre Mariano repete o que ouve dizer em Aracaju e em Salvador. Todos louvam as virtudes e o saber do frade, mesmo quando discordam de suas teses. Ricardo aprova o elogio com entusiasmo, por sabe-lo merecido. Frei Timoteo lhe revelou a existencia de realidades e problemas sobre os quais Padre Mariano nunca lhe falara, certamente por jamais ter refletido sobre eles. Deu-lhe nova compreensao dos deveres do sacerdocio, cujos limites nao se restringem as obrigacoes do culto, cumpridas com 473

rigor pelo paroco de Agreste. Aproximara-o de Deus. No seminario

Ricardo concebera um Deus terrível e abstrato, desligado da vida e dos homens, a quem se é obrigado a servir para não sofrer as penas do inferno durante a eternidade. O Deus de Frei Timoteo participa da vida, compreende os problemas dos homens, é familiar e concreto, amável. As palavras das orações, repetidas no seminário, soavam ocas; agora, ele aprendeu sua significação real, com o franciscano. Amantíssimo coração, por exemplo: Deus é amor e paz, disse-lhe o velho monge. Quando Ricardo se julgara indigno de continuar aspirando ao sacerdócio por haver pecado, o frade aconselhou: -- Você ainda tem tempo de sobra para provar sua vocação, antes de se decidir. Se o mundo se impuser, escolha outro ofício, sirva a Deus como um simples cristão, nem por não usar batina e não dizer missa, será menor seu merecimento. Caso sua vocação permaneça viva e você a sinta como uma exigência interior, então prossiga de batina, cumpra seu destino e a lei de Deus. Mas nunca tenha medo, não fuja, não se esconda nem se negue. Amantíssimo é o coração de Deus.

Ricardo falara a Frei Timoteo do engenheiro Pedro, materialista e ateu, a dissertar sobre as injustiças sociais, os crimes da burguesia e do capitalismo, a necessidade de transformar a sociedade.

-- Também ele serve a Deus, pois deseja a justiça e felicidade dos homens. -- Sorriu o velho. -- Mesmo os que dizem não crer em Deus podem servi-Lo, desde que amem os homens e trabalhem por eles. Por que não traz o seu amigo aqui? Gostarei de conhecê-lo.

No arraial do Saco, Ricardo vive horas exaltadas acompanhando as conversas do engenheiro com o frade. Pedro, impetuoso, sincero e entusiasta, nega a existência de Deus e da alma, em inflamado discurso. O franciscano viera do tumulto e da ansia do mundo para a meditação na cela do convento, disserta com voz mansa e usa imagens poéticas. Todavia, Ricardo descobre semelhança e parentesco entre os dois, pontos de convergência, um objetivo comum: a preocupação com o ser humano. Busca passagem por entre contradições e coincidências, dispõe-se a sujeitar sua vocação às necessárias provas, a não se negar às discussões e aos atos. No momento certo, decidirá. Não antes, porém de elucidar todas as dúvidas. Na lancha, na noite dos tubarões e do medo, ao lado de

Jonas, sentira quanto custa comandar, sobretudo se o preço do dever e a crueldade e a violência. Jonas é um homem bom e jovial; no entanto, naquela hora extrema, a face do pescador 474

fizera-se sombria e implacável. Por onde passam os caminhos que conduzem a alegria e a justiça? Vendo os homens e as mulheres em pânico, os tubarões a flor da água, vendo a tia, Jonas, Daniel, Isaias, Budião, pessoas de bondade comprovada, empunharem a morte para defender a vida, Ricardo sacudiu os últimos freios, tomou a redea nos dentes, decidido a galopar por conta própria, livre de peias.

Acumula no peito, em pressa e confusão, palavras, ideias, acontecimentos. Tudo começou com a chegada da tia, há um mês e meio, se muito. No ponto da marineti, Ricardo aguardara o desembarque de uma ancia, mais que tia, avó, viúva em pranto e luto. Rezara por sua saúde, os joelhos sobre os grãos de milho, pagando promessa. Da marineti descera uma deusa. Ao mesmo tempo, imagem de santa e cabra de ubre farto, no dizer de Osnar, o boca-suja. Santa e cabra, como pode ser? Assim é. Muita coisa sucedera desde então. Da primeira noite nos comoros com Tieta, subindo aos céus, baixando aos infernos, até aquela tarde de tempestade em meio às vagas e aos tubarões, ameaçando os apavorados funcionários da Brastanio, quando cumpriu duro dever de cidadão, obrigação tremenda. No Te Deum, abrindo as portas do Ano-novo, sob o peso dos olhares das mulheres, enxergara Maria Imaculada. Um vínculo se romperá, formará-se outro anel, início de uma cadeia. Muita coisa em pouco tempo, a exaltação da vida, o horror da morte. Outras experiências são mais fáceis, aí, são deliciosas! A senda da prova passa entre mulheres. A tia acendeu uma fogueira em seu peito, o incêndio se alastra, como apaga-lo? Não basta Tieta, não basta Maria Imaculada, pois a brasa queima e se inflama apenas Ricardo percebe um olhar molhado de desejo, a insinuação de um sorriso. Não sabe negar-se, não pensa negar-se. Por que fugir depois do que lhe foi dado ver e fazer? Viera de Mangue Seco pela manhã devido ao aniversário de Peto mas na

intenção da noite livre, inteira para Maria Imaculada. Perpetua reduziu as comemorações a um almoço, para o qual convidara apenas Padre Mariano, além de Elisa, Asterio e mãe Tonha. Ao padre, queixara-se da ausência de Tieta e Leonora mas o fizera da boca para fora. Estivessem elas em Agreste, Perpetua seria obrigada a reunir em casa um mundo de gente, a começar pela antipática da Carmosina; um despesão. Assim, tudo correria pelo melhor. Tieta e Leonora não compareceram mas enviaram os presentes por intermédio de Ricardo. A tia rica deu novamente prova de generosidade e afeto para com os sobrinhos: o relógio ofertado a Peto mereceu 475

elogios e considerações do paróco:

-- Um presente regio, Dona Perpetua. Dona Antonieta e mãe-aberta e adora os sobrinhos. Seus filhos estão com o futuro garantido. Não duvido que venham a ser -- baixou a voz pois Elisa e Asterio estavam chegando -- herdeiros privilegiados. Iluminaram-se os olhos de Perpetua, Deus o ouça, padre, e abençoe suas palavras. Espera a volta da irmã para uma conversa seria sobre o futuro dos meninos. Tieta não possui herdeiros diretos e entre sobrinhos e enteados, tem a obrigação de preferir aqueles em cujas veias corre sangue igual ao seu, sangue dos Esteves. O perigo é a sirigaita da Leonora, Maezinha para cá, Maezinha para lá, mais que enteada, quase filha. Não obstante, Perpetua confia no adjutorio do Senhor, pagador correto. Tinham estabelecido um trato, está chegando a hora do Senhor cumprir a sua parte.

Terminado o almoço, após dois dedos de prosa, o padre se retira, Ricardo o acompanha. Não mentira quando falara a Tieta em compromisso com o Reverendo. Prometera ajudá-lo no inventário dos bens da paróquia, exigido pela Arquidiocese. O Cardeal anda preocupado com sucessivos roubos nas igrejas, desvios de valiosas peças de imaginária, de ricos objetos do culto; em certos casos, com a cumplicidade de padres e sacristãos, segundo murmurações e denúncias. Padre Mariano enrubesce ao recordar a carcomida madeira, a carunchosa imagem de Sant'Ana, vendida não, trocada,

por um punhado de cruzeiros, com o excomungado pintor, fariseu a fingir-se devoto. Nem por ter empregado toda a quantia na Matriz, tostao por tostao, sente-se limpo de culpa.

Na sacristia, Padre Mariano que, indiferente ao calor, comeu e bebeu (vinho do Rio Grande do Sul) como um padre-mestre digno desse nome, aponta as gavetas das comodas e diz a Ricardo: --\_As alfaias estao ai, as velharias na torre. Nossas estimadas e piedosas zeladoras irao retirando e separando as pecas, voce as anotara nessa folha de papel. Dos outros objetos, ja estabeleci a lista. Eu vou terminar a leitura do breviario, em casa, volto daqui a pouco.

Ricardo  
conhece  
essas  
leituras  
do  
breviario,  
na

espreguicadeira: duram cinco minutos. A sesta, porem, pode se prolongar ate a hora do angelus. Quanto a Vava Muricoca, domingo a tarde, ninguem conta com ele antes da bencao, e olhe la. Das zeladoras estao presentes tres, movimentando-se junto as gavetas: Dona Milita, Dona Eulina e a sobrinha desta ultima, Cinira, um pe no barricao, o outro no ar, pronto a se erguer para 476

facilitar. Facilitar, o que? Ora o que! Enquanto as duas velhotas tiram as pecas e as separam, Cinira, vendo Ricardo a espera, pergunta-lhe, o olhar dolente, se nao quer começar por fazer a relacao das velharias, acumuladas na torre. Ela pode ajuda-lo. As velharias, segundo a circular da Arquidiocese, sao os bens mais preciosos, merecem cuidado, atencao e prioridade. Otima ideia, Dona Cinira. -- Cinira, so. Nao sou nenhuma velha para voce me tratar de dona.

-- Pois vamos, Cinira.

Foram. Ela na frente, ele atras com papel e lapis. Altos degraus de pedra conduzem a torre. Ricardo admira as coxas fortes de Cinira,

revestidas de excitante penugem azulada; retarda o passo para observar melhor. No deposito, exíguo reduto, mal podem se mover. Curva-se Cinira para recolher uma peça -- velhos casticais, imagens partidas, obulário em desuso --, roca em Ricardo. Tocam-se, queiram ou não. A cada movimento encontram-se mutuamente encostados um no outro e de repente -- como aconteceu? -- viram-se abraçados, as bocas gurdadas. Cinira suspira, amolece, Ricardo a sustem. Foi ela quem encaminhou a mão do seminarista para as partes; suspende o pé e o põe sobre o obulário, formando com a perna um ângulo propício. No habitó do armazém de Plínio Xavier, somente quando geme e prende o grito, enfia o braço sob a batina para pedir a bênção ao padre-mestre. Separam-se em silêncio, terminam de estabelecer a pequena lista de objetos em desuso. Na escada, ela ainda avança a boca para um beijo de despedida. Assim começou a maratona. Tendo tempo livre antes do encontro com Maria Imaculada, Ricardo acompanha a Mãe ao cinema. Um acontecimento, a ida de Perpetua ao cinema; sucede de raro em raro, quando o filme é recomendado pelo Santo Ofício, como esse, história de uma freira norte-americana, recentemente canonizada. Durante o almoço, Padre Mariano enfatizara:

-- Não percam. Não deixe de ir, Dona Perpetua. É um espetáculo digno, uma lição de virtude. Assisti em Salvador, em companhia do Conego Barbosa, da Conceição da Praia. Quando entram, a sala está lotada. Apenas duas cadeiras vagas. Uma ao lado direito de Modesto Pires, habitualmente reservada, na sessão dos sábados, para Dona Aida. A outra, duas filas atrás, ao lado esquerdo de Carol -- a sua direita senta-se a 477

empregada, cão de guarda -- permanece quase sempre desocupada. Nenhuma mulher digna de respeito a ocupará jamais; os homens bem gostariam de fazê-lo mas onde coragem para enfrentar o desagrado do ricalhaco e o falatório do povo? Acomoda-se Perpetua na vizinhança do dono do curtume que a acolhe com cortesia, levantando-se para lhe dar passagem. Senta-se Ricardo junto de Carol cujo olhar se mantém distante e indiferente. Modesto Pires

observa com o rabo do olho: um seminarista não chega a ser um homem, não há perigo. Muito pior é quando aparece algum forasteiro e, vendo a cadeira dando sopa na vizinhança da gloriosa mulata, logo a ocupa. Com as piores intenções.

Apagam-se as luzes, a sessão começa com a projeção de um cine-jornal atrasado de meses. Ricardo sente a ponta de um sapato tocar-lhe o pé. O toque se repete, se afirma, encostam-se os sapatos. Depois as pernas. Macia compressão, calor suave; tudo a medo, em movimentos mínimos, uma gostosura. Os olhos na tela, Carol movimenta-se na cadeira, imperceptivelmente: juntam-se os joelhos. Termina a projeção das Atualidades da Semana, acendem-se as luzes, Modesto Pires espicha o olho, Carol está encolhida na cadeira, ao lado da acompanhante, afastada ao máximo do rapazola de batina. Inicia-se o filme e tudo recomeça, pouco a pouco, devagar, pé, perna, joelho. Em certo momento, pela metade do filme, Carol deixa cair o leque, abaixa-se e, ao recolhe-lo, tímida e atrevida, desliza a mão sob a batina, acaricia a perna de Ricardo que se arrepija todo. Prazer sem nome, desejo sem tamanho, emocionante novidade, um quase nada, delicadeza e contenção, toques sutis, temerosos, suavíssimos. Com Cinira, fora violento, quase feroz.

Apenas o filme termina, Carol parte, seguida pela empregada, sem olhar para ninguém, enquanto Modesto Pires acompanha Perpetua e Ricardo durante um quarteirão. Queixa-se de estar sozinho em Agreste, longe da família cuidando do assunto do coqueiral que se arrasta, se eterniza. Ainda não chegaram a um acordo, devido às artimanhas do tal advogado de Josafa, uma raposa e a maluquice desse imbecil de Fidelio que cedeu seus direitos logo a quem? Ao Comandante:

-- Um absurdo, Dona Perpetua: existem pessoas que são contra a instalação em nosso município de uma grande indústria que só nos trará riqueza. O Comandante é um deles, nem parece homem viajado.

Perpetua eleva os olhos para o céu, em mudo apoio à revolta do ilustre cidadão mas Ricardo, imprudente, envolve-se na 478

conversa:

-- Riqueza? Vai trazer poluicao, isso sim. Miseria. Modesto Pires, ante tanto atrevimento, fecha a cara, engrossa a voz:

--\_ Nao se meta no que nao e de sua competencia, jovem. Devido ao engenheiro e a Carol, motivos diversos mas ambos poderosos, Ricardo nao tolera o dono do curtume: -- Se vierem poluir Mangue Seco, a gente toca eles de la a pontapes. -- Nao conta que ja o fizeram nem como; prometera guardar segredo.

-- Oh! -- Modesto Pires so falta cair de quatro. Perpetua estranha o filho:

-- Ricardo, que e isso? Respeite seu Modesto. -- A tia. . .

-- Cale-se!

-- Essa mocidade, Dona Perpetua, anda de cabeça virada. Ate os seminaristas, nunca pensei. . . -- Modesto Pires vai curar os melindres ofendidos ria cama de Carol. Perpetua comeca a passar um sabao em Ricardo mas ele lhe explica, rindo-se por dentro, que nada fez senao repetir palavras da Tia Antonieta, ainda mais revoltada contra a tal fabrica do que o proprio Comandante. Colocada entre duas riquezas, Perpetua resolve manter-se neutra mas recomenda ao filho nao discutir com pessoas merecedoras de respeito e acatamento devido a idade e a posicao social. Por falar na tia: Tieta nao demonstrou em nenhum momento intencao de leva-lo para Sao Paulo? A tia? Ja falou nisso, sim. Ricardo nao esclarece quando ela o fez. Na cama, nua, desfalecendo em seus bracos, a voz exangue: sou capaz de praticar um loucura e te levar comigo para Sao Paulo, meu cabrito!

Apenas Perpetua apaga a luz da placa, Ricardo abre a janela da alcova, pula para rua. Junto a mangueira, Maria Imaculada espera:

-- Tu demorou, bem. Pensei que nao vinha mais. Logo hoje que estou com pressa.

-- Com pressa?

Compromisso na pensao, obrigatorio: Dona Zuleika exige a presenca de todas as raparigas numa festa que da naquele dia, ja deve ter comecado. Ri, gaiata:

-- Uma festa de familia, bem. Quem mais devia estar la era tu se



nao fosse usar batina. Nao posso demorar; tem jeito nao, bem.  
Ricardo viera de Mangue Seco na intencao de passar a noite inteira com Maria Imaculada. Uma noite completamente livre, 479

sem necessidade de voltar correndo para junto de Tieta. Concebera um plano audaz: faze-la saltar a janela da alcova, possui-la sem pressa na mesma cama larga, sobre o fofo colchao de barriguda onde se deleita com a tia quando estao em Agreste. Descobrimo na extrema juventude do corpo, na ousadia do comportamento da pequena rapariga, traquinas, meiga e atrevida, aquela outra Tieta, pastora adolescente a correr cabras e homens nos outeiros e barrancos; ainda hoje recordada no burgo apesar do respeito devido a paulista rica, viuva de comendador do Papa, com prestigio e dinheiro a rodo. Petulante e avida pastora a desafiar os preconceitos, a viver sua vida sem peias, sem redeas, sem medo. Um dia, surrada e expulsa.

Passara a semana sonhando com o corpo da menina, revendo nas exuberancias atuais de Tieta as formas apenas nascentes de Maria Imaculada. Na intencao de regalar-se com ela ate o raiar do dia, chegara de Mangue Seco e a encontra ocupada, tendo de voltar para a festa. Maldita festa!

Debaixo dos choroos, foi o tempo de se estender sobre Imaculada, sentir os seios recentes, as ancas redondas, a curva do ventre. Com o coracao pesado, sem alegria, com raiva da festa, dos fregueses da pensao, com ciumes daquele que a levara para a cama. Na noite do sabado de comemoracoes, os dois filhos de Perpetua, os dois sobrinhos de Tieta, conheceram o travo do ciume, sentiram vontade de morder os punhos, de rebentar caras de homens e esbofetear mulheres, vontade de chorar. Com sofreguidao e raiva, retendo lagrimas, assim a teve. -- Tu hoje esta demais, bem. Vai me matar de gozo. Compoe a saia, foge a rir, propoe:

-- Amanha posso ficar a noite todinha, se tu quiser. Hoje mais nao, bem.

Ricardo perde a cabeça, marca encontro para o dia seguinte, a mesma hora, ao apagar das luzes, sob a mangueira. Maluquice, pois

prometera a tia regressar a Mangue Seco logo apos a missa de domingo. Tieta o espera, indocil, dona atual de cada minuto e de cada gesto seu. Sobram-lhe apenas as obrigacoes de seminarista os compromissos com a Igreja. Por sorte, o inventario ainda nao esta concluido. Falta muito pouco mas serve como desculpa. Por Dona Carmosina manda um bilhete. Nao pode abandonar Padre Mariano naquela emergencia, sozinho com a trabalhadeira enorme do inventario, tarefa da maior urgencia, o Cardeal marcara prazo. Mas, na segunda-feira, sem falta, logo cedinho embarcara de volta. Assinou: seu sobrinho que a adora e tem saudades, Cardo.

480

#### DO PICANTE DIALOGO NO BARCO DE PIRICA ENTRE A CARENTE E A MAIS CARENTE AINDA.

No ancoradouro, apenas Dona Carmosina e Elisa tomam assento no barco de Pirica. Ricardo, coitado, preso aos deveres de seminarista, ficara a ajudar Padre Mariano no inventario. Os demais convidados irao mais tarde, com Asterio, na lancha de Eliezer: Barbozinha, Osnar, Aminthas, Seixas e Fidelio, o benemerito Fidelio. Que gesto digno teve esse rapaz, Elisa! Tambem Dona Milu, as voltas com um parto, sera da curriola se a crianca nascer a tempo. Asterio saiu de madrugada para a Vista Alegre, domingo e dia de contas, ele passa a manha na roca. Os demais, ah!, os demais, minha filha, dormem, cansados da noite de farra. Farra monumental, nem queira saber o motivo. -- Ah! Me conta, Carmo!

Ninguem pode com Carmo! Sao apenas nove horas da manha e ela ja tem pleno conhecimento do que aconteceu na vespera a noite, das bandalheiras ocorridas na madrugada, dos maus passos aos boemios. Enquanto o barco parte e Pirica se entrega ao controle do motor e do leme, Dona Carmosina descreve para Elisa detalhes picarescos da festa da iniciacao de Peto na pensao de Zuleika Cinderela.

-- Peto? Mas se ontem ele completou treze anos, uma crianca... --

Elisa não cre em seus ouvidos. -- Exatamente. Aos treze anos, o cidadão brasileiro alcança a maioridade sexual, segundo Osnar. -- Dona Carmosina ri, com gosto; esse Osnar, aí, é o único mas, que pena! não adianta suspirar por ele. -- Aminthas passou lá em casa para avisar que virão na lancha, a tempo para o almoço. Estava chegando da festa, imagine você, por volta das seis e meia. Me contou tudinho. Zuleika é especialista, foi ela quem papou toda a rapaziada de Agreste. -- Pronuncia a palavra papou com inveja e gula. Elisa anda triste, sorumbática, Dona Carmosina esforça-se para fazê-la sorrir, tentando interessá-la na vida da cidade. O assunto picante consegue despertar a atenção da bela e melancólica esposa de Asterio que aproveita para satisfazer antiga curiosidade.

-- Asterio também?

481

-- Todos, ao que parece.

-- Asterio não é homem dessas coisas. As vezes conta casos dos outros que ouve no bilhar. Não passa disso. Garanto que nunca foi de frequentar a pensão...

-- Asterio? Então, tu não sabe? -- Dona Carmosina pergunta e ela mesma responde. -- Como tu há de saber se eu nunca te contei e nenhuma outra ia te contar? Teu marido foi de morte, minha filha, um farrista famoso. -- Farrista, famoso, Asterio? Tenha paciência, Carmo, não acredito.

-- Não? Pois trate de acreditar. Famoso na pensão e fora dela, minha filha. E ainda por cima tinha seus particulares. Sabe como era o apelido dele no tempo de solteiro? De teu maridinho? -- Qual? Me diga. -- Na face e na voz de Elisa transparece uma nota de vivacidade a romper por fim a indiferença e a amargura.

-- Não vá se zangar, hein! Asterio era conhecido pelo nome de Consolo do Fiofo das Vitalinas. Sugestivo, não é? -- Como é? -- entre pasmada e sorridente. -- Consolo? Por que? Vamos, Carmo, me explique.

Suspicaç, Dona Carmosina perscruta, com os olhos miudos, a face da amiga e protegida. Será que Elisa realmente não está a par do

apelido, das inclinacoes e proezas de Asterio ou se faz de inocente?

-- Nao me diga que nao sabe das preferencias sexuais de teu marido. Afinal tu esta casada com ele ha mais de dez anos. -- Preferencias? Juro que nao sei do que voce esta falando. Se tu se refere a coisas que dizem que alguns homens e mulheres fazem, posso garantir que comigo nunca teve disso. Quando acontece e sempre igual, no jeito de fazer menino. Ate tem um nome...

-- Papai e mamae, e a posicao classica. Osnar diz que e a dos bobocas. Esse Osnar. . . -- Gosta de repetir o nome, rima predileta de seus versos.

Na voz de Elisa reponta uma queixa, uma carencia: -- Ainda assim, quando lhe da vontade.

-- Pois se nao sabe, fique sabendo, minha filha, que teu marido era famoso por. . . -- apesar de estarem sozinhas, Pirica atento ao leme, aproxima a boca do ouvido de Elisa para lhe comunicar as comentadas predilecoes de Asterio. -- Na bunda? Meu Deus! Nunca soube disso... -- Volta-lhe a vivacidade no impacto da estupefaciente revelacao, subita descoberta de navegador perdido ao avistar terra longinqua e ignota. -- Nunca me passou pela cabeça. Nem acredito.  
482

Na cama, nas noites de fornicacao, na hora final, a mao do marido roca-lhe as ancas, a medo; somente agora Elisa empresta significacao e valor ao hesitante gesto. Dona Carmosina sente vontade de lhe revelar que, por ocasio do noivado e do casamento, a cidade unanime atribuiu a forma suntuosa e exuberante dos quadris de Elisa, a desvairada paixao de Asterio. Mas conteve-se pois seu objetivo e animar a amiga, faze-la reviver, superando a decepcao sofrida, e nao lhe fornecer novos motivos de desgosto e revolta contra Agreste. Retorna aos detalhes da festa de Peto:

-- Aminthas me contou que a festa foi um barato. Barbozinha, velho sem-vergonha, fez um soneto louvando as qualidades de Zuleika, a papa-meninos. Barbozinha e um poeta de verdade, enfrenta qualquer tema e se sai bem de todos. -- Elogia com uma ponta de inveja; a construcao de um verso custa esforco e vigilia a Dona

Carmosina, enquanto Barbozinha, com a maior facilidade, rima jovem canhestro com anjo destro, pudicicia com malicia, coloca o cabaco (de Peto) no regaco (de Zuleika). Mas Elisa permanece na surpresa da revelacao dos destemperos (ou temperos) do marido:

-- Farrista e ainda por cima tarado. Em casa, todo o contrario.

-- Tu e a esposa dele, Asterio te respeita. Assim age um bom marido.

Nao escapa a Dona Carmosina o muchocho de desagrado a marcar o labio de Elisa, demonstracao de desprezo e repudio aos habitos do sertao. Com o que, se da por convencida: Asterio jamais usara por detras como certamente desejaria faze-lo. Mais forte que o desejo, impunha-se a lei nao escrita mas gravada dentro de cada um. Esposa e a dona da casa, a mae dos filhos, com quem se cumpre os deveres matrimoniais na contencao e no respeito. Para o prazer, os requintes, os desvarios, estao as putas na pensao de Zuleika. Nao e por acaso que Elisa se sente frustrada e sonha ir-se embora. Em Sao Paulo, terra civilizada, os habitos sao outros, o codigo feudal nao prevalece. Quem sabe, la Asterio aprenderia que esposa e mulher igual a qualquer outra, na cama deseja incontinencia de macho e nao respeito de marido. Caso nao aprendesse, entao. . .

Mas Tieta e sabia, adivinha as intencoes mais reconditas, e boa irma, boa cunhada, defende o lar e a tranquilidade de Elisa e de Asterio. Cabe a Elisa conformar-se, buscar motivo de alegria na residencia nova e confortavel, para a qual se mudara no dia seguinte, na seguranca dada pelas terras e cabras da Vista Alegre, nao se enterrar no desgosto, reencontrar o equilibrio. Mirar-se no

483

exemplo dela propria, Carmosina.

Muito maiores sao seus motivos para sentir-se carente, frustrada, amarga, odiando os homens e a vida. Nem sequer o limitado prazer concedido as esposas pelos maridos respeitosos, nem esse teve. Nem marido, nem noivo, namorado ou amante. Virgem, incolume, total e completamente. Nao mereceu palavras de amor, nem ousadias. Ninguem a quis, ninguem lhe pediu nem lhe propos.

Contudo, não vive em desespero, supera a carencia, a solidão, ama a vida, tem amigos, sabe rir. Elisa retorna do silêncio e do muitocho:

-- Como era mesmo o apelido? Consolo... -- ... do Fiofo das Vitalinas. . . Dizem que Asterio comeu o rabo de uma quantidade de beatas. Atras do balcão da loja. Vivia entre o balcão e a casa de Zuleika, consolando. A Dona Carmosina não consolara, tratando-a sempre com deferencia. Bem podia te-lo feito, não faltara ocasião. Ancas magras, murchas nadegas, bunda chulada, Carmosina, ai, não lhe acendera o vicio. Nem o dele, nem o dos outros; falam que Osnar é bom de lingua, ela sabe apenas por ouvir dizer. Tão injusticada não perdeu, no entanto, o gosto da vida. Conseguiu fazer Elisa rir, esquecer a decepção, retornar as conversas distraídas, sair do pocco onde afundara. Mas ela, Dona Carmosina, no barco de Pirica, sente de subito imensa solidão, a ausencia de qualquer esperanca. Esperanca de homem, mais nenhuma. Mas ainda assim continuara a defender Agreste contra a poluição e a consumir as noites em cima do caderno e do dicionario buscando novas rimas para desejo, furia, amor, Osnar. Muda de assunto, desfia outro tema apaixonante: -- \_Fidelio se revelou um homem de bem. Gracias a ele, os bandidos da Brastanio não poderao comprar o coqueiral. Não ligou para o dinheiro, recusou as ofertas, passou procuração ao Comandante. Rapaz direito e, ainda por cima, bonito!

## DO ASFALTO SOBRE OS CARANGUEJOS.

Ricardo faltara-lhe no momento em que mais precisava de 484

arrimo e consolo, quando o triunfo teve sabor de desastre e tudo pareceu perdido. Somente na voracidade e na ternura do adolescente Tieta poderia ter encontrado conforto para a decepção do dia frustrado, domingo de desapontos e malogros -- a sombra da Brastanio projetou-se sobre a inauguração do Curral do Bode Inacio e a poluiu.

A morte de Ze Esteves reduzira a planejada festa de arromba a

discreta comemoracao, almoco de poucos convidados, os intimos, banho de mar e prosa amena. Nem por isso Tieta a desejou e previu menos grata e exaltante. Apos os dias de tormenta, o sol iluminou o esplendor de Mangue Seco, jamais esteve a paisagem tao bela, o ar tao puro, a paz tao completa. Durante todos aqueles anos de exilio, Tieta sonhara possuir nas dunas de Mangue Seco pequeno chao de casa, nele erguer cabana onde repousar. A morte de Felipe apressara o projeto. Viera aflita em busca de seus comecos, ao reencontro da pastora de cabras, da adolescente ardega e feliz. Em menos de dois meses recorrera todos os caminhos e atalhos, nao faltando a boa briga ao lado dos pescadores, a travessia dos tubaroes, face a face com a morte, o ranger de dentes e os ais de amor na exaltacao das noites de cio, empernada sobre os comoros. Nao somente erguera a almejada biboca como o fizera cumulada de ternura e gozo, amassando barro, areia e caricias a quatro maos. A festa de inauguracao do Curral do Bode Inacio -- marco do exito da viagem, do vitorioso retorno da pequena pastora amaldicoada e expulsa, signo da paz reconquistada -- ela a deseja perfeita de alegria pura e simples, o dia no calor da amizade, a noite no fogo da paixao. Alegria bem pouca existiu, a amizade viu-se sujeita a duras provas e a noite foi de ausencia. Contentes como devido, apenas Leonora e Asterio.

Ao regressar dos comoros, exultante, Leonora caira nos bracos de Tieta, rindo e chorando:

-- Quer ver uma pessoa feliz, Maezinha? Olhe para mim. . . Segui seu conselho. . . Se morresse hoje, nao me importava. -- Nao seja tola. Como e que Barbozinha diz? De amor nao se morre, se vive. Volte com Ascanio para Agreste, aproveite as ultimas noites. Na beira do rio tem uns recantos de primeira, mas tome cuidado. Nao esqueca que sou uma viuva honesta e voce, uma filha de familia. Aproveite o mais que puder, cabrita, faca sua reserva de saudade. Tu nao sabe quanto e bom sentir saudade. E disso que tu precisa.

Leonora continuou exultante domingo afora porque, quando Ascanio retirou o desenho de Rufo do tubo de metal para expo-lo sobre a mesa, ela ainda dormia e nao tomou conhecimento da 485

discussão com Tieta.

Também Ascanio deitara-se eufórico na rede armada na varanda para Ricardo. Tardara a adormecer, refletindo sobre o sucedido nos comoros. A certeza de ser amado pela mais bela e perfeita das mulheres, fazia-o sentir-se invencível, capaz de conquistar o mundo. Para coloca-lo aos pés de Leonora. Acordou com o nascer do sol, correu para a praia, nadou, rindo sozinho. Na povoação, procurou notícias da equipe de técnicos que, segundo anunciara Doutor Lucena, teria vindo para Mangue Seco há alguns dias. Equipe numerosa, não podia passar despercebida. Não obteve, porém, nenhuma informação. Jonas, pitando o cachimbo de barro, apontou para o mar com o cotoco de braco: -- Fez um tempo de cão. Por aqui não arribou ninguém. Ou perderam o rumo ou arrepiaram carreira. -- Talvez estejam no arraial.

-- Capaz.

Ao voltar, avista Tieta a porta do Curral. Conta obter a boa vontade da madrastra de Leonora para seus projetos matrimoniais ao inaugurar a placa da Rua Antonieta Esteves Cantarelli, em breve. Mas a adesão da milionária a causa da Brastanio, ele pode obtê-la hoje mesmo, naquela manhã, naquela hora, fazendo-a admirar a obra de arte do decorador Rufo. Habitando em São Paulo, viúva de industrial, possuindo ela próprias ações de fábricas, Dona Antonieta será certamente sensível aquela "deslumbrante visão do futuro", como mais uma vez classifica o chamativo desenho a cores. Apoio fundamental, o da madrastra de Leonora. Arrastara toda a população, Dona Carmosina e o Comandante ficarão falando sozinhos. Quanto ao vate Barbozinha, quem dá atenção aos poetas? Recebe um choque com a inesperada reação de Tieta:

-- Como você se atreve a me mostrar essa porcaria no dia em que estou inaugurando minha biboca em Mangue Seco? Projetos e plantas só servem para enganar os trouxas. -- Percorre com a vista o panorama de edifícios, chaminés, casas e estradas. -- Que horror! Se você gosta mesmo de Agreste, como eu penso, Ascanio, largue esse troco de mão, de graças a Deus pelo que temos, parece pouco mas é muito.



--\_Me admira que a senhora diga isso, a senhora que obteve a ligacao da luz da Hidreletrica. . .

-- Luz e uma coisa, poluicao e outra. Voce e inteligente, sabe que se essa industria arranjasse outro lugar onde se instalar, nao viria para esses confins. Se espera que eu lhe ajude na empreitada, fique sabendo que sou contra. Nao conte comigo. Ascanio tenta argumentar, repete frases do Magnifico Doutor 486

e de Rosalvo Lucena mas Tieta corta-lhe a palavra: -- Nao perca seu latim, nao vai me convencer. Gosto muito de voce mas gosto ainda mais de Agreste, adoro Mangue Seco. -- Minha maneira de amar Agreste e outra, Dona Antonieta -- na voz o acento empresarial de Rosalvo Lucena --, sou um administrador, tenho responsabilidades publicas. . . -- Pois fique com suas responsabilidades, eu fico com minha opiniao. E guarde seus quadros e discursos para Agreste. Hoje e um dia muito especial para mim, nao quero saber de brigas e discussoes, quero muita alegria. Va passear com Leonora, ela ainda nao foi ao Saco, mal conhece Mangue Seco. Mostre tudo a ela, aproveite antes que seja tarde, sobra pouco tempo, Ascanio. -- Pensa em Ricardo, murmura. -- Muito pouco. . . Estabelece-se novamente uma tregua, a derradeira. Os rostos nao se desanuviam, no entanto. Tieta conserva na retina a paisagem de aco e concreto tracada no desenho: os edificios das fabricas,

as

chamines,

as

residencias

de

tecnicos

e

administradores, as casas dos operarios, e, mais longe, nas proximidades dos comoros, a suntuosa vivenda, reservada sem duvida para os diretores da industria. O cimento armado substituiu os coqueiros, o mangue desaparecera sob o asfalto da estrada vinda de Agreste. As choupanas tinham sumido, a povoacao deixara de

existir, em lugar das canoas, embarcações carregadas com toneis. Extintos, os caranguejos e os pescadores. Junto com a controversa visão do futuro, Ascanio enrola a euforia e a suficiência com que iniciara a pregação matinal sobre os méritos da Brastanio. Ao falar do pouco tempo a ser bem aproveitado, Dona Antonieta se refere à instalação da fábrica, com as inevitáveis mudanças na paisagem de Mangue Seco, ou à iminência do regresso dela e da enteada a São Paulo? Os postes da Hidrelétrica já alcançaram terras do município, Dona Antonieta tem razão, e curto o tempo para tanta coisa a fazer. Tieta se ocupa com o café quando ouve o ruído do motor do barco de Pirica. Larga o hospede sozinho, sai correndo para a praia, ao encontro de Ricardo:

-- Leonora está acordando, ela cuida de você. Do barco descem Dona Carmosina e Elisa, Ricardo não veio. Tieta recebe e lê o recado do "sobrinho que a adora e tem saudades", amassa o pedaço de papel, atira-o na areia. Esforça-se para acompanhar o transbordante alvoroço de Dona Carmosina entregue à minuciosa narrativa do sensacional acontecimento da véspera, a festa de aniversário de Peto na pensão de Zuleika, a iniciação. Noutra oportunidade, a notícia teria sido motivo para longa conversa de comadres, entremeada de riso e de malícia. 487

Merece apenas um comentário quase desinteressado: -- Descabacaram o moleque? Já não era sem tempo. Vivia brechando as coxas da gente.

Pouco lhe interessa o sucedido com Peto. Importa-lhe, sim, o outro menino, o que ela iniciara nos comoros, o seu, aquela hora na sacristia da Matriz anotando rol de sotainas e imagens. Por que não largou o inventário nas mãos do padre e das beatas? Como pode estar ausente no dia da festa de inauguração do Curral, da casa que os dois haviam construído, amassando juntos o barro das paredes? Não sabe que a cama nova, com o colchão de lá de barriguda, espera para ser também ela inaugurada? Tieta nunca imaginara pudesse vir a ter ciúmes de templos e altares, cerimônias e orações, coisa mais ridícula! Dona Carmosina a arrasta para a Toca da Sogra,

em busca do Comandante. Na cozinha, Dona Laura dirige a preparacao do almoco, Elisa vai ajuda-la. Na varanda, Dona Carmosina e o Comandante reclamam o imediato regresso de Tieta a Agreste para colaborar na coleta de assinaturas contra os projetos da Brastanio. O Comandante, acordado desde as cinco da manha, avistara Ascanio na povoacao, soubera que ele andara perguntando por uma caravana de tecnicos da Brastanio que devia estar a chegar. Numerosa, segundo dissera. Sera o comeco da invasao. -- Pedi a Ascanio e peço a voce que hoje evitem discutir sobre esse negocio da fabrica. Para nao estragar minha festa. -- Esta bem, prometemos nao discutir mas voce promete voltar para Agreste. Precisamos de voce la -- diz o Comandante. -- Me concedam pelo menos uns dias em minha biboca. Me deu um trabalho e custou um dinheiro aloprado. -- Nao podemos perder nem um minuto, Tieta. Se voce nao tomar a frente, nao vai se obter nada. Tudo depende de voce. -- Tudo o que? Vocês fazem que eu me sinta uma criminosa. Afinal quem sou eu para impedir que instalem aqui essa maldita fabrica? -- Quem e voce? Como diz Modesto Pires, voce e a nova padroeira de Agreste. Abaixo de Deus, o povo so confia em voce -- sentencia Dona Carmosina. --\_Ninguem adora mais Mangue Seco do que eu. No verao, pouco apareço em Agreste. -- Ha um laivo de censura na voz do Comandante. -- Mas exatamente porque sou doido por isso aqui, estou disposto a ficar na cidade o tempo que for necessario. E la e nao aqui, que se pode fazer alguma coisa de concreto. -- Quem lhe disse, Comandante? -- Tieta considera os amigos em silencio, baixa a voz. -- Se alguma coisa se fez, capaz de surtir algum efeito, foi aqui, em Mangue Seco. Nao devia 488

contar, prometi segredo. De qualquer maneira, mais dia menos dia, vão saber.

-- O que? -- impaciente, Dona Carmosina. -- A tal equipe que Ascanio anda procurando... Ouvem estarecidos a espantosa aventura. Dona Carmosina põe a mão sobre o peito para conter o coração: -- Sinto até palpitações. Estou arrepiada. Comandante

Dario, homem da lei e da ordem, recomenda: -- Faz de conta que voce nao me disse nada. Tieta tenta sorrir mas nao ha alegria em seu sorriso. Recorda o desenho exposto sobre a mesa e a seguranca na voz de Ascanio: esse e um assunto definitivamente resolvido, Dona Antonieta. De que adianta ir para Agreste, deblaterar contra a Brastanio? Tieta sabe que nao tem como impedir o estabelecimento da industria de dióxido de titânio no coqueiral de Mangue Seco. Problemas dessa relevancia sao discutidos e decididos nos altos escaloes, entre os grandes, o resto nao conta. Quantas vezes Felipe obtivera, com manobras, dinheiro e prestígio, passar por cima das leis e do interesse dos demais, da imensa maioria? No Refugio dos Lordes, na tranquilidade das salas reservadas, realizavam-se encontros onde eram tratados e obtidos gabaritos de predios, localizacao de fabricas, concessoes de cartas patentes, favores os mais diversos, negociatas de todos os tipos. Ai, Comandante, de nada vao adiantar noticias nos jornais, memoriais, sonetos de maldicao, protestos de pobres-diabos de Agreste. Nem mesmo os tubaroes no mar revolto, Carmo, nem mesmo eles impediraõ o fim dos caranguejos e dos pescadores, o fim de Mangue Seco. Resta-lhes somente aproveitar os ultimos dias, bem poucos. Chega a abrir a boca para dizer tudo isso mas se contem. Para que entristecer os amigos, ainda por cima em dia de festa? Promete ir para Agreste o mais depressa possivel.

Osnar, Aminthas, Seixas e Fidelio desembarcam da lancha de Eliezer mortos de cansaco, a hora do almoco. Depois buscam a sombra dos coqueiros para a sesta. Mais cansado ainda, o vate Barbozinha. Ja nao tem saude para atravessar noites em claro, a beber e a dançar. Trouxera os originais dos *Poemas da Maldicao* mas nem os retira do bolso; nao encontra ambiente para recitativo. -- Por que Ricardo nao veio? -- pergunta Tieta a Asterio que se aproxima, acompanhado de Elisa. Dos convidados e o unico em forma, bem dormido, bem humorado, satisfeito da vida. -- Estava na Igreja, com o padre e as zeladoras. Ocupado nao sei em que. Passei la para saber se Perpetua vinha, ela disse que nao, mas mandou lhe avisar que um dia desses vai aparecer 489

com Padre Mariano para benzer a casa. Por falar em casa, queria lhe comunicar que amanhã eu e Elisa nos mudamos. Decidira não esperar a conclusão das obras mandadas executar na antiga residência de Dona Zulmira. A pintura e os arremates seriam feitos com eles dentro de casa, apressando mestre Liberato. Mais uma vez agradece a cunhada e benfeitora e pergunta:

-- Quer ocupar logo seus aposentos ou vai continuar hospedada com Perpetua?

-- Fico por lá mesmo. Tenho alergia à pintura fresca. Ando de estômago embrulhado por causa do cheiro da porta e da janela do Curral, imagine um casarão daqueles. Também pelos poucos dias que vou passar em Agreste, não paga a pena mudar. De outra vez que venha, me hospedo com vocês. -- Se deixasse a casa de Perpetua, como fazer para dormir com Ricardo as últimas noites, as derradeiras?

De cabeça baixa, calada, esgravatando a areia com um talo de coqueiro, Elisa acompanha o diálogo. O silêncio da irmã irrita Tieta:

-- Tu não tem nada a dizer, Elisa? Não está contente? Elisa estremece:

-- Estou contente, sim, mana. Não havia de estar? -- Então, por que faz essa cara de enterro? -- Elisa, coitadinha, anda assim desde a morte do Velho. Ainda não se refez... -- explica Asterio. Tieta desvia os olhos da irmã para o cunhado; pela segunda vez naquele domingo vai abrindo a boca mas arrependida a fecha sem nada dizer: simpatiza com o pobre coitado e a verdade quase sempre é cruel, apenas fere e magoa. Domingo azarado. A festa mais parece sentinela de defunto.

Na hora do regresso, quando os convidados se dirigem para o embarque, observando Tieta parada na praia, o rosto sério, Leonora larga o braço de Ascanio, vem correndo: -- Eu fico com você, Maezinha, não vou lhe deixar aqui sozinha.

A resposta é brusca:

-- Por que não? Que bicho vai me morder? -- logo abrandando a voz, toca os loiros cabelos da moça, umidos de salitre. -- Não seja tola, cabrita. Vá e aproveite, aproveite bem. Não se preocupe comigo.

Daqui a pouco Ricardo chega, assim acabe de ajudar o padre. De companhia, basta ele.

Tambem o Comandante e Dona Laura se despedem: -- Lhe espero em Agreste, Tieta. Va logo. 490

As embarcacoes cortam as vagas da barra, distanciam-se no rio. Carregando cacuas borbulhantes de caranguejos, as mulheres da povoacao marcham na fimbria do mar. A noite se avizinha imensa. '

### A RIVAL DE DEUS.

A ausencia de Ricardo doia-lhe no corpo inteiro, da ponta dos pes aos fios dos encaracolados cabelos, em cada musculo, por dentro e por fora. Vazia e necessitada, sem jeito. Pensara que jamais voltaria a sentir ansia tamanha, desejo a roer as carnes, aflicao a esmagar o peito. Sucedera uma vez, muitos anos antes, quando Lucas partira, fugindo de Agreste, sem deixar aviso nem endereco. Ao chegar, esfuziante, para a festa no leito de Dona Eufrosina e do finado Doutor Fulgencio, na calida maciez do colchao de la de barriguda, deparara com a janela do quarto fechada sobre o beco e a paixao da adolescente deslumbrada e avida. Derrotada, perdida, demorara a espiar por entre as frestas da veneziana, buscando a sombra de um vulto; o ouvido encostado as tabuas, tentando perceber uma respiracao. Quantas horas permanecera ali parada, na noite morna, junto a janela, antes de arrastar-se enferma para a primeira solidao? Roida de desejo, querendo te-lo e nao podendo. Nao voltara a suceder. Dali em diante, fora sempre ela a nao comparecer, a faltar ao encontro, a ausentar-se, a trancar janela e porta. As portas do corpo e do coracao.

Branco lencol de cambraia, colchao de barriguda encomendado em Estancia, largo estrada propicio aos embates extremos, cheiro de tinta fresca, tudo novo em folha para a festa de inauguracao. Tieta velou, insone, na noite longa de nao acabar, ouvindo a ventania sobre os comoros e a arrebentacao das vagas, outra vez sozinha e sem jeito, querendo ter e nao podendo. No gozo de oracoes,

cerimonias, afazeres de sacristia, Ricardo a esquece e abandona. Amante de tempo dividido, de coracao dividido entre ela e Deus. Nao imaginou Ricardo dormindo com outra mulher, nada sabia de Maria Imaculada, acreditara piamente na desculpa rabiscada no bilhete entregue por Dona Carmosina, no inventario 491

dos bens da parouquia. As mulheres rondavam o seminarista, e certo, ela se dera conta. Despudorada, Dona Edna nao se preocupa sequer em esconder o jogo, ninfomaniaca, puta reles! Em se tratando de cama, porem, Tieta sente-se segura. Homem algum, por mais inconstante ou mulherengo, a deixara por outra. Lucas fora o unico a tomar a iniciativa de romper. Aos demais, sem excecao, ela abandonara apenas sentira os primeiros sintomas de cansaco, evitando o cortejo de brigas, rogos, acusacoes, mentiras e tristezas dos fins de romance. Ia-se embora abruptamente, apenas comprovava a sensacao de fastio. Para conservar integra a recordacao da aventura, para ter saudades, quanto mais, melhor. Paixoes, rabichos, chamegos, xodos, rapidos ou prolongados, romanticos ou lascivos, nao passam, todos eles, de pereciveis aventuras o que nao os impede de ser cada um deles, em certo momento, o amor exclusivo, unico, definitivo e imortal. Ricardo e o amor unico e exclusivo, definitivo e imortal, nunca teve outro, nem tera. Precisa dele ali, naquele instante, imediatamente e sem falta. O desejo roendo as carnes, o orgulho machucado. Nem por considerar fora de cogitacao, por impossivel, qualquer enredo de cama, nem por isso Tieta se sente menos abandonada e ofendida. Vazia e necessitada, atravessou a noite mais longa de sua vida, aquela que deveria ter sido a mais alegre e plena.

Quando, por fim, adormeceu, teve um pesadelo atroz. Sob o ceu negro, no mar podre, cemiterio de peixes e caranguejos, boiavam destrococos do Curral do Bode Inacio e das choupanas dos pescadores. Na extinta linha do horizonte, vislumbrou Ricardo, glorioso arcanjo, e lhe estendeu os bracos, tentando escapar da morte. Indiferente, ele se afastou na esteira de Deus, deixando-a debater-se, condenada. Onde existira antes o esplendor paradisiaco

da praia de Mangue Seco, crescerá uma paisagem paulista de fábricas, corticos de concreto, ferro e aço, fumaca e morte. 492

EPILOGO

**DA POLUICAO DO PARAISO  
TERRESTRE PELO DIOXIDO  
DE TITANIO OU OBORDAO  
DA PASTORA**

CONTENDO  
MINUCIOSO,  
EMPOLGANTE  
E  
COMOVENTE  
RELATO DOS ULTIMOS DIAS DE  
ESTADA  
DAS  
PAULISTAS  
EM  
AGRESTE, QUANDO SE SABE DA  
AMBICAO HUMANA, DA SEDE DE  
PODER E DE COMO O PODER  
CORROMPE, COM REFERENCIAS A  
CORRUPCAO  
REINANTE;  
ONDE  
CORREM LAGRIMAS E EXPLODEM  
RISOS,  
ALGUNS  
AMARGOS,  
PLANTAM-SE E COLHEM-SE  
CHIFRES, EM ABUNDANTE SAFRA,



E SAO PROCLAMADAS AS  
ALEGRIAS E AS TRISTEZAS DO  
AMOR, CHEGANDO-SE A DURAS  
PENAS AO FIM DA HISTORIA, COM  
DIREITO A FANTASTICA VIAGEM  
NA MARINETI DE JAIRO AO SOM  
DO RADIO RUSSO.

DA EGREGIA FIGURA.

Logo apos a passagem pelas ruas de Agreste da volumosa e  
suarenta  
imponencia

do

Doutor

Helio

Colombo,

os

acontecimentos se precipitaram, adquirindo vertiginoso ritmo, envolvendo o pacato burgo em confusao e rebulico. Foi das mais breves, todavia, a estada da egregia figura. Demorou-se apenas algumas horas, contados cidadaos travaram conhecimento com o grande jurisconsulto e souberam quais os motivos a conduzi-lo aquelas desprovidas lonjuras. Nem por isso se pode diminuir a significacao e negar as consequencias da historica viagem, pois no encontro do Doutor Colombo com Ascanio Trindade na sala de despachos da Prefeitura reside a explicacao de todo atropelo posterior, da pressa, da violencia, do desespero. Dias de tumulto e espanto: em menos de duas semanas, o povo assistiu a eventos, tantos e tamanhos, que ate pareceu ter chegado o fim do mundo, cumprindo-se afinal a profecia do beato Possidonio.

O ruido inusitado de um automovel estancando em frente ao cartorio trouxe o Doutor Franklin a porta, a tempo de observar e reconhecer o glorioso mestre na rude tarefa de extrair do assento do

carro o vasto corpanzil, com a ajuda do chofer. O tabeliao arregalou os olhos: bendito coqueiral, valha-nos Deus! Dessa vez, quem se aventura nas precarias estradas do sertao nao e nenhum reles advogado de Esplanada ou Feira, nenhum velho caxixeiro das terras do cacau. Diante do tabeliao ergue-se, entre resmungos, a vasta humanidade do Doutor Helio Colombo, cento e tantos quilos de astucia e saber. Doutor Franklin adianta-se, estende a mao, efusivo e bisbilhoteiro:

-- Bem-vindo a Sant'Ana do Agreste, augusto mestre! Doutor Franklin Lins, tabeliao, criado as ordens. A que devemos a honra de tao ilustre visita?

O catedratico emerito da Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia, chefe do maior escritorio de advocacia do Estado, corresponde ao aperto de mao mas, decepcionando a curiosidade do amavel concidadao, nao formula declaracao sensacional, digna de sua fama, nem esboça gesto capaz de caracterizar o rumo dos acontecimentos que irao abalar a cidade e o municipio. Bufo e geme:

-- Obrigado, caro colega. Sinto que depois dessa viagem jamais voltarei a ser o mesmo. Tenho a alma envolta em poeira. 494

Para sempre.

Sacode o paletó, metros e metros da melhor casimira inglesa, limpa o rosto inundado de suor, olha em volta com tristeza: os canalhas da Brastanio pagaram caro. Não se trata de ameaça vã. Tarefas desse tipo não estão incluídas no acordo de consultoria jurídica. Maldito Mirko, a exigir que ele viesse em pessoa examinar o problema e encontrar-lhe solução, prometendo atraente secretária para amenizar a viagem, elogiando a beleza do lugar. A atraente não apareceu na hora da partida, o lugar é uma tapera e a estrada, porra! Ah! esse último trecho de caminho. . . Cobraram cada metro, cada buraco, cada solavanco, a ausência da secretária, o suor, a poeira, a sede, o acerbó desconforto. Depois do aperto de mao, Doutor Franklin arrisca: -- Se mal pergunto, a presença do mestre deve-se a amenidade do clima ou veio a Agreste trazido por

interesses profissionais? Mas entre, por favor.

-- Antes me esclareca, caro colega: cerveja gelada, existe por aqui? -  
- parecia duvidar. -- Se por milagre existe, indique-me onde. Estou morrendo de sede.

-- No bar.

-- Mostre-me o caminho.

-- Entre e sente-se, mestre. Eu mando buscar a cerveja. Volta-se para gritar por Bonaparte, descobre o filho atrás da porta, de ouvido atento.

-- Corra ao bar, traga umas garrafas de cerveja, bem geladas. Num abrir e fechar de olhos. Voando.

Lento por natureza, o rotundo Bonaparte, na aurora dos novos tempos, revela-se a altura da situação. Seguido pelo chofer, parte em passo acelerado, retorna botando os bofes pela boca. Assim age não apenas em obediência ao pai mas sobretudo para não perder detalhe da visita do inclito advogado, merecedor de tantos rapapes. Que outro interesse profissional poderia trazer a Agreste o famigerado caudico, a não ser o coqueiral de tantos herdeiros, quem poderia ser constituinte de mestre Colombo senão a Brastanio? Bonaparte é amigo leal, devotado cúmplice: Doutor Marcolino colabora com louvável generosidade para os parcos vícios do jovem escrivão -- cigarros, batidas, raparigas. Bonaparte busca corresponder a tais provas de consideração.

## DAS PRECIOSAS RARIDADES.

Enquanto a esposa se desculpa por não servir almoço digno do conviva famoso, Doutor Franklin semeia verde para colher maduro:

--\_Para o mestre, evidentemente, não existe problema difícil. Mas esse, do coqueiral, é uma embrulhada dos demônios, pois não? Se não fosse a intransigência de Fidelio, ou melhor dito, do Comandante. . . Já vislumbrou saída, mestre? Doutor Helio Colombo suspende a garfada: -- Minha cara senhora, se esse banquete é o trivial da casa, como será um almoço de festa? Estou me regalando,

minha senhora.

De toda a viagem, aquela foi a boa lembrança conservada pelo advogado: a mesa de fartura e requinte. Os pitus, o peixe ensopado, a frigideira de guaiamus, o lombo de cabrito assado. Ao atingir a sobremesa, o mau humor do grande homem se dissolvera; tornara-se amável e fitava o casal com simpatia (e o filho do casal, nescio e silencioso, cara de palerma porém respeitável parceiro). Sincero nos elogios ao almoço e nos agradecimentos a dona da casa, faz-se cauteloso na resposta ao indiscreto anfitrião: -- O problema, hum. . . Estou começando a formar opinião mas e cedo para qualquer afirmação. Quero refletir sobre alguns detalhes, antes de formular parecer.

Doutor Franklin não se deixa enganar. O mestre pedira-lhe relato minucioso, crivara-o de perguntas, não deixara fio solto, estudara os livros antigos e examinara os documentos recentes. Balancando a cabecorra, encomendara certidões a Bonaparte, queria levá-las consigo. Por fim sorri, ladino, e Doutor Franklin ficou certo de que o mestre havia encontrado a solução, pois existe uma solução capaz de resolver o impasse, beneficiando a Brastanio e se ele, pobre tabelião do interior, a descobrira, como iria escapar a experiência do grande advogado? Não se surpreende com a reserva do conviva, por que haveria de por as cartas na mesa, revelar seus trunfos?

Doutor Colombo suspira ao provar a primeira colherada de ambrosia: incomparável! Ainda no prazer da degustação, passa a comandar as perguntas, em busca de informações sobre os proceres de Agreste:

-- O candidato a Prefeito, que tal?

-- Um moco honrado.

496

Fugaz sombra de dúvida transparece nos olhos do Doutor Colombo, logo se apaga.

-- Refiro-me ao rapaz que é candidato da Brastanio, chamado. . . -- retira um papel do bolso, lê a anotação. -- . . . Ascanio Trindade. Esteve recentemente em Salvador. -- Esse mesmo. Não sabia que fosse candidato da Brastanio. -- Maneira de falar. Assim me

expressei porque esse moco, revelando-se administrador de visao, demonstrou publicamente ser favoravel a instalacao da Brastanio no municipio. E natural que a Brastanio veja sua candidatura com simpatia. Nada alem disso. A explicacao nao convence Doutor Franklin, cada vez mais apreensivo: nos ultimos dias ouvira surpreendentes comentarios a respeito de Ascanio. Diziam-no muito mudado, apos a viagem a capital. Falando grosso, cheio de si, ditando regras. Doutor Marcolino Pitombo se referira a golpe do bau. Realmente, segundo Doutor Franklin apurara, Ascanio arrasta a asa a paulista rica, enteada de Dona Antonieta Cantarelli. Que havera de verdade em toda essa boataria? Falar da vida alheia sempre fora a diversao principal da cidade mas, com o debate sobre a industria de titanio, os mexericos impregnaram-se de maldade, deixando de ser risonhos ou apimentados para se tornarem cinicos e impiedosos. Talvez Ascanio continuasse o mesmo de antes, moco honesto e direito, empolgado com a possibilidade de grandes progressos para o municipio resultantes da instalacao da fabrica. Tendo sido amigo do falecido Leovigildo, pai de Ascanio, o tabeliao estimava o rapaz entusiasta e trabalhador. Quando o Coronel Artur da Tapitanga propusera seu nome para Prefeito na vaga aberta com a morte do Doutor Enoch, aplaudira a escolha. Nao so ele, toda a populacao. De repente, Ascanio surge candidato da Brastanio e mestre Colombo parece ter razoes para por em duvida sua honestidade.

Repetindo farta porcao de ambrosia, o eminente catedratico indaga:

-- Segundo entendi, a eleicao desse moco e coisa pacifica, concorre sozinho, nao apareceram outros candidatos, nao e mesmo?

-- Ate o momento, e o unico. E verdade que candidatura propriamente dita nao existe, pois a data da eleicao ainda nao foi marcada.

-- Engana-se o caro amigo. A data das eleicoes acaba de ser marcada. Na reuniao de ontem no Tribunal Eleitoral. Um arrepio percorre a espinha do Doutor Franklin. Lera num jornal da capital referencia ao interesse da Brastanio pela eleicao para a Prefeitura de Agreste. Pressionava o Tribunal para marcar a

data. Antigamente ninguem se preocupava com as eleicoes no perdido municipio, feudo imemorial do Coronel Artur da Tapitanga. Outra forca politica se levanta agora, tao poderosa a ponto de trazer a Agreste, a seu servico, o proprio Professor Helio Colombo, invencivel nos tribunais e, ao que se ve, na mesa. Bonaparte, derrotado, abandona a competicao, cruza os talheres. O egregio mestre e parada: impavido, ataca o doce de araca, guloseima hoje tao rara, tao dificil de encontrar-se quanto um homem honrado, meu caro tabeliao.

#### DA NOTORIEDADE DE AGRESTE.

Dependurado em lugar de honra, na entrada da Prefeitura, o vistoso desenho de Rufo, a "deslumbrante visao do futuro", atrai curiosos. Balancam a cabeca, unanimes na admiracao as qualidades artisticas do decorador, divergentes quanto ao conteudo. Formidavel! apoiam alguns, com entusiasmo: Ascanio e um porreta, vai reerguer Agreste, transformar a regio. Outros, mais prudentes, repetem argumentos do Comandante e de Dona Carmosina: fosse essa industria assim tao benefica, por que haveria de se instalar em area pobre e distante, desprovida de recursos? Dizem que apodrece a agua, envenena o ar. Esta nos jornais. Nao a querem em lugar nenhum no mundo. Proibiram-na em Sao Paulo e no Rio. Tentaram situa-la entre Ilheus e Itabuna, o povo se levantou. Ascanio, ou esta sendo enrolado ou. . . Ou o que? Ascanio e homem integro, sua vida um livro aberto, cidadao acima de qualquer suspeita, de qualquer insinuacao . . .

Ninguem esta insinuando nada, mas e do dominio publico que ele esta de olho na paulista rica, herdeira do Comendador, enteada de Dona Antonieta. Postulante pobre, no caso pauperrimo, a mao de milionaria, perde a cabeca com facilidade e nessas grandes empresas corre dinheiro a rodo. Para Ascanio, a instalacao da fabrica

no municipio vem a calhar, quem pode negar a evidencia?

Azedam-se as discussões. Cresce o numero dos leitores dos jornais da capital, antes reduzidos aos privilegiados assinantes de *A Tarde*. Por encomenda de Chalita, sempre disposto a aumentar

498

suas fontes de receita, chegam pela marineti de Jairo exemplares dos diversos quotidianos de Salvador. Se o dono do cinema tem juizo formado sobre o problema da industria de titanio, nao o alardeia, expoe a venda o pro e o contra, recolhe os niqueis do lucro escasso. A polemica em torno da Brastanio se alimenta de noticias e boatos, de maledicencias, prossegue rua afora. Leram

e

comentaram

a

entrevista

de

Ascanio,

grandiloquente: "a Brastanio significa a redencao de Agreste; riqueza e progresso para o litoral norte do Estado". As mocas admiraram-lhe o retrato em duas colunas, o dedo em riste, jovem lider politico de grande futuro, candidato do povo a Prefeitura, no dizer do reporter. Causou igualmente sensacao o rispido suelto com que, na secao editorial, *A Tarde* comentou tais declaracoes. Sob o titulo de "Candidato do povo ou da Brastanio?" classificava Ascanio de "pleiboi matuto, hospede da Brastanio em hotel de luxo". Quanto a riqueza e ao progresso anunciados pelo "leviano e faceto personagem," nao passavam de poluicao e miseria na opiniao responsavel de intelectuais sergipanos que assinaram memorial de apoio ao telegrama do Prefeito de Estancia, figuras de proa: pintor Jenner Augusto, escritor Mario Cabral, professor Jose Calasans, jornalista Junot Silveira. Espanto e incredulidade causaram as confusas noticias de ameacas a vida dos componentes de uma equipe de tecnicos da Brastanio, impedidos de desembarcar em Mangue Seco. Pela populacao indignada, unida em defesa do meio

ambiente -- aplaudia Giovanni Guimaraes. Por agentes internacionais da subversao a servico do comunismo ateu, comandados por uma russa que outra nao era senao a bolchevique Alexandra Kolontai, cuja presenca no Brasil os servicos competentes haviam assinalado - - denunciava a mesma gazeta onde saira a entrevista de Ascanio. Por fim, culminando o farto noticiario, o povo tomou conhecimento da data marcada para as eleicoes. Por que tao proximas? -- perguntava o articulista de *A Tarde*. Porque a Brastanio tem pressa -- respondia ele proprio. Em que pese as divergencias, resguardada a opiniao de cada um sobre o problema da industria de titanio, havia um ponto em torno do qual todos se punham vaidosamente de acordo: jamais Agreste merecera tanto destaque na imprensa. Nao menos vaidoso sentia-se o Magnifico Doutor. Angelo Bardi telefonara de Sao Paulo para cumprimenta-lo.

DOS  
MELINDRES  
DE  
CONSCIENCIA  
(CONSTRANGEDORES E IMPROCEDENTES)

Ao ouvir mestre Colombo, apossa-se de Ascanio sensacao identica a que sentira na Bahia, na semana anterior. Importuno constrangimento, como se nao marchasse por seus proprios pes, fosse conduzido, colocado diante de fatos consumados, sem opcao, devendo executar decisoes tomadas por outros, a sua revelia. Contudo, a vontade de opor-se, de exigir explicacoes, de nao se deixar envolver, de tirar a limpo o porque de cada coisa, nao chega a se expressar. Sente-se desconfortavel mas ouve e cala. Constata mais uma vez o poderio da Brastanio, ao receber na Prefeitura de Agreste o egregio Professor Helio Colombo, do qual nao chegara a ser aluno mas em cujo escritorio, igual aos demais colegas, sonhara iniciar-se quando formado. Ali estava o mestre, em pessoa, refeito



apos o almoco e a sesta, expondo e solucionando o terrivel problema do coqueiral que tanta preocupacao causara a Ascanio. Portador de auspiciosa noticia, a decisao do Tribunal sobre a data do pleito, antes mesmo que o moco terminasse de lhe dizer quanto o admirava, o eminente advogado comecou a colocar em pratos limpos a confusao causada por Fidelio, a ditar o procedimento de Ascanio. Empunhando o tubo de metal e a pasta de couro, no bolso o anel de compromisso, o peito inflado de ambicao e amor, Ascanio saltara vitorioso da marineti de Jairo. A decisao da Companhia Brasileira de Titanio, escolhendo Sant'Ana do Agreste para ali instalar suas fabricas, mudava a face do municipio e a vida do futuro Prefeito. Com os argumentos do Doutor Lucena e o feerico desenho de Rufo, contava conquistar a boa vontade da madrasta de Leonora. Sobrariam apenas os discursos do Comandante, as objugatorias de Dona Carmosina, os versos, na maioria ineditos, de Barbozinha. Palavrorio ruidoso e inconsequente. A euforia durou pouco. Em Mangue Seco, a firma negativa de Tieta foi um rude golpe. Depois, os motivos de apreensao e aborrecimentos se sucederam: obstaculos e injusticas, incertezas e magoas.

Na agencia dos Correios, Dona Carmosina atirara-lhe nas fucas a opcao concedida por Fidelio ao Comandante, vingando-se do "conheceu, papuda?" com que ele se despedira ao embarcar no jipe.

Escarnecendo:

500

-- Quero ver como seus amigos vao fazer para instalar a fabrica no coqueiral. Felizmente, ainda ha gente direita nesse mundo.

Ascanio nao respondeu, deixou Dona Carmosina falando sozinha, queria evitar as discussoes, capazes de levar a um rompimento com a velha amiga cada vez mais exaltada. Mas a informacao, logo confirmada, demonstrava que nem tudo era palavrorio. Nao conseguiu resposta para a pergunta da agente dos Correios: como iria a Brastanio adquirir as terras do coqueiral? Questoes de propriedade de terra costumam arrastar-se, interminaveis, nos tribunais, duram anos e anos, essa apenas se inicia: o juiz de

Esplanada nem sequer dera seguimento ao mandato de posse, requerido pelo Doutor Marcolino, em nome de Jarde e Josafa Antunes.

Doutor Helio Colombo remove o obstaculo e declara que para encontrar a boa solucao nao teria sido necessario empreender aquela pavorosa viagem, amenizada apenas pelo almoco com que o tabeliao o homenageara -- o mestre ainda lambe os beicos. Na sala, Bonaparte ressona no torpor da tarde, arriado num banco. Ao lado, as certidoes e uma lata de doce de araca, presente para o mestre. Doutor Colombo fita com simpatia o dorminhoco: soneca merecida, o jovem sacrificara a sesta para aprontar as certidoes. Palermo, porem gentil. Ordena a Ascanio: -- Guarde reserva acerca dessa nossa conversa. Mirko disse- me que posso confiar no senhor.

Solucao simples, perfeita. Ascanio, apenas eleito e empossado, desapropriara toda a area do coqueiral, medida de utilidade publica. Onde arranjar dinheiro para pagar a desapropriacao? Os terrenos desapropriados serao vendidos a Brastanio. A Prefeitura tera dinheiro para pagar e ainda encaixara algum, obtendo lucro na transacao. Negocio limpo. -- E se os herdeiros nao aceitarem?

-- Como nao vao aceitar? Ainda nem existem como herdeiros. A desapropriacao, a preco razoavel, e um verdadeiro presente para eles.

-- Mas o Comandante, esse nao aceitara, por nenhum preco.

-- Ele nao tem como impedir a desapropriacao por motivo de utilidade publica. Pode ir a justica, depois. Perdera tempo e dinheiro. Nao se preocupe com ele, va em frente. Eu cuidarei de tudo. Por ocasio de sua posse, mandarei em mao, por um colega, um dos meus auxiliares no escritorio, o decreto de desapropriacao redigido, com os considerandos, toda a fundamentacao. Seu unico trabalho sera assinar.

Seu unico trabalho: assinar. Sensacao desagradavel incomoda. Mete a mao no bolso, toca a pequena caixa onde esta o anel de compromisso. Quando o colocara no dedo de Leonora? O tempo

urge. Que pode fazer senao ir em frente? Ademais colaborando para a instalacao da Brastanio em Mangue Seco esta apenas servindo aos interesses do municipio e do povo. Pensando bem, onde os motivos para melindres de consciencia?

AMOSTRA DAS CONSUMICOES DE UM CANDIDATO A LIDER E A MARIDO OU DO CARATER SUJEIRO A DURAS PROVAS.

Jovem, saudavel, potente, apaixonado. Apaixonado e pouco dizer: louco de amor e sabendo-se correspondido. Sem sombra de duvida. Recebera prova indiscutivel (e celestial) que outra nao fora senao a maior de todas: a bem-amada abrija as pernas para ele, entregara-se, sem nada pedir em troca. Sendo pobre e ela rica, jamais ousara falar em casamento, nao fizera propostas nem promessas. Prova de infinito amor, o gesto de Leonora nos comoros.

Gala principal da historia aqui narrada, no gozo de invejavel saude, de potencia sexual recentemente comprovada a tripa forra na capital do Estado, como explicar que esse jovem galhardo e varonil, ao ter a sua disposicao, enleada e ardente, a mais desejada e inacessivel das mulheres, a mulher de sua vida, nao se aproveitasse, buscando inclusive evitar (ou pelo menos adiar) a repeticao da exaltante noite de amor? Onde ja se viu contradicao tao flagrante, absurdo igual? Quais as razoes dessa demencia? Sera que realmente existe, nos cafundos do Judas, ou seja, em Agreste, bestalhao tamanho?

Desembarcando

da

lanca,

no

domingo,

Ascanio

acompanhou Leonora ate a porta da casa de Perpetua. Tomando-lhe as maos, a ternura esparramada nos olhos e na voz, disse: -- Vou para casa, por hoje me despeco. Voce precisa descansar, quase nao dormiu, esta fatigada. Se me permite, amanha, indo para a Prefeitura, passo para lhe dizer bom-dia. Permitira quanto Ascanio

peca e deseje -- o ideal seria que desejasse e possuísse naquela mesma noite, nos esconsos do rio. 502

Não está assim tão cansada e, se estivesse, onde poderia repousar feliz, sem laivo de tristeza, senão nos braços dele? Cala no entanto, novamente intimidada, a espera de que Ascanio tome a iniciativa, ouse e proponha. Aproveita, cabrita, faz tua reserva de saudade, o tempo é curto, recomendara Maezinha. Envolta em preconceitos e escrúpulos, desperdica-se a noite do domingo. Ele se aproxima para o beijo de despedida. Leonora atraca-se em seu pescoco, os seios tumidos. Os corpos se unem, as coxas se encontram, um calor cresce do beijo longo, desesperado, de lábios, línguas e dentes. Ascanio se desprende e foge rua afora, sob a fosca luz dos velhos postes.

Seus passos, em lugar de leva-lo a casa, conduzem-no a pensão de Zuleika Cinderela, onde, sorridente, Maria Imaculada o acolhe:

-- Seu Ascanio... Faz tanto tempo que lhe espero... Que bom que veio.

Tomando da menina, linda e trefega, Ascanio não se tranquiliza, pois comprova que somente o corpo de Leonora, nenhum outro, pode lhe dar aquela sensação de plenitude a torna-lo invencível, dono do mundo.

Para merecê-la outra vez, deve esperar. O gesto de Leonora, prova de infinito amor, fora igualmente prova de desmedida confiança. Pura e íntegra, nem mesmo a dolorosa experiência anterior a fizera duvidar dos sentimentos e do caráter do novo pretendente: colocara-se em suas mãos por considerá-las limpas, honradas. O desejo consome o moco apaixonado mas ele se controla, deve comportar-se a altura da confiança de Leonora. Guarda no bolso um anel de compromisso. Assim Dona Antonieta volte a Agreste, ele a procurara para conversa franca e decisiva: amo sua enteada e a quero para esposa. Sou pobre mas tornei-me ambicioso. Confie em mim, serei alguém. Noivo, o anel no dedo de Leonora, a data do casamento marcada, então, quem sabe... Antes, porém, seria ignóbil abuso, comportamento vil. Dona Antonieta nega-lhe apoio na

campanha pela instalacao da Brastanio. Como reagira ao pedido de casamento? Parece olhar o namoro com simpatia, talvez por julga-lo inconsequente distracao de ferias. Dai a casamento a distancia e grande. Como agir, se a onipotente madrastra se opuser? Ascanio nao admite sequer o pensamento de nao voltar a ter nos bracos, rendido e vibrante, o corpo de Leonora. Agora que o tocara e conhecera, nao pode mais viver sem possui-lo. E necessario esperar, porem. Nao e facil ser um homem digno, custa esforco.

## DOS DIAS VENTUROSOS.

Os dias que se seguiram ao frustrado domingo da inauguracao do Curral do Bode Inacio, a aflita noite dos chifres sagrados, foram os mais felizes das ferias de Tieta, dos mais felizes de sua vida.

Ao projetar a volta a Mangue Seco, sonhava reencontrar a beleza e a paz. Sortuda, obteve de lambugem devoradora paixao, insolita em sua farta colheita de xodos. Pela primeira vez deixou de ser sestrosa chiva requestada e conquistada, rendendo-se submissa ao apelo, a cobica, a seducao do macho. De subito, restituída a paisagem de sua adolescencia, cabra de pejado ubere, desejou com ansia, irreprimivel, seduziu e conquistou cabrito apenas desmamado, derrubando-o nas dunas, violentando-o. Alem da paz e da beleza, a timidez e a furia do mancebo. Como se nao bastasse, ainda por cima sobrinho e seminarista. Louca, absurda, incomparavel aventura, disputando com Deus os preciosos minutos.

Dias de plenitude, de paixao decantada em amor unico e imortal, quando a existencia se faz inconcebivel sem a presenca do ser amado, seriam perfeitos nao estivessem chegando ao fim. Ocorre a tentacao de levar Ricardo para Sao Paulo. Sabe que nao pode e nao deve faze-lo: mais cedo ou mais tarde a magia se rompera projetando no desejo a sombra do fastio e do tédio. Por isso mesmo, nao admite perder um unico instante da ventura sem par desse amor enquanto imenso e eterno. Proibidas as idas a Agreste,

suspensos os encargos do coroinha, as obrigações do levita do Templo, o seminarista despiu a batina, exhibe-se quase nu na sunga de banho.

Tieta não cogita cumprir as promessas feitas a Dona Carmosina e ao Comandante, disposta a permanecer em Mangue Seco. até o dia da festa da luz, véspera do embarque. Na festa se despedira de todo mundo, adeus minha gente, até outra vez, levo saudades, foi bom demais.

Não vê motivo para sacrificar-se. Nada pode fazer de válido para impedir a instalação da fábrica, sua presença em Agreste não passara de tempo e esforço perdidos, inúteis. Alegre e livre, vive dias incomparáveis, prosando com Pedro e Marta, com Jonas e os pescadores. Gemendo e rindo nos braços de Ricardo, no alto das dunas, na fimbria do mar, na rede, na cama, na areia, na espuma das ondas, no casco da canoa, de noite, de madrugada, ao 504

cair da tarde, na barra da manha. A lua crescente finca-se nos comoros, entra pela janela do Curral.

Bom seria ficar para sempre; ali envelhecer e esperar a morte, sem preocupações nem compromissos. Por que há de abandonar o paraíso? Urge regressar a São Paulo, reassumir a direção do Refúgio, ganhar dinheiro e empregá-lo bem. Ademais, dentro de muito pouco tempo, Mangue Seco será apenas triste e podre paisagem de cimento, fumaça e detritos. Melhor não pensar nisso, aproveitar enquanto ainda existem paz, beleza, amor. A plenitude dura desde a manha de segunda-feira, quando por fim Ricardo chegou e Tieta o recebeu com quatro pedras na mão:

-- Se fez de propósito para aguardar minha festa, conseguiu. Por que não ficou de vez?

-- Mas a tia disse que não ia haver mais festa. -- Desde quando sou de novo tia? Estamos cercados de gente, por acaso?

-- Desculpe, mas nunca lhe vi tão zangada assim. Padre Mariano me prendeu por causa do inventário. O Cardeal. . . -- Quero que o Cardeal vá se estourar no inferno. Ele, o padre e toda sua laia. A que horas terminou esse tal de inventário? -- Em cima da bênção.

-- E por que voce ficou por la, nao veio ontem mesmo? -- Quando a bencao acabou, ja era de noite, nao me ocorreu -- o que nao lhe ocorre e uma boa desculpa. -- Comi, rezei o terco com a Mae, fui deitar. Sonhei... -- levanta os olhos para Tieta. -- ... sonhei com voce a noite inteira. Cada sonho! Justamente por ele nao haver dado uma desculpa, Tieta acreditou:

-- Se me fizer outra dessas, tu vai ver. De agora em diante, tu nao sai mais daqui nem pra missa nem pra porcaria nenhuma. Ate eu ir embora, Deus se acabou. -- A voz se adoca. -- Tu sonhou mesmo comigo?

-- Sonhei com voce mocinha, mais moca do que eu, antes de ir embora. Igualzinha como voce me contou, igualzinha, sem tirar nem por, menina. -- Nao era por acaso, verdade? Faltava a Maria Imaculada apenas o cajado de pastora. -- Me conte, cabrito, tintim por tintim.

## ONDE A FORMOSA LEONORA CONHECE FINALMENTE OS ESCONSOS DO RIO.

Leonora se da conta, confusamente, dos sentimentos de Ascanio Nas agruras da vida nunca tratou com homem parecido com ele e teme magoa-lo, desiludi-lo, perde-lo. Intimida-se, sem coragem para defender o tempo medido que lhe resta. Primeiro, o rapaz a julgara moca donzela, casta filha de familia, de esmerada educacao, riquissima, a espera de casamento condizente com sua situacao social. Depois, Maezinha inventara aquela historia do noivo calhorda, desmascarado antes de abiscoitar os cobres da milionaria mas depois de lhe ter papado os tampos. Para converter em audacia o acanhamento de Ascanio, colocando a seu alcance paulista evoluida, sem preconceitos provincianos nem cabaco, e assim transformar o platonico e depressivo namoro de caboclo em exaltado xodo, lirico e ardente, agradavel passatempo de ferias. Maezinha a trouxera na viagem para curar-lhe o peito e o coracao. No sertao iras respirar ar puro e apreciar o prazer de um amor romantico, desses que deixam

a gente pejada de saudade. Sabes lá o que é trepar ouvindo versos? So mesmo em Agreste, cabrita. Ar puro para os pulmões debilitados pela poluição da metrópole, sentimento para o coração crestado pela aridez e a violência. Carga de saudade para as horas de solidão.

A trama de Maezinha obteve êxito apenas parcial. Ascanio continuou a imaginá-la ingenua filha de família, ainda mais digna e necessitada de respeito por enganada e sofrida. Enganada, sim, meu amor, sofrida por demais. Mas, aí! não ingenua filha de família, digna de respeito. O segredo não lhe pertence, não pode abrir a boca e dizer: leva-me para a cama sem vacilar, nada te peço, nada mereço, sou mulher da vida, uma qualquer. Uma infeliz. Além dos fregueses, esses não contam, tive outros homens antes de ti, mas somente agora, aqui em Agreste, amei como se deve amar. Eu te amo, quero ser tua e quero que sejas meu. Por quanto tempo, não importa!

Não pode contar a verdade, contudo nada a impede de estender-lhe os braços e pedir: vamos até a beira do rio, derruba-me no escuro, na sombra dos chorões. Agarra teu bode pelos chifres, ensinara Maezinha. No alto dos comoros, Leonora seguiu o conselho. Dera-se bem.

Palmilhando a calçada da Praça da Matriz, no recorrido 506

habitual dos namorados, de olhares ternos, fugazes apertos de mão, beijos rápidos, vendo o tempo passar sem que Ascanio se atreva, mais uma noite ameaçada de ir para o brejo, Leonora vence o receio, supera a inibição e se decide: -- A gente nunca sai daqui, da Praça. Eu tinha vontade de ir a Bacia de Catarina. É um passeio tão bonito. -- É bonito, sim. Iremos um dia desses. . . -- Por que não vamos hoje?

-- Não tem ninguém para nos fazer companhia. -- Companhia, para que? Quero ir contigo, nós dois. -- Sozinhos? -- Acaricia-lhe a face. -- Agreste não é São Paulo, Nora. Amanhã teu nome estaria na boca do mundo. Dando o assunto por encerrado, Ascanio volta a discorrer sobre seus projetos de administrador e as perspectivas abertas para o município com a vinda da Brastanio. Leonora escuta desatenta, ouvindo ressoar ao longe a voz de Maezinha: agarra teu bode pelos



chifres, cabrita. Interrompe o passeio e o discurso: -- Tu me amas, Ascanio? De verdade?

-- Duvidas? Eu...

-- Entao, por que foges de mim? Ou nao te agradei? -- Fujo de ti? Nao me agradaste? Nao digas isso nunca mais. Eu te amo e nao quero que falem mal de ti, entendes? Leonora sorri e prossegue, mansa e firme: -- Entendo, sim, era o que eu pensava. Deixa que falem, nao me importo, nao tira pedaco. -- Toma-o pela mao -- Me leva, amor, para a beira do rio. La ou onde tu quiseres, meu senhor. Ascanio sente o suor escorrendo pelo corpo, pensamentos e sentimentos se atropelam, impossivel ordena-los.

## DE COMO A PAZ FOI PERTURBADA POR UM SANTO HOMEM.

Com o engenheiro e Budiao, Ricardo saira de canoa para pescar. Tieta descansa na rede quando percebe ruido de passos na areia. Ergue o busto, um forasteiro se aproxima. Sem nunca te-lo encontrado, reconhece Frei Timoteo, coberto por um chapau de palha, sorridente. Tieta corre a enfiar um vestido em cima do

maio. Volta a tempo de pedir a bencao ao franciscano. -- Dona Antonieta Cantarelli? Todos falam na senhora, eu nao quis ir embora sem conhece-la. Muito prazer. -- Eu tambem desejava muito conhecer o senhor. Meu sobrinho Ricardo diz que o senhor e um santo. -- Santo? -- ri, achando gracia. -- Sou um pobre pecador. Onde anda Ricardo? Nao o tenho visto nos ultimos dias. -- Estava em Agreste, ajudando Padre Mariano mas ja voltou. Foi pescar, nao tarda.

-- E um bom menino. Deus ha de lhe indicar o caminho certo. Se a senhora permite, vou espera-lo para me despedir. Minhas ferias terminaram, amanha estarei de novo em Sao Cristovao.

-- A casa e sua. Vou buscar uma cadeira. O frade recusa a cadeira, senta-se ao lado de Tieta na balaustrada da varanda, ainda agil apesar dos cabelos brancos. Os olhos postos nos comoros:

-- Sao Cristovao e uma cidade antiga, bonita, os homens que a construíram honraram o Senhor. . .

-- Nao conheço mas já ouvi falar.

-- Nada, porém, pode se comparar a Mangue Seco. Essa região é privilegiada, e bela demais, um dom de Deus aos homens. Sei que a senhora tem feito o que pode para impedir o crime que querem cometer, instalando aqui uma fábrica de dióxido de titânio.

Tieta sente-se enrubescer. Não merece os elogios. O Comandante a reclamar sua presença em Agreste e ela ali no bem-bom, a regalar-se com o sobrinho.

-- Não fiz nada ou quase nada. O Comandante Dario vive me pedindo para ir a Agreste dar uma ajuda mas vou ficando por aqui, aproveitando essa maravilha enquanto posso. Carmosina me acusa de egoísta mas, me diga, Frei Timoteo, de que adianta eu me tocar para Agreste, pedir ao povo que assinem contra a fábrica, que proteste? A fábrica termina por se instalar da mesma maneira, não depende de mim, nem de Carmo, nem do Comandante. Não tenho razão?

-- Acho que não, Dona Tieta. Permite que a trate assim, não? Dificilmente os protestos do povo de Agreste, sozinhos, poderão impedir a instalação da fábrica, e certo, mas podem ajudar. De qualquer maneira devemos fazer tudo que esteja ao nosso alcance, para impedir o crime, sem perguntar se vamos obter sucesso ou não. -- Uma breve pausa, antes de acrescentar. -- A senhora, quando entrou na lancha, com Jonas e os pescadores, não perguntou se valia a pena.

508

Pegada de surpresa, Tieta tenta explicar: -- Lembrei meus tempos de menina levada, era doída por uma briga. . .

-- Não estou julgando nem acusando, de que outra maneira poderão eles protestar? Mas a senhora tem muito como ajudar, sem recorrer à violência. O povo de Agreste precisa ser esclarecido, uma palavra da senhora é capaz de convencer os indecisos. Deus nos confiou a guarda desses bens, nossa obrigação é defendê-los. Sem o que,

estaremos sendo cúmplices dos criminosos: os índices de poluição dessa indústria são terríveis. Desculpe, Dona Tieta, eu falar assim, mas pedi minha opinião. . . Na infinita paz da tarde, a voz do frade, branda e fervorosa, o sorriso tímido e aliciador, perturbam Tieta. Não chega a responder -- responder, o quê? -- devido à aparição de Ricardo. Ao avistar o frade, o seminarista deixou o engenheiro para trás, surge correndo:

-- Por aqui, Frei Timoteo? Que surpresa! -- Vim me despedir, meu filho, e tive o prazer de conhecer e de conversar com Dona Tieta. Regresso amanhã ao convento. Carregando um sambura com peixe, o engenheiro se incorpora ao grupo:

-- Também eu e Marta já estamos de malas arrumadas, temos apenas mais dois dias. Mangue Seco, agora, só para o ano, se para o ano não já estiver tudo podre por aqui, Quando penso nisso, me dá uma revolta. . .

-- Estávamos falando nesse assunto, Dona Tieta e eu. Estão planejando um crime, um grande crime.

Ricardo acompanha o frade até a canoa. Frei Timoteo deita-lhe a bênção:

-- Pessoa simpática, a sua tia. Sei quanto você a estima, vai sentir sua falta. Quando ela for embora, venha passar uns dias comigo, no convento.

Na cama, à noite, Tieta comenta a visita: -- Será que ele desconfia de nós dois?

-- Nunca deu a entender.

-- Sabia da história das lanchas, me falou mas não repreendeu. Diabo de frade. Acabou com meu sossego. -- O quê?

-- Com essa história que a gente tem obrigação de cumprir. Não quero sair daqui a não ser para a festa e o embarque. . . Felipe costumava dizer que para se viver feliz, era preciso antes de tudo abolir a consciência. Tu e teus problemas de consciência, ainda vais te dar mal. . . prevenia ao saber-lhe preocupada por causa de uma das meninas do Refúgio. Tieta prende Ricardo contra o peito, tentando esquecer as palavras do

frade, não percebe o vislumbre de esperança nos olhos do rapaz. DO MISTERIOSO CORRESPONDENTE.

Como pudera suceder inconfidencia de tal monta? Mestre Helio Colombo não falara a ninguém a propósito de desapropriação, a não ser ao moco candidato. Ascanio Trindade, por sua vez, guardara absoluto sigilo acerca da conversa com o advogado. Não obstante, poucos dias depois, *A Tarde* publicava uma "Correspondência de Agreste", relatando a estada do ilustre jurisconsulto, na qualidade de patrono da Brastanio. Referia-se a manhã no cartório debruçado sobre livros e documentos, e ao encontro à tarde, no sobrado da Prefeitura, com Ascanio Trindade, quando ordenara ao candidato a Prefeito desapropriar a imensa área do coqueiral, para revende-la, no todo ou em parte, a Companhia Brasileira de Titânio S.A., obtendo imediata aquiescência do obediente funcionário. A desapropriação por motivo de utilidade pública fora a solução encontrada pelo advogado para garantir a seu constituinte a posse da área, diante da intransigência de alguns herdeiros, irredutíveis na disposição de se absterem de qualquer negócio com a controvertida empresa, considerando que os eflúvios poluentes da indústria de titânio poderiam causar irreparável dano à região. O correspondente usara o verbo ordenar e o adjetivo obediente. Os exemplares da gazeta passaram de mão em mão.

Jamais se tirou a limpo quem tivesse sido o misterioso correspondente. Doutor Helio Colombo, recordando a curta visita a Agreste, a pavorosa travessia de ida-e-volta, o caminho de mulas, a poeira e a sede, a mesa farta, o sabor e o tamanho dos pitus, a cor doirada e o incomparável paladar da ambrosia, reflete sobre as manhas e espertezas da gente do interior -- caipiras, tabareus. Parecem ingenuos e tolos, uns tabacudos. Vai-se ver, são uns finórios, enrolam os sabichões das metrópoles, na maciota. O mestre rememora a evidente curiosidade do tabelião, as perguntas capciosas durante o almoco. Pensara tê-lo engambelado. Volta a

ouvir o ressonar do simpatico gorducho, inexpressiva cara de lua-cheia, o ar apalermado, semimorto na sala da Prefeitura, portador das certidoes e da lata de doce de araca. Pai e filho, que dupla! 510

## DO BRINDE COM LICOR DE VIOLETAS.

O que aumenta a depressao de Dona Carmosina e o fato de todos pensarem nela quando tentam identificar o anonimo e informado correspondente. Aminthas vem lhe dar os parabens: -- Prima, voce e a maior. Como descobriu a trama? Nao descobrira nada, nao lhe cabe merito na denuncia, nem sequer soubera da passagem do Professor Colombo pela cidade, esta completamente por fora da jogada, acabrunhada. Alem do abalo causado pela noticia -- la se foi por agua abaixo o trunfo conquistado com o nobre gesto de Fidelio --, viu-se posta a margem dos acontecimentos. Antes nao se movia uma palha em Agreste sem seu conhecimento. Agora, era tomada de surpresa, um absurdo. Os olhos miudos de Dona Carmosina fazem-se opacos:

-- Soube pelo jornal, como voce. E dizer que ri na cara de Ascanio. . . Agora nao tem mesmo jeito. Estou desmoralizada. Murcho, arrasado, junta-se a eles o Comandante, larga em cima do balcao as folhas de papel com as assinaturas no memorial de protesto. Quem tem razao e Tieta: memorial e nada, a mesma coisa. O Comandante chega do cartorio onde conversou com Doutor Franklin e obteve confirmacao da noticia. Mesmo agindo em representacao de herdeiro presuntivo, nada podera fazer para impedir o ato de desapropriacao por motivo de utilidade publica. Qualquer acao na justica tera de ser posterior, de que adianta? Questao liquidada, a do coqueiral. Um clima de desolacao se estende sobre a agencia dos Correios. Apenas Aminthas nao se deixa abater e, com seu jeito gozador, tenta levantar o animo dos amigos:

-- O navio ainda nao naufragou, Comandante! Cade sua fibra, Carmo? Nunca vi ninguem entregar os pontos tao depressa. Apesar de que eu continuo a pensar que essa tal fabrica nao vai se instalar

aqui. . .

-- Nao vai? Trazem a Agreste um advogado da envergadura de Helio Colombo, levam Ascanio a capital. . . -- Pleiboi matuto. . . -- diverte-se Aminthas. -- . . . acertam os pauzinhos com ele, marcam a eleicao e voce ainda duvida da intencao deles?

-- Concedo que existem razoes para acreditar. De qualquer maneira, temos de agir como se fosse certo. . .

Muda repentinamente de assunto a aproximacao de bisbilhoteiros vindos do bar e do comercio, interessados na conversa: Agreste anda de orelha em pe e a noticia da proxima desapropriacao das terras despertou interesse incomum. Primeiro a chegar, Chalita encosta-se na porta, esgravata os dentes: -- Bom-dia, meus fidalgos. -- Bom-dia, pacha dos pobres. -- Aminthas nao se embaraca: -- Como estava dizendo, na minha opiniao os Beatles ainda nao encontraram substitutos. . . Depois do almoco passo em sua casa Carmo, levo o disco, voces vao ver que tenho razao. Ate logo, Comandante.

Cruza na porta com Edmundo Ribeiro. O coletor pergunta: -- Que me dizem da noticia? Sera mesmo verdade? Pelo jeito como as coisas marcham, daqui a dois anos ninguem vai reconhecer Agreste. Em casa de Dona Carmosina, enquanto Dona Milu serve doce de casca de laranja-da-terra, Aminthas assume pose de orador:

-- Respondam-me, os nobres correligionarios: para poder decretar a desapropriacao da area, Ascanio precisa ser eleito, nao e?

-- A data da eleicao ja foi marcada.

-- Sei disso, leio os jornais e ouco o falatorio. Mas, ao que eu saiba, o nosso pleiboi rural ainda nao esta eleito. -- Pouco falta. -- Constata o Comandante. -- Falta pouco ou falta muito, tudo depende. -- Depende de que? Voce duvida por acaso de que ele seja eleito?

A voz do Comandante Dario reflete desanimado e impotencia, Dona Carmosina ouve em silencio.

-- Posso vir a duvidar, por que nao? Dependendo das circunstancias, posso ate apostar que ele nao sera eleito. -- Como nao ha de ser

eleito? Candidato unico, candidato do Coronel Artur. . .

-- Basta que ele nao seja candidato do Coronel ou, em ultimo caso, nao seja candidato unico. . . -- Voce esta querendo dizer. . . -- interrompe, interessada, Dona Carmosina.

-- Que basta surgir outro candidato, capaz de derrotar Ascanio, seja na preferencia do Coronel, seja nas urnas. . . -- Estava me dando conta de onde voce ia chegar. Mas nao vejo jeito. O Coronel e padrinho de Ascanio, confia nele, no dia do enterro de Enoch disse que o novo prefeito ia ser Ascanio e todo mundo ficou de acordo. Nao vejo por que ha de mudar. 512

-- Sei la... O Velho anda biruta, ninguem ainda procurou saber o que o cacique pensa sobre a instalacao da fabrica, se e a favor ou contra. Nao custa conversar, tentar convence-lo. Mas se ele mantiver Ascanio, entao nos iremos para as urnas. -- Nas urnas, Ascanio e imbativel.

-- Imbativel? Talvez tenha sido, Carmo, nao e mais. Antes todos viam nele um rapaz trabalhador e honesto, nao havia duas opinioes sobre Ascanio e todos o queriam para Prefeito. Hoje, justa ou injustamente, para muito eles se transformou num homem a soldo da Brastanio, de olho no dinheiro de Leonora. Aqui para nos, a meu ver, Ascanio nao passa de um bobo alegre. Mas por ai, o menos que dizem dele e que esta de cabeça virada. Voce nao se deu conta, Carmo, que a unanimidade acabou? Comecando por nos, que estamos aqui. Antes, eramos todos eleitores de Ascanio, eleitores de cabresto. Hoje, meu voto ele nao tem. -- Nem o meu. -- Concorda o Comandante.

-- Ainda assim nao vejo quem possa competir com ele. -- Ficou cega de todo, prima.

-- Quem? Me diga!

-- O cidadao eminente, preclaro filho de Agreste, oficial de nossa gloriosa Armada, Comandante Dario de Queluz! -- Eu? Voce esta maluco? Nao sou politico e nao pretendo ser.

-- Exatamente. Os politicos andam muito por baixo, quem manda atualmente no pais sao os militares, nao e? Comandante, assuma

seu posto!

-- Eu? Jamais!

Aminthas não lhe dá atenção:

-- Vai ser dureza mas eu considero que poderemos ganhar, se.. .

-- Se?

-- Se a gente contar com o apoio de Dona Antonieta. Tendo Santa Tieta do Agreste de nosso lado, pedindo votos para o Comandante, e barbada.

-- Não aceitarei de maneira nenhuma... -- recomeça o Comandante, erguendo-se para sublinhar sua decisão. Dona Carmosina volta-se para ele, novamente esfogueada, em pé de guerra:

-- Como não aceita? Patriotismo se prova e nessas horas, Comandante.

Dona Milu traz calices, serve licor de violetas. A ocasião impõe um brinde. A velha senhora, em priscas eras, foi eficiente cabo eleitoral:

-- Saúde, Comandante! Vou começar a propaganda hoje mesmo. Já tenho um mote para a campanha: abaixo a podridão. -- Dona Milu saboreia o licor, estala os lábios.

## CAPÍTULO DE EVENTOS MEMORÁVEIS DURANTE OS QUAIS ASCANIO TRINDADE PERDEU A ELOQUÊNCIA E A CARAMBOLA -- PRIMEIRA PARTE: O CASO DO DISCURSO.

Entre a passagem do Doutor Helio Colombo por Agreste e a publicação da notícia em gazeta da capital, por duas vezes Ascanio Trindade esteve a ponto de perder a cabeça -- na primeira perdeu o fio do discurso, na segunda, a carambola. O caso do discurso sucedeu no comício improvisado para saudar a chegada às ruas do burgo dos postes da Hidrelétrica. Quando o engenheiro-chefe desceu do jipe e subiu a escada da Prefeitura, Ascanio Trindade, na sala de despachos, sozinho, busca digerir recentes e embaraçosas atitudes, tomadas à sua revelia, impostas por terceiros sem que



sobre elas lhe houvessem permitido opinar ou discutir. Satisfatorias, entretanto. Ignorando-lhe os escrupulos, pisoteando os preconceitos locais, o atraso sertanejo, Leonora o transporta cada noite ao paraíso, ou seja, a Bacia de Catarina. Solucionando intrincado problema, o famoso advogado ordenou-lhe desapropriar as terras do coqueiral, apenas assumo o cargo de Prefeito. Acatara as duas solucoes, ambas o comprazem. Persiste todavia dentro dele um laivo de descontentamento como se, ao concordar com tais iniciativas e delas participar, cometesse ato reprovavel. Analisando-as, nelas nao encontra nada de sujo ou desonesto. Por que entao o medo e a duvida? Exclusivamente por lhe faltar estofo de lider. Enredado em melindres, em relutancias e suscetibilidades provincianas, mentalidade estreita, assusta-se e vacila quando a conjuntura exige firmeza e audacia. Mestre Colombo e Leonora representam a mentalidade aberta e avancada das grandes cidades. Surpreendente Leonora, tao fragil e tao disposta, tao discreta e tao atrevida! A voz do engenheiro interrompe suas matutacoes: 514

-- Vim lhe convidar para assistir a colocacao do primeiro poste na cidade. Gostaria de chamar tambem a tal ricaca, a que manda no governo. Assim, terei o prazer de conhece-la. Empolgado com a noticia, Ascanio salta da cadeira, enfia o paletó:

-- Ela esta em Mangue Seco, o senhor vai conhece-la no dia da festa. Ja podemos marcar a data?

-- Digamos, o primeiro domingo daqui a quinze dias. Ascanio faz as contas, dezessete dias exatamente. Ao fixar a data para a grande festividade, o engenheiro determina o dia do regresso a Sao Paulo das Cantarelli, a viuva e a herdeira. Ascanio estremece: o curto tempo tao falado e repetido deixa de ser expressao vaga transformando-se em prazo fatal. Dai a dezoito dias, na marineti de Jairo, partira de Agreste a mais bela e pura das mulheres.

Celere, espalha-se a noticia, movimentando a cidade. Nas maos festeiras de Vava Muricoca, o sino da Matriz badala alvissaras. Padre Mariano surge no atrio. Por obra e graca de devota paroquiana, generosa ovelha do rebanho do Senhor, comendadora papalina,

meritissima, foi instalada nova rede elétrica no templo, cuja fachada, recoberta de lâmpadas coloridas, aguarda a luz de Paulo Afonso. Padre Mariano acelera o passo para alcançar Ascanio e o engenheiro-chefe. Manejando pás e picaretas, operários cavoucam o buraco onde se erguera o primeiro poste, no antigo Caminho da Lama, futura Rua Dona Antonieta Esteves Cantarelli. Dos becos e ruas, desemboca gente. Os últimos céticos rendem-se à evidência: mais duas semanas e Agreste estará consumindo força e luz da Hidrelétrica do São Francisco. Energia capaz de mover indústrias, luz forte e brilhante, vinte e quatro horas por dia, não mais a fosca e débil iluminação do motor, limitada a três horas, quando não há pane. A luz de Tietê. O nome da benfeitora passa de boca em boca, em louvor e admiração. Todos sentem orgulho da riqueza e importância, do prestígio e poderio da conterrânea, patrona da cidade e do município, filha prodiga e predileta. A ela, apenas a ela, deve-se aquele milagre -- verdade proclamada pelo próprio engenheiro-chefe.

Inacreditável milagre, define ele, de cima do caixão de querosene. Vendo dezenas de cidadãos comprimidos em torno aos engenheiros e aos operários, comentando, prontos para o aplauso, Ascanio manda o moleque Sabino em busca de um caixote; momento tão solene da vida de Agreste não pode transcorrer em branca nuvem. Improvisa tribuna e comício e, para iniciá-lo, convida o engenheiro-chefe, "comandante invicto dessa epica

batalha do progresso, a quem manifestamos nossa gratidão". Falto de dotes oratórios, o engenheiro reduz-se a quatro rápidas frases. Parabeniza o povo da região mas recusa agradecimentos, ele e sua equipe cumpriram apenas ordens da Companhia, ordens que de início lhe pareceram absurdas pois a extensão dos fios elétricos a Agreste fora um "autêntico, inacreditável milagre". Deviam agradecer exclusivamente à poderosa personagem que o proporcionara e a quem não tivera ainda o prazer de conhecer. Ao descer, é apresentado a alguns familiares da poderosa personagem:

a irma Perpetua, o sobrinho Peto, a enteada Leonora, a quem despe com olhos gulosos e competentes. Material de primeirissima, papa fina.

Leonora acha que Ascanio merece uma parcela dos aplausos e da gratidao pois se batera com desesperada pertinacia, sofrendo inclusive humilhacoes, para a obtencao daquela vitoria. Nada conseguira, e verdade, mas nem por isso seu esforco deve ser esquecido.

Alias nao lhe regateiam aplausos quando ele sucede ao engenheiro, sobre o caixote. Sobretudo ao se referir a atuacao de Dona Antonieta Esteves Cantarelli, a quem o povo de Agreste sera eternamente reconhecido. Ficasse por ai e com certeza compartilharia da gratidao expressa pelos presentes aos responsaveis por fios, postes, lampadas e iluminacao. O erro de Ascanio foi querer aproveitar a ocasiao para fazer propaganda da Brastanio. Num gesto imperativo apontou o chao, perguntando: a quem se deve o asfalto sobre o qual pisamos, cobrindo para sempre a lama secular na entrada da cidade? Quem enviou maquinas, tecnicos, operarios? A Brastanio, cuja presenca no municipio, significa a redencao de Agreste -- disse, repetindo o chavao da entrevista. Palmas e bravos, de mistura com apupos e apartes, divididas as opinioes.

-- Abaixo a poluicao! -- Brada Dona Carmosina. Ascanio nao da atencao, prossegue entusiasta e eloquente, mas logo anonima voz em falsete, evidentemente disfarçada, ergue-se na confusao do ajuntamento:

-- Cala a boca, pleiboi matuto! Tu ta e vendido! Ascanio engasga no meio da frase, sem conseguir localizar o canalha -- se for homem apareca e repita --, perde a seguranca e a eloquencia, alinhava o discurso. Ao descer do caixote, estrugem aplausos e vivas: dirigidos ao poste que os operarios acabam de colocar de pe, maravilha do seculo. Altissimo, de concreto, bifurcando-se em bracos para as lampadas, porreta. 516

SEGUNDA

PARTE  
DO  
CAPITULO  
DE  
EVENTOS  
MEMORAVEIS DURANTE OS QUAIS ASCANIO TRINDADE PERDEU A  
ELOQUENCIA E A CARAMBOLA -- O CASO DO BILHAR.

O incidente do bilhar teve por cenario o Bar dos Acores, onde as partidas decisivas do torneio anual por fim se realizaram. Atrasadas, pois o Taco de Ouro deveria ter sido proclamado em dezembro. Em Agreste, ultimamente, anda tudo em descompasso e em discordia. A rotina e a harmonia cedem lugar ao imprevisto e a contenda. Alastram-se a desconfianca e a irritacao, manifesta-se a cada passo evidente espirito belicoso.

A presenca da nata social, senhoras e senhoritas, empresta carater festivo a disputa. Desfile de toaletes caprichadas, como se na mesma occasiao fossem escolhidos o Taco de Ouro e a Rainha da Elegancia. As damas comparecem para torcer, respirar a excitante atmosfera do botequim, sobretudo para exhibir os trajes, cada qual mais pretensioso. Nos anos anteriores, ostentando vestidos mandados por Tieta, modas do sul, Elisa destacava-se das demais. Tampouco Asterio tivera maiores dificuldades para derrotar os parceiros. O casal acambarcava os aplausos: ele, tri-campeao, ela, absoluta! As coisas mudaram. Asterio, as voltas com a criacao de cabras e o plantio de mandioca, descuida-se dos treinos, enquanto Seixas e Fidelio passam horas e horas a carambolar. Quanto a Elisa, encontra rival a altura de sua beleza e elegancia: a formosa paulista Leonora Cantarelli, em ferias na cidade. A primeira partida foi ganha por Fidelio, perdida por Seixas. Nos pontos e na torcida. As primas de Seixas haviam recrutado colegas e amigas para engrossar as fileiras das incentivadoras do primo. Fidelio, arredio, nao recrutou ninguem, as fas compareceram de motu-proprio, numerosas. Constataram-se inclusive desercoes nas hostes de Seixas, em nitida prova da deterioracao dos costumes locais. A febre da traicao atingiu ate uma das primas, a estrabica, a mais linda. Perdendo o controle,

a falsa aplaudiu de pé jogada sensacional do adversário. Um vexame.

Dona Edna, cujos campeões, o fiel Terto (nem por manso e cornudo menos bom marido) e o volúvel Leleu, se encontram há muito desclassificados, não consegue esconder o despeito por não poder competir com Elisa e Leonora. Galante e ousada, não lhe faltam graça e porte, gosto no vestir; falta-lhe dinheiro ou irmã

generosa. Para compensar, onde quer que esteja, os olhos de frete percorrendo os homens presentes, fala pelos cotovelos, alfinetando o mundo. Língua louvada em mais de uma arte, exímia na arte de malhar a vida alheia, destila veneno, várias vezes o alfinete transforma-se em escalpelo. Se a repreendem, explica: por mais corte na pele dos outros, nunca conseguirei cobrar o que falam de mim. Durante o torneio, nem Peto escapa dos olhares doces e da ágre malícia de Dona Edna. Um Peto metido a rapaz, de calças compridas, sapatos postos, cabelos penteados. -- \_\_O que foi que deu em você, Peto? Virou homem. . . Olhos dolentes, sedutores, a ponta da língua roçando os lábios, para deixar o menino de pito aceso. Engracadinho o moleque, pestecendo a brilhantina. Mas quem bolee com os nervos de Dona Edna e o outro, o irmão, padrequinho no ponto exato, papa-missas divino. De Peto, Dona Edna passa para Elisa, com quem implica solenemente: a presunçosa agora habita uma das melhores residências da cidade sem pagar aluguel, fazendo ainda mais insuportável o ar dolente e superior que exibe em permanência. Dona Edna veio disposta a aperreá-la e a amofinar, ao mesmo tempo, a outra antipática, a hipócrita lambisgoia, Leonora. Qual das duas, a mais detestável? -- Você permite, Elisa, que eu torça pelo seu rico maridinho? Não tenha medo, não vou tirar nenhum pedaço... -- ri, em desafio.

Não importa o motivo a conceder a Asterio o privilégio da torcida de Dona Edna, a verdade exige que se diga dever-se a ela a vitória do tricampeão quando, considerando-se derrotado, já depositara o taco. Ao contrário da empolgante disputa entre Fidelio e Seixas, na qual

sucederam-se lances brilhantíssimos, a partida entre Ascanio e Asterio arrastou-se longa e enfadonha. Equilibrada, e certo, porém nos desacertos e nos erros. Os adversários revelaram falta de treino e extremo nervosismo. Estando fora de forma, decepcionaram o público e os apostadores. Durante o desenrolar da monotona competição, Elisa fingia não entender as provocações de Dona Edna - críticas às elegantes de segunda mão, palavras carinhosas de incentivo a Asterio como se ele fosse seu marido ou amante. Para não ouvi-la, concentra-se nos lances da partida. Não entende grande coisa de bilhar mas, ainda assim, dá-se conta da péssima atuação de Asterio. Se por acaso conseguir ganhar de Ascanio, igualmente ruim, perderá com certeza para Fidelio cuja exibição despertara entusiasmo geral. Engracado como os homens são surpreendentes. Fidelio vivera até então retraído em seu canto, não se ouvia 518

referência a seu nome. De repente, devido ao assunto do coqueiral, transformara-se numa das pessoas mais badaladas da cidade. Segundo dizem, suas casmurrias não passam de sabedoria e sossego; um devasso enrustido. Sim, os homens são imprevisíveis: não houvesse Dona Carmosina lhe contado tantas histórias de Fidelio, Elisa jamais acreditaria fosse ele um dom-juan. E o que dizer então de Asterio, de seus gostos e preferências? Pelo visto, a vagabunda da Edna, com aquela bunda chulada, está perdendo tempo, nunca terá vez. Num gesto brusco, Osnar atira longe o cigarro de palha, ao ver Asterio, em quem apostara forte, botar fora a última chance de vitória. A última porque a partida chegara ao fim, faltando a Asterio três pontos e a Ascanio apenas um. A diferença, para um tricampeão, recordista de carambolas, significava pouco pois lhe cabia jogar. Mas Asterio afobara-se, perdera a tacada, deixando a bola na medida para Ascanio: bastaria calcular com precisão a força da tacada para marcar o ponto do triunfo. Asterio encosta o taco, nada mais pode fazer, dia negro. Sente uma contorção no estômago, a primeira após a compra das terras de Jarde; pensava-se curado. Ascanio contempla a mesa do bilhar, sorri vitorioso para Leonora, passa giz no taco, aproxima-se sem pressa, considera a partida

ganha. Faz-se silencio na sala, rompido pela voz de Dona Edna, estridente:

-- Osnar, voce que e o Presidente do Clube da Bacia de Catarina, me diga se e verdade o que anda correndo por ai. . . Debruca-se Ascanio sobre a borda do brunswick, coloca o taco, recua o braco, pronto para fazer a carambola. -- . . . que a beira do rio nunca andou tao frequentada, so se ve cara nova, cara de forasteira. . . que a forasteira nao perde nem uma noite. . .

O taco espirra, apenas move a bola, ajeitando-a para Asterio. No eco da voz de Dona Edna, Ascanio perde a carambola e a partida.

DA PRIMEIRA VITORIA DO CANDIDATO ECOLOGICO, CONCEDENDO-SE AO LEITOR A REGALIA DE VER O COMANDANTE DARIO DE QUELUZ ENVERGANDO FARDA DE GALA.

-- Meu Deus, o que teria sucedido? Olhe para ele, Cardo. . . -- Tieta aponta o Comandante Dario de Queluz, sentado na proa da embarcacao embicada na areia, enfiando meias e sapatos brancos antes de pisar na praia.

-- Nem que hoje fosse Sete de Setembro -- comenta o seminarista, nao menos assombrado.

Uma vez por ano, no dia sete de setembro, em homenagem ta da Independencia, Comandante Dario retira a farda do armario e da naftalina, mete-se nela e engalanado comparece a solenidade comemorativa, no Grupo Escolar. Durante o resto do ano gasta calca e camisa-esporte na cidade, shorte e camiseta na praia. Por que cargas d'agua aparece de uniforme, reluzindo ao sol de Mangue Seco? Jamais Tieta o vira assim trajado. Fica diferente, sobranceiro e austero, parece outro, impoe respeito. Deve ter sucedido algo muito grave para o Comandante envergar a tunica de gala e ostentar a medalha do merito naval. Tieta e Ricardo acorrem a seu encontro:

-- Cade Laura? Ela esta bem? -- pergunta Tieta, preocupada.

-- Esta bem, mandou lembrancas. Ficou em Agreste, eu volto em

seguida. Vim aqui so para conversar com voce, Tieta. -- A voz severa. -- Assunto serio e reservado. Inquieto, Ricardo olha para a tia: tera a conversa a ver com eles? Vai-se afastando, o Comandante o retem: -- Nao precisa ir embora, Ricardo, voce ja nao e um menino. Mas fique avisado: nada do que for dito aqui pode transpirar. Conversa sigilosa.

A farda estabelece compostura e distancia, firmeza de maneiras, pose quase arrogante. Chegam ao Cural, onde Tieta serve agua-de-coco -- uma das preferencias do Comandante: nao existe diuretico igual, cara amiga! --, poe a chaleira no fogo para passar um cafezinho.

-- A data da eleicao foi marcada, Tieta. -- Ja se esperava, nao? Carmo me disse que os jornais estavam falando. . .

Comandante Dario relata a visita do Doutor Helio Colombo, professor de Direito, advogado famosissimo, um cerebro, uma capacidade, enviado a Agreste pela Brastanio. Sabem para que? -- pergunta, os olhos fuzilando de indignacao, a voz funerea, como se denunciasse conspiracao monstruosa, trama sinistra. Alias, e o que esta fazendo: tentando desmascarar e derrotar torva maquinacao, abominavel cabala. Ricardo escuta atento, olhos arregalados, indignado e solidario; Tieta ainda nao 520

entende o motivo da farda e da enfase, da atitude heroica e dramatica do Comandante.

-- Sabe, minha amiga, qual sera o primeiro ato de Ascanio apos a posse? Nao sabe? Vou lhe dizer: sera desapropriar a area do coqueiral e em seguida cede-la a Brastanio. Por isso estou aqui, Tieta, vim lhe buscar.

Ainda embatucada, Tieta forca o riso:

-- Se fardou para isso? Ou vai me levar presa?. . . O militar nao a acompanha no riso e na pilheria: -- Nao brinque com coisa seria, Tieta. A unica maneira de prevenir a catastrophe, de salvar Agreste, e impedir a eleicao de Ascanio.

-- Impedir? De que jeito?

-- Elegendo outro candidato.



-- Qual? -- repentina suspeita altera-lhe a voz. -- Não venha me dizer que você e a maluca da Carmo me escolheram... -- Essa seria a solução ideal se você não vivesse em São Paulo. -- O Comandante retira o boné, limpa o suor, coça a cabeça. -- Você me conhece, Tieta, sabe que não sou homem de mentiras. Deixei a Marinha e voltei para Agreste porque desejo viver em paz o resto de minha vida, tranquilo ao lado de minha mulher, nesse pedaço de paraíso. Você sabe que não tenho outras ambições, sou feliz assim. -- Era como se houvesse despido a farda, novamente simples e cordial, despretensioso. -- E quem não sabe? Também eu, certos dias, em São Paulo, tenho vontade de largar tudo e vir de vez para Agreste. Por isso comprei casa e terreno. Um dia vou fazer o mesmo que você. -- Com uma fábrica de dióxido de titânio funcionando aqui, nem vale a pena pensar nisso, nosso paraíso vai virar uma lata de lixo, como aconteceu na Itália. Enfrentamos uma situação excepcional, Tieta. -- Formaliza-se, a voz composta, o gesto firme, o olhar beligerante. -- Tão excepcional que me dispus a aceitar minha candidatura, proposta por um grupo de amigos. De patriotas. Para que essa candidatura deixe de ser apenas um gesto, para que tenha possibilidade de vitória, é necessário que você se disponha a tomar a frente da campanha. Todos são de opinião que o povo apoiará seu candidato. Tudo depende de você. Vim lhe convocar, em nome do futuro de Agreste, para lutar por uma causa sagrada. Tieta escuta, os olhos postos na face crispada do amigo. Pobre Comandante a comandar uma batalha perdida. Fanático pelo clima de Agreste, pela selvagem beleza de Mangue Seco, largará a carreira, despira a farda para ali esperar a morte, desfrutando por muitos e longos anos vida sadia e tranquila. Tudo isso terminou,

Comandante. Não adianta retirar a farda do guarda-roupa, colocar a medalha na túnica.

-- Você acredita que nós, de Agreste, podemos influir para a fábrica não se instale aqui? Eu não creio. Sei como essas coisas se passam. São decididas a revelia do ze-povinho, não pedem a opinião da

gente. Voce vai sair dos seus comoros, vai. . . -- Vou cumprir o meu dever. E nossa obrigacao, a minha, a sua, dos que sabem o que significa essa industria. Mesmo se tivesse de ficar brigando sozinho. . . Eu lhe disse, se lembra, que farei tudo para evitar a poluicao de Agreste. -- Me lembro...

Ricardo intervem, a voz em borbotoes:

-- Me desculpe, tia, mas o Comandante tem razao. Frei Timoteo falou que a gente deve agir sem perguntar pelo resultado. Pedro tambem pensa assim.

Tieta reve a figura magra do frade, a fisionomia franca e simpatica do engenheiro, volta a ouvir a branda e fervorosa voz do religioso, o acento vibrante e apaixonado do ateu, um e outro referindo-se a crime e obrigacao, perturbando-lhe o dolce far niente, fazendo-a sentir-se a ultima das ociosas, das inuteis, das imprestaveis. Agora aparece o Comandante, fardado, solene, exigindo o cumprimento do dever. Para se viver bem, repetia Felipe, homem sabio, e necessario antes de tudo abolir a consciencia. A merda e que nem sempre se consegue. Ferve a chaleira, Tieta passa o cafe, coloca xicaras na mesa. Ali Ascanio Trindade estendera o colorido desenho de Rufo, a deslumbrante visao do futuro. Escurecem novamente os olhos de Tieta recordando o asfalto derramado, soterrando o mangue, as vivendas erguidas sobre os escombros da povoacao. Choupanas, caranguejos, pescadores, sonhos adolescentes, dias de paixao, enterrados na podridao do dióxido de titanio. Nenhuma pastora de cabras voltara a subir os comoros, nunca mais.

DE COMO PERPETUA, MAE DEVOTADA, ENGOLE SAPOS E FAZ DAS TRIPAS CORACAO.

O inesperado regresso de Tieta, levada pelos deveres civicos a interromper a paradisiaca temporada na praia -- acontece cada coisa nesse mundo que ate Deus duvida --, foi saudado com vivo 522

entusiasmo e farta bajulacao por Perpetua, ja disposta a ir a Mangue

Seco para uma conversa decisiva com a irma sobre o futuro dos filhos, Cardo e Peto, na qual concretizasse amadurecidos planos, colocando os pontos nos ii, o preto no branco. De preferencia no cartorio, com firma reconhecida. Acolhe o filho e a irma num exagero de efusao, estranho a sua natureza:

-- Deus te abencoe, meu filho, e te mantenha no bom caminho para continuar a merecer a protecao de tua tia. -- Ah! quem a viu e quem a ve: antes seca e distante, agora abrindo os bracos para Tieta, calorosa, quase servil. -- Gracias a Deus que voce voltou, mana. Nao aguentava de saudade. Peto tambem, ele lhe adora, vive com seu nome na boca, pergunte a Leonora. -- E sim. Peto e um amor... -- confirma Leonora, ainda surpresa com a reviravolta nos planos de Tieta. -- Temos muito que conversar antes de sua viagem, mana. Nem quero pensar nesse dia. Vou sentir demais a falta de voces. -- faz das tripas coracao, estende a adulacao a enteada da irma. -- A tua tambem, Nora.

-- Nao lembre coisas tristes, Dona Perpetua. Ao ouvir o lamento da despudorada, Perpetua, em novo esforco, balanca a cabeça num gesto de lastima, a voz sibilando afetuosa repreensao:

-- Imagine, Tieta, que essa boba esta caidinha por Ascanio... Bonita e rica como ela e, podendo escolher em Sao Paulo o noivo que quiser, perde tempo namorando um pe-rapado daqui. Nao digo que seja mau rapaz mas nao tem onde cair morto. Nao e partido para ela, ja avisei mil vezes.

Vibrante de interesse pela felicidade de Leonora. Das tripas coracao -- Perpetua abafa o desejo de bradar contra a falta de vergonha da sirigaita, a chegar fora de horas todas as noites, afogueada, o vestido amarfanhado, vinda sabe Deus de onde. Ora, de onde: da descaracao na beira do rio, noite apos noite; todo mundo comenta. Perpetua engole indignacao e nojo, o futuro dos filhos exige elogios, sorrisos, silencio, ela paga o preco. Na hora da prestacao de contas, o Senhor Todo-Poderoso, com quem estabeleceu um trato, lancara a seu credito os sapos engolidos, as muitas vezes que fez das tripas coracao. Como agora, ao receber o filho e a irma, vindos de Mangue Seco, queimados de sol, cheirando a maresia, respirando saude e satisfacao. -- Feliz da moca que casar com Ascanio, Dona Perpetua.

Ele e um homem maravilhoso.

-- Um pobretao, te esconjuro. \_ -- Ainda bem, Perpetua, que te encontro nessa disposicao,

pois estou pensando em prolongar um pouco mais minha demora. Ia no dia seguinte ao da festa, talvez fique ainda uns dias. . . Tieta vai para a alcova, arrumar seus terens, Leonora a acompanha. Perpetua volta-se para o filho, antes de agir deve conversar com ele, saber se a tia falara novamente em leva-lo para Sao Paulo, se lhe fizera promessas, quais e quando, se insinuara por acaso adota-lo. Por que ja estando de data marcada para viajar, decidira demorar-se? Mas Ricardo, apressado, deposita o embrulho com roupas e livros, ganha a rua, a pretexto de pedir a bencao ao Padre e se apresentar ao Comandante. -- Ao Comandante? -- espanta-se Perpetua. -- Vou trabalhar para o Comandante no resto das ferias. -- Que historia e essa?

-- A tia depois explica, Mae. Agora nao posso, nao tenho tempo. Escapa porta afora, sem pedir licenca. Perpetua, atonita, reconhece o tom de voz, o olhar, o riso, o atrevimento; de ha muito lhe sao familiares. Tom de voz, olhar, riso, atrevimento -- era ver Tieta menina, da idade de Ricardo, alheia as ordens do Pai, a violencia, aos gritos e castigos, a taca e ao bordao. Rebelde, dona de sua vontade.

-- Valha-me Deus! -- geme Perpetua, a mao no bolso da saia negra, tocando as contas do terco.

## DOS URUBUS EM DESCOMPASSADO BALE.

Advogados e herdeiros trotam nas ruas de Agreste, poucas e ermas, em reunioes e cochichos, acordos e desacordos, descompassado bale. Da pensao de Dona Amorzinho para o cartorio, do cartorio para o gabinete de Modesto Pires, no curtume, dali para a Prefeitura. Ora juntos, solidaria curriola, combatentes da mesma incerta causa, aliados na decisao de obter o maximo pelos terrenos do coqueiral,

herdados de um vago tataravo. Ora cada um de per si, as escondidas, tentando engabelar os demais, guerrilheiros em barganhas e futricas, na ansia de abocanhar o melhor bocado. Bando de urubus em torno da carnica, na definicao de Modesto Pires.

Doutor Marcolino Pitombo nao se assemelha a um urubu, 524

muito ao contrario. Impecavel no terno branco, chapéu panama, bengala, sorriso bem-humorado, nao demonstra irritacao ou espanto quando Josafa, esbravejando, exhibe o exemplar de *A Tarde* com a noticia da presenca do Professor Colombo e do conchavo com Ascanio para a desapropriacao do coqueiral. A controversa solucao deixara os herdeiros perplexos e aflitos. Doutor Marcolino nao perde a fleuma:

-- Golpe magistral, exatamente o que eu faria se fosse advogado da empresa. Tiro meu chapéu a mestre Colombo, foi direto ao alvo. Nao lhe disse, Josafa, que esse moco, candidato a Prefeito, e um pau-mandado da Brastanio? Ainda por cima, tolo. -- Revela, com certa satisfacao. -- Eu ja estava a par dessas noticias.

-- Ja sabia? Como?

-- Soube no mesmo dia. Pelo nosso insuperavel Bonaparte. Andei soltando uns trocados para ele, recorda-se? Dinheiro bem empregado.

Durante aqueles dias analisara o problema, tracando novo esquema de acao e o propoe a seus constituintes. Em verdade, apenas a um deles, Josafa. O velho Jarde, encerrado na pensao, nao se interessa por nada desse mundo. Josafa escuta, de orelha murcha. Anda estomagado com a marcha da questao: a acao de posse eterniza-se em mao do juiz de Esplanada. O dinheiro obtido com a venda da roca se esvai, Josafa teme que a indenizacao a ser paga pela Prefeitura nao chegue para cobrir a quantia ja despendida. Sonhara multiplicar aquele dinheiro numa jogada espetacular, sera feliz se no final nao sair com prejuizo. -- Devemos ser realistas. A manobra de mestre Colombo nos deixa reduzidos a pequena area de manobra. .. Doutor Marcolino enxerga uma unica escapatoria, capaz de

proporcionar melhor preço pelos terrenos, evitando ao mesmo tempo novas despesas: buscar um acordo direto com a Brastanio para ceder imediatamente a Companhia os direitos a herança do legendario Manuel Bezerra Antunes. Transferidos os direitos, cabera a Brastanio levar adiante a açao de posse. Para isso os herdeiros deviam agir unidos. Diante da ameaca de desapropriacao, a propria intransigencia do jovem Fidelio perde a razao de ser.

Josafa aprova a ideia, seduzido sobretudo pela perspectiva de liquidar a questao quanto antes, encerrando o capitulo dos gastos, incluindo os honorarios e as despesas de estada do Doutor Marcolino. Faz-lhe justicia: caxixeiro competente e honrado. Fosse outro, trataria de prolongar ao maximo essas ferias bem pagas, deixando a causa se arrastar no forum enquanto sobrasse dinheiro

a Jarde e Josafa.

Sim, dias adoraveis, inolvidavel temporada! Em Agreste, Doutor Marcolino ganhou cores, engordou, livrou-se das caibras nas maos e nos bracos, que tanto o assustam, estabeleceu amaveis relacoes com os habitantes da cidade. No bar, conversa com Osnar e Aminthas, joga gamao com Chalita; na agencia dos Correios, le jornais, troca ideias com Dona Carmosina, pessoa de muita instrucao, a quem nao esconde sua opiniao sobre a industria de dioxido de titanio; no atrio da Matriz discute religiao com Padre Mariano, revela-se franco-macon; frequenta a pensao de Zuleika Cinderela, onde costuma aparecer nos fins de tarde -- o clima de Agreste, como se sabe de sobejo, realiza prodigios. Enquanto explica, Doutor Marcolino toma-se de compaixao e raiva -- maldita fabrica, vai acabar com o clima miraculoso e com a docura da vida: -- Seu Josafa, eu lhe digo que estamos sendo todos nos culplices de um crime. Profissao mais desgracada, essa minha. . . -- Crime coisa nenhuma, doutor. Isso aqui nao vale de nada, o lugar esta se acabando. Pode ser ate que, com a fabrica, venha a melhorar. . .

DAS RAZOES DIFICEIS DE EXPLICAR E DE ENTENDER.

Na alcova, a sos com Tieta, Leonora narra alegrias e tristezas, exaltada:

-- Maezinha, nao sei como lhe agradecer por me ter trazido. Tem sido tao bom. . . E verdade que vamos demorar mais uns tempos? -- toma a mao de Tieta, beija-a, nela encosta o rosto, grata e terna.

-- E bem capaz, mais umas semanas, ainda nao sei quanto. Mas, cabrita, deixe para pensar na separacao quando estiver na marineti. Ate la, aproveite o mais que puder, esqueca que tem de ir embora. .

-- Se eu pudesse. . .

-- Deixa pra la, ja te disse. E a beira do rio? Me conta. . . -- Tu nem imagina, Maezinha, como foi dificil convencer Ascanio. Nao queria nem tocar no assunto, foi arrastado por mim. Tem medo de ver meu nome na boca do povo, que eu vire moca 526

falada. . . Pobrezinho, fico ate com remorso. Outro dia, no bilhar, perdeu a partida para Asterio porque achou que Dona Edna estava referindo-se a mim, numa conversa com Osnar. -- Vai ver, estava mesmo, a puta descarada. -- Para dizer a verdade, nao sei. A gente toma muito cuidado, Ascanio e por demais cauteloso. Sabe, Maezinha, do que eu tinha vontade? De dormir uma noite inteira com ele, pelo menos uma, antes de ir embora. Numa cama de verdade, em cima de um colchao, os dois pelados, sem pressa, sem sustos, sem ter de falar baixo. So que nao vejo onde. -- Tu nao ve? E a casa dele? Ao que sei, mora sozinho. -- Sozinho, nao. Tem Rafa.

-- A criada? Nao e uma velha broca, surda, quase cega? Entao, cabrita? Nao sei como tu ia se arranjar se nao fosse eu. . . -- Sera que ele topa? E tao escrupuloso! Ai, Maezinha, nao me conformo quando penso que tenho de ir embora. Vou morrer de saudades.

-- Saudade e igual a amor, Nora. Nao mata, ajuda a viver. Leonora nao se limita ao relato do namoro, fugas noturnas para os esconsos do rio, sussurrando poemas, suspiros contidos. Refere tambem desagradaveis episodios; com essa historia da desapropriacao do coqueiral, Ascanio nao tem um minuto de sossego. De tudo, o mais

triste fora a ruptura das relações pessoais com Carmosina. Ascanio tentara o possível e o impossível para evitar aquele desfecho, deixando inclusive de aparecer na agência dos Correios para não ouvir provocações e diálogos. Mas, ao saber da visita da fofqueira a Fazenda Tapitanga, onde fora com o objetivo de intrigá-lo com o padrinho e protetor, Ascanio não mais se conteve. A perfida assacurou cobras e lagartos contra a Brastanio, lera recortes de jornais, criticara o apoio da Prefeitura aos planos da Companhia, referira-se a abuso de confiança. O Coronel, baratinado, mandara chamar o afilhado, exigira explicações, o que fora fazer na Bahia, que história era essa de desapropriação? Ascanio, indignado e ferido, sem atender aos rogos de Leonora, dirigira uma carta -- carta comovente, Maezinha, até chorei quando ele leu para mim -- a intrigante, rompendo relações, pondo fim a uma amizade "que eu pensava ao abrigo das divergências". Epistológrafa não menos competente, Dona Carmosina revidara as acusações de aleive e insidias, em missiva de estilo e conteúdo igualmente dramáticos: "voce atirou minha amizade, provada em momentos cruciais, na lata de lixo da Brastanio".

-- Que horror essa briga, Maezinha. Antes, antes eram todos tão unidos. Gosto muito de Carmosina, morro de pena. Tieta acarinha a fulva cabeleira da moca: -- Tu não sabe ainda por que voltei de Mangue Seco. -- Me admirei. Pensava que Maezinha só ia vir no dia da festa.

-- Era essa a minha intenção. Se tu está contente aqui, muito mais estava eu em Mangue Seco. Gozando as delícias do paraíso, cuidada por meu arcanjo. Pois bem, larguei tudo e vim. -- E por que, Maezinha?

-- Porque não pude me impedir. Fiz tudo para não vir, acabei vindo. O pior é que eu sei que, no fim, não vai adiantar de nada. Não foi Maezinha quem veio, Nora. Foi Tieta, aquela menina das cabras que brigava com a polícia ao lado dos pescadores. Não sei explicar mas, se eu não viesse, acho que nunca mais teria coragem de por os pés



aqui.

Tampouco Leonora tem certeza de entender. Tieta levanta-se, chega a janela, olha o beco, pobre Leonora! -- Vim acabar com a candidatura de Ascanio. Por bem ou por mal.

-- Ai, Maezinha! O que vai ser de mim?

-- Isso nao tem nada a ver com teu xodo. Nao se meta em nossa briga, tu nao e daqui, esta de passagem, esse assunto so interessa a quem e de Agreste. Trata de amparar teu homem, se tu gosta dele tanto quanto diz. Ele vai precisar.

ONDE A CARNICA COMECA A FEDER.

Apopletico, Modesto Pires grita, fora de si: -- Bando de urubus!  
Canuto Tavares (duas vezes Antunes) ergue-se diante do dono do curtume:

-- E o urubu mais porco de todos e o senhor! Usurario, agiota!  
Os doutores Baltazar Moreira e Gustavo Galvao, quase sempre de comum acordo, trocam desaforos: 528

-- Desleal! Hipocrita! Salafrario!

-- Ignorante! Primario! Analfabeto!

Doutor Franklin, em cujo cartorio acontece a baderna, tenta apazigua-los:

-- Meus senhores, meus caros senhores, calma. . . Teme que passem dos insultos aos tabefes. Dona Carlota, diretora de colegio, habituada ao respeito, inicia um chiquie. Doutor Marcolino vale-se do faniquito da histerica solteirona para obter calma e silencio:

-- Vamos ouvir o que o Doutor Baltazar tem a nos dizer. Ja que ele tomou a iniciativa de procurar a Brastanio. . . -- Tomei e nao preciso pedir licenca a ninguem para agir em defesa dos interesses de meus constituintes. . . Se querem ouvir, darei a informacao, se bem nao seja obrigado a faze-lo. . . O bafafa comecou quando, reunidos no cartorio a pedido do Doutor Marcolino, em meio a explanacao feita por ele, o Doutor Baltazar o interrompeu, anunciando:

-- A medida que o colega propoe eu ja a tomei, por conta propria. Nao vale a pena perder tempo repetindo a mesma diligencia. Por conta propria ou seja por conta de Dona Carlota e de Modesto Pires, a revelia dos demais, pelas costas, traicao, punhalada vil. A assembleia tornou-se tumultuosa. Mas Doutor Marcolino, sempre sorridente, consegue acalma-los, decepcionando o jovem Bonaparte, chegado a filmes de pancadaria: tivera fundadas esperancas de assistir a uma cena de pugilato entre Canuto e Modesto Pires, o quotidiano de Agreste torna-se excitante. Doutor Marcolino propoe que os epitetos sejam retirados, de lado a lado; Dona Carlota, atendida pelo tabeliao, volta a si, ainda tremula. Insultos, ameacas, desmaio, como se Doutor Baltazar houvesse abiscoitado para Dona Carlota a dinheirama da Brastanio. No entanto, conforme explica o advogado, os resultados de seu contato com a diretoria da empresa haviam sido negativos. Para comecar, ao sabe-lo patrono de herdeiro do coqueiral, mandaram-no dirigir-se ao escritorio do Doutor Colombo, o que ele fez. Nao falou da longa e humilhante espera na ante-sala, ao contrario, ressaltou a cortesia com que o mestre o tratara. Cordial porem categorico. Segundo disse, o interesse da Brastanio por Agreste ate aquele momento era puramente teorico, pois o Governo do Estado ainda nao se pronunciara sobre a localizacao da industria. Havia, e certo, possibilidades de a fabrica ser instalada em Agreste, mas antes de uma decisao das autoridades competentes, a Brastanio sentia-se impedida de estabelecer

acordos, discutir precos, adquirir terrenos. Ali ou alhures, onde fosse. Como passar por cima do Governo, adiantando-se a uma decisao oficial, ainda em estudos. Ademais, como tratar com pessoas faltas de qualquer condicao juridica, pseudos-herdeiros, sem direitos assegurados? Antes de propor acordos, devem procurar

o reconhecimento de suas pretensões, pois a companhia, se for o caso de conversação e acerto, tratará somente com herdeiros proclamados como tais pela justiça. Quanto a alardeada desapropriação, sobre ela, declarou nada saber, não deve passar de especulação da imprensa:

-- Mas, se o Prefeito pensa em desapropriar a área visando futura valorização, isso é problema dele e não meu. . . Com essa afirmação, evidentemente falsa, mestre Colombo despedira o prezado colega. Doutor Baltazar termina a narrativa afirmando, conciliatório, ter sido sempre sua intenção relatar essas demarches aos demais herdeiros. Segue-se um silêncio de meditação, logo interrompido por Canuto Tavares: -- Pelo visto estamos no mato sem cachorro. . . Não é essa a opinião do Doutor Marcolino que reclama a reconciliação geral tendo em vista uma ação coletiva junto ao futuro Prefeito. Bem conduzida, a desapropriação poderá revelar-se solução aceitável. Não adianta tentar impedi-la por ser medida legítima; devem torná-la proveitosa. Que acham os caros colegas? No calor da tarde, lá se vão eles, trotando nas ruas de Agreste. No cartório, Doutor Franklin aperta as narinas com os dedos, murmurando:

-- Esta cheirando mal. . .

Bonaparte lastima:

-- Pensei que Canuto fosse meter o braço em seu Modesto. Ia ser sensacional... Já pensou, Pai?

-- Nem quero pensar.

ONDE

O

LEITOR

TOMA

CONHECIMENTO

DA

EXISTÊNCIA DE UM COMITÊ ELEITORAL AINDA CLANDESTINO.

Pau para toda obra, Ricardo transforma-se em importante peça da esforcada equipe que trabalha em segredo no quintal do 530

chale do Comandante, transformado em sede de comite eleitoral. Por ora clandestino, pois a candidatura permanece secreta, conhecida apenas de alguns conspiradores. O Comandante concordara com o um pedido de Tieta: nao bote o andor na rua antes que eu tenha conversado com Ascanio e com o Coronel Artur. Ricardo ajuda nos trabalhos de carpintaria e de pintura, vai comprar pano na loja do tio Asterio, serve de elemento de ligacao dos conjurados, circulando entre a agencia dos Correios, o bar, a casa de Dona Milu, sem esquecer as sagradas obrigacoes para com a Igreja. Na Igreja reencontra Cinira, estudando para beata, galgam os degraus da torre, ela na frente, ele atras a contemplar. Em correria pela cidade, certamente na intencao de cortar caminho, penetra em becos e desvios, resvala nos bracos de Maria Imaculada, toda ela em dengue e queixa: pensei que tu nunca mais ia aparecer, bem. A noite, participa da conferencia do Estado- Maior -- Dona Carmosina, Aminthas, o Comandante --, vibra com os planos da campanha, antes de recolher-se aos seios de Tieta. Na furia dos dezessete anos, devotado e incansavel, cumpre com brilho os deveres de cidadao e de homem. Pau para toda obra. Portador de uma peca de algodaozinho, no quintal deserto na hora da sesta, Ricardo ouve um discreto psiu a chama-lo, nao ve ninguem. Mais forte o apelo se repete, proveniente do outro lado da cerca.

O quintal do chale limita com o quintal da casa onde vive, submissa mas nao resignada, a defesa e cobicada Carol. Garantia de tranquilidade para Modesto Pires, a quem uma sina injusta e o poder do dinheiro concederam direitos exclusivos sobre a beldade em cativo; impossivel melhor vizinhanca. A incuravel monogamia do Comandante e publica e notoria; o proprio Osnar perdeu a esperanca de um dia conduzi-lo a alegre convivencia da pensao de Zuleika. Acresce o sentimento de gratidao, profundo em Carol, fazendo-a devota de Dona Laura. As senhoras de Agreste evitam qualquer contato com a amasia do ricalhaco. Todas, a excecao de Dona Laura de Queluz, nascida e criada no sul, liberal. Tambem Dona Milu dirige-lhe a palavra e a trata como um ser humano mas Dona Milu nao conta: por viuva, provecta e parteira, esta acima dos

canones locais, alem do bem e do mal.

Florida cerca de arame no qual se enramam trepadeiras azuis e amarelas separa os dois quintais. Pelas fendas da cerca, acontece Carol espiar o quintal vizinho, quase sempre silencioso e tranquilo, mesmo quando os donos da casa estao na cidade. Por vezes Gripa, a empregada, vem colher limoes. De manha cedo, o

Comandante dedica-se a ginastica que, somada ao mar de Mangue Seco, ajuda-o a manter a forma atletica. Admira-lo e prazer platonico, inconsequente, pelas razoes expostas. A integridade do Comandante e a gratidao da manceba reduzem o espetaculo a pura emocao estetica. Assim sendo, imagine-se a surpresa de Carol ao constatar desabitual movimento do lado de la da cerca. Colocando-se a espreita, notou a existencia de estranho material de trabalho, tabuas, ripas, pano, cartolina, tintas, a disposicao de sensacional trupe. Dela participam os galantes mocos do bar -- Aminthas, que lhe pisca o olho e acena adeus, Seixas, o dos longos suspiros ao passar sob sua janela, Fidelio, dos quatro o mais bonito, reservado e esperto, aguardando um ensejo propicio, e o descarado Osnar. De repente, acompanhados por Dona Carmosina, invadiam o quintal, desenrolavam pano e cartolina, batiavam martelos, misturavam tintas. O Comandante ditava ordens. Seu Modesto, em noite recente, disse que o povo de Agreste anda de cabeça virada.

A excitacao da opipara e proibida Carol chega ao cumulo quando percebe, atraves das folhas das enredadeiras, o vulto inesperado e angelico do adolescente Ricardo, de pe maneiro e perna cabeluda. Adormece com ele nas noites de agonia e desamparo, acarinhando o travesseiro. Agora o tem ali, ao alcance da mao. Seu Modesto sabe o que diz, Agreste ganha repentino encanto.

Repete o psiu, Ricardo se adianta, coloca o rosto na fresta, uma coroa de flores na cabeça.

## DO BANZO, DIAGNOSTICADO POR OSNAR.

Na pensao de Dona Amorzinho, definha o velho Jarde Antunes, outrora agricultor laborioso, jovial criador de cabras. Passa a maior parte do dia estendido na cama, morrinhento, nada no mundo o interessa. Josafa, vez por outra, tenta reanima-lo: -- Daqui a mais uns dias, Pai, logo se venda o terreno e embolse os cobres, a gente se toca para Itabuna. Vosmice vai ver o que e terra fertil, gado gordo, cada res de encher os olhos, vai conhecer roca de cacau. Aquilo, sim, vale a pena, nao sao esses tabuleiros daqui, secos, esturricados. Tenha um pouco de 532

paciencia.

Os olhos do velho persistem fixos nos caibros do teto, Josafa se agasta:

-- Esta se sentindo doente, Pai? Quer que chame o medico? -- Precisa nao. Tenho nada, nao.

Bom filho, Josafa perde tempo contando-lhe detalhes sobre a marcha da demanda, idas e vindas dos advogados, matreirices de Modesto Pires, duvidas sobre Ascanio, quando nao descreve as opulencias do sul do Estado, a grandezza do cacau. Nao tem sequer certeza se o velho o escuta.

-- Esta ouvindo, Pai?

-- Tou, sim, meu filho.

No calor da tarde, a leseira aumenta, Jarde cerra os olhos, indiferente a tudo. Ou a quase tudo, pois lhe acontece, de raro em raro, calcar as alpargatas, sair do quarto e da pensao, atravessando a rua em direcao a loja de Asterio. Em busca de noticias da Vista Alegre, das cabras e de Seu Me. As noticias sao boas, Jarde cobra alento ao ouvi-las, chega a sorrir. Discorre, com Asterio e Osnar, sobre os costumes das cabras; nao existe animal, domestico ou selvagem, que com elas se possa comparar. Quanto a Seu Me, nem o Coronel Artur da Tapitanga possui macho de tanta competencia e sobrançeria. Bodastro retado, confirma Osnar. Ao despedir-se, o

velho recai no desalento, na melancolia. Poe-se de pe, livido, tropego, cabisbaixo, pele e osso. Asterio, penalizado, convida-o a acompanha-lo na caminhada matinal a roca. Jarde recusa, um gesto esmorecido, um fio de voz: -- Pra que? Pra ver o que nao me pertence mais? So peço que o senhor cuide direito dos bichinhos. Arrasta-se, cruzando a rua. Osnar diagnostica: -- Esta com banzo. -- Banzo? -- duvida Asterio. -- Nunca ouvi falar de ninguem atacado de banzo por aqui. Banzo era doenca de escravo. -- Pois e, tinha acabado com o treze de maio. Voltou com a fabrica. E capaz de virar epidemia.

## DOS ULTIMOS RETOQUES NA FORMACAO DE UM LIDER OU DE COMO ASCANIO FICA DE SACO CHEIO.

Forja-se um lider no fragor da batalha, vencendo adversidades -- lera Ascanio Trindade no volume *A Trajetoria dos Lideres, de Tiradentes a Vargas*. Comprova pessoalmente a verdade da afirmacao. No fragor da batalha, em meio a agravos e decepcoes, insolencias e ameacas, Ascanio se modifica, amadurece, reformula sua escala de valores, cresce em ambicao ("um homem sem ambicao jamais sera um vitorioso", ensinara o vitorioso Rosalvo Lucena), torna-se um forte. Convicto do acerto de suas atitudes, disposto a ir ate o fim. Segundo o autor dos esbocos biograficos, quase sempre uma forca misteriosa sustenta o lider no combate, uma estrela guia-lhe os passos, um sol ilumina seu caminho. Correto. No caso do jovem lider de Agreste, essa misteriosa forca provem de Leonora Cantarelli. estrela e sol, inspiracao e desiderato. Nela se alimenta de coragem e disposicao. Muito deve suportar um lider, se deseja vencer e comandar. Nao fosse aquele alento de amor, cada noite renovado, como tolerar e confundir advogados e herdeiros? Juntos ou cada qual por si, sobem e descem as escadas da Prefeitura, a aporrinha-lo. Aporrinhar, verbo cru e grosseiro, jamais o utilizara antes o educado Ascanio, pouco afeito a expressoes chulas. Mas agora, de saco cheio, escapam-lhe palavroes a torto e a direito.

Sozinho ou em grupo, terminam sempre na sala de despachos, infernam a vida do candidato, esgotam-lhe a paciência. Exigem definições, promessas, garantias. Vai desapropriar ou não? A área inteira ou apenas uma parte? Em que bases será fixada a indenização? Peritos? Quais? Apesar de ter abandonado a Faculdade de Direito no segundo ano, Ascanio enfrenta os argumentos dos advogados, a pressão dos herdeiros. De nada vale irritar-se. Não pode mandá-los a puta que os pariu como tanto deseja fazê-lo. Deve considerar a Modesto Pires, a Dona Carlota, e amigo de Canuto Tavares e deles necessita sobretudo agora, pois a eleição pode deixar de ser um simples referendado da vontade comum do Coronel Artur da Tapitanga e do povo. Aparentando não perceber insinuações, meias-palavras, advertências, consegue apaziguá-los sem se comprometer. Tão rígido antes, aprende a ser maleável. Diante da intransigência de Fidelio, não existe outra solução para o problema dos terrenos, além da desapropriação. Se existe, gostaria de conhecê-la, quem sabe

os

senhores

advogados...

A

desapropriação,

por

consequência, beneficia os herdeiros. A Prefeitura não deseja prejudicar ninguém, a instalação da fábrica deve ser motivo de riqueza para os cidadãos do município, esse o seu pensamento. Por que não tratam de legalizar seus direitos? Assim, no momento 534

preciso, se Fidelio não voltar atrás, poderão acertar com a Prefeitura os detalhes da desapropriação. Navega entre herdeiros e advogados, evitando entrar em choque com pais de sua candidatura. Apesar disso, atritou-se com o Doutor Marcolino Pitombo, logo com quem!

-- Mais uma palavra, doutor, e eu o convido a retirar-se da sala. --  
Um líder deve saber se impor, quando necessário e útil. Na presença



de Josafa, o caudico, em meio a uma conversa enrolada, de repente se refere a "compensacoes no caso que..." Insultado, Ascanio nao lhe permite terminar a frase, vagam no ar indefinidas intencoes. Tentativa de suborno? Diante da indignada reacao, Doutor Marcolino nao perde a calma nem o sorriso: o caro amigo anda com a susceptibilidade a flor da pele; somente assim se explica que empreste malevolo sentido a palavras inocentes -- acalme-se, por favor. As explicacoes foram aceitas, ficou o dito por nao dito.

Na saida. Josafa recordou ao impulsivo patrono conversa anterior:

-- Nao lhe avisei, doutor, que Ascanio e homem direito? O senhor se trombicou. . .

-- Confesso que me enganei, sim, mas ao afirmar que o rapaz e tolo. Nem tolo nem honesto. Pode ter sido, antes de lhe aparecer uma boca dessas. Meu caro Josafa, ja lhe disse que toda honestidade tem seu preco. O nosso e baixo, nao paga a pena, nao se compara com o da Brastanio. Nao se esqueca que mestre Colombo passou aqui antes de mim.

Ascanio nao soube desse dialogo mas tomou conhecimento de variadas opinioes sobre os motivos determinantes de sua posicao. Seu carater e sua honra sao discutidos apaixonadamente -- como sempre acontece com os lideres. Jamais imaginara que a redencao de Agreste ("A presenca da Brastanio significa a redencao de Agreste" -- proclama a manchete do jornal mural) lhe custasse tanto vexame, tanta consumicao. Apesar das escusas do Doutor Marcolino, persistem em seus ouvidos as frases capciosas. a palavra "compensacoes" junto com o aparte insultante, cuspidos em sua cara no improvisado meeting do primeiro poste: Pau-mandado da Brastanio! Vendido! De nada adiantara ter recusado a ajuda oferecida pelo Doutor Mirko para a eleicao, exatamente para ficar a coberto de qualquer suspeita: acusam-no da mesma maneira.

No decorrer desses dias agitados, vai-se habituando a equivocadas situacoes que de inicio lhe pareceram intoleraveis. Ao ouvir o aparte, ficara como louco, desafiara o covarde a mostrar-se e a repetir a injuria. Perdera a cabeça, no bar, durante o torneio do

Taco de Ouro, ao ouvir Dona Edna aludir a Bacia de Catarina. Terminara por nao ligar importancia ao disse-que-disse, um lider deve colocar-se acima de tais mesquinhezas. Sobretudo quando acontecem fatos realmente graves, junto aos quais o aparte anonimo, a frase incompleta do advogado, as torpezas de Dona Edna nada significam.

Dona Carmosina, amiga fraterna, em cujo seio encontrara lenitivo na hora fatal da traicao de Astrud, madrinha do namoro com Leonora, comportara-se de maneira insolita, para nao dizer indigna. Tentara intriga-lo com o Coronel Artur, a quem Ascanio devia emprego e candidatura. Obtendo resultados, o que e pior. Envenenado contra a Brastanio, o fazendeiro mandara chama-lo. Nao quero imundicie em Agreste, dissera. Ascanio rebatera as afirmacoes e os argumentos da agente dos Correios, cuja posicao apaixonada devia-se a amizade que a ligava a Giovanni Guimaraes. Repetira frases e conceitos de Mirko Stefano e Rosalvo Lucena bradara contra os inimigos do progresso da patria brasileira O Coronel, os olhos semicerrados, a face cansada, ouviu seu arrazoado mas nao se deu por satisfeito, atirou-lhe com artigos publicados no *Estado de Sao Paulo* a sentenca do juiz italiano; o *Estado de Sao Paulo* nao mente nem se engana. Levantou os olhos para o afilhado:

-- Fui eu quem levantou sua candidatura quando Enoch morreu. Mas por ai estao dizendo que. voce e candidato dessa tal fabrica.

-- O que sou, devo ao senhor, meu padrinho. Mas nao me importo que me apontem como candidato da Brastanio, nao e uma desonra. Ao contrario, pois temos o mesmo ideal: o progresso de Agreste. Digam o que disserem, facam o que fizerem, nao me dobram. Vou ate o fim. Agradeço tudo o que o senhor tem feito por mim, mas nao me peca, padrinho, para mudar de opiniao. -- Um lider se forja no fragor da luta.

Mal se refizera da entrevista, dificil e dolorosa pois o padrinho definhava a olhos vistos, recebeu outro golpe, o pior de todos. Voltando de Mangue Seco, a madrasta de Leonora, a cidada benemerita, a Joana d'Arc do sertao, Dona Antonieta Esteves

Cantarelli o convida para uma conversa. Nos dois e mais ninguem, dissera. Ficara apavorado, na certa Tieta soubera do que esta acontecendo entre ele e Leonora, na beira do rio; chegaram a seus ouvidos as murmuracoes da cidade. Nao negara; aproveitando a deixa, confessara seu amor profundo e honesto, quer casar-se. Pobre, porem ambicioso e capaz, sabera conquistar um lugar ao sol. Assim resolvera de uma vez a situacao. No bolso o anel de compromisso. Seja qual for a reacao de Dona Antonieta, nao 536

pensa desistir de Leonora. Prepara-se para o encontro. O nome de Leonora nao foi sequer pronunciado durante a conversa, nao houve referencia ao namoro. Dona Antonieta lhe informou haver regressado a Agreste devido ao assunto da Brastanio. Ela e alguns amigos tinham opiniao negativa sobre a instalacao da Brastanio no municipio, como era do conhecimento de Ascanio, e estavam dispostos a lutar para impedi-la. Nao queriam agir, porem, antes de ouvi-lo, para isso ela solicitara aquele encontro. Estimava-o, acreditava-o honrado. Honrado porem ingenuo, deixando-se envolver por empresarios sem entranhas, ela conhecia bem essa raca. Para Tieta e seus amigos, o ideal seria dar completo apoio a candidatura de Ascanio. Para tanto fazia-se necessario que ele mudasse de posicao, opondo-se a industria de dióxido de titânio, mortalmente poluidora. Se assim agisse, tudo em paz. Cabe a Ascanio decidir, entre eles e a Brastanio. Nao pede uma resposta imediata mas a deseja em prazo curto, o tempo urge.

-- Agradeço a senhora por ter vindo falar comigo, antes de fazer qualquer coisa. Mas nao agradeço aos outros. Na cidade, todo mundo ja sabe que o Comandante quer ser candidato. Sobre Carmosina. . .

-- Basta que voce me diga sim e eu e todos os demais estaremos a seu lado. Vim conversar com voce em nome de todos. Pense, depois me responda.

-- Nao tenho mais o que pensar, Dona Antonieta. A ultima coisa que eu desejava era nao desgostar a senhora. Me peca o que quiser, eu farei correndo. Mas nao me peca para virar a casaca. Mesmo que eu

fique sozinho lutando pelo progresso de Agreste, mesmo que a senhora nunca me perdoe e se torne minha inimiga...

-- Epa! Calma! Quem falou em inimizade? Não tenho nada a lhe perdoar ou não perdoar. Você pensa de uma maneira, eu penso de outra, vamos decidir na eleição mas não somos inimigos. Você ainda é muito novo, se afoga em pouca água. Felipe era o maior adversário do Doutor Ademar mas se dava muito bem com ele. Não confunda alhos com bugalhos.

Separaram-se em meio a expressões de amizade, mas Ascanio sentia ressentimento e azedume. Esperara que Tieta não se metesse no assunto, mantendo-se distante da contenda, demorando-se em Mangue Seco, como anunciara, até o dia da festa. Nem lhe falara na homenagem, receoso de que ela o levasse a mal, vendo na placa da rua uma forma de suborno. Suborno, palavra terrível, andava no ar.

Apos o jantar, como de hábito, Ascanio veio buscar Leonora na porta da casa de Perpetua. Rodaram na praça enquanto durou a cansada iluminação do motor, antes de tomarem os desvios para o escuro dos choroos. Contou a Leonora a difícil conversa. Ela já sabia, Maezinha lhe falara.

-- Você também vai pedir para eu mudar meu pensamento, entregar os pontos? Depois de meu padrinho e de Dona Antonieta, só falta você. . . -- o acento amargo.

-- Só peço que me ames, nada mais. -- Beijou-lhe a mão naquele gesto submisso, de ternura e devotamento. -- Maezinha me disse: tu não és daqui, não se meta nessa briga. Pode ser egoísmo meu, Ascanio, mas até fiquei contente porque, com essa encrenca, Maezinha adiou a viagem para São Paulo. Tinha marcado para o dia seguinte ao da festa, agora vai se demorar para ajudar o Comandante. Minha avó sempre dizia que tudo no mundo tem seu lado bom.

Não deixa de ser verdade, reflete Ascanio. Se a conversa com Dona Antonieta deixara-o estomagado, o encontro com o padrinho o assustara. O Coronel estimava o afilhado, pensara dar-lhe a filha em

casamento, fizera-o secretario da Prefeitura, proclamara-o candidato quando da morte do Doutor Enoch. Nao lhe retirara o apoio, apesar da intriga de Carmosina, mas tampouco ficara convencido das benemerencias da Brastanio. A candidatura do Comandante vai irritar o Coronel, fazendo-o esquecer exigencias sem sentido e jogar todo o peso de seu prestigio na eleicao de Ascanio. O Coronel Artur, da Tapitanga nao esta acostumado a suportar oposicao, inexistente no municipio ha muitos e muitos anos.

Ainda bem, porque senao Ascanio seria obrigado a recorrer a Brastanio para enfrentar as despesas da campanha, pequenas mas obrigatorias; ele nao tem um tostao furado. Nao deseja pedir auxilio aos industriais nessa oportunidade, esta em jogo seu orgulho. Dissera a Doutor Mirko: nao preciso, estou eleito. Mais tarde, porem, quem sabe? Nos dias de amanha, apos o pleito, a posse, a desapropriacao, quando o complexo fabril erguido em Mangue Seco estiver produzindo riqueza e prestigio para Agreste, todos compreenderao, fazendo justica ao lider forjado na luta e na adversidade. Ate mesmo Dona Carmosina e Dona Antonieta. Comprovada a justeza da sua atitude, estara a vontade para aceitar qualquer oferta de ajuda a ser proposta pela Brastanio por ocasio das eleicoes legislativas. O marido de Leonora Cantarelli nao pode reduzir suas aspiracoes ao cargo de Prefeito Municipal e o prestigio do Coronel Artur de Figueiredo, mesmo que o cacique viva ate la, nao e suficiente para eleger um deputado. 538

DE  
COMO  
UM  
VELHO  
CAUDILHO  
ARTUR  
DA  
TAPITANGA FICOU SEM CANDIDATO.

Sentado no banco de madeira, na varanda da casa-grande, sozinho,

o Coronel Artur de Figueiredo calenta sol. Cabras pastam nas imediações, mais adiante fica o curral. Voz forte de mulher, pedindo licença na cancela, corta-lhe a madorna. Coisa ruim a velhice: fraquejam as pernas, na boca insossa a comida perde o sabor, a orelha dura os sons chegam fracos e distantes, na visão embaçada pessoas e coisas movem-se em meio a um nevoeiro. Tem dificuldade em reconhecer a visita que se aproxima, atravessando por entre galinhas, conquens e patos. -- Quem vem lá?

-- E de paz, Coronel.

A voz soa-lhe familiar. Poe-se de pé, apoiado na bengala, aperta a vista:

-- E você, Tieta? Louvado seja Deus! Estive para lhe mandar um recado mas soube que você andava em Mangue Seco. -- Voltei, Coronel, e vim logo lhe ver. Não esqueci a promessa.

Acercando-se, Tieta constata quanto decaira o octagenário em pouco mais de quinze dias. Ao visitá-la na noite de Ano-novo, por ocasião da morte de Ze Esteves, era um velho disposto e alegre, desfilando recordações; saliente, malicioso, exigindo sua ida à fazenda para conhecer o bode Ferro-em-Brasa, pai de rebanho, sem rival na história. Transformara-se em esqualido ancião, curvo sobre a bengala, voz arrastada, olhos sem brilho, pele e ossos.

Parece conservar, no entanto, a força de caráter, hábitos antigos e determinados interesses -- públicos e privados. Ao abraçar Tieta, apalpa-lhe com as mãos tremulas a carnagem farta, aí seu tempo!

-- Vamos sentar, minha filha, quero que você me explique o que está acontecendo em Agreste.

A rir, brincalhona, Tieta comenta o vacilante manuseio:

-- O tempo passa, a mão do Coronel não perde o tato. Menina, pastora de cabras, fugia ao enxergá-lo no caminho. Se ele a alcançava, corria-lhe a mão pelos peitos e pelas pernas. -- Já perdi o gosto de quase tudo, só não perdi o vício de mulher. Sou como um bode velho, que já não serve pra nada, mas ainda vai cheirar o rabo das cabras. -- Bate com a bengala no chão, chama: -- Merencia!

A criada, ser informe, corcunda, sem idade, carapinha branca, espia da porta, aguardando ordens, reconhece Tieta: -- Tu e Tieta, não é? Tu ficou loira ou deu pra usar chino? -- Sou eu mesma, Merencia. Depois vou lá dentro falar com você.

-- Passe um café para a gente. Não fique aí parada, mulher. -- Que idade Merencia tem, Coronel?

-- Se não passou dos cem, deve estar beirando. Quando eu nasci, já era moleca fogosa. Agora, Tieta, me esclareça, me diga o que está ocorrendo. Nunca ouvi tanta maluquice em minha vida. -- O que assim, Coronel?

-- Ascanio, meu afilhado, meu braço direito na Prefeitura, nem parece o mesmo rapaz sensato, anda as voltas com uma tal de indústria que pretende se instalar em Agreste, para os lados de Mangue Seco, segundo me diz. Ascanio acha que com isso o município vai prosperar outra vez, o dinheiro vai correr. Esteve na capital, conversando com os capitalistas, jura por eles. Quando me falou a primeira vez, achei a esmola grande demais, mas calei minha boca porque esse tempo moderno e mesmo esquisito, acontecem coisas que nem o diabo explica. . . -- faz uma pausa, muda de assunto. -- Como é que tu conseguiu botar luz de Paulo Afonso em Agreste? Até aqui já levantaram poste. Nem o diabo pode explicar. . . -- um resto de malícia nos olhos bacos, na voz de catarro. -- Pra tu mandar tanto nesses políticos de São Paulo, não sei não. . .

Tieta ri, bota lenha na fogueira do anciaio: \_\_ Tenho meus recursos, Coronel, minhas armas secretas. . . -- Disso eu sei. Tu não é gente, desde novinha. -- Os olhos descem do busto de Tieta para os quadris. -- Bem servida de leiteria e padaria. Que Deus conserve as prendas que te deu. Teu finado devia ser homem acomodado, bom de gênio. . . Era conde, não era?

-- Comendador, Coronel.

-- É tudo a mesma coisa. Esses monarquistas, são todos mansos. Raca de cabroes, Mas, voltando atrás: me aparece por aqui Dona Carmosina, outra pessoa direita, carregada de jornais, 540

as gazetas que eu assino e ela e quem lê, toca a me recitar artigos

do *Estado de Sao Paulo* e de *A Tarde*, dois jornais serios, dizendo que a tal fabrica e uma desgraca, que so vem para Agreste porque ninguem quer em lugar nenhum do mundo, acaba com tudo. Comecei a pensar se nao estao enrolando Ascanio, ele ainda e noyinho, facil de intrujar. Mandei chamar ele aqui, falei dos artigos, da imundicie, dessa historia de poluicao. Quando Enoch morreu, eu recomendei a Ascanio: mantenha a cidade limpa, ja que nao pode trazer de volta a animacao. Entao, que conversa e essa agora, de botar aqui uma fabrica que ninguem quer em lugar nenhum? Me respondeu que com a fabrica a animacao vai voltar, Agreste vai conhecer de novo a prosperidade. Que essa historia de poluicao nao passa de invencionice de uns sujeitos que nao querem que o Brasil va para a frente, sao contra o governo, mandados pela Russia, como aquele rapaz Giovanni, que andou por aqui e ficou muito amigo de Carmosina. Mas eu lhe fiz ver que tambem o *Estado de Sao Paulo* baixava o pau nessa industria e eu nunca soube que o *Estado de Sao Paulo* tivesse a ver com a Russia, o *Estado* nao e jornal de inventar coisas. Ele embatucou mas pediu que eu nao tivesse receio, que so deseja o beneficio de Agreste. Isso eu acredito, Ascanio e um menino bom. Mas pode estar sendo enrolado. Tu e que sabe a verdade e vai me dizer. Tieta ouve sem interromper. O velho fala devagar, cortando as frases ao meio, a respiracao curta. Apenas provou o cafe trazido por Merencia. De quando em quando uma cabra dispara no terreiro, o Coronel levanta a vista.

-- Para ver o senhor e conversar dessas coisas e que vim, Coronel. Tambem gosto de Ascanio, penso que e um rapaz direito. Vive sonhando com os tempos passados, do avo dele e do senhor, pensa que a Brastanio vai fazer voltar aquele movimento e ai ele se engana. Se fosse uma fabrica de tecidos, de sapatos, todo mundo estava de acordo. Mas a Brastanio vai fabricar dioxido de titanio... -- E que demonio e esse tal de dioxido de titanio? . . . Carmosina me explicou mas ela e letrada demais para meu entendimento. . .

-- O que e, no duro, eu mesma nao sei, Coronel, nao vou lhe mentir. Mas sei que e a industria pior do mundo para poluir. Vai destruir o nosso clima que e tao bom, empestear a agua do rio e do mar, terminar com os pescadores.



-- E verdade que envenena os peixes?  
-- Envenena tudo, Coronel, ate as cabras. -- As cabras tambem?  
-- Por isso, Coronel, e que estou aqui para lhe dizer que, se Ascanio continuar a apoiar a instalacao da Brastanio, nos vamos

lançar a candidatura do Comandante Dario a Prefeito. O Coronel Artur da Tapitanga estremece, tomado de indignação, como se Tieta o houvesse esbofeteado. Um lampejo de colera nos olhos; a voz, num esforço supremo, se afirma violenta:

-- Nos, quem? Como se atreve a falar em candidatura sem me consultar?

-- Ninguém, Coronel, não se altere. Não há ainda nenhuma candidatura. O Comandante, Carmosina, eu e outros amigos queremos obter seu acordo, para isso estou aqui. O senhor é padrinho de Ascanio, patrono da candidatura dele. Nós não somos contra Ascanio, somos contra a fábrica de dióxido de titânio. E só Ascanio dizer que não tem nada com a fábrica, que não vai favorecer-lá e acabou-se a briga. Mas, se ele não aceitar, não temos outro jeito, Coronel, porque não queremos que Agreste vire. . . como o jornal disse. . . uma lata de lixo. . . O velho descansa o queixo na bengala, nada mais resta da colera, os olhos apagados, a voz lenta e baixa repete: -- Uma lata de lixo... Isso mesmo. Carmosina leu pra mim Não já lhe disse que falei com Ascanio? Falei, faz dias. Sabe o que ele me respondeu? Que tinha muita honra em ser candidato da fábrica, que ia até o fim de qualquer maneira. Que ninguém vai impedir que ele arranque Agreste da leseira. A mão descarnada busca a mão de Tieta, toca os dedos repletos de anéis, pedras preciosas:

--\_Ouça, minha filha: voce esta conversando com um bode ja sem serventia, solto no campo para morrer. O desinfeliz pensa que ainda e o pai do terreiro, nao e mais nada, ate os cabritos novos lhe metem os pes. O Coronel Artur de Figueiredo, que mandava e desmandava, se acabou. Nao nomeio mais candidato nem disputo eleicao. Tu nao ve? De um lado, os capitalistas da fabrica, nao sao

nem daqui. Do outro, tu, Tieta, que eu conheci menina, descalca, tangendo as cabras, agora coberta de brilhantes. Não conto mais para nada. -- Na voz, cansado e amargura. Comovida, Tieta afaga-lhe a mão, carinhosamente: -- Não diga isso, Coronel. Se o senhor largar Ascanio de mão, não tem fábrica que eleja ele. O senhor é o dono da terra, manda na gente daqui. Tanto isso é certo que se o senhor me pedir ou me ordenar, eu acabo com a candidatura do Comandante neste instante, aqui mesmo. Contra o senhor, não me levanto nem para salvar as cabras.

Desponta um sorriso nos lábios murchos do ancião: -- Não acredito que esse titânio mate cabras, Tieta, tu diz 542

isso pra me enrolar. Mas não te peço nem te ordeno nada. Não me meto mais, cada um faça como quiser. Ascanio pensa que está agindo certo, e lá com ele. Tu, Carmosina, o Comandante, não sei quem mais, acham o contrário. Se eu ainda tivesse ambição de dinheiro, era bem capaz de apoiar a tal indústria, me associar com os forasteiros, por dinheiro a gente vende até a alma. Se ainda tivesse amor à vida, apoiava vocês, o pior homem do mundo pode às vezes ter um gesto grande. Não tenho mais nada a ganhar nem a perder no mundo, Tieta, perdi até o gosto de mandar. Mas agradeço o que tu disse, a consideração que teve com um velho. Tuas palavras puseram mel em minha boca, perto da hora da morte.

-- Coronel, antes de ir embora, queria uma coisa. -- Pois ordene.

-- Conhecer Ferro-em-Brasa, aquele seu bodastro. Para comparar com o bode Inácio, um que foi do velho Ze Esteves. -- Vou mandar-lhe levar no curral.

-- Não me acompanha? Vamos, me de o braço, se levante. -- toma o braço do Coronel e o prende contra o seio. Descem juntos os degraus da varanda:

-- Tu não é gente. Tu é o cão em figura de mulher. -- Um suspiro fundo. -- Se eu tivesse dez anos menos, se andasse aí pelos setenta e cinco, ah! tu não ia continuar viúva que eu não deixava.

DO DESVELO CIVICO E DA JUSTICA DIVINA.

No sabado, a cidade amanheceu em plena campanha eleitoral. PARA PREFEITO VOTE CONTRA A POLUICAO VOTANDO NO COMANDANTE DARIO DE QUELUZ, recomendam faixas, em numero de quatro, colocadas em pontos estrategicos, nos logradouros de maior circulacao. Uma, bem em frente a Prefeitura. Tabuletas convidam a populacao a comparecer em massa no dia seguinte, domingo, por volta das cinco da tarde, apos a matine e antes da bencao, ao grande comicio de lancamento da candidatura do Comandante Dario de Queluz. O candidato usara da palavra e o poeta De Matos Barbosa declamara os *Poemas da Maldicao*.

Faixas e placares confeccionados no quintal do bangalo do Comandante pela eficiente equipe cujo desvelo civico a bela Carol saudara prazenteira e esperancosa. Em casa de Dona Milu, Dona Carmosina e Aminthas, dois cranios, redigiram uma especie de manifesto ao povo, expondo as razoes da candidatura do Comandante. Impresso em Esplanada, em papel amarelo, o volante se destina a farta distribuicao em Agreste, no sabado e no domingo. Dias de agitacao subterranea, sabado de ocorrencias sensacionais. Bendita agitacao! Nas idas e vindas, Ricardo, dito Pau-Para-Toda-Obra, se desenvolve. Do outro lado do quintal, desfalece na hora da sesta a oprimida manceba. Por entre as trepadeiras, trocam juras e promessas, tracam planos; o senhor de escravos passara o fim da semana em Mangue Seco, com a esposa e os netos. Na torre da Igreja, ao entardecer, Cinira fita a paisagem tranquila do burgo, um pe no barricao, o outro levantado (para facilitar). Por detras da mangueira, Maria Imaculada, infalivel as nove da noite em ponto, quando a luz se apaga abrindo os caminhos das barrancas do rio a circulacao romantica dos namorados. Depressa, depressa, bem, que o tempo e curto. Em casa, Tieta espera, impaciente. Quanto a Dona Edna, aguarda vez, afinal ninguem e de ferro, nem sequer um seminarista adolescente, avido de acao, quase fanatico. Na sexta-feira, o silencio do motor nao interrompeu os afazeres dos devotados partidarios do Comandante. Nem Ricardo correu ao

encontro de Maria Imaculada. Posta a par com antecedencia, a menina concordara em sacrificar por uma vez o medido momento de prazer a boa causa. Fidelio, Seixas, Ricardo, Peto, Sabino, atravessam a noite colocando faixas e tabuletas, sob o comando de Aminthas e a fiscalizacao de Osnar. Infenso a qualquer esforco fisico -- reservo meu fisico para os embates de amor --, Osnar dita ordens, caga regras. O Comandante superintende os trabalhos, o rosto grave, preocupado com a elaboracao do discurso para o comicio, tremenda responsabilidade. Bafo de Bode concedera de inicio o suporte de sua presenca aos militantes do meio ambiente. Mas, tendo conseguido subtrair dos cuidados de Osnar uma garrafa de pinga quase cheia, sumira. Terminam todos na pensao de Zuleika, onde os aguardava uma peixada comemorativa, encomendada pelo benemerito Osnar. Todos, menos o Comandante, por incorruptivel, e Ricardo, por seminarista. Nao se apressa o jovem, todavia, a recolher-se. Coincidindo a vigilia civica com a partida de Modesto Pires para o regaco da familia, na praia, acontece uma porta apenas encostada na solidao de Agreste, a espera de valente justiceiro. 544

Nas ocorrencias daqueles dias agitados, prevaleceu o desentendimento, divididas as opinioes, envenenadas. Mas quando certos fatos vieram a tona e os chifres de Modesto Pires tornaram-se publicos e aceitos, houve acordo unanime, nao se ouviu acusacao e critica aos autores da facanha. Autores, sim, o que nao retira de Ricardo a gloria de ter sido o primeiro a vencer as barreiras pretensamente intransponiveis do respeito aos poderosos, do medo da vinganca dos prepotentes -- e a fazer justica. Justica divina, segundo o povo, cansado de esperar o auspicioso evento desde que, ha aproximadamente seis anos, o dono do curtume importara dos confins de Sergipe as gracas muitas de Carol, com elas enriquecendo o patrimonio de Agreste. Limitando, no entanto, o valor do gesto com a pratica de mesquinha e egoista exclusividade. Bafo de Bode, ao retornar na esperanca de mais cachaca, encontra a praca vazia. Tomando pelos becos ermos, distingue, o primeiro alvor da madrugada, a robusta sombra do bom samaritano no ato de

transpor a porta da escravatura para proclamar a abolicão. Inimigo das tiranias e da propriedade privada Bafo de Bode exclama para o escasso auditorio de dois vira-latas e uma cadela:

-- Seja feita a justiça de Deus! Mete ferro, padrequinho!

## DA VOLTA DA ANIMACAO OU DE COMO O PAU COMEU.

Com a fabrica, vai voltar a animacao, prometera Ascanio Trindade ao Coronel Artur de Figueiredo. Decorridos poucos dias, os acontecimentos deram-lhe razao; nao se fez sequer necessario o estabelecimento da industria para a feira de Agreste reaver movimento e entusiasmo dignos dos falados tempos de antanho. Alvoroco de tal magnitude a ponto do beato Possidonio, convencido de que chegara o dia do juizo final, abandonar a cuia de esmolas, entregando-se por inteiro a salvacao dos pecadores, brandindo o cajado redentor.

No sabado, arribando de manhazinha a Praca do Mercado (Praca Coronel Francisco Trindade -- Intendente Municipal,

ensina a placa; o povo, rebelde, nao aprende) os feirantes depararam com algumas novidades, entre as quais uma faixa, esticada entre duas varas fincadas no chao, propondo a candidatura do Comandante e uma tabuleta, convocando para o comicio. Esta ultima, fazendo parelha, num poste bem no centro da Praca, com o placar do cinema que anuncia sensacional bang- bang no fim de semana: "Porrada a beca!", promete. A principio, faixa e tabuleta despertaram pouco interesse. A curiosidade dos matutos voltava-se para novidades maiores e mais vistosas: os novos postes de luz, da Hidreletrica do Sao Francisco, gigantescos, belos, impressionantes. Dois deles ja colocados de pe; os feirantes esticavam os pescocos buscando divisar as lampadas. Um terceiro, ainda estendido no chao, reuniu curiosos a admira-lo, em exclamacoes de pasmo.

Alguns mais letrados soletraram as palavras da faixa, raros se interessaram pela tabuleta, a maioria não sabia ler. Assim, a feira começou normalmente, vindo a ganhar influência somente quando Ricardo e Peto começaram a distribuir os volantes. Ai, foi aquele deus-nos-acuda.

Gumercindo Sarue, pequeno produtor de farinha de mandioca, contemplara os postes, boquiaberto; mal reparara na faixa, nem se dera conta da tabuleta. Um homenzarrão com fama de valente, dado a brigas. Chegou a ser preso num domingo de cachaca. Armado de foice, pusera a correr os dois filhos de sua Jesuina, viúva de cabelo na venta. A viúva não se acomodou enquanto não viu Sarue no xadrez -- a cadeia de Agreste, quase permanentemente vazia, ocupa uma sala dos fundos da Prefeitura, com grades na janela. Ascanio, ao tomar conhecimento do incidente, abandonando o bilhar, acalmou a mãe irada, abriu a porta da prisão e mandou Gumercindo em paz. O gigante, agradecido, jurou:

--\_Conte comigo, seu doutor, para a vida e para a morte. Não eram palavras suas como se vera agora mesmo, pois Ricardo e Peto haviam surgido na feira e começaram a distribuição dos prospectos redigidos pela indignada Dona Carmosina em colaboração com o sardonico Aminthas. Enquanto faixas e tabuletas limitavam-se a anunciar a candidatura do Comandante, com breve referência a poluição, o volume estendia-se sobre as razões da campanha, destinada a salvar Agreste, paraíso ameaçado de podridão. Citava trechos da crônica de Giovanni Guimarães, baixava o pau na Brastanio, "empresa multinacional destinada a encher o bandulho de estrangeiros a custa da miséria do povo". Descia igualmente a ripa em Ascanio: 546

"aproveitando-se do posto que ocupa, presta-se ao jogo sujo desses criminosos que querem transformar Agreste numa lata de lixo". Impedir a eleição desse "pleboi matuto, agente a soldo dos empresários da morte", era obrigação de todos os cidadãos do município.

Ricardo cumpria dever ditado pelo mais puro idealismo; Peto

trabalhava contra pagamento prometido por Osnar, um dos financiadores da candidatura do Comandante mas os dois irmaos, o abnegado e o mercenario, cumpriam conscienciosamente a tarefa recebida, indo de pessoa em pessoa, feirantes e fregueses, distribuindo os volantes de mao em mao. Sabino, preso ao balcao da loja, nao teve participacao no inicio da folganca. Diante dos sacos de farinha de Gumercendo Sarue, Peto entregou um prospecto ao vendedor, outro a compradora, Dona Jacinta Freire, beata das mais xeretas. Gumercendo, pensando tratar-se de anuncio de cinema, deixou o papel cair no chao. Dona Jacinta, porem, interrompendo a compra, dedicou-se a leitura, em voz alta; outro jeito nao teve o feirante senao escutar. Ao ouvir o nome de Ascanio, interessou-se, pediu explicacoes. Dona Jacinta satisfez-lhe a curiosidade com prazer. Indicou a tabuleta no centro da Praca, apontou a faixa, releu os insultos com gorjeios na voz, adorando. Incredulo, Gumercendo perguntou: -- Querem tirar Doutor Ascanio da Prefeitura? -- Para botar o Comandante Dario. Diz que Ascanio. . . Homem de acao, Sarue procura com os olhos o menino que distribui aquele papel imundo e o enxerga mais adiante, descansando da ardua empreitada enquanto chupa um picole. Gumercendo parte para Peto, estende as maos para tomar o maco de volantes, consegue tirar alguns que rasga com raiva, quer o resto:

-- Me entregue essas porqueiras, seu moleque. Ora, como de sobejo se sabe, Peto e parada. Unindo a acao a palavra, vibra um pontape na canela de Gumercendo e xinga-lhe a mae.

-- O que e isso, compadre? -- intervem Nho Batista, outro lavrador de Rocinha, ao observar o amigo, cego de odio, buscando agarrar o menino.

-- Estao querendo tirar Doutor Ascanio da Prefeitura! A noticia se espalha, corre como um rastilho de polvora, ou seja, rapida e peconhenta, comovendo a feira. A maioria dos vendedores, procedentes quase todos do distrito de Rocinha, tinha Ascanio em grande estima. Os habitantes da beira do rio e da orla do mar, fornecedores de peixe, mariscos, caranguejos e guaiamuns, juravam pelo Comandante -- numericamente em

minoria, eram temidos, alguns possuíam fama de contrabandistas e tradição de luta contra a polícia.

A caca a Peto através da feira, com lances espetaculares e muita mercadoria derrubada, deu início a desordem. Sufocou-se Peto, desatando uma vara de porcos nos pés de Sarue e seus asseclas. Parte para o bar em busca de reforços; a última coisa que viu na confusão foi Ricardo sendo agarrado por um grupo, os volantes espalhando-se ao vento. O bar cheio, vieram todos. Feira assim animada não houve jamais. Desbancou a de 4 de junho de 1938, na qual o facanhudo cabo Euclides tentou capar, na vista do povo, o violeiro Ubaldo Capadocio, que lhe desonrou o leito, comendo-lhe a esposa Adelia. Capadocio escapou por milagre. Não escaparam a faixa e as tabuletas -- as duas, pois o placar do cinema, anunciando profeticamente porrada a beca, foi igualmente destruído. Acontece que os pescadores, de início ignorantes da causa do conflito, demoraram a participar da festa. Mas, quando se deram conta do desaforo ao Comandante, o pau comeu.

O pau comeu de todos os lados, muitos nem souberam os motivos da briga, todos se envolveram. Prejuízo vultoso e geral: sacos e sacos de farinha, de feijão, de arroz, de milho, derramados, frutas e legumes pisados, esmagados, mantas de charque pelo chão, peixes servindo de arma de combate e caranguejos soltos entre os campeões. O profeta Possidonio, tendo proclamado mais uma vez o fim do mundo, baixou o cajado sobre uns e outros, indiferente às posições políticas, eram todos condenados pecadores.

Nem Ascanio, vindo da Prefeitura às pressas, conseguiu acabar com a briga. Tampouco o Comandante, roubado a redação de seu discurso. Nem mesmo Padre Mariano, cuja intervenção apenas impediu que o Comandante e Ascanio se atracassem. Mas quando Tieta, alertada por Sabino, apareceu na Praça, empunhando o bordão do velho Ze Esteves, semelhando a Senhora Sant'Ana, e entrou no meio do povo gritando: parem com isso! todos abriram passagem para ela e tudo serenou. Tarde demais para salvar a faixa e a tabuleta, mas a tempo de recolher os escombros de Ricardo. Na



hora exata; nem bem levantara e conduzira o sobrinho glorioso (equimoses no rosto e nas pernas), surgiram na Praca em pe de guerra, vindas de horizontes diferentes, a pequena Maria Imaculada, a devota Cinira, a pretendente Edna e a liberta Carol. Tambem Ricardo possui eleitorado. Reduzido mas de qualidade.

548

#### DE TIETA TODA ORNADA DE CHIFRES.

Os gritos de Tieta despertam Perpetua. Enfia a saia negra sobre o camisolao, toma o candeeiro, abre a porta a tempo de enxergar Ricardo fugindo pelo corredor, apanhando sem soltar um pio, nu em pelo, ai, Senhor meu Deus! Desatinada, mandando ao diabo contencao, decoro, conveniencias, desprezando qualquer especie de cautela, a tia o persegue ate a porta da rua; o bordao ronca nas costas do sobrinho. O bordao do velho Ze Esteves, o mesmo que exemplou Tieta quando o Pai soube, por intermedio de Perpetua, do caixeiro-viajante.

Ricardo ainda tenta voltar em busca de um calcao mas a furia, de cajado em riste, no auge da dor de corno, o atinge na face, na face angelical e perfida, como a atingira Ze Esteves em outra distante madrugada -- tambem ela tinha a face angelical. Fecha o corredor, vibra o cajado, ameaca os celestiais e traicoeiros quimbas do aleivoso, a divina e perjura estrovenga. Num salto, Ricardo ganha a rua, salva os preciosos bens. Nao refeito ainda da surpresa, desarvorado, ve-se na Praca, trajando lanhos, vergonha e o anel de jade, a porta fechada com violencia sobre a voz colerica a expulsa-lo: -- Suma de minha frente!

Tieta toda ornada de chifres. Ela os fora recolher na beira do rio. Quando a luz do motor marcou a hora combinada, estava a postos: assistiu ao encontro atras da mangueira, acompanhou o traste e a moleca ate a escuridao da Bacia de Catarina. Sujeitando o orgulho a dura prova, postou-se a escuta para cumular-se de indignacao, suar o ciume inteiro, gota a gota. Aberta em chagas, aviltada, coberta de

lama, abjeta, ridícula, corneada. Escutou os risos, perdeu a conta dos suspiros, mediu o silêncio dos beijos, aprendeu as mil nuances da palavra bem, repetido refrão: me beija de novo, bem, me morde; mete em mim, bem; não vá embora, bem, demore mais; ai, bem! Logo ao regressar de Mangue Seco, começara a suspeitar da existência de outro rival, além de Deus: humano e fêmea. Pos-se a escuta, recolheu informações mas quis ter certeza, tirar pessoalmente a limpo, tão impossível lhe parecera. Viu, ouviu, quase participou. Era verdade. Deixara-se enganar, ela, Tieta, vaidosa e segura de si, como se fosse a mais tola e confiante das raparigas.

Conforme fazia todas as noites, no quarto se despiu e perfumou. Assim o esperara para que as últimas centelhas de paixão se extinguíssem quando ele a tocasse com as mãos ainda quentes do corpo da menina e sobrassem tão-somente humilhação e raiva. Jamais lhe acontecera. Lucas fugira temendo se prender, não por causa de outra. Fora necessário retornar a Agreste para um homem ousar. Um homem? Cabrito apenas desmamado, vestido de batina, de inocência e medo, um menino donzelo, cabaco cuja flor ela colhera na noite das dunas ao luar.

DO DIALOGO DAS DUAS IRMAS SOBRE ASSUNTOS DE FAMILIA,  
CAPITULO UM TANTO SORDIDO ONDE E LAVADA A ROUPA SUJA E  
SE POE MERDA NO VENTILADOR.

Desnuda, florescida em galhas recoberta de chifres -- e isso que ela não sabe da missa a metade --, Tieta enfrenta a irmã. Despira-se a espera do pulha, para degustar todos os condimentos da traição, percorrer a escala da vileza até o fim, sentir o desespero transformar-se em ódio quando ele estendesse a mão ainda quente do calor da outra e lhe tocasse o corpo. Assim acontecera. Nudez agressiva, bela e opulenta, na pujança dos seios arrogantes, das longas coxas, da altaneira bunda de saracoteio, da negra e profusa

mata de pelos -- alem da cornadura, apenas o bordao. Ao ve-la de tal sorte impudica e colerica, Perpetua decidira adiar a inevitavel explicacao, o dificil confronto. Para conversacao de sutilezas e meias-palavras, de subentendidos, exige-se tranquilidade, animo sereno. Desaconselhavel em hora de cabeca quente e orgulho ferido. No ajuste da prestacao de contas, Tieta pode resolver cobrar aleives do passado. Perpetua tenta cerrar a porta do quarto, recolher-se, borrar dos olhos o que vira. Mas nao chega a completar a manobra de recuo. Tieta percebe o bruxuleio da chama do candeeiro, adivinha a irma a espreita, a raiva culmina:

-- Que faz ai, escondida, espiando?

Descoberta, Perpetua mostra-se, avanca um passo: -- O que aconteceu? O que e que isso significa? A voz sibilante nao reflete escandalo e furor, apenas espanto. 550

Ainda ha tempo para salvar a moralidade, manter a decencia. Disposta a colaborar, Perpetua deixa margem para qualquer versao satisfatoria:

Ricardo

vem

se

revelando

voluntarioso

e

desobediente, nao cumpre horarios, merece repreensao e castigo. Quanto a nudez dos personagens, explica-se pelo calor do verao ou nao se fala nisso, detalhe secundario. Salvas as aparencias, as negociacoes tornar-se-ao mais faceis. Mas Tieta, descontrolada, despreza a oportunidade, poe a merda no ventilador: -- Significa que o cachorro de seu filho se atreveu a me botar os cornos com uma putinha descarada, coisa que nenhum homem me fez.

Perpetua abafa um grito, com a mao. Avanca mais um passo, encosta-se na parede do gabinete:

-- Quer dizer que tu e Cardo. . . Que horror, meu Deus! -- pasmo e repulsa estampam-se na face severa mas novamente a mao impede

o lamento. Em Agreste, o sono dos vizinhos é leve; despertados pelo estardalhaço de Tieta, quantos não estarão a escuta?

Arrastando o pesado fardo da traição, a abundante colheita de chifres, Tieta caminha para o quarto, senta-se na cama, as pernas dobradas, indecente postura. A indignação e a raiva prosseguem implacáveis, agora voltadas contra a irmã: -- Não venha bancar a inocente, fazendo que não sabia quando estava farta de saber.

-- O que é que tu quer dizer com isso? Tu estás louca! Eu te recebi em minha casa, de braços abertos, pensando que tu tinha mudado. Tu não mudou nada, e a mesma depravada de antes. Desencaminhou um menino inocente, temente a Deus, desgraçou a vida dele. Ia ser padre, agora está excomungado. . . -- abafa um soluço, mãe em pânico, estarecida. -- E ainda tem coragem de dizer que eu sabia. Vade retro! -- Não cabendo mais remendo, resta-lhe enfrentar a situação, tomar a ofensiva. -- Não sabia! Cínica! -- o desejo de Tieta é esbofetear a hipócrita, baixar-lhe o bastão nas costas como fez com o nojento. -- Quem foi que mandou o filho de noite para Mangue Seco quando viu que eu estava tarada por ele? Com olho no meu dinheiro, pensa que não me dei conta? Mas você se esqueceu de explicar a ele que não nasci para carregar chifres. Não sei onde estou que não lhe meto o braço.

O candeeiro na mão, no corredor, diante da porta do quarto, acuada contra a parede, suor frio na testa, Perpetua reage: -- Tu estás inventando calúnias para fugir a responsabilidade. -- A voz agressiva, o dedo num gesto acusador. -- Tu não pode desviar um menino inocente do sagrado caminho

do sacerdócio, cortar sua carreira, sem. . . -- Sem pagar, não é? Você só pensa em dinheiro. Antigamente, só pensava em arranjar um homem disposto a te comer, não era?

-- Nunca tive esses pensamentos, não sou tua igual. -- Então por que você prometeu um filho a Deus? Não foi para arranjar um homem com quem trepar? Você não é igual a mim porque é pior. Astuciou tudo isso para me tomar dinheiro. Quando me cedeu a

alcova e botou ele para dormir ai defronte, ja foi de plano. Eu devia ter desconfiado. -- Mentira! Nem me passava pela cabeca. . . -- Depois, quando me viu de olho nele, armou o bote, nao foi?

-- Nao adianta tu continuar inventando embustes. Eu quero saber o que e que tu vai fazer para compensar meu filho. E quero saber agora mesmo.

-- Compensar teu filho? De que? Era um donzelao, capaz de terminar veado, dando por ai, fiz dele um homem. Como se voce acreditasse que padre tem de ser virgem. -- Era um menino imaculado, bem ouvido, respeitoso, so pensava em seus deveres. Agora nem parece o mesmo, tomou a redea nos dentes. Tu fez dele teu igual. Esta igual ao que tu era, maldita! Tu abusou dele. Tem coragem de negar? -- O que voce quer e que eu pague o cabaco de seu filho, nao e?

Levanta-se, desce da cama, o corpo lascivo e afrontoso. Rebolante, dirige-se para o armario, toma da maleta onde guarda o dinheiro, destranca-a e suspende a tampa, separa um maco de notas e as atira em direcao a irma. Espalham-se no chao: -- Toma, eu pago o cabaco que comi. Foi bom, valeu a pena, me fartei. Vai, recolhe a paga, caftina de merda. Tu me da nojo.

Perpetua pousa o candeeiro, penetra no quarto, agacha-se, cata as cédulas. A voz se eleva do chao, fanhosa mas abrandada, conciliadora:

-- O que tu deve fazer e adotar os dois meninos. . . -- Adotar? Como meus filhos? -- de novo em cima da cama, Tieta observa Perpetua de quatro, juntando e recolhendo as notas. -- E isso que voce deseja. . . Para serem meus unicos herdeiros, nao e? Nao faz mal que eu passe a ser mae de meu macho? Tu e demais.

Ao ve-la andando de gatas, o braco estendido sob a cama, em busca de alguma cedula ali extraviada, os peitos murchos 552

balancando sob o camisolao, o coque desfeito, os cabelos tombando sobre o rosto azedo de beata, a feiura de bruxa e o olho aceso, apossa-se de Tieta um sentimento misto de admiracao e pena, a juntar-se a raiva -- diabo de mulher capaz de tudo pelos filhos.

-- E dizer que teve um homem que te quis, te desejou, dormiu contigo e te fez filhos. Contado, não se acredita. Relembra então uma ideia louca, grotesca imagem que certa ocasião lhe atravessara o pensamento: imagina Perpetua em cima daquela cama, sobre o fofo colchão de lá de barriguda, embolada com o marido na hora da folgança, espantosa visão! De súbito, a raiva desaparece, Tieta começa a rir:

-- Se você me disser uma coisa, contar a verdade, eu prometo te botar no meu testamento.

Perpetua eleva o rosto, suspeitosa e interessada, cupida. -- Na hora agora, me diga, tu e o Major ficavam no papai e mamãe ou faziam sacanagem? Ele gostava de uma boquilha? Ao pensar na irmã tentando o ipicilone com o marido, Tieta é sacudida por um ataque de riso incontrolável. Quer parar e não consegue, o riso desborda em gargalhada descomunal: enxerga Perpetua agarrada ao badalo do Major -- bem servido, a julgar pelo filho. Na risada foram-se os cornos, todos eles, os cravados na beira do rio por Maria Imaculada e os outros, dos quais nunca teve conhecimento.

-- Respeite os mortos, desgraçada! -- Perpetua se levanta feito doida, as mãos gadanhando as cédulas, os olhos esbugalhados fitando o leito, sentindo os cheiros, revendo os gestos.

Ruído de chave na porta, passos leves no corredor. Perpetua trata de compor-se, enfia o dinheiro nos bolsos da saia para que a outra desavergonhada, de volta do pecado -- cada noite chega mais tarde --, não fique a par do acontecido. Ao perceber movimento, luz e riso na alcova, Leonora se aproxima: -- Boa noite, Dona Perpetua. De que ri tanto, Maezinha? Maezinha não consegue deter o frouxo de riso, visão mais comica! Tendo conseguido apagar dos olhos a figura do Major, viril e apaixonado, a despir o pijama de listras amarelas, Perpetua explica:

-- A gente estava conversando, as duas. Tieta achou graça numa bobagem que eu disse. . . -- levanta o candeeiro. -- Amanhã a gente continua, mana.

Se Tieta pensa ter colocado ponto final no assunto com aqueles contos de reis, ah! se engana, não conhece a irmã mais

velha. Perpetua quer e ha de obter papel passado no cartorio, firma reconhecida, nao faz por menos. Vai saindo mas retorna, rapida, para recolher uma cedula junto ao armario. Deve haver outras. Voltara amanha, antes de Araci varrer o quarto. Tieta ainda ri quando Leonora comeca, a voz desconsolada: -- Maezinha, ai, Maezinha! Coitado de Ascanio. O pobre esta desesperado. . .

## DA ALPARGATA DO CAO, LINGUA E OLHO DA CIDADE

Na barra da manha, Bafo de Bode abre os olhos na sarjeta onde a cachaca o derrubara na noite anterior. Sarjeta e forca de expressao folhetinesca -- adormecera na porta do Cine Tupy, abrigado contra o vento e a chuva. Levantando-se, toma o caminho do Buraco Fundo. Ao atravessar a Praca da Matriz, percebe movimento na porta da casa de Terto. Detem-se para identificar o apressado a partir tao cedo quando pode demorar-se, tranquilo --Terto, o dedicado marido, adora dormir ate bem tarde, na rede pendurada no alpendre, o sono pesado e placido dos bons cabroes, satisfeitos de seu estado (aqueles que assumem, como escreveria um jovem autor moderno). Ao encontra-lo andejo em ronda pelas ruas e becos da cidade em horas tardas, tudo vendo e comentando, Amelia Dantas (atualmente Regis), de apelido Mel, ex-Primeira Dama do Municipio, classificara o mendigo de alpargata do cao. Segundo Barbozinha, Bafo de Bode e o olho da cidade. O olho do cu, acrescenta Aminthas. Tanta coisa viu, nada mais o espanta. Nao pode porem esconder o pasmo ao reconhecer no cidadao metido num velho par de calcas de Terto o seminarista Ricardo. Em camisola, pendurada ao pescoco do rapaz, Dona Edna se despede num chupao daqueles. As calcas de Terto, apertadissimas, vao-lhe mal, por que o padreco as usa? Trajava batina quando Bafo de Bode o surpreendera acompanhando a menina, inquilina de Zuleika, para os barrancos do rio. Vestia calcao e camisa-esporte ao atravessar a proibida porta de Carol, nao

se haviam passado quatro dias. De batina o avistara ainda na vespera, galgando os degraus da torre para consolar a indocil 554

vitalina. Sem falar. . . Cala-te boca.

Retomando a marcha, corifeu da cidade, Bafo de Bode revela e aconselha:

-- Gentes, vamos por o cu no seguro que a Pomba do Divino esta solta em Agreste!

#### DA PASTORA E DO BODE NOVO.

Ricardo cruza o jardim da Praca, as calcas justas nao lhe permitem correr. Bate na porta do fundo, Araci abre, espoca em riso: seu Cardo esta tao engraçado, ai que moco mais bonito! Um dia ha de reparar nela, se Deus quiser. Entra, veste a batina, esta terminando de arrumar a mala quando sente que alguem o observa, levanta a vista. Nos trajes negros, o terco na mao, Perpetua, preparada para ir a Igreja. Ameaçadora, pronta para a acusacao e o castigo, no rosto a indignacao e a repulsa, os olhos fuzilando, a voz terrivel -- mas contida para nao acordar as duas amaldicoadas: -- O que e que esta fazendo, excomungado? -- Vou tomar a marineti para Esplanada, daqui a pouco. -- Tomar a marineti? Com ordem de quem? -- De ninguem, Mae. Em Esplanada, pego o onibus para Aracaju, salto na estrada para Sao Cristovao. -- O que e que tu esta pensando? Nao tem mais mae a quem obedecer? Ficou maior de idade? Trate de guardar suas coisas e ir se deitar. Mais tarde, vai me prestar contas, se prepare. -- Vou passar uns dias com Frei Timoteo, no convento. Ele me convidou. Depois que Tieta. . . que a tia viajar, eu volto. -- Nao vai ir para lugar nenhum. Faca o que eu lhe disse. Sabe que nao vai ser obedecida, que nunca mais mandara nele. Irma mais velha, jamais mandou em Tieta, jamais foi por ela obedecida.

-- Ja disse, Mae, que vou para Sao Cristovao. Nao fiquei maior de idade, fiquei homem, nao ve? Nao tente me impedir, nao quero sair fugido. Eu volto, fique descansada. -- Tu nem parece mais meu filho.



Tu esta igual a ela. Era nossa vergonha: de dia com as cabras, de noite no pecado. Tu quer

tomar o lugar dela. Tu nao tem medo do castigo de Deus? Desde a morte do Major, sente pela primeira vez vontade de chorar.

-- Meu Deus mudou tambem, Mae, nao e mais semelhante ao seu. Meu Deus perdoa, nao castiga.

-- Mas tu nao pode ir embora assim, antes de se acertar tudo. Ela te desviou do bom caminho, te perverteu, pos minha promessa a perder. Tem de compensar o mal que praticou. Trouxe o pecado para essa casa, te desgracou, a maldita. -- Nao, Mae. Eu era cego, ela me ajudou a enxergar. Nao sei se vou ser padre ou nao, ainda e cedo para saber. Mas fique certa de que se eu nao me ordenar e porque Deus nao quis. Quando eu souber, lhe digo. Mas vou continuar a estudar, nao tenha medo. -- Tu jura que e mesmo para o convento que tu vai? -- Ja lhe disse. Agora, ouca, Mae: a tia foi boa demais comigo. Nunca poderei pagar o que devo a ela. Toma da mala, sorri para a Mae, sereno e terno: -- A bencao, Mae.

-- Ai, meu Deus! -- a martir eleva os olhos para o ceu. Ao voltar-se em direcao a saida, Ricardo ve Tieta na porta da alcova, o corpo bem-amado vestido com uma restia de luz da manha recente.

-- Adeus, tia. . . Tieta!

-- Adeus, Cardo. Pode me chamar de tia. Diga ao frade que estou em Agreste, que vai ser uma briga de foice. A porta da rua se fecha sobre Ricardo. Sem sequer olhar para a irma, Tieta reentra no quarto. Pastora de cabras, sente orgulho do sobrinho. Igual a ela, sem tirar nem por, Perpetua tem razao. Bode novo, sem peias, livre nos outeiros, de cabeça erguida, herdeiro de sua rebeldia. O que passou, passou, capricho louco, fica a saudade, tanta!

DE FATOS E RUMORES, CAPITULO ONDE O ARABE CHALITA EXPRIME VAGA ESPERANCA.

## Os dez dias que abalaram Agreste, definia Aminthas, leitor 556

de autores proibidos, parafraseando John Reed, ao se referir aquele breve e tumultuado periodo. Ele proprio concorrera para o clima de grotesco pesadelo: manobrando invisiveis cordoes, esteve por detras de algumas graves ocorrencias. Se bem a responsabilidade maior fosse geralmente atribuida a Dona Carmosina. -- Veja so o que voce arranhou, Carmosina -- acusa o coletor Edmundo Ribeiro, tomando assento numa cadeira, na agencia dos Correios. -- Todo dia uma novidade, uma briga, um escandalo, um bafafa. . .

-- Quando nao sao dois ou tres. A gente nem acabou de comentar uma encrenca, comeca outra. Cada prato de dar gosto. . . -- apoia o arabe Chalita, sentado no batente da porta. -- Todo mundo perdeu a cabeça, so quero ver como isso vai terminar. Dona Carmosina abre mao de qualquer responsabilidade: -- Eu? Quem sou eu? Pelo jeito, vao terminar me acusando de ter inventado a fabrica de dioxido de titanio. A gente estava aqui, bem no seu, em paz.

-- Se voce nao vivesse lendo e espalhando noticias de jornal. . . -- o coletor aponta o jornal mural, agora cobrindo a parede principal da sala.

--. . . voces poderiam vender Agreste impunemente. . . O tom e a linguagem dos dialogos mudaram. Desapareceram a cordialidade, o bom humor, os ritos de gentileza a fazerem da conversacao -- divertimento principal da comunidade, gratuito, ao alcance de todos -- um requintado prazer. O acento tornou-se aspero, a injuria substituindo a malicia. -- Alto la! -- exclama Edmundo Ribeiro. -- Nao estou vendendo nada.

-- Porque nao conseguiu meter o dente no coqueiral, nao por falta de vontade. Mas vive apoiando essa corja de venais. Ou pensa que nao sabemos?

-- Sabem o que?

-- Que assinou na lista de contribuicoes para a candidatura de Brastanio Trindade. . .

-- Brastanio Trindade! Essa e boa... -- ri o arabe. Nada se compara a

uma prosa com pessoas inteligentes como Dona Carmosina, a danada tem cada saída. . . -- Por falar nisso, o que é que ele foi fazer em Esplanada?

-- Ascanio viajou? -- Dona Carmosina interessa-se, preocupada: -- quando?

-- Hoje. Me disse que volta amanhã.

A marineti de Jairo faz ponto em frente ao cinema, ao lado da casa de Chalita, presença infalível na partida (horário rígido) e

na chegada (horário imprevisível) do veículo, controlando os viajantes.

-- Que espécie de maroteira terá ido tramar? Disse que regressa amanhã? Então só foi até Esplanada, não dá tempo para ir a Salvador. Ele anda desnortado. Pensou que a eleição ia ser uma barbada, ficou de crista murcha com o comício. -- Pois eu ainda acho que ele se elege. -- Considera o coletor. -- Não nego o prestígio do Comandante, mas, sabe como são essas coisas. . . Ascanio já está na Prefeitura e, mais importante de tudo, é homem do Coronel Artur. . . Porque prestígio mesmo, quem tem é o Coronel.

-- Foi homem do Coronel, não é mais. Quem não sabe que o Coronel se desligou da candidatura do Doutor Dioxido? -- Doutor Dioxido, essa é demais. . . -- contorce-se Chalita.

-- Me diga uma coisa, seu Edmundo: foi por generosidade que Modesto Pires abriu a tal lista de contribuições, essa que o senhor assinou? Ou foi depois que o candidato de vocês voltou da Tapitanga, com o rabo entre as pernas e as mãos abanando? Sabe o que o Coronel respondeu quando ele pediu dinheiro para a campanha? Que recorresse a Brastanio. Não venha me dizer que não soube.

-- Soube, sim, Carmosina. Mas atualmente se fala tanta coisa, a gente não pode sair acreditando assim sem mais nem menos. É bem capaz que o Coronel tenha negado ajuda a Ascanio, o velho está broco, cada vez mais canguinha. Mas também é verdade que não disse a ninguém para não votar em Ascanio. Estou mentindo? Se

estou, me desminta.

-- Aos que tem ido la, saber, o Coronel Artur diz que cada um vote em quem quiser, de acordo com sua consciencia. De broco, ele nao tem nada e nao foi por avareza que nao atendeu ao pedido de dinheiro. Eu lhe digo mais: o Coronel so nao sai apoiando de frente a candidatura do Comandante porque tem pena do afilhado. Mas pergunte a Vadeco Rosa o que foi que ouviu na Tapitanga, e nao esqueca que Vadeco e vereador e tem um bocado de votos em Rocinha. Ele mesmo me contou. Foi pedir instrucoes, o Coronel lhe disse para apoiar quem quisesse e bem entendesse, nao tinha ordens a dar nem candidato a Prefeito, estava retirado da politica.

-- Ainda assim, o pessoal de Rocinha come pela mao de Ascanio, a comecar por Vadeco.

--\_Comia, a coisa esta mudando. Depois de conversar com Tieta, Vadeco ficou muito abalado. Em Rocinha estavam pensando que Ascanio, depois de eleito, ia comprar as terras do 558

municipio a peso de ouro. Quando viram que ele so pretende desapropriar os terrenos do coqueiral, ficaram danados. O senhor sabe que Tieta esta indo de casa em casa? Para a semana, vamos fazer um comicio em Rocinha, ela vai falar. -- Nao tem duvida... -- reconhece o coletor. -- Dona Antonieta e um grande trunfo, e so quem faz medo. O Comandante, a gente ve, saiu candidato a contragosto, por imposicao, e eu sei de quem. . .

-- Minha, com certeza, nao e? Fique sabendo que a acusacao me honra muito.

-- Coitado, e ter uma folga, se toca para Mangue Seco. Agora mesmo esta na praia, nao esta?

-- Para assegurar os votos do pessoal de la. Mas volta logo. -- Pelos votos de Mangue Seco? Nao chegam a uma duzia. . . Mas Tieta, essa pode desequilibrar a balanca, se ficar ate o fim. . . Engracado: apesar de combater a candidatura de Ascanio, parece que ela nao se opoe ao namoro dele com a enteada. Alias, Carmosina, em materia de namoro, esse e de se tirar o chapéu. . .

Dona Carmosina evita o assunto, a vida particular de Ascanio nao

esta em discussao, Leonora e um amor de criatura. Mas, ja que o coletor desviou a conversa dos temas politicos para outros, mais amenos, ela gostaria de saber. . .

-- O que, Carmosina?

-- Se e verdade o que andam dizendo por ai... Que Modesto Pires admitiu um socio.

-- No curtume?

-- Nao, seu Edmundo. Na cama de Carol.

Quem responde e o arabe Chalita, alisando com gosto os bigodoes:

-- Um so, nao. Eu soube de pelo menos dois. -- Um clarao perpassa-lhe nos olhos gulosos. -- Estou esperando que se transforme em sociedade anonima. . . Para comprar uma acaozinha.

DA CONVERSA FINAL SOBRE O DESTINO DAS AGUAS, DOS PEIXES E DOS HOMENS, QUANDO A BRASTANIO ESCOLHE

NOVO

DIRETOR

E,

NO

REQUINTADO

AMBIENTE DO REFUGIO DOS LORDES, SERVE-SE -- HORROR! --  
UISQUE COM GUARANA.

Na equipe escolhida a dedo destaca-se, pela elegancia do porte, uma jovem pernalta e esguia. Mais do que esguia, magricela, modelo em desfiles de haute-couture, bem ao gosto do magnata Angelo Bardi. Convocada para ele, especialmente; a administracao do Refugio dos Lordes, a par do apetite dos fregueses tradicionais, os sustentaculos da casa, trata de satisfazer-lhes os caprichos. Doutor Mirko Stefano alegra-se ao constatar a presenca da ruiva ondulosa e picara, parecida com Bety; no encontro anterior Sua Excelencia a confiscara, deixando o Magnifico vagamente frustrado. O Velho Parlamentar nao foi esquecido: uma guria com fisionomia e jeito tao impuberes que certas ocasioes faziam-na passar por

virgem, com sucesso. Em atencao ao novato (para quem fora recomendada a maior deferencia), a gerente, desconhecendo-lhe os pendores, destacara tres garotas, de tipos diferentes mas todas otimas, il n'aura que l'embarras du choix. Enquanto servem uisque aos poderosos senhores, as seis belas exibem os encantos -- a mais vestida usa biquini, a esgalga agita vaporoso veu a realcar-lhe os ossos. Trajando sobrio costume bem talhado, a gerente, gordota e baixa, parece diretora de um internato feminino.

Fitando de esguelha a nudez das mocas, o cidadao de postura rigida e cabelo buscarre, pela primeira vez em tal ambiente, procura vencer o acanhamento. Na juventude frequentara prostibulos, em certa ocasiao festiva fora a um randevu, em Botafogo, do Rio de Janeiro; depois casara-se. Nao corre perigo de ser identificado, esta incognito e a paisana, anonimo parceiro participando com amigos de programa alegre. Ao ser servido pela ruiva, desviando os olhos encadeados, anuncia: -- Quero o meu uisque com guarana.

Com guarana! Faz-se um silencio de espanto. A magricela, ao lado de Bardi, contem o riso. Uisque daquela marca rara e preciosa, em Sao Paulo serve-se apenas no Joquei Club e no Refugio dos Lordes. Na Inglaterra, bebem-no puro, sem gelo. Mas o Velho Parlamentar, um lorde, esclarece com fleuma britanica e impavida adulacao:

-- Uisque and guarana, formula brasileira, muito em moda. Vou querer tambem.

Ha gosto para tudo, pensa a gerente. Refazendo-se do sacrilegio, vence a repugnancia e ordena: -- Guarana, depressa!

560

O Doutor Angelo Bardi desvia as atencoes, ao pedir noticias de sua querida amiga a quem nao ve ha bastante tempo: -- Nossa cara Madame Antoinette, nao volta mais? -- Ainda esta na Franca. Quando ia embarcar, o pai morreu, o general. Do coracao, coitado.

-- General? -- o de cabelo buscarre, olhos de vies nas mocas, supera o embaraco, demonstra repentino interesse. -- Madame Antoinette e filha de um general frances com uma nativa da Martinica. . . -- a gerente repete a classica informacao, ar de professora de historia,

ditando aula. -- Como? -- o de cabelo buscarre se espanta. -- Como a Imperatriz Josefina, a de Napoleao Bonaparte. -- Ilustra o Magnifico Doutor.

-- Ahn! Figura historica! Muito interessante. -- Sente-se mais a vontade e usa o guarana com abundancia. -- Desejam mais alguma coisa? -- Diante da resposta negativa, a gerente comanda: -- Vamos, meninas! -- Marcha a frente do garrido pelotao.

O Velho Parlamentar pousa o copo:

-- Pois aqui estamos, vitoriosos. Custou trabalho e muita habilidade, assunto explosivo. Nao digo para valorizar mas se nao fosse o parecer do amigo aqui presente. . . O pessoal da linha dura andou torcendo o nariz e as autoridades baianas tinham fincado o pe: em qualquer lugar, menos em Arembepe, e dai nao arredavam. Mas, finalmente, cederam, abandonando a posicao de intransigencia, diante da argumentacao apresentada por nosso prestigioso paraninfo.

-- O desenvolvimento nacional e prioritario, contra ele nao podem prevalecer razoes sentimentais, muito menos irrelevantes detalhes de localizacao. Estive la, pessoalmente, constatando o absurdo das alegacoes, meu parecer baseou-se no estudo direto do problema. Em rapido bosquejo, vou coloca-los a par de meus considerandos e de minhas conclusoes. -- O prestigioso paraninfo aclara a voz com um largo trago de uisque com guarana. Nao pediu anuencia, foi em frente com o rapido bosquejo, em verdade quase uma conferencia. Angelo Bardi ouve de olhos semicerrados, cada palavra vale ouro. O Velho Parlamentar parece beber as frases do conferencista, concorda e aplaude com a cabeca. Atento, o Magnifico Doutor, em atitude de discreta reverencia: que pecado cometera para sofrer aquele castigo? Ninguem ousou interromper.

Na Bahia, aquela hora, Rosalvo Lucena, no gabinete do Secretario, recebe a boa noticia: novos estudos, realizados em alto

nivel, levaram a uma reavaliacao do problema. Poderosas razoes de ordem economica, social e politica determinam a localizacao da

industria de dióxido de titânio em Arembepe, o Governo Estadual da meia-volta, volver, submete-se e aprova o pedido da Brastanio. No Refugio dos Lordes, ao calar-se a voz autoritaria e metálica, o magnata Bardi aplaude:

-- Ainda bem que possuímos estadistas de larga visao, capazes de impor as supremas razoes do interesse nacional, esmagando preconceitos, derrotando a subversao. Dou-lhe os parabens, meu ilustre amigo.

O Velho Parlamentar deixa de lado o copo de uisque com guarana, mistura horrenda:

-- Caro Bardi, um ultimo detalhe antes que nos separemos. Em que data sera realizada a assembleia para a ampliacao da diretoria da Brastanio?

-- Em seguida. Estaremos em Salvador amanha, faremos publicar imediatamente os editais de convocacao. -- Volta-se para o autor do relatorio que se regala com o uisque and guarana. -- Para nos vai ser um grande prazer incorporar a diretoria da Brastanio o Doutor Gildo Verissimo, de cuja capacidade temos as melhores referencias. .

-- Nao e por ser meu genro. . . -- concorda o ilustre amigo -- . . . mas competencia e o que lhe sobra. Os senhores estao bem servidos.

-- Estamos conversados. -- Conclui o Velho Parlamentar. Angelo Bardi agita pequena sineta de prata, a gerente se apresenta comandando as meninas. O de postura rigida e cabelo buscarre, prestigioso paraninfo, ilustre amigo, curva-se para o Magnifico Doutor, pergunta em voz baixa: -- As despesas estao todas pagas?

-- E claro. . .

-- Todas? Incluindo. . .

-- Incluindo.

-- Entao, avise a ela -- ordena, apontando a gerente -- que eu quero aquela de cabelo de fogo. . .

La se ia a ruiva, perdida pela segunda vez, contingencia da profissao de diretor de relacoes publicas, repleta desses desapontos. Mas tambem gratificante, reflete Mirko. Saber que Agreste desaparecera do mapa, que nunca mais tera de atravessar aqueles caminhos de



mula e suportar o calor senegalesco, a poeira, a lama, o desconforto, a cerveja quente, sem falar nos bandidos e nos tubarões da costa deserta, misérias e perigos a cercá-lo e ameaçá-lo, pagava qualquer pena -- ruiva ou castanha, loira ou 562

trigueira.

Em nenhum momento, enquanto recordou Agreste e Mangue Seco, pensou em Ascanio Trindade. Para o Doutor Mirko Stefano, Agreste e sua gente pobre e feia tinham acabado para sempre.

ONDE REAPARECE O AUTOR QUANDO JÁ NOS IMAGINÁVAMOS LIVRES DESSE CHATO.

Era minha intenção não interromper a narrativa quando chegamos ao epílogo desse monumental folhetim (monumental, sim, basta atentar-se no número de páginas). Sendo neutro na contenda travada em Agreste, desejava manter-me à margem, simples espectador. Mas vejo-me obrigado a abandonar meu propósito, para mais uma vez defender-me de críticas assacadas contra a forma e o conteúdo de meu trabalho por Fulvio D'Alambert, fraterno e acerbo. Chego a supor que sentimento menos digno, qual seja a inveja, ditasse as restrições, ao constatar que me aproximo do fim deste cometimento literário. Nunca acreditou que eu conseguisse realizá-lo. Não penso responder a uma quantidade de reproches menores, de ordem gramatical ou estilística, para não alongar minha intervenção. Desses, para exemplo, citarei apenas um. D'Alambert critica asperamente a forma como empreguei o verbo "contemplar". Subindo em companhia de Cinira, a escada que leva à torre da igreja, Ricardo vai, "ela na frente, ele atrás, a contemplar". Contemplar, ensina-me Fulvio, e verbo transitivo, exige objeto direto: quem contempla, contempla alguma coisa. Segundo ele, escondi dos leitores o alvo da jubilosa contemplação do seminarista.

Defendo-me, perguntando se os leitores necessitam realmente de objeto direto para se darem conta da paisagem contemplada pelo jovem, se outra não existia na estreita e sombria escada além das

coxas e dos quadris da donzelona? Além de tudo, tais detalhes da anatomia da beata, se bem excitassem o adolescente, não são de qualidade a merecer o interesse dos leitores. Acusação mais seria refere-se ao atropelo final da narrativa. Antes, as ações sucediam-se, poucas e lentas, espalhando-se em folhas e folhas de papel, numa falta de pressa, num despropósito de detalhes, em contínua repetição de minúcias, gritante ausência de economia literária, durante cinco longos episódios de

enfadonha leitura. Abruptamente, no epílogo, modifica-se o ritmo, rompe-se a medida do tempo e do espaço ficcionais, perdendo-se a unidade da narrativa.

Na opinião de Fulvio, o autor tomou-se de tal pressa a ponto de deixar os leitores na ignorância de fatos do maior interesse, reduzidos a simples referência casual. Cita o comício da Praça da Matriz e a questão dos sócios de Modesto Pires nos afagos de Carol. Sabe-se de Ricardo, quais os outros? Não sou culpado pela modificação do ritmo da narrativa, se ela existe. Os acontecimentos e que se precipitaram e se atropelaram, a minha revelia. Tantos em tão pouco tempo, para acompanhá-los vou deixando de lado aqueles que não me parecem fundamentais, mesmo se aparatosos ou divertidos. E o caso do comício. Realizando-se no dia seguinte ao do conflito na feira, atraiu numeroso público. O vate Barbozinha foi o primeiro a ocupar a tribuna, ou seja, a frente do palanque da Praça e a elevar a voz (o verbo no caso vale em sentido literal pois, não havendo microfone e alto-falante, os oradores usam a força dos pulmões). O bardo possui seus incondicionais, sobretudo entre as solteironas -- adoram vê-lo recitar poemas de amor, o braço estendido, os olhos entornados para o céu, tremulos na voz ao pronunciar as rimas ricas, desafiando as emoções românticas e sensuais de amores eternos e perjuros. As musas inspiradoras de Barbozinha tinham sido, em grande maioria, raparigas dos castelos de Salvador, todos dos tempos de boemia. Nos *Poemas da Maldicao*, porém, como ele próprio explicou, vibrara as

cordas do civismo e da indignação em lira patriótica e acusadora. Obteve aplausos mas, ao final, as fanáticas exigiram, aos gritos, a declamação de uns versos famosos, dezenas de vezes recitados nas festas locais: a *Balada do Triste Trovador*. Não fosse a energética oposição de Dona Carmosina -- isso aqui é um comício político, homem! --, o poeta estaria até agora no palanque a dizer a *Elegia Obscura da Rua São Miguel*, o *Poema para os Labios de Luciana*, o *Soneto Escrito nos Seios de Isadora* e outras peças de resistência.

Mitingueira estreante, Dona Carmosina saiu-se bem. Seguidamente aparteada por Ascanio, levava vantagem no debate, língua solta e atrevida. A única interrupção a perturba-la -- por pouco não perde o rebolado -- teve mais de comentário que de aparte e não proveio de Ascanio. Partiu de Bafo de Bode, tão bebado a ponto de não se aguentar de pé. Ao ouvir Dona Carmosina declarar que falava "em nome das mães de família preocupadas com o futuro dos filhos e maridos", o mendigo protestou:

564

--\_Ah! Essa não. . . Solteirona encruada não pode falar em nome de mulher casada, não tem competência de boceta! O protesto arrancara risos da assistência, composta em boa parte por ouvintes mais interessados na troca de acusações e injúrias do que nos graves assuntos em debate, dados sobre o problema da poluição e o grau de periculosidade dos efluentes do dióxido de titânio, manejados com evidente competência por Dona Carmosina. Nem por ela me parecer chegada a chicanas e maquiavelismos, lhe negarei capacidade e ousadia. Novidade no burgo, onde as eleições prescindiam de agitação e propaganda, bastando a palavra-de-ordem do Coronel Artur de Figueiredo para o esclarecimento do eleitorado, o comício transformou-se numa festa. Tão bem-sucedido que, ali mesmo, na Praça, Ascanio Trindade decidiu realizar um no sábado seguinte, localizando-o na Praça do Mercado -- por denominar-se realmente Praça Coronel Francisco Trindade, em honra de seu avô, o operoso Intendente, e por lhe garantir o apoio dos

feirantes. Para comicio, faixas, volantes, para enfrentar a campanha do Comandante, precisava de dinheiro mas isso nao lhe parecia constituir problema sendo, como era, candidato do Coronel. O padrinho nunca lhe faltara. Dessa vez, faltou, come ja se sabe, obrigando-o a dirigir-se a Brastanio. Fora a Esplanada para de la telefonar ao Magnifico Doutor.

O Comandante encerrou o comicio, apresentando sua plataforma eleitoral. Nao permitiu apartes, no receio de perder o fio do improvisado -- decorado a duras penas. Passara noites em claro, declamando paragrafos, sob a vigilancia e o aplauso de Dona Laura. Declarou ter abandonado-a tranquilidade e o repouso a que fizera jus apos uma vida consagrada a Patria (*aplausos*) para novamente envergar a farda gloriosa da Marinha

de Guerra (*repetidos aplausos*) e colocar-se a servico do povo de Agreste (*grandes aplausos*). Mesmo a paisana na tribuna, estava moralmente fardado, a postos na trincheira de luta (*ruidosos aplausos; gritos de Bravo! e Muito bem!*). Acusavam-no de inimigo do progresso, calunia vil. Contra o falso progresso, sim, contra aquele que nao concorre para o bem da comunidade, o que polui, suja, empesteia e enche os bolsos dos industriais da morte (*gritos de Apoiado!, e de Nao Apoiado! -- "A Brastanio e a redencao de Agreste!"*) Mas saudava com entusiasmo o verdadeiro progresso, aquele que beneficia nao apenas meia duzia de sabidos mas toda a populacao, progresso simbolizado pelos postes da Hidreletrica do Sao Francisco (*ruidosos aplausos*), conquista que "o povo deve exclusivamente a nossa benemerita e influente conterranea, Dona Antonieta Esteves Cantarelli, nossa querida

Tieta. . . (*aplausos, bravos, vivas, Viva Tieta! Viva! Vivoo!, perdendo-se na ovacao as ultimas palavras do orador*). Uma apoteose.

Quanto aos cochichados socios de Modesto Pires, socios de industria, sem capital, mantendo-se o ricalhaco como unico capitalista, comanditario exclusivo -- sobre eles pouco tenho a dizer.

Pode-se considerar o seminarista Ricardo um socio, no sentido lato da palavra? Não creio. Abriu o caminho para a liberalização da empresa antes individual, fechada e proibida, terminando aí sua participação. Permanecesse em Agreste, certamente ocuparia lugar importante na firma, ou seja, no leito de Carol. Quem sabe, ao voltar?

Quanto a outros socios, sei apenas de Fidelio, o atual Taco de Ouro. Sim, não posso negar: a decisão do torneio de bilhar, relevante acontecimento, deixou de ser consignada, no devido tempo, nas páginas tumultuadas deste folhetim. Não há muito a relatar. Fidelio derrotou Asterio, na partida final, disputada ponto a ponto, tacada a tacada. Asterio retornara aos treinos, vendeu caro a derrota e o título. Como de hábito, numerosa torcida feminina apoiou o rebelde herdeiro do coqueiral, restando apenas a Asterio a sustentação de uma Elisa melancólica e quase indiferente ao resultado da disputa. Dona Edna não compareceu, sabe-se lá devido a que ou a quem. Tampouco Leonora. Estando Ascanio eliminado, ela nada tinha a fazer no bar de cochichos e indiretas.

Várias admiradoras de Fidelio esperavam que o novo campeão lhes dedicasse a vitória, tinham razões para tanto. Ele preferiu, no entanto, comemorá-la com Carol. Empurrou a porta defesa mas apenas encostada, pois Modesto Pires continuava em Mangue Seco. Por falta de verba -- ah! a pobreza de Agreste! -- o Taco de Ouro não passa de título abstrato, não se concretiza em troféu, sequer em diploma. Carol, porém, com a sabedoria e a malícia das amasias dos ricos nas pequenas cidades, facilmente concretizou a abstração, o Taco de Ouro teve forma, volume e sabor. Entregues a tão meritória tarefa, os encontrou o ricalhaco quando, chamado às pressas devido aos alarmantes boatos sobre a inesperada neutralidade do Coronel, se arrancou dos braços amáveis (e insossos) de Dona Aida e veio saber o que de fato estava acontecendo na cidade. Soube, até demais. Sendo Modesto Pires um dos mais irredutíveis guardiões da moral pública em Agreste e levando-se em conta a natureza enrustida de Fidelio, desconhece-se o teor da conversa da qual nasceu a sociedade. Se começou, como alardeiam, turbulenta e agressiva, terminou em harmonia e acordo, pois Fidelio saiu, 566

segundo varias testemunhas, pela porta da rua, calmo, decentemente vestido, sorrindo. Ao contrario do que pensaram fosse acontecer, Carol nao embarcou na marineti de Jairo, devolvida as plagas sergipanas; na tarde daquele mesmo dia esteve fazendo compras nas lojas, desparramando dinheiro. Chifres caros, os de Modesto Pires, cornos de ouro, como compete a cidadao rico e virtuoso. As acoes da sociedade andam em alta, sao varios os candidatos a integra-la mas nao creio que as esperancas de Chalita possam se realizar. Sociedade limitada, sim. Anonima, com certeza nao.

Cumprindo dever civico, Modesto Pires, tendo analisado a conjuntura politica, abriu com modica quantia uma subscricao de ajuda a campanha de Ascanio Trindade. Espera recuperar, com juros, a inversao, apos o pleito.

Ainda um ultimo detalhe e vou-me embora, disposto a nao voltar. Fulvio D'Alambert, preocupado com a verossimilhanca dos personagens, acha que por vezes perco a medida ao amassar o barro na criacao dessa humilde gente sertaneja. Como exemplo de irrealismo, aponta a figura do seminarista. A atividade sexual de Ricardo, sua competencia fisica parecem-lhe evidentemente exageradas, a ponto de Bafo de Bode surpreender-se. A restricao revela desconhecimento do quotidiano das cidadezinhas mortas, da carencia e da ansia das mulheres condenadas ao marasmo e as novelas de radio, a falta de homens. Por outro lado, nao sei qual a capacidade dos caros leitores aos dezoito anos. A mim, nao me parecem anormais os feitos do adolescente impetuoso, estuante de vida, invencivel guerreiro. Ademais, como certamente perceberam, os levitas participam da natureza gloriosa dos arcanjos.

DA POLUIDA VIA SACRA NA LONGA NOITE DE AGRESTE --  
PRIMEIRA ESTACAO: O MENOSPREZO NOS FIOS TELEFONICOS.

No calorao da tarde, a marineti encontra-se em pane na estrada, os passageiros sofrendo na expectativa do motor pegar. Padre Mariano arrasta Ascanio para a sombra do veiculo, o suor pingando sob a batina -- nao adotara a moda moderna de calca e camisa esporte, tao em voga entre os padres da capital: -- Nao sei nao, meu Ascanio, essa eleicao e uma loteria. Se o Coronel Artur se empenhasse, ia ser uma peleja de gigantes, ele de um lado, Dona Antonieta do outro. Mas ate isso a nossa Comendadora conseguiu: tirar o Coronel do pareo, um verdadeiro milagre -- balancou a cabeça, olhar de compaixao, so faltou dizer que a candidatura de Ascanio tinha levado a breca. -- Conversando sobre a nova instalacao eletrica da Matriz, contei ao Senhor Bispo Auxiliar: apareceu uma santa em Agreste, em carne e osso, faz milagres.

Ascanio engole em seco, nao pode contestar, trata-se da madrasta de Leonora. Santa? O diabo em pessoa, inimiga jurada de sua candidatura a Prefeito e de seus projetos de noivado e casamento. Sempre que ele toca nesse assunto, Leonora desconversa, contorna, escapa reticente. Duvidar do amor da moca, impossivel, ela lhe concedera as provas maiores. Que podia ser, senao a discordancia categorica da madrasta, desejosa de casamento milionario, digno da enteada? Tieta tornara-se o pesadelo de Ascanio, asa negra, anjo mau a atropelar-lhe os passos a cada instante. Dois dias antes, Vadeco Rosa, dono de algumas dezenas de votos, encabulado, cocando a cabeça, comunicara: -- Para mim, candidato precisa ter avalista de peso, como seja o Coronel Artur ou Dona Antonieta. Traga o aval do Coronel ou o de Dona Tieta e leva meus votos.

Inimiga jurada, anjo mau, asa negra, pesadelo de Ascanio; Comendadora, santa, aval do Comandante. A conversa de Padre Mariano aumenta a aflicao do candidato. Regressa de Esplanada desanimado e inquieto. Uma vez se sentira assim, maltratado, ferido, objeto de humilhacao e pouco caso: quando fora a Paulo Afonso lutar pela energia da Hidreletrica para o municipio. Os chefoes trataram-no com desprezo, riram dele. Depois, com dois simples telegramas, Dona Antonieta resolvera o caso. Sempre ela. Agora, ainda pior. Volta nao apenas cabisbaixo mas temeroso, roido de suspeitas. Nada de concreto, mas nao lhe 568

agradara o tratamento dos funcionarios da Brastanio ao telefone. Surpreendera-o sobretudo Bety, amavel e brincalhona na vespera, quando da primeira chamada. Distante, seca e apressada quando ele voltara a ligar. Ficara com a pulga atras da orelha. Quatro vezes comunicara-se com Salvador, buscando falar com o Magnifico para lhe expor a situacao, a luta eleitoral, a necessidade de ajuda da Brastanio. Talvez Doutor Mirko ja estivesse a par, *A Tarde* noticiara o lancamento da candidatura do Comandante. O doutor estava ausente, disseram-lhe na vespera e o puseram em comunicacao com Bety. A secretaria executiva confirmou a noticia, o Magnifico Doutor fora a Sao Paulo mas retornara a Bahia naquela mesma noite. Propos que ele voltasse a chamar no dia seguinte. Gentil, a voz de frete, tratando-o de gostosao, pedindo noticias do lindo -- o lindo era Osnar. Ate ai, tudo bem.

No dia seguinte, ou seja, naquela manha, Ascanio telefonou primeiro para o Hotel e, tendo se identificado, soube que realmente o Doutor Stefano regressara de viagem na noite passada mas saira cedo para o escritorio. Ligou entao para a Brastanio -- cada pedido de comunicacao significava uma absurda mao-de-obra, interminavel espera; felizmente a telefonista de Esplanada conhecia Canuto Tavares e teve a maior boa vontade. Ao pedir para falar com Doutor Mirko Stefano -- sou Ascanio Trindade, de Sant'Ana do Agreste, estou telefonando de Esplanada --, disseram que iam transferir a ligacao para a sala do Doutor, um momentinho. O momentinho durou alguns minutos, Ascanio afobado, no receio de que a linha caisse. Por fim voltou a voz anonima. Doutor Stefano estava ausente, em viagem, sem data de regresso. Ascanio quis falar com Bety, nova demora antes que a voz anunciasse: a secretaria se encontrava ocupada, nao podia atender naquele momento. Meia hora depois, Ascanio insistiu e apos muito rogo obteve Bety, impaciente e brusca: o Doutor Mirko permanecia em Sao Paulo. No hotel informaram que ja chegara, na vespera a noite? No escritorio, nao sabiam de nada, ali nao aparecera nem era esperado. Se valia a pena chamar novamente, mais tarde? Naquele dia, certamente nao. Por que nao escreve uma carta e envia pelo correio? O assunto e



urgente e importante? Ela nada pode fazer e vai desligar, não tem tempo para bater papo. Tenta rete-la: ouca, Bety, por favor. . . A apressada nem sequer ouviu o fim da frase, depois o fone. Tudo aquilo

lhe

parecera

estranho,

causara-lhe

impressão

desagradável, sentia-se acabrunhado. Escreveu a carta, pedindo

resposta urgente, colocou no correio.

Naquela tarde, a marineti pifou três vezes. Jairo usou o repertório inteiro: os mais ternos apelidos, os palavrões mais grossos. Chegaram a Agreste ao cair da noite, Chalita os recebeu com uma notícia triste, o falecimento do velho Jarde Antunes. Deitara-se após o almoço, fechara os olhos, não os abriu mais. -- Quando se deram conta o corpo já estava frio. A sentinela e lá mesmo, na pensão de Amorzinho.

DA POLUIDA VIA SACRA NA LONGA NOITE DE AGRESTE --  
SEGUNDA ESTACAO: O ANEL DE COMPROMISSO E A TACA DE FEL.

Quer tomar um banho, antes de comparecer ao velório. Sentada no batente da porta, pitando o cachimbo, Rafa informa: -- Tem gente.

-- Em casa? Quem?

-- Uma tipa. Foi entrando.

Leonora? Quem pode ser, senão ela?

Ha dias, Leonora vem tentando convence-lo a se encontrarem em casa dele, cansada na certa da imprudente e incomoda incursão noturna aos barrancos do rio. Mas Ascanio deseja que a bem-amada transponha a porta da tradicional residência da família na qualidade de senhora Ascanio Trindade, em pleno dia, vinda do altar,

esposa. Naquela cama de jacaranda onde dormiram seus pais, pretende que ela se deite somente quando as leis dos homens e de Deus tiverem consagrado suas relações. Eis que Leonora o coloca diante do fato consumado. Levantando-se da cama onde se estendera, atira-se em seu pescoco, oferece-lhe a boca para o beijo: -- O onibus estava demorando, Maezinha foi para o velorio, vim te esperar aqui. Se fiz mal, me perdoe. Estava morrendo de saudade, amor.

-- Eu tambem. Nao via a hora de voltar. Mas, voce nao. . . -- O que e que tem? -- interrompe a repreensao com um beijo.

Os beijos se repetem, tornam-se mais longos e ardentes, 570

Ascanio sente o corpo de Leonora estremecer, colado ao seu. Gostaria de tomar um banho, livrar-se da poeira e do enfado da viagem mas ela o puxa para a cama, acaricia-lhe o rosto fatigado. -- Voce esta triste, meu amor. Nao conseguiu acertar o que queria?

Ascanio descansa a cabeça no ombro de Leonora: -- Nao consegui falar com Doutor Mirko. Nao esta na Bahia, pelo menos foi o que me disseram. Uma historia atrapalhada que me deixou muito cabreiro. Mais do que cabreiro -- ofendido, soturno, de moral baixa. Leonora cobre-lhe a face com beijos, tentando anima-lo. Ascanio toma as maos da moça:

-- So tenho voce no mundo, Nora. Mais ninguem. Tocando-lhe os dedos, lembra-se do anel de compromisso, oferta da Brastanio naqueles dias alegres de intimidade e confianca entre ele e os diretores da Companhia. Ficara no bolso da outra roupa, vai busca-lo:

-- Quero te dar uma coisa. . .

Pensara oferece-lo em festiva cerimonia, na presenca da madrasta, dos parentes e de alguns amigos, ao pedir a mao de Leonora em casamento. Resolve desistir de solenidade e protocolo. Para ter o direito de entrar naquela casa, Leonora deve ser ao menos sua noiva. Por outro lado, ele bem merece uma alegria que compense o menosprezo dos funcionarios da Brastanio.

Coloca o anel no dedo anular da mao direita de Leonora, o dedo

certo para anel de noivado. Pela segunda vez executa o mesmo gesto de amor e compromisso. Na primeira, depositara anel e confianca, promessa e coracao em maos de noiva indigna. Pagara caro pelo erro, destrocado pela traicao, morto para o amor. Mas um dia acontecera o impossivel: da marineti de Jairo desceu a mais bela e pura das mulheres, essa que a partir de agora e sua prometida:

-- Trouxe esse anel da Bahia para voce, um anel de noivado. Para lhe entregar num dia especial, mas nao vejo jeito de poder conversar sobre esse assunto com sua madrasta. Me diga, Nora, quer casar comigo?

Os olhos de Leonora presos ao anel, perfeito em seu dedo, joia antiga. Pobre Ascanio a julga-la moca de familia; quanto nao lhe custara a prenda? A voz quebrada, quase um sussurro: -- Nao fale nisso. . .

-- Em que?

-- Em noivado, em casamento. Nao basta que eu seja tua?

Ascanio empalidece, a mao tremula desprende-se da mao da moca:

-- Nao aceita? Eu devia saber. Rica como e, por que havia de querer casar comigo?

-- Eu te amo, Ascanio. Voce e tudo para mim. Nunca amei ninguem antes. Os outros que conheci foram enganos meus. -- Foi o que eu pensei. Mas entao, por que recusa? -- Nao posso me casar contigo. Tenho motivos. . . -- Por ser fraca do peito? No clima daqui, fica curada num instante.

-- Nao, nao sou doente, mas nao posso.

-- Ja sei. Porque ela nao consente, nao e? Como e que sendo tao importante, vai permitir que a enteada case com um pe-rapado, ainda por cima metido a ter opiniao propria. . . -- Maezinha nao se envolve nisso.

-- Entao, por que?

Leonora cobre o rosto com as maos, prendendo as lagrimas. Ascanio se exalta, o rosto convulso, o coracao ferido: -- Um pobre-diabo do sertao, sem eira nem beira. . . Bom para uma aventura de ferias,

para mais nada. Para casar, os ricacos de Sao Paulo.

-- Nao e nada disso, amor, nao seja injusto. Eu te amo, sou doida por ti. Queres que eu seja tua amasia ou tua criada? Isso posso ser. Tua esposa, nao.

-- Mas, por que diabo?

-- Nao posso contar, o segredo nao e so meu. . . Ascanio volta a segurar-lhe a mao, afaga-lhe os cabelos, beija-lhe os olhos umidos:

-- Nao tem confianca em mim? Nem isso? Nao ja provei quanto lhe amo? Quando soube do que lhe aconteceu com o outro. . .

-- Tudo isso e mentira, meu amor. A verdade. . . -- Diga, confie em mim.

-- Nao sou rica, nem filha de Comendador, nem enteada de Maezinha.

-- Hein? Quem e voce, entao?

Entre soluços, conta tudo. O bairro miseravel, o cortico, a fome, a sordidez, o trotoar, o Refugio. Ascanio vai se afastando, levanta-se, a mascara de espanto e morte, como pudera ser tao imbecil! Ouve siderado, bebe a taca de fel. Pior do que da primeira vez, quando soube por uma carta. A lama se derrama no quarto, encobre a cama, cresce em vaga imensa, a afoga-lo. Daquela boca que imaginara pura, inocente, escorre pus. Leonora silencia, afinal. Eleva os olhos suplices para 572

Ascanio, pronta para novamente se oferecer de amasia, de criada. Mas um urro lancinante, de animal ferido de morte, escapa da boca de Ascanio. Leonora compreende que tudo terminou, na face do amante enxerga apenas odio e nojo. O dedo aponta para a rua:

-- Fora daqui, sua puta! Lugar de pegar macho e na rua. Mesmo sem nada ter ouvido do conversado la dentro, quando Leonora passa, desvairada, em pranto, e se perde na noite, Rafa cospe, negra saliva:

-- Tipa imunda.

DA POLUIDA VIA SACRA NA LONGA NOITE DE AGRESTE --  
TERCEIRA ESTACAO: A SANTA DESPOJADA DA TUNICA E DO

## RESPLENDOR.

Muita gente na sentinela de Jarde mas falta a animacao habitual dos bons velorios. Apesar da qualidade dos salgados e doces preparados por Dona Amorzinho, da quantidade de cachaca e cerveja mandadas vir do bar por Josafa, o ambiente e morno. Nos grupos, reunidos na sala de frente, onde repousa o corpo, e na calcada, nao espocam risos. Temas graves dominam as desenxabidas conversas. Tieta palestra com Padre Mariano, que pede noticias de Ricardo. Em Sao Cristovao, no convento dos franciscanos, a convite de Frei Timoteo? Esse seu sobrinho, minha carissima Dona Antonieta, vai ser um luminar da Igreja. Com a ajuda de Deus, o exemplo materno, os ensinamentos de Frei Timoteo e a generosidade da tia. O reverendo aproveita para incensar a benemerita, colocando-lhe na graciosa cabeça um resplendor de santa: figura de proa, pilar da Igreja, simbolo de preclaras virtudes. Tieta, coberta com a tunica de louvores, arvora um sorriso modesto. Ah! se o padre soubesse quais os exemplos dados pela mae, as virtudes inculcadas pela tia! Ainda bem que restam a ajuda de Deus e os ensinamentos de Frei Timoteo. Osnar esforca-se para degelar a vigilia, honrando a memoria do defunto como devido. Narra para o Doutor Marcolino Pitombo e para o gordo Bonaparte a manjadissima historia da polaca. Inedita para o advogado, amiude repetida para Bonaparte, que nao

se cansa de escuta-la, cada versao apresenta novos detalhes, o escrevente se regala.

No caixao, o corpo magro de Jarde, a face de cera. Numa cadeira ao lado, Josafa recebe os pesames. Lauro Branco, capataz da fazenda de Osnar, vizinho da Vista Alegre, intimo do falecido, veio da roca despedir-se do amigo.

-- Vim por mim e pelas cabras -- diz a Josafa. -- Tomara que ele encontre um rebanho grande no ceu, para cuidar. Era so do que gostava.

Escutam-se as nove badaladas do sino, apaga-se a luz dos postes, silencia o descompassado ruído do motor. Termina o dia das famílias, começa a noite dos perdidos. Dona Amorzinho acende as placas. Da escuridão surge um vulto, está bebado, doente ou louco?

Mesmo na obscuridade, todos se dão imediata conta do estado de confusão e desordem de Ascanio Trindade. Osnar interrompe a narrativa:

-- O que é que há, capitão Ascanio?

O capitão da aurora do poema de Barbozinha entra na sala, desfigurado, olhos de demente. Localiza Tieta junto ao padre, estica o braço para apontá-la, grita as palavras arrancadas com esforço, numa voz rouca, terrível, tumular: -- Sabem o que é que ela é? Pensam que é viúva, dona de fábricas, mãe de família? Não passa de uma cafetina, tem casa de raparigas em São Paulo, vive disso. Quem me contou foi a outra. Pedi a mão dela em casamento, me respondeu: não posso, sou mulher-dama. Faz a vida no randevu dessa nojenta que está aí, passando por santa. Duas vagabundas e um palhaco.

DA POLUIDA VIA SACRA NA LONGA NOITE DE AGRESTE -- QUARTA ESTACAO: A CONDENADA A VIDA.

Na lancha de Eliezer, Tieta reclama pressa. O luar reflete-se nas águas do rio, o corpo de Tieta atirado para a frente como se assim pudesse emprestar maior velocidade ao barco. Peto, na Praça, indicara o rumo de Leonora. Quase sem poder falar, desfeita em lágrimas, a prima o enviara a procura de 574

Pirica, partirá no bote a motor, devia estar chegando em Mangue Seco.

Eliezer chama a atenção para uma luz no rio, um barulho distante e o bote de volta. A um sinal de Tieta, Pirica manobra o motor, as duas embarcações balouçam na água, lado a lado. -- Cade Leonora?\_\_

-- Ficou lá. Perguntei se queria que eu esperasse, disse que não, que ia demorar uns dias. O que foi que houve com ela? Não para de

chorar, e de cortar o coração.

Em Mangue Seco, Eliezer encalha a lancha na areia, acompanha Tieta que desembarca as pressas. Na luz do luar, percebem o grupo no extremo da praia, junto aos comoros imensos. A noite é infinitamente doce e bela, as águas mansas. Tieta corre, seguida por Eliezer.

Jonas levanta a cabeça, fala:

-- Se jogou dos combros, subiu sem ninguém ver. A sorte dela é que Daniel e Budiao tinham saído pra pescar. Ouviram o baque do corpo, Budiao trouxe ela pra canoa. Estirada na areia, segura por duas mulheres, debatendo-se, Leonora suplica que a deixem morrer. Tieta curva-se sobre ela: -- Idiota!

Ao reconhecer a voz, Leonora volta a cabeça: -- Me perdoe, Maezinha. Diga a elas que me soltem, quero morrer, ninguém pode me impedir.

Tieta ajoelha-se, suspende o busto de Leonora e a esbofeteia. A mão cai, pesada, com raiva, numa e noutra face da moça, os pescadores não intervêm, deixam-na fazer. Tampouco Leonora reage. Pela praia, aproxima-se correndo o Comandante Dario, a quem acabam de avisar. Tieta suspende o castigo, procura levantar a protegida:

-- Vamos embora.

-- O que foi, Tieta? O que aconteceu? -- o Comandante ajuda a por a moça em pé.

-- Nora brigou com Ascanio, tentou se afogar -- estende a mão em despedida. -- Diga adeus a Dona Laura, Comandante. -- Adeus? Por que?

-- Volto amanhã para São Paulo.

-- É a campanha, Tieta? Vai nos abandonar? -- Já não posso lhe ser de utilidade, Comandante. Mas toque o barco pra frente, salve os caranguejos, se puder. Na lancha, Tieta avisa a Leonora:

-- Se falar outra vez em morrer, eu lhe rebento de pancada.

Mangue Seco vai se perdendo na distância, águas e areias Tieta

contempla, os olhos secos.

Pelas frestas das janelas, na Praça, há quem observe as duas mulheres, vindas do ancoradouro. Dona Edna, por exemplo. Mas, na casa de Perpetua, portas e janelas estão trancadas. No passeio, atiradas, as malas, bolsas e sacolas de Tieta e Leonora.

DA POLUIDA VIA SACRA NA LONGA NOITE DE AGRESTE -- QUINTA ESTACAO: ENTRE A CRUZ E A DILIGENCIA.

Dona Milu e Dona Carmosina ocupam-se de Leonora, trocam-lhe a roupa, obrigam-na a deitar-se. Na casa da velha parteira, cresce um rebulico de tisanas e remedios -- cha de erva- cidreira para acalmar os nervos, gemada para esquentar o corpo e refazer as forcas. Sabino chega trazendo bolsas e maletas, a bagagem maior fora levada para a marineti, na garagem. Tieta avisa:

-- Vou ali, já volto.

Dona Milu se preocupa:

-- Ali, onde? Fazer o que?

-- Não tenha medo, mãe Milu, não vou agredir ninguém. Nas casas aparentemente adormecidas, os moradores estão despertos, atentos. Feixes de luz escapam pelas frinchas das portas, pelas vigias. Chega a rua uma ou outra palavra, dita em voz mais alta. Até a sentinela de Jarde ganhou animação. Discussões no bar repleto. Acento amargo na voz de Osnar: -- A porra dessa fábrica ainda nem começou e já apodreceu tudo.

Janelas se entreabrem ao passo de Tieta. Cruza a cidade, entra nos becos, vai até os barrancos do rio, não leva pressa, talvez se despedindo. Despedindo-se e recrutando, não anda ao acaso. Madame Antoinette, voila! tem destino e objetivo.

DA POLUIDA VIA SACRA NA LONGA NOITE DE AGRESTE -- SEXTA ESTACAO: O JEJUM E A ALELUIA.



-- Estao dizendo que o negocio dela e pensao de rapariga. Asterio chega do bar, fora de horas, desarvorado. Elisa se alca no leito, os seios saltando da camisola curta e transparente, herdada de Tieta, meia bunda a vista. Asterio desvia os olhos. Noite de novidades medonhas, propria para aflicao e oprobrio nela nao cabem os honestos deveres matrimoniais, muito menos depravados pensamentos.

-- Mentira! Pensao de rapariga?

-- Isso mesmo: castelo, randevu.

-- O que e mais que tu soube?

-- Elas estao em casa de Carmosina. Vao embora amanha para Sao Paulo.

-- O que? Tieta vai amanha para Sao Paulo? Salta do leito, enfia um penhoar tambem herdado, calca as sandalias, dirige-se resoluto para a porta. Asterio primeiro se perturba, depois se comove: Elisa quer despedir-se da irma, passando por cima de tudo; muito lhe devem, os linguarudos que se danem. Tambem ele deseja dizer adeus a Tieta. Nem por ser o que e deixa de ser boa irma, generosa parenta.

-- Tu vai ver ela? Tambem vou.

Elisa volta-se da porta:

-- Eu vou e embora com ela.

-- Embora com ela? Para Sao Paulo? -- nao compreende. Elisa nem responde, desaparece, a casa de Dona Milu fica proxima. Quando percebe Asterio a segui-la, apura os passos, acelera a marcha. Corre, ao avistar Tieta chegando da rua, grita: -- Tieta! Mana!

Tieta aguarda na porta, imovel, o rosto carrancudo, o olhar frio, hieratica. Elisa estende os bracos, suplica: -- Me leve com voce, mana, nao me abandone aqui. . . -- Ja lhe disse...

-- Eu quero ser puta em Sao Paulo. Nao me importo. Asterio escuta, perplexo, uma pontada no estomago, a dor aguda. Tieta desvia os olhos da irma para o cunhado, simpatiza com ele, o bobalhao:

-- Cuida da tua mulher, Asterio, bota ela na linha, ensina a te

respeitar. Uma vez, já lhe disse o que tinha que fazer. Por que não fez?

-- Mana, pelo amor de Deus, não me deixe aqui. -- Elisa se ajoelha no chão, diante de Tieta.

-- Leve ela embora e faça como eu lhe disse, Asterio. E agora ou nunca. -- Por um momento pousa os olhos na irmã e sente pena. -- A casa fica com vocês. Se precisarem de alguma coisa e só mandar dizer.

Elisa perde por completo o pudor e a contenção: -- Me leve, Maezinha, me bote em sua casa de raparigas. Tieta olha para o cunhado: e então? Asterio liberta-se da perplexidade, da dor de estômago, do preconceito, arranca a venda dos olhos, puxa a esposa pelo braço: -- Levanta! Vamos!

-- Me solta!

-- Levanta! Não ouviu?

Vibra-lhe a mão na cara. Tieta aprova com a cabeça. -- Obrigado, cunhada, por tudo. Até mais ver. Empurra Elisa, siderada, em direção a casa, uma das melhores residências da cidade, adquirida por Tieta para nela um dia vir esperar a morte, devagar, agora posta a disposição da irmã e do cunhado, em usufruto.

De empurrão em empurrão, chegam ao quarto de dormir. Elisa tenta escapar:

-- Não toque em mim.

O bofetão derruba-a na cama. A camisola enrola-se no pescoço, crescem os quadris na vista turva de Asterio. -- Quer ser puta, não é? Pois vai ser e agora mesmo -- estende a mão, arranca-lhe o trapo de náilon, a bunda inteira exposta, tanto tempo de jejum. -- Para começar, vou te comer o rabo!

Um estremecimento percorre o corpo de Elisa. Arregala os olhos. Repulsa, medo, espanto, curiosidade, expectativa? Heroína de novela de rádio, agitada por emoções contraditórias. Ai, pelo amor de Deus! Esposa submissa, sobe de costas o abrupto passo, dobra os ombros sob o peso do lenho -- entranhas de fogo e mel, vergalho

desabrochando em flor, Elisa rompe a aleluia na noite de Agreste. Ai, o Taco de Ouro!

DA POLUIDA VIA SACRA NA LONGA NOITE DE AGRESTE -- SETIMA ESTACAO: O CIRENEU BARBOZINHA SE OFERECE EM HOLOCAUSTO.

Acaba Tieta de deitar-se quando, espavorido, o vate Barbozinha bate na porta da casa de Dona Milu e anuncia: -- E de paz.

578

De paz e de amizade. Tieta vem do quarto de hospedes onde Leonora adormecera a forca de calmantes. Barbozinha prende lhe a mao e a leva aos labios. Esta patetico. A voz, marcada pela embolia, mais engrolada do que nunca: -- Soube que voce pensa ir embora. E verdade? -- Amanha, para Sao Paulo.

-- Por do que estao falando por ai? Vai, se quiser. Se quiser ficar e me dar a honra. . .

-- Que honra, Barbozinha?

-- De ser a Sra. Gregorio Melchiades de Matos Barbosa. . . -- Esta me oferecendo casamento? Para me tirar da lama? -- Sei que nao sou mais o rapaz daquele tempo, a carcaca anda meio arruinada, mas, tenho um nome honrado. . . -- . . . e ainda danca um tango como ninguem. . . Tieta ri, um riso bom, alegre, de puro contentamento, um riso que lhe enche os olhos de agua.

--\_Agora nao da, meu poeta. Eu te prezo muito e nao quero te ver chifrado, nao ias gostar. Quando eu estiver velhota, volto de vez e a gente casa. Ate la, cuide da carcaca e escreva mais versos para mim.

Beija-o nas faces e deixa que as lagrimas finalmente corram.

DA NOTICIA E DA RESPIRACAO.

-- Aparelho porreta! -- gaba o arabe Chalita. -- Os anos passam e ele nao nega fogo.

Refere-se ao radio russo na manha apenas despertada. Em frente ao cinema, com o auxilio de Sabino, Jairo ajusta o motor da marineti, enquanto aguarda os passageiros: o horario da saida e estrito. Ufano com os elogios, bota banca: -- Ja me ofereceram troca por um novo, japones. Recusei. O locutor do *Grande Jornal da Manha*, de popular emissora da capital, pede atencao aos ouvintes para importante noticia que sera divulgada apos os comerciais. Transmissao limpida, sem estatica, ratificando as alabancas de Chalita. Toalha ao ombro, Doutor Franklin Lins junta-se ao grupo. Diariamente aquela hora, antes da partida da marineti, o tabeliao vai ao banho de rio. A voz empostada do radialista reafirma o suspense: "*Atencao*

*para esta noticia! Na tarde de ontem foi oficialmente concedida autorizacao governamental a Companhia Brasileira de Titanio S.A., a Brastanio, para estabelecer em Arembepe duas fabricas interligadas que produzirao dióxido de titanio. Objetivando o funcionamento dentro do prazo mais breve possivel do grande e discutido projeto industrial, as obras para a sua concretizacao serao iniciadas imediatamente, em vasta area adquirida com anterioridade pela Companhia."* Uma serie de violentas descargas sauda a noticia. Levando em conta as origens do venerando aparelho, dir-se-ia tratar-se de um protesto. -- Voces ouviram o que eu ouvi? -- pergunta o Doutor Franklin.

-- E a tal fabrica que Ascanio queria trazer para Mangue Seco, nao e? -- acende-se o olho do arabe. Como se nao bastassem os acontecidos da vespera, ainda por cima essa novidade. O dia prenuncia-se exaltante. -- Quer dizer que a tal fabrica nao vai ser mais aqui? -- Jairo suspende o exame do motor da marineti. -- Vai ser em Arembepe, juntinho da capital, nao escutou? Era um dos lugares falados -- explica o tabeliao. -- Porra!

Doutor Franklin Lins toma folego, ajeita a toalha no ombro: -- Agora

podemos respirar de novo... -- acende o cigarro de palha, encaminha-se para o rio, um ar de beatitude.

ONDE TIETA ACENA UM ADEUS.

Dia fraco, poucos passageiros. Tieta despede-se de Dona Carmosina:

-- Desculpe o mau jeito, Carmo

A cabeça baixa, lenço na mão, molhado de lágrimas, Leonora se esconde no interior da marineti, arriada num banco. Vindo da Praça da Matriz, em correria, aparece Peto, traz o bordão do velho Ze Esteves, herança de Tieta: \_ -- Esqueceu o cajado, tia. -- Baixa a voz, acrescenta. -- Vou sentir saudades.

580

Vai perder a grata visão de seios e coxas. Sobe para falar com Leonora, provoca abafados soluços. Adeus, prima. Peto sai em disparada para casa, deixando a inesquecível lembrança da singela gentileza e o cheiro marcante da brilhantina de lata.

Empunhando o bordão, pastora de cabras, Tieta senta-se ao lado de Leonora. Deixa-a chorar, ainda e cedo para puxar conversa. Jairo cobra o preço dos bilhetes, de passageiro em passageiro. Tieta paga três:

-- Nos duas e aquela cabrita lá atrás.

Aponta Maria Imaculada, num banco dos fundos, segurando o bau de flandres. Jairo toma assento ao volante, coloca a chave do motor, ainda faltam quatro minutos para o horário exato. Tieta dá-lhe pressa:

-- Mete o pé na tabua, Jairo, vamos ver se esta jeringonca é capaz de levar a gente até Esplanada.

Jairo consulta o relógio:

-- Se quiser, podemos ir direto até São Paulo, para a Imperatriz dos Caminhos não existem distâncias. E ainda por cima, ouvindo música.

..

Sintoniza o rádio russo. Tieta acena um adeus para Dona Carmosina

de pe na calçada. A marineti avança tao na maciota que mais parece uma aeronave. Liberta de pedras, tocos e buracos, eleva-se sobre o caminho de mulas, cruza o ceu de Agreste. E aqui termina a historia da volta da filha prodiga a terra onde nasceu e dos sucessos ali ocorridos durante sua curta estada.

#### DAS PLACAS, LEMBRETE DO AUTOR.

Ai esta. Mal ou bem, cheguei ao termino, escrevo a palavra fim. Nos folhetins de sucesso, cobra-me Fulvio D'Alambert, o autor costuma fornecer noticia dos diversos personagens, do que lhes sucedeu depois. Nao penso faze-lo. Deixo a imaginacao e a consciencia dos leitores o destino posterior dos personagens e a moral da historia. Em todo caso, para atender a critica e na esperanca de conquistar-lhe a boa vontade, acrescentarei que Agreste convalesce lentamente. Tendo despido a farda de candidato, o

Comandante Dario de Queluz aproveita cada minuto do verao em Mangue Seco para compensar os dias perdidos na poluicao da politica. Quanto a Ascanio Trindade, viram-no chorando no ombro de Dona Carmosina.

A inauguracao da luz proveniente da Usina de Paulo Afonso foi uma festanca. Deram ao antigo Caminho da Lama, na entrada da cidade, o nome do entao Diretor-Presidente da Hidreletrica do Sao Francisco. As autoridades presentes descerraram esmaltada placa azul, feita a capricho apesar da pressa, em oficina da capital: RUA DEPUTADO. . . Como era mesmo o nome? Durou pouco a placa azul, sumiu durante a noite. Em lugar dela pregaram uma de madeira, confeccionada por mao artesanal e anonima: RUA DA LUZ DE TIETA. Mao artesanal e anonima. Mao do povo.

FIM

Bahia, Londres, Bahia -- 1976/1977

